A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se no dia 15 de cada mez

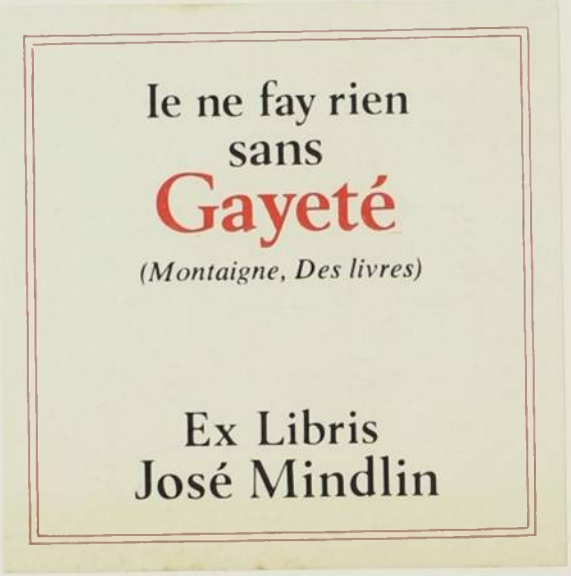
Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1$000

AUREA PIRES

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A.IMESP

Edição fac-similar

VOLUME I


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

A MENSAGEIRA

VOLUME I

Ao "Instituto Historico
e Geographico de S. Paulo"
offe

Presciliana D.te de Almeida

S Paulo, 20 de Maio de 1902.

Esta obra faz parte do programa editorial
da Imprensa Oficial do Estado
objetivando colocar a disposição do público obras
já esgotadas de relevante importância histórica e cultural.
Os originais reproduzidos neste volume foram fornecidos
pelo Instituto Histórico e Geográfico de São-Paulo
ao Arquivo do Estado da Secretaria da Cultura.

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se no dia 15 de cada mez

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1$000

Edição fac-similar da Revista Literária
dedicada à mulher brasileira,
publicada de 1897 a 1900, co-editada
pela Secretaria de Estado da Cultura
e Imprensa Oficial do Estado,
com comentários de Zuleika Alambert,
Presidenta do Conselho Estadual
da Condição Feminina.

Convênio IMESP/DAESP
São Paulo
1987

Dados de Catalogação na Publicação Internacional (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M518
V.1—2

A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brazileira, directora Presciliana Duarte de Almeida. — Edição fac-similar / com comentários de Zuleika Alambert. — São Paulo : Imprensa Oficial do Estado : Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

Reprodução em livro, dois volumes, da Revista Literária publicada de 1897 a 1900, na cidade de São Paulo.

1. Feminismo e literatura — Brasil 2. Literatura — Periódicos 3. Mulheres jornalistas — Brasil I. Almeida, Presciliana Duarte de, 1867 — 1944. II. Alambert, Zuleika.

CDD — 070.483470981
— 305.420981
— 869.905

87-1308

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Feminismo : Sociologia 305.420981
2. Brasil : Imprensa feminina : Jornalismo 070.483470981
3. Brasil : Jornalismo para mulheres 070.483470981
4. Brasil : Revistas literárias 869.905
5. Revistas : Literatura brasileira 869.905

Apresentação

A reprodução d'**A Mensageira** dá seguimento a uma política de divulgação de documentos históricos pouco acessíveis à pesquisa. E também ajuda a preencher uma importante lacuna em nossa historiografia, pois são poucos os estudos sobre a imprensa feminina brasileira — sobre a mulher como jornalista e sobre a mulher como público leitor.

Em que pese o interesse despertado pelo tema nos dias de hoje, as dificuldades de acesso às fontes (incompletas, dispersas e raras) são ainda um forte empecilho na reconstituição histórica do processo pelo qual as mulheres, em nossa sociedade, reivindicaram seus direitos. Importa conhecer cada um dos momentos desse longo percurso: as causas pelas quais lutaram, os recursos de que se valeram, as barreiras encontradas, os "espaços" que puderam conquistar em meio aos bordados, aos cosméticos, à moda e à literatura.

Deputada Federal Bete Mendes
Secretária de Estado da Cultura

"Toda a história das mulheres foi escrita pelos homens", escreveu Simone de Beauvoir em seu famoso livro *"O Segundo Sexo"*, escrito em 1949.

Nessa simples frase está encerrada uma grande verdade.

O estudo da categoria *sexo feminino* tem sido, ou ignorado pelos cientistas sociais, ou abordado como parte de um todo que se quer explicar. E, exatamente por ser feito por homens, esse estudo jamais enfoca a mulher em toda a riqueza de sua especificidade.

Só mais recentemente, dada a explosão da mulher na vida político-social e cultural de todos os povos — como o mais importante fenômeno social de nossa época — tem sido ela objeto específico de pesquisa e análise.

Trata-se, evidentemente, de um silêncio imperdoável, já que ele oculta um movimento — o feminismo — que envolveu gerações e gerações de seres humanos que vão de Sapho, a notável poetisa nascida na ilha de Lesbos, na Grécia, no ano de 625 a.C., e que fundou um centro para a formação intelectual da mulher, até Simone de Beauvoir, a grande escritora francesa autora do livro *"O Segundo Sexo"*, lançado neste segundo após-guerra, livro que correspondeu a uma verdadeira revolução em termos de feminismo. Nessa obra, Simone de Beauvoir, acrescentando muito às análises feitas por Engels e Bebel, apresenta uma dimensão psicológica, que extrapola as limitações de uma explicação unicamente econômica para a opressão e exploração da mulher. "Não se nasce mulher: torna-se mulher" escreveu ela.

A imprensa e os historiadores conseguiram, portanto, durante séculos, ofuscar ou esconder a força de um movimento notável, ridicularizando-o ou diminuindo sua importância.

Foi necessário que as próprias mulheres, conscientizando-se de sua condição e dando-se conta dessas injustiças milenares perpetradas contra seu sexo por uma cultura que as condena ao silêncio da história, surgissem em cena buscando recuperar palmo a palmo o seu passado escondido e ressuscitar a linguagem e os feitos de suas antepassadas.

Por que recordamos agora tudo isso?

Para enfatizar o grande significado para a mulher brasileira da publicação, pela Secretaria de Estado da Cultura e pelo Arquivo do Estado, da coletânea de exemplares da revista literária feminina *"A Mensageira"* editada no final do século XIX.

Esta publicação nos permite, de um lado, recuperar um pedaço da história do feminismo no Brasil e, de outro, indicar que a luta que hoje travamos por reafirmar que o sexo é político pois nele existem relações de poder; que a luta que travamos para tornar claro o caráter subjetivo da opressão, os aspectos emocionais da consciência etc. etc., é um prolongamento avançado da luta anterior de nossas bisavós e avós por direitos da mulher ao trabalho e a instrução num tempo em

que era atribuída uma neutralidade ao espaço individual e se definia como *político* unicamente a esfera pública, objetiva.

Diante dos exemplares da revista *"A Mensageira"* agora publicados, resta-nos, apenas, trabalhar seus textos com os instrumentos teóricos que hoje possuímos, mas sem ignorar o contexto histórico em que foram produzidos.

O feminismo, como instrumento de luta da mulher por sua libertação, tem uma longa história. Ele surgiu como movimento a partir de certo grau de desenvolvimento da sociedade humana (meados do século XIX) e foi-se desenrolando pari passu com o progresso da sociedade até atingir seu estágio atual neste findar do século XX.

Logo, não pode ser avaliado neste ou naquele País, fora de determinadas condições econômicas-políticas-sociais e culturais, ou ignorando-se os reflexos dessas condições na condição de vida da mulher e em seu grau de consciência para transformá-la.

Só com essa verdade bem assimilada é qu poderemos avaliar de maneira correta o papel desempenhado pela revista literária *"A Mensageira"*.

Caso contrário iremos considerar a revista criada e dirigida pela poetiza Presciliana Duarte de Almeida nos anos 1897-1900, infantil em suas análises, excessivamente rebuscada em seu estilo para o nosso moderno gosto literário, ou infinitamente romântica para nossas cabeças objetivas deste final de século XX. Basta para isso destacar o 1.º parágrafo do editorial de lançamento da revista assinado por D. Presciliana; "estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias ao remanso do lar algum pensamento novo — sonho de poeta ou fruto de observação acurada — eis o fim que modestamente nos propomos".

Nossos propósitos, porém, são o de examinar *"A Mensageira"* dentro de determinado contexto histórico.

Assim sendo, após ler todos os exemplares que fazem parte desta publicação, entendemos que estamos diante de um momento bem determinado da história do feminismo brasileiro onde aquela revista desempenha o papel que poderia desempenhar uma publicação de mulheres avançadas em fins do século passado.

Temos a considerar, também, que o feminismo, ainda como idéia, apenas se gestava e, portanto, tateava em busca de seu caminho dentro de uma sociedade conservadora e preconceituosa. Logo, era passível de ambigüidades, contradições, confusões de todo tipo, naturais em tudo aquilo que nasce. Basta lembrar que a palavra de ordem central do feminismo da época e, portanto, também da revista de "educar a mulher para todos os embates da vida" aparece freqüentemente vinculada ao esforço para reforçar seu papel de mãe, esposa e dona-de-casa.

Mas isso não pode invalidar o desempenho de *"A Mensageira"* no

sentido de divulgar as produções femininas, enaltecer os feitos da mulher dentro e fora do lar, seu papel na literatura, nas artes, nas ciências, no magistério, nas profissões liberais; no sentido de abrir em suas páginas, espaços para a mulher dizer o que pensava de si, da família, e do mundo; no sentido de tornar conhecido os nomes das mulheres que no mundo e no País estavam fazendo história.

Este desempenho torna-se mais valioso aos nossos olhos se temos noção do contexto político e socioeconômico dentro do qual a revista surgiu e atuou.

É bom recordar que, até meados do século XIX, o Brasil era um País atrasado, como uma sociedade altamente estratificada e uma economia dependente do trabalho escravo.

Os 7 milhões de habitantes do País se concentravam na costa. A maioria da população era rural, cultivando a terra com técnicas primitivas. Aprofundando essa análise do Brasil, na época, June E. Hahner assinalou em seu livro *"A Mulher Brasileira nas Lutas Sociais e Políticas 1850-1937"*: que "através da primeira metade do século XIX a maioria das cidades continuava a ser locais públicos com ruas lamascentas, transitadas por veículos de cargas, porcos e galinhas, embora também servissem como centro social e religioso, de comércio para as áreas vizinhas. Os meios de transporte eram rudimentares e as indústrias de manufatura praticamente inexistentes".

Somente na segunda metade desse século, mudanças começaram a ocorrer mais rapidamente, inclusive afetando a vida das mulheres das classes urbanas mais privilegiadas, permitindo que algumas mulheres excepcionais expandissem seus horizontes.

Que mudanças foram essas?

Os avanços tecnológicos da Europa começaram a chegar ao Brasil.

O advento da estrada de ferro, do barco a vapor, do telégrafo etc., estimularam muito o crescimento dos centros urbanos. Intensificaram-se os desequilíbrios regionais. Nesse processo o Sul foi sendo privilegiado. A organização social dessa região do País modificou-se, crescendo o número de trabalhadores assalariados nas cidades e nas plantações de café, aumentando a imigração européia para o País com os seus usos e costumes. São Paulo e Rio de Janeiro se beneficiaram financeira e politicamente do desenvolvimento da economia cafeeira.

Sede do Governo Federal e em sua condição de maior cidade brasileira, o Rio de Janeiro e depois São Paulo mantiveram-se na liderança intelectual, cultural e econômica do Brasil.

Não podemos, portanto, nos admirar de terem surgido nessas cidades os primeiros sentimentos feministas especialmente entre as mulheres de classe média e superior.

"A Mensageira" foi em São Paulo, nada mais do que a expressão desses sentimentos em nosso Estado.

As colaboradoras da revista apresentam como ponto alto desses sentimetos a Educação como elemento essencial para o preparo das mulheres para todos os planos de vida em sociedade.

Júlia Lopes de Almeida conhecida poetiza brasileira e um dos nomes que mais aparecem na revista, assim se expressou sobre o assunto: "Esta revista dedicada às mulheres parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça. Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família sem detrimento do trabalho do homem".

Considerando a educação como a chave da libertação da mulher a revista não poupou esforços em demonstrar essa verdade. Suas articulistas para isso gastaram muita tinta e papel. Assim sendo, *"A Mensageira"*, que aceitava a colaboração dos escritores e homens públicos solidários com sua luta, abriu suas páginas para Sílvio de Almeida que assim se referiu à revista: "Em suas páginas delicadas e encantadoras, vem palpitar a alma inefável da mulher brasileira, que não se limita mais ao simples papel de exclusiva companheira do lar, mas que já se atira à imprensa e ao livro para viver conosco, não só a vida do corpo, mas também a vida superior do espírito". Com sua palavra de ordem central — a Educação da Mulher — a revista recuperou, divulgou, projetou nomes e biografias de mulheres que se destacaram em diferentes funções públicas revelando-se capacitadas a empunhar a pena, forçar a porta das universidades ou exercer uma profissão, a fim de servirem de exemplo a outras mulheres. Isso era muito importante no momento em que a alfabetização era privilégio dos mais ricos e principalmente dos homens.

June E. Hahner informa em seu livro *"A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas"* que "a primeira legislação relativa a educação da mulher surgiu em 1827, mas a lei admitia meninas apenas para as escolas elementares e não para as instituições de ensino mais adiantadas. A tônica permanecia na agulha e não na caneta".

Algumas das articulistas foram além em suas denúncias relativas à ignorância da mulher. Foram capazes de sentir com absoluta precisão o tipo de educação diferenciada que era ministrada nas escolas aos meninos e meninas. V.M. de Barros foi uma dessas mulheres. Escreveu "a injustiça começa no berço: para meninos, mestres, colégios, ginástica; para meninas, a ignorância, o atrofiamento da energia, a mobilidade forçada pela vida sedentária: depois chega à puberdade: ele, o rapaz, escolhe esta ou aquela carreira, a seguir prefere este ou aquele meio de vida; a moça, ela nada tem a resolver: o círculo de ferro, a cadeia fatal aí está..."

"A Mensageira" em seu feminismo tateante não ficou apenas na

questão da educação da mulher como fator de sua libertação. Embora vagamente pressentiu o papel do homem em sua opressão. "Os homens zombam da ignorância das mulheres sem se lembrar de que as educam como escravas, que só necessitam saber obedecer" (Gracia H. de Matos) ou então, "se lançarmos um relance de vistas sobre a atual condição da mulher ficamos tristes diante do desequilíbrio social que ainda reina e dos direitos que lhes são usurpados pela outra metade do gênero humano" (M.P.C.D.).

Folheando detidamente a revista, outras facetas desse feminismo iniciante vão se delineando: *"A Mensageira"* foi internacionalisticamente solidária com as mulheres de todo o mundo ao divulgar suas lutas e conquistas. "La Fronde", jornal feminista francês publicado em Paris, é objeto de muitos artigos e citações. Também a criação, na capital francesa, por Eliza Lenomier, da "Sociedade de Proteção Materna" (creches), depois transformadas em Escolas Profissionais, merece destaque como bom exemplo para o Brasil onde "as mães que trabalham com os filhos no colo sofrem enormes suplícios". A nova lei francesa promulgada autorizando o testemunho da mulher nos atos civis e instrumentais foi saudada em muitos tópicos por várias articulistas.

"A Mensageira" foi ainda política ao defender a abolição da escravatura; ao exaltar a revolução francesa; ao destacar a importância do voto para a mulher; essas, posições bem avançadas para a época.

"A Mensageira" foi pacifista combatendo a guerra, seus efeitos e a existência dos exércitos permanentes.

Evidentemente que os elementos do feminismo de *"A Mensageira'* eram frutos do capitalismo nascente em nosso País e, portanto, um produto do liberalismo, ideologia legitimadora do modo de produção capitalista. E seus limites estavam contidos dentro desse modo de produção. Assim, o discurso liberal por maiores direitos trabalhistas e educacionais para a mulher, era insuficiente para esmaecer o seu papel exclusivo de mãe, esposa e dona-de-casa, que aliás era cantado em prosa e verso até mesmo pelos "pró-libertação" da mulher. Por isso mesmo a revista *"A Mensageira"* está eivada de frases como: "A mulher que lê e escreve, ilumina o espírito sem prejuízo das obrigações domésticas"; "Instruir a mulher para a felicidade de toda a família"; "A educação da mulher não prejudica sua vida doméstica" etc., etc. Essas frases estão calçadas por esteriótipos tão conhecidos como: "dotes naturais", "eterno e doce feminino", "grandeza e doçura da alma feminina", "poesia e tranqüilidade da mulher", "o belo sexo", "sexo fraco", "altruismo da mulher", "recato natural da mulher" etc. etc.

Mas nada disso invalida o papel de *"A Mensageira"* na história do feminismo brasileiro bem como o papel de toda uma série de jornais

tais como: "O Sexo Feminino", "O Domingo", "Jornal das Damas", "Miosótis", "Eco das Damas" etc., que serviram como importante meio para a troca de idéias e informações entre mulheres das classes mais letradas.

Para que o feminismo aprofundasse sua análise e elaborasse suas propostas através de mudanças realmente revolucionárias ao descobrir as raízes mais profundas da opressão feminina, foi necessário que ele passasse pelo estágio de reivindicações parciais tipo educação, direito de voto, profissionalização, que abriu para as mulheres as primeiras portas na sociedade dando-lhe oportunidade de experiência e aprendizado. Sem essa passagem não seria possível às feministas de hoje a articulação da teoria que denuncia as verdadeiras raízes da opressão da mulher: a cultura patriarcal, baseada na divisão de papéis de sexo e na permanência da condição primordial de reprodutora da espécie humana.

Daí a importância valiosa da coletânea de *"A Mensageira"* que agora se publica, para todos aqueles que se dedicam a conhecer a fundo a história do feminismo brasileiro.

Zuleika Alambert

Presidenta do
Conselho Estadual da
Condição Feminina

São Paulo 15 de Outubro de 1897 Anno I, N. 1

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SÃO PAULO

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — Presciliana Duarte de Almeida

Esta revista apparece a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Duas palavras, Presciliana Duarte de Almeida; — Entre amigas, Julia Lopes de Almeida; — Do «Livro da Saude», soneto, Zalina Rolim; — Uma carta e Brilhantes Brutos, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — Recuerdos, soneto, Hyppolito da Silva; — Cartão de parabens, Silvio de Almeida; — O deserto, soneto, Julia Cortines; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Contraste, soneto, Aurea Pires; — Selecção; — D. Alzira e Meu Filhinho, poesias, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

Duas palavras

Estabelecer entre as brazileiras uma sympathia espiritual, pela communhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos.

Será recebida com indifferença a *Mensageira* — portadora feliz da prosa amena e discreta de Julia Lopes de Almeida e dos versos artisticos e sentidos das mais festejadas e conhecidas poetisas brazileiras? Não o cremos! e é por isto que nos arrojamos a uma empreza desta ordem.

Ha tempos o *Correio Paulistano*, publicando um bello soneto de Georgina Teixeira, dizia, entre outros enthusiasticos conceitos, as seguintes palavras, que nos lisongearam sobremodo: «Decididamente a epocha é do renascimento das letras. De toda a parte surgem novos livros de prosadores e poetas e percebe-se que a actividade intellectual segue resolutamente nu'a marcha gloriosa em busca do ideal artistico.

Das senhoras que trabalhavam na republica das letras tinhamos, até ha pouco, apenas Narciza Amalia, que já se recolheu ao silencio, Adelina Vieira e Julia Lopes. Agora, além dessas, temos Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Julia Cortines, Presciliana Duarte de Almeida, Josephina Alvares de Azevedo e Georgina Teixeira, que surge agora no horizonte num esplendor de luz auroral.» Acrescentemos

a estas, Maria Clara da Cunha Santos, Aurea Pires, Elvira Gama, Maria Emilia da Rocha, Anna Nogueira Baptista, Maria Jucá, Amelia de Oliveira, Maria de Azevedo, Analia Franco e qualquer outra cujo nome nos haja escapado, e veremos com enthusiasmo que na terra de Paraguassú e de Damiana da Cunha, o espirito feminino se desenvolve miraculosamente e a mulher procura illuminar a sua intelligencia, concorrendo tambem com o penhor de suas vigilias para o engrandecimento das letras.

Não é, porém, sómente na literatura que a sua aptidão se revela, e, para prova, basta citarmos o nome da Doutora Ermelinda de Sá, essa pujante mentalidade que se affirmou na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez um curso brilhantissimo, merecendo treze distincções nos exames das series lectivas, de clinicas e de these e que hoje, como judiciosamente notou Arthur Azevedo no *Album*, conta em cada cliente uma fervorosa e convicta propagandista da sua pericia e dedicação profissionaes!

Ora, esse desenvolvimento intellectual da mulher brazileira não se haverá cingido unicamente ao grupo das que surgem á tona, apparecendo na imprensa ou nos cursos de ensino superior. Havemos convir em que o seu desenvolvimento collectivo deve ter sido enorme para que tantas se tenham podido individualisar e excitar a admiração dos contemporaneos. Assim, ao emprehendermos esta publicação, sentimo-nos animadas da mais viva esperança, depositada no espirito progressivo e na benemerencia de nossas compatriotas.

Para mais variada e interessante tornarmos a nossa revista, temos, além da collaboração das mais illustres escriptoras nacionaes, o concurso de distinctissimos cavalheiros, cultores fidalgos e devotados da arte da palavra. Esperamos, portanto, o apoio de nossas intelligentes patricias e aqui ficamos com braçadas de flores para receber os trabalhos de todas aquellas que nos quizerem trazer o auxilio de seu talento.

Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a intelligencia de todas as brazileiras! Que as mais aptas, as de merito incontestavel, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas paginas com as suas producções admiraveis e bellas; que as que começam a manejar a penna, ensaiando o vôo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta; e que, finalmente, todas as filhas desta grande terra nos dispensem o seu auxilio e um pouco de bôa vontade e benevolencia.

Presciliana Duarte de Almeida.

Entre amigas

Não é sem algum espanto que eu escrevo este artigo, para um jornal novo, e, de mulheres!

E' uma tentativa sem grandes fundamentos? Viverá pouco? ficará? Só o tempo poderá responder a estas perguntas; entretanto, que fique, ou que passe no sopro ligeiro dos dias curtos, esta revista assignala um facto, digno de attenção de que o movimento feminista vae desenvolvendo a força das suas azas, no Brazil.

A mulher brazileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos comprehender antes de tudo e affirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de acção prejudicial á mulher na familia, que é a bem da propria familia, principalmente d'ella, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita.

Os povos mais fortes, mais praticos, mais activos, e mais felizes são aquelles onde a mulher não figura como mero objecto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitndes da vida com uma profissão que ampare num dia de lucta, e uma boa dose de noções e conhecimentos solidos que lhe aperfeiçõem as qualidades moraes.

Uma mãe instruida, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, funda, indestructivelmente, no espirito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos. Parece-me que são esses os elementos de progresso e de paz para as nações.

Os paes não pesam estas responsabilidades e é frequente ouvirmos dizer: que sempre é mais barato e mais facil educar as meninas do que os rapazes...

O assumpto é tão melindroso, que eu o evito sempre, e se lhe tóco hoje, é porque a indole especialissima deste jornal a elle me chama com certa imposição e insistencia...

Imaginemos:

Ninguem manda para os montes, a pastorear ovelhas, ou qualquer outra especie de animaes, zagala que não leve o seu farnel, que não conheça os caminhos, que não saiba distinguir as más hervas das excellentes, que não conheça o numero exacto de que se compõe o seu rebanho, que não saiba pelas differentes gradações dá luz solar, conhecer as horas, e que não possa reunir, a um signal emittido pela voz, em torno a si, todas as suas ovelhas em caso de perigo ou de retirada.

A prevenção é bôa; creaturinha por mais bella e sympathica, que

não tivesse essas qualidades reveladoras de attenção e conselho, arriscar-se-ia a tresmalhar o gado, deixal-o pastar em maus terrenos, perdel-o, esquecel-o e voltar para o ponto da partida com os olhos chorosos e as mãos a abanar...

Verieis então, como o dono da bicharia perdida se havia de condoer da doçura do seu semblante, ou da magia da sua voz! Pois sim! Romperiam palavras amargas como fel e azedas como vinagre, e sobre o corpinho mimoso da pastorinha nem só as palavras fariam damno!

A mim, affigura-se-me, que desde as coisas mais simples, como a que indiquei, e em que só se precisa pôr em pratica qualidades intuitivas, até ás mais complicadas e subtis, ha a mesma exigencia de attenção, de bom e efficaz conselho, de preparo solido e habil. Saber distinguir bem, como a pastora, as más hervas das excellentes parece-vos coisa facil? A mim não.

Para chegar ao resultado magnifico de saber viver, e o que é mais: ensinar a viver bem aos filhos, eu creio que a mulher precisa de habilitar-se para a vida, como a pastorinha para o campo, com a comprehensão nitida e perfeita das suas responsabilidades. Uma mulher ignorante, ou futil, não pode ser uma mãe perfeita.

Ora como pode uma mulher, criada entre o piano e a valsa, ou quando muito entre o pudim e a agulha, agasalhar um pensamento curioso de um filho, elucidal-o, tornando as suas palavras simples, como verdadeiras pontas de luz com que esclareçam as coisas mais complicadas e terriveis, fazendo-as entrar no cerebro da creança do modo mais natural e mais logico?

Banida do convivio espiritual do homem, como pode a mulher bem educar o homem?

A resposta provavel, é banal e chocha, por conhecida e impensada. Dirão que á mãe só compete formar o coração e que o resto fica por conta do pae e dos mestres...

O pae, no afan dos seus dias trabalhosos, pensa acaso em corrigir os defeitos dos filhos, com quem pouco convive? Conhece-os todos por ventura!? Os mestres?... Ah! os mestres...

Bom! eu não quero nem posso ir muito longe! Este assumpto é perigosamente escorregadio; mal a gente pensa e está em um ponto a que não queria chegar!

Retrocederei:

Esta revista, dedicada ás mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente ás mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, á reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturaes.

Ensinará que, sendo o nosso, um

povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a familia, sem detrimento do trabalho do homem.

Temos poucas medicas, e mesmo escriptoras, se não temos de menos, tambem não temos de mais (e entre parenthesis: a *Mensageira* que abra os olhos ás senhoras que pensam que se pode escrever com a mesma facilidade com que se pode fazer crême de laranja ou manjar branco, coisas aliás delicadas); temos já algumas senhoras empregadas no telegrepho, no commercio, e nas industrias e artes, mas a porcentagem é tão diminuta que nem vale o alludir-se a ella.

Não sei qual é o programma da *Mensageira*, escrevo de longe, para satisfazer ao desejo de uma amiga carissima, em um cantinho tepido de jardim, bafejada pelas caricias de meus filhos amados, na melhor paz do mundo. Não sei qual seja o programma desta nova folha ousada, mas conheço o coração que a hade dirigir atravez das venturas e dos revezes, e por sabêl-o bom, generoso e forte, é que affronto esta affirmativa: esta nova revista, dedicada ás mulheres, será para as mulheres um apoio forte e um conselho generoso e bom.

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

(Do "Livro da Saudade")

Outr'ora, quando as penas me feriam,
Na sua voz eu tinha allivio santo,
Seus affagos dulcissimos diziam:
— «Filha, não quero nos teus olhos pranto!»

E eu, esquecendo as maguas que pungiam,
Acreditava nelle tanto e tanto
Que as tristezas e lagrimas fugiam,
Do seu consolo ao poderoso encanto.

Hoje a lagrima vem e vai sósinha...
Ninguem nos olhos meus sente e adivinha
A magoa que, em silencio, vem e vae...

Alma de orphã, de angustias vive presa,...
Onde um consolo á intermina tristeza
Que me ficou quando perdi meu pae?!

ZALINA ROLIM.

Uma carta

Minha querida amiga

Disseste-me em a ultima carta que me escreveste, envolta em saudades e caricias, que a «Mensageira» sahiria coxa se não trouxesse um trabalhozinho meu. Agradecida! Eu sei que o muito que me queres te faz divisar em mim qualidades superiores, que infelizmente não possuo.

Em todo o caso, obedecerei a teu desejo, dar-te-hei todo o meu esforço.

Pudesse eu satisfazer-te plenamente!!

A distancia que nos separa é

um grande tropeço ás minhas aspirações literarias. Estou tão acostumada a escrever sempre a teu lado! Lembras-te do *Colibri*? o saudoso jornalzinho manuscripto que escreviamos em Pouso Alegre?! (*)

De longe... mandar-te-hei as minhas impressões, na singela linguagem que escrevo sempre, tão despida de encantos e de arte.

Assim pois, guarda para mim, em tua revista, um logarzinho para as «Cartas do Rio», que iniciarei no proximo numero.

Por hoje, para que a «Mensageira» traga em lettra redonda meu nome, satisfazendo assim teu desejo que me alegra tanto, envio-te um *conto* que escrevi hontem, após a visita de uma velha amiga, impressionada por um caso por ella observado no sertão de Minas, n'aquellas paragens longinquas e formosas e relatado com toda a singeleza e naturalidade. Adeus.

Toda tua, M. Clara.

(*) O *Colibri*, periodico bi-mensal que publicámos durante tantos annos em Pouso-Alegre, fala bem alto em nome de nossos ideaes! Sem typographia nem meios de mandal-o imprimir, conseguiamos todavia publical-o em manuscripto, com certa regularidade relativa!

Tendo sempre por alvo o engrandecimento moral e intellectual da mulher, nunca trepidámos diante de preconceitos ou de qualquer sorte de difficuldades que nos surgissem no caminho.

Como periodico manuscripto, de limitadissima tiragem e distribuição gratuita, ficou quasi inteiramente desconhecido o *Colibri*; entretanto, a sua collecção, religiosamente guardada por nós, servirá um dia para mostrar a nossas filhas que, mesmo sem o preparo e cultivo necessarios, soubemos comprehender a grandeza da causa que defendiamos e pela qual ainda hoje trabalhamos. *Nota da Redacção.*

Brilhantes brutos

A' Isbella da Cunha.

Ninguem sabia explicar a mysteriosa vida do Dr. Charles Rochefort. Era um excellente homem e um grande medico, muito reservado, inconstante em seus gostos, voluvel na escolha de seus livros, soffrego e original. Advinhava-se que aquella bella alma soffria alguma forte contrariedade.

Francez de origem, o Dr. Charles Rochefort que no maximo teria 40 annos, morava, havia 10, no interior de Minas, em uma cidade pequena, lá para os lados do Serro.

Todos os dias, invariavelmente, sahia a visitas medicas, depois passava horas e horas a ler, a estudar.

A cidade de S. João Baptista era nesse tempo — quantos annos lá se vão! — pequenissima e pobre. As ruas eram cinco ou seis apenas, calçadas de grandes pedras avermelhadas. As casas, muito distanciadas umas das outras, sem estylo, sem gosto, sem arte. A matriz, situada ao alto da ladeira, dominava toda a cidade.

Um cruzeiro, carcomido pelo tempo, enorme, com os instrumentos do supplicio — torquez, pregos, martello, etc, ali estava, em frente á matriz, sobre um pedestal de pedras soltas, que os fieis traziam em longas romarias para cumprimento de promessas.

Pois foi nessa cidade mineira que o Dr. Charles Rochefort fixou residencia e clinicava.

Um bello dia correu a noticia de que o medico ia se casar com a filha mais velha de um conhecido fazendeiro alli d'aquelles lados.

Ninguem queria acreditar nesse casamento.

Uma moça ignorante, grosseira, analphabeta, sem encantos de espirito, poderia inspirar paixão a um homem fino, talentoso e de aspirações como o Dr. Charles?

— Impossivel!

Que significava pois tão desastroso casamento? Interesse?

— Não, nunca, elle era um espirito nobre, elevado, e ella tambem não era rica; o pae, fazendeiro não estava bem de fortuna.

A causa desse enlace extravagante foi sempre um mysterio para todos; o certo, porém, é que se casaram em um sabbado, vespera do Carnaval.

Lembro-me bem, era uma tarde linda, de Fevereiro, tarde deliciosa!

Após a cerimonia na egreja, seguiram noivos e convidados para a casa do fazendeiro, que distava da povoação cerca de meia legua. A pé fizeram todo o trajecto.

Era engraçado ouvir os dialogos d'aquella gente! Santa simpleza!

O Dr. Charles não conversava, ia taciturno e pensativo. De vez em quando olhava para a noiva, furtivamente.

Um grande banquete esperava a gente do casamento. A mesa collocada ao ar livre, debaixo de jaboticabeiras antigas e copadas, coberta com alva toalha apresentava aspecto agradavel. Muitas palmas verdes enfeitavam a mesa e ao centro um enorme leitão assado com uma rosa vermelha na bocca, dava um tom carnavalesco á festa. Que barulho, santo Deus!

Fizeram uma algazarra medonha á hora do jantar.

Cada um se servia á vontade e os pratos em tremenda confusão circulavam de mão em mão.

Doces e leitões, fructas e perús, castellos de coco, linguiças e manjares finos, tudo isso em formidavel contradança. E as saúdes? Cada qual mais exquisita.

Apezar de todas essas expansões de jubilo o noivo mostrava-se pensativo e melancolico.

Depois do banquete seguiu-se o catêretê, dança muito semelhante ao batuque e que não prima absolutamente pela decencia.

O noivo, sempre calado, era a nota dissonante e triste daquella festa tão alegre.

Eram quatro horas da madrugada, animada continuava a dança. Os noivos se recolheram a seus aposentos.

Seriam nove horas da manhã desse mesmo dia — domingo de entrudo — quando a mulher do Dr. Charles se levantou apressadamente para juntar-se ao grupo dos foliões que brincavam de limão de cheiro.

O desembaraço da noiva da vespera aterrou o Dr. Charles. Ella parecia despreoccupada inteiramente do marido e entrou a jogar entrudo com desembaraço de louca.

Molhada completamente, com as roupas grudadas ao corpo deixando apparecer as formas, a noiva da vespera pouco se importava com tudo isso, queria brincar, correr, folgar como creança.

O Doutor, furioso, recolheu-se a seu quarto. D'ahi a pouco aquelles brutos assentaram de arrombar a janella do quarto e molhar o medico tambem. Tentaram em vão, pois o Doutor ameaçou-os com um revolver e disse que o primeiro que ousasse molhal-o seria morto.

D'ahi a dois dias o medico e a mulher retiraram-se para uma casinha alva e poetica que ficava distante da povoação cerca de dois kilometros. Ninguem os via, era um mysterio aquella casa. Não visitavam pessoa alguma, passeiavam unicamente, á tarde, em volta da casa.

O medico já não clinicava e raras vezes era visto na povoação.

O sogro, um homem grosseiro e bruto, lamentava a sorte da filha e só o consolava a ideia de que ella estava aprendendo a ler com o marido e que era bem tratada, segundo affirmava a Simplicia, a unica creada que os servia e acompanhava n'aquella mysteriosa vida.

Ao fim de alguns mezes o Dr. Charles e a mulher foram se despedir dos parentes; partiam para a Europa. Foi a ptimeira vez que ella abraçou suas irmãs, depois de casada. Que differença! A Madame — foi este o nome que deram á roceirinha — era já uma senhora polida e delicada, falava com acerto, tinha modos correctos e distinctos.

Partiram.

Nunca escreveram. A lembrança estava viva no coração dos parentes, mas todos receiavam a exquisitice do medico e pensavam: escrever para que? a Madame está muito afrancezada, paciencia!

. . . . . .

Vinte annos depois, estando de passeio no Rio de Janeiro, fui apresentada á Madame Rochefort, uma senhora instruida, fina, delicada, que, tendo perdido em Paris

o marido — um clinico notavel — voltava ao Brasil, sua patria, acompanhada de um filho unico, formoso mancebo de 18 annos de edade, que cursava por essa epocha as aulas da Escola Polytechnica.

A Madame era encantadora de graça, de belleza e de meiguice.

Teria 36 annos, se tanto!

De conclusão em conclusão cheguei ao conhecimento de que estava fallando á antiga e grosseira roceirinha de Minas, aquella menina estouvada e que fôra educada pelo grande espirito e grande coração de seu esposo amigo.

Falámos do passado, com saudades! Ella não se esquecera ainda dos episodios do entrudo, e com os olhos rasos d'agua disse-me, n'um transporte de dôr: Estou viuva ha seis mezes, meu filho desejava ardentemente conhecer minha terra, meu Brazil, e eu quero mostrar-lhe a minha cidadezinha natal, a terra de meu berço e que desejo que seja igualmente a de meu tumulo.

O rapazinho fallava mal o portuguez, era o retrato vivo do pae, disse-me que desejava muito ir a S. João Baptista, a terra das barras de ouro e dos brilhantes brutos.

Dos brilhantes brutos, disse eu abanando distrahidamente a cabeça, é verdade, dos brilhantes brutos!

Contou-me esta historia uma amiga que presenciou a scena do entrudo no dia seguinte ao do casamento do medico e que viu depois a Madame Rochefort correcta, polida, instruida, a enriquecer a phantasia de seu filho com os maravilhosos contos de sua terra, a formosa terra dos brilhantes brutos.

Maria Clara da Cunha Santos.

Recuerdos

Vai te minando um intimo desgosto...
Vai... que o vejo em teu rosto desmaiado,
E nesse teu sorriso illuminado
Por um tremulo raio de sol posto.

Sei que a lagrima ardente da amargura
Rola-te pela cutis côr de opala,
Como n'um vaso de crystal resvalla
A gotta d'agua, luminosa e pura.

Ao ver-te assim, minha vontade, — a unica!
— Era despir tua alma dessa tunica
De tristes apprehensões que a veste agora,

E depois, quando o beijo ao labio assoma,
Sentir o mesmo encanto, o mesmo arôma
Daquellas santas illusões d'outróra!

Campinas — 1880.

Hippolyto da Silva.

Cartão de parabens

Esta revista representa um feliz tentamen, digno, por certo, de todo o acoroçoamento. Em suas paginas delicadas e encantadoras vem palpitar a alma ineffavel da mulher brazileira, que não se limita mais ao simples papel de nossa exclusiva companheira do lar, mas que já se atira á imprensa e ao livro, para viver comnosco não só a vida do corpo, mas tambem a vida superior do espirito.

Esta revista apparece aos olhos, talvez espantados da velha educação burgueza, como um brado eloquente em favor da emancipação intellectual do eterno e doce feminino, que aprendemos a extremecer no olhar de bençam de nossas mães, santificadas no culto da mais nobre veneração pelos seus sacrificios, e acabamos finalmente por idealisar no paraiso terrestre do sorriso de felicidade de nossas esposas amoraveis.

Oxalá vejamos aqui um testemunho valioso da exhuberancia mental das filhas de Eva, que a grosseria masculina tem querido até hoje reduzir á mera condição de corpos sem alma, embora tenha sido sempre o seu coração incomparavel o secreto manancial de inspiração dos mais nobres commettimentos do Homem.

Por emquanto, temos apreciado apenas a mulher como um ente sensivel; agora, é preciso que a vejamos tambem como uma creatura intellectual, — pois é necessario que ella pense para que possa sentir mais nobremente.

Só deste modo é que, em prol do progresso da especie, mais fecundamente se aproximarão as duas grandes metades que a compõem.

Não deixemos vegetar na ignorancia e no abatimento esse nobre e generoso ser em cujas entranhas de piedade germina e se desenvolve a semente do futuro.

Acatar a mulher é elevar o nivel moral de nossa raça.

Onde quer que a vejamos, elevemos-lhe um altar de adoração, ou, pelo menos, tenha ella o nosso respeito, porque ainda as mais desgraçadas não deixam de ser nossas irmãs.

Só assim é que se poderá socialmente desenvolver o grandioso principio da fraternidade republicana combinado com o bello conceito da irmandade catholica.

Só assim é que ficarão as mulheres inteiramente associadas á obra da nossa regeneração social, politica e religiosa: serão nossas irmãs principalmente pelo cerebro, ou por sua activa e consciente cooperação nos destinos ideaes da Humanidade.

Não lhes falta competencia para tão santa cruzada.

E a prova disto se acha no brilhantismo da presente revista, que não se teria publicado sem um certo espirito de iniciativa e a mais heroica perseverança da parte das suas promotoras.

Para tanto conseguirem, foi mister que ellas vencessem a obcecada orientação do nosso meio, de todo em todo entregue ás mais estreitas cogitações da politicagem e do materialismo interesseiro.

Aberta aos talentos feminis, não tem esta revista por alvo uma ridicula ostentação literaria: ella visa sobretudo o elevado fito da justa dignificação da mulher, o elemento central da familia e da sociedade.

Por isso fazemos votos para que ventos favoraveis entufem as velas gloriosas deste bergantim doirado, a revista *Mensageira!*

Vão nelle muitas esperanças; e, ao vel-o atirar-se corajosamente ao desconhecido da publicidade, erguemos-lhe daqui uma saudação commovida.

— O' genios bemfazejos do mar, salvae dos escolhos este batel, que leva comsigo, pelas ondas, o nosso proprio coração!

Silvio de Almeida.

O Deserto

A Presciliana Duarte de Almeida

O sol queima; o ar suffoca; a infinita celagem
Do céu resplende sobre o infinito deserto;
E do vasto horisonte, ao derredor aberto,
Sopra, como de um fôrno, uma ardente bafagem.

Nada á flor do arcial, quer á distancia ou perto;
E, atravez da nudez da vasia paizagem,
Nem sequer a illusoria e ephemera miragem
Deixa, ao longe, entrever o seu perfil incerto...

Nem o leve ruflar de uma aza; nem um grito,
Fazendo estremecer o deserto que dorme,
Como uma flecha, vara a mudez do infinito...

Implacavel, o sol, quente e fulvo, dardeja
Uma luz que, abrazando a solidão enorme,
No ar, na areia e no cén treme, brilha e flammeja...

Julia Cortines.

Chronica omnimoda

Atravessamos uma epoca de commemorações.

Ha poucos dias, celebrámos o anniversario do portentoso descobrimento de Colombo; e já nos preparamos, para recordar a maravilhosa travessia de Vasco da Gama!

India e America; Christovam Colombo e Vasco da Gama...

Assumptos, só dignos de serem tractados por um Homero, ou um Camões...

Mudemos de clave...

E as festas centenarias commemorativas de taes descobrimentos parecem como que estimular novas emprezas...

Uma vez descoberto o caminho das Indias, em seguida ao feito arrojado de Bartholomeu Dias, tendo emergido do *Mar tenebroso*, a um aceno da vara magica do grande genovez, a famosa *Atlantida* de Platão; exploradas em todos os sentidos, as terras de Maluco e a *aurea Chersoneso*; perlustrado, em todos os sentidos, o continente negro; era de crêr que a humanidade se contentasse com o patrimonio adquirido e se não aventurasse ainda pelo *dissociabili oceano* do Venusino...

Entretanto, assim não acontece!

A hora actual é — a hora polar!

Mal o audacissimo Nansen regressou a regiões menos glaciaes, e já outro navegante se arrisca a fazer companhia a Sir John Franklin e seus desventurados collegas!

O dr. Andrée — *pennis non homini datis* — procura desvendar os segredos de Boreas que mais e mais se obstina em subtrahir-se ás perquisias de sciencia!

E como si para distinguir este já moribundo seculo das luzes, não bastassem todas essas arrojadas tentativas, annnncia-se ainda nova expedição e desta vez ás terras austraes!..

Na Belgica apresta-se uma expedição, que vem á procura do selvagem austral!

Estes dois irmãos siamezes ligados pelo enorme cordão umbilical do eixo terrestre, por mais que se occultem sob o seu manto de brumas impenetraveis, ultimamente tem andado expostos á curiosidade irritante dos exploradores modernos...

De caracteres muito differentes, como aquelles dois exemplos ultra-classicos de teratologia humana, estes irmãos glaciaes só em uma coisa concordaram: em se furtar ás indagações dos Réclus da actualidade...

E dizem até que o polo do sul, mais intractavel que o seu confrade, tambem se mostrava mais esquivo do que elle ás blandicias das sociedades sabias do velho mundo.

Acastellado por trás do seu Erebo e do seu Terror, nomes que de per si já fazem tremer; dava-nos, apenas, signaes de sua existencia, nas flechas enregeladas do pamperio que, ora engulia o malfadado *Rio Apa* e os seus desditosos passageiros; ora arrasava-nos os bronchios e a pitintaria, com formidolosos ataques da traiçoeira *influenza* e pneunomias concomitantes!

Hoje, porém, elle, como um polo que se preza, tambem vai tomar parte no convivio da civilisação hodierna...

Tracta de cortar as longas barbas de... *icebergs* e, envergando um modernissimo, um elegante *smoking* talhado por algum Reaunier da terra Adelia, desassombradamente frequentará os salões da aristocracia européa, ou da plutocracia norte-americana...

Darão entrada nos museus archeologicos os trenós e outros apparelhos de... selvageria, em uso nessas inhospitas regiões...

Dentro em pouco, já ninguem mais ouvirá fallar em phócas, em ursos brancos, ou rapozas azues...

Os pólos se converterão mesmo em *cabarets*, onde o licor correrá a jorros, irisados pelas scintillações de um espirito finamente gaulez!..

Haverá companhias, que hão de emittir bilhetes a preços reduzidos, para que a bohemia da actualidade se dê o luxo de uma *villegiatura* em taes paragens!..

A hora actual, é a hora polar!..

Atravessamos uma época de commemorações.

Ha poucos dias, celebrámos o anniversario do portentoso descobrimento de Colombo; e já nos preparamos para recordar a maravilhosa travessia de Vasco da Gama!

India e America; Christovam Colombo e Vasco da Gama...

Assumptos, só dignos de serem tractados por um Homero ou um Camões!!!...

Mudemos de clave...

S. Paulo - 15 Outubro - 1897.

J. Vieira de Almeida.

Contraste

Talvez nest'hora em que a chorar suspiro
Lembrando-me de ti, saudosa e afflicta,
Bem junto estejas da mulher bonita
Que te escravisa o coração que aspiro.

E emquanto eu soffro aqui no meu retiro
O ciume atroz que no meu peito excita
Cada vez mais essa paixão maldita,
E de raiva e de dor quasi deliro;

Em paragem risonha, enflorecida,
Talvez tu'alma esteja n'um transporte
Toda inteira em su'alma transfundida!

— Bem diversa da tua é minha sorte:
No seio de outra encontras tu a vida,
E eu na tua inconstancia encontro a morte!

Aurea Pires.

Selecção

A sorte das mulheres depende muitas vezes da educação moral que se lhes dá, ou da instrucção scientifica que adquirem.

Os homens zombam da ignorancia das mulheres, sem se lembrarem de que as educam como ás escravas, que só necessitam saber obedecer.

Ha muitos homens que perdoam com mais difficuldade ás mulheres o talento do que os vicios.

Gracia H. C. Mattos.

A verdadeira felicidade da mulher consiste em amar seu marido e ser amada por elle.

Mme. da la Fayette.

Com as mãos sujas de carvão, na cozinha, accendendo o fogo para fazer o almoço do marido, cosendo-lhe a roupa, ammamentando os filhos, varrendo a casa ou enterpretando Chopin; pintando uma aquaralla ou amarrando um *bouquet*, a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradavel, util, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intellectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou.

Julia Lopes de Almeida.
(Do Livro das Noivas.)

A modestia não inhibe o enthusiasmo.

Catharina Timandro.

Quantas senhoras dignas de serem lembradas por titulos gloriosos não baixariam ao tumulo com seus nomes? Por muito tempo contribuiu uma acanhada e mesquinha educação para que morressem em esquecimento muitas senhoras brazileiras, e mal entendida modestia obstou que vissem a luz da publicidade algumas composições e traducções que talvez emparelhassem com a de nossos melhores literatos. E ainda hoje quantos homens ignorantes não têm por incompativel com o melindre do sexo feminino a mais innocente das obras inspirada pela mais nobre das paixões, e não vêm na sua publicação um como compromettimento? Resultou o que se devia esperar: — a perda de numerosas composições e d'ahi o não serem conhecidas sinão pelo seu nome as poetisas mineiras, D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, esposa do celebre poeta Alvarenga Peixoto, que finou-se no exilio, e D. Maria dita, por autonomasia, das Contendas, por causa de sua belleza e outras muitas.

J. Norberto.
(Brazileiras Celebres.)

D. Alzira

E' D. Alzira morena,
Recita como ninguem!
Na sua bocca pequena
Que encanto o verso não tem!

Vestida sempre de luto,
Com mostras de grande dor,
Do romantismo é um producto,
Do sentimento é uma flor!

Occulta, em prantos, ouvi-a
Falando comsigo só...
Varou-me a melancolia,
Fiquei cortada de dó!

Fui perguntar-lhe o motivo
Do seu tormento cruel,
Disse-me em tom decisivo,
Com voz ungida de fel,

Que amára tanto na vida
Que nunca mais poude amar,
Desde que certo suicida
Deixou-a, triste, a penar.

E que, portanto, um convento
Seria o seu nobre fim...
E sem um leve lamento
Foi-se de perto de mim.

8 de Setembro de 1897.

Meu Filhinho

Sorri diante do espelho, extasiado,
Vendo o seu rosto, que inda não conhece,
E que é meu céu formoso! enluarado!

Inda não fala, mas já balbucia...
Como um botão de rosa, aos poucos cresce,
E faz tambem crescer minha alegria!

Todos os dias eu acordo rindo,
A ouvir o pipilar desse canario,
Desperto dês que a aurora vem surgindo.

E a beijal-o, a beijal-o, doidamente,
Temo o destino turbulento e vario,
Que apaga um sol brilhante, de repente.

E esse cuidado que por elle sinto,
Esse cuidado o meu amor augmenta,
E pôe-me o coração num labyrintho!

18 de Julho de 1893.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Notas pequenas

Maternidade de S. Paulo — Visitámos, ha dias, esse admiravel estabelecimento de caridade, habilmente dirigido pela illustrada Doutora Maria Renotte e mantido a expensas das generosas socias, que mais uma vez pôem em evidencia a grandeza do coração feminino.

E' o primeiro estabelecimento dessa ordem que na America do Sul se mantém exclusivamente a custa de senhoras, o que honra em extremo o nome das distinctas paulistanas, nome cheio de bellas tradicções desde a guerra dos *Emboabas*.

Enorme capricho, irreprehensivel asseio e tudo o que a hygiene moderna exige para uma instituição com semelhante destino, fazem daquella casa um verdadeiro templo de amor e piedade.

Quantas penas alliviadas, quantas vidas que se teriam submergido a falta de recursos, encontram alli o necessario abrigo e carinho, para poderem proseguir depois na faina diaria, luctando com toda a sorte de privações e fadigas incompensadas!

A nós, mulheres residentes em S. Paulo, cabe-nos o humanitario dever de auxiliar tanto quanto possivel essa casa, onde a mulher operaria e desprotegida da sorte encontra, em dias bem melindrosos para sua existencia, o conforto e arrimo que temos a toda hora em nossos lares.

Canudos — Repercutiu em todo o paiz o brado de enthusiasmo pela victoria das forças legaes em Canudos, e é por isso que a *Mensageira* tambem, de todo alheia ás luctas politicas, sente-se cheia de nobre alegria diante da imagem da Patria aureolada de esperanças!

A' distincta e abnegada esposa do glorioso general Arthur Oscar, enviamos os nossos effusivos parabens.

Bellas Artes — A' exposição de pintura da *Escola Nacional de Bellas Artes* concorreram este anno as seguintes senhoras fluminenses, D. D. Alina Teixeira, Beatriz F. C. de Miranda, Maria Clara da Cunha Santos e Mary M. Sayão que sabem, cultivando seu espirito, aproveitar as horas vagas no desenvolvimento do bello e do util.

Sem podermos apreciar *de visu* os trabalhos apresentados ao publico do Rio de Janeiro pelas amadoras, avaliamos todavia o seu merito pela critica dos jornaes daquella capital; e aproveitamos o ensejo para enviar d'aqui parabens áquellas distinctas senhoras pelos applausos que têm merecido da imprensa.

Não nos podemos furtar, entretanto, ao prazer de enviar em especial um aperto de mão á nossa prezada amiga e apreciadissima collaboradora Maria Clara da Cunha Santos pelos francos elogios que recebeu da critica em geral o seu quadro intitulado *Meu gabinete*.

Diccionario em projecto — A Viscondessa de Cavalcanti emprehende organisar, em Pariz, um Diccionario biographico brazileiro, e para conseguir o seu desideratum pede aos nossos estadistas, literatos, scientistas, artistas, etc., que lhe enviem á *Avenue Victor Hugo*, n.º 95, os dados necessarios ás suas biographias, taes como: data e lugar do nascimento, titulos scientificos e literarios, profissão, indicação de obras publicadas, etc., etc.

Oxalá consiga a eminente senhora fazer um trabalho que plenamente satisfaça aos seus louvaveis intuitos!

— No proximo numero, poesia de Francisca Julia da Silva.

São Paulo 30 de Outubro de 1897 Anno I, N. 2

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Falso encanto, Maria Emilia; — A Jornada, soneto, Adelina Lopes Vieira; — Carta do Rio, Maria Clara C. Santos; — O Mergulhador, poesia, Francisca Julia da Silva; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Soneto, Amelia de Oliveira; — Traços ligeiros, Silvio de Almeida; — Ideal, poesia, Pressiliana Duarte de Almeida; — Trindade, conto, Dolores de Araujo; — Kief, soneto, Julio Cesar da Silva; — Blasphemo, soneto, Arthur Andrade; — Selecção; — Heloisa, poesia, Stella Lentez; — Notas pequenas.

Falso encanto

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de acção, apparece alguem que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorancia, na sua timidez, na sua infantilidade!

Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a mulher instruida, forte, capaz de velar á cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as prescrustações da sciencia; ou de repellir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudal-o em todas as resoluções difficeis.

A posição negligente de tutelada deixará de existir quando a mulher comprehender que sobre seus hombros pesam tambem as responsabilidades sociaes.

Esse falso encanto é o veneno corrosivo de muitas mulheres: não querendo deixar de ter attractivos e ouvindo os *pregoeiros da futilidade*, deixam-se levar, esterilisando sua intelligencia, sua força, sua energia e até, algumas vezes, seu caracter! Quantas senhoras, apezar de pensarem como nós, manifestam-se de modo contrario com o fim de serem bemquistas e passarem vida socegada!

São estas, a nosso ver, criminosas egoistas, que não cuidam nem do futuro de suas filhas nem da sorte das mulheres em geral. Estas fazem na sua esphera o papel com-

modo de certos homens que não têm nunca uma opinião firme e decisiva, agitem-se embora no seu paiz as mais complicadas e importantes questões de interesse publico!

Felizmente, porém, é muito maior o numero das que sabem pesar as suas responsabilidades e cumprir o seu dever a todo custo, apezar de não o parecer a quem não tenha o genio bastante observador. Falamos ás nossas patricias e devemos dizer a verdade tal qual é. Todas nós sabemos que nossas avós, por via de regra, pelo menos no interior do Brazil, não aprenderam a ler; nossas mães, mais felizes um pouco, aprenderam a soletrar e fazer muito mal as quatro operações; a actual geração váe obtendo emtanto alguma cultura intellectual, já váe adquirindo conhecimento de algumas linguas, sciencias, etc., etc. E tudo isso, a verdade seja dita sem rebuços, tudo isso a esforços, a sacrificios ingentes das nossas mães devotadas. E' a essas santas creaturas que devemos a pouca de luz que se váe fazendo sobre o destino das brazileiras. Para isso, quanto soffreram e luctaram? Os paes, tendo grandes aspirações sobre seus filhos, não ambicionavam, salvo honrosas excepções, sinão que as filhas fossem honestas. Isto bastava! As mães, porém, por intuição e por uma altivez natural iam sempre que podiam ministrando ás suas filhas todos os meios de serem educadas e dignas, sugeitando-se para isto aos maiores dissabores e sacrificios.

Abençoemos o nome de nossas mães e busquemos continuar a sua obra, aclarando o porvir de nossas filhas.

MARIA EMILIA.

A Jornada

Infancia! Trilho doce, em farta messe
De rosas, cheio de aves multicores,
Onde, do sol aos ultimos fulgores,
No regaço materno se adormece.

Adolescencia! O mundo que parece
Um perenne jardim de eternas flores,
Em que, entre sonhos, presentindo amores,
O som do baile se mistura á prece.

Mocidade! Luz Plena! O céo na terra!
A vida intensa! Amar e ser amada!
Eis a maior das bemaventuranças!

. . . . . .

Velhice! Atra avalanche que soterra
Em densissima treva illimitada,
Illusões, devaneios, esperanças...

Outubro-97.

ADELINA LOPES VIEIRA.

Carta do Rio

Começam agora os formosos dias de verão! Levanto-me muito cedo para os banhos de mar e aprecio immensamente estas deliciosas manhãs, que me enchem a alma de sã e benefica alegria.

O mar é um encanto! Nadar — eis um dos maiores prazeres concedidos por Deus aos miseros mortaes. Outro dia, estava no mar, admirada, esquecida a contemplar a magestade das ondas que placidas e serenas davam ao mar o aspecto de um manso lago. De repente sinto bem juncto a mim um objecto estranho que aos balanços preguiçosos das ondas se aproximava da praia. Contemplo-o admirada! Que havia de ser? Uma trança postiça de cabello grisalho, presa ainda a um grampo de tartaruga!

A trança despresada aos balanços das ondas approximava-se e afastava-se de mim.

Pobre trança perdida! disse eu! De quem és? A quem pertences? Quem seria a tua primitiva dona? Comecei a imaginar mil cousas exquisitas.

Aquella trança era velha, estava cheia de cabellos brancos, e seria a velhice a causa de seu despreso? Não creio. Fôra talvez perdida no banho, quando prestava á sua velha dona o serviço precioso de não lhe deixar a calva á mostra.

Neste tempo de horrivel carestia, aquella trança daria ainda alguns nickeis em um belchior qualquer da rua da Carióca.

Trança postiça — que ignominia!

A falar verdade, todas as tranças postiças deviam ter um fim tragico, não direi que fossem lançadas ao mar, por hygiene e formosura das praias, mas lançadas ás chammas de uma fogueira enorme!

Para toda a alma bem formada, a natureza é a melhor mestra, é o mais importante factor da perfectibilidade humana.

Nenhum poeta consegue impressionar e arrabatar seus leitores se suas poesias não têm verdade, se suas dores são mentirosas, se suas descripções são falsas.

O pintor que inventa marinhas, que falsifica paysagens e que de cór pinta o que não vê e por conseguinte o que não sente, não conseguirá jamais imprimir a seus quadros a nota caracteristica e alegre da verdade e do bello.

As naturezas muito sensiveis sentem-se impressionadas diante de quadros verdadeiros e cheios de criteriosa observação.

Esta impressão, esta alegria é a consciencia da propria verdade.

A *Mensageira* teve feliz acceitação aqui no Rio. Ouvi de muitas pessôas auctorizadas, palavras de animação e apreço.

Ainda bem!

Projecta-se para breve uma bella festa ao ar livre, no Passeio Publico, organisada por senhoras das

principaes familias desta Capital. Haverá corridas de bicycletas, baile infantil e mil outras cousas encantadoras. Applaudo essas festas campestres, onde as creanças podem brincar á vontade, sem receio de abalar o *porte-bibelots* com as solavancos dos pulos ou fazer em muitos pedaços um bello e precioso vaso de Sèvres.

A proposito de creanças: minha vizinha tem uma filhinha adoravel, formosa e loura, de 4 annos de edade. Em casa acostumaram-se (que maldito costume!) a amedrontar as creanças quando fazem manhas com a invocação do nome de *seu* Azevedo. É preciso que eu explique que *seu* Azevedo é um bom amigo de familia, muito velho e horrivelmente feio. É carinhoso para as creanças, mas não consegue a affeição desses anjinhos por causa de sua horrivel careta, que a falar verdade, assusta até a gente grande.

A menina da vizinha, querendo mostrar a sua coragem, o seu grande heroismo ás outras creanças, suas companheiras, approximou-se de *seu* Azevedo, que todo grave e sentencioso conversava com a avó da creança, no sofá da sala.

A pobresita queria-se mostrar valente e conseguiu dar alguns passos para juncto do homem, mas era impellida por uma força extranha e afastava-se, depois, novamente se approximava, toda tremula, com a voz entrecortada pelo pavór e dizia, meio rindo meio chorando: «*Seu* Azevedo, estou pertinho do Senhor e não tenho mêdo nenhum.»

As outras creanças, pasmas com a coragem desta menina, gritavam: volta, volta, que elle te péga.

O pobre velho, desapontado, fingia não entender a historia das creanças; a avó, envergonhadissima, disfarçava como melhor podia.

De 15 em 15 dias conto poder palestrar com as leitoras desta revista. Prometto ser laconica e contar só cousas alegres, mesmo porque com tristezas, como já disseram, não se pagam dividas.

Os jardins estão lindissimos agora. Em minha casa as margaridas e jasmins do Cabo abundam em profusão. As flores, além das muitissimas virtudes que têm, possuem mais uma que percebi por esperiencia propria: falam-nos das pessôas amadas que estão ausentes, com imperiosa e doce insistencia, e é por isso que ao ver margaridas brancas e roxas juntas em um ramilhete lembro-me saudosa de Zalina Rolim que em um dia, de agradavel palestra, me contou sua predileção por essas duas especies de margaridas — as brancas e as roxas.

Por hoje, faço ponto.

Maria Clara da Cunha Santos.

O mergulhador

(Idéa de Murger)

Querendo mais um astro em seu cabello, a clara
Rainha assim fallou: «Desce ao mar e passeia
Por esse amplo palacio onde canta a sereia,
E traz-me lá do fundo a perola mais rara.»

E o bom mergulhador, em busca do thesouro,
Desce, passeia o olhar pela amplidão marinha;
Acha a perola, e offerta-a á formosa rainha
Numa caixinha azul verniculada de ouro.

O poeta é assim tambem: se teu capricho, instante,
Requer, Senhora, um verso, unicamente um verso,
Mas um verso perfeito, aureo, sonoro e terço,
Que diga a tua ideal formosura radiante,

Ao fundo da su'alma immaculada e santa,
Undoso plaino azul, vasto mar onde boia
O dourado palacio onde a sereia canta,
Mergulha, e vae buscar a desejada joia.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Chronica omnimoda

«*Vigilate et orate...*»

Ainda se ouve o tilintar das contas dos rosarios.

Terminou o mez consagrado ao culto da Mãe de Deus!...

Quem é aquella figura de asceta que se vê prostrada aos pés de Maria de quem recebe aquellas corôas, que serviam outróra para ornar as cabeças das virgens christãs ao caminharem para o martyrio?!..

Rezam as chronicas monasticas que aquella physionomia seraphica, representada em todos os quadros de altar, é a do austero São Domingos...

Recebe de Maria o rosario, symbolo da oração, para inculcar á posteridade a precisão de orar insistentemente, sem jamais descontinuar.

O rosario é a concretisação do: — *vigilate et orate* do Divino Mestre, — no Gethesemani...

Bem sei, ó grande, ó mystico Patriarcha que tempo houve, em que os interesses terrenos, em que a *razão de estado* andou arrastando o teu sancto instituto, pelas cinzas dos borazeiros da malsinada Inquisição!

Não creio, porém, que jamais sanccionasses taes horrores; nem que o chiar das carnes crestadas nas chammas purificadoras (?) das fogueiras do Sancto Officio podésse em tempo algum soar aos teus ouvidos, com o rythmo suave dos psalmos entoados no côro dos mosteiros que fundaste!...

Sempre acreditei que o interesse mundano das dymnastias reinantes illaqueasse a boa fé, a ingenua crença dos teus filhos e os envolvesse nas malhas de suas redes; convencidos de que extirpavam heresias, quando apenas consolidavam tyrannias!...

Passando a esponja da justificação nessa mancha negra, que tisnou por algum tempo o habito alvinitente dos teus discipulos; contemplemos esses infatigaveis trabalhadores da vinha do Senhor, pela mais nobre de suas faces: — o ensino!

Vejamos como os Dominicanos, na cathedra de professores, ou na tribuna de prégadores, levam a luz a todos os espiritos e a consolação a todas as consciencias!...

Lancemos a vista para Uberaba, que é como quem diz — para as fronteiras da civilisação e veremos como daquelle *ninho de aguias* os discipulos de S. Domingos desferem o vôo, em busca do selvicola, que se occulta nas cerradas brenhas de Matto Grosso!...

Continuadores da obra ingente de Nobrega e de Anchieta, todos os dias arrancam ás garras do abutre da selvageria essas pombas innocentes, sempre dispostas a se deixar prender, nas malhas suavissimas do Evangelho!...

Na supercivilisada França, elles superintendem á educação da mocidade; elles dirigem a consciencia das multidões!...

Da cadeira profana ou da cadeira sagrada, sempre são os fanaes que apontam o caminho aos navegantes que se desviaram da rota, nos mares tempestuosos da vida!...

Não creio, portanto, que deva continuar a pesar sobre os Dominicanos a accusação de cumplicidade na pavorosa tragedia de Torquemada!

Prefiro encaral-os como apostolos do bem, como victimas, talvez incautas, de sua boa fé, ingenuamente posta ao serviço da sombria politica dos Philippes!...

Não!...

Aquelle olhar celeste que adivinhamos na physionomia seraphica do padre S. Domingos, não se podia fitar nas *carochas* e *sambenitos*, supremo escarneo da ferocidade fanatica, espadanando sobre as victimas imbelles dos preconceitos da época!...

O rosario que recebeste das mãos divinas de Maria não podia servir de grilhão, para encadear consciencias...

Elle é o symbolo sagrado desse commercio mystico, que existe entre a creatura e o Creador; é, por um feliz acaso, a recordação do martyrio dos christãos primitivos!..

— Inquisição e S. Domingos — são expressões antinomicas!

Ahi se extinguem os éccos dos ultimos canticos sagrados!

Ainda se ouve o tilintar das contas dos rosarios!...

Terminou o mez consagrado ao culto da Mãe de Deus!...

S. Paulo, Outubro de 1897.

J. Vieira de Almeida.

Soneto

Noite fechada! O espaço inteiramente
E' trevas. Que tristeza encerra esta hora
Em que tudo é silencio e a alma que chora
Abafa as vozes do soffrer latente!

Mas um canto vibrou, longe, plangente,
Quem é que a solidão perturba agora?
Ah! quem se atreve pela noite á fora
Um grito, desferir lugubremente?!...

E' por ventura um'alma forasteira,
Que vagueia sosinha na espessura
Da noite, procurando a companheira?

Não... Talvez seja a gargalhada insana
De alguma ave de agouro que procura
Escarnecer da dor da vida humana!

Amelia de Oliveira.

Traços ligeiros

Arthur Azevedo, em sua *Palestra* de 21, aconselha a directora da *Mensageira* a supprimir a collaboração de homens, para que esta revista adquira uma nota mais original e sympathica.

Sentimos discordar completamente, neste ponto, do notavel homem de letras que tão assignaladamente abrilhanta as columnas do *Paiz*.

Em primeiro logar, já não sería uma *originalidade*, mesmo aqui no Brazil, uma publicação periodica exclusivamente feita por mulheres; e, por outro lado, parece-nos que em nada se apouca a sympathia desta revista por admittir em suas columnas algumas pennas masculinas.

Os melhores salões estão sempre abertos aos dois sexos, e a absoluta exclusão dos *marmanjos* só se po-

deria exigir em um convento de freiras.

Si o proprio *Paiz*, que é um jornal militante e forte, nunca se negou ás escriptoras, por que razão havia de excluir aos homens a *Mensageira*, que deve ser toda gentil?

Entendemos que este periodico só tem a lucrar com o augmento do numero dos seus auxiliares, tanto mais quanto o meio literario do Brazil se caracteriza até hoje pelo desalento e pela inercia; e não sabemos bem porque, uma revista destinada ás mulheres, ha de deixar de inserir qualquer producção que lhes seja proveitosa ou agradavel, só porque tenha vindo do cerebro de um homem... A nossa opinião sería, pois, que a directora da *Mensageira*, sem quebrar a linha accentuadamente feminina destas paginas, procurasse enfeital-as, ainda mais, com os trabalhos de um Arthur Azevedo, de um Filinto de Almeida, de um Olavo Bilac, ou de um Raymundo Corrêa...

O crystallino escriptor da *Palestra* estava devéras optimista quando formulou aquelle seu modo de pensar! Pois, si nem mesmo as revistas literarias feitas por homens vantajosamente conhecidos, nestas plagas do sabiá, conseguiram ainda viver muito mais do que a maltratada rosa da poesia de Malherbe, — como poderia viver a *Mensageira* confiada apenas ás delicadas mãos de algumas, e ainda raras, escriptoras nacionaes?

Saiba Arthur Azevedo que, si estas aqui se apresentam com suas pennas de luz, é porque não se deixaram entibiar pela indifferença de uns e a má vontade de outros, e porque roubam, ás vezes, aos divertimentos, e ao descanso, o parco tempo que lhes sobeja das afflicções do lar ou dos misteres didacticos que, — para viver nesta sociedade tão mal dirigida, — tiveram de abraçar algumas, e das mais illustres, literatas brazileiras...

Si, para o geral dos nossos patricios, o ideal da mulher consiste só em saber lavar, cozinhar, etc., como qualquer uma das antigas escravas, — quanto arrojo e talento lhes não será necessario para que ellas escrevam?

Oxalá, concordando comnosco, viessem os mais alados talentos masculinos (como, por exemplo, Arthur Azevedo) dar a esta revista a honra dos seus nomes e a forte vibração do estylo dos mestres!

Silvio de Almeida.

Ideal

Entre a dolencia acerrima e chorosa
De um sentimento infindo,
Vive a minh'alma — a lyra suspirosa,
Que chora, muita vez, cantando e rindo!

Nem me bastára a luz de teu sorriso,
Nem todo o teu amor!
Eu quizera um doirado paraiso,
Onde eu fosse o teu unico esplendor!

Quizera uma avenida perfumada
De flores odorantes,
Onde eu brilhasse mais que a madrugada
Aos teus olhares meigos, fascinantes!

Quizera ser o riso, o alento, a aurora,
A luz do teu viver,
Ser tudo o que tu'alma aspira e adora,
Anjo da noite e flor do alvorecer!

13 de Novembro de 1890.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Trindade

Em tres localidades do torrão mineiro, existiam tres almas amarguradas, pela compressão de uma só dor.

Wanda branca e loura donzella, habitava chalet formoso em decadente cidade.

Altiva, caprichosa e leviana, tinha momentos de loucura e instantes theatraes.

Nair, branda e calma como a natureza, sem estimulos, permanecia em extremo opposto, occulta em cabana á margem de um regato.

Véra, pallida e melancolica, era o emblema vivo do amor, d'esse amor que não olvida mesmo o tumulo, onde vive sempre em forma de uma cruz.

Moacyr era o elo mysterioso que ligava taes corações, que, divorciados pela origem, tinham, todavia, o mesmo culto.

Elle, o amado de todas, o sonho constante de cada uma, era o só *Deus* verdadeiro entre as *tres creaturas distinctas*.

Imperava, porém, em cada coração de modo bem diverso e em forma toda especial.

Wanda, linda e dinheirosa, conquistára de um só golpe a affeição do cavalheiro amado e amante de Nair, desde os tempos de creança.

Impetuosa nas resoluções e violenta nas acções, ella destruira arrogante o templo onde outr'ora Nair fôra rainha.

Educada sob a falsa athmosphera do luxo, tinha Wanda exigencias de princeza e oscillações de doida.

Conhecera em antigos dias o borborinho dos fócos civilisados, e, portanto, causava-lhe agora horror a permanecencia em silencioso povoado.

Moacyr apparecera, pois, qual

estrella, em meio do pavor que lhe inspirava a solidão.

Meiga e sorridente, affecta por Moacyr a mais espontanea dedicação.

Demasiado bello, elle o é, e portanto quasi diminuto seria o seu constrangimento em apresental-o por esposo, quando estivesse longe e bem longe d'aquelle immenso degredo.

Com habil energia e firmeza singular, executara os planos que traçara com o fim da algemar-lhe o coração.

Facil lhe fôra o seu intento, porque tambem o ouro de seus cofres compraria a independencia d'aquelle que tanto sonhava com a liberdade pecuniaria.

Tudo tinha, portanto, para ambos o prisma da felicidade egoista, visto que, apesar de unidos viveria cada um para si mesmo.

Não se esqueceu, porém, a sabedoria divina de impedir a consummação de tal desastre.

Contratempos, provindos por opposição da parte da familia de Wanda, desalentaram por forma bem atróz o animo de Moacyr, que tristonho via desapparecer as nuvens compactas do ouro e surgir novamente das brumas do passado o vulto sympathico de sua ex-amada, que fôra bem sincera e carinhosa.

Wanda, allucinada pela derrota de seu intento, commette actos de bravura contra os seus, e espera impaciente reconquistar a victoria.

Nair, que por esse tempo, ainda se lembrava d'aquelle que tantas juras de amor lhe fizera, debaixo da mangueira favorita, e por quem ella agora saudosa suspirava, foi sorprehendida em breves dias pela sua volta inesperada.

Sem ter ideal formado, ella era, todavia, captiva de um amor immenso, visto que «o habito é uma segunda natureza».

Espirito inculto, e alma affeita aos carinhos, a pobre Nair, tinha-se acostumado, d'esde o inicio de sua mocidade a amar ao interessante jovem, que se mostrava tão affectuoso para com ella e que se tornaria um dia o companheiro fiel de sua vida cheia de serenidade, porque o seu peculio era bastante sufficiente para garantir o futuro calmo com que sonhava.

Não desejava sahir do meio onde fôra nascida e nem tão pouco tinha ambição de apparecer no mundo social.

Uma existencia ignorada, mas resguardada de privações, era todo o seu desejo.

Graças ao seu temperamento calmo e um tanto benigno, não se exasperava contra os rigores da dor, assim como não se enthusiasmava com os estridulos da felicidade.

Do que não restava, porém, du-

vida alguma, é que Moacyr, vivia sempre no seu pensamento, não como o senhor de mil graças, mas simplesmente como o moço a quem, em uma noite de dansa na aldeia, promettera nas cantigas de um verso que elle seria o seu amor até mesmo na hora de morrer.

Moacyr ausentava-se pela segunda vez: — retirou-se meigo como o havia ella sempre conhecido, mas, no entanto, viver agora socegada não mais podia: conhecedora da existencia de Wanda, sentia certas inquietações, que eram a concretisação do ciume, sentimento que experimentava sem, comtudo, comprehender. No meio, porém, d'estes gemidos scismadores e abafados, soluça alguem que agoniza lentamente, porque no brilho de suas lagrimas não existe siquer uma parcella de esperança.

Véra, a pallida e lacrimosa, que vivia a contemplar o céo, a fitar as mattas e a sonhar com as glorias, era sem duvida a unica desgraçada.

Idealista desde o berço, crescera enamorada de um mytho sobre a terra.

Desprezando os attractivos dos gosos materiaes, isolára-se no seio casto da poesia.

Estudando em observação quieta o mundo, sobre todas as phases, conseguia escarnecer da humanidade, que era impotente para realisar a personificação ideal de um jovem que estivesse dentro dos moldes de seu exigente imaginar.

Desassombrada, proseguia a peregrinação atravéz da multidão, sem, entretanto, discrer ou negar que o amor era o privilegio das vidas conscientes.

Eis, que em uma noite de luar medroso, Véra, ficta, inesperadamente, pela vez primeira Moacyr, a essencia do divino, o chimerico heróe de todos os seus sonhos, perdido em prolongada scisma.

Alto como um cypreste, magro como Christo, ironico como um sceptico e pallido como um sorriso de virgem amortalhada, elle tinha sobre a côr morena, uns olhos verdes, que como o mel bravio envenenavam em um só instante, uma existencia inteira.

Submissa aos poderes da visão, ella presente a attracção do abysmo.

Lucta e lucta com rancor immenso, contra a allucinação momentanea: mas, emfim, confessa succumbida que o ama com delirio intenso.

Surgem as primeiras esperanças de ser amada, mas passam logo as illusões, porque o dono de tantas maravilhas já não traz coração comsigo.

Indaga e conhece os caracteres de suas rivaes . . .

Soluça e debate se contra a maré do pranto.

Interroga ao mundo inteiro, porque é assim tão desgraçada, quem tanto sabe amar...

Nas suas vigilias negras, escutam todos os seus lamentos, que assim são formulados:

Não sou Wanda, que o quer como simples libertador do poder paterno, que lhe inflinge o castigo de um exilio; nem tão pouco, penso como Naïr, que o sequestra como hastea forte que lhe garantirá a firmeza sobre o solo da ventura.

Eu quero e almejo apenas, um altar singelo e verde, onde, emmoldurado de flôres, elle fique sereno e puro a sorrir para mim, que de joelhos murmurarei esta breve prece de amor: -- permitta Deus, o ceo e a terra, que a vida me seja infinda, para em delirio adorar-te.

Não quero de teus labios a recompensa de um sim, mas, promette-me em phrase simples, que meu amor tão pobresinho, não te inspira muito horror.

Vê como são tristes os dias de meu viver, que busco como allivio para os martyrios que soffro, pensar incessantemente nas imagens assustadoras das traiçoeiras rivaes, porque só assim o meu pensamento, pode de leve cruzar com o teu!!

Supplico aos santos todos, em nome dos anjos candidos, para impedir que as ondas da minha vingança me impulsionem junto a ti.

Um consolo apenas reservo para mim; que é de um rapido aviso fazer aos corações que desconhecem os segredos do amor apaixonado.

A vós almas feitas de puro ideal, eu vos previno contra as seducções do amor que nos arrasta até a amar as proprias rivaes.

E um suspiro doloroso foi o termo d'aquella que desfallecera sobre um tapete de relva.

Caxambú, 18 de Setembro de 97.

DOLORES ALCANTARA DE ARAUJO.

Blasphemo

Como uma negra e horrida muralha,
A noite envolve a terra e o espaço alaga.
No céo não fulge a rutilante malha
Astral. A derradeira luz se apaga.

A vida pára. O cháos arfa e farfalha
Da estrella de ouro á solidão da fraga...
A natureza inteira se amortalha
Sob essa enorme e pavorosa vaga!

Sim! Não mais brilhe o paramo estrellado,
Que a terra seja um tumulo gelado,
Que seja o mundo um turbilhão de abrolhos.

Que a flora morra! Obumbrem-se os espaços!
Tenho um mundo melhor nos teus abraços,
Um sol mais bello nos teus negros olhos!

ARTHUR ANDRADE.

Kief

Puz-me diante de ti, por largo espaço posto
O olhar no teu olhar, fixa e immovel a vista,
Fazendo-a penetrar, em triumphal conquista,
Luzes dentro, nos soes que brilham no teu rosto:

Iris brilhante, com reflexos de amethysta;
Tons claros do cariz do céo, no mez de agosto,
Azul aguado, azul escuro, num composto,
Numa *nuance* de luz e sombras exquisita.

Cego de luz, fechei os olhos; longamente
Pude vêl-os ainda em prolongada pausa,
Embebido de luz, numa visão ardente,

Desde a esclerotica á pupilla de azeviche,
Na aguda percepção da febre, que nos causa
O Kief oriental da embriaguez do *hachich!*

Julio Cesar da Silva.

Selecção

Julgando-me dispensado de entrar em apreciações sobre a maior ou menor capacidade da mulher para o cultivo intellectual, eu tenho para mim, como verdade clarissima, que um dos maiores embaraços com que lucta a civilisação, é a ignorancia desproporcional da bella metade do genero humano; ignorancia que, por cumulo de infelicidade, aos olhos de uns ainda é uma cousa indifferente, aos olhos de outros uma cousa desagradavel, sim, mas afinal fatalmente determinada por lei da natureza, e até aos olhos de muitos... uma graça de mais, um adorno poetico, um attractivo lyrico!...

Tobias Barreto.

Apprende-se a pensar como a costurar bem, e eu desejaria que a moda introduzisse este aprendizado na educação das mulheres.

Mme. d'Agoult.

"Les grandes pensées viennent du cœur"
Vauvenargues.

Para inicio de minha collaboração n'*A Mensageira*, lembrei-me de escrever uns versos á adoravel creaturinha que me embelleza o lar, enchendo-o de encantos e de alegria. Dediquei-os á minha Heloisa, no altar de meu culto, cuja consagração é a minha vida. Os tercettos abaixo, tirei-os de meu coração, e assim, vão sem uma expressão affectada, sem um requinte de arte.

Escrevo quasi que só por amor á minha filha, para estimulo de seu futuro, para que ella mais tarde saiba o apreço que dou á mulher que lê, á mulher que escreve, elucidando o espirito, sem prejuizo das obrigações domesticas. Viva em uma esphera superior e possa ella de bem alto vibrar amorosas e ternas as cordas do coração feminino! Só assim poderá bem comprehender a influencia da mulher na sociedade como filha, como esposa, como mãe.

A' Heloisa

Ao contemplar-te o vulto pequenino
Saltando pela casa, alegremente,
Minha alma toda exulta de contente!

Si penso em teu futuro, em teu destino,
Deixando o nosso lar abandonado,
Pelas ternuras de um esposo amado;

Eu sinto então ferir-me a dor intensa
De ser talvez por ti menos lembrada
Que aquelle a quem serás tão dedicada.

E, supplicante, ao Deus de minha crença
Eu peço que me poupe a dura sorte,
E dê-me sem piedade a dor da morte!

Assim, vou meditando dia e noute
Naquillo que me fere como açoute
O coração de mãe enternecido.

. . . . . .

Oh! não! eu te quizera sempre assim,
Risonha e pequenina junto a mim,
O' anjo de meu lar, anjo querido!

21 Outubro 1897.

STELLA LENTZ.

Notas pequenas

Amelia de Oliveira — Por intermedio de uma intelligentissima e bôa amiga, pudemos obter tres sonetos da lavra daquella inspirada e maviosa poetisa, que é, infelizmente, bem pouco conhecida de nossas leitoras. Amelia de Oliveira, irmã do grande Alberto de Oliveira, pertencente áquella admiravel familia eleita das Musas, merecia pelo seu bello talento uma nomeada que não tem por indisculpavel retrahimento e excessiva modestia! Dando-nos os originaes de suas poesias, não nos garantiu a nossa referida amiga que estivessem até hoje ineditas; cremos emtanto que assim o seja porque nunca as vimos em letra redonda, e, mesmo que não o fossem, nada perderiam as leitoras relendo o

bellissimo soneto que ora publicamos.

Palestras Femininas — Todos que amam a literatura devem se lembrar com saudades das deliciosas *Palestras Femininas*, escriptas pela laureada poetisa e adoravel prosadora Adelina Lopes Vieira, na primeira phase da encantadora *Semana*! Por isso exultamos de contentamento ao noticiar, com ufania, que em breve apparecerá na *Mensageira* aquella fulgurante secção, segundo promessa que nos fez em amavel cartinha a cantora das *Margaritas*.

A Viuva Simões — Sobre este interessantissimo livro da nossa insigne collaboradora Julia Lopes de Almeida, pretendemos publicar no proximo numero um juizo critico, devido á penna do conhecido escriptor Leopoldo de Freitas.

Aos collegas de imprensa — Pedimos a todos os jornaes que transcreverem trabalhos da *Mensageira* a fineza de declararem a sua procedencia. Empenhando todos os esforços para obtermos uma collaboração escolhida e variada, visto só publicarmos trabalhos ineditos, julgamo-nos com direito a essa deferencia.

A Mensageira

A' delicada e generosa imprensa de S. Paulo, do Rio de Janeiro e de algumas cidades do interior de Minas e de S. Paulo, agradecemos os altos conceitos formulados sobre a *Mensageira*, pedindo venia para transcrever as seguintes noticias:

A Mensageira, revista litteraria dedicada á mulher brazileira.

Damos-lhe hoje o logar de honra, não porque se trate de uma revista dirigida por senhoras — pois que isso não constitue por si só uma primazia litteraria — mas porque estamos em frente de uma obra que tem o elevado escopo de reunir, educar e ennobrecer a mulher brazileira.

Salve, D. Presciliana Duarte de Almeida... Nós vos saudamos como excellente missionaria do bem, fazendo votos sinceros por que esse nobre espirito veja rasgados e azues esses horisontes esplendidos...

Não seremos nós que vos levantaremos obstaculos; não... Havemos, pelo contrario, de vos dulcificar a *via dolorosa*, já que tereis de encontrar a traição dos invejosos, o fel dos estupidos e o chasco dos indifferentes, nesse caminho para o Calvario dos illuminados.

Mas avante, que o ideal é nobilissimo, é grandioso, tanto mais que rarissimos póvos se poderão amoldar tanto á doce acção em-

polgante da mulher como nós. Avante, pois!

O numero 1.º da *Revista* abre por *Duas palavras* da sua directora D. Presciliana sobre o caracter da publicação e sobre o valor intellectual da mulher brazileira; segue um artigo forte e conciso. *Entre amigas*, de D. Julia Lopes de Almeida, uma poesia de d. Zalina Rolim, do *Livro da Saudade*, uma carta e um conto interessante de d. Maria Clara de Cunha Santos, com o titulo *Os brilhantes brutos*, e varios artigos, chronicas, poesias, *Notas pequenas*. Em conclusão: numero interessante e promettedor, bem escripto, variado e aquecido por ideaes elevados.

Ainda bem; para que se arranque a mulher brazileira da preoccupação do luxo ou dos passeios frivolos, que de nada lhe servem; e para que ella volte e se concentre no lar, de que é o centro luminoso e o foco mais distincto, na graça infantil de menina, nas promessas ridentes de sinhá, nas responsabilidades de esposa, nos deveres de mãe e nas agruras de chefe de familia.

Assim todas comprehendessem quanto o lar é doce, e tanto mais doce, quanto mais bello o tornar a mulher com os primores das suas mãos ou com as gentilezas do seu espirito!

Quantos homens seriam então mais caseiros, esposos mais fieis, e... paes cuidadosos dos filhos!?...

(Do *Imparcial*, de S. Paulo).

Tenho presente o 1º numero d'*A Mensageira*, revista litteraria, dedicada á mulher brazileira e publicada em São Paulo sob a direcção da poetisa Presciliana Duarte.

«Estabelecer entre as brazileiras uma sympathia espiritual em communhão das mesmas idéas (diz o artigo-programma), levando-lhes de 15 em 15 dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada, — eis o fim que, modestamente, nos propomos».

Insere a nova revista um bonito artigo de Julia Lopes, que sem contestação é a primeira das nossas prosadoras passadas e presentes, um conto de Maria Clara da Cunha Santos, e uma carta, em que esta distincta escriptora promette a sua collaboração para todos os numeros d'*A Mensageira*.

As poetisas brazileiras estão dignamente representadas, nas paginas da revista, por Zalina Rolim, Julia Cortines, Aurea Pires e Presciliana Duarte. Julia Cortines tem a primazia com um soneto bellissimo no pensamento e na fórma

(Trecho da *Palestra* de A. A.)

São Paulo | 15 de Novembro de 1897 | Anno I, N. 3

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado | **Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23 | Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Chronica omnimoda, J. V. de Almeida; — Gonçalves Dias, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Carta do Rio, Maria Clara C. Santos; — Horas de sonho, soneto, Georgina Teixeira; — Carta á Presciliana Duarte de Almeida, Ibrantina Cardona; — De longe, poesia, Aurea Pires; — Carta com ares de chronica, Maria Emilia; — Lenda, Maria Clara; — Selecção; — Notas pequenas.

Chronica omnimoda

Nem a mulher que vota, nem a mulher que mata!

Nem Luisa Michel, nem Carlota Corday!...

* * *

Parece-me que é mais luctuosa do que risonha a data, que hoje se commemora.

Ainda se não conta um decennio da proclamação da Republica e dir-se-ia que um seculo transcorreu já, tão cruciantes agonias constringem a alma nacional!

Dois dias após o memoravel 15 de Novembro de 1889, ouvi, alli no velho theatro *S. José*, palavras tranquillisadoras, cahidas como gottas de um orvalho celeste dos labios encarnados de um fogoso propagandista...

Assegurava elle ás familias paulistas a paz, a mais octaviana; e o respeito, o mais inquebrantavel ao lar domestico..

* * *

Entretanto...

Entretanto, quem compulsar as paginas da curta historia desta Republica, pasmará ante a absoluta falta de cumprimento dessa promessa!

Em menos de dez annos de novo regimen, o coração das brazileiras patriotas se tem compungido, ante as scenas da mais requintada barbaria!

As mais lancinantes dôres têm asseteado o seu fragilimo peito!...

Não quero aqui resvalar para o terreno escorregadio e ingrato da politica...

Detesto tanto a mulher que vota, como a mulher que mata...

O meu ideal é Cornelia, mãe dor Gracchos!...

Abomino, por egual, a Luiza Michel e a Carlota Corday!...

Mas, sempre direi que o sentimentalismo feminino, traço caracteristico das minhas compatriotas, por mais de uma vez, tem sido fortemente abalado!

Exemplifiquemos:

* * *

O edificio da Republica se iniciou, gravanda em seu portico uma tragedia inteira de Shakspeare...

O velho monarcha desterrado, tacteando nas trevas do Largo do Paço, encarnou perfeitamente o rei *Lear*, expulso pela ingratidão monstruosa das filhas degeneradas!...

Com uma differença notavel: não teve a sua Cordelia!...

Onde se escondêra naquelle tragico momento a celebrada cordura brazileira; em que escuro antro se occultou a famigerada brandura do nosso caracter?!...

* * *

Mães brazileiras, que vos tinheis accostumado a vêr na velha soberana o modelo mais completo de todas as virtudes domesticas, onde vos sumistes, naquelle angustioso transe?!...

Como foi que consentistes que apontassem, de tal modo, o caminho do ostracismo, á mais suave, á mais meiga das mães, sem, ao menos, o protesto mudo das vossas lagrimas e de vossos gemidos abafados?!...

Seria possivel que tambem vós, ó corações dedicadissimos; seria possivel que tambem vós estivesseis convencidas da necessidade de tamanho sacrificio?!...

O Molock insaciavel da demagogia rubra reclamava o holocausto de tal victima propiciatoria?!...

* * *

E que nos déram em troca?...

Sim, com que justificaram o exicio das velhas instituições?...

Para responder, ahi estão Cucuhy, Rio Grande do Sul, a bahia de Guanabára, Canudos e o... *anspeçada de ferro!*...

Temos vivido em continuas perturbações, podendo-se dizer que só fizemos a Republica, por espirito de imitação...

Precisavamos de nos... *sul-americanisar!*

Faltava-nos o attentado contra os depositarios do poder supremo...

Ahi temos a corôa do edificio: está completa a nossa educação politica!...

* * *

Eleve-se, porém, um protesto contra essa anarchia que nos ame-

aça e que surja elle do seio das familias brazileiras!

Nos homens que nos governam, já ninguem mais póde ter confiança...

O poder é a sua unica aspiração...

A regeneração social depende da influencia da mulher brazileira, deve promanar do lar domestico!

As lições de patriotismo, ministradas pelas mães, essas é que hão de operar o prodigio da regeneração nacional!

Por isso é que aponto a Cornelia, mãe dos Gracchos, como um modelo, digno de imitação.

A educação da mocidade é a mais grata occupação da mulher!

Eu aborreço aos viragos!

* * *

Nem a mulher que vota, nem a mulher que mata!...

Nem Luiza Michel, nem Carlota Corday!...

S. Paulo, 15 Novembro 1897.

J. Vieira de Almeida.

Gonçalves Dias

Ao cantor inspirado e bom do Pindorama
A mulher brazileira uma grinalda tece...
De sonhos de oiro e luz sua alma se recama!
Como que o seu orgulho innato e grande cresce
Para poder sorrindo o nome gloriar
Desse, que como a selva enorme e secular,
Synthetisa a belleza amazonica e rude,
Belleza singular e sã, que nunca illude!

Nós nascemos assim! Nós amamos a gloria!
Adoramos o Poeta imaginoso e altivo
Que embellezou a patria e primitiva historia!...
Seus versos têm o tom do acre cheiro activo
Da matta viridante e farta do Brazil,
Que rumoreja ao vento e sob um céu de anil!

Modelemos-lhe em bronze a faustosa grinalda
Que a gloria brazileira o pavilhão desfralda!

10 de Novembro de 1897.

Presciliana Duarte de Almeida.

Carta do Rio

Ha dois dias que esta grande capital está sob a dolorosa impressão que causou o nefando attentado contra o Presidente da Republica e occasionou a morte do inclyto e valoroso Marechal Bittencourt. A expressão do pezar e da magoa lê-se em todos os semblantes.

Nós, mulheres brazileiras, envergonhamo-nos desse triste acontecimento que enlutou a alma nacional, porque foi um brazileiro o auctor de tão barbaro crime.

O Marechal está hoje immortalisado. O seu enterro foi uma apotheose, sentia-se que a alma do povo soluçava diante de seu tumulo coberto de flores! E que morte cheia de heroismo! Quanta abnegação! Para salvar um amigo querido e um chefe respeitavel, elle o valoroso e bravo Marechal não trepidou em expor seu peito ao punhal assasino.

Morreu como vivera — legando um exemplo de altruismo e de heroica disciplina aos republicanos sinceros.

«Victima do dever» foi o distico que se lia nas fitas da riquissima grinalda que o estado de Minas offereceu ao grande morto. Expressiva e verdadeira essa inscripção tão singela!

Duzentas e tantas grinaldas sobre a sua sepultura! A' desventurada esposa do Marechal e aos 11 queridos filhinhos que deixou, essa manifestação espontanea de pezar e de respeito do povo, ha de commover em extremo. Sobre o tumulo do glorioso Marechal Bittencourt — martyr de seu grande coração — eu verto sinceras lagrimas de dor!

O mais importante acontecimento artistico da quinzena foi, sem duvida, a exposição de pintura da «Escola ao ar livre», dos alumnos do paysagista Parreiras. São 4 os expositores, entre elles uma senhora, e 60 os quadros. Alvaro Cautanheda expõe 25 telas. Elle é o mais adiantado dos discipulos de Parreiras. De seus quadros destaco o de n.º 24 — Rua em ladeira — que me agradou muito pela correção do desenho e verdade das côres.

Ha nesse trabalho muita perspectiva, a gente vê que as pilastras d'aquelle portãosinho são feitas com geometricas proporções.

O quadro n.º 21 — Rancho de Camaradas — é dfficilimo mas não agrada geralmente. As brazas daquelle fogão rustico que os camaradas costumam fazer nos ranchos, são brazas verdadeiras, sente-se que aquella côr é quente, é de fogo; mas o aspecto geral é triste, não impressiona bem.

A maneira do Snr. Cautanheda

interpretar a natureza é bem diversa da de seu profesor. Assim é que eu comprehendo o talento de um artista.

Abomino a rotina que entendia que o alumno seria a continuação do mestre! Cada um deve pintar como sente, como comprehende e como vê a Natureza — a grande mestra.

D. Hortencia apresenta 3 bons trabalhos. Incontestavelmente os melhores quadros do Snr. Alberto Silva são Mangueiras e Amendoeiras. Quanta verdade, observação e poesia nesses trabalhos! Adivinha-se logo que o pintor é um poeta. Os reflexos da luz do sol são feitos por mão de artista. Do mesmo pintor destacarei ainda o qnadrinho «Roça».

Ha muita alegria nessa téla e eu adoro os quadros claros e alegres.

Faz-nos lembrar, esse quadro, umas casinhas rusticas que vimos na infancia, assim vagamente, sem poder precisar a epocha e nem o logar.

O quadro n.º 31 — Porteira — é muito bello. Fala-nos á alma das paysagens do sertão.

O Snr. Silvio Moreira apresenta um bello estudo de mar no quadrinho n.º 50. A espuma da praia é fiel e parece que as aguas vão e voltam nas ondas impetuosas d'aquelle mar agitado.

Os quadros tinham grande abundancia de verniz, principalmente sobre o verde das arvores e dos montes e o verniz usado assim, em demasia, prejudica os effeitos da luz.

Em todo o caso essa exposição denota que a arte da pintura vae fazendo progressos, entre nós.

Parabens sinceros a Parreiras e seus talentosos discipulos.

Não quero terminar esta carta como principiei, com uma nota triste; muito ao contrario quero contar aos leitores da *Mensageira* cousas alegres.

Assisti, ha dias, a uma festa intima, por occasião do anniversario natalicio do marido de uma amiga. O programma da festa, originalissimo, começava pela «Manifestação dos Bébês — um grupo de engraçados rapazes que vestidos como creancinhas de 2 annos, de touca, camisola ampla, babadouro e pandeirinho á mão — faziam-nos rir a morrer. Imaginem, os rapazes pareciam verdadeiras creancinhas, falavam em linguagem incerta, titubeando e andavam como quem ensaia os primeiros passos, cáe aqui, cáe acolá. A festa continuou pela noite a dentro, cheia sempre de surprezas e originalidades e terminou com uma engraçada comedia e um enthusiasmado Cotillon. Arremedar uma creança com graça

e naturalidade é muito mais difficil do que arremedar o Fregoli. Quem duvidar... experimente, é um brinquedo inoffensivo.

7 de Novembro.

Maria Clara da Cunha Santos.

Horas de sonho

Do meu piano a musica sentida,
Nos seus accordes magicos, saudosos,
Longe me leva em sonhos venturosos
Na aza voando de illusão querida.

E se a minh'alma sinto entristecida,
E se no peito sinto os venenosos
Espinhos da saudade, torturosos,
No coração me abrindo uma ferida

Choro, e da *Norma* sinto que os gemidos,
Fazem-me bem, e, vou nos sons doridos
Dessa divina musica, sonhando...

E esta minh'alma triste, apaixonada,
Que tanto soffre, sente-se embalada,
Feliz, na dór que a vive alimentando!

Georgina Teixeira.

Carta

A' Presciliana Duarte de Almeida.

Minha Senhora:

Ter amor pela leitura, diz Montesquieu, é trocar as horas de tedio por horas deliciosas. E, realmente, depois que li *A Mensageira,* senti commigo essa satisfação espiritual que, deixando-me, gor algumas horas, esquecida de uma persistente e manhosa enfermidade que ha mezes me aniquila o corpo, concorreu para que eu recobrasse o enthusiasmo para dizer vos, na phrase de M.me de Stael, que — «a vós pertence um logar entre aquellas que bem mostram ser a mulher apta para todos os arrojos do engenho humano».

E, para confirmar esta asserção, aqui está, sobre a minha mesa de trabalho, *A Mensageira,* cujo programma revela o mais louvavel tentamen de um espirito superior, em favor da instrucção; aqui estão os preciosos fructos intellectuaes das pensadoras que acompanham a marcha do progresso, sob o labaro triumphal da Arte.

Julia Lopes de Almeida, na sua prosa adoravel, disse-nos que: «se não temos medicas e escriptoras de mais, tambem não temos de menos; que a mulher brazileira conhece que póde querer mais do que até aqui tem querido; que póde fazer mais do que até aqui tem feito».

E tanto assim é, que esta observação da sympathica autora da *Familia Medeiros* torna-se incontestavel perante o apparecimento de novos nomes que, dia a dia, assignalam uma época de progresso na literatura feminina.

Em todos os Estados do Norte da Republica, nota-se um grande numero de escriptoras, as quaes, muito principalmente as citadas pel'*A Mensageira*, são dignas dos mais enthusiasticos applausos pelo seu real merecimento.

Tambem no Sul, principalmente no Estado do Rio Grande, há um elevado numero de escriptoras, dentre as quaes salientarei, pelo seu masculo talento e cultivo espiritual, a infatigavel Revocata Heloisa de Mello. Esta notavel escriptora reune no seu complexo temperamento de artista de raça, a tenacidade de uma laboriosa excepcional que, não obstante as atribulações de uma vida votada ao magisterio, acha o indispensavel para desenvolver todo o movimento da literatura feminina pelas paginas d'*O Corymbo*, jornal que ella propria fundou e que mantém, semanalmente, sob a sua redacção, há quatorze annos.

E foi pel'*O Corymbo* que Revocata de Mello advogou a causa do seu ideial: — a instrucção da mulher e a sua influencia moral na sociedade — traçando artigos vibrantes, n'uma orientação tenaz, n'uma logica inquebrantavel, cheios de conceitos e de bellezas admiraveis, que firmaram o nome immorredouro na literatura nacional.

D. Guiomar Torrezão, prestando justa homenagem ao peregrino talento de Revocata Mello, n'uma recente publicação, em Lisbôa, inseriu o seguinte topico biographico.

«E' uma distincta senhora que muito tem trabalhado para a elevação do nivel intellectual de mulher, no Brasil. Desde muito creança principiou a cultivar a poesia.

Os seus primeiros versos foram publicados em 1874, n'*A Grinalda;* em seguida fez parte da redacção literaria do *Diario de Pelotas,* folha hoje extincta. Nascida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, descende a estimada escriptora de uma familia conhecida no mundo das letras. Sua mãe, já fallecida, foi tambem uma apreciada poetisa.

D. Revocata publicou há tempo um livro de prosa, intitulado *Folhas errantes,* prefaciado pelo escriptor Mucio Teixeira: redige, há quatorze annos *O Corymbo*, interessante revista em cujas columnas conseguiu illustrar o seu nome. Tem collaborado em muitos jornaes brasileiros, assim como n'*A Patria Illustrada*, que outr'ora sahiu a lume em Buenos Ayres, e, de collaboração com sua intelligente irmã, D. Julieta de Mello Monteiro escreveu o *Coração de mãe*, drama em dois actos, além d'outro, intitulado *Mario.*»

Julio Ribeiro, o saudoso philologo paulista, escreveu no *Correio de Santos,* a 23 de Janeiro de 1886,

em numero especial, dedicado á Revocata:

«Espirito superior, Revocata de Mello soube quebrar as prisões com que nós procuramos abafar as aspirações feminis, e fez voar o seu nome dos *pampas* do Rio Grande ás florestas do *Amazonas.*»

Como escriptora de egual merecimento, tambem nascida em Porto Alegre, tivemos Maria Benedicta de Borghman, (Délia, fallecida em 1895) que tanto brilhou estreiando-se na *Gazeta da Tarde,* onde escrevia folhetins, ao lado de José do Patrocinio, e na *Gazeta de Noticias*, ao lado de Ferreira de Araujo.

Collaborou tambem n'*O Paiz,* escrevendo bellissimos contos, ao lado de Quintino Bocayuva. Como romancista, publicou *As duas irmãs, Magdalena, Aurelia, Celeste e Lesbia.* Délia foi considerada como uma das mais notaveis escriptoras do Brasil contemporaneo.

Actualmente, Revocata de Mello é a escriptora que mais brilha na literatura do Sul; é um astro de primeira grandeza, que tem como satellites: — Julieta de Mello Monteiro, a primorosa poetisa dos *Preludios*, d'*Alma e coração*, dos *Oscillantes* e do *Tabernaculo;* Andradina de Oliveira, elegante prosadora dos *Preludios;* Luiza Cavalcanti Guimarães, poetisa das *Alvoradas;* Candida Fortes, Tercilia Nunes Lobo, Anna Aurora do Amaral, Carlota do Amaral Lisbôa, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Carolina Koseritz, Zamira Lisbôa, Maria de Menezes, Paula Ferreira, Geldipa Guimarães e outras cujos nomes me escapam da memoria.

Emquanto estas, pelo magisterio, pelo jornalismo e pela literatura, revelam a capacidade do talento feminino, outras, dedicando-se arduamente ao estudo scientifico, tambem provam as suas aptidões, marchando pelo progresso, calcando preconceitos, tomando como roteiro as tradições dos brilhantes cursos academicos das D.^{ras} Antonieta Dias Morpurgo e Rita Lobato Lopes.

Digam lá, como o querem muitos, que as mulheres não passam de donas de casa, que o mesmo coração que afaga com ternura um filhinho adorado, não sente o impulso da coragem para as luctas da vida, não se enthusiasma pelos grandes commettimentos, não se angustia tambem, quando o seu torrão natal passa pelos transes afflictivos da guerra, e não corre ao campo da batalha para defendel-o....

Dou como exemplo de mulher patriotica, D. Gabriella de Mattos que acompanhou o exercito Federalista em 1893, no Rio Grande do Sul, na brigada que operou sob ás ordens de Juca Tigre. De uma Folha do Norte que publicou o retrato dessa heroina, guardo na me-

moria o seguinte trecho biographico:

«Ao iniciar-se o movimento federalistas, D. Gabriella de Mattos, estancieira mandou tocar todo o seu gado para o Estado Oriental, pôl-o ás ordens de Silva Tavares; mandou desasete peiões, aos quaes pagou integralmente dois annos de salario, encorporarem-se ás forças de Juca Tigre, ao qual entregou 20:000$000 em metal, prata e onças hespanholas e todas as joias que possuia.»

Nobre exemplo de civismo feminino!

A mulher possue todos os dotes com que a Natureza dotou o homem, e em nenhum d'elles torna-se-lhe inferior.

Instruida com solidez, ella não será um peso para o seu companheiro, um fardo para a sociedade; mas, sim, um braço forte que luctará com dignidade e altivez para a felicidade da familia e para orgulho desta grande Patria.

Alguem disse que instruir a mulher é preparar as gerações futuras; sim, porque é justamente pela instrucção da mulher que se começa a do homem; e, como o disse o grande Napoleão: «o futuro de de um filho é sempre obra de sua mãe.»

Minha Senhora, eu queria sómente, na galeria das mulheres modernas, destacar o vosso gracioso vulto, cujo espirito já é, desde há muito, familiarisado com o meu, pelos vossos crystalinos versos; queria, cedendo-me á irresistivel attracção com que prendeis a minha admiração pelo vosso luminoso talento, apertar as vossas delicadas mãos, e ia dissertando sobre um thema que melhor cabe á penna de Julia Lopes, quando escreve contemplando as angelicas filhinhas; mas, esta revista, exclusivamente dedicada á mulher, se encheu-me de enthusiasmo pelo vosso prestigio, orgulhando-me, pela parte que se destina a mim, tambem me despertou uma saudosa recordação das minhas distinctas conterraneas; e porisso é que, aliiadas ás minhas felicitações, escapam-se-me duas palavras sobre a instrucção e o valor das nossas patricias.

Oxalá que *A Mensageira* da civilisação, na espinhosa sendo porque vae atravessar, conseguindo erguer a mulher ao nivel da luz, no plaustro azul da Arte, possa desfraldar o lábaro da victoria, para compensação do vosso immaculado ideial, minha Senhora!

Da adr.ª patricia e collega

Campinas, 3—11—97.

IBRANTINA CARDONA.

De Longe

A'. Ignez Sabino

Porque não vens? Porque? Acaso tu não sabes
Que eu morro de saudade aqui neste deserto
Com a alma lacerada e o coração coberto
De luto e de afflicção? Para que assim me acabes
Esta vida que é tua o que te fiz? Responde?
Olha, não posso mais lutar com a minha sorte,
Já se estende em meu rosto a pallidez da morte,
Tudo em volta de mim é sombra, o sol se esconde
Já não me beija a face!...

A's vezes no meu leito
Quando a noite vae alta acordo soluçando
E fico a meditar!... E as horas vão passando,
Mas não passa esta dor que geme no meu peito!

Nas estrellas, na luz formosa do luar,
Nas roseiras em flor, na casta sensitiva,
Na alegria divina e communicativa
Da creança feliz, no doce murmurar
De uma fonte escondida entre a ramagem verde,
No ceu, no valle, emfim, não vejo mais belleza,
Não vejo mais poesia, immersa na tristeza
— Profundo abysmo escuro onde esta alma se perde!

Porque te amei na vida? o' tu que me fugiste
Para sempre talvez!... Quem sabe se me odeias
E que livre de Amar tu'alma sem cadeias
Sorri-se e em sonhos douro o teu viver consiste?
Emquanto eu soffro aqui sem ter quem me soccorra
Sem ter quem me console, ha tanto tempo já!
Tem piedade de mim! Não te commoverá
Meu lamento de dor, ou tu queres que eu morra?

Porque não vens?... Mas não, não, tu não sabes nada!
Não vês correr meu pranto e nem vês meus pezares.
E entre nós se apresenta a vastidão dos mares!...
Tu não podes ouvir a minha voz magoada
Que te chama debalde!...

Ai nesta soledade
Virgem Mãe de Jesus, quem me pode valer?
Eu sei que lá te prende a algema do dever!
Eu sei que tu não vens! E eu morro de saudade!

AUREA PIRES.

Carta
com ares de chronica

Minha Poetisa.

Depois de haver enviado á *Mensageira* o meu artigo intitulado *Falso encanto*, foi que tive a satisfação de receber o primeiro numero da revista que se publica sob a sua direcção e que tanto se preoccupa com o aperfeiçoamento moral da mulher. Faz bem! Já em 1869 o eminente exilado de Jersey, o immortal poeta e grande democrata, Victor Hugo emfim, erguia a sua voz no encerramento do congresso da paz em Lausana, e proclamava, entre delirantes applausos da multidão, o «direito da mulher como igual ao do homem»; direito esse que temos deixado profligar e que, mesmo quando queremos defender, desvirtuamos algumas vezes pelo exaggero das theses. Nada, portanto, de exaltação.

Queremos a igualdade da mulher tal como é descripta pelo immortal e bom Legouvé, *igualdade na differença*, igualdade que póde existir sem prejuizo de nenhuma das duas metades do genero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. Concorda? Então passemos adiante.

Entre as brazileiras mencionadas no seu artigo de apresentação teve a generosidade de collocar-me. Houve, porém, ligeiro engano quanto ao meu ultimo nome, que raramente assigno e é Lemos.

Maria Emilia da Rocha é pseudonymo de um literato do Rio que de ha muito zomba dos leitores do *Paiz* andando *vestido de saias!* Por coincidencia adoptou os meus dois primeiros nomes e mais de uma vez tenho tido necessidade de regeitar os elogios feitos aos seus sonetos attribuidos a mim, que, infelizmente, só escrevo em prosa! Digo infelizmente porque a Poesia é depois da Musica a maior consoladora da fragil humanidade. O verdadeiro poeta encontra sempre um echo em nossos corações! Sentimos as suas alegrias e choramos as suas amarguras! Ah! ser poeta é ter a faculdade de agradar fallando unicamante no que nos interessa, no que nos vem do coração! Para o prosador o publico é mais exigente: quer sempre uma ideia que interesse, sinão a todos, pelo menos a grande numero de leitores.

Para terminar estas linhas devo dar-lhe os mais festivos emboras pela iniciação de sua vida jornalistica. A *Mensageira* aqui nestas regiões silenciosas e tristes do interior chega como a pomba d'alliança, trazendo ao nosso espirito sequioso do *novo* e do *bello* uma

doce recreação qual a de podermos por instantes *ouvir* a prosa incomparavel de Julia Lopes ou a conversação engraçada e alegre de Maria Clara. Nas poetisas não falo! A ellas já me referi quando falei dos poetas em geral!

Portanto, ponto.

Minas, Novembro 97.

Maria Emilia.

Lenda

(No album de Maria Luiza Coelho)

No principio do mundo, appareceu cá na terra um anjo, que se gabava de ser um dos preferidos de Deus. Tinha amplos poderes, só fazia o que queria. Favôres, preciosas dadivas concedia elle amiudadas vezes.

Um dia o anjo encontrou-se em ignotas paragens com tres moças formosissimas e encantadoras.

Preso de amores por ellas, prometteu conceder-lhes as graças todas que solicitassem.

Cada uma, disse o anjo, formule seu pedido.

Eu, disse a primeira — quero que a primavera seja eterna, odeio o inverno, o frio que me faz lembrar a morte. Quero viver sempre em atmosphéra cálida, ver flores viçosas o exhuberantes, sentir nas veias o meu sangue ardente, eu quero o calor, eu quero a vida.

A segunda disse: Eu quero eterna a primavera humana, quero ser sempre joven, abomino a velhice com seu tristissimo cortejo de frias realidades.

Ser joven eternamente, que delicia! E' a minha suprema aspiração!

A terceira estava calada, o anjo lhe disse então: Fala tambem, dize o que desejas.

— Eu, responde humildemente — quero que marques a fronte dos ingratos com um estygma ignominioso — para que sejam conhecidos e delles possamos fugir. E ao dizer estas palavras, pensava ainda em seu adorado ingrato, que lhe roubara para sempre a calma, a esperança, a alegria.

O anjo, embaraçado com pedidos tão custosos, pensou comsigo mesmo: Graças desta ordem, estão fóra de minha alçada; revogar as leis do mundo... eu não posso. E voou, foi ao céo... e voltou triste dizendo que o pedido da terceira não fôra attendido para não haver distincções, comquanto Deus o achasse muito razoavel. Os outros desejos de primavera eterna e de eterna mocidade — foram rejeitados por serem absurdos!

Maria Clara da Cunha Santos.

Selecção

Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar.

Porque sois as bellas filhas desta idade, que se illustrou por George Sand e Emilia Girardin, por M.me de Stael e Harriet Stowe. Ainda mais: porque sois filhas desta magnifica terra da America — patria das utopias, — região creada para a realisação de todos os sonhos da liberdade, — de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realisou a emancipação dos homens, ha de realisar a emancipação da mulher.

CASTRO ALVES.

(Carta ás senhoras bahianas.)

Quando o marido e a mulher forão criados nos mesmos principios de sensatez e trabalho, quando existe entre elles combinação de esforços e analogia de sentimentos, quando forão desde o berço submettidos á mesma disciplina mental, não restará duvida sobre a felicidade que os ha de unir.

AMERICO WERNECK.

(Arte de Educar os Filhos.)

Notas pequenas

Escriptoras nacionaes.

A *Revista do Brazil*, noticiando o apparecimento da *Mensageira*, lembra os nomes de Edwiges de Sá Pereira, Francisca Clotilde, Julia de Azevedo e Zenobia do Carmo que «nunca deverão ser esquecidas» entre as literatas brazileiras. Cremos que são todas aquellas senhoras do Norte do Brazil (como o director da *Revista)*, e não tivemos ainda a ventura de ler os seus trabalhos literarios.

Lendo a reclamação da *Revista* e a *Carta* de Ibrantina Cardona, que aqui inserimos hoje, mais nos convencemos de que tinhamos necessidade de uma publicação que como a *Mensageira,* visasse o congraçamento das escriptoras nacionaes. Assim pensando, almejamos que, tanto as do Norte como as do Sul, venham ligar-se ás do centro para que com toda a pujança e brilhantismo seja a nossa revista um attestado vivo da capacidade intellectual das brazileiras. A união faz a força, diz a sabedoria popular, e, ao terminar esta noticia, lembramos ainda os nomes de Ernestina Varela e Ignez Sabino, que não foram até agora citados.

Gonçalves Dias — Ha tempos, Olavo Bilac e Bernardelli tiveram a grandiosa ideia de perpetuar no

bronze a admiração das brazileiras a Gonçalves Dias e José de Alencar. Por essa occasião tivemos a felicidade de fazer o pouco que nos coube em prol da realisação dessa homenagem que, glorificando o nome dos poetas, glorificava tambem o da mulher brazileira.

Hoje agita-se de novo a questão em S. Paulo. Alguns distinctos homens de letras dirigiram uma bellissima carta ás senhoras paulistas, carta que a *Mensageira* tem o dever de trasladar para suas columnas, declarando que está prompta a receber as dadivas que por seu intermedio quizerem fazer a Gonçalves Dias. E, para começar:

Redacção da *Mensageira* Rs. 10$000

A's senhoras paulistas

Senhoras:

Não é para coroar a fronte dos guerreiros, nem para amparar a infancia desprotegida; não é para hospitaes nem para créches que hoje vimos, joelhos dobrados diante da soberania de vossa Bondade, pedir que as vossas mãos se espalmem no impulso de um obulo, essas mãos generosas de patricias, em que as dadivas refulgem mais pelo brilho irradiado da meiga luz de vossos corações do que pelo valor intrinseco que ellas encerrem.

Não se apella aqui para a vossa caridade, appella-se para o vosso orgulho de brasileiras e de paulistas, não se pede uma esmola, exige-se uma divida.

E' em nome da poesia, é em nome da Arte Sagrada que se vos exhorta; dessa Arte que veio através do tempo como um sopro divino espiritualisando o barro, contorneando o blocco tosco e grosseiro dos primitivos instinctos na graciosa e nobre forma do sentimento.

A poesia é uma mulher; a poesia sois vós.

E' da revoada dos vossos sonhos e dos vossos affectos, aves azues escapadas pela claridade dos vossos olhos, que o poeta forma o viveiro aonde canta o passaredo das suas rimas.

Os poetas de hontem, os poetas de hoje e os poetas de amanhã são os sacerdotes do Amor, que elles pontificam no altar da vossa Graça e da vossa Virtude, erguendo a hostia perpetuadora do Beijo nos dedos finos e fidalgos do Verso.

Olavo Bilac, um poeta, um artista, um desses torturados que palmilham a pedra das ruas na grande insaciedade do sonho, do indefinivel Ideal, para que tem sempre os olhos voltados, mas que cégos, pela sua Luz, tacteando sempre, nunca tocam com a profanação material dos dedos, teve a idéa de enraizar n'um canto da terra da Patria, um monumento

singelo e humilde, que marque pelas Eras, n'um symbolismo evocante, a memoria de um grande espirito, de um sopro divino que um dia aqueceu e animou a maquette de limo.

Esse evolado espirito que ainda hoje sobre o nosso esvoaça n'um ruflar sonorissimo de versos de azas de ouro, chama-se Gonçalves Dias.

Quem de vós ainda não ouviu o zumbido musical das suas estrophes, cigarreando a nossa grandeza, a virgindade gigantesca das nossas tradições, representada no embate homerico da vetusta galhada das nossas mattas incultas, quando a bocca dos ventos sacode a cabelleira verde das frondes, nos terriveis tangapemas vibrados pelas mãos ageis e herculeas dos nossos cablocos, nos maracas e nos borés sinistros clangorando na solidão das selvas a victoria das tribus e no amor nú e casto das virgens de bronze, ardentes no affecto, ingenuas na nudez, selvangens, mas puras como o diamante mais limpido que a industria arranca ás entranhas das minas, e cujos olhos de fogo reflectem-se pelas noites, no céo, na forma irradiante das estrellas.

Foi elle, foi Gonçalves Dias, quem fez reviver em rimas a tradição do nosso caracter, do nosso antigo orgulho selvagem, que as espadas conquistadoras dos soldados do Occidente foram podando ao mesmo tempo que os machados iam mutilando a magestade secular dos cedros.

Gonçalves Dias é o poeta da Patria. Nelle é que se vae beber a eloquencia da nossa primitividade, a saudade nostalgica do nosso berço, no cadenciado movimento das redes que embalaram os nossos primeiros sonhos, á sombra das arvores enrodilhadas de cipós, ao meneio suave do verde leque das palmeiras agrestes.

Mas esse sangue que foi derramado nas carnificinas da conquista ainda escachoa nas nossas veias, não estancou de todo, nem esfriou nas golpeadas artérias; somos ainda rudes e francos no amor e no odio.

Por mais que se queira transfundir em nós os vicios e as hypocrisias do Mundo Occidental, ruge-nos nalma ainda a indomabilidade dos Aymorés, a bravura nobre dos Goytacazes e o garbo cavalheiro dos Guaycurús.

Gonçalves Dias condensou tudo isso e o seu grande poema selvagem *Yuca Pirama* é o caracteristico da insubmissibilidade da nossa raça, é o livro aberto em que se bebe patriotismo, haurindo-se nelle a força da resistencia contra quem quer que ouse duvidar da nossa liberdade e das nossas energias viris.

E' para o homero das illyadas sul-americanas, para esse primeiro clarim da nossa nacionalidade, que pedimos a vossa homenagem, traduzida, em dadivas para o seu monumento.

Bohemios amantissimos de todas as virtudes, temos certeza de que as vossas mãos, que os poetas vivos cantam, abrir-se-hão para glorificar com um obulo o nome de um poeta immortal.

Cabaré de Sapo Morto. — André Gil, Michel Bohême Meio Sapo Zé Falstaff, Zulmo Marco, D. Bibas, Souto Feliz, Jatobá, João Minhoca, Magriço.

Analia Franco — Desejando obter a collaboração desta notavel brazileira que tantas e tão bellas paginas escreveu sobre educação, e ignorando o seu paradeiro, dirigimo-nos á illustre escriptora Josephina Alvares de Azevedo, redactora da *Familia*, pedindo-lhe informações a respeito; e foi com a mais profunda magua que tivemos então conhecimento de que Analia Franco se recolhera a vida privada ferida por terrivel cegueira.

Sem poder amenisar as agruras da sorte daquella que tão agradaveis leituras nos proporcionou, guardamos-lhe todavia em nossa alma profunda sympathia e indelevel recordação.

A Estação — Os numeros 19 e 20 desta magnifica folha de modas vêm repletos de bonitos figurinos e trazem ainda excellente parte literaria, constando de trabalhos de Machado de Assis, *Eloy, o Heroe,* e outros. Agradecemos a remessa que nos foi feita e desejamos que continúe a sua vida triumphal aquella publicação que conta já o XXVI anno de existencia.

Plectros — Com este titulo será brevemente atirado á luz da publicidade um livro de versos da poetisa rio-grandense Ibrantina Cardona. Sabemos que trará um prefacio de Carlos Ferreira e o retrato da auctora.

Aguardamo-lo com o interesse que sempre nos desperta o trabalho de qualquer patricia.

A Viuva Simões — Não nos foi possivel dar hoje a promettida critica daquelle romance de Julia Lopes de Almeida, pelo que pedimos desculpas a nossas leitoras.

Aos nossos assignantes, tanto desta capital como de fóra, rogamos o obsequio de nos enviarem a importancia de suas assignaturas até o fim do mez, antecipando-lhes por essa fineza a nossa gratidão.

São Paulo 30 de Novembro de 1897 Anno I, N. 4

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — A nossa condição, M. P. C. D.; — Velha saudade, soneto, Georgina Teixeira; — Carta do Rio, Maria Clara da C. Santos; — Noite, soneto, Amelia de Oliveira; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Supplica, poesia, Arthur Andrade; — O trabalho de verso, soneto, Manoel Viotti; — Selecção; — O ramo da esperança, poesia, Samuel Porto; — Na Thebaida, Ignez Sabino; — As cartas, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Dão licença, Georgina Santiago; — A Mensageira; — Notas pequenas.

A nossa condição

É demais; a tolerancia tem attingido o seu ultimo grau!

Precisamos de uma completa reforma na educação moral da mulher. Ella precisa saber que tendo intelligencia e nobres aspirações não deve opprimir e limitar seu pensamento. Não basta que lhe arda no cerebro o fogo da inspiração e a comprehensão do bello, é necessario que patenteie, em linguagem clara e precisa, esses sentimentos e essas inspirações. É mister que a sua maneira de pensar seja francamente apresentada, e que a crença tradicional e sem fundamento algum que julga que a mulher se affastando da limitada esphera intellectual que lhe circumscreve o egoismo da metade da humanidade não seja bôa esposa e bôa mãe, seja lançada ao olvido.

Para os espiritos frivolos, a mulher instruida não póde ser bôa esposa, porque julgam que o estudo lhe rouba o tempo destinado aos arranjos domesticos e á creação dos filhos. Empregamos aqui o termo creação em vez de educação, porque esta só poderá ser dada por quem a tiver, e a mulher que satisfizer a esses espiritos frivolos, ha de necessariamente não ter educação, e portanto não poderá dispensar a seus filhos mais que a creação, a qual sem a educação nos colloca ao nivel dos irracionaes.

A mulher instruida será melhor mãe que a ignorante, prova-nos a experiencia e attesta-nos a razão. Seria mais facil contermos com a fragilidade de nossos braços a impetuosidade de uma corrente, que negarmos esta verdade! Citaremos aqui um pensamento do Marquez

de Maricá, comprovando a nossa asserção: «Pode-se avaliar a civilisação de um povo, pela attenção, decencia, consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas.»

Não admittimos o egoismo nesta questão — a instrucção. Um homem civilisado e intelligente deve instruir e educar suas filhas, pela melhor fórma que lhe permittirem as suas circumstancias.

Ha entretanto homens doutos, cujas filhas são quasi analphabetas!

Mas, perguntamos, esses homens merecem a consideração da sociedade e o nome de bons cidadãos? Não, de certo. Elles devem ser estigmatizados porque para ella cavam uma ruina, descuidando-se da educação de suas filhas, que amanhã serão esposas e mães, e como taes, responsaveis pela prosperidade de uma geração.

Seria inconveniente, e até mesmo detestavel, uma mulher que entregue completamente a seus estudos, não se lembrasse de que seus filhos, ao cuidado da creada, almoçaram doces em vez de bifes e que em pleno mez de Janeiro, na força do calor, dormiram de camisola de flanella; que a sala de visitas não foi varrida e que os moveis conservam-se cheios de pó! Isso não seria só atrazo para o marido, seria uma calamidade para toda a familia. Mas, afastemos de nosso espirito esse typo de mulher inutil e pensemos em uma M.me de Sevigné, que ao mesmo tempo que escrevia suas cartas, que são flores da literatura universal, escrevia e assignava receitas de doces, fazendo-os ella mesma, com admiravel perfeição.

Não basta que comprehendamos a utilidade e os attractivos do espirito cultivado, é mistér que façamos de nossa parte o maior esforço possivel, procurando instruir-nos e desenvolver-nos a bem da patria e da familia.

Quanto mais illustrada e intelligente for uma mulher, tanto mais zelosa e cumpridora de seus deveres será. E ainda ha quem receie esclarecel-a com a luz da verdade temendo um futuro de trevas! Oh! é preciso que se arranque do espirito de certos homens essa crença retrograda, que é a bronzea cadêa que nos opprime. E como romper essa prisão que anniquila o pensamento e esterilisa a intelligencia? Estudando, e estudando muito.

Negar a instrucção a uma filha é um attentado revoltante, é negar a mão ao cego que vacillante circumda o abysmo, é negar o pão ao mendigo que desfallece e morre de fraqueza.

Em algumas das capitaes do Brazil, como em S. Paulo, já se encontram estabelecimentos de educação onde a mulher póde elucidar

e prover a sua intelligencia dignamente; e amanhã, quando os lyceus e gymnasios se acharem pelo interior dos Estados, dissipando a ignorancia e elevando o nivel intellectual da mulher, uma alegria profunda virá nos animar, compensando as indisposições que acarretamos agora que francamente reclamamos a instrucção para a mulher.

M. P. C. D.

Velha Saudade

A Presciliana Duarte de Almeida

Eu fico horas inteiras contemplando
Os céus em noites de luar, saudosa...
E se uma nuvem passa vagarosa
Da lua a face pallida occultando,

E se uma estrella vejo se apagando,
Que palpitante eu via e luminosa
Como dourada flôr, irradiosa,
Alto, no azul somnambula brilhando,

Eu fico-me a pensar... Paira em minh'alma
Velha saudade, tristemente calma,
Que do passado aos dias me transporta;

E o pensamento então que não descança,
Faz reviver em mim doce esperança:
— Ave, em seu ninho ha muito tempo morta...

GEORGINA TEIXEIRA.

Carta do Rio

Desta vez mestre Flammarion ficou com pouquissima cotação para os cariocas.

Os sabios erram, os philosophos mentem...

A annunciada chuva de estrellas não veiu. Debalde muita gente ficou acordada, trocando inutilmente as melhores horas de somno por uma vigilia inutil.

Para compensar tamanha decepção, o céo quiz nos consolar e no

sabbado passado, entre onze horas e meio dia, muita gente viu um phenomeno metereologico interessante, um arco-iris enorme a roda do sol. Sinto realmente não ter observado esse holophote celeste que, segundo me disseram, foi bellissimo.

Os sabios erram, os philosophos mentem...

Para mim, a melhor philosophia consiste em saber viver, supportar com paciencia os defeitos alheios e procurar diminuir ou attenuar os proprios.

Conheci, no sertão de Minas, um homem de mediana educação e que, no emtanto, era um philosopho perfeito. Elle encarava a vida como a vida é: uma serie de factos, uns alegres e outros tristes, mas todos naturaes e esperados. Tinha esse homem muitos filhos, era fazendeiro e remediado de fortuna. A sua filha mais velha era muito talentosa, mostrava muito gosto pelas lettras e pela musica. O pae mandou educal-a em um excellente collegio em Ouro-Preto, fez contente as grandes despezas que obrigavam as penosas e longinquas viagens e durante 5 annos a filha foi todo o seu cuidado e todo o seu orgulho.

Concluida a educação no collegio, voltou para a Fazenda, onde tinha escolhida bibliotheca e excellente piano. Lia, estudava e, sempre cultivando com esmero seu espirito delicado, conseguiu tornar-se uma mulher illustrada e util.

Hoje, casada com o Juiz de Direito de lá, vive feliz e transmitte a seus filhos a educação solida e benefica que possue.

A segunda filha do fazendeiro não gostava absolutamente de estudar. Os livros e o piano causavam-lhe somno. Aos 14 annos mal sabia assignar o nome. O pae — isto é que é ser philosopho — comprehendeu depressa a inclinação da filha e chamou-a á fala um dia. Depois de longas ponderações, disse-lhe: a gente neste mundo deve servir para sala ou para cosinha; a utilidade das creaturas é a mesma, quer interprete Chopin, como tua irmã, quer cultive a terra, como eu; quer amamente os filhos e remende a roupa velha, como tua mãe, quer finalmente, como teu irmão, dome animaes bravios. O que é preciso é que cada um siga a sua inclinação, ahi é que está o grande segredo da vida. Acho que esta historia de livros e de musica não te agrada; vê lá se queres outra vida, por exemplo — casar. Se queres te casar, dize-me, falarei ao filho do Compadre Lopes, que está nos casos, é bom rapaz, trabalhador, sadio.

— E' isso mesmo, meu Pae, sou de sua opinião, não dou para estudos, quero me casar.

Em menos de dois mezes o filho do Compadre Lopes recebia como esposa a formosa roceirinha.

Passaram-se os tempos. Quando a terceira filha estava na edade de ir para o collegio, o pae chamou-a e, em um discurso cheio de verdades incontestaveis, depois de lhe dizer o que era a vida na sua dolorosa accepção, perguntou-lhe: queres estudar, como tua irmã mais velha ou casar, como a outra?

Papae, eu quero estudar e depois... mais tarde... casar.

— Perfeitamente, iremos então na proxima semana para Ouro-Preto, vaes para o collegio onde esteve tua irmá.

A quarta filha, mais disposta á vida material do que ás lettras, pediu em vez de livros — um marido. Desta sorte o homem philosopho não contrariou a vocação das filhas e vivem hoje as quatro muito felizes, a seu modo, está claro.

A terceira, casada com um medico, é amiga inseparavel da primeira, tocam piano juntas, lêm os mesmos livros, estudam e criam seus filhos muito diversamente da segunda e da quarta, que, tambem muito amigas, vivem lá a cultivar a terra, plantando favas e pepinos e creando os filhos a laçar bois, pescar, caçar; emfim, uma vida completamente material. O velho — o philosopho, ama-as por egual. Bem razão tinha elle em affirmar que cada um deve seguir a sua inclinação.

Não foi muito melhor assim?

Eu prefiro um bom hortelão a um medico mediocre, do mesmo modo que gosto mais de uma mulher que faça excellentes biscoutinhos fritos na gordura do que de uma que faça sonetos do pé quebrado.

E assim é que deve ser a vida.

Na quinzena passada tive o grando prazer de ir á bordo do «La Plata» abraçar a minha distincta amiga Mrs. Speers, esposa do illustre superintendente da S. Paulo Railway, ingleza de nascimento e paulista de coração, pois que, ha vinte annos, reside nessa capital, que é a patria de seus filhos.

Voltava de Londres. Estava esplendido o dia! Um sol brilhante — parecia de encommenda. As montanhas, o mar e toda esta bahia ostentavam o mais bello panorama possivel.

Mrs. Speers, encantada, saudosa desta terra sem igual, não se cançava de admirar a nossa rica natureza.

A' bordo vinha um inglez velho; era a primeira vez que vinha ao Brazil. O velho — que já viajou a Africa, a Asia, a Europa quasi toda, dizia embevecido que o pa-

norama do Rio de Janeiro era o mais esplendido que elle conhecia.

Desembarcaram e durante as horas que passaram em terra visitaram o pittoresco arrabalde do Cosme Velho, a rua do Ouvidor e alguns edificios notaveis, adquirindo algumas vistas da formosa Guanabára. E note-se que o inglez já devia estar muito acostumado com bellos panoramas porque elle é da Escossia, onde a natureza, dizem, é exhuberante e formosa!

Maria Clara da Cunha Santos.

Noite

Quando a hora final da Ave-Maria
Deixa o ecco voar espaço em fóra;
N'esse momento em que a melancolia
Mais na terra se estende e se demora;

Quando a sombra da noite que apavora
Encobre o sol, escurecendo o dia,
Quando não temos mais da ultima aurora
A doce luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo
E cobrem toda a Natureza; quando
Repousa e dorme tudo em paz, — gemidos

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo...
E' que, tristes no mundo, soluçando
Vagueiam muitos corações perdidos.

Amelia de Oliveira.

Chronica omnimoda

Vai pelas escolas um borborinho entontecedor...

As colmeias estão em plena actividade!

Os enxames vão sahir!...

* * *

São Paulo ainda não perdeu o sceptro das lettras, no meio desse vertiginoso para a barbaria: ninguem lhe contesta o direito ao titulo de — Athenas do Sul.

* * *

Capital artistica do Brazil, de certo não é, como em um lance dramatico a epithetisou a genial tragica franceza...

Effectivamente a velha aldeia de Tibiriçá, ora convertida em opulenta capital civilisada, não póde aspirar a taes honras.

Começa por não possuir uma Academia de Bellas-Artes, nem um Conservatorio de Musica!

Onde estão as suas collecções artisticas?...

A não ser aquelle *pandemonium* do Ypiranga, onde se accumulam — *un peu à la diable* — a setta do selvagem brazileiro e o... ornithorynco da Oceania, que outros pergaminhos podemos exhibir, em

ordem a provar o nosso direito a tal denominação?!...

Algum tanto... *depaysé*, é verdade, ainda poderia cohonestar a nossa inopia, nessa materia, aquelle gruinho de primores artisticos, alli reunidos pelo entranhado bairrismo do pintor ituano, o inspirado auctor da *Cozinha de roça* e de outros quadros de assumptos do nosso Folk-lore, surprehendido em flagrante da mais assombrosa realidade.

Ainda nos podia alimentar, artificialmente, a vaidade nativista o extraordinario talento desse aquarellista delicado, actualmente no velho mundo, em busca do aperfeiçoamento, de que se resentiam as suas pequeninas obras primas...

* * *

A não serem Almeida Junior e Pedro Alexandrino, que outros artistas poderiamos nós apontar?!...

Tendencias naturaes não nos faltam, com certeza; mas, de bôas intenções está o inferno calçado, lá dizia já o grande vate florentino ..

S. Paulo precisa de provar, directamente e por factos, que póde e quer ser a capital artistica do Brazil; mas, para tanto se faz necessario que comece por edficar um theatro, na altura da sua civilisação, aposentando o velho *S. José*, com o ordenado por inteiro!

Convem que funde uma Academia de Bellas-Artes e um Conservatorio de Musica, si quizer honrar, dignamente, a memoria de Carlos Gomes.

Urge que desenvolva a menos que modesta collecção de quadros do Ypiranga, cellula-mãe, quem sabe, si de algum futuro Louvre?!...

* * *

Mas, emquanto isso não fizer, que se contente de conservar o sceptro das lettras, o qual ninguem lhe arrancará das mãos!

Ainda se não apagou a reminiscencia dos poetas e dos oradores academicos, meteóros brilhantes, que illuminaram, com intensidade, o firmamento paulistano!

Fôra um phonographo colossal o recinto do velho *S. José* e ainda lá eccoariam as vozes de Fagundes Varella e de Castro Alves; de José Bonifacio e de Oliveira Bello!...

* * *

S. Paulo, uma vez *yankeeficado*, voltou-se todo, e fez bem, para a instrucção da mocidade!

Por isso foi que dispendeu e dispende milhares de contos de réis, na construcção dessas escolas-palacios, em que se prepara para

as luctas sociaes a «esperança fagueira da patria».

Bem.

Congratulemo-nos por esse facto.

Apraz-me vêr que a minha terra, o «ninho meu paterno» abandona os arraiaes de Marte, para sacrificar no templo de Minerva.

Eu sou partidario enthusiasta do grande orador romano, e tenho para mim que a divisa do momento actual deve ser o: — *cedant arma togæ!*

Do grande epico lusitano, eu tomaria a penna, deixando-lhe a espada...

Prefiro aquelle «saber de experiencias feito» á sua «disciplina militar prestante»...

Consagremo-nos á instrucção da mocidade!...

* * *

Vai pelas escolas um borborinho entontecedor...

As colmeias estão em plena actividade!

Os enxames vão sahir!...

S. Paulo, 30 Novembro 1897.

J. Vieira de Almeida.

Supplica

De rastros, como quem ora
com todo o culto, a uma santa,
disse-lhe arfante: senhora
de tanta luz, graça tanta,

no calmo alvor dessas faces,
em teus olhos calmos, calmos
fulgem bondades fugaces,
passam fulgores de psalmos...

Ouve, pois. São penas cavas...
Deixa eu soltal-as fremcntes
como as torrentes de lavas,
como o furor das torrentes.

Pequei. Tão grande é meu crime,
tem tantas provas, tamanhas,
que seu peso, que me opprime,
tem o peso das montanhas!

Venho de maguas coberto
como esses ermos sombrios;
trago em minh'alma um deserto,
trago em meus olhos dous rios.

Eil-o, o peccado, divina:
por teu semblante de imagens
meu coração vibra e trina,
das vibrações mais selvagens.

Amo-te! Carrego abrolhos
a hora que não te vejo...
Dá-me o perdão de teus olhos,
dá-me a endoença de teu beijo...

Arthur Andrade.

O trabalho do verso

Das estrophes á musica submisso
Debalde tentas, burilando a rima,
Desviar-te da graça e do feitiço
Originaes que fazem a obra prima.

Rendilhando no verso raro bysso
De phrase musical, de graça opima,
Retemperas ao fogo de um chamiço
Teu estro, embora a idéa se supprima.

E na fanfarra triumphal da fórma,
Luctas, vacillas, tentas toda norma
De um poema architectar dessa maneira.

Nova Babel, no verso, assim, condensas!
E quando rematado vel-o pensas,
Rolá no vago e se desfaz em poeira!

15—11—97.

MANOEL VIOTTI.

Selecção

O gráo de educação da mulher pode ser considerado a justo titulo como a pedra de toque da civilisação de um povo.

A' mulher confiou a natureza a sublime missão de acompanhar desde os primeiros momentos de vitalidade, o desenvolvimento dos individuos, cuja reunião constitue a sociedade humana.

Ella imprime-lhes desde o berço as primeiras ideias, que por toda a vida lhes ficam gravadas na mente e cuja elevação depende do gráo de educação. A influencia, que tão fortemente ella exerce sobre a humanidade, sobejamente justifica a necessidade de provêr á sua educação.

Quereis civilisar uma nação? Educae a mulher.

Considero, pois, dignos dos mais altos titulos de benemerencia perante a sociedade, aquelles que promovem a creação de estabelecimentos para instrucção e educação do sexo feminino.

Que estes se fundem e prosperem aos milhares por toda a vasta superficie do territorio brazileiro é o meu mais ardente desejo.

JOSÉ AMERICO DOS SANTOS.

O casamento é um laço que a esperança embelleza, a felicidade conserva e a desgraça fortifica.

Obrariam os homens com mais prudencia não constrangendo as mulheres; seria este o meio de tornal-as prudentes e acauteladas.

(Das Mil e Uma Noites.)

Um amo demasiadamente apressado é sempre mal servido.

Walter Scott.

O ramo da esperança

(Inspiração do conto de Raul Pompeia)

Ergueu-se um delles... Pelo mar a fóra
Olhou; e o olhar piedoso e atristurado
Apenas viu a purpura da aurora
E o vasto ceo depois avelludado.

Nada restava aos naufragos! Agora
Só o batel por sobre o mar immenso!...
E o sol fusila, o fulvo sol vapora
Num estorcismo luminoso e intenso.

A tarde cáe. A calmaria morta
Traz-lhes á mente o lar num vago incenso.
Aos pés do abysmo aberta a enorme porta,
Sobre a cabeça um mundo azul suspenso.

A' vista torva e tristemente absorta,
Nem a fumaça, além, do continente!...
E o pequeno batel tão mal comporta
Os lassos membros da cançada gente!...

O quarto dia despontou brumoso
Como os sudarios alvos da tristeza!
— O nevoeiro encobre o sol radioso
E amortalha a coragem. Na aspereza

De uma agonia nova e sem repouso
Julgam-se todos pelo mar perdidos,
Emquanto um tenue raio luminoso
Rasga os lençoes das brumas destendidos.

Alguma cousa vem sobrenadando:
Uns galhos verdes como se ora erguidos
A's alterosas frondes demandando
Os claros ceos azues adormecidos,

Avisinham-se. Um braço mergulhando
Levanta ao ar o ramo da esperança,
Victorioso e soffrego agitando
O prenuncio da paz e da bonança.

Salvos! Alli na bruma se adivinha
A terra firme e o nauta que idolatre-a!
— O continente é firme e se avisinha
Como as palmeiras murmures da Patria!

Samuel Porto.

Na Thebaida

A mulher intellectual é a soberana dos salões. Eu só reconheço uma aristocracia: a do talento.

I. G.

A *D. Presciliana Duarte*

O meu espirito enfermo, nesta tarde de Novembro, precisava de um reagente que o dulcificasse.

Estava nos meus dias de spleen, em que nada me agradava. Puz de lado os *Contos Crueis* de l'Isle Adam, atirei irreverente em cima da meza *L'Eglise Chretien-*

ne de Renan, corri a vista sobre a philosophia de Spencer, de Roberty e quasi sem attenção, para a Historia Universal de Cezar Cantú, depois de ter deparado com o estudo sobre os *Lusiadas*, de Oliveira Martins. Estas leituras fortes, instructivas, que tanto me enchem o espirito de uma alegria sem nome, nessa occasião faziam-me mal, não as comprehendia, desejava isolar-me ainda mais, sem saber porque, quando traz-me o correio dous numeros da garrida *Mensageira*, toda vestida de branco, ar senhoril, como gentil fidalga que viesse visitar a pobre solitaria da litteratura brazileira. E, por uma sympathica coincidencia, vinha me do Rio Grande o elegante «Corymbo», jornal tambem de senhoras, um numero da *Estação*, um outro d'*A Familia* e o terceiro deste formoso jornal que tanto ruido ha feito, «A União Academica», de que sem duvida eu sou a mais humilde collaboradora.

Como por encanto, a crise aneurasthenica que me acabrunhava e a que eu obedecia escravisada, terminou inopinadamente; tanto, que, ao ler a *Mensageira*, o *Corymbo*, *A Familia* e a *Estação*, exclamei radiante: — A mulher intellectual!... bemvinda seja!...

E tomava entre os dedos com mais carinho e ceremonia a *Mensageira*, cujas columnas devorei e por cuja iniciativa á sua directora, D. Presciliana Duarte de Almeida, eu envio atravez do espaço um sincero aperto de mão, — com os perfumes de um punhado de rosas trazidas lá do meu norte, por acolher nas suas columnas a seiva mental das senhoras brazileiras, enxergando no futuro o quanto pode o talento da mulher que pensa, lê, estuda e trabalha.

A mulher intellectual!...

Do que vale? qual a sua missão? que papel representa e representará na litteratura do nosso paiz? que utilidade tem? quem a comprehende?

Num instante, atropelladamente, estas perguntas se apresentam ao meu espirito, a mim que tenho collaborado em todos os jornaes de senhoras, de ha oito annos para cá. Eis porque, ao pegar no novo athleta que já conhecia pelo que disseram os outros jornaes, nos meus bons desejos, abri para elle um horizonte de caricias, por elevar tão alto as suas ambições, no codigo absoluto da idéa.

De novo em scena apparece a mulher brazileira no ideal do talento, com uma senda a seguir: — a elevação intellectual, combatendo os erros da sociedade, nessa suprema ventura de ser util á familia, á patria e á humanidade, despojando do seu coração as fraquezas que porventura lhe possam

advir no espinhoso encargo de educar a infancia, a adolescencia e a mocidade.

Não será essa a unica ambição da mulher intellectual? Nas flores mysticas do sentimento, que melhor mestra do que a mãe que lecciona o filho na escola do coração; que melhor preceptora do que aquella que, a despeito da inveja, tenha qualidades para se tornar lida e comprehendida? Que divina missão, a desse apostolo, que aponta e corrige prejuizos, elevando assim as suas aptidões moraes, evangelisando e doutrinando?!..

A mulher intellectual só tem uma ancia: é transmittir a su'alma a outr'alma que a comprehenda, sem os doidos enthusiasmos de uma vizionaria, mas sim com a simplicidade de maneiras, de palavras, nessa percepção do espirito que doutrina, protege e só deseja que a não condemnem, nem a julguem louca!...

Não admiro as politicas desequilibradas como uma Michel, mas em todos os tempos a mulher foi util na litteratura: algumas dellas como Staël, Sévigné, Lafayette, Jorge Sand e outras muitas, attestam o quanto vale a que é culta.

Entre nós, ella ainda não é bem comprehendida, com quanto os grandes espiritos apreciem aquellas que ou dizem o que sentem conforme o seu temperamento meigo ou as que, dispondo de energia, ainda que o seu intellecto as faça parecer mais homens do que mulheres, como Nizia Floresta Brazileira Augusto. Corina Coaracy, Revocata de Mello, Josephina de Azevedo; ou amenas e circumspectas como Julia Lopes de Almeida, Adelina Vieira, Julietta Monteiro; ou despretenciosas como Maria Clara, a elegante missivista das «Cartas do Rio».

Eu acho que no destino da patria, para a salvação de um povo que carece de severas licções, a mulher intellectual será a sua mais nobre preceptora.

A sua prepotencia, congrega os elementos da civilisação, sentindo allivio ao ser comprehendida na vanguarda do progresso, na justa ambição dos seus deveres não só intellectuaes como moraes, na marcha quotativa da felicidade de seu paiz.

Uma patria sem litteratura, é uma patria morta — que mais se pode esperar della? Felizmente a nossa não o é.

Ao findar, desejo á *Mensageira* a mais completa das victorias.

O porvir abre-lhe os braços nessa questão social da litteratura feminina brazileira demonstrando que o infinito do pensamento não será completo sem a evolução da mentalidade da mulher entre nós.

Isto até é questão de patriotismo.

Rio de Janeiro, 1897.

Ignez Sabino.

As Cartas

Petalas da saudade, conduzindo
O olor do pensamento...
Azas brancas do amor contra a distancia,
Cartas, sois o maior contentamento
Dos que na ausencia abysmam-se com ancia!

Estrellas pela noite da saudade!
Ilhas de flores pelo mar deserto!
Cartas, que da ternura sois a essencia,
Fazeis do longe perto,
Sois dos saudosos quasi a providencia!

18 de Março de 1892.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Dão licença?

Srs. Redactores do *Album*:

Parecerá imprudencia da minha parte, ir pedir um pequeno espaço no seu jornalzinho, que já conta collaboradores eximios.

No emtanto, posso affirmar o contrario. O momento parece ser de reconstrucção social, e uma das primeiras cogitações a preoccupar os heroes do porvir, é a elevação da mulher.

Não é só aqui, onde se aventa esta idéa. Em muitos paizes europeos, e nas capitaes do Brazil, ho concerto, ha poderosa uniformidade de vistas no intuito de communicar á mulher a força moral que lhe é mister, para ella bem desempenhar a missão que lhe foi marcada.

Agora mesmo, litteratas do Rio, de São Paulo e de Minas, fundaram em São Paulo uma revista, *A Mensageira*, exclusivamente dedicada á mulher brazileira, sendo sua directora a delicada poetiza D. Presciliana Duarte de Almeida.

Figuram nestes primeiros numeros os nomes das sras. Julia Lopes de Almeida, Zalina Rolim, Maria Clara da Cunha Santos, Julia Cortines, Aurea Pires, e Francisca Julia da Silva, a festejada auctora dos *Marmores*.

Ora, eu, francana de nascimento e de coração, não posso assistir indifferente a este renascimento da energia feminil e, em nome das minhas conterraneas applaudo a iniciativa das denodadas batalhadoras que em São Paulo, iniciaram tão edificante tentamen.

Avante, pois, na gloriosa senda.

Elevado o nivel da mulher, só assim ella poderá ser a companheira do homem.

Onde ha escravidão ha medo, onde ha medo ha hypocrisia, onde ha hypocrisia ha traição, onde ha traição ha crime.

Onde ha liberdade ha amor, onde ha amor ha franqueza, onde ha franqueza ha verdade, onde ha verdade ha paz!

Quando mesmo a mulher não

fosse feita para mandar, porque não ha de ella saber obedecer?

Saber obedecer não é uma sciencia que tem preoccupado a tanta gente?

Certo que sim. Aos homens convém, então, aproveitar ou saber aproveitar a indole, mas a indole educada da mulher.

Queiram desculpar, srs. Redactores, se fui além do pequeno espaço que vos pedi.

Franca, 10—97.

GEORGINA SANTIAGO.

(Do *Album*, da Franca.)

A Mensageira

Continuamos a transcrever a opinião da imprensa sobre a nossa revista, apezar do limitado espaço de que dispomos. Fazendo-o temos em vista certificar a nossos collaboradores do apreço que se lhes dá e temos com isso o mais vivo prazer:

«Só hontem recebemos o segundo numero d'*A Mensageira*, interessantissima revista consagrada ás senhoras, e que se publica sob as vistas de Presciliana Duarte de Almeida.

Abre-o um judicioso escripto de Maria Emilia, relativo á condição actual da mulher em a nossa sociedade, ainda algo hostil ao seu desenvolvimento.

Segue-se mimoso soneto de Adelina Lopes Vieira, a distincta autora das *Margaritas*, que resurge para as letras com o enthusiasmo doutras eras.

Aproposito diremos que esta campineira, cujas *Palestras femininas* abrilhantavam a antiga *Semana*, promette trazer a mesma secção ás columnas do novo periodico.

Vem ao deante a *Carta do Rio*, pequena série de trechos da vida carióca, observados finamente através delicada phantasia, por Maria Clara da Cunha Santos.

Depois encontramos quatro quadras, cheias de lavor artistico, casando perfeitamente com a idéa de Müger, que serviu de thema ao *Mergulhador*, pois assim se intitula esse trabalho de Francisca Julia da Silva.

Logo abaixo apparece a *Chronica omnimoda*, plena de um mysticismo doce, a desbordar pelos periodos arredondados, em que se expande a alma christão e o espirito religioso de João Vieira.

Amelia de Oliveira alinha quatorze versos, denunciadores de um bello talento litterario, que a ha de tornar festejada, como o vate das *Canções romanticas*, das *Meridionaes*, etc.

Traços ligeiros é o titulo de um artigo, no qual Silvio de Almeida,

dispendendo boa dóse de argumentos, vasados em fórma graciosa, controverte opinião de Arthur Azevedo.

Estrophes feitas com amor, revelando inspiração crescente, são as de Presciliana Duarte de Almeida, buriladas em 1890 e vindas a lume agora, presas á singela epigraphe — *Ideal*.

Ha ainda a notar *Trindade*, conto de Dolores Alcantara de Araujo, que, a ser uma estréante, qual a suppomos, merece todo o incitamento.

A falta de segurança no estilo, ainda vascilante a alguns passos, certo desapparecerá com o habito da escripta, polo exercitamento continuado da penna.

Fecham o presente numero, abundante de producções dignas, *Blasphemo* e *Kief*, bons trabalhos poeticos de Arthur de Andrade e Julio Cesar da Silva.

Emfim, *A Mensageira*, firme no programma, que lhe traçou a illustre directora, vai attrahindo simpathias congregando esforços e fazendo brécha no indifferentismo indigena.

Parabens a Presciliana Duarte de Almeida, bem como aos seus dedicados auxiliares, de ambos os sexos, pelo denodo na cruzada nobilitante, em que todos se acham empenhados.

(Da *Cidade de Campinas*.)

Notas pequenas

Orphams bahianos — A Exma. Sra. D. Amelia Torres da Silva, distincta bahiana residente em S. Paulo, teve a feliz ideia de fazer uma subscripção com o fim de soccorrer e educar os orphams bahianos, quer filhos dos soldados republicanos, quer filhos dos *jagunços*. A caridosa moça, que é uma republicana convicta, tem trabalhado activamente nesse sentido, e diz, com muita razão, que precisamos educar os filhos dos *jagunços* para que elles não nos façam o que seus paes nos fizeram!

Que a sua obra seja coroada de todo bom exito são os nossos votos.

Sociedade das filhas de Cuba — Apreciem as nossas leitoras o seguinte trecho que transcrevemos de uma noticia sobre as heroinas cubanas:

«A par dos famosos guerrilheiros que, com as armas nas mãos, combatem pela causa da liberdade e dos combatentes intellectuaes que, numa santa peregrinação pelo extrangeiro, conquistam as sympathias do mundo civilisado para esta extraordinaria epopéa de heroismo, ha um forte elemento, desconhecido de muitos, — a *Sociedade das Filhas de Cuba*, que trabalha sem treguas nem repouso pela causa

da independencia da Perola das Antilhas.

As filhas de Cuba têm por presidente Mme. Gonzalo de Quezada, uma joven de uma belleza rara e de uma vontade á toda prova. A vice-presidente é Mme. V. de Zayas Bazan; a secretaria, Mlle. Carmen Mantilla, e a thesoureira, Mme. Benjamin Guerra.

Entre as operarias dedicadas desta sociedade, destacam-se Mme. Blanche Zacham Beralt, dotada de admiravel eloquencia, como mostrou no Congresso Feminino, é ainda uma festejada cantora; Mme. Irene Trujillo; Mme. Fidel G. Pierza; Mme. Adela Azcuy de Pilota, cujos paes foram assassinados e cuja fortuna confiscada; é hoje capitão de uma companhia cubana, onde tem dado grandes provas de valor militar; Mme. R. Cabarra; Mme. J. Arias; Mme. Emilia Agramonte e muitas outras.

Difficilmente se pódem imaginar os trabalhos e sacrificios a que se entregam, gostosamente, estas heroinas da liberdade cubana. Quasi todas deram a sua fortuna e até as suas joias para encher a caixa da revolução. Muitas venderam seus moveis, *bibelots* e objectos de arte para comprar fuzis para os combatentes e medicamentos para os feridos e doentes. Vivem todas ellas de um modo modestissimo e se reduzem ao estrictamente necessario para poderem contribuir mais efficazmente por seus donativos para a salvação do paiz.»

Recebemos e agradecemos: — a *Nação*, o *Correio Paulistano* e a *Platéa*, desta capital; a *Noticia*, do Rio de Janeiro; a *Gazetinha*, de Porto-Alegre; o *Pampeiro*, de Arroio Grande; a *Gazeta* de Uberaba; a *Gazeta* de Oliveira; o *Jornal do Commercio*, de Juiz de Fóra; o *Echo da Barra*, da Barra do Pirahy; a *Gazeta de Caçapava;* a *Peleja*, de Aguas de Lambary; a *Folha de Jaguary;* a *Patria*, de Pouso-Alegre; a *Republica*, do Bananal; o *Resistente*, de S. João d'El-Rei; o *Noticiarista*, de Batataes; o *Album*, da Franca; o *Labaro*, do Rio de Janeiro; a *Genesis*, excellente revista literaria, do Rio de Janeiro; a *Gazeta de Petropolis;* o *Alfinete*, de S. Carlos do Pinhal; o *Annel*, de S. Paulo; a *Revista Maritima Brazileira*, do Rio de Janeiro; a *Revista Agricola*, de Uberaba; e a *America Illustrada*, numeros 8, 9 e 10, revista quinzenal que se publica nesta cidade sob a direcção de R. Gondry e que vem repleta de excellentes retratos de conhecidos e notaveis brazileiros.

São Paulo | 15 de Dezembro de 1897 | Anno I, N. 5

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Chronica omnimoda, J. V. de Almeida; — Dezoito de Nevembro, soneto, Aurea Pires; — Carta do Rio, Maria Clara C. Santos; — Patuit Dea, soneto, Silvio de Almeida; — O voto feminino na Nova Zelandia; — Onde? soneto, Amadeu Amaral; — Impressões de leitura, Perpetua do Valle; — No chalet, poesia, Ibrantina Cardona; — Literatas Polacas, Elmano do Val; — Nenia, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Selecção; — Notas pequenas.

Chronica Omnimoda

Este é o mez das creanças!

Ainda bem não deixaram ellas os livros e se voltam já para as gulodices!

Férias e arvores do Natal!...

* * *

Felizes vós, ó pequeninos seres, que vos não tendes de preoccupar com a baixa do cambio, nem com as difficuldades da venda do café.

Bem sabeis que o papá, mourejando noite e dia, sempre vos dará o vosso livro novo de classe; ou vos sorprehenderá, na madrugada de Natal, com o presente do... velho da montanha!...

Não podeis comprehender, e bem hajais por isso, as amarguras que traga o vosso progenitor, ao ter de vos dar o necessario, para a vossa educação!

* * *

E ainda assim vós, ó pequeninos perversos, ó *âge sans pitié;* ainda assim vós tão mal correspondeis ao seu incomportavel sacrificio!...

Vêde lá si vos lembrais de poupar ao vosso livro, considerando que elle custou as mais longas vigilias ao vosso amoroso pae!...

Reflecti e vereis que os sapatos que estragais, palmilhando doidamente o lagedo dos passeios, arrancaram lagrimas de sangue aos seus macerados olhos!

Attendei a que, vergado ao seu Razão, ou a seu calhamaço de papeis forenses, vai elle consumindo, lentamente, a existencia, tendo unicamente em vista a preparação do vosso futuro!

E vós, apenas iniciadas as férias escolares, já não pensais a não ser nas gulodices do Natal!

Em vossa imaginação superexcitada, já ides architectando os mais lindos castellos...

Quereis, no meio do salão, um bello pinheiro, verde-negro, de cujos ramos lanceolados pendam os mais extravagantes polichinellos e os mais appetitosos *bonbons*...

Não sabeis si o vosso pae está em dia com o senhorio e com o... *Harpagon* da esquina...

Vós vos quereis divertir e... acabou-se!

Como esse povo romano, a eterna creança, tambem vos importais apenas com o citadissimo — *panem et circenses!*...

Comtanto que vos divirtais... *après vous le déluge*...

Comamos e bebamos!...

* * *

Entretanto, taes não devem ser as aspirações da mocidade...

A eterna distracção, a sêde insaciavel de divertimentos, é a partilha dos espiritos futeis e da incapacidade doirada...

Outras devem ser as ideias, pelas quaes deveis luctar!..

Certamente, ninguem vos quer privar da folga que deveis ter do trabalho indefesso de quasi um anno...

Podeis e deveis trocar a atmosphera pesada das salas de aula pelo ar livre e saudavel das campinas...

Precisais de correr, desapoderadamente, por montes e valles, ao sabor da vossa phantasia...

Mas, careceis egualmente de não deslembrar o lado pratico da vida...

* * *

Ahi está a patria, que tudo espera de vós!

Si não fosse a esperança que ella nutre na mocidade, seria caso de se entregar ao desespero!

Angustiosa é a situação do paiz!

A caligem do estado de sitio mais uma vez envolve o ambiente social; e as tenazes da suspensão de garantias de novo comprimem a garganta do cidadão!

Rumores subterraneos, denunciadores de proxima catastrophe, põem nos corações as agruras de um terror vago, de um terror impalpavel!...

Clarões sinistros cortam o negrume da noite que cerca, e ninguem póde mais contar com o dia de amanhã!...

* * *

Em vós, ó moços, unicamente em vós, é que confia esta patria, pobre mãe amargurada!...

Dae tregoas ás futilidades que

vos preoccupam e attendei aos seus rogos sentidos!

Quando a nossa mãe padece, não é justo, não é decente que nos entreguemos ao prazer.

E a patria soffre e a patria reclama o concurso de todos os seus filhos!...

Accostumai-vos, desde já, a encarar o lado serio da existencia.

Atacae firmes e resolutos o problema da vida!...

Começae a ser homens!..

* * *

Entretanto.... este é o mez das creanças!

Ainda bem não deixaram ellas os livros e se voltam já para as gulodices!

Férias e arvores do Natal!

S. Paulo-15 Dezembro-1897.

J. Vieira de Almeida.

Dezoito de Novembro

A Maria Clara

Hoje não quero pranto nem tristeza!
Quero minh'alma cheia de alegria,
Adejando no céu da fantasia,
Simples e bella como a natureza!

Como tu'alma limpida despreza
As miserias da vida, eu neste dia
Tambem desprezo a atroz melancolia
Que no meu coração soluça e pesa!

Eu te abraço e te beijo! E tu, mimosa,
Abraça-me tambem! Como é formosa
Neste momento a luz dos olhos teus!

E assim unidas, fulgidas, contentes,
Nossas almas, amigas, sorridentes,
Lá vão cantando pelo azul dos ceus!

18-11-1897.

Aurea Pires.

Carta do Rio

Durante toda a quinzena os telegrammas de Pariz não cessaram de falar sobre o emocionante caso do Capitão Dreyfus, sobre a campanha de rehabilitação que em seu favor se move em França. Realmente, não pode deixar de impressionar todos os espiritos esse caso assombroso!

Eu li a dolorosa historia do soffrimento desse homem, de sua ignobil degradação militar, dos despresos, humilhações, insultos e ultrajes que soffreu e senti uma grande admiração por aquella alma torturada quando respondia a seus algozes estas palavras tão simples mas tão expressivas e cheias de heroismo: Eu sou innocente, eu sou innocente!» A' esposa de Dreyfus, conforme o uso de França, facultou a lei o direito de desligar do seu o degradante nome do marido. Mas a esposa não quiz; o amor — o eterno regenerador da humanidade — falou mais alto a

seu coração magoado que o despreso e o odio da multidão enfurecida, não despresou o nome ignominioso de seu companheiro de existencia, continuou a amal-o. Passaram-se os tempos.

Hoje, mais calmos os espiritos de seus comtemporaneos, passado o primeiro momento do delirio da vingança, eis que a possibilidade da imnocencia d'aquelle homem, começa a apparecer.

O seu martyrio foi tão profundo, tão dolorosa foi a sua tortura, que, se elle provar que é imnocente, eu creio que a unica reparação possivel a tão negra injustiça, seria a sua canonisação.

Extremeço ao pensar no remorso dos algozes de um dos maiores martyres do seculo dezenove!

No Hospicio Nacional de Alienados tambem appareceu uma historia commovente: trata-se de uma senhora que foi recolhida áquelle estabelecimento como louca e como louca alli conservada ha mezes. Dizem que ha um mysterio em tudo isso, que a mulher não é louca, o que está provando o seu advogado com attestados medicos. Realmente, se a Snr.ª em questão provar que não é louca e sahir do Hospicio ainda em pleno goso de suas faculdades mentaes, provará que tinha juizo de sobra quando lá enrou, pois que a grande dôr de se ver encerrada em um quarto de Hospicio, para satisfazer a vingança de um desaffecto, não teve a força precisa para escurecer-lhe a razão. Outras creaturas que não se tivessem declarado ainda, teriam em vista de tão cruciantes provas, excellente occasião de mostrar que soffriam da telha...

O Riachuelo, o formoso couraçado que durante alguns mezes esteve em concerto no dique Guanabara, ha dias que fluctua garboso nas aguas de nossa bahia. Quando o Riachuelo aqui chegou quasi inutilisado, com o casco arrebentado e a roda da prôa partida, houve quem dissesse ser preferivel envial-o a qualquer bom estaleiro da Europa, onde pudesse ser reconstruido com perfeição. Mas um brazileiro que tem confiança em sua terra e em seus patricios assegurou que os reparos, comquanto muito difficeis, poderiam ser praticados aqui mesmo. E de facto, o Riachuelo está prompto, garboso de sua força, orgulhoso de suas tradições, a balançar-se tranquillo sobre as aguas da nossa formosa bahia.

Que por longos annos não precise de outro concerto, é o que desejo para economia dos cofres publicos, já tão depouperados e para gloria dos operarios brazileiros.

Se, em epochas remotas, alguem

ousasse affirmar que os surdos-mudos, com o estudo de methodos scientificos, viessem, ao fim de algum tempo, a falar intelligivelmente, duvidariamos, e com razão. No emtanto, os ultimos exames do Instituto dos surdos-mudos desta Capital acabam de provar que não é uma utopia o que nos pareceria impossivel, ha annos passados. Dois alumnos falaram, é verdade que monotonamente, com uma só inflexão de voz e quasi aphonicos, mas, em todo caso, é um progresso que devemos assignalar contentes. São dignos de maiores elogios o Director do Instituto, D.r João Paulo, e os profesores, particularmente o Sn.r Candido Jucá. Já não é tão desgraçado, como era em outras epochas, o surdo-mudo. E' bastante consoladora a ideia de que um homem que seria fatalmente um inutil, um peso para a humanidade, o benemerito Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro educa e apparelha para as luctas da vida com o mais valioso dos capitaes — a instrucção.

Os bonds, os bonds... que tormento! Não ha logar, passam os bonds repletos, e a gente, que não sabe gymnastica não se aventura a um assalto tão perigoso como o de embarcar em um bond, nesta cidade, a certas horas do dia.

Sei de uma amiga que hontem perdeu duas horas e tanto a ver se arranjava logar em um bond de Villa Izabel para ir ás touradas, nas Larangeiras. Eram precisos quatro logares, havia quatro senhoras nessa familia. Os bonds passavam repletos, de vez em quando, á laia de consolação, lá um ou outro tinha um logarzinho, mas um só!.. óra ellas queriam quatro! — tambem que exigentes! — e esperaram, esperaram. Afinal, quando conseguiram os desejados logares, estavam já cançadissimas e aborrecidas. Mas quem mora em Villa Izabel e quer ir á Praça de touros em Larangeiras tem que tomar dois bonds; por conseguinte, supplicio duplo.

Para encurtar razões, quando as minhas amigas chegaram ás touradas, nem lá entraram; para que? o povo sahia em massa, acotovelando-se, contente, a discutir o merito dos toureiros e a brabura dos bois: tinha-se acabado a função.

Recebi o livro de Ignez Sabino intitulado «Noites Brasileiras» com uma captivante dedicatoria. O livro foi impresso em Pariz e é ornado com gravuras. E' muito bonitinho. A auctora dedica-o ás creanças e ella propria me disse que elle tem tido muita procura e acceitação.

Ainda bem. Gósto disso. Em carta dirigida ao A. A. do *Paiz* e

publicada na «Palestra», Ignez Sabino diz francamente que não necessita das palavras de louvor dos nossos literatos, inclusive o A. A., pois que teve os maiores elogios de distinctos homens de letras. E é por isso que eu, a mais humilde das collaboradoras da «Mensageira», abstenho-me de falar sobre o merito do livro; faria má figura a minha desauctorisada opinião. Que poderia eu dizer que valesse a pena, quando a auctora tem, como diz, em seu abono, a opinião dos mestres?

De coração agradeço o conto «Entre rosas» que ella bondosamente me offereceu.

Aproxima-se o Natal. Ahi vem o tempo das festas e das alegrias, dos presentes, das amendoas, das folhinhas e dos *bonbons*.

Termino esta *Carta* enviando boas-festas ás assignantes da «Mensageira».

Maria Clara da Cunha Santos.

Patuit Dea...

Tens o que póde ter a creatura
De mais sublime pelo sentimento...
Teu coração é lago de ternura,
Em que se espelha todo o firmamento!

Tua meiguice, que no olhar fulgura,
Sorri nos labios, a qualquer momento;
E tua alma gentil, que é sempre pura,
Vibra tambem de ardor e movimento!

Junto de ti, até de mim me esqueço...
Esqueço tudo mais, que é vil e baixo,
Pois nada mais encontro de tal preço!

Junto de ti, olympica beldade,
Subo da baixa plana em que me acho,
Incendido na tua claridade...

Dezembro, 97.

Silvio de Almeida.

O suffragio feminino
em a Nova Zelandia

O seguinte artigo, que transcrevemos da interessante e bem escripta *Gazeta de Petropolis*, é um valioso documento em favor da mulher Attesta elle, de modo eloquente, o bom senso e sobranceria do sexo fraco. Vejam:

Foi ha tres annos que as mulheres da Nova Zelandia exerceram pela primeira vez o direito eleitoral, não sem viva resistencia da parte de uma poderosa classe, a dos taverneiros e vendedores de bebidas alcoolicas, receiosos de que a influencia de tal categoria de eleitores, pela maior parte filiados (ou antes filiadas) ás sociedades de temperança, determinasse a adopção de medidas que os impedissem de continuar a envenenar os seus compatriotas com os productos da sua industria.

As mulheres acabaram por vencer, mas não abusaram da victoria,

limitando-se a obter algumas restricções á venda das bebidas e licores fortes, mostrando assim uma noção assás lucida das exigencias do orçamento, que, para se equilibrar, precisa de que o contribuinte se embriague o mais possivel, ou pelo menos se sacrifique abundantemente ao demonio do alcool, como lhe chamava Edgar-Poë.

Esta primeira intervenção da mulher nas luctas eleitoraes não produziu em summa grandes alterações na composição da camara electiva; mas, ha poucos mezes, tiveram ellas occassião de exercer de novo o direito de suffragio e muito conscienciosamente o fizeram; porquanto, segundo as estatisticas, o numero de eleitores femininos foi apenas inferior de 3% ao de eleitores do outro sexo.

O primeiro resultado da intervenção das mulheres na batalha eleitoral foi, segundo um antigo membro do Parlamento neo-zelandez, Mr. Hugh Lusk, que publica sobre este assumpto um importante artigo no *Forum*, attenuar, pela sua salutar influencia, as rixas e violencias de toda a ordem que se produziam em toda a Colonia durante o periodo agudo da época eleitoral.

«As reuniões politicas, diz Mr. Hugh Lusk, deixaram de ser assembléas, em que eram admittidos só homens; as mulheres concorrem a ellas agora em grande numero; e bastou a sua presença para inspirar aos oradores mais moderação na linguagem, e mais attenção, cortezia e tolerancia no auditorio. Raras vezes succedeu subir qualquer mulher á tribuna; as que tomaram a palavra eram quasi todas do partido da temperança obrigatoria.

O principal resultado do suffragio feminino foi, porém, a eliminação, do Parlamento Colonial, de todos os homens politicos cujos antecedentes não *apresentavam* crystalina pureza. A mais amavel metade do genero humano é rebelde á disciplina de partido. Nas ultimas eleições, as neozelandezas inspiraram-se mais no coração do que na cabeça, e votaram pelos candidatos que lhes mereciam estima ou sympathia, sem se importarem com as suas opiniões politicas.

«Para solicitar com bom exito os suffragios das mulheres, escreve o collaborador do *Forum*, era necessario gosar de irreprehensivel reputação. Todo o homem cuja vida privada ou cuja carreira politica deixava a desejar, estava de antemão vencido. A capacidade mais universalmente reconhecida não bastava para salvar de um desastre este ou aquelle personagem consideravel, cujo caracter pessoal podia ser discutido.

Candidatos que pela primeira

vez se expunham á sorte do escrutinio, sem outro titulo além de uma probidade incontestada, desalojaram dos seus logares na Camara um certo numero de veteranos, que pareciam ter sobre estes adventicios a dupla superioridade do talento e dos serviços prestados ao seu partido. Estes resultados que causaram na Colonia profunda surpresa, eram, todavia, faceis de explicar.

A maior parte das entidades importantes, que desde longos annos occupavam situação preponderante nos debates parlamentares, tinha na sua vida publica ou privada algum ponto fraco que as mulheres não lhes podiam perdoar.»

Se isto é assim, e se em todos os paizes o eleitor feminino obedecer da mesma fórma a taes inspirações, ahi temos a salvação do systema representativo, cuja fallencia parece imminente.

Desde o momento em que o corpo eleitoral eliminar da funcção legislativa todos os individuos de probidade avariada, como aquelles que na vida publica deram exemplo de incoherencia, deslealdade e falta de patriotismo, — o nivel moral dos parlamentos attingirá alturas até hoje desconhecidas.

O culto supersticioso do talento é, para muitos criticos politicos, a primeira causa da decadencia do regimen representativo. Quando o eleitor comprehender que é ao caracter que deve sobretudo attender para a escolha dos seus representantes, o governo representativo não tardará em rehabilitar-se no conceito universal.

Onde?...

Onde está essa, que de certo existe,
Irmã desta alma triste e desolada?
Onde ella chora, desolada e triste,
Buscando a companheira transviada?

Tanto o meu pobre coração feriste
Com o teu prestigio olympico de fada,
Que - - ó engano cruel! — quando surgiste,
Vi surgir-me a ventura desejada...

Mas, de novo minha alma soluçante
Em vão procura, pelo tempo adeante,
A irmã formosa, a desfazer-se em ais;

E quem sabe se a irmã formosa e pura,
Tambem sósinha e a soluçar, procura,
Dorida, esta alma, sem a vêr jamais!...

S. Paulo, Agosto, 97.

AMADEU AMARAL.

Impressões de leitura

Plectros. versos de Ibrantina Cardona, 1897.

Criticar um livro de versos é tarefa bastante difficil para quem sabe a influencia que exerce no espirito de criticado um juizo injusto,

quer excessivamente benevolo, quer, pelo contrario, exigente demais. Si a critica se despensa de apontar os defeitos da obra e apenas fala de suas bellezas, deixa de proporcionar ao escriptor ensejo de corrigir-se e de procurar melhorar as obras que de futuro escreva; si é intolerante, arrisca-se a levar desanimo e abatimento ao poeta! Em taes condições, só temos um guia seguro — a sinceridade. Dizer as impressões que o livro nos suggeriu, com a maior simplicidade possivel, é portanto a rota que temos a seguir.

Os *Plectros* de Ibrantina Cardona trazem elegante capa, desenhada pelo notavel paysagista Antonio Parreiras, um dos mais trabalhadores e gloriosos artistas do Brazil, e um prefacio do laureado poeta das *Rosas Loucas*. Principia Carlos Ferreira por falar com angustia no estado politico de nosso paiz e na completa indifferença do governo republicano pelas artes e letras. Antes de entrar na apreciação do livro, diz o prefaciador, com muita ironia: Não raras vezes acontece acharem-se em grande embaraço os mestres da critica, quando lhes é commettida a complicada missão de dizerem do merecimento de um livro de versos, se por ventura em vez de ser um author o nome que os firma, é esse nome de uma graciosa authora.

Por consideração e cortezia á dama perdoam-se os fóros mediocres da poetisa; e, os proprios erros, e as mesmas incorrecções ganham aspectos pittorescos, passam a ser bellezas adoraveis, na opinião do critico, uma vez que não possa a authora sentir-se melindrada com as asperesas de uma analyse que prime pela rigorosa imparcialidade com que é dever da critica conduzir-se nas graves questões da arte.» Felizmente raras vezes tem applicação a ironia do poeta. Dizemos felizmente porque entendemos que os livros de senhoras, tanto como os de cavalheiros, devem ser julgados com imparcialidade e justiça. E, si assim não fôra, que gloria restaria a poetisas como Zalina Rolim e Julia Cortines, para não falar em mais tres ou quatro que occupam lugar saliente na literatura patria, que louros lhes caberiam? A todo tempo poder-se-ia dizer: si tal nomeada alcançaram, é porque são mulheres...

E' verdade que a critica, para ser justa, precisa ter certa disposição de bondade para com as escriptoras, attendendo ao pouco cultivo que tem commummente a mulher. Não frequentando ella, como os homens, collegios, lyceus e academias, desconhecendo os segredos de sciencias tão bellas como a botanica e a astronomia, não sabendo historia e não tendo conhecimento

de linguas extrangeiras e até mesmo da vernacula, como poderá fazer tanto quanto os que têm a intelligencia esclarecida por esses multiplos conhecimentos? Os homens, mesmo quando não receberam solida instrucção, encontram mais facilmente meios de elucidar seu espirito, já em palestras com pessoas auctorisadas, já em viagens, etc. etc.

Lemos algures que para falar do merito de um auctor com precisão devemos conhecel-o pessoalmente e até saber os pormenores de sua vida para dar o desconto da influencia mesologica, etc. etc. Não estamos por este lado habilitadas a falar do livro de Ibrantina, visto como não a conhecemos sinão atravez dos seus trabalhos literarios. Cremos que é muito moça e vigorosa, como o é quasi sempre a riograndense. Verdadeiramente inspirada, canta com paixão os seus sentires, sem ser piegas ou choramingas. Muito pelo contrario. Os seus versos são masculos e sonoros, e quer nos parecer que se inspirou mais de uma vez na leitura dos *Marmores*. Assim a *Caçada* a pg. 59 nos recorda de prompto o soneto do mesmo titulo com que Francisca Julia sahira victoriosa num concurso literario da *Semana*.

Para nós a ultima parte do livro é que revela a poetisa. Alli encontram-se estrophes originaes, feitas com ardor e grande espontaneidade. Ao lêl-as convencemo-nos de que estamos diante de uma alma que sente ,que vive e que espontaneamente canta. Esta espontaneidade é que distingue o poeta de raça do burilador de versos. Ha individuos que em dados momentos da existencia, não podem deixar de derramar sua alma em estrophes sentidas e verdadeiras! Esses são os que têm o *fogo sagrado*, são os que sabem sentir com mais intensidade o vibrar das emoções, são os artistas natos, são os «loucos sublimes» no dizer de alguem. Pois é essa centelha de inspiração que se nota na ultima parte do livro de Ibrantina. Vejam a sinceridade destes versos:

Que o meu crime de amor seja infinito!
Eu, louca, a peccadora aventureira,
Jamais o coração terei contricto!

Serei, ó meu amante, prisioneira,
Para eterna augmentar o meu delicto
Sob a noite da tua cabelleira!

Intimo

Olha-me bem, e vê se pode agora
Em disfarce esconder-se o meu affecto;
Julga se é dado ao coração que adora
Mudar-me um só instante o terno aspecto...

Ah! esse amor, revela-o indiscreto
O meu olhar... Esforce-me eu embora
Para têl-o no intimo secreto,
Bem sei que já ninguem de todo o ignora!

E comtudo... Se os olhos deram ensejo
A desvenda de um crime, se foi pouca
A força de occultar o meu eesejo,

Para que não me crescem por ti louca,
Precisava que a forma do teu beijo
Não deixasses impressa em minha bocca...

Quem poderia escrevel-os sem ter o coração abrazado?

Não! A arte de escrever ensina a combinar palavras, sons, versos, mas não substitue o *quê*, a pedra de toque dos eleitos da poesia, que tem as raizes lá bem no intimo das almas.

Ibrantina distingue-se ainda nas poesias descriptivas; sirvam de amostra a poesia intitulada *No Chalet*, que hoje transcrevemos e o seguinte soneto, dedicado a Olavo Bilac:

Ti-Chin-Fú

Tem olhos côr de onix, e do Japão é filho.
Usa o rabicho a ylang-ylang perfumado.
O rosto é côr de óca, e de Nankin pintado,
O seu bigode negro e ralo tem mais brilho.

Veste setim Macáu, verde claro, bordado
A ouro, com dragões e rosas no peitilho.
Traz ventarola á cinta, em delicado atilho;
Nos pés botins de côr, com bico revirado.

E' mandarim fidalgo e tem ricas baixellas,
Kiosques, palankins; habita um palacete
Com tecto de crystal e crivos nas janellas.

Na mesa de xarão dá sempre o seu banquete;
Fuma opio, é feliz; e, entre mulheres bellas,
Resomna embriagado em flacido tapete.

Agora, por dever de officio apontamos á auctora os principaes defeitos de seu iivro de estréa. Não nos parece em geral bem feita a collocação dos pronomes. A' pag. 203, por exemplo, encontra-se um «que faz-me» muito em desharmonia com a contextura do livro. Ha, além disso, ligeiros descuidos de portuguez, como na poesia *Mãe*, onde a poetisa emprega o verbo *errar* no indicativo em vez do conjunctivo:

Martyr na dor, ditosa na alegria,
Que ri comnosco e chora se choramos,
Seu coração é enorme eucharistia,
Que perdôa e bemdiz, *embora erramos.*

Na factura dos versos é a poetisa muito feliz; deixou emtanto escapar um ou outro verso truncado como o seguinte, que apparece entre alexandrinos:
e genuflexa escuta, em mystica dulia.

Afóra esses defeitos que, valha a verdade, são em diminuta quantidade, é este livro uma estréa brilhantissima e prometedora.

O nosso mais vivo desejo é que seja elle o livro de estréa e não o unico livro de Ibrantina Cardona.

E' este um dos lados tristes da literatura feminina em nosso paiz; quasi todas as escriptoras se limitam a um unico trabalho: Narciza Amalia parou nas suas brilhantes *Nebulosas;* Adeina Lopes Vieira não nos deu os livros que poderia ter-

nos dado depois das encantadoras *Margaritas*, si bem que tenha engrinaldado paginas e paginas da imprensa do Rio com formosos trabalhos; e assim por deante. Fazem excepção a essa regra geral, Julia Lopes de Almeida que, sendo ainda moça, já nos deu os minosos *Traços e Illuminações*, a *Familia Medeiros*, que é um dos primeiros romances brazileiros, o apreciavel *Livro das Noivas*, a *Viuva Simões* e os *Contos Infantis* de collaboração com Adelina Lopes Vieira; Zalina Rolim que, além do seu adoravel e immortal. *Coração*, nos apresenta agora o *Livro das Creanças*, (que ainda não conhecemos); Julia Cortines que, depois de haver enriquecido nossas letras com seus magistraes e admiraveis *Versos*, burila um novo livro de sentidos e incomparaveis alexandrinos; e algumas outras, muito raras.

Terminando, enviamos á auctora dos *Plectros* um punhado de flores, pedindo-lhe que, com o seu coração de poetisa, nos desculpe o desataviado deste juizo despretencioso.

PERPETUA DO VALLE.

No Chalet

Pequeno e pittoresco,
d'entre as frondes viçosas da verdura,
destaca-se o *chalet*, n'uma espessura
do parque encantador e romanesco.

Bem rente ao tecto, a artistica esculptura
desnovela a capricho uns arabescos;
e filetes de curvas delicadas,
de floreios exoticos e frescos,
se entendem nas janellas das sacadas.

De modelo chinez, todo elegante,
é seu aspecto alegre e estravagante,
tendo á frente, em repucho crystalino,
um chafariz grutesco e pequenino,
com raras parazitas
de côres esquisitas.

Atravessa-lhe os lados a corrente
do rio. Duas pontes torneadas
em madeira e granito, destacadas,
formam braços e arcadas elegantes,
sobre largas columnas descançando....
No veio da torrente,
como as folhas boiando, fluctuantes,
dividido em fileiras,
perpassa o enorme bando
dos passaros aquaticos....
E nas margens risonhas
de bambús e floridas aroeiras,
fructos, festões e pendulos silvaticos,
sustendo-se n'um pé, tranquillamente,
meditam as cegonhas....
Ao centro desse rio que se inflamma
ao sol do meio dia,
ostenta-se uma ilha pequenina,
habitada por lépidos coelhos;
uma ilha attractiva e esmeraldina,
coberta de confusa ramaria,
onde, enredada a grama,
a trepadeira enrosca-se ao coqueiro
e adorna-o todo inteiro
de cachos amarellos e vermelhos.

Vê-se ao fundo o pomar.... N'uma algazarra,
chia ali a cigarra,
o agudissimo trillo
constante solta o grillo
em louca revoada,
descanta e folga toda a passarada....
Vão e vêm pelo chão os pombos mansos,
abrem pavões os leques furta-côres,
e n'um tanque a boiar grasnam os gansos,
emquanto fazem tóca seis castores....
E doira sempre o sol e revigora
esse parque faustoso e pittoresco,
e o vento n'elle assopra brando e fresco,
levando dos jardins o aroma em fóra....

N'um luxo aristocrata,
vêm-se as salas, de marmore adornadas,
de objectos de *biscuit*, crystal e prata,
porcellanas lavradas,
lindas estatuetas de madonas,
deusas pagãs, heroicas dulcinéas,
de tunicas vestidas e balonas,
nos attestando artisticas idéas.
Candelabros de eroticas figuras
e télas de finissimas pinturas
descançam nos *dunkerques* elegantes.
E, entre armas flammejantes,
de Bonaparte a estatua bronzeada,
em *pose* marcial, victoriada,
estende o olhar profundo
por sobre o Velho Mundo.
De fina madreperola brunida,
eleva-se um lindissimo castello,
n'uma arcada esculpida
em marmor brocatello.

Delgadas cantoneiras,
aos espelhos fronteiras,
apresentam jarrinhas japonezas,
nobres perfis e chromos multicores,
entre umas miudezas
rarissimas, de artisticos lavores.

E pendem das sanefas de brocado
cortinas de damasco azul ferrete,
balancando o franjal avelludado
pelos bastos relevos do tapete....

E' todo maravilha
esse *chalet* de gosto aprimorado,
da encantadora filha
do visconde burguez,
uma dama formosa e scismadora,
de fronte meiga e loura,
que ha pouco mais de um mez,
perdeu seu noivo amado.

Era poeta o jovem mallogrado,
o gentil ideal do seu noivado....
Amavam-se com toda a idolatria;
mas, a fatalidade negra, um dia
tolheu do genio as azas estrelladas,
arremessando-o ás funebres moradas.

E a descrer do destino contrafeito,
a pallida deidade
fugindo inteiramente á sociedade,
ali, em seu *chalet*, desventurosa,
concentra toda a magua dolorosa
que lhe espesinha o peito.

N'um *divan* de velludo purpurino,
agora reclinada, a tudo alheia,
no salão, ella scisma indifferente,
de olhos fitos no tecto.... — Bate o sino
ao longe, muito ao longe, *Ave Maria*....
E toda reverente
a esse som plangente,
a tarde de tristeza se rodeia
e lenta bruxoleia
na ultima agonia....

Dø amor féro tributo
impõe-se áquelle espirito suave,
e accentua a saudade, lento e grave,
no poema impolluto
do seu passado inteiro.

Fôra aquelle o primeiro
affecto verdadeiro
que em plena primavera se arraigára
no coração da loura sensitiva,
formosa e pensativa,
como o artista o ideára.

Amou demais, e pela vez primeira,
emquanto desasete primavéras
coroavam-lhe a fronte de rainha....
Corria-lhe a existencia prazenteira
qual vôo de uma intrepida andorinha
pelo azul das espheras....

Primeiro amor! Amor que resplandece
nos sonhos, na illusão, na phantasia,
amor que nos embala e acaricia,
em suave fragrancia,
uma vida de risos e alegria....
Amor que nos illude e que embevece
em timidos arroubos nossa infancia,
embora morra, nunca desparece
da lembrança da nossa mocidade!

Qual ave que abandona a nossa herdade,
ave de pluma alvissima de arminho,
emigra, mas nos deixa o triste ninho
no coração aberto eternamente.

Ninho sem esperança, onde somente
habita melancolica a saudade,
nestes dias de *spleen* e de incerteza,
tão cheios de tristeza,
e de scisma que a nossa mente invade,
como volvendo á urna do passado,
em busca do ideal amortalhado...

E por isso a deidade
fugindo inteiramente á sociedade,
ali, em seu *chalet*, desventurosa,
concentra toda a magua dolorosa
no coração enfermo e desolado.

Ao descambar das tardes bonançosas,
tardes de aroma e luz, tardes formosas,
eu ás vezes a vejo ir ao piano.
A sua voz a mim tanto angustia,
porque, ao som de uma estranha melodia,
parece que revive mais a historia
de egual amor humano
que trago na memoria....

E emquanto n'uma alvissima gaiola,
toda cheia de enfeites de crystal,
lindo canario escuta contristado
a dôce melodia que se evóla,
desfallece o trinado,
lembrando-se de um vôo delirante
com que, n'um dia claro, tropical,
as amplidões rompia do levante!

IBRANTINA CARDONA.

(Dos *Plectros*).

Literatas polacas

— Notas —

A' Mensageira.

Depois da morte de Tourgueneff e desde que Tolstoi, cujo genio domina o nosso seculo, entregou-se inteiramente ao mysticismo; não ha nos paizes slavos talento mais nobre, mais harmonioso, mais humano que o de *Mme. Elisa Orzeska*. Ninguem comprehendeu e pintou ainda a vida contemporanea do seu paiz natal, como ella, quer pela verdade, quer pela probidade intellectual e, principalmente, pelo escol artistico. Seus livros, vigorosos, sobrios e verdadeiros, de uma inspiração elevada e serena, de uma execução artistica que toca á perfeição, encerram uma pintura synthetica dos costumes, das crenças e das idéas de todo um povo, ao menos de um determinado periodo historico.

Em qualquer de seus livros, principalmente no seu *Meir Exofowicz*, o mais bello e o mais imparcial dos estudos que se conhecem da alma judia, *Mme. Orzeska* conseguiu alar-se a essas espheras superiores de contemplação philosophica e de creação literaria que não são accessiveis sinão aos eleitos da arte e do pensamento.

Entre os livros mais celebres de Mme. Orzeska, citaremos: *Sobre o Niemen, Os Pompaliuski, Os Fantasmas As Espheras differentes, etc.*

Talento de uma esphera diversa é o de sua patricia, *Gabriella Zapolska:* apaixonada, enthusiasta em seu pessimismo e em sua revolta contra o mal e a iniquidade, deixando-se seduzir muitas vezes pelos exaggeros da escola naturalista, desembaraçada mesmo na escolha dos assumptos e na audacia das descripções. Seus livros podem irritar, por certo, os nervos de Brunetière, o adversario rancoroso de Zola, mas a verdade é que hão de reconhecer nelles o summo de um talento, e talento superior, principalmente nos dous romances que a tornaram celebre: *Malaska* e *Kaska.*

Mme. Rodziewicz, a quem se deve um bom romance, o famoso *Dewajtis;* e *Mmes. Hajota* e *Valeria Maréné* são dignas representantes desse difficilimo genero literario, na Polonia.

Na poesia cita-se alli, como um dos nomes mais brilhantes e festejados, o de *Mme. Honopnicka* e no theatro o de *Mme. Sophia Meller,* auctora de uma excellente comedia *Falsas esperanças.*

Copia fiel de

ELMANO DO VAL.

Nenia

Pensando em ti, meu pobre irmão já morto,
Sinto minha alma se abysmar em trevas,
Vencida por um grande desconforto!

E magua tanta o pensamonto enturva,
As ideias baralham-se e me fogem,
Quaes borboletas pela estrada curva...

Companheiro da infancia e dos brinquedos
Dessa quadra feliz e descuidada,
Quanta dor ha da vida nos segredos!
. . . . . .

Hoje que tens o coração de gelo,
A vida tua me parece um sonho,
Bem como a tua morte um pesadelo!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

Maio de 1894.

Selecção

Muitas vezes, a encarar o futuro, perdemos de vista o presente e cahimos no abysmo.

Bernardo Guimarães.

Ser amado é receber o maior dos elogios.

Mme. Neker.

A mulher boa, meiga, mas ignorante, póde — ainda assim — tornar o lar domestico um asylo casto, uma enseada tranquilla. A mulher doce, carinhosa, mas instruida, de talento, com a dupla chamma immaterial do amor e da intelligencia a flammejar-lhe no coração e no cerebro, essa tornará o recinto da familia prestigioso como um templo, invencivel como as mais roqueiras cidadellas.

Visconde de Benalcanfor.

Notas pequenas

Carmen Sylvia — A Universidade de Budhapest conferiu o titulo de doutora honoraria á rainha da Romania, conhecida no mundo literario pelo pseudonymo de Carmen Sylvia.

Viajantes ao Polo — M.me Osterricht, senhora muito illustrada, offereceu 40.000 francos para a expedição que vae explorar o polo sul.

No gabinete do commandante do navio *Belgica* foi collocado o retrato da benemerita senhora, que tanto se interessa pelas investigações da sciencia.

A officialidade do *Belgica* espera muito exito nessa expedição, que é a primeira que se faz provida de todos os recursos da sciencia para affrontar as difficuldades do mar polar.

Recebemos e agradecemos: *Revista do Brazil*, n. 5, elegante e bem acabado como os demais, trazendo magnificos versos e prosa fluente; o *Autonomista*, da cidade de Castro Alves; o *Mimo*, de Jaguary; e o *Conselho*, desta capital.

Julia Filippone. — Desta conhecida editora, que tem a sua conceituada casa de musicas á rua Moreira Cesar, 93, no Rio de Janeiro, recebemos as seguintes bonitas valsas, que agradecemos, penhoradas: *Amo-te muito*, por Marianna Barroso da Silveira; *Maria Lourdes* e *Baby* por Alexandre Veissmann.

São Paulo | 30 de Dezembro de 1897 | Anno I, N. 6

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — A nossa condição, M. P. C. D.; — E' minha mãe, poesia, Adelina Lopes Vieira; — Carta do Rio, Maria Clara; — Filha, Esposa, Mãe, poesia, Delminda Silveira; — A Viuva Simões, L. F.; — Primavera, poesia, Georgina Teixeira; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Agradecimento, soneto, Padre Corrêa de Almeida; — Walkirias, Samuel Porto; — Soneto, Amelia de Oliveira; — Traços ligeiros, Silvio de Almeida; — Selecção; — Notas pequenas.

A nossa condição

Si lançarmos um relance da vista sobre a actual condição da mulher, ficaremos tristes diante do desequilibrio social que ainda reina e dos direitos que lhe são usurpados pela outra metade do genero humano.

Mas, si compararmos o seu estado de hoje com o que era a um seculo atraz, ficaremos alegres e esperançosas. O seculo dezenove traz comsigo um facho luminoso, que dissipa as trevas do egoismo! As bellas paginas de Legouvé, Pelletan, Aimé Martin, Jacolliot e tantos outros, ahi estão, dispersas aos quatro ventos, como o prenuncio de reivindicações futuras!

A historia da mulher nas primitivas eras é uma historia toda de lucto.

No Egypto, em que a mulher era mais considerada do que na Persia e na Assyria, lá mesmo era ella tratada com muita inferioridade ao homem e até mesmo com barbaria!

Hoje, felizmente, já não vemos as selvagerias do Japão nem os horrores praticados universalmente contra a mãe do homem! Não tardará muito o tempo da verdadeira igualdade; já vem perto esse futuro tão justamente ambicionado!

A esse passado tenebroso, a esse egoismo revoltante, o esquecimento completo; ao presente, que promette a *igualdade na differença,* animo e perseverança; e a esse risonho futuro que trará a emancipação moral da mulher, uma chuva de palmas e uma salva do ovações!

M P. C. D.

É minha mãe

Elle —
E's injusta e cruel, Palmyra, acaso
encontras no passado que me ouviste
um ponto desleal?
Falla, que te fiz eu? Porque estás triste?
Põe á prova este amor, marca-me um prazo,
curto, longo, de um dia, um mez, eterno!
mas responde afinal!...

Que te fiz eu? que te fiz eu, Palmyra?
Já não tens, para mim, aquelle terno
sorriso de perdão?
Falla, por Deus, mulher, era mentira
tudo o que me dizia o teu enleio?
era tudo illusão?
O teu olhar tão meigo, o arfar do seio,
o sobresalto ao ver-me, caso eu fosse
surprehender-te... e a voz, e a voz tão doce!
e o beijo!?... Deus!
Lembras-te bem, Palmyra? estavas lendo
Musset, tão entretida na leitura,
tão alheia de tudo e aos olhos meus
tão fascinante, que foi-me crescendo
nalma um ardente, indomito desejo
e approximei-me, presa da tortura
de ou beijar-te, ou morrer.
Beijei-te e então... feliz... rubra de pejo
beijaste-me tambem!

Não imaginas, filha, que tormento
é recordar tal bem!
e sentir que de mim teu pensamento
vae a afastar-se dia a dia... lento....

Isto não pode ser.
Ter provado a ventura! o Paraiso!
ter beijado teu labio ardente e mudo!
soletrar meu perdão no teu sorriso
e agora, ver por terra tudo! tudo!
Que te fiz eu, mulher?

Ella —
Basta já de mentir. E's falso. Escondes
outro amor, bem o sei.
Contemplas a chorar, horas e horas
a miniatura da mulher que adoras,
que trazes em medalha unida ao peito!
Sorris?! Pallido riso contrafeito!
Bem sabes que não minto. Não respondes?
A lealdade é lei.
Ou ella, ou eu. Escolhe. Teus saudade
de um amor que se foi? de outros carinhos?
Lastimo-te, Raul. Que iniquidade!
Eu! sugeitar-me ainda a tal partilha?
Antes ir mendigar pelos caminhos
a compaixão da alguem!

Elle —
Tu vaes pedir perdão e chorar, filha,
que esse amor que perdi e a todo o instante
invoco e chamo em vão, febricitante,
esse amor mais que todos santo e puro,
vês? vaes chorar tambem...
essa triste rival que beijo ardente,
essa morta que choro eternamente...
por Deus! por ti o juro!
é minha mãe! é minha mãe! querida!
Vejo nublada a limpidez azul
do teu olhar, que é todo o meu encanto...
— da injusta idéa, arrependido pranto! —

Falla! responde, ó sol da minha vida!

Ella —
Como te amo, Raul!

ADELINA LOPES VIEIRA.

Carta do Rio

A litteratura franceza acaba de soffrer grande perda com a morte do genial escriptor Alphonse Daudet. O telegrapho transmittiu-nos essa noticia que tem contristado geralmente a todos os amantes das letras de aquem e de além mar.

Lembro-me ainda da deliciosa impressão que me causou n'alma a leitura de um *conto* de Daudet — O dedal de prata.

Eu era muito creança e esse foi um dos primeiros contos que li.

Foi a historia commovente de uma menina pobre que fôra seduzida e mais tarde abandonada pelo seu ingrato amante.

Depois... de quéda em quéda a misera abandonada atirara-se á toda a sorte de devassidão.

Tinha joias e sedas, palacios e carruagens... Um dia, admirando a fascinante riqueza de suas custosas joias — escrinio das mais ricas e formosas pedras preciosas — encontrou, por acaso, um dedal de prata, antigo, que lhe fôra dado por sua pobre mãe, nas festas do Natal. Aquelle modesto dedal obrigou-a a uma divagação pelo passado. N'aquelle tempo — que differença! — esse simples dedal de prata lhe causara vivissima impressão, sua alma candida não sonhava com as seducções do mundo. Era simples e pura, tinha ainda sua mãe e tinha honra!

E triste, hallucinada, traspassada de dôr, a misera chorou horas e horas. Divagando pelo passado viu claramente que a joia mais preciosa d'aquelle escrinio riquissimo era aquelle singelo dedal de prata. E teve um momento de indizivel tristeza!

Ainda hoje ao recordar esse *conto* do grande escriptor que acaba de desapparecer dentre os vivos, sinto minh'alma inundada de vaga melancholia.

A mulher de Daudet é devotada cultora das lettras. A ella se deve o magnifico livro *Femmes d'artistes*.

Daudet deixa um filho, que já é tambem um escriptor de nome, e cujo destino se acha ligado ao de Joanna Hugo.

Ha dias appareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradores d'aquelle bairro. Imagino que a forasteira veiu explorar o logar a ver se lhe convem para trazer a familia.

Sim, eu penso que a onça tal qual o homem, não é propheta em sua terra e por isso entende que de tempos a tempos um passeio a outra cidade, a outro paiz, instrue e fortifica a alma, do mesmo modo que fortifica e retempera o corpo. Uma onça em Irajá, tem graça! Amanhã, si a onça ampliando mais o seu passeio, vier até aqui ao Engenho Velho, não nos poderemos queixar caso algum extrangeiro admirado nos chame botocudos.

Decididamente, a onça de Irajá

ou é uma forasteira que procura novos sitios, certa de que ninguem é propheta em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulicio das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilisado. A civilisação e as onças são incompativeis.

Oiço o canto das cigarras no momento em que escrevo esta «Carta». O verão este anno não esteve á espera da folhinha, entrou abertamente, furiosamente, muito antes do dia marcado pelo calendario, que é, se não me engano, a 21 de Dezembro.

Quatro incendios em um só dia tivemos na semana passada! Isto é que é progresso!

Nessa proporçáo medonha, si o *negocio* continuar, esta Capital fica liquidada em pouco tempo.

Contou-me, hontem, uma amiga que sua vizinha tenciona fazer da filha — menina de doze annos — uma bôa poetiza. A menina, coitada, não tem vontade, a mãe quer e é quanto basta, ha de ser poetiza... á força. E' original. Depois da Inana — a mulher que, ao fim de doze annos de esforço, conseguiu voar sem um ponto de apoio, só mesmo onças em Irajá e poetizas... á força.

A 24 do corrente o Club de Engenharia commemorou dignamente o seu 17° anniversario, offerecendo a seus socios e convidados uma diversão ao Corcovado. Magnifica esteve a festa dos engenheiros. Em bond e trem especiaes subimos ao pitteresco pico do Corcovado. O dia estava nublado e por isso não pudemos descortinar muito bem o rico pandrama desta bella cidade. Mesmo assim, nos rapidos momentos em que o sol apparecia, gosavamos de uma vista deslumbrante. Explendido almoço ao ar livre aguardava a chegada dos convidados ao hotel das Paineiras.

Houve muitos descursos, flores, saudações e alegria. A pequenez do espaço de que dispõe a Mensageira não me permitte descrever minuciosamente a bella festa do Club de Engenharia.

Agradecendo a saudação que por um dos engenheiros presentes foi feita á mulher brazileira e particularmente á mulher do engenheiro, eu disse aljumas palavros simples e sinceras. Dois motivos imperiosos levarem-me a usar da palavra em resposta a esse saudação: ser

mulher brazileira e ser esposa de um engenheiro.

Confesso que tive uma pequena parcella de orgulho pelo triumpho da festa dos engenheiros. Meu marido foi um dos socios fundadores do Club e é um de seus mais devotados amigos.

Que o Club viva e prospere — eis o que desejo — para garantia de uma classe distinctissima a qual o Brazil já deve muito e da qual ainda muito espera.

Expira 97. E' costume muito nosso apedrejar o anno que finda e cobrir de flores o que nasce.

E' mau esse costume. Não devemos esperar muita cousa do anno que começa, porque assim qualquer beneficio ou favor que Deus nos conceda, alegrará em extremo nossa alma, inundando-a de salutar contentamento.

E... até o anno que vem, gentís leitoras!

Maria Clara da Cunha Santos.

Filha, Esposa, Mãe

Qual é a luz da tua noite escura,
Qual é a flôr do teu jardim despido,
Triste ancião que gemes de amargura
Deixando a vida — lacrimosa trilha —,
Quem é?
— E' tua Filha. —

Homem infeliz no teu viver de dôres,
Homem ditoso — em tuas ledas horas,
Quem mais sentio teus fundos amargores,
Quem na tua ventura mais a goza,
Quem é?
— E' tua esposa. —

Creança — a quem dás tu o teu sorriso?
Quem com seu sangue te alimenta, meiga?
Quem é o teu amôr, teu paraizo,
Quem a tu'alma innocentinha encanta,
Quem é?
— E' tua Mãe, a mulher santa!

Dezembro de 1897.

Delminda Silveira.

Viuva Simões

Elegantemente edictado em brochura acaba de apparecer em Lisboa, e de ser remettido para este paiz americano o romance *Viuva Simões*.

Sua escriptora é d. Julia Lopes de Almeida, que com a publicação da *Familia Medeiros* firmou invejavel nome no romantismo brasileiro.

A nova producção é d'aquellas que póde dar ao auctor as satisfacções do orgulho que a profissão das lettras, ás vezes, proporciona. Já mereceu o applauso dos intellectuaes e nesse numero inclue-se o da abalizada escriptora d. Guiomar Torrezão, que em vibrantissimo artigo analysou o ro-

mance observado e creado pela prosadora brasileira.

Na *Viuva Simões* ha numerosas paginas palpitantes de vida, de brilho e de sentimento intensamente real.

A auctora apresentando o typo de Ernestina definio um modo certo de comprehender e de conhecer a existencia social, deu ao seu caracter feminino um *tour d'esprit* que muito o particularisa.

Lendo-se este gracioso e fino romance realista, mas sem ser pungente, nem cheio de crueldade e de violencias como as grandes creações dos mestres desta escola littararia, percebe-se o carinho amoroso com que foi architectado o seu conjuncto.

Não se torna transbordante de imaginação nem enfadonho pela minuciosidade dos detalhes das scenas.

Guiomar Torrezão criticando este romance diz que recordou-se da leitura de algumas passagens do *Page d'Amour*, onde E. Zola descreve magnificamente o arcabouço de Paris. E' muito feliz esta reminiscencia da illustre escriptora portugueza, a cerca do livro *Viuva Simões,* onde ha bellas e fieis descripções dos horizontes do Rio de Janeiro.

São feitas com sobriedade e communicam assim agradavel impressão ao espirito do leitor, «a grande cidade americana surge ante o nosso olhar interessado, em aspectos fragmentarios, de um traço firme e de um colorido luminoso e fundo, intercalando-se harmoniosamente com a narrativa»....

Qualidades de escriptora legitima possue a correcta analysta da alma de Ernestina e do caracter de Luciano, neste romance da vida fluminense. Os modelos estão observados e reproduzidos «com a perfeita noção da côr, dos planos e tonalidades».

Para isto, a auctora soube reunir os documentos dispersos que deviam leval-a á acquisição da verdade dos factos e do encadeiamento dos phenomenos da vida, tirar a lei que os explica e domina.

Deste modo se expressava uma talentosa escriptora, tambem portugueza, acerca da individualidade de Julio de Goncourt e da sua correspondencia.

— Os livros, hoje, interessam-nos principalmente por nos revelarem o mecanismo interno de quem os escreveu.

Na obra litteraria de que nos occupamos ha esta gradação de pintura de aspectos pittorescos e humanos, «que passaram da retina da auctora para as paginas do livro.»

O estylo tem uma transparencia de crystal, é leve e sonoro, evidencia a delicadeza da sensilibili-

dade de quem traçou os contornos da phrase, sempre espontanea e propria.

«A grande alegria da luz envolvia tudo: manchas vermelhas de barro, tufos de vegetação, quadros domesticos encerrados entre a brancura de quatro muros caiados, surprendidos do alto, mulheres estendendo roupa ao sol. O azul e o verde enchiam o ar com os seus tons fartos....»

O romance *Viuva Simões* resume-se na analyse dos estados d'alma de uma mulher tocada pela affecção nervosa.

Tem scenas de muito vigor em que a victima da degenerescencia, a terrivel doença de um seculo excessivamente cultivado, mostra-se de modo a fixar a attenção de todos que procuram encanto na leitura da litteratura moderna.

Este drama de paixão infunde uma ternura e uma sympathia extraordinarias.

A pintura das physionomias e os tons descriptivos, neste romance, vivificam essas creaturas dominadas pela prececupação do mundanismo.

Distincção e elegancia não faltam nesta sociedade de cujas praticas participamos, observando e sentindo-as.

L. F.

Primavera

De manhã, quando desperta
A Natureza sadia,
Da minha janella aberta,
Saudo o raiar do dia.

E saúdo os verdes ramos
Dos velhos olmos copados,
Onde cantam gaturamos,
Doces poetas alados!...

E por entre as violetas
As borboletas, fitando;
Eu invejo as borboletas
Que andam felizes voando.

E vejo as rosas abrindo
Apenas o sol assoma,
E vel-as, oh! quanto é lindo!
Quanto é doce o seu aroma!

Ah! como é bom, logo cedo,
Ouvir o canto mimoso
Nas ramagens do arvoredo
Do sabiá venturoso.

E seguir pelos caminhos,
Onde por entre a verdura
Se occultam ditosos ninhos,
Cheios de amor e ternura.

Ah! como é bom ter a gente
Um coração que nos ame,
Que nos falle ternamente
E como o nosso se inflamme,

Ante tão grata belleza
Revigorante, pomposa,
Da grande mãe Natureza,
Na Primavera, gloriosa.

GEORGINA TEIXEIRA.

Chronica omnimoda

Na clepsydra das éras, mais uma gotta se deslisou!

Venturosa ou nefasta?

Transparente, ou opaca?...

Mysterio!!!...

* * *

Atufa-se no barathro caliginoso dos tempos o anno de 1897!

No rapido caminhar para o seu termo, o seculo, á guiza dos cometas, acceléra a sua marcha.

Astros periodicos, com a orbita medida e registrada nas taboas chronologicas, elles multiplicam a sua força de gravitação, quanto mais se approximam do perihelio da Eternidade!

Que se poderá dizer deste anno?

Entre os antigos egypcios, havia um costume, cruel talvez, mas com certeza estremamente justo.

Eram privados da sepultura e lançados á voracidade dos abutres os reis que em vida haviam feito mau uso da auctoridade que lhes fôra confiada pelos povos, para fazer a sua felicidade.

O cadaver do extincto pharaó comparecia á barra do tribunal popular e era submettido a um julgamento, com todas as formalidades legaes.

Si na balança de Themis se inclinava a concha que lhe era favoravel, o seu corpo dava entrada nas galerias subterraneas das pyramides, envolto nas delgadissimas faxas das mumias; sendo os seus restos mortaes sabiamente preservados da corrupção inherente a materia organisada, pel os processos aperfeiçoadissimos do embalsamamento.

Ao contrario, porém, si os seus crimes eram taes que pediam punição immediata, os seus derradeiros despojos eram abandonados ao nateiro do Nilo, onde iam servir de adubo ás searas que começavam a germinar!

* * *

Si á barra do tribunal incorruptivel da chronica tambem comparecesse o anno que hoje finda, qual seria a sentença que lhe caberia?!

Condemnatoria, exclama a justiça da epoca!!!

Antes, porém, de se lavrar a sentença, cumpre que tenha a palavra o orgam da justiça publica, para offerecer o libello, em que baseia o seu pedido de punição.

* * *

Eil-o:

Por libello crime accusatorio diz a justiça da actualidade, contra o réo — 1897...

P. que esse conjuncto de 365 dias e seis horas, foi um desses flagellos com que o velho Satur-

no, de tempos em tempos, costuma affligir esta pobre humanidade;

P. que logo em seu começo, as ruas da mais civilisada das capitaes da America do Sul foram theatro de um hediondo assassinato, ficando os seus auctores impunes, até ha pouco;

P. que elle nos deu a continuação da guerra de Cuba e das Philippinas, com todo o seu cortejo de barbaridades;

P. que o porco de Stambul se espejou á vontade na vasa de Minolonghi e nos valles da Armenia, com absoluta cumplicidade da Europa occidental, á espreita dos proventos da lucta;

P. que elle nos mimoseou com a tragedia fumarenta de Canudos, onde arderam, ao clarão sinistro das fogueiras de petroleo, os restos da civilisação de certo paiz sul-americano...;

P. que ainda foi durante o seu fatal reinado que, aos golpes de um sicario, cahiu o venceador de Bello Monte e de seus obcecados habitantes;

P. finalmente, que nos paroxismos de sua cruciante agonia ainda elle arremessou, um contra outro, o leopardo britanico e a aguia moscovita, que se disputam a posse do dragão chinez...

Por tudo isto, E. S. C.

P. que o anno de 1897, criminoso nato, e com todos os indicios de uma impossivel regeneração, seja condemnado no grau maximo do artigo... tantos do Cod., por ter contra si todas as circumstancias aggravantes, e que, atado de pés e mãos, seja arremessado aos abysmos insondaveis do Passado!!!

E que lá se conserve, por todo o sempre, para felicidade dos povos e tranquillidade do genero humano!...

* * *

Vem por tanto á barra do tribunal incorruptivel da chronica, para que se te applique o castigo que mereceste, por tua indole perversa...

Atufa-te no barathro caliginoso dos tempos e conserva-te lá pelos seculos dos seculos!...

Tu nos trouxeste os tres flagellos, que mais affligem a triste humanidade, a peste, a fome e a guerra!

Vade retro, eu t'arrenego!!!...

Cruzes, canhoto!!!...

* * *

Na clepsydra das éras, mais uma gotta se deslisou!

Venturosa, ou nefasta?

Transparente, ou opaca?...

Mysterio!!!...

S. Paulo, Dezembro 1897.

J. Vieira de Almeida.

Agradecimento

Eu, apezar de ser do sexo feio,
por obsequio recebo a *Mensageira*,
revista litteraria, que me veiu
causar uma surpresa verdadeira.

As producções lindissimas, que leio,
abonam muita e muita Brazileira,
ás quaes dedico um simples galanteio,
fallando-lhes assim d'esta maneira:

Obedecendo á Igreja, Sancta Madre,
celibatario e macambuzio padre
alegrias domesticas não logra.

Porém eu (a consciencia m'o exigia)
fiz a defeza e fiz a apologia
da injuriada e respeitavel sogra. (*)

Barbacena, 9 de Dezembro de 1897.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Walkirias

(Ballada)

Errantes, indecisas, a bruma escassa e alvacenta cingindo como um sendal de arminhos as leves fórmas, de intangibilidades ethereas, esvoaçam as languidas e ideiaes Walkirias...

Desoladora paizagem: luz de uma aurora boreal, livida, tocando os pincaros nevoentos... ar vasio, porque as duas friagens espancam barbaramente alguma aza que passe lenta, lenta...

Para além, em frestas rasgadas no granito, fervem aguas marinhas, levantando a cada estrondo poeiras doiradas de neblina...

E os anjos errantes, ethereos, de Wodan, cujo olhar abrauge o mundo do seu throno de Hlidskialf e guarda os espiritos guerreiros no Walhalla, repartem, em vôos silenciosos, o hydromel aos heróes que ficaram dormindo no campo dos combates.

* * *

Sonhos, intangiveis Walkirias, porque não derramais tambem a doçura do hydromel sobre o feretro azul das esperanças murchas?

Porque?

SAMUEL PORTO.

Soneto

Escuta: os gosos meus, toda a ventura,
Todos os sonhos e illusão querida,
Tudo deixou-me, tudo; nesta vida
Nada me resta mais que a noite escura.

A que sorte cruel, amarga e dura,
Deus condemnou-me! Est'alma dolorida
Já sem força, ai de mim! vejo rendida
A' tristeza, ao pezar, á desventura!

O que hei feito, não sei; em vão banhado
Tenho meu rosto desse pranto triste;
Tenho maguas sem conta em vão sorvido.

Não sei porque... escuta: meu passado
E' todo aquelle que a chorar me ouviste,
E que senti passar sem ter vivido!

Abril — 1890.

AMELIA DE OLIVEIRA.

(*) Veja-se a pagina 120 das **Producções da caducidade.**

Traços ligeiros

As cidades, como as nações e os individuos, têm as suas phases de prosperidade e de infortunio.

Olhemos agora para a triste Villa-Rica, e façamos o seu confronto com a nova capital de Minas.

Aquella representa o passado; esta symbolisa o futuro.

O ouro abundava, e abunda, nas entranhas da primeira; e foi o mesmo ouro que serviu para fundar a segunda.

A primeira, montuosa como o proprio solo do estado; a segunda, indefinidamente plana, contrasta com a grande região de que vae tirar o seu nome definitivo.

A primeira, despresada pela monarchia e pela republica; a segunda, opulentada pela «nobre elegancia do gosto italiano combinado com o arrojo dos *yankees*.»

Uma, como que rompêra espontaneamente da terra, procurada de principio pelos adoradores do precioso mineral; outra, artificialmente formada pela vaidade mineira, que não queria ter uma capital inferior a qualquer uma das dos outros estados.

A patria de Tiradentes assentou de ser tambem aristocrata...

No emtanto, ella se podia mirar na confederação norte-americana, onde vemos Washington como centro official, embora não seja, nem de longe, a primeira das suas cidades.

Si Bello-Horizonte é uma seductora promessa, não deixa de ser Ouro-Preto uma tradição respeitavel.

Alli palpitou o coração de Gonzaga, unido ao coração de *Marilia do Dirceu*...

Alli esteve prégando Joaquim José da Silva Xavier o dogma do novo credo republicano, proclamado a 15 de Novembro...

E, muito tempo antes, já Philippe dos Santos se levantára heroicamente contra o despotismo do conde de Assumar...

— Ouro-Preto, veneranda depositaria das tradições da minha terra natal! foste abandonada pelos homens do presente; mas teu nome, impresso nos paginas do passado, viverá eternamente na memoria do futuro!

Na tua velhice sagrada, pódes recordar o cyclo da tua existencia com a satisfação de não haveres sido tão pesada aos mineiros como a tua venturosa rival; — mãe que viveste nos apertos da miseria, para fazer a felicidade da tua filha!

Recolhe-te agora na meditação

das consoladoras paginas da *Imitação de Christo*, e considera a nihilidade das grandezas humanas...

Tu és a pequena imagem da União Brazileira!

Esta, ao proclamar-se a republica, chamou para si toda a responsabilidade e encargo da nossa divida, tanto interna como externa, e dividiu pelas antigas provincias (como o rei Lear pelos seus descendentes) a mirifica riqueza de que era possuidora.

Este acto de imprevidencia foi tão fatal ao Brazil como tinha sido o seu correspondente ao famoso personagem de Shakespeare.

E tu foste igualmente descuidosa, ó velha cidade de Ouro-Preto!

Os enfeites que deixaste de pôr em tuas vias publicas, em teus edificios, vão servir agora para os adornos do Bello-Horizonte, esse novo Nababo...

Aniquilou-te completamente um mesquinho arraial, que dantes não conhecias...

Por isso, ó tradicional cidade religiosa, deves bater contrictamente ao peito e reconhecer, como nós, a nihilidade das grandezas humanas!

Silvio de Almeida.

Selecção

«A mulher brazileira não nasceu só para o amor e para ser idolo; nasceu tambem, como a dos outros paizes, para o sacrificio. Expansiva na felicidade, ella é, talvez mais do que nenhuma outra, resignada e corajosa na adversidade.

Nesta cidade de trabalho, falemos agora só do Rio de Janeiro, nesta terra de luctas, a mulher não encontra fechadas as portas das academias, dos collegios superiores, onde lecciona para ganhar o pão; é typographa, é medica, (e luctando com quantos impecilhos e preconceitos!) é modista, é doceira como já se sabe, é professora (a grande frequencia da Escola Normal o prova), é escriptora, é musica, é qualquer coisa, desde que se sinta apta pelas tendencias do seu espirito a exercer um cargo ou que se veja aguilhoada pela pobreza a procurar uma profissão!

Se o seu temperamento é calido e voluptuoso, o seu espirito é forte e ella vence-se. Se cáe de uma posição ornamental e vistosa em outra mais humilde, não se esconde, como a europea que julga o trabalho uma villania; ao contrario, a brazileira comprehende mais depressa o alcance dessa palavra, e é de rosto descoberto que procura e pede serviço.

Vae pintar leques, *sachets* e al-

mofadas para as lojas, abre *atelier*, cose luvas para as fabricas ou chapeus para as chapelarias, é florista, é mestra, é aia e lavadeira ou engommadeira, conforme a educação recebida ou o ambiente em que respira. A brazileira ociosa, é uma phrase injusta e que anda a correr mundo, infelizmente, sem protestos. Porque?

Toda a gente sabe que no Brazil só não amamenta os filhos a mulher doente, aquella que não tem leite ou que o sabe prejudicial em vez de benefico!

Rica ou pobre, as mães só teem uma aspiração: — aleitar, crear o seu filho! Este exemplo devia ser citado, porque, á proporção que esta virtude se accentúa entre nós, parece que nos paizes da *civtlização* se vae tornando escassa!

A mulher brazileira ama com mais intensidade, talvez; dedica-se toda, sem medo de estragar a sua belleza, ás commoções da vida. Ahi vemos as pobres mulheres dos soldados, seguindo-os á guerra, acompanhando-os nas batalhas, matando quem os fere, ferindo quem os ameaça, erguendo-lhes das mãos moribundas a espingarda com que os vingam!

Estas energias não são filhas do acaso, vêm-nos da mistura de sangues com que fomos gerados, vêm-nos desta natureza portentosa e que por toda a parte nos ensina que a vida é uma grande fonte que não deve seccar inutilmente.»

Ecila Worms.

Notas pequenas

A Mensageira em Paris. — Da Exma. Sra. Viscondessa de Cavalcanti, que se acha actualmente em Paris, trabalhando no seu *Diccionario Biographico Brazileiro*, recebemos honrosissima carta, na qual exara lisongeiros conceitos a nosso respeito. As suas animadoras palavras serão mais um incentivo para que procuremos melhorar sempre, na medida de nossas forças, a nossa modesta publicação.

— Xavier de Carvalho, o brilhante escriptor que mais de uma vez tem vibrado sua penna em prol da elevação moral da mulher, nas suas apreciaveis *Notas de Paris*, escriptas para o *Diario Popular*, assim se exprime sobre a nossa revista:

«Agradecemos á illustre escriptora D. Presciliana Duarte de Almeida a remessa da sua interessante revista feminista *A Mensageira*.

Mostramol-a ha dias á celebre escriptora Marya Cheliga no seu salão de *avenue des Ternes 51*, e a grande sacerdotisa da causa tres vezes sagrada da emancipação feminina ficou encantada e deslum-

brada por saber que tambem em S. Paulo as damas reconhecem que é necessario marchar para diante e affirmar que a mulher não é uma individualidade subalterna, mas a companheira e irmã do homem. Seria bom que as redactoras da *Mensageira* — mensageira de esperanças e de sans reivindicações — nos dêm menos litteratura e mais artigos solidos com idéias seguras e fortes sobre os deveres da sociedade para com a mulher e nos mostrem o *estado d'alma* da mulher brazileira, o que ella deseja, o que ella quer ser e o que ella deve ser. A tentativa é excellente e tem todos os nossos enthusiasticos applausos.

Ha por exemplo uma campanha que as senhoras brazileiras devem emprehender: a lucta a favor da paz no mundo e a propaganda contra a idéia da guerra.

As mães, as esposas, as filhas são as primeiras interessadas nessa campanha. Na Europa a campanha contra os exercitos permanentes tem um auxiliar precioso na mulher. E' preciso que as damas brazileiras combatam todas as tentativas aggressivas entre as nações americanas do sul ou dessas nações contra qualquer nação da Europa. A mulher brazileira não tem mais do que seguir o exemplo da sua irmã, a mulher americana do norte.

Desejariamos muito que *A Mensageira* tomasse essa iniciativa.»

Nova capital de Minas. — Com ruidosas e enthusiasticas festas inaugurou-se a 12 do corrente o governo de Minas na sua nova capital — a esperançosa e original Bello-Horisonte. Cremos que é e deverá ser sempre este o nome da formosa cidade, tenha ella muito embora o nome official de Minas...

A nova cidade, que foi construida apenas em dous annos, conta quarenta edificios publicos, entre os quaes cinco palacios de moderna e caprichada architectura, tem um serviço completo de agua e luz electrica, e possue já uma população de mais de quinze mil habitantes. Podemos avaliar, pelo seu rapido progresso, o que será d'aqui a alguns annos a cidade talhada para brilhar como uma das primeiras da America do Sul, a cidade dos formosos marmores vermelhos! Que satisfaça ella as esperanças de todos os que para lá teem voltado o coração e de todos os filhos do grandioso Estado de Minas.

As senhoras de Bello-Horisonte, justamente enthusiasmadas com a inauguração do governo na prospera cidade, manifestaram a sua natural alegria offertando um lindissimo *bouquet* á Exma. esposa do Dr. Bias Fortes, presidente do Estado.

Delminda Silveira. — Contamos d'ora em diante com a valiosa collaboração desta sympathica poe-

tisa, cujo nome gloriado é conhecidissimo no Estado de Santa Catharina, onde milita na imprensa, ha longos annos, colhendo sempre merecidos louros.

A Mensageira

— Recebemos o primeiro numero d'*A Mensageira*, revista litteraria dirigida pela maviosa poetisa D. Presciliana Duarte de Almeida.

Entre muitas distinctas collaboradoras, notamos os nomes eleitos de Zalina Rolim, Julia Lopes, Aurea Pires e outras, o que é uma garantia do escrupulo litterario que preside á feitura da preciosa *Mensageira*. Não nos passou despercebida a ausencia da auctora dos *Marmores;* mas, folheando a revista, encontramos na ultima pagina a noticia de sua collaboração no numero seguinte.

Era esta a mais primorosa imposição que a directora d'*A Mensageira* podia fazer dos numeros seguintes de sua excellente revista.

(Da *Gazeta da Tarde*).

Sympathica, distincta e elegante, trescalando o delicioso *odor di femina* inebriante e intenso, appareceu-nos de improviso *A Mensageira*, revista litteraria dedicada á mulher brazileira e collaborada quasi exclusivamente pelos mais peregrinos talentos femininos da nossa terra.

Além da directora, D. Presciliana Duarte de Almeida, poetisa apreciada e assás conhecida no nosso mundo litterario, encontramos ali Julia Lopes, Zalina Rolim, Maria Clara, Julia Cortines e Aurea Pires, escriptoras de alto renome nas nossas letras.

Só notamos a ausencia de dois nomes dos mais festejados e brilhantes da pleiade de escriptoras e poetisas nacionaes — Narcisa Amalia e Francisca Julia.

Estas, porém, virão depois completar o bellissimo elenco de collaboradoras da novel e promissora revista, que será lida por quantos amam as boas letras e admiram as mulheres de talento e espirito.

Seja bem vinda *A Mensageira*.

(Do *Paiz*).

— *A Mensageira*, n.º 1, mimosa revista litteraria dedicada á mulher brazileira.

Edita-se duas vezes por mez em S. Paulo sob a direcção de D. Presciliana Duarte de Almeida, que decididamente nasceu para as letras, tal o primor com que lançou o artigo de apresentação.

Como companheiras de redacção, conta ella as distinctas e intelligentes senhoras d. d. Adelina Vieira, Julia Lopes, Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Julia Cortines,

Josephina de Azevedo e Georgina Teixeira.

Penhorados pela gentileza da remessa de um exemplar, almejamos á distincta confrade longa serie de felicidades.

(Da *Gazeta de Uberaba*).

Temos sobre a mesa o terceiro numero da interessante revista litteraria *A Mensageira*, redigida pela sra. d. Presciliana Duarte de Almeida. Traz um bello summario, pelo qual se póde ver quanto é escolhida a collaboração da revista. Dentre os trabalhos insertos nesta publicação destacamos o soneto de Georgina Teixeira e uma carta litteraria de Ibrantina Cardona.

(Do *Correio Paulistano*).

A Mensageira. Entre as publicações que hontem recebemos, avulta incontestavelmente a *Mensageira*, revista litteraria dedicada ás senhoras paulistas e dirigida pela conhecida escriptora d. Presciliana Duarte de Almeida.

O summario deste numero, que é extenso e variado, encerra uma interessante *Carta do Rio*, de d. Maria Clara C. dos Santos; um soneto (*Patuit Dea*) de Sylvio de Almeida; um estudo sobre litteratas polacas, por Elmano do Val, e outros trabalhos de valor. E' um bello numero, de leitura interessante e util.

(Da *Nação*)

A *Mensageira*, a bella revista litteraria que se publica nesta capital, sob a direcção da sra. d. Presciliana Duarte de Almeida, continúa a visitar-nos regularmente de quinze em quinze dias.

Ainda hontem appareceu-nos essa revista, variada e interessante, trazendo bons escriptos litterarios em prosa e verso.

Do presente numero da *Mensageira* destacamos a *Chronica omnimoda*, de Vieira de Almeida, a *Carta do Rio*, de Maria Clara da Cunha Santos, e a critica litteraria do livro de versos *Plectros*, de Ibrantina Cardona.

(Do *Correio Paulistano*)

Chega-nos ás mãos o 4° numero d*A Mensageira*, excellente revista litteraria consagrada ás senhoras brazileiras e que se publica na capital paulista sob a direcção da intelligente escriptora D. Presciliana Duarte de Almeida.

Traz excellentes artigos litterarios, a *Chronica omnimoda*, que faz a apologia da arte em S. Paulo, e um bello soneto de Amelia de Oliveira, *Noite*.

(Da *Gazeta de Petropolis*)

São Paulo 15 de Janeiro de 1898 Anno I, N. 7

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — O feminismo, Xavier de Carvalho; — O Sonho, soneto, Julia Cortines; — Carta do Rio, Maria Clara C. Santos; — Amphitrite, soneto, Alberto de Oliveira; — Intellectualidade Feminina Brazileira, Pelayo Serrano; — Contraste, soneto, Francisco Lins; — Almeida Junior, Perpetua do Valle; — Cahir da noite, soneto, Saturnino de Oliveira; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Selecção; — A entrada do anno, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

O feminismo

E' com o maior prazer que vemos o triumpho da litteratura feminina do Brazil na brilhante revista *A Mensageira*. A mulher da maior republica da America do Sul não podia ficar atraz do grande movimento iniciador da Europa e dos Estados Unidos. O interessante quinzenario da illustre poetiza D. Presciliana Duarte d'Almeida vae resurgir energias adormecidas e acalentar entresonhadas esperanças. Será o glorioso rebate para o combate da paz e do amor!... Bemvindo seja esse signal amigo para todas as almas que aspiram á luminosa alleluia da Boa Nova!

A mulher é ainda hoje considerada, quasi por toda a parte, como um ser physica e socialmente incompleto. Além dos que por aberração cerebral a detestam, ha a ferocidade dos Codigos, ha a hypocrisia dos Costumes, ha umas certas convenções anachronicas a que philosophos impotentes chamam a *moral*, ha o grande abysmo dos preconceitos confessionaes de todas as religiões e seitas e ha sobretudo a opposição estupida e, digamos interessada, do *homem* que receia a concurrencia da *mulher* nas artes, na sciencia, no commercio e na industria. E' o homem que nos parlamentos fabrica os codigos injustos e as leis oppressivas; é o homem que se oppõe na questão economica á reivindicação tão sensata das mulheres nos centros industriaes: *a trabalho egual, salario egual;* é o homem que impede a entrada da mulher nas academias e foro, como se viu ha

pouco em Paris, na questão com M.$^{\text{elle}}$ Chauvin; é o homem que lhe cria todos os embaraços e obstaculos nas carreiras chamadas liberaes; é o homem que, depois de a conspurcar e depravar, a arregimenta no quadro infecto da prostituição; é o homem que lhe nega toda a auctoridade nos actos da vida civil e que a colloca em lugar inferior no casamento; é o homem que creou a incapacidade legal da mulher casada; é o homem que, emfim, fabricou esse absurdo artigo do Codigo Penal que em caso de flagrante delicto, no adulterio, só elle o marido, elle, o senhor absoluto, tem o direito de fazer justiça pelas suas proprias mãos!

Mas, após tantos e tantos seculos d'escravidão, a Eterna Menor revolta-se!

E revolta-se, não por sentimentalismo, mas com firme convicção dos seus direitos sagrados de Mãe, de Esposa e de Mulher, parte integrante do Individuo e da Humanidade. Revolta-se pelas exigencias do seu Cerebro, do seu Coração e do seu Sexo. Revolta-se por que no meio d'um seculo de sciencia e de justiça social, com plena consciencia da injustiça que lhe é feita, não póde mais supportar a bastilha de horrores em que a lançaram as religiões e as leis, esses inimigos de todas as tentativas d'emancipação humana.

A epocha da barbaria deve terminar d'uma vez para sempre. A mulher reclama a sua parte á luz do sol e o seu quinhão no banquete da vida.

As suas reivindicações são justas e é por que temos a inteira convicção de que ella reclama com direito que somos feministas.

Nem a mulher que vota nem a mulher que mata, lemos aqui n'esta mesma revista, n'um dos numeros passados.

Estamos plenamente d'acordo.

A mulher é um ente cerebralmente superior e as mentiras do parlamentarismo, os equivocos do suffragio restricto ou universal, rhetorica officiosa, são cousas que se não coadunam muito com a organisação feminina. Ao mesmo tempo, ser todo coração, alma penetrada de todas as doçuras, á mulher repugna-lhe a morte, e é por isso que todas as associações feministas são ao mesmo tempo centros de propaganda pela paz entre as nações e pelo desarmamento.

Repetimos, como o collobador passado da *Mensageira: Nem a mulher que vota nen a mulher que mata.* Apenas um pequeno reparo: Louise Michel, a ultima Santa n'este seculo d'estreito egoismo, nunca votou nem applaude

(muito pelo contrario) o voto das mulheres.

As mulheres teem hoje em Paris um diario: *La Fronde,* (14, rue de Saint Georges), jornal unicamente redigido, collaborado e composto typographicamente por mulheres. A directorâ da *Fronde* não prégа apenas a boa — doutrina, executa e cumpre o que apresenta como norma moral. E o exemplo está no proprio jornal. As mulheres typographas que se apresentaram para trabalhar na officina de composição não exigiam mais do que 5 francos diarios, mas como a tarifa da Camara Syndical dos typographos é a 8 francos, a directora da *Fronde* firmando-se no *a trabalho egual, salario egual,* admittiu na typographia as operarias ganhando o mesmo que os homens. Facto verdadeiramente extraordinario! um patrão que offerece e dá aos seus empregados quasi o duplo do que elles pediam e consideravam como sufficiente remuneração! E ahi está como uma mulher, com a intuição clara do dever, deu aos homens o exemplo raro do *acto* solidario com a *doutrina.*

Uma das grandes propagandistas da ideia da emancipação tão humana do feminismo é a distincta escriptora polaca e hoje quasi uma parisiense, M.me Marya Cheliga. Foi ella que dirigiu e lançou o esplendido numero de *Révue Encyclopedique,* consagrada ao movimento feminista; foi ella que creou o *theatro feminista;* e foi ella quem organisou em Paris a maior parte das associações feministas que n'este momento se encontram em plena actividade e cheias de vida. Ao lado de Marya Cheliga, temos M.me Eugenie Potonié Pierre, a boa e sincera propagandista da paz universal, coração fraternal e alma evocando sonhos; a princeza de Wiszniewska, Marie Martin, Marie Bonneviale etc. Hoje em Paris existem umas vinte e tantas associações de mulheres que teem os seus clubs, as suas *soirées* mensaes, as suas reuniões de propaganda etc. E' graça á cruzada feminista que as *crèches,* os dispensarios e as instituições de caridade estão melhor organisadas. Uma grande parte dessas mulheres são mães sem abandonar os deveres de familia, cuidando dos filhos e do interior das suas cazas, consagram no emtanto uma ou duas horas por semana ao trabalho da causa que ellas defendem com paixão, diffundindo ideias, auxiliando todas as tentativas serias e collaborando umas com dinheiro, outras com a palavra na tribuna das salas de conferencias, outras com a penna nas revistas de vulgarisação, mas todas com intelligencia e são criterio, na obra commum

Seria para desejar que tambem

ahi no Brazil a mulher sahisse do intorpecimento em que se encontra ainda e se lançasse como as suas irmãs da França, da Inglaterra, da Allemanha, da Scandinavia, dos Estados Unidos da America do Norte em pleno movimento emancipador, reclamando nos codigos a revisão dos artigos que ferem profundamente os direitos da mulher, frequentando as escholas superiores etc. Aquellas que ainda não conheçam o fundo das doutrinas feministas devem consultar *Humanisme Intégral* de Leopold Lacour (edição da livraria Stock, Paris), as obras diversas de Julio Bois, (livraria Chailley), todos os trabalhos do illustre jurisconsulto belga Louis Frank, os trabalhos de Stuart Mill sobre a mulher, os trabalhos de Léon Richer, de Alfred Fouillée, de M.elle Chauvin, de Bebel, de Grosserie, de Paul Lacombe, de Jacques Lourbet, de Ernest Naville, de Paul Gide, do dr. Thulié, do dr. Martin etc.

As mulheres contam em Paris, além da folha diaria *La Fronde*, as revistas: *Journal des Femmes, Révue Feministe, Révue des Femmes Russes, Révue dos Femmes Chrétiennes, La Femme* etc. São pelo menos estes orgãos feministas que conhecemos. Todos muito bem redigidos.

Quem assigna este artigo fundou ha annos no Porto (Portugal) uma revista quinzenal *A Mulher* para a defeza das reinvindicações feministas e para a propaganda da litteratura feminista. As nossas collaboradoras foram d. Maria Amalia Vaz de Carvalho, d. Olivia Telles de Menezes, d. Clovinda de Macedo e uma dama franceza de que nos não recorda agora o nome (porque não possuimos a collecção da *Mulher*) e que morreu queimada no incendio d'um theatro em Nice. No *Seculo* publicamos em 1890 um artigo longo e minucioso sobre o feminismo, que serviu de thema a uma das licções do curso de Direito na Universidade de Coimbra, na cadeira regida pelo dr. Manoel Emygdio Garcia. E aqui em Paris temos acompanhado as mais audaciosas propagandistas da causa da emancipação da mulher, notando comtudo em muitas d'ellas a falta de continuidade e o receio das ultimas conclusões logicas tão bem sentidas e tão admiravelmente descriptas no ultimo romance de Xavier de Ricard, *Les conditions de Claire*. Collaborando hoje n'esta bella revista brazileira, nós protestamos mais uma vez o nosso amor pela causa da Eterna Menor, saudando a Eva Futura que será a verdadeira companheira do homen e não a sua escrava de hoje.

Paris, dezembro 1897.

Xavier de Carvalho.

O Sonho

«Vem! — o Sonho me diz, e a sua mão me acena —
Sobre uma aza que vibra, e se estende, e se eleva,
Sobe! sobe! e á região afastada e serena
Das estrellas o vôo ousadamente leva!

A vida corre sempre amargurada ou séva;
A esperança atraiçôa e a paixão envenena.
Nada vale a embriaguez da poesia que enleva...
Paira acima da terra onde habitas, sem pena.

E' mais formoso e puro o paiz da chimera:
— O aroma fresco, o céu azul, a aragem branda;
Azas fremem á luz de um sol de primavera.

Gloria, vida e prazer, tudo esse mundo encerra.
— Pensa, ó alma infeliz, ó alma miseranda,
Que nada existe assim sobre a face de terra.»

JULIA CORTINES

Carta do Rio

Mais um melhoramento — e muito importante, vão ter as senhoras desta terra. Um engenheiro distincto, o dr. Cordeiro da Graça, que regressou agora dos Estados Unidos da America do Norte, trouxe em sua companhia e na de sua familia, Miss Elisabeth Ambler, que veio contractada pelo prazo de um anno para ensinar ás nossas patricias tachigraphia e manejo das machinas de escrever. Para esse fim resolveu o dr. Cordeiro da Graça abrir um curso gratuito pelo prazo de oito mezes, a contar de 15 de Março proximo futuro. Aquellas de nossas patricias que desejarem dedicar-se a esse genero de trabalho deverão dirigir-se á rua do Hospicio, 88, afim de se inscreverem, exigindo-se apenas que tenham conhecimentos preliminares da lingua ingleza.

As vantagens resultantes de um tal ensino para as moças brazileiras são de facil comprehensão. E' uma excellente profissão para a mulher a tachigraphia: é decente e rendosa.

Ninguem ignora a economia, a presteza, o asseio e todas as vantagens da machina de escrever.

Associar a esse delicado serviço todo o auxilio que nos póde vir da mulher que precisa, por circumstancias de vida, procurar meios de subsistencia para si e para os seus — é já um dever que todos temos.

Ao dr. Cordeiro da Graça saúda a «Mensageira» pelo valioso auxilio que presta ás mulheres brazileiras proporcionando-lhes mais esse precioso cabedal, com o qual muitas de nossas patricias poderão suavemente ganhar a sua vida.

* * *

La Fronde é o titulo de um jornal diario que appareceu agora em Paris. A directora da nova folha é M.me Durand. O jornal é todo redigido, collaborado e mesmo typographicamente composto por mulheres.

Essa noticia de algum modo nos encoraja! Gostariamos que o exemplo fosse imitado aqui no Brazil.

Quantas senhoras de talento, aptidões e fortuna conhecemos que se deixam envelhecer inutilmente. A rotina é tudo em nossa terra. Ainda ha muita gente — e gente da alta sociedade — que tem horror á mulher litterata. No emtanto, seja qual for a posição do marido, sempre a coadjuvação de uma intelligencia cultivada de uma mulher superior será um preciosissimo auxiliar.

Acabo de ler na «Gazeta de Noticias» que Brahms, o distincto compositor allemão, que ha pouco morreu, passava no ultimo periodo da vida por detestar as mulheres. O «Echo Musical» affirma entretanto que o homem não foi sempre assim. Emfim o tal Brahms não detestava somente as litteratas, detestava as mulheres em geral.

Sabem o de que eu desconfio? E' que elle nunca foi amado. Quando lhe perguntavam se era solteiro, respondia: «Louvado seja Deus, nunca me casei.» Não ha duvida, o misero «*só passou pela vida e não viveu*», como dizia o saudoso poeta Octaviano.

* * *

Actualmente temos duas exposições de pintura nesta cidade: a da Escola de Bellas Artes e a de Fachinette e Maria Forneiro, na ladeira da Gloria. Não as visitei ainda por falta de tempo, o que farei brevemente. E' uma delicia para mim estar em frente a um bom quadro. Esqueço-me de tudo, perco a noção do tempo emquanto admiro a formosa arte de Raphael!

* * *

Assisti, a 29 do mez passado, uma bella festa em casa de uma amiga. O programma, variado e

interessante, foi cumprido rigorosamente. Representaram alguns amadores duas comedias originaes de Coelho Netto, intituladas «Raio X», e «Cotó».

A primeira é conhecida já, a segunda era inedicta. Coelho Netto, o grande escriptor, é tambem um grande actor. Elle fez com admiravel perfeição o papel de *jagunço*. Estava tão bem caracterisado que delle proprio só ficaram os olhos e esses mesmos obedeciam a uns impulsos exquisitos do olhar do sertanejo da Bahia. A dona da casa — é uma verdadeira fidalga de raça — sabe receber seus convidados com as maneiras mais captivantes e distinctas.

Quando voltamos da festa, vinha rompendo o dia. Só assim é que eu comprehendo perder uma noite de somno.

* * *

Por toda a parte, em quasi todas as lojas, eu vejo em lettras garrafaes este letreiro: Liquidação real. Pois vou lhes contar, caras leitoras, o que fez um intelligente negociante para vender uma peça de seda muito feia, de um padrão horrivel: — inutilisou o principio da peça da seda, ennodoou os dois primeiros metros. Fez um preço ... commodo e immediatamente vendeu toda a fazenda.

As freguezas com sentido na barateza, nem olhavam a feiura do padrão.

O mundo é mesmo assim!

Maria Clara da Cunha Santos.

Amphitrite

A Francisco Lins

Por mar a fóra, ao som cadenciado
Dos remos scintillantes de ardentia,
O' bella, erravas! Tal, com as vagas, ia
Amphitrite no conchyo illuminado.

Da lua a esphera ao páramo azulado,
Por traz das serras, pallida subia,
E a seus raios o mar, que estremecia,
Manso, embalava teu batel doirado.

Solta a flava madeixa de oiro fino,
Da espadua á flor, o oceano immenso e mudo
Reflectia-te o vulto peregrino...

E a agua, a esteira de prata, a noite e os ares,
Astros e espumas, te seguia tudo
A loira sombra na amplidão dos mares!

Alberto de Oliveira.

Intellectualidade Feminina Brasileira

Quem não se encherá de jubilo e orgulho nacional, vendo que, no mundo das idéas da America latina, a mulher brasileira vae galgando sempre uma brilhante ascen-

dencia, prenunciadora de sua proxima e integral emancipação? Esta pergunta ou periodo interrogativo que ahi fica, não traduz um cartel de desafio lançado aos impertinentes e desarrazoados partidistas da *gynecolatria*, no seu sentido animal de puro culto e desfructe da mulher-idolo, considerada uma formosa e util companheira do homem, mas só debaixo da condição feroz de multiplicar a humanidade e de servir no lar as passivas funcções dos negocios domesticos ... Não, eu vou certo aqui áquelles que, desapaixonados e sem tenções de finos galanteios ás damas, desejam vêr abatido o preconceito, o sectarismo masculino, que até hoje tem vindo, no correr dos tempos e das raças, prejudicando a evolução mental da mulher, a sua plena integração ethico-sociologica no atormentado kosmos da vida contemporanea. Sem duvida que é bello aquelle austero epitaphio, que a moral dos Romanos outorgava, como honra posthuma, ás virtuosas patricias que morriam = *Ella guardou a casa e fiou a lã;* mais bello e elevado que isto seria por certo que mantivessemos a mulher como a rainha severa do lar, plasmando na educação do bem e da honra o caracter futuro de nossos filhos, mas deixassemos do mesmo modo largo campo á actividade moral, material e espiritual da mulher moderna, consentindo na sua plena emancipação de cidadã, desde que seus talentos, meritos, e trabalho a elevassem até esse famoso plano da superioridade masculina. Vim aqui, porém, só para dar ao leitor leves apontamentos relativos ao desenvolvimento espiritual da mulher brasileira, neste seculo, e mostrar como pela intelligencia e esforço o *sexo fragil* está se tornando um factor digno de notar-se na collaboração do nosso actual renascimento literario.

II

Na poesia é que mais se têm salientado nossas compatriotas, si bem que á prosa varias pennas femininas se hajam consagrado, entre nós, com louvavel empenho e lisongeiro resultado, obtendo reaes suscessos no conto, na novella, no romance. Poetizas ahi estão Beatriz Francisca de Assis Brandão, illustre mineira, fallecida em Ouro Preto, sua cidade natal, em 1864; as irmãs riograndenses do Sul dona Revocata de Mello e d. Julieta de Mello, cujos apontamentos biographicos a *Madrugada* (revista litteraria de Lisbôa) publicou, em meados de 1896; d. Luiza Amelia de Queiroz, poetiza do Maranhão, e autora do poema em cinco cantos — *Georgina ou os effeitos do amor*, d. Marianna Hygina de Figueiredo,

sonetista conhecida de Diamantina (Estado de Minas), d. Aurea Pires, talentosa e jovem fluminense, as duas illustres poetisas paulistas d. Zalina Rolim, autora do adoravel ramilhete *Coração*, e d. Francisca Julia da Silva, mimosa conhecedora dos segredos da estrophe moderna e que já produzio os *Marmores*; ainda d. Julia Cortines, outra poetiza de São Paulo e autora dos *Versos*, d. Narcisa Amalia, que fez jus a um bello nome nas *Nebulosas;* e, recentemente, surgio do Rio Grande do Sul mais uma esperançosa poetisa, d. Ibrantina Cardona (cujo nome tem assim uns ares de pseudonymo), autora dos *Plectros*. Agora, como prosadoras, lembremonos de d. Flavia do Amaral, que tão auspiciosamente fez sua estréa em inspirado e meditado conto, na *Revista Brazileira* (1896), e cujo cognome faz crer que tenha a illustre dama parentesco com Angela do Amaral, a inditosa poetisa cega, carioca de nascimento, da qual a commovente historia vem narrada no mimoso e erudito livrinho do sr. Joaquim Norberto — *Brasileiras Celebres,* que todas as senhoras de educação em nosso paiz deviam possuir e ler, estimulando-se naquellas paginas deante de tão seductores exemplos! Como romancistas, d. Julia Lopes de Almeida, a mais conspicua de todas, autora da *Familia Medeiros,* da *Viuva Simões,* seus romances melhores e de mais folego, não falando dos *Traços e Illuminuras*, do adoravel *Livro das Noivas*, dos *Contos Infantis*; d. Maria do Carmo Mello Rego, autora do *Guido*, d. Ignez Sabino, tambem poetiza, mas distincta escriptora, que produzio *Contos e Lapidações* e *Noites Brasileiras*; d. Maria Clara da Cunha Santos, d. Maria Vilhena, d. Adelina Lopes Vieira, autora das *Margaritas* (que não conheço), d. Maria Antonieta Gama, distincta filha de Minas e autora dos livros de contos *Preludios* e *Esponsalias;* eis ahi um luzido grupo de damas, escriptoras conhecidas. E as duas ingentes batalhadoras do progresso mental feminino no Brazil, dona Presciliana Duarte do Almeida (de Pouso Alegre, Minas), que em São Paulo fundou e mantem a galante e fecunda revista *A Mensageira*, gosa dos titulos merecidos de poetiza e prosadora distincta; e dona Josephina Alvares de Azevedo, redactora da *Familia*, no Rio de Janeiro, onde desde muito tempo peleja com outras denodadas companheiras, em favor da regeneração intellectual de nossas companheiras, em favor da regeneração intellectual de nossas compatriotas? Para essas, são poucos os elogios que se façam ao seu tenaz e nobre emprehendimento.

III

Já temos umas duas dezenas de brasileiras laureadas por diplomas e titulos academicos, que muito as dignificam, por serem estes a traducção mais completa de seus alevantados esforços no sentido de se rehabilitarem da *pecha* de avessas ao estudo dos assumptos aridos para a mulher, do direito, da medicina, das sciencias naturaes e mathematicas. Quatro pernambucanas, donas Maria Augusta Meira de Vasconsellos, Maria Fragoso da Silva. Delmira Costa e Maria Coelho (directora do *Instituto dezenove de Março*, do Recife), bacharelaram-se em sciensias juridicas e sociaes, de 1888 a 1894, na Faculdade de Direito do Recife; a alagoana dona Anna Sampaio, em fins de 1893, teve a mesma graduação, na referida Faculdade. Medicas, temos as sras. Antonieta Dias Morpurgo e Ephigenia Veiga (do Rio Grande do Sul), Ermelinda Sá (da Capital Federal), as quaes se doutoraram na Faculdade do Rio e clinicam na mesma capital.(1) Diplomadas na Escola de Pharmacia de Ouro Preto, existem as mineiras donas Elisena Brasilina Costa, Belisandra de Brito, Ignez Alvares da Costa e Maria das Neves; e estudando medicina, no Rio, dona Judith Santos, direito, tambem no Rio, dona Myrtes de ..., preparatorios, em Barbacona e na capital paulista, as intelligentes senhoritas Irene Ferreira Lopes e Perola Mac. Intyre.

IV

Não quer dizer todo esse movimento fecundo de esforços e combates pelas idéas, no mundo feminino brasileiro, que o advento da emancipação da mulher se approxima em nossa Patria como por todo o orbe culto se está vendo? Disse Olympia de Gourges: «emquanto a mulher não tiver, como o homem, o direito de defender seus direitos e os do proximo da tribuna, batendo-se em todos os terrenos da Moral e da Sciencia pela conquista do bem e da verdade, de par com o homem, o equilibrio social não se terá feito.»

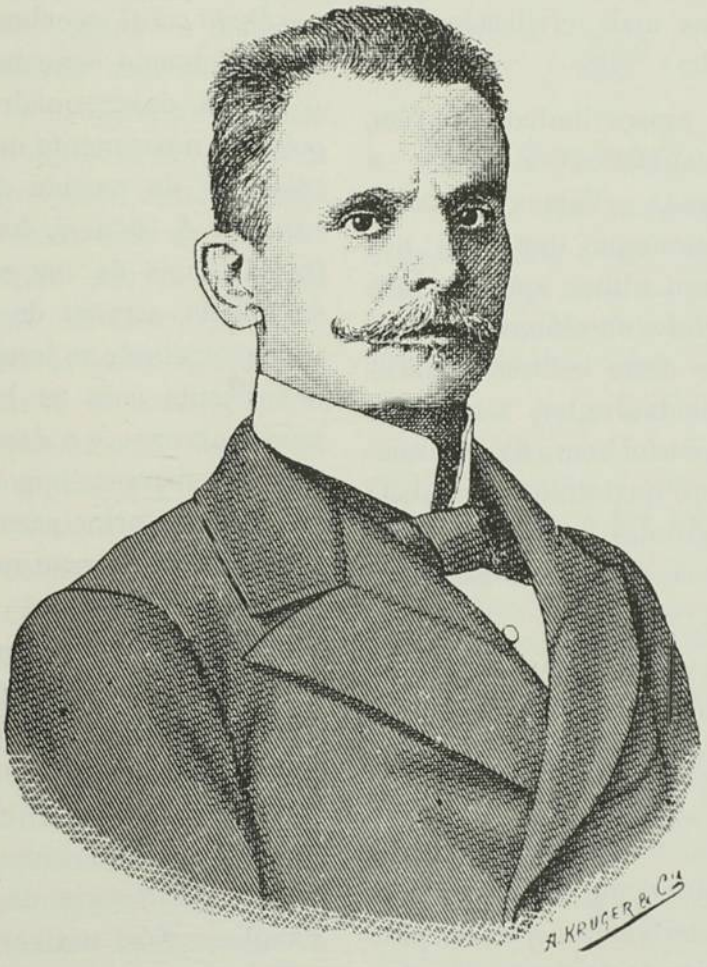
Quem contestará tal vendade?

Pelayo Serrano.

(1) Devemos acrescentar aqui o nome de Anna Machado, paráense distinctissima que estudou nos Estados Unidos, tendo deixado um rastro luminoso na *Escola de Medicina* de Philadelphia, e que teve distincção do primeiro ao ultimo exame.

Nota da redacção.

Almeida Junior



Estampando hoje em nossas paginas o retrato de Almeida Junior, rendemos um preito de admiração ao artista genuinamente *brazileiro*, ao grande pintor paulista, cujo nome firmou, ha annos, a admiravel tela dos *Caipiras negaceando*.

Almeida Junior é filho de Ytú

e conta 47 annos de idade, tendo principiado a sua carreira artistica aos 19. E' Professor Honorario da *Academia Nacional de Bellas Artes* e, si fôra de uso trazerem os artistas ao peito as medalhas que recebem, o delle reluziria ao brilho de muitas, entre as quaes algumas dos mais civilisados paizes do globo.

O nosso espaço limitado, porém, não nos auctorisa a fazer a sua biographia. Vamos, portanto, tratar do assumpto que aqui nos trouxe, o seu ultimo quadro, intitulado *Partida da Monção.* Para a exposição deste bellissimo trabalho de Almeida Junior, a redacção da *Mensageira* foi honrada com amavel convite, o qual vinha secundado com as seguintes linhas do pintor, explicando ao visitante o assumpto do quadro:

«Partida da Monção. — Os antigos paulistas assim denominavam a caravana que partia de Porto-Feliz, descendo o Tieté para Cuyabá.

As de que se trata eram organizadas simplesmente por destemidos e ousados sertanejos, que, inspirados pelo amor do desconhecido, descoberta das minas e civilisação dos bugres, em toscos batelões cobertos de palha e simples canôas, partiam conscientes de que iam arrostar com sacrificios inauditos toda a sorte de aventuras, constituindo-se por isso uma tradição gloriosa para os Paulistas.

O quadro que offereço á apreciação do publico representa a partida desses heroes, que, depois da missa na Egreja de N.ª S.ª Mãe dos Homens, acompanhados do Padre, Capitão-mór e povo embarcavam-se no *Porto geral,* recebendo na occasião a solemne bençam da partida.»

Diante desse quadro, evoca-se, pois, em nossa mente um desses dias solemnes da partida dos *Bandeirantes.* A tela é harmoniosa e fresca, cheia da luz e da neblina da manhã, atravez da qual divisamos a vegetação ao longe, scindindo o horisonte com os braços de algumas arvores, e o declive dos barrancos á margem opposta do Tieté. As figuras principaes do quadro estão delineadas com rara felicidade e grande inspiração! Assim, a figura serena do Padre que abençôa a caravana, o ar magestoso e austero do Capitão — mór, a attitude commovente de mulheres que oram e de crianças que choram, tudo isso nos desperta, simultaneamente, o sentimento vivo da Patria e da Familia. Nós, mulheres, indubitavelmente, nos impressionamos mais com a despedida dos esposos, com a lagrima das crianças, com a parte puramente sentimental do quadro, onde ha grupos de uma belleza grandiosa, tal aquelle em que vemos de costas um menino que se

apega á saia da mãe, como que occultando o pranto ... Nos braços da mãe sorri, com o sorriso sublime da innocencia, o pequenito, que não sabe ainda, como o irmão, chorar a ausencia do pae.

São cheias de imponencia as figuras dos intrepidos exploradores installados nas canoas e batelões para a partida ao seio das florestas virgens, e é digna de menção a figura exhuberante de verdade de um negro que remove para bordo uma canastra de couro amarello, recebendo nas faces a luz intensa do sol. Nota-se na tela a ideia de previsão para a inhospita excursão: feixes de cannas carregados cuidadosamente, uma cabaça levada ás costas por um caipira, dando-nos ideia de levar *canninha,* consoante o costume dos nossos caboclos, cães para a caça, tudo isso nos lembra que os audaciosos exploradores ao partirem de Porto Geral tinham diante dos olhos a perspectiva das horas ingratas e difficeis.

Emfim, os tições que acabam de apagar-se lentamente, uma *cuia* pousada ao lado de uma canoa, nas margens do rio, os bellos effeitos da sombra na areia, e muitos pormenores que naturalmente terão nos escapado numa unica visita, fazem deste quadro uma das mais preciosas concepções artisticas do nosso meio. A terra que produziu Carlos Gomes, José de Alencar e Gonçalves Dias, não podia deixar de ter um Almeida Junior, que eternisasse na tela o typo dos caipíras brazileiros e as tradicções da nossa patria.

PERPETUA DO VALLE.

Contraste

A Alberto de Oliveira

Tranquillo estava o mar... No firmamento,
Nem um signal se via da procella...
Estava manso, estava doce o vento,
Fugia mansamente e doce a véla.

Havia calma e luz... Mas, n'um momento,
Cobrindo-se de crepe a azul umbella,
Cahiu a tempestade, e, então, violento
Tornou-se o mar, a fera horrenda e bella.

Comtigo, oh coração! dá-se o contrario:
— Eras tranquillo e calmo, solitario
Repousando nas trevas de meu peito.

E hoje, que a luz brilhante, doce e rara,
Dos olhos della o teu asylo aclara,
Cae sobre ti um temporal desfeito!

FRANCISCO LINS.

Cahir da noite

A Francisco Lins

Do sol, que desce, a morna claridade
Bate de leve sobre a cruz da egreja ...
De andorinhas um bando a torre invade,
Foge da torre e livremente adeja.

Some-se o sol. Agora, o céo se peja
De estrellas fulvas... Tudo, suavidade!
Frio o sereno, tacito, gotteja...
Vê-se em tudo uma sombra de saudade.

Venus fulgura, sobre o céo, formosa,
E se retrata na agua bonançosa,
Que vae descendo vagarosamente.

Em Venus pouso o olhar, e mudo, e triste,
A mim ouço falar tudo o que existe
Da saudade de um bem que tenho ausente!

SATURNINO DE OLIVEIRA

Com ares de chronica

Ha uma campanha que as senhoras brazileiras devem emprehender: a lucta a favor da paz no mundo e a propaganda contra a ideia da guerra.

Xavier de Carvalho.

Si Xavier de Carvalho não fôra de ha muito credor de nossa enthusiastica admiração pelas suas ideias generosas e nobres relativamente á mulher, conquistal-a-ia agora, manifestando-se assim tão contrario á guerra, essa herança estupida que nos ficou dos tempos primitivos.

Mais de uma vez temos tido occasião de dizer que deixaremos nossos filhos seguirem toda e qualquer carreira para que tenham vocação, exceptuando-se unicamente a militar. Para essa, para a carreira das armas, elles só poderão se encaminhar contrariando profundamente a vontade materna. Cremos, entretanto, que isso não succederá, porque far-lhes-emos a nossa propaganda *em tempo*, nos aureos dias de sua infancia tenra, em que, como flores radiantes e lindas, adornam e alegram os recantos de nossa casa! E cremos que é esse meio, sinão o unico, pelo menos o mais poderoso, de conseguirmos a paz universal. para a qual têm trabalhado os mais eminentes vultos do seculo.

Nós, brazileiras, sabemos por experiencia propria os dissabores da guerra e o estado a que ella nos conduz. Que nação do mundo estará actualmente em condições mais desanimadoras do que a nossa?

Aqui, porém, a guerra peior é a que trabalha pela surdina.

E a nós, como filhas, esposas, mães e irmãs, compete fazer toda a sorte de sacrificios, afim de conseguirmos cortar pela raiz um mal que váe querendo vingar no solo amado... Referimo-nos aos assassinatos politicos. Sim! E' em nome da dignidade de nossos patricios que devemos exhortal-os a abandonarem esse systema desprezivel! Os mais desinteressados patriotas brazileiros, pertencentes a qualquer dos partidos politicos do Brazil, são de todo contrarios a esses *assaltos á vida humana.*

Depois, um partido que tem elementos para dominar, não precisa

usar dessas armas mesquinhas. Um politico que manda assassinar o adversario parece confessar publicamente que não se julga com capacidade de o vencer.

E ahi fica o appello ás nossas compatriotas: faça cada qual tanto quanto puder em beneficio da patria.

Para rematar minhas desalinhavadas *chronicas*, encetarei de hoje em diante, (com permissão da directora da *Mensageira*), o systema de transcrever pequenos trabalhos literarios no final de cada uma dellas. Amenisarei assim a secção confiada á minha penna arida. Confesso, porém, que preferirei trasladar para aqui trabalhos de senhoras, e para principiar ahi váe essa poesia:

A Turca

(Impressão dos Simples)

De bahú aos hombros e filhinho ao lado
Vem a turca pobre pela estrada afóra...
Certo não é leve, certo é bem pezado
Esse fardo todo que ella traz agora!

Si o pequeno chora, ella sorrindo canta!
Si o pequeno canta, ella a sorrir se cala!
Tem os olhos meigos como os de uma santa.
E' feliz si o filho ganha um pão de rala!

Muita vez encontra, pelo seu caminho,
Gente galhofeira que lhe faz insulto,
Fica então transida, pede a Deus baixinho,
Que de todo crime lhe conceda indulto.

Em seguida pede, prolongando a reza,
Que a criança fragil fique dura e forte,
Que su' alma nova, de peccado illesa,
Tenha Deus por guia e seja o bem seu norte.

E depois, á noite, quando a turca pobre
Chega ao lar mesquinho, a tiritar de frio,
Com a propria veste o filho amado cobre,
Dando beijos d'alma no seu corpo esguio!

PRESCILIANA DUARTE ALMEIDA.

Tendo offerecido versos á leitora, não quero mais prosar e prefiro reler o meu *album de roceira*, de onde hão de sahir as poesias transcriptas nas futuras *chronicas* da

MARIA EMILIA.

Minas, Janeiro 1898.

Selecção

A mulher é a humanidade vista pelo seu lado tranquillo; a mulher é o lar, é a casa, é o centro de todos os pensamentos suaves. E' o terno conselho de uma voz innocente, no meio de tudo o que nos envolve, nos irrita e nos arrasta. Muitas vezes em torno de nós são todos inimigos; a mulher é o affecto. Demos-lhe o que lhe é devido. Demos-lhe na lei o logar a que tem direito. A mulher contém o problema social e o mysterio humano. Parece a extrema fraqueza, e é a grande força. O homem que ampara um povo pre-

cisa de se amparar a uma mulher. E no dia em que ella nos falta, falta-nos tudo.

VICTOR HUGO.

A entrada do anno

Mez de Janeiro, mez de alegria,
De novidade,
Os cartõesinhos, em romaria,
Levam carinho ... fraternidade ...

Bemdicto seja o mez fagueiro
Que nos exhorta
Para o trabalho do anno inteiro,
Do qual é bella, florida porta!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Notas pequenas

Collaboradoras — A *Mensageira* váe de vento em popa, não ha duvida. E a prova é que temos d' ora avante, além da collaboração das mais eminentes escriptoras brazileiras, o concurso das distinctissimas literatas francezas M.me Potonié Pierre, M.me Margueritte Durand, redactora da *Fronde*, M.me Marie Martin, M.me Cheliga e M.elle de Saint Croix.

Exultando de contentes, damos as bôas vindas a tão illustres auxiliares.

Francisco Lins — Deste distincto poeta mineiro offerecemos hoje aos nossos leitores um mimoso soneto, tendo o prazer de annunciar que em breve apparecerá mais um livro do applaudido auctor das *Canções da Aurora* e *Harpa das Selvas*.

Devido á gentileza do mesmo illustre poeta, podemos inserir hoje em nossa revista um bellissimo soneto de Alberto de Oliveira e outro de Saturnino de Oliveira.

Agradecendo ao talentoso mineiro o interesse que manifesta pela *Mensageira*, auguramos brilhante exito ao seu terceiro livro de versos.

A Mensageira em Paris é representada por uma senhora franceza, a esposa do nosso notavel collaborador e collega do *Paiz* e do *Diario Popular*, M.me Blanche Xavier de Carvalho, 16 Boulevard de Clichy.

Chronica omnimoda. — Por haver chegado a ultima hora, deixa de apparecer neste numero a *Chronica omnimoda*, que tantos elogios e transcripções tem merecido da imprensa.

São Paulo | 30 de Janeiro de 1898 | Anno I, N. 8

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado | **Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23 | Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Uma Santa, Julia Lopes de Almeida; — Em Ouro Preto, soneto, Aurea Pires; — Carta do Rio, Maria Clara; — Madrigal, Silvio de Almeida; — Pela mulher, mensagem de D. Eloy Alfaro; — O meu ideal, soneto, Delminda Silveira; — Chronica omnimada, J. Vieira de Almeida; — Soror Thereza, soneto, Manoel Viotti; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Pobre, soneto, Francisco Lins; — Horas vagas, Doleres A. de Aráujo; — Notas pequenas.

Uma santa

E foi em S. Paulo, em uma capital barulhenta e profana, recheiada de grandes e de pequenos peccados, onde o vicio se alastra espalhado pela aza veloz da civilisação, foi em S. Paulo, em uma das suas ruas mais elegantes e faustosas que, neste atormentado e atormentador fim de seculo, morreu uma santa!

No ultimo dia do anno de 97 um jornal noticía sem espanto, com uma simplicidade digna do assumpto, que uma d. Maria, de vinte e oito annos, minada ha mais de quinze pela morphea e em extrema pobreza, entregara a sua alma a Deus, como quem entrega uma flor ao noivo amado, com um sorriso de graças.

Pobresinha d'ella! o que me sensibilisou, e que para um espirito pessimista seria talvez um veio de hypocrisia por onde elle tentasse descobrir o fundo miseravel do coração humano, foi aquella sua falla que nem Job a teve de egual paciencia:

«*Eu dou graças a Deus por terme dado esta enfermidade; dizem que eu era muito bonitinha, e sendo tão pobre não podia ter-me perdido e servir de escandalo á sociedade?*»

Ter sido bonita e lembral-o, quando não haja em todo o corpo um unico ponto que se não abra em uma chaga nauseabunda, deve ser um dos martyrios mais ferozes para uma alma moça. Ter sido bonita, ter vinte oito annos, a edade em que os sonhos têm mais consistencia, o coração mais força e o amor mais delirio, e não ter labios

para o sorriso, mãos para as caricias, faces para os beijos; sentir a carcassa mal vestida por uma carne que se desfaz, uma pelle que se rompe e se contrahe, é supplicio que uma alma heroica repudia por de mais infimo e torturante.

Aquellas palavras viriam do coração, ou seriam já reflectidas, emanadas de um fervor religioso que as dictasse, apontando-lhe o caminho do ceu?

Atiremos a duvida pela janella fóra. Era uma santa, o *Diario* o disse e eu quero crel-o.

Foram irmãs de caridade e meninas do asylo, vestidas de branco ao seu sahimento, e fizeram alas ao caixão que passava, abençoado por um conego. e talvez dissessem com olhos humidos e peito convicto, como os outros da poesia do Crespo:

— Como ella vae bonita!

Talvez dissessem, porque a imaginação e a sympathia, colorem e amenisam os mais tremendos aspectos, e uma santa é sempre simpathica, principalmente para as meninas vestidas de branco —

A estas horas, a sua enfermeira, que tantos gabos mereceu de paciencia, tenacidade e doçura, e a quem não sei que titulo caiba, resará talvez de mãos postas a S.ta Maria Braulia, que lá no Ceu, risonha e placida, já formosa e coroada de luzes gosa da paz e da alegria eterna.

Grande peccadora eu sou por abrigar na minha ideia que maior virtude teve a enfermeira do que a paciente ...

Lavar um corpo asqueroso, mudar-lhe os lençóes e a roupa, chegar-lhe a comida á bocca, erguel-a, sental-a, deital-a, estar quinze annos assistindo ás ruinas de uma creatura que se esphacella e apodrece, embaixo das mesmas telhas, comendo do mesmo alimento, bebendo da mesma agua, sem ser a sua mãe, nem ser a sua filha, é que acho, de uma caridade ilimitada, espantosa e perfeita. Não eram dois entes humanos que viviam junctos...

Não sei se haverá aqui, pela minha velha cidade, alma que, como a de Maria Braulia, tenha medo do amor e asco ao peccado. Julgo que não. Estas grandes virtudes são cada vez mais raras e geralmente só se aninham em seios que não tenham outro remedio senão dar-lhes guarida...

Pobre Maria, a tua lingua não era dessas de dizer coisas que o teu coração lá dentro não sentisse. ... As meninas de branco que te atiraram flores (é provavel que tivessem levado flores) guardarão na memoeria, emquanto vivas, a doce lembrança do teu enterro e os teus exemplos sem par.

Que Deus as mate já bem velhinas e então, doce Maria Braulia, desce lá do teu throno, e, fechando os olhos aos seus peccados, abre-lhes os braços e acalenta-as, que os velhos são como as creanças, — gostam de festinhas...

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Em Ouro Preto

Foi aqui nestas altas penedias,
Que parecem romper o firmamento,
Que raiou fulgurante o pensamento
Da Liberdade, que pregou Messias.

Foi aqui! — Diz a voz das ventanias;
Foi aqui! — Diz um velho monumento;
Foi aqui! — Tudo diz com sentimento,
Contando a historia dos passados dias!

Salve! Cidade legendaria e illesa!
Se hoje a moderna geração despreza
Teu passado de glorias e de sóes;

Minh'alma ajoelha commovida e em pranto
Beija o teu seio generoso e santo,
Onde pulsaram corações de Heroes!

AUREA PIRES.

1896.

Carta do Rio

Quantas vezes se não tem fallado das crueis decepções que a todo instante encontram os amorosos corações nesta vida tão cheia de sonhos e de mentiras!

O amor é sempre a causa dessas quédas tremendas. A's vezes a vida de uma creatura parece deslisar serena e calma como as aguas de um manso lago. Nenhum leve pezar, nem o mais pequenino desgosto turvam a serenidade de seu viver pacato e feliz; de repente muda-se o scenario, empallidecem os doirados raios de luz e sobre a vida ha pouco povoada de apparições formosas projectam-se apenas dolorosas realidades. Apagam-se, como por encanto, as alegrias e esperanças todas.

Tal foi o que se deu com uma doente, ha já algum tempo, nesta cidade, e que ainda hoje no Hospicio Nacional de Alienados está submettida a criterioso tratamento.

Chama-se Theodora, a infeliz, e seu caso foi largamente commentado pela imprensa diaria. Sua historia é muito interessante para a medicina.

Tão acostumadas estamos a ver, em questões de amor, ingratidões e perfidias que dizemos ser o caso interessante para a medicina, unicamente. Theodora amava com todo o ardor de uma paixão purissima e acreditava-se amada tambem. Passaram-se os tempos. Uma rival mais feliz despedaçou todos os seus sonhos, todas as suas alegrias!

Theodora, de ha muito que des-

confiava de seu amado, mas elle, o pérfido, jurara-lhe eterna fidelidade e amor eterno.

Avisos prudentes de velhos e atillados amigos, conselhos carinhosos e bons, tudo, tudo Theodora despresava para só crer em seu amado!

Um dia, lendo na *Gazeta* os proclamas de casamento deparou subitamente com o nome *delle* e o da *outra*.

Era certo, não havia duvida, ali estavam aquelles nomes que lhe queimavam os olhos como se fossem de fogo. O que pensou nesse instante a pobre abandonada? Ninguem soube, nenhuma palavra articulou, apenas estatica, dura, hirta, com as unhas enterradas no jornal, os dentes cerrados e pallida como se estivesse morta, cahio de todo o cumprimento, vencida pela grande dor d'aquelle golpe fatal.

Correrram todos, acudiram pressurosos, foram prestados todos os soccorros medicos e nada fazia com que ella tornasse á vida.

Morta! morta! pensaram todos. Distincto facultativo affirmou entretanto que aquillo não era a morte, era um somno, uma especie de morte é verdade, mas emfim era um somno.

Durante 20 longos mezes dormio Theodora; os medicos interessados por esse caso tão curioso trataram-na com todo o carinho e desvello da sciencia. Recolheram-na ao Hospicio, onde ha mais elementos para longos estudos e variadas experiencias scientificas. Ha pouco tempo a doente acordou, foi a pouco e pouco despertando como quem acorda de um somno natural; não póde fallar ainda, mas ouve, trabalha, alimenta-se regularmente e as vezes sorri.

Vi-a no Hospicio, um dia destes e senti uma grande compaixão ao vel-a! O interno, 5.º annista de medicina, a cuja gentileza devo o favor de me haver mostrado a doente, disse que ella por ora não fallava por ter uma paralysia na garganta, mais tarde é provavel que fique completamente restabelecida. Fiz-lhe algumas perguntas que ella promptamente comprehendeu e sorriu.

Pobre victima do amor! O mundo dá tantas voltas e é tão bella a lei divina da compensação que eu não me admirarei se um dia encontrar Theodora completamente curada, resignada, consolada e casada ...com outro. Ella, pelo muito que já soffreu, mais do que todas, tem direitos a ser largamente compensada!

Muito bonita está a exposição de pintura de Fachinetti e Maria Forneiro e seus discipulos, na Ladeira da Gloria. Vi muitos quadros que me impressionaram agradavelmente.

O atelier é muito bem montado, ha muita luz, muito espaço e sobretudo bellissimos panoramas desta incomparavel Guanabara. O Snr. Fachinetti é um velho que faz progressos. Sua maneira de pintar de hoje é muito melhor e mais agradavel do que a de outros tempos em que a sua demasiada minuciosidade prejudicava muito a seus quadros. Uma vista de Theresopolis «Effeito de manhã» é um attestado de seu progresso. As sombras são muito bem projectadas e ha uma alegria nessa tela, uma alegria communicativa e franca que faz bem a alma. Para nós, acostumadas ás magnificiencias deste ceu de anil e ás perspectivas tão grandiosas quanto encantadoras desta natureza exhuberante e rica, o quadro a que me refiro é um estudo consciencioso da nossa terra. Sente-se que aquellas arvores, aquella luz, aquelle ceu são nossos, são do Brazil.

Ha ainda muitos quadros de valor, que eu não menciono por falta de espaço.

A «Praia de Icarahy», vista em uma noite de luar, forma um grande quadro muito harmonico e bonito. D. Maria Forneiro é irmã de Domicio da Gama e como seu irmão possue muito talento e amor pelas artes.

Termino esta ligeira e despretenciosa noticia enviando um punhado de flores á D. Maria Forneiro, Snr. Fachinetti e seus talentosos alumnos.

Aviso util ás mães de familia: não consintam em vossas casas uma ave que é muito prejudicial a avestruz. Ha dias deu-se nesta cidade um facto dolorosissimo. Uma menina que eu conheço e estimo, de 6 annos de edade, bonita, intelligente, sadia e alegre, foi victima dessa ave cruel.

Era uma tarde bonita como são as tardes de verão nesta terra.

A menina transpunha o degráo da porta da rua p.ª brincar com o irmãozinho, no jardim. Vinha vindo, a pequena distancia, um carregador trazendo ao collo uma avestruz.

A menina mal teve tempo de fitar o homem que trazia a avestruz, quando esta, trahiçoeiramente, desprende-se dos braços possantes do carregador, que não poude contêl-a e certeira como uma flecha, fura com o bico esguio um dos olhos da formosa creança. Não houve um segundo de demora na realisação deste desastre. A ave chupou o olho da menina, deixando na orbita um vacuo profundo e medonho.

O carregador, embaraçadissimo, não podia explicar como se déra o facto, affirmou entretanto que a avestruz quando se desprendeu de

seus braços teve uma força enorme, inqualificavel, força muito superior á sua.

Tanto chorava o pobre homem, como a creança e as pessôas de sua familia em vista desse desastre.

A menina já está hoje com um olho de vidro, pobresinha!

Realmente os olhos de Laura, de tão bonitos e scintillantes que eram, causavam admiração geral.

A inconsciente avestruz se deixou fascinar tambem e tomou-os, quem sabe? por brilhantes negros. Tenho pena de encontrar a formosa Laura assim deformada! Pobre creança!

Grande exemplo de philosophia acaba de nos dar, em Pariz, um cocheiro de tilbury. Tirou uma sorte na loteria, de alguns milhares de francos correspondentes a 200 contos de nossa moéda.

Pensaram os tilbureiros que teriam um collega de menos, e que, como é natural, o felizardo cocheiro fosse gozar sua fortuna e empregar sua actividade em cousas mais altas. Engano. O homem continuou no seu modesto emprego, disse que jamais se acostumaria com a vadiação, que é um crime segundo o seu caracter, e que não sabia trabalhar em outras cousas senão em tilburys, como cocheiro.

Confiar seus capitaes a outros... não queria, tinha receios e bem fundados,- por isso continuava a trabalhar n'aquillo que sabia.

Decididamente é um grande philosopho esse cocheiro! tem a rara virtude de conhecer a sua ignorancia!

Maria Clara da Cunha Santos.

O meu ideal

No porte a distincção nobre e correcta
cheia da graça natural que encanta;
nos olhos — doce luz que me aquebranta —
um reverbero de alma de Poéta.

Como canto materno que aquieta
febril infante co'a harmonia santa,
derrama a sua vóz doçura tanta
que a negra dôr não mais minh'alma affecta.

Tudo o que eu penso vejo em seus pensares,
prefere o gosto seu tudo o que eu amo,
são como os meus seus intimos pesares:

e eu louca, louca! — o meu ideal — lhe chamo ...
mas, si existe a visão dos meus sonhares,
debalde em seu amor meu peito inflammo!

Delminda Silveira

Florianopolis, Janeiro — 1898.

Pela mulher

D. Eloy Alfaro, presidente da republica do Equador, dirigiu ao con-

gresso do seu paiz a seguinte mensagem, que desejariamos fosse lida e meditada pelos estadistas de todos os paizes sul-americanos:

«Senhores deputados: — Nada é mais doloroso do que a condição da mulher em nossa patria, onde, empregada nos affazeres domesticos, é limitadissima a esphera da sua actividade intellectual e mais estreito ainda o circulo onde póde prover a subsistencia, independente e honradamente.

Mostrar-lhe novos horisontes, fazel-a participar das manifestações do trabalho, compativel com o seu sexo, chamal-a a collaborar nos concursos das sciencias e das artes, ampliar-lhe, numa palavra, o campo de acção, melhorando-lhe o porvir, é assumpto que não devemos esquecer.

No Equador, especialmente, nada se fez para melhorar a condição da mulher e não é justo que uma assembléa illustrada e composta de liberaes encerre suas sessões sem ter iniciado siquer a reforma nesse sentido.

Porque não se franquearem á mulher as portas das universidades, afim de que se dedique ao estudo das profissões scientificas?

Porque não se lhe proporcionam institutos especiaes para a aprendizagem de artes e efficios, proprios de seu sexo?

Porque não se lhe da participação nos empregos publicos, compativeis tambem com o seu sexo?

Nos Estados Unidos a protecção especial que as instituições têm dado á mulher está proclamando o aperfeiçoamento social desse grande paiz.

E não se diga, conforme o pessimismo egoista de muitos, que todas estas reformas na educação da mulher tiram-lhe sua poesia e tranquilidade. Pelo contrario: a mulher instruida, a mulher que possue artes ou industrias, a mulher que trabalha e adquire a experiencia que dá o contacto mais immediato com a vida real, em vez de prejudicar a vida domestica, é um grande auxiliar para a familia e uma prenda valiosa para o esposo, porque, retemperada sua alma no realismo, suas idéas acerca da fidelidade e da honra — seu melhor patrimonio — chegam a ser mais claras e mais perfeitas, e mais solida por conseguinte a educação moral que recebem os filhos de taes mulheres.

Praticamente demonstra a asserção anterior a mulher da America do Norte, onde as leis protegem decididamente o bello sexo dando-lhe garantias e concedendo-lhe direitos que levantaram seu nivel a um tal gráo, que é prodigiosa a actividade em que se desenvolve a influencia feminina nas distinctas manifestações da vida.

Convencido da importancia de quanto deixo exposto, iniciei no periodo da magistratura suprema protecção á mulher, empregando-a nas administrações de correios e estabelecendo uma classe de telegraphia para moças.

Mas como não é possivel ficarmos no principio, compete á assembléa de 1897 aperfeiçoar a protecção iniciada, dictando leis que emancipem a mulher equatoriana deste estreitissimo circulo em que vive, e lhe proporcionem a opportunidade de levantar-se a um nivel que offereça abundancia de recursos para sua subsistencia honrada.

O tempo encarregar-se-ha de mostrar as vantagens das reformas neste sentido, e a historia fará justiça a quem a puzer em pratica.»

Madrigal

(Thema de Sully)

A um dia succede mais um dia,
Depois de um arrebol — outro arrebol;
Mas seus olhos, repletos de magia,
Já não me voltam, como volta o sol ...

Romanticas e frescas, profluiram
Noites de estrellas, noites ideaes;
Mas não refulgem, como refulgiram,
Seus lindos olhos, que eu não vejo mais ...

E, si os astros não morrem, certamente
A luz daquelles olhos não morreu;
Pois dentro em mim perdura docemente
O commovido olhar que me prendeu ...

1898.

Silvio de Almeida.

Chronica omnimoda

Sorriem esperanças aladas, no ambiente social.

O organismo nacional sente-se rejuvenescer.

Começa o novo anno! ...

* * *

Mal terminas a tua primeira quinzena, ó malsinado anno novo, e já nos trazes acontecimentos, capazes de abastecer, fartamente, o resto do cyclo, que se ha de findar pelo S. Silvestre.

Ainda não sabes ensaiar os teus primeiros passos e queres já collocar o Pellio em cima do Ossa!!!

Para um anno que se preza, já não é pouco! ...

* * *

Logo após os cumprimentos de bons annos, tivemos *mouro na costa; Umbria* andou se fingindo de arrufado e não quiz communicar com a barra do Rio de Janeiro.

Os pessimistas já estavam sentindo o cheiro de outros protocollos e de novas sangrias, no corpo hyperanemiado do erario publico!

Graças porém, a nossa bôa estrella, o conde Antonelli, ha dias, apresentou no Catette, o commandante do referido vaso de guerra e ... no quartel de Abrantes ...

* * *

A campanha presidencial jaz na mais completa das apathias, como quem se julga ultra segura do seu bom exito.

E a não ser um artigo do *Rappel*, enaltecendo as qualidades do candidato á ... ogeriza dos Bispos e... outros Dioclecianos; ninguem diria que, em menos de dois mezes, o sr. Prudente de Moraes vai ter um substituto constitucional.

O futuro presidente, no seu ameno retiro da Consolação, medita sobre o mais seguro meio do escapar ás iras do jacobinismo impenitente ...

E si não fossem esses ... ossos do officio, parece que a sua eleição o preoccuparia menos do que uma chuva de pedras, no Banharão!

Ninguem ouviu fallar de uma conferencia de um candidato, que aliás foi tribuno da propaganda; nem de um comicio, para a exposição de programma: nem mesmo de uma simples circular ao respeitavel corpo eleitoral da nação!

Talvez digam que a platafórma(?) do theatro *S. José* basta ...

Não parece. Nos Estados Unidos, terra de onde se transplantou para aqui o nosso muito citado e muito sophisticado Estatuto fundamental, procedem de maneira diametralmente opposta.

Uma campanha presidencial alli, é um negocio muito sério e muito afanoso; principalmente afanoso!

Aqui ... antes pelo contrario!

* * *

Entretanto, em quanto reina a paz a mais octaviana, pela Consolação e avenidas adjacentes; a hydra da anarchia agita o collo altivo, nos arrabaldes do Braz e da Villa Marianna!

No primeiro, os inspectores de quarteirão e dos ... capoeiras, ao que dizem, foram demittidos, em massa!

A pesada maça (sem trocadilho) do Delegado de Policia do districto cahiu desapiedadamente sobre as suas cabeças insontes, reduzindo-as á expressão mais simples; quer dizer, precipitando-as no abysmo do anonymato, de onde, pelos modos, jámais deviam ter sahido, para tranquillidade dos gallinaceos, e paz e descanço dos respectivos possuidores.

A lista dos *argos* delicadamente convidados a mudar de clima explica sufficientemente a predilecção por esse genero de ... desporto!

Não era de politica federal, ou republicana que elles deviam mesmo cogitar; era de adquirir uma chocadeira mechanica!...

Em Villa Marianna, a hydra se desentranhou em assassinatos e balburdias concomitantes ...

O arrabalde outr'ora pacifico, e cujo policiamento se fazia, apenas, com alguns frascos da quina — França Pinto; hoje, se acha em estado de sitio e reduzido á uma verdadeira praça d'armas!

E tudo isso por que foram, *violentamente*, demittidos os inspectores *ausonios* de certo arrabalde, ontróra glorioso feudo da muito referida hydra!

* * *

E não fallemos ainda do calor que nos dessora, do cambio que nos vai tragando, aos boccados, e das epidemias que nos andam a minar, lentamente! ...

Na verba — lucros e perdas do balanço, que ainda agora se abre, podem se lançar todas estas parcellas, que constituirão a somma total das desgraças, com que elle terá de fechar o seu livro-caixa!

* * *

Foram estes, si quizerem, os preludios da cavatina que nos pretende executar o joven ... maestro ...

Entretanto ... no dizer dos optimistas e dos poetas lyricos, no começo de cada anno, sorriem, no ambiente social, as esperanças aladas!

O organismo nacional se rejuvenesce, por que começa o anno novo! ...

Pois, sim! ...

S. Paulo, 15 — Janeiro — 1898.

J. Vieira de Almeida.

Soror Thereza

Ao *Dr. Xavier de Toledo*

Soror Thereza, veste-a a compostura
De uma doce Madona de Sorrento;
No rosto, leve traço macilento,
Empannado de mystica doçura.

Caminha pela tácita clausura
Do plácido retiro de um convento,
Abroquellada no arrependimento,
Cheia de graça, cheia de amargura.

Sempre vergada á compuncção da prece,
Naquelle fino involucro fenece
A ridente crysalida do amor.

O olhar voltado para o céo, indaga
Um noivado feliz naquella plaga,
Longe do mundo e perto do Senhor!

S. Paulo, 1898.

MANOEL VIOTTI.

Com ares de chronica

Parece impossivel que em pleno seculo das luzes, quasi á entrada do seculo vinte, ainda se vejam umas tantas phrases futeis e balofas, cansadas de correr mundo, repetidas por homens que gosam dos fóros de civilisados e intelligentes! Emtanto, leitora amiga, tu que lês os diarios das grandes cidades, pasmas, como eu, certamente, diante de tanta improbidade e incoherencia.

Que a literata jamais será bôa dona de casa, (precavenham-se as escriptoras solteiras contra essa guerra de certos jornalistas); que, a terem as mulheres *profissões liberaes, ficará o lar abandonado, perecerá a familia,* e cousas analogas ...

Ora, a refutação dessa doutrina é tão facil que até nos proprios dominios da vida do homem encontramos argumentos contra ella. Porque poderá o homem ser literato sem abandonar seus deveres de empregado publico, como Machado de Assis e Arthur Azevedo; sem esquecer os seus livros de jurisprudencia, como Lucio de Mendonça; sem deixar a sua cadeira de professor, como Silvio de Almeida, Arthur Lobo e Carlos de Laet; sem faltar ao seu serviço no commercio, como João Luso; e a mulher terá *forçosamente* de abandonar a casa porque nas horas que lhe ficam de seus lazeres escreve um soneto ou faz uma tira de prosa? E' preciso muito capricho de imaginação para crer em tal.

Quanto ás profissões liberaes para a mulher, ainda é mais forte a guerra dos *defensores do lar.*

Todavia, é em nome do lar, é em nome da grandeza de amor, é em nome do altruismo da mulher, que todo homem sensato deve premunir suas filhas com uma educação solida e uma profissão que garanta sua subsistencia independentemente do casamento. A mu-

lher preparada assim para a vida, confiando em si mesma, só verá no casamento essa felicidade incomparavel da familia e do amor, só se casará por affeição, não terá de ceder diante das circumstancias, como no systema social até hoje estabelecido, em que a mulher, ame ou não ame, encontre ou não o seu ideal, tenha ou não o coração preso á imagem de um noivo morto, ha de, irremediavelmente, ou casar-se, violentando os seus mais santos sentimentos, ou então resignar-se á triste condição de viver de favores, dependendo do *canto alheio* e sobrecarregando os parentes.

Eduquemos nossas filhas com a sobranceria e coragem para viverem por si, sem nos esquecermos de que a mulher, como o homem tambem, só encontra maior somma de felicidade no aconchego do lar e da familia. Mas, não as condemnemos a estabelecer esse lar sem a base fundamental do sentimento, nem a viver como parasita.

Demais, a mulher feliz, a mulher casada por amor, não está sujeita a enviuvar, a ter de sustentar com o seu trabalho os filhos extremecidos? Não está sujeita a ver o esposo impossibilitado de trabalhar em consequencia de um incommodo qualquer? Em taes emergencias a profissão da mulher não é a garantia do lar e do amor?

Não, os retrogrados préguem suas doutrinas estacionarias, mas, por Deus, não nos venham dizer que é em nome do amor e em defesa do lar!

* * *

E por hoje despeço-me da leitora, dando-lhe a ler essa bella poesia:

Estrella e flor

«Como te invejo, peregrina estrella,
Pharol eterno de uma luz tão bella,
Dissera a pobre flor,
Eu vivo, mas minh'alma suspirosa
Teme a morte, que é certa, e tu, radiosa,
Não perdes o fulgor!»

Não me invejes, dissera á flor a estrella,
A vida mais feliz é a mais singela
Tambem a mais temida,
Já me canço de ser eterna e creio
Que quando a morte não nos traz receio
Bem pouco vale a vida!

Eu, se morrer pudesse, bem quizera,
Por mansoléo teria uma chimera,
Por prece uma illusão.
Como havia, meu Deus, de ser formosa
A morte de uma estrella luminosa
Perdendo o seu clarão!

Morreria, talvez, como a criança,
Ou mesmo como morre uma esperança
Cheia de vida e luz!
E a noite suspirosa então viria
Cantar a serenata da harmonia
Que a noss'alma seduz!

Maria Clara da Cunha Santos.

Que tal? Não é um bonito surto de imaginação poetica?

Maria Emilia.

Pobre!

A *Saturnino de Oliveira*

Antes assim! Prefiro-a humilde e pobre,
Cheia de amor, de graça e de pureza ...
Quem neste mundo maior bem descobre?
Onde melhores prendas, mais riqueza?

Vivendo assim, possue uma alma nobre,
Vale mais do que vale uma princeza!
Em sua alma o peccado não se encobre ...
Foi sempre honesta e vive na pobreza!

Por isso, quando deante desta porta
Ella, sorrindo, passa ... que alegria!
O seu franco sorriso me conforta!

Sim, me conforta e alegra, e eu lhes garanto
Que, se ficasse millionaria um dia,
Para mim perderia todo o encanto!

FRANCISCO LINS

Horas vagas

A' Presciliana Duarte de Almeida

São em geral detestaveis as aldeias mineiras.

Dentre, porém, o resumido numero das que se pódem considerar pittorescas, salienta-se o poetico Caxambú, que é de continuo visitado pela fina flôr da civilisação, que, cansada das agitações constantes dos grandes centros, procura neste adoravel recanto, um abrigo para as fadigas espirituaes e um retiro para a alma já gasta e descuidada da contemplação do ideal!!

Apezar da mudança brusca que soffrem espiritos que sahem do deslumbramento da phantasia, onde impera mais o goso do que o sentimento, não encontram elles, todavia, motivos de queixume contra esta localidade em que se misturam os encantos da natureza com os privilegios da arte.

Nuvens e mais nuvens de almas gentis emigram, como andorinhas, n'uma quadra especial para este cantinho bemdito, onde os mysterios do amor vivem a par do mais alto cultivo intellectual.

E foi nesta povoação bastante conhecida que eu tive occasião de observar, com tristeza infinda, uma das scenas mais pungentes que guardo nos archivos lugubres de minha memoria: —

Desterrada por uma d'estas tempestades financeiras que convulcionam sempre o seio da alta aristocracia, viera para estas plagas, uma familia cujos vestigios de antiga fidalgia emprestavam ainda um certo brilho aos terrores da ruina nascente.

Uma vez ahi residente, procurava o chefe de tão desventurada grei captivar, com as armas de seu espirito de homem diplomado e culto, as sympathias da elite aldeã, o que a custo conseguira pela desconfiança nata que preside sempre ao sactos d'aquelles que vivem arredios do cultivo social.

Estabelecida, porém, a corrente affectuosa da convivencia, tudo indicava que aquella casa ia readquerir os fulgores de outr'ora.

A esposa moça, bella e graciosa, parecia esquecida dos soffrimentos recentes e, animada pelo acolhimento generoso que tivera, já previa gosos imnumeros para os filhinhos, a quem desejava dar uma educação correspondente a sua ascendencia.

Má estrella, porém, presidira ao enlace d'aquelle par, pois, se a esperança lhe sorria com os seus verdes multicores era de subito substituida pela côr negra que prophetiza sempre um futuro lutuoso.

Passados os primeiros mezes, nos quaes os recursos tirados de um emprego honesto davam para subsistencia farta, começou a nova serie de martyrios que marcava a segunda phase de decadencia na vida d'aquella infeliz familia.

Lavrara no seio da sociedade em que viviam a suspeita e o desprestigio contra o seu representante directo, pelo pouco escrupulo que o carectisava, tornando-se constantemente pouco respeitavel pelo estado menos lisongeiro de seu cerebro.

Dias cheios de commentarios e commentarios repletos de dissabores, choviam sobre o destino d'aquellas creaturas.

A mulher, que fôra a principio um typo de carinho, tornou-se abominavel pela falta de compaixão com que tratava aquelle que fôra a vida dos seus dias.

Dos constantes attrictos havidos entre elles, nascera a desorganisação completa, e os proprios filnos, incitados pela mãe, repudiavam de um modo barbaro até o desgraçado pae.

Como tudo obedece, porém, aos rigores ephemeros do mundo, este lar teve tambem o socego de seus destroços.

Ninguem cogitava mais d'aquelle templo de desgraça, nem mesmo para levar uma esmola de caridade.

A indifferença humana castigou por demais aquelles que não tinham direito ao aniquilamento moral.

Fôra assim que se passaram annos de uma miseria immensa, curtida ao pezo de uma vergonha extrema; atéque a lei da morte, estabelecida para equilibrio social, vem recolher á terra o que já era quasi pó, porque o espirito já se havia evolado ha muito.

Foi então, em pleno inverno, que expirou o homem nascido em berços de setim e amortalhado nos risos do cynismo.

Espalhada a noticia e determinada a hora do enterramento, um grupo lutuoso de homens, levados talvez, mais pela superstição do que por sentimento de piedade, dirigio-se em busca do cadaver, na hora em que o crepusculo descia

sobre a terra, envolto nos nevoeiros de uma tarde de Maio.

Nem uma lagrima cahira sobre a face cadaverica, nem um goivo solto sobre o caixão!

Apenas o dobrar dos sinos annunciava aos curiosos que o enterro ia passar, porque nem mesmo as melodias funebres de uma orchestra se fizeram ouvir!...

Impulsionada por um sentimento tetrico, fôra vêr a passagem do feretro uma senhorita, franzina, pallida e sensivel.

Firma o olhar e descobre entre a negra multidão um cavalheiro esguio, que, resguardando-se da impertinencia do frio, trazia um longo sobretudo preto.

Silencioso, caminhava em distancia respeitavel; tinha a cabeça ao ar e o pensamento longe do logar.

Segue a moça com o olhar o vulto do seu amado, sem mesmo se lembrar do triste que se despedia ao abandono da vida!

Some-se o cortejo funebre...

Voltando das paragens dos sonhos, aquella creatura amorosa enxerga, em torno a si, mil labios que lamentam a desgraça do sepultado, e, no emtanto, no seu intimo, sente d'elle inveja bastante intensa aquella alma de moça que comsigo pensava —.

Bastar-lhe-ia a certeza de ser pelo seu amor levada ao lugar funebre da morte para que com risos e não lagrimas, deixasse esta vida onde nem mesmo mostrar póde o quanto sabe amar.

Se eu morresse, dizia ella, ao menos commigo seria sepultada a sua imagem que tanto soffrer me faz, porém rigores da sorte me parecem reservar para assistir aos hymnos que em honra á minha rival se farão executar no dia do seu noivado.

E é n'este contraste simultaneo que se enoca a humanidade: — o exemplo entristece, mas a idéa não abandona o caminho que trilha.

Apezar de demonstrar-lhe a razão esclarecida que o amor, embora correspondido, tem ás vezes negro fim, ainda assim, não podia aquella moça pallida e sensivel deixar de amar, de amar muito, fervorosamente, com todas as véras de seu fraco espirito!!

Dolores Alcantara de Araujo.

Caxambú, 7 de Dezembro 97.

Notas pequenas

Jornal Feminino — As senhoras francezas pódem já orgulhar-se de possuir uma folha diaria exclusivamente dirigida, administrada, escripta e typographicamente composta por mulheres. A nova folha

intitula-se *La Fronde* e tem como directora uma senhora de notavel espirito e grande distincção, M.me Dervoud de Valfire.

No seu cartaz de annuncio, *La Fronde* definiu assim seu programma: «As mulheres pretendem ter o direito de dar officialmente a sua opinião sobre todas as questões que interessem a sociedade e a humanidade. *La Fronde* será o echo fiel das suas criticas, das suas approvações, das suas justas reivindicações.»

Os nossos collegas da *Nação*, noticiando o apparecimento de *La Fronde* assim se exprimem: «Até o presente, o feminismo não se tinha de forma alguma assignalado senão por excentricidade ou exaggerações de linguagem que eram apenas ridiculas.

Agora, porém, começa a affirmar-se d'uma maneira seria, sem todavia, ser prejudicado, pela solidez de fundo, a elegancia da forma.

Portanto os nossos emboras á graciosa confrade e consideremo-nos felizes se um franco successo coroar esta iniciativa interessante.»

Sonetes e Sonetinhos e Producções da Caducidade. — Obsequiosamente enviou-nos estes livros de sua lavra o Padre Corrêa de Almeida, decano das letras mineiras e um dos poucos poetas satyricos da actualidade.

O auctor das *Semsaborias Metricas*, o poeta octogenario, tem publicado nada menos de quatorze livros de versos, os quaes têm recebido a consagração dos competentes.

Agradecendo a remessa dos seus interessantes trabalhos, offecemos ás leitoras o seguinte sonetilho, que faz parte dos Sonetos.

A moça bem educada
não deixará de ser bella
por temperar a panella
que fique bem temperada.

Se, ao serviço habituada
enfia o pé na chinela,
e vai fazer a barrela,
tem sempre roupa lavada.

Para a donzella mais loira
não é deshonra a vassoira,
que varre pulgas e cisco.

Nestes misteres perita
a jovem Maria Rita
é digna de um bom Francisco.

Livros — Temos sobre nossa mesa de trabalho o *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim; *Contos e Phantasias*, de José Vicente Sobrinho; Primeiro, segundo e terceiro livro de leitura e *Historia do Brazil*, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade; e *Primicias*, de Carvalho Aranha.

Agradecemos a remessa desses livros, dos quaes a *Mensageira* falará opportunamente.

São Paulo 15 de Fevereiro de 1898 Anno I, N. 9

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Ainda um assumpto feminino, Pelayo Serrano; — Soneto, Zalina Rolim; — Carta do Rio, Maria Clara; — A luz da Lua, soneto, Aurea Pires; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Aves e corações, soneto, Presciliana Duarte de Almeida; — Impressões de leitura, Perpetua do Valle; — Ventura, poesia, Georgina Teixeira; — Selecção — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — A mulher é uma força activa na sociedade, M. Rennotte; — Notas pequenas.

Ainda um assumpto feminino

I

A lucta pela emancipação feminina, no Brazil, já tem despertado a energia de sisudos combatentes. Tobias Barreto, o sabio sergipano, de saudosissima recordação, escreveu bem a proposito: «A mulher, que na opinião de todos os cavalheiros de um baile, ou de todos os convivas de um banquete, inclusive legisladores e juristas, pois esta inclusão não vai de encontro ao principio das *incompatibilidades,* a mulher, que na opinião de todos estes, quando os sons de uma linda valsa convidam a dançar, ou o sabor dos licores desafia a *musa do brinde,* é a princeza dos salões e a estrella que mais brilha nas grandes solemnidades, volta a ser no dia seguinte, na opinião dos mesmos *peritos*, uma criança permanente, que não póde ter completa autonomia, que não deve ser abandonada a si mesma!... Que quer dizer isto? Como se explica e justifica esta falta de coherencia e sisudez?» (1) Não acharão os leitores que é funda a ironia, mas exactissimo o juizo de Tobias? De facto, nada mais frequente que, em nossas festas e saráus, á hora em que espumam as taças do bródio e sobre a cabeça d'algum bem aventurado mocetão escorrem os effluvios doces de castos namoros, vêr-se um côro de vozes acclamar o *doutor Ticio*, ou o *senhor Martinho*, para dirigir uma saudação ao bello sexo.

Então, abrem-se os diques da

(1) *Menores e houcos,* cap. IV, pag. 81.

eloquencia encommendada e lá surgem á tona da palavra macia e sonora do orador bellos vultos femininos, patrios e extrangeiros; são guerreiras, como Joanna d'Arc, Maria de Jesus, Clara Camarão, Mathilde de Agramonte; santas e eleitas do céo, como Prisca, Thereza de Jezus, Joanna de Gusmão; notaveis talentos, como Sapho e Clotilde Tambroni, Staël e Beecher Stowe; formosuras, eguaes á Maria Ephigenia de Alvarenga, Evangelina Cisneros, Maria de Borgonha e as decantadas Cleopatra egypcia e Helena de Troya... E assim por deante. Não ha negar que tudo isto é muito agradavel, mas tem o seu tanto de ridiculo; dizer, por exemplo, ás nossas patricias que ellas são portentos de belleza, possuem infinitos encantos, nos attrahem pela doçura dos modos e fulgor irresistivel do olhar, é, além de um galanteio banal, coisa dita e redita, mesmo por gente não nascida no Brazil. Vêm a tempo citar Alberto Pimentel, escriptor portuguez: «... a dama brazileira tem no coração o fogo dos vulcões dos Andes, no olhar a doçura do mel das jatahys, na melodia a voz a musica divina das aves canoras do seu paiz. Ella encanta e fascina, mais que nenhuma outra, pela brandura da sua condição, pela meiguice do seu trato, pela docilidade nativa, que é a sua força irresistivel.» (2) Mas a questão séria é outra e bem diversa; trata-se de soerguer a mulhar, no Brasil, á altura das correntes modernas do pensamento humano, de conferir-lhe a ambicionada palma da *belleza do espirito*. Para isso faz-se mister saber com que elementos conta o mundo feminino, em nosso paiz, para abalançar-se, arrojadamente, á pugna de seus direitos sociaes.

II

No meu artigo, (3) que *A Mensageira* em seu setimo fasciculo publicou, mostrei, ligeiramente, que uma pleiade de senhoras brasileiras já cuidavam de estudos serios, já almejavam posições e renome, e, para firmeza do allegado, apontei os nomes de varias, que me acudiram á penna. Hoje venho addir alguns nomes áquella lista. Como poetisas, dona Nathalia Mariot Gomes, distincta e conhecida sergipana, ha poucos mezes fallecida; dona Elvira Gama, collaboradora assidua da *Gazeta de Noticias*, e que já publicou, sob o pseudonymo de *Sinhá Miquelina* uma serie de cartas no *Paiz*. Dou-

(2) O *Descobrimento do Brazil*, romance original — 1895, *Advertencia previa*, pag. XII.

(3) Vide *Intellectualidade feminina brasileira*, na *Mensageira*, de 15 de Janeiro de 1898.

toras em medicina e cirurgia, temos ainda as sras. Anna Machado, em Belém do Pará, e Maria Praguer, medica do hospital Santa Isabel, em São Salvador da Bahia; e cursando agora o 6.º anno da Faculdade medica da Bahia e o 2.º anno do curso de Pharmacia, annexo á mesma Escola, estão as sras. Laura Bahiense e Maria Velloso, esta sergipana. Si não me falha a rebelde memoria, li, ha tempos, 1894 (?), que se doutorára, na Bahia, dona Graphisa de...(*) a qual depois concorreu a uma vaga de lente substito da mesma Escola de Medicina. Nas actuaes bancas de exames preparatorios, na Capital Federal, tenho visto, pelo *Diario Official,* os nomes de varias senhoritas, que se estão submettendo aos exames de linguas e sciencias, afim de, com certeza, se matricularem em cursos superiores da Republica.

Como artista, lembrarei o nome de Clotilde Maragliano, illuste cantora paulista, que ora honra o nome brasileiro, nas suas *tournées* lyricas pela Europa.

Não posso deixar de rectificar alguns topicos relativos a trabalhos e escriptos já publicados de autoras, nossas compatriotas, que citei, no artigo passado; é bem de vêr que taes *cochillos* são fataes e qualquer os comette... Assim, Dona Presciliana Duarte de Almeida publicou seu primeiro livro de poesias — *Pyrilampos e Rumorejos* — de collaboração com dona Maria Clara da Cunha Santos; dona Elvira Gama começou a escrever sonetos no jornal *O Mineiro,* redigio no *Jornal do Brazil* a secção *Kinetescopio* e escreveu nas cartas de *Sinhá Miquelina,* como já foi dito; (4) dona Ignez Sabino, bahiana de nascimento e educada na Europa, tendo sido discipula de Tobias Barreto, cá no Brasil, tem publicado o poemeto abolicionista *Avé hibertas!*, os dous livros de poesias *Rosas Pallidas, Impressões*, além dos trabalhos ineditos *Luctas do coração* (romance), *Mulheres illustres do Brasil*, *Noites Brasileiras* e o romance *Almas de artista* (5); dona Maria Benedicta de Borghman, rio-grandense do sul e conhecida sob o pseudonymo *Délia,* (nasceu em 1855 e falleceu em 1895), foi notavel romancista, cujas obras principaes são — *As duas irmãs*, *Magdalena*, *Aurelia*, *Celeste e Lesbia,* «a sua obra prima», no dizer de um biographo. (6)

(*) Dra. Grafisa de Araujo Ramos, a qual reside actualmente na capital da Bahia e de quem recebemos, ha dias, honrosissima carta. *Nota da redacção.*

(4) Artigo biographico, no *Almanach Luso Brasileiro,* de 1897. pag. 331.

(5) Notas biographicas, no annuario já citado, pags. 307 e 306.

(6) *Almanach* citado, pags. 267 e 268.

Aqui mesmo em Ouro Preto, reside a exma. esposa do sr. doutor Sizinio Pontes (medico e lente da Escola de Pharmacia), a qual senhora fez, ao que me consta, na antiga Instrucção Publica da Provincia, todos ou quasi todos os exames de preparatorios para medicina. Como essa, varias outras damas e senhoritas intelligentes têm o meu e outros Estados brasileiros, todas ellas capazes de, com estudo, methodo, perseverança e inquebrantaveis mostras de virtude, virem muito breve a formar uma falange de batalhadoras sinceras, poderosas e ousadas, tanto nos dominios agrestos da Sciencia, como nas regiões ideaes da Arte.

Formem gremios e associações, fundem jornaes e revistas, levem de vencida os tirocinios academicos, procurem as mais illustres e felizes, com a sua influencia, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, aqui, no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pelejado, com o recato e moderação naturaes ao seu delicado sexo, pela bella idéa — «Fazer da Brazileira um modelo feminino de educação e cultura *espiritual*, *activa*, *distincta e forte*».

Ouro Preto — 1898.

PELAYO SERRANO.

C'est Dieu qui mit l'amour au
bout de toute chose,
L'amour en qui tout vit, l'amour
sur qui tout pose!
V. Hugo.

Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto
Que a paz lhe volta e as penas vão-se embora;
Se nelle o amor não é de todo extincto,
A magua já não é tambem senhora.

Pobre amigo! a vagar num labyrintho
De duvidas e crenças, hora a hora,
Tudo entrevendo pallido e indistincto,
Temendo a noite e desejando a aurora...

E a noite veio só, não veio o dia...
Ai, coração, que a perfida magia
Do amor ao seio teu não mais aporte!

E elle, baixinho e manso e dolorido:
—E' a morte ser, assim, qual fui, trahido,
Mas viver sem amor é mais que a morte.

ZALINA ROLIM.

Carta do Rio

Desde creança que ouço falar com muito despreso sobre a falta de segurança que ha. em segredos em bocca de mulher.

Ha muita gente que diz: Confiar um segredo á uma mulher ... é o melhor meio de botal-o na rua. no dominio publico.

Nessa injustiça, o que nos dóe mais vivamente, o que mais nos fére o coração, é ouvirmos essa opininão de algumas mulheres.

Pois bem, nesta capital, tivemos agora um desmentido formal dessa

calumnia que tem corrido seculos e gerações. Um facto altamente sympathico para o nosso credito, acaba de se dar na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Como se sabe, no trabalho material da fabricação do Diario Official, muitas mulheres encontram aqui elementos para ganhar sua vida, ora compondo livros e paginando, ora auxiliando nos trabalhos de revisão e encadernação. Um facto de subida monta — a publicação do relatorio sobre o attentado do dia 5 de Novembro, no Arsenal de Guerra, facto que tem agitado vivamente toda esta população, reclamava grande sigillo, absoluta reserva.

Era preciso que os compositores da peça official soubessem ser discretos. Uma só palavra, a revelação de qualquer dos pormenores do relatorio poderia perturbar a ordem e o bom exito do mesmo. Em taes emergencias, pensaram os interessados nesta questão em obter para os trabalhos materiaes do relatorio pessoas criteriosas, que não trahissem ... que não contassem os segredos que só a Policia tem o direito de perscrutar e em bôa hora escolheram para esse servico 22 mulheres. Nenhum homem trabalhou nessa composição, as mulheres sósinhas fizeram todo o relatorio.

Tambem ninguem soube das minuciosidades do processo senão depois que a folha foi lançada á publicidade. Convém notar que a preferencia ás mulheres foi dada pelos homens, que quizeram occultar segredos dos outros homens.

E' bella a lei da compensação; se em parte o nosso descredito vem de algumas mulheres que abertamente falam de seu sexo, desprestigiando-o, vemos de outro lado alguns homens que sabem fazer justiça á nossa discreção e preferem para uma emergencia melindrosa, como essa da publicação do relatorio sobre o attentado de 5 de Novembro — as mulheres e não os homens, que extremados em politica e com ideias diversas poderiam esquecer o seu dever e trahir a sua patria.

Ainda bem, os factos vão destruindo as accusações insensatas. Ningem mais venha dizer ao pé de mim: «Segredo em bocca de mulher ....» Saberei defender o sexo fraco lembrando o recente facto a que acabo de alludir!

«Livro das Crianças» é o titulo de um formoso livrinho que Zalina Rolim acaba de publicar. E' todo escripto em versos — como os sabe fazer a inspirada poetiza paulista — tem bonitas gravuras e foi impresso em Boston. O plano dessa obra foi traçado pelo eme-

rito professor Dr. João Köpke e é isto bastante para um sincero elogio. O Dr. Köpke tem o segredo do ensino. O magesterio para elle é um sacerdocio e um plano seu deve ser o mais completo e edificante. Dando noticia do »Livro das Crianças» eu saúdo cordealmente a sua auctora, a mimosa poetisa que é tambem a talentosa Directora do Jardim da Infancia e desejo que continue a enriquecer a nossa litteratura escrevendo livros tão uteis como o das« Crianças» e tão formosos como o «Coração».

Transcrevendo de uma revista ingleza o «Jornal do Commercio» disse que a imprensa de Londres tem a gloria de contar entre seus confrades a Rainha Victoria, em pessôa. Sua Magestade dirige com muito talento o *Court Circular*, que publica quotidianamente todos os incidentes da Côrte. A' noite a Rainha revê as provas, trabalho que não confia a ninguem. A calamidade dos *pasteis* não é poupada á augusta directora do *Court Circular*, tal qual como aos outros miseros plumitivos.

Approxima-se o Carnaval. Quanta alegria e quanta loucura! E' a festa mais querida do nosso povo. Os custosos e bonitos carros de ideias ostentam toda a sua riqueza e espirito passeando alegremente pela cidade na terça-feira gorda.

Os que a tanto não aspiram, os resignados, que não pódem gastar tanto dinheiro, contentam-se em passeiatas pelos arrabaldes, em pequenos grupos. Esses, cançados, suados, roucos de tanto dar vivas e perguntar: Você me conhece? divertem-se tambem lá a seu modo.

Na quarta-feira de cinzas, quanta tristeza, mãe do ceo! quanta gente que perdeu o emprego para folgar á vontade nos 3 dias dedicados a Momo!

Sei de uma amiga que em um sabbado de alleluia mandou o copeiro, um rapagote de 15 annos, buscar um feixe de lenha á venda proxima.

Nunca mais voltava o copeiro, minha amiga desanimou e deu novas providencias. Passaram-se os tres dias da loucura, na quarta-feira de cinzas, muito cedinho, entra o moleque pela porta a dentro, com o feixe de lenha ás costas, muito espantado, ainda vestido de diabinho.

— Que é isso rapaz, pergunta a minha amiga.

— Nada, patrôa, tambem o vendeiro, o caixeiro, o moço do açougue e todos foram .... não fui só eu .... foram todos.»

O copeiro decerto raciocinava assim: desde que a loucura é geral, não é tão grave a minha falta.

E elle tinha razão!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

A' Luz da Lua

Eu scismo na varanda, eu penso no passado,
Olhando a natureza amena e silenciosa.
Que dorme á luz da lua, envolta em vaporosa
Roupagem de neblina. Eu scismo no passado!..

E sinto o coração bater amargurado
No fundo de meu peito. Ainda é mais dolorosa
Na vasta solidão da noite mysteriosa
A saudade que afflige um ser desventurado!

E emquanto adormecida e calma a natureza,
Tão cheia de poesia e nobre singeleza,
No regaço da paz descança livremente...

Eu scismo no passado! Eu vejo a imagem tua
Mais viva... mais radiosa! E á doce luz da lua
Scintilla o pranto meu correndo tristemente!

AUREA PIRES.

Chronica omnimoda

Pierrot, desenvoltamente, enfia a vista por uma fresta da caverna!

Tilintam os guizos e rufam as zabumbas!

O Carnaval desponta no horizonte!...

* * *

Vai já grande azafama pelos barrações, erguidos em differentes pontos da cidade.

Os *carros de idéas* sáem armados do *bestunto* do *Ali-Babá*, como aMinerva antiga do cerebro de Jupiter!

Eccôam as martelladas no tecto ondulante da lona ephemera, tão convictas de concorrerem para a glorificação do deus da Folia; como o ariete do povo-rei demolindo as cidades, para servirem ao triumpho pomposo dos seus generaes!

Apruma-se aqui o inglez, de suissas ao vento, representando a já sediça personnificação do cambio, que teima em não subir!

Empertiga-se alli o militar, que volta de Canudos e quer apresentar candidatos á presidencia da Republica!

Aqui se insinuam os tractantes de especies varias, alli se occultam os intrigantes de espheras differentes...

Para todos elles tem o Carnaval a gargalhada que entontece, ou o látego que retalha!

* * *

Bem comprehendido o ridendo dos antigos, o Carnaval poderá ser o terror de certos hypocritas que trazendo o anno inteiro a mascara afivellada ao rosto, teriam então de a contemplar desfeita em mil

pedaços, aos alegres insolentes dos sapadores carnavalescos!

Os tolos de diversas marcas se haviam de vêr bem castigados de sua vâ prosapia; lucrando, talvez, a sua regeneração, nas annadas que o recolhessem?

O espirito, a *verve* de bom cunho, poderia ter então o seu reinado curto, mas brilhante; caso comprehendessem os lôrpas de todos os jaezes que a pilheria inoffensiva não deve embarafustar pelo terreno escorregadio do insulto pessoal!

* * *

Entretanto, nos grandes centros populares, o Carnaval assume, infelizmente, as proporções de legitimas Lupercaes, com todo o seu cortejo de desordens!

Rufam as caixas e guincham as trombetas em todos os clubs, pondo tonteiras nas cabeças e têdio nos espiritos.

Os bailes, annunciados em todas as gazetas, com largo dispendio de uma rhetorica seductora, são laboratorios do mal, officinas da iniquidade, de onde fugiria attonita a ingenua innocencia primeva!...

Os prestitos aliás organizados com arte e, ás vezes, com certo gosto, não passam de uma audaciosa evocação do paganismo e de um forte incentivo para a corrupção dos costumes!

Em resumo: são o culto desavergonhado da Carne!

* * *

Por isso foi que a Egreja catholica, com aquella sabedoria que fez della, incontestavelmente, a primeira das sociedades bem constituidas; oppôz aos desregramentos do Carnaval a festa das Quarenta Horas!

No pleno exercicio de seu direito de *mestra dos costumes*, quiz desviar os fieis das attracções desse abysmo!

Foi um verdadeiro cartel de desafio, atirado ao materialismo do seculo, não ha duvida; mas a Egreja de Jesus Christo, que venceu já outros combates muito mais renhidos, não tentou em travar mais este?

* * *

E assim é que observamos o mais frisante dos contrastes entre Jesus e Momo!

A caverna, ou o templo!

Deus, ou Baal!

Ou affirmamos as nossas crenças christãs, ou nos atufamos no paganismo!

Evohe! e *Miserere!* O *ZéPereira* e... Francisco de Assis!...

* * *

Confessemos que são agudissimas as pontas do dilemma!...

Lá fóra, estrondeiam as caixas de rufo, — cá dentro deslisam as contas dos rosarios!

Os gritos avinhados das bacchantes vêm morrer ás portas do sanctuario, de onde se evolam as notas mysticas das ladainhas...

As hetairas, trescalando perfumes e sensualidade cruzam-se, nas ruas, com as virgens do Senhor, rescendendo ao incenso das ceremonias sagradas e exhibindo nos rostos macerados os claros vestigios da penitencia!

Confessemos que são agudissimas as pontas do dilemma!

A caverna, ou o templo!

Deus, o Baal!...

* * *

Pierrot, desenvoltamente, enfia a vista, por uma fresta da caverna!

Tilintam os guizos e rufam as zabumbas!

O Carnaval desponta no horizonte!...

São Paulo, 15 Fevereiro 1898.

J. Vieira de Almeida.

Aves e corações

Junto da casa tosca, alegre e franca,
Situada entre mares de verdura,
Vôa e revôa, inqueta, a nuvem branca
De uma pomba que o ninho, em vão, procura

Noivos felizos trocam, na espessura,
Beijos e risos que a ternura arranca,
E a pomba ao vel-os, triste, assim murmura:
«Pranto de solidão jamais se estanca!»

Quantas vezes se inverte aquella scena,
E uma alma grande, immácula e serena,
Chora de magua em magua succumbida!

E invejando sómente o amor das aves,
Não consegue jamais trilhar as naves
Desse templo do amor — o ceu da vida!

Presciliana Duarte de Almeida.

Impressões de leitura

Livro das Crianças, Zalina Rolim, 1898

Comquanto o nome de Zalina Rolim encimando um livro fosse bastante para que o abrissemos já debaixo de uma espectativa sympathica, foi com curiosidade talvez que folheamos as paginas deste livrinho, ultimamente dado a lume.

Era o primeiro livro, destinado ás escolas, que a poetisa do *Coração* entregava ao publico e era justa a nossa curiosidade. Zalina Rolim sahiu-se neste novo genero de literatura com a galhardia habitual

ao seu estro lyrico. Manifestando o grande pendor de seu espirito para as obras didacticas, soube, com muita simplicidade e graça insinuante, introduzir nos seus versos destinados á infancia, grande somma de conselhos e verdades, que estamos habituadas a ver em paginas sombrias e carrancudas.

Basta ler a primeira poesia do livro para nos convencermos do que fica dito. Eil-a:

Pouco a pouco

Nada de pressa;
Bem devagar,
Que assim começa
Quem quer chegar.
E vae subindo o castello,
Pedra a pedra, airoso e bello...

O olhar attento,
A mão bem leve,
Que o monumento
Ao ar se eleve:
Mas paciencia e cuidado,
Que senão tudo é baldado.

Toda a existencia
Nos mostra e ensina
Que a impaciencia
Gera a ruina:
Não se corre em longa via;
Roma não se fez num dia.

A gente póde
Chegar a tudo,
Que nos acode,
Com senso e estudo:
E as palavras dos mais velhos
Sejam nossos evangelhos.

A' infinda meta
Dos nossos sonhos
Em linha recta
Vamos risonhos:
Sem medo aos bosques sombrios,
Fugindo sempre a desvios.

A vida é a lucta
De toda a hora;
Jogo e permuta,
Que revigora:
Render-se a gente á preguiça,
E' fugir á nobre liça.

Não tem direitos
Quem, dos labores,
Foge aos preceitos
E evita as dores:
A natureza é um erario,
E todo o ser, tributario.

Quem foge á lida
Dos outros seres,
Falta da vida
Aos sãos deveres:
E — castellos sem trabalho —
Só castellos de baralho.

Esta poesia, como todas as outras, traz uma gravura explicativa, que desperta de prompto o interecesse das crianças. Ah! si nós mesmas gostamos de ler um livro *bonito,* quanto mais os garrulos pequenos.

O *Livro das Crianças* deve merecer muito interesse da parte de nossas leitoras: é uma obra feita para nossos filhos e para nossos irmãos, e não póde deixar de despertar nossa sympathia. Ficará associado ás impressões que guardarmos de nossos *adorados traves-*

sos e tanto basta para que seja um livro querido.

Disse alguem que este trabalho «destinado ás crianças, póde ser lido com prazer pelos adultos», e affirmou uma verdade. A simplicidade, a correcção de linguagem e a delicadeza dos assumptos o tornam sobremodo agradavel e attrahente. Das poesias que mais nos agradaram, citaremos *Em ferias*, *Uma amiguinha*, *A volta ao lar* e a seguinte, que vamos transcrever por ser uma das mais apreciaveis do livro:

Onde está a Patria?

«E' aqui?» — Não, Lucia; do outro lado,
(espera.
Essas terras que vês, são velhos mundos:
A Europa, o templo, onde a sciencia impera,
E a Asia e a Africa, tumulos profundos.

«Tumulos?» — Sim, de seculos violentos,
Que hoje a sciencia passo a passo explora:
Legendas, tradicções e monumentos
De homens, que ao mundo deram leis ou-
(tr'ora.

«E aqui ao Sul?» — A Australia, aves ex-
(tranhas;
Ilhas, que em bancos de coral se aprumam;
Minas de ouro; florestas e montanhas,
Que a cannelleira e o sandalo perfumam.

«E a America?» — Eil-a, emfim aos teus
(olhares:
A Oeste — elevações de enorme serra;
Espumejando a Leste infindos mares,
E, entre palmeiras, linda, a nossa terra!

«Quero vel-a!... Meu Deus! é tão pequeno
O cantinho de terra a que pertenço!»
— Como te enganas, Lucia! O seu terreno
E' quasi igual á Europa; é grande, é im-
(menso!...

E para mim é mais que o mundo inteiro,
Meu formoso Brazil, Patria querida!...
Por elle eu quero ser forte e guerreiro,
Dar-lhe o meu sangue, consagrar-lhe a vida.

Quem me dera fosse eu já homem feito
Em altura, e saber, e nobre entono,
Para abrigal-o a sombra do meu peito
E eleval-o da gloria ao regio throno!

E' aqui, irmãzinha: olha o torrão fecundo,
A cuja sombra o nosso Lar se abriga;
N'este circulo de ouro é o nosso mundo,
O altar augusto, a que a affeição nos liga.

E São Paulo, onde está? Não vejo nada
N'este globo tão liso e tão bonito?
Deixa-me ver a terra abençoada,
Onde nasceu nossa Mamãi, Carlito!»

Finalisamos esta ligeira apreciação enviando sinceros emboras á Zalina Rolim e á infancia brazileira que acaba de fazer acquisição de um livro formoso sob todos os pontos de vista.

PERPETUA DO VALLE.

Ventura

Acho tão bôa e tão feliz a vida!..
E delirante eu sinto que se doura
A minh'alma de moça, enternecida,
Apaixonada e crente e sonhadora!

E, sei porém, que em tudo a f'licidade
Não existe no mundo, e que a ventura
E' como a sorridente mocidade:
Raio de Sol que rápido fulgura!..

E muitos sei que são os infelizes
A quem dados não são risos e flôres,
E corações de roxas cicatrizes
Que não cessam jamais cruentas dores!

Ha lagrimas de sangue, e dolorosas
Maguas de infindo e duro sentimento!
—Se o mar da vida, ás vezes, é de rosas,
E' quasi sempre atroz e violento.

Noivas a quem a Morte, inexperada,
Roubou do amante o divinal carinho,
Curtindo eterna dôr amargurada
N'alma vasia — abandonado ninho.

Mãis que ficaram sem o doce affecto
Dos meigos filhos que adoravam tanto;
Filhos que a falta do materno tecto.
Choram bem cedo com dorido pranto!

E mais eu sei que n'esta vida existe...
—Ha muito chaga occulta e pungitiva;
Ha mais quem viva n'este mundo triste
Do que quem sempre alegremente viva!..

Mas, sou feliz, ditosa... ou julgo sel-o!
Pois que a ventura é sempre mentirosa...
—Mas, ventura não é poder dizel-o
E parecer, suppôr-me venturosa?

GEORGINA TEIXEIRA.

Selecção

Instruir a creatura humana e educar-lhe o gosto pelas artes constituem dois serviços, cujo alto valor se póde apreciar no decurso da vida, tanto sob o bafejo como sob o revez da fortuna.

A instrucção é grande riqueza, que dispensa cofre para guardal-a; acompanha seu possuidor por toda a parte, sem receio de ser roubada ou esbanjada. Ella apparelha o cidadão para bem servir á patria, e a mãe de familia para bem cumprir sua missão. Innumeras vezes é a defensora do fraco contra o forte, do pobre contra o rico.

JOSÉ AMERICO DOS SANTOS.

Por terras e mares

A Manoel Viotti

I

Minha galera eil-a equipada
para um longuinquo navegar...
(A terra fez-se alaranjada,
idem o ceu, idem o mar).

Minha galera preparou-se
para ir das terras aos confins;
para talhar, como uma fouce,
mares de opalas e jasmins.

A minha explendida companha,
affeita ao vento e aos temporaes,
possue uma alma, que a acompanha
por aventuras sem iguaes.

Quer ao calor de um sol que escalda,
como aos luares mais subtis,
descobrir ilhas de esmeralda,
pojar em campos de rubis.

Quer novos ceus, novas estrellas
brilhando com duplo fulgor,
e em noutes claras, lançar pelas
aguas do mar canções de amor.

Minha galera eil-a, formosa,
para o infinito viajar...
(O ceu tornou-se cor de rosa,
idem a terra, idem o mar).

Ora me resta uma empreitada,
que eu vou, soffrendo, concluir:
— dizer adeus á minha amada,
dizer adeus — e após partir.

Dizer adeus — sem ter coragem
de a mão tirar de sua mão,
e presagiar longa a viagem,
sem um luar, sem um clarão...

Emtanto irei. Que a lua estenda
os niveos raios de chrystal
no seu palacio — nivea tenda,
ao pé de espesso bambual.

Ai! dentro em pouco a lua deve
o espaço todo illuminar:
(a terra logo será neve,
idem o ceu, idem o mar).

CANDIDO DE CARVALHO.

A mulher é uma força activa na sociedade

Il y a dans l'áme une force
qui, la portant hors d'elle mê-
me vers l'ideal tend l'union.

BERNARDIN DE ST. PIERRE.

Hoje, que a instrucção principia a espalhar-se mais geralmente; que se fazem estudos mais profundos; que o espirito, este agente livre, do occupa-se tanto da sciencia, movimento e das forças que o produzem, o homem ainda, devido á razões que não se explicam, descuida de uma força que elle tem sob a sua mão — esta força é a mulher.

Se na linguagem da mecanica definimos «a força» a causa que determina o movimento ou as suas modificações, podemos dizer que a mulher é o agente que impelle a uma geração os movimentos ou tendencias para o bem ou para o mal. Debaixo da acção continua de sua mãe a criança segue naturalmente a direcção que esta lhe traça ou impõe, e necessariamente o filho move-se na direcção da força unica á qual elle está submettido.

Quando eu digo: o corpo submettido á uma força unica move-se na direcção desta força, não pretendo negar a acção do pai nem excluil-o ou dispensal-o do dever de cuidar da educação de seus filhos, não; mas sim, mencionar este facto quasi geral que, ao pai incumbindo a tarefa de subministrar ás necessidades da familia, não lhe é possivel, muitas vezes, por causa de ausencia forçada ou outras razões, ter constantemente seus filhos debaixo de seus olhos; portanto é sobre a mãe que recahe este dever.

Consequentemente é ella que dirige, que implanta, imprime as primeiras impressões, os primeiros sentimentos no coração dos filhos.

Queremos que esta acção que ella opéra sobre as jovens creaturas seja proveitosa, util á humanidade? Devemos trabalhar para que o espirito da mulher seja esclarecido; para que sua intelligencia seja cultivada, afim de que ella saiba distinguir o bem do mal, o falso do justo, a verdade da mentira e da superstição; afim de que ella seja capaz de formar o caracter de seus filhos volvendo, encaminhando os seus pensamentos para o bello, o bom e o real; é necessario emfim dar á mulher *o pão da vida que é a instrucção baseada sobre o fundamento de uma moral sã.* Com esta arma que vence sem espalhar sangue, que conquista sem devastar ou assolar, a mulher torna-se forte, e é então que se pode dizer com Legouvé;

«O femmes! c'est a tort qu'on
vous nomme tumides
A' la voix de vous cœur vous
êtes intrépides.»

. . . . . .

— Se a intensidade de uma força se aprecia comparando ou referindo-a á uma outra força de igual natureza tomada por unidade pode-se facilmente avaliar a superioridade da mulher educada (no verdadeiro sentido) sobre a ignorante, considerando o que pode, em uma casa, a prudencia da mulher, para sustental-a, para nella fazer nascer ou manter o confortavel, o bem estar, para no lar fazer reinar a paz, a harmonia, a união.

Justo é pois, chamar força motriz ou motora (se eu assim posso me esprimir) a mulher instruida, aquella que actua no sentido do movimento ou adiantamento, contribuindo total ou parcialmente na acceleração ou producção deste movimento, e força de resistencia ou ignorante aquella que actua do sentido contrario; isto, é diminuindo ou *extinguindo* o movimento ou progresso.

Instruindo a mulher, o homem acha nella não somente uma companheira, mais ainda, um auxilio; não unicamente uma ama para seus filhos, mas sim, uma verdadeira mãe, capaz, no caso da morte do chefe, de defender os interesses da familia e os bens dos orphãos. Da cultura do espirito da mulher resultará que, entre as suas idéas e as do marido haverá afinidade e desta combinação ou união dos espiritos, surgirá a força; a força resultante de dois agentes ou componentes que não neutralisarão seus esforços, mas sim accelerarão o movimento, a marcha do progresso.

M. Rennotte.

Notas pequenas

Eugenia Bounefois, professora de filhos dos saltimbancos das feiras, acaba de receber um dos primeiros premios de virtude da Academia Franceza.

Essa senhora administra na França a instrucção primaria a mais de 200 creanças, filhas de dançarinas, palhaços, domadores de feras, etc.

Almanach do Municipio de Passos. — Recebemos um exemplar deste interessante annuario de 1898, que é muito bem impresso, traz uteis informações e uma variada parte literaria, na qual figuram os nomes dos mais festejados escriptores mineiros da actualidade. O *Almanach* é ainda enriquecido com os retratos e biographias do Barão de Passos, Dr. Ernesto Corrêa, Antonio Celestino e dos nossos illustres collaboradores Dr. Manoel Viotti e Dr. Nelson de Senna (Pelayo Serrano).

Precedendo trabalhos poeticos, insere o *Almanach* as seguintes palavras, que transcrevemos com grande reconhecimento:

Poetisas mineiras. — D. Presciliana Duarte. Nasceu em Pouso-Alegre. Ertreou-se, na poesia, com os *Pyrilampos* e *Rumorejos*, de collaboração com D. Maria Clara.

Collaborou com brilhantismo na *Semana*, do Rio, e no *Diario Popular*, de S. Paulo.

Consorciou-se com um poeta, Silvio de Almeida, conseguindo assim, no dizer de Valentim Magalhães, a vida de «um casal de sabiás, que o amor uniu, e que espancam com os seus duetos melodiosos as semsaborias desta vida prosaica».

E assim ambos têm feito, para nossa alegria e gaudio das camenas.

D. Presciliana Duarte fundou o anno passado, em S. Paulo, onde reside, uma revista literaria *A Mensageira*, dedicada á mulher brazileira.

O seu artigo programma era — estabelecer entre as brazileiras uma sympathia espiritual em communhão das mesmas idéas, levando-lhes, ao remansoso lar, algum pensamento novo-sonho de poeta ou fructo de observação acurada.

E assim tem conseguido até agora, a bella e utilissima revista, que os jornaes receberam «como excellente missionaria do bem».

Poetas mineiros. — Silvio de Almeida. Um dos nossos mais acatados e rigorosos criticos litterarios, na saudosa revista *A Semana*, assim se exprimia sobre aquelle nosso patricio:

«Em todas as suas producções poeticas reconhece-se um estro facil, fluente, sensivel, capaz de surtos altos e bellos».

E na propria *Semana*, mais tarde, o poeta veiu provar o que

aquella critica affirmava, conseguindo, com raro brilhantismo, dois bellos triumphes em concursos floraes daquella folha, tendo, em ambos, alcançado o *primeiro premio*.

Como merecida homenagem ao seu talento damos, no *Almanach*, uma daquellas duas gemmas litterarias, de fino quilate.

Silvio de Almeida, como homem de lettras, tem a sua nomeada feita e consagrada.

Nasceu em Pouso Alegre, a beila cidade sul mineira. Em S. Paulo, alcançou, com o seu esforço exclusivo, o bacharelado em direito, em 1892. Tres annos depois, era nomeado lente de portuguez, no Gymnasio daquelle Estado, após brilhante concurso.

Muito estudioso, modesto em extremo; de uma vida quasi asceta, toda dedicada ao affecto da esposa e dos filhos, que elle idolatra.

Em outro meio e com alguma ousadia, seria um grande poeta».

Musicas. — Acabam de apparecer, editadas pela casa de Julia Filippone, as seguintes musicas: *Foi assim que o Coelho fugio...* polka, por Marianna Barroso da Silveira; *Tormalina,* shottisch, por por J. M. Azevedo Lemos; *Dolores,* valsa, *Bravos meu bem!!!* e *Não engrosse, polkas, Estrella,* shottisch, *e Tomada de Canudos,* marcha, por Alexandro Weissmam; *Amor innocente, reverie,* por Theophilo José Martins; Vogando, mazurka, por J. C. D. e Elvirinha, por M. Quintão.

Recebemos e agradecemos. — *Almanach de Juiz de Fóra,* que traz o retrato e dados biographicos do notavel paysagista mineiro Hippolito Caron, fallecido em 1892; interessante parte literaria e muitas indicações uteis. O *Almanach* é organisado por Heitor Guimarães e nitidamente impresso pela Typographia Mattoso de Juiz de Fóra. Ha ainda a notar neste *almanach* a bella pagina artistica dedicada a Floriano Peixoto, devida a Alberto Delpino; — *Revista Popular*, interessante publicação que apparece na capital da Bahia, trazendo, entre outros trabalhos, um bello estudo sobre *Chopin e a sua musica,* escripto pela Ex.ma sra. d. Maria Elisa Moniz de Aragão; *Commercio de Pernambuco*, do Recife; *A. Farpa,* orgam satyrico literario, que se publica em Porto Alegre sob a direcção de F. Chataignier e que vem ornada de bellas illustrações; *O Arrebol,* de Uberaba; *A Lyra*, de Caçapava; o *Paraguassú,* de Muritiba; *O Sereno,* de Sergipe; *O Reporter*, de Ribeirão Preto e o *Risveglio,* folha italiana e socialista que acaba de iniciar sua publicação nesta capital.

São Paulo 28 de Fevereiro de 1898 Anno I, N. 10

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara; — Celeste, soneto, Aurelio Neves; — A emancipação feminil, V. M. de Barros; — Vem, soneto, Aurea Pires; — Literatas Inglezas, Elmano do Val; — Os olhos, poesia, Leopoldo Motta; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Selecção; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Desta vez as honras do carnaval couberam não a este ou áquelle club, não a esta ou áquella sociedade, mas exclusivamente ao popular e sympathico bairro de S. Christovam. O antigo arrabalde, tão cheio de saudosas tradições, teve a palma da victoria este anno, e *metteu em um chinello* o aristocratico Botafogo, o risonho Cosme Velho, o barulhento Cattete e a incomparavel Tijuca. O Club de S. Christovam sahio em alegre passeata no Domingo, ostentando riquissimos carros de phantasias e de espirituosas criticas.

Os *confetti* e serpentinas foram em tanta profusão que me fizeram — que optimista que sou! — duvidar do que andam por ahi a dizer: que a vida está horrivel e que o cambio apresenta a mais dolorosa das perspectivas.

Ha ainda muito dinheiro nesta terra, ao contrario as ruas não estariam atapetadas de *confetti* e serpentinas.

Um negociante muito pratico calculou em algumas centenas de contos de reis a despeza que o povo fez, nestes tres dias de festas e de delirio, com os taes papeizinhos picados!

O illustre critico portuguez, da Academia de Sciencias de Lisbôa, Alberto Pimentel, acaba de prefaciar o bello livro de Ignez Sabino «Luctas do Coração». Por estes dias teremos cá o livro, que já está em viagem.

Ignez Sabino, a distincta escriptora, acaba de receber uma justa homenagem ao seu talento. O seu

livrinho Noites Brazileiras, recentemente publicado, traz um Bosquejo Historico offerecido á Patria e esse trabalho valeu-lhe a entrada de socia correspondente do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, sendo a primeira senhora brazileira que tem tal distincção. Sinceros parabens da «Mensageira».

Recebi, ha dias, uma cartinha gentil, escripta em perfumoso papel cor de rosa e com uma calligraphia admiravel. Advinhava-se que vinha das mãos de uma pessôa apaixonada. Não tenho o prazer de conhecer a interessante senhorita que me pede conselhos acerca de seu futuro *menage*.

Darei a meus leitores a copia da carta e da resposta que dei, certa de que, serei perdoada dessa indiscrição se alguma — uma só que seja — das formosas meninas que lêm a nossa revista, se aproveitar dos meus conselhos que a experiencia me tem ensinado.

E' preciso, antes que tudo, e para meu exclusivo beneficio que eu declare que a minha experiencia é garantida por factos de observação. Para que não me tome por alguma mulher velha, devo declarar á minha interessante missivista que não tenho ainda cabellos brancos e nem rugas no rosto, o que não me priva entretanto de ser a experiencia em pessôa. (Modestia aparte!) Eis as cartas:

«*Minha Senhora.*

Disseram-me, pessôas de sua intima amizade, que a Senhora é uma mulher feliz, na verdadeira acepção desta palavra. Eu que não tenho o prazer de conhecel-a pessoalmente, vou, fiada em sua bondade, pedir-lhe alguns conselhos sobre a felicidade. Sou noiva e muito amada! Tambem, creio, meu noivo é o mais adorado dos viventes deste mundo. Apezar desse entranhado affecto que nos une e da excellente perspectiva de vida que nos espéra, eu receio o futuro. Sim! receio e a culpa desse medo, desse inqualificavel pessimismo tem as pessôas de minha propria familia. Todos os dias ouço mamãe dizer: não julgues que o amor de teu noivo será sempre o que é hoje, nem penses que a vida é um favo de mel.» E fico a pensar em mil cousas exquisitas. Serei feliz? O amôr, que é o resgate de tantas imperfeições e que me parece a mim — creança inexperiente de 20 annos — o supremo bem da terra, não terá a força precisa para garantir a minha felicidade?

A sorte ser-me-ha tão cruel que reduza a cinzas e esphacele o meu

sonho doirado? Não creio e nem quero crer. Papae, devido talvez, a tantos golpes da adversidade, é um homem timido, elle tem receios pelo meu futuro, no emtanto conhece bem o coração leal de meu noivo e já o ama como se fosse um filho. Donde vem, pois, esse medo? Quem é que pode affirmar que são mentirosos os meus sonhos e verdadeiras as apprehensões de meus paes?

Tudo isso me faz nervosa e triste. Se eu podesse sondar o mysterio impenetravel do futuro!! Se, entre outras pessòas que me amedrontam, relativamente ao meu destino, dizendo: tudo no mundo é mentira, tudo é chiméra, engano de um momento, apparição phantasmagórica que brilha e que se esvae, não estivessem meus queridos paes, meus anjos protectores, eu saberia repellir esse pessimismo doentio e fechar meus ouvidos a taes prophecias.

A senhora deve ter já comprehendido, pelo que ficou escripto, que eu sou tal qual uma creança medrosa, quero que alguem me console e dê coragem para que eu encontre no casamento o que aspiro e sonho — a verdadeira felicidade. E é por isso que a consulto e supplico que me ensine o seu segredo — de ser feliz e ser alegre — pois mamãe vive a dizer que uma mulher alegre é um thesouro. Eu posso ser alegre quando vivo assim tão assustada? Espero que me responda, é proprio das almas bem formadas não conhecer o egoismo e quem é feliz, assim penso, deve estender suas azas beneficas por sobre todos que o cercarem. Sua constante leitora e amiga affectuosa

CARMEN DE OLIVEIRA.

(Resposta)

Minha gentil amiga.

Sua carta veio trazer-me uma grande alegria! Respondo-a agradecendo os bons conceitos que de mim formou e retribuo as suas affectuosas saudações. Realmente não a enganaram quando lhe disseram que eu era feliz. Sou e a Deus agradeço, e todas as noites em minhas orações peço á Nossa Senhora que sempre me dê o que óra tenho. Não quero mais nada, nada mais do que tenho, ambiciono.

E' muito difficil ou quasi impossivel prescrever regras sobre a base da felicidade. Feliz é quem assim se julga, diz um sabio proverbio. Em todo o caso eu posso lhe dar alguns conselhos que lhe hão de garantir, se os observar discretamente, a tranquillidade do lar.

Disse-me que amava muito o seu noivo e que era por elle muito amada.

Muito bem! O primeiro e mais forte alicerce está construido. O casamento sem amor ou o amor sem juizo são os melhores agentes das dissidencias e dos divorcios.

Quem ama tem o maior prazer em agradar. Já vê que não é preciso ensinal-a que trate seu marido com todo o agrado, com todo o carinho.

Evite, sempre que poder, as discussões, principalmente sobre religião e politica.

Conheço um casal que era relativamente feliz e que por causa do Floriano e do Custodio brigaram muitas vezes. E depois de terminada a revolta, perderam a cerimonia e brigam como creanças mal educadas, todo o dia, a toda a hora. Convêm que haja uma certa cerimonia na vida conjugal, quebrado o encanto... adeus.

A verdadeira felicidade consiste em cada um estar contente comsigo mesmo e com sua casa. Faça de sua nova residencia um logar aprazivel e para isso haja sempre muito aceio, muitas flores, muita luz e muito ar.

Se não puder ter cortinas e estofos, moveis de luxo e objectos de arte, não se incommode, isso tudo nada vale.

Eu conheço uma mulher que é muito desgraçada com o marido, muito infeliz e que tem, no emtanto, toda a apparencia de felicidade. A mim, essa apparencia não conseguiria illudir, eu vejo n'aquelles moveis e tapeçarias apenas as mãos mercantis de um estofador; nem um toque especial! nem a mais leve impressão pessoal! advinha-se que aquillo tudo só serve para encantar os outros, as visitas!

Acho muito mal feito um costume que constantemente observo: ha pessôas que são muito amaveis e engraçadas e gentis com as de fóra, em casa tudo as aborrece.

Eu sou justamente o contrario: nunca me falta assumpto para conversar com meu marido e com as pessôas que amo e que me cercam e ás vezes só Deus sabe como me custa supportar uma visita de cerimonia e dizer meia duzia de banalidades obrigatorias!

Houve um tempo em que eu pensei que a nossa felicidade poderia vir exclusivamente de outrem. Hoje modifiquei minhas ideias. A propria pessôa é quem traça, com o seu procedimento, o seu futuro. Um velhinho, muito pobre que vivia de pedir esmolas e que eu conheci no sertão, me disse um dia: menina, quem planta arroz não cólhe feijão. E' o caso: quem faz de seu lar um logar aprazivel, quem vive satisfeita com o que tem, quem não inveja as grandezas ephemeras que a outros seduz e enlouquece, não terá o desgosto

de ver um dia deserto seu lar, deserto de carinhos e de affeições porque o marido, aborrecido, foi procurar distrações nos Clubs ou em casa dos visinhos. Faça tudo quanto eu disse que não se ha de arrepender. E se alguma duvida tiver futuramente, encontrará remedio prompto nesta observação: depois da tempestade vem a bonança; depois dos dias impiedosos do inverno vem a primavéra; depois das rusgas passageiras veem as pazes deliciosas.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Celeste...

Celeste... Sim: do céo nos falla aquella
Maguada e triste pallidez de Santa,
E aquelle riso, e o doce olhar que tanta
Vez se ennubla e de lagrimas se estrélla!...

Celeste;... e, como o céo nos lembra, n'ella
Paira uma Graça singular que encanta,
Graça d'Além, que o Espirito levanta
Alto, sobre este Val que a Dor encella!

Cinge-lhe o corpo a chlamyde inconsutil
Da pureza dos Lirios não tocados
Por este Mundo tragico e refece.

Celeste... e outro louvor lhe fôra inutil:
— Que seus louvores hão de ser cantados
Nos versiculos d'oiro de uma Prece!

Fevereiro, de 1898.

AURELIO NEVES.

A emancipação feminil

«Breve comprehender-se-á que todas as mulheres são feministas, o que ha é que muitas são... e não o sabem.»

Estas palavras com que ha dias um diario da capital paulista terminou uma interessante noticia, encerram a mais profunda verdade.

Onde quer que se encontre a mulher de caracter, a mulher que présa o seu *eu moral,* mesmo quando seja ella galé da ignorancia e não tenha predicados literarios, ahi achareis uma partidaria, consciente ou não, da emancipação feminil.

E de outro modo não póde ser, porquanto está no proprio instincto, na propria dignidade da mulher querer deixar de ser tratada como mentecapta, deixar de ser eternamente escrava.

Si alguns homens ha (para gloria do sexo) que fazem da mulher uma verdadeira amiga, uma companheira, á qual confiam os segredos de sua vida e de quem ouvem a opinião sobre seus negocios, si ha homens que procuram mostrar á esposa os seus defeitos com delicadeza e brandura, tendo em vista unicamente aperfeiçoal-a e dirigil-a com a pratica que têm do mundo, o certo é que esses constituem excepção.

O geral, o que a cada passo se vê no seio das familias, é coisa

bem diversa e bem revoltante. O egoismo em acção, a vontade de dominar, o desejo de impor em tudo e por tudo, manifesta-se no homem por mil modos differentes. Das coisas mais simples ás mais complicadas, dos assumptos mais insignificantes ás mais intrincadas questões, a mulher é sempre coagida barbara e injustamente. O homem, que não admitte a monarchia porque é o privilegio de uma familia, quer para seu sexo o privilegio exclusivo de todas as regalias e vantagens, sem se lembrar que abate e opprime metade da humanidade. A injustiça começa no berço: para o menino, mestres, collegios, gymnastica; para a menina, a ignorancia, o atrophiamento da energia, a immobilidade forçada pela vida sedentaria. Depois, chegados á puberdade, elle, o rapaz, escolhe esta ou aquella carreira a seguir, prefere este ou aquelle meio de vida; a rapariga, ella, nada tem a resolver: o circulo de ferro, a cadeia fatal ahi está...

E' preciso que trabalhemos para que nossas irmãs possam partilhar tambem dessa liberdade relativa que é patrimonio de todo o individuo, de toda a creatura que pensa e que sente. Ellas, como nós, tem o seu temperamento e as suas ideias. E' tempo de confraternisarmos!

V. M. de Barros.

Vem!..

— Vem! Pelo azul recruzam-se cantando
Passarinhos gentis de varias côres,
Pelas campinas desabrocham flores
E borboletas vão desabrochando!

Assim dizias tristemente olhando
A natureza cheia de esplendores
Nessas paragens onde os teus amores
Da infancia relembravas suspirando.

E choraste!.. A tu'alma allucinada
De dor, chamou debalde a alma adorada
Talvez de magua a suspirar tambem!..

E em tua voz que melopéa estranha,
Prolongada nos echos da montanha
Lá muito longe soluçando — Vem!..

11—2—1898.

Aurea Pires.

Literatas inglezas

— Notas —

A' Mensageira

A producção literaria não é menos abundante na Inglaterra do que na propria França.

Ella o é, principalmente, no dominio da ficção.

E' na Inglaterra e nos Estados Unidos da America que se publica o maior numero de romances.

A procura, alli, estando em relação com a offerta, por numerosos que sejam, os livros encontram sahida nas livrarias e nas *cir-*

culating libraries, que os alugam por preços resumidissimos.

E nesse grande mercado de producção, apesar da enorme concurrencia do sexo *forte,* perdão! — feio, a literata ingleza não se deixa passar despercebida.

Falemos das prosadoras, conferindo, entre ellas, a primicia a uma mulher cujo talento quasi masculino (com vénia das amaveis leitoras, pela immodestia da comparação) tem consolado e instruido, com suas obras fecundas, a duas ou trez gerações de leitores.

Mrs. Oliphant (nascida em Wallyfor em 1828 e contando, actualmente, uma gloriosa e util existencia de setenta annos) póde ser comparada, em seu genero, ao romancista francez Henry Gréville, e tem, como este, produzido romances engenhosos, interessantes, segundo a formula antiga, atacando desassombradamente as exagerações, as intrigas, as *ficelles* usadas, os pensamentos banaes, as phrases couhecidas, contanto que tudo isso redunde em proveito dos bons e na punição dos máos; e, com a indulgencia do seu coração materno, elle esquece, muitas vezes estes, para destacar sómente a felicidade daquelles.

Ella colloca como um principio, como na comedia de Shakspeare, que *tout est bien qui finit bien,* ou, no seu aspero idioma, *all's well that ends well.*

Além dos seus numerosos romances e novellas, Mrs. Oliphant tem composto ainda muitas obras de vulgarisação historica, cujo texto, de estylo facil e embrechado de anedotas, fornece, com as illuminuras de que são ornadas, uma fonte de instrucção pittoresca que os moços apreciam e que o povo, em geral tem optimas razões para não desdenhar.

Para dar uma idéa do filão exhuberante do engenho dessa distincta prosadora, basta citar os titulos dos livros que ella tem publicado, de quatro annos a esta parte: *Who was lost and is found; Historical sketches of the reign of Queen Anne; Two Strangers; Sir Roberts Fortune; Modern Rome; Old M. Tredgold* e *Ministers Debt.*

Depois de Mrs. Oliphant, uma das escriptoras mais apreciadas, nas revistas e *magaxines* inglezas, é Miss E. Braddon, traductora dos seus proprios romances em francez, e cuja obra mais recente tem por titulo — *London Pride.*

Seguem-lhe em nomeada merecida — Misses Dorothea Gerard, Adeline Sergeant; Mrs. Stannard, que, sob o pseudonymo de John Strange, escreve romances de analyse psychologica e passionaria,

como *Wife, I loved e The Truth — Tellers.*

Uma outra prosadora digna de especial mensão é Mrs. Humphry — Ward, a celebre auctora de *Robert Elsmere.* Fiel aos seus principios, desde a sua estréa ruidosa, aquella prosadora procura e desenvolve sempre com maestria uma these digna de estudo nos seus romances habilmente traçados a pulso firme, como o ultimo delles — *Sir G. Tressady.*

Voltando á ligeira citação das *authoresses* inglezas, contam-se:

Mrs. Anna Steele, *Misses* Jonge, Esler, Hardy, Rhoda Broughton, cujo nome e o festejado talento têm sido disseminados em numerosas traducções; Kinkson, Hungerford, F. Warden, Jane Barlow, L. Walford, F Burnett, C. Praed, cujo livro — *Mrs Tregaskis* apresenta uma paysagem notavel da vida australiana; M. Bryant, C. Coleridge, F. Mabel Robinson e Ouida, de seu nome francez, Louise de la Ramée, vivendo em Florença e cuja penna fertilissima não cança em escrever romances e novellas de costumes e paixões.

Muitas outras prosadoras expandem brilhantemente o seu talento, cada mez, cada semana, cada dia, nos *monthlies*, nos *weeklies*, nos *family papers* da muito productora e muitissimo leitora Inglaterra.

Copia fiel de Elmano do Val.

Os olhos

(Sully Prudhomme)

Azues ou negros, adorados, pulchros,
Muitos olhos têm visto o arrebol;
Mas hoje inertes jazem nos sepulchros,
Persistindo brilhante o fulvo sol.

Mais do que os dias, noites deleitosas
Oh! quantos olhos encantado têm;
Conservam-se as estrellas fulgurosas,
Elles cerrados, mortos, nada vêm.

Extincto o brilho seu terão cegado?
Oh! por certo que não, é impossivel!
Elles se tem apenas desviado
Perscrutando os arcanos do invisivel;

E como os bellos astros decadentes
A nós occultos, inda o céo percorrem,
Assim têm as pupillas seus poentes,
Mas é esta a verdade: ellas não morrem.

Azues ou negros, adorados, pulchros,
Sempre abertos, fitando aurora infinda,
— Atravez das paredes dos sepulchros
Os olhos que se fecham vêm ainda.

S. Paulo, 25 de Janeiro de 1898.

Leopoldo Motta.

Chronica omnimoda

Desappareceu a mascara, surgiu o cilicio!

O asceta substitue a pierrot...

A folia cede o logar á penitencia!

* * *

Ainda bem se não extinguiu, na quebrada proxima, o ecco dos ultimos clarins, e já se ouve o sinistro bimbalhar dos campanarios!

Os ministros da justiça eterna ameaçam os fieis com a colera divina, caso persistam elles no caminho do erro: *si poni tentiam non egeritis*...

As ruas da capital ainda rescendem ao perfume das derradeiras serpentinas, e já se annunciam os psalmos penitenciaes!...

A *via-sacra* vem succeder á batalha de flôres...

Outr'ora, a Procissão de Cinzás, com os seus andores tremendos, representando a colera divina a fulminar os rebeldes, era o correctivo natural das desordens do Entrudo!...

* * *

Os tempos modernos, pouco a pouco, fizeram cahir no olvido esses prestitos...

Agora, no recinto velado dos templos, é que fallam ao coração do peccador, incitando-o ao sincero arrependimento.

Vêde como se preparam ceremonias cada qual a mais tetrica, cada qual a mais suggestiva...

Essa *via-sacra*, relembrando os passos dolorosos do Redemptor da humanidade, vem de molde a impressionar os espiritos e a sensibilisar os corações!...

Attendei, como a voz lamentosa do officiante recorda os supplicios humilhantes inflingidos ao Homem Deus!...

Todas as frontes se inclinam, todos os labios osculam o pó; esse *pulverem in quem reverteris*!...

O burel roxo-terra do capuchinho, á meia luz do recinto, communica nota pavorosa á scena, já de si esmagadora!...

Todos os pulpitos trovejam imprecações, todos os confessionarios sussurram ameaças...

* * *

Porque?...

Porque encetamos a quadra sombria da Quaresma...

O Tentador, todos os dias assalta o animo, aliás, inquebrantavel do Justo...

— Vês, o mundo inteiro me pertence!...

Esse globo terrestre, que se desenrola aos teus olhos, tudo isso é meu! e tudo isso te offereço, si prostrado me adorares!...

— *Vade retro, Satan!*...

E... o *Tentador* se eclipsou ante a voz intimativa de Jesus!

Por isso é que a Egreja ordena essa vigilancia de quarenta dias, durante os quaes, sem descontinuar, volta á carga o Tentador!

Vigilate, itaque, exclama todos

os dias, pela voz de seus ministros...

* * *

Todos, mais ou menos, têm o seu tentador...

Uma vez, mil vezes somos sollicitados a adorar qualquer coisa...

Continuamente, se preparam armadilhas, para illaquear a nosso boa fé!

Ora, é o politico em evidencia que nos vem sollitar o auxilio indispensavel, para galgar o primeiro degráu da escada, de cujo tôpo nos atirará depois, no sorriso de supremo desdem!

De outra vez, é a perfidia, envolta na capa da amizade, que nos procurará seduzir, com promessas fallazes, a nos embarcar nesta, ou naquella empresa, de onde colheremos, apenas, a miseria para os nossos descendentes!

Em outra occasião mais, será o inimigo da nossa honra, o qual com palavras fementidas *nel in ore, fel in corde*, vivá nos cravar no peito o punhal envenenado da trahição!...

Tentação de riquesas, tentação de poder, tentação de praseres: tudo isso nos procurará, em tropel!...

Como condicção, porém: que prostrados o adoremos!!!...

* * *

Armemo-nos, portanto, com a couraça da meditação e na contemplação das verdades eternas vamos haurir forças para pronunciar desassombradamente o: *vade retro!*

Para isso é que celebramos annualmente, esta quadra sombria da Quaresma...

O Tentador, encarniçadamente, assalta o espirito de todos os justos.

Convem que todos, egualmente, se previnam, para lhe aparar os golpes traiçoeiros....

Vigelate, itaque...

* * *

Desappareceu a mascara, surge o cilicio!

O asceta substitue o *pierrot*...

A folia cede o logar á penitencia!...

S. Paulo, 23 Fevereiro 1898.

J. Vieira de Almeida.

Poesia

Meus passos, não os vedem no caminho,
Nem meus sonhos maltratem!
Deixem que eu viva como o passarinho!
Phantasias da vida, ai! não as matem!

Deixem que eu vague rindo ao pé dos montes,
E junto da cascata vá poisar!
Que faça versos ao chorar das fontes,
Onde vão lavadeiras conversar.

De uma me lembro que secreta historia
Do seu viver contava;
E não a perdi nunca da memoria,
Tão triste era a toada em que falava!

Contou-me que perdera a mãe piedosa
Numa choupana triste e sem calor,
E que a miseria e a magua dolorosa
Não na impediram de morrer de amor...

Contou-me quanto amára, e, delirante,
A sua voz tremia,
Falou da ingratidão de seu amante,
Que aos pés de outra mulher então sorria.

E o seu semblante pallido e maguado,
Nesse embate de dor, casta, occultou.
Su'alma toda pelo descampado
Num profundo suspiro se exhalou...

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

A Mensageira

Só hoje podemos transcrever nesta secção o bello folhetim que, a proposito do apparecimento desta revista, publicou a *Cidade de Campinas*. Eil-o:

LETRAS

Periodico Feminino

Sempre observamos com o mais intenso prazer os tentamens do Eterno Feminino, em ordem a libertar-se do jugo nefasto da ignorancia, abolindo a ociosidade intellectiva a que o condemnam, até mesmo espiritos de escól na cadencia do seculo XIX, ainda chamado das luzes talves por uma ironia...

Ao contrario de pensadores austeros que visam a essencia dos artigos nos casos de analyse, muitos idéologos risonhos apenas curam da fórma brilhante dos escriptos, julgando assim vencer o senso moral a golpe de talento, vibrados contra os arautos da campanha igualitaria, na reivindicação dos direitos de consciencia para uma parte do genero humano.

Isso resulta do thema paradoxal em continua effervescencia nos taes cerebros, porquanto de outra maneira não se justificariam erros palmares de logica, sustentados por elles no trato de questões sociaes, como a que ora nos affasta de labor diverso, embora incomparavelmente menos rebarbativo.

Bem avaliando uma imposição da natureza, aliás corroborada por exigencias da sociedade qual se acha constituida, os Dumas Filho querem seja a Mulher relativamente mais forte do que Homem, afim de exercitar sem deslises missão dignificadora na familia, surdas ás tentações do amor criminose em todos os desdobramentos do peccado.

Entretanto lhe não admittem o aperfeiçoamento da intelligencia, por meio de uma cultura superior mas proporcional ao sexo, compa-

tivel em tudo com as funcções proprias de filha, esposa e mãe, e que sirva de penhor a um conjuncto de virtudes, para impedir o viciamento da sua tempera, ou desculpar as fraquezas do companheiro estremecido.

Si se mostram desse modo incoherentes no ponto capital do debate, como pódem imbair leitores curiosos, grangeiando adeptos ao de cima do vulgacho, a não ser por deslumbrantes seducções de estilo, pelo maravilhoso da phrase arreiada de affeites?

Felizmente o ridiculo vai-se tornando arma inoffensiva, não importando que o manejem destros esgrimistas da palavra; até já o não temem os entes frageis, os quaes mal aventuravam perlustrar o campo literario, cujas veredas são bordadas de urzes...

Como na transformada patria gauleza, ou no modernisado reinado dos Affonsos, tambem aqui vamos conquistando o terreno, em marcha notadamente accelerada, caracterisadora daquella modalidade de progresso, que nos reservará um logar distincto, entre os povos civilisados do Velho Continente.

E' uma verdade incontestavel a que ha tempos assignalou certo jornal, em relação ao movimento feminista no Brazil nestes ultimos annos, pois vemos as senhoras concorrerem ao torneio da imprensa, colhendo a laurea de escriptoras emeritas, como a romancista Julia Lopes e a poetisa Julia Cortines.

A trabalharem no sólo bemdicto das letras tinhamos apenas duas ou tres, mas depois vieram auxilial-as tantissimas outras, e quando as primeiras remettem-se ao silencio cheias de gloria, as segundas fazem voar seus nomes nas azas doiradas da Fama.

Dentre as que emudeceram devido a circumstancias para nós desconhecidas, lembrarei a modestissima Angela da Cunha (*Braziliana*), a qual residiu muitos annos em Campinas, tendo dado á estampa no *Diario* dois romances de costumes nacionaes, cheios de fina observação da vida rural paulista, ahi por volta de 1883.

Mas a phalange das novas é grande, contando-se na sua vanguarda Adelina Vieira, Julia Lopes de Almeida, Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Julia Cortines, Presciliana Duarte de Almeida, Georgina Teixeira, Maria Clara da Cunha Santos, Aurea Pires, Elvira Gama, Maria Emilia, Anna Nogueira Baptista, Maria Jucá, Amelia de Oliveira, Maria de Azevedo, Analia Franco e Josephina Alvares de Azevedo.

Hoje cerca de quarenta Amazonas do pensamento, cavalgando o Pegaso pelas veredas do Parnaso, atiram ás paginas volantes do jor-

nalismo, que as recolhe como preciosissimas gemmas, as producções do estro aprimorado.

* * *

Comprehendendo que a belleza do entendimento, longe de deslustrar e recato natural da *Mulher*, só augmenta os seus dotes nativos, Presciliana Duarte de Almeida acaba de publicar um periodico, afim de reunir collegas em harmonioso concerto de vozes, para juntas transmittirem aos sanctuarios das brazileiras—sonhos de artista, ou fructos de acurado estudo.

E fez bem contrariando praticamente a falsa doutrina de que a dama illustrada é um aleijão, pois a vingar similhante absurdo teriamos de concluir por maneira desoladora, qual a de amesquinharem-se lhe as graças do coração, á medida que ella reflectisse as louçanias do intellecto.

A Mensageira é o titulo da interessante revista, que penetrará quinzenalmente nos lares, como nuncia de festiva estação, andorinha espiritual levando nas folhas—azas pandas e de estranho colorido—as flôres olorosas de muitos talentos primaveris.

O numero inicial é garantia de quante vimos affirmando, nestas linhas pobres de atavios mas ricas de sinceridade, que sae do imo para a estensão de algumas tiras, immaculadamente brancas como um pensamento de criança, de um ser ainda não aféleado pelas miserias da vida.

Julia Lopes de Almeida, distincta campineira e saudosa folhetinista da antiga *Gazeta*, subscreve uma carta, cheia de bons conselhos, traçada com aquella amenidade de dizer que immortalisou a penna de Julio Diniz, acareando-lhe o renome de *suave moralista*.

O *deserto*, soneto de Julia Cortines, pela sua concepção e observancia das regras da arte, é um trecho primoroso, que nenhum poeta eleito desdenhará de firmar.

A directora da *Mensageira*, essa tambem insere dois exemplares poeticos. D. *Alzira* e *Meu filhinho*, dignos de francos encomios, tal a delicadeza dos assumptos e o mimo no tratal-os.

No mesmo genero de composições, ainda ha a mencionar quatorze versos de Zalina Rolim, repassados de melancolia, e outros tantos de Aurea Pires, alma joven e enamorada.

Os *Recuerdos* de Hippolyto da Silva, autor dos *Latifundios*, podiam ficar entre os papeis velhos, visto como representam o seu balbuciar literario.

Arthur de Azevedo, não pondo reparo á data (1880), fez a injustiça de julgar mal dos meritos do

nosso conterraneo, que é hoje um vate inspirado e um burilador eximio.

Dos trabalhos em prosa, além de um contosinho de Maria Clara da Cunha Santos, todo naturalidade e simpleza, devemos salientar o *Cartão de parabens,* discreto e elegante portador das simpathias de Silvio de Almeida ao novo orgam, e a *Chronica omnimoda,* original e num portuguez castiço, aliás como tudo quanto escreve João Vieira.

Aproposito, diremos que na revista não se nos depararam defeitos de linguagem, por menores que sejam, coisa rara em publicações nacionaes, onde os adjectivos andam a jogar ás cristas com os substantivos e a collocação dos pronomes causaria febre ao inolvidavel Barreiros...

Pondo fecho a esta longa noticia, sem outro interesse que o do seu objecto, pois fallece-nos a competencia de critico, para melhor ajuizar da *Mensageira;* enviamos a Presciliana Duarte de Almeida, de envolta com o nosso fraco incitamento, a proseguir na jornada gloriosa, os protestos de mais alta consideração.

A' directora da nova revista paulistana, cujos serviços ás letras femininas serão inilludiveis, respeitosamente oscula as mãos, com que costuma affagar o rosto encantador do Thales e tanger a lyra de oiro para adormecel-o ao som da *berceuse* idéal do verso, o

admirador e servo

ALBERTO FARIA.

Por terras e mares

A Manoel Viotti

II

Placido mar, placidas aguas.
A lua, em ceu tranquillo, véla.
E o beijo meu, sonhando o della,
Tenta voar, por entre maguas.

Meu coração, como uma chaga,
Sente a saudade inda remota,
E de meus olhos quentes brota
Um pranto que meu rosto alaga.

A onda lambe crepitando
A praia immota em que serpeia.
E vibra a voz de uma sereia,
Presagamente soluçando:

« Habito a vaga em que me banho
« A eternidade quasi inteira.
« Vi o surgir da sementeira,
« Mais do pastor, mais do rebanho.

« O incendio vi nos horisontes,
« O solo em sangue, morta a gente,
« Moysés fluctuando na corrente,
« Noé salvando-se nos montes.

« A fome, o roubo, a peste, a guerra
« Dormirem vi na mesma sombra.
« (A larga fronde que os ensombra
« E' a mesma rama que os encerra).

« O negro mal, no peito do homem,
« A treva põe, de que se nutre:
« Gera as paixões que, como abutre,
« Fazenda, vida, honra consomen.

« Perde-se aquelle que aventura
« A vida sobre as tredas vagas,
« Por desejar, em longes plagas,
« Glorias colher, colher ventura...

« O mar que agora assim te trata
« Póde te dar terrivel sorte,
« Póde, peor que a propria morte,
« A magua dar-te — que não mata.

« Arranca o mar da gloria ao peito,
« E para o Amor volve os teus olhos!»
Diz e emmudece.
E entre os escolhos
Descança o mar, no rudo leito.

CANDIDO DE CARVALHO.

Selecção

O povo já começa a ver que a condição principal para o bom exito da vida, «é ser-se um bom animal.»

Diz isto Spencer, no seu utilissimo livro — *Educação.*

Dar força ao corpo, eis ahi, portanto, minhas amigas, o primeiro cuidado que devemos ter para com os nossos filhos. Deixal-os correr, saltar, fazer gymnastica, rir, encher os pulmões de ar livre, *perder intelligentemente o tempo.* O que nos compete, acima de tudo, é olhar pela sua boa hygiene e, sem que elles dêem por tal, com todo o geito, irmos guiando tenazmente a sua educação atravez dos folguedos infantis.

JULIA LOPES D'ALMEIDA.

Notas pequenas

Margarida Bottard — Entre os condecorados pelo governo francez a 1° de Janeiro do corrente anno, figura esta virtuosa senhora, que conta 75 annos de edade.

Mamã Bottard, como a chamam na Salpétrière, é a mais antiga enfermeira dos hospitaes de Pariz, e é o modelo da paciencia e da caridade. Diz um chronista parisiense que não ha exemplo de uma enfermeira tão boa, tão amiga de todos os doentes, tão carinhosa, tão consoladora.

A legião de honra figura, pois, com inteira justiça no peito dessa nobre e humanitaria *velhinha.*

Julia Cortines — Em carta que recebemos ultimamente desta notabilissima poetisa brazileira, ha um trecho que publicamos para esclarecimento de nossos collaboradores. Eil-o:

. . . . . .

Li no n.° 7 da *Mensageira*, a

seguinte affirmativa: — «Julia Cortines, poetisa de S. Paulo».

O amor que tenho á terra fluminense obriga-me a declarar que sou uma conterrenea de Narcisa Amalia e não de Francisca Julia e Zalina Rolim, as duas gloriosas poetisas paulistas. De resto, fóra do estado do Rio, só conheço, minha poetisa, a sua linda, a sua deliciosa terra mineira. Admiradora e collega, *Julia Cortines*.

Discursos proferidos na Camara dos Deputados pelo Dr. Costa Machado — O illustre mineiro, o denodado e grande democrata, Dr. Costa Machado, teve a gentileza de offerecer-nos um exemplar dos seus discursos, pronunciados no Congresso Nacional, de 1891 a 1895. A primeira dessas peças oratorias, proferida em sessão de 27 de Janeiro de 1891 é um documento brilhante do espirito de justiça e das adiantadas idéas do notavel brazileiro.

Agradecemos ao Dr. Costa Machado os seus admiraveis discursos, que hão de receber a apologia da historia, quando esta, em futuros seculos, fizer um exame consciencioso do desenvolvimento e do progresso de nossa patria.

Bispado Sul-Mineiro. — Das tres cidades sul-mineiros que disputavam a séde do novo bispado, Pouso-Alegre, Campanha e Itajubá, foi a primeira a designada pela Santa Sé para capital religiosa da encantadora e bella região que constituirá o bispado sul-mineiro.

Sem desfazer nas outras duas futurosas cidades, cremos que não podia ser melhor a escolha da Santa Sé, tanto mais que essa designação foi feita em face de dados valiosos e importantes, fornecidos por engenheiros de reconhecida competencia, que estudaram conscienciosamente a zona sul-mineira.

A' formosa cidade de Pouso-Alegre, que conta entre as suas glorias a de haver sido o lugar onde se imprimiu o primeiro projecto de constituição do imperio do Brazil, no *Pregoeiro Constitucional*, redigido pelo senador José Bento, enviamos parabens, fazendo votos pelo seu engrandecimento.

Recebemos e agradecemos: — *Almanack Popular Brazileiro*, organisado por Alberto F. Rodrigues e publicado em Pelotas, Rio Grande do Sul. Esta utilissima publicação, que já conta o seu quinto anno de existencia, é um repositorio de notas historicas, de bons trechos de literatura nacional e de varias informações de interesse geral; — *Brazil Typographico*, orgam da classe typographica e suas correlativas, publicado na Capital Federal; — *Tribuna Popular*, de Penedo, Alagoas; — *Jornal de Santa Rita*, de Santa Rita do Paraiso.

São Paulo — 15 de Março de 1898 — Anno I, N. 11

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Sobre a educação em geral, Delminda Silveira; — Voz de sereia, soneto, Alberto Souza; — Carta do Rio, Maria Clara; — Elle e ella, poesia, Padre Correia de Almeida; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Meio dia, poesia, Aurea Pires; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Os filhos, Clarisse; — Notas pequenas; — Feliz encontro, poesia, Presciliana Duarte de Almeida.

I

Observações

Sobre a educação em geral

(Infancia)

Propuz-me escrever alguma cousa para a «Mensageira»; quizéra, porêm, entre as flôres da minha phantasia, enviar-lhe algum fructo maduro das minhas reflexões.

«A Mensageira» é um campo aberto que se nos depára; campo estenso, fertil e risonho, cultivado por habeis e laboriosas mãos; sobre este campo abençoado, pois, não somente devo esparzir as flores da Poesia, como lançar tambem o germem dos fructos de sérias cogitações.

Tenho muito observado a moderna sociedade, e, sobre a educação social, exporei minhas observações divididas em duas séries, Infancia e Mocidade.

Comecemos pois pelas creanças; adoro-as!

Sim! adoro o pequenito gracioso que começa a tagarellar n'aquelle ineffavel dialecto infantil tão cheio de innocencia e graça, que deve inundar de alegria e felicidade o coração das mães.

Oh, bem eu vejo como ellas enlevadas sorriem, e com quanta ternura beijam esses pequeninos amores seus!

E', portanto, adoravel a creança, mas... tão somente a — creança bem educada.

Aquella face rosea de cutis mais fina e macia que a pétala da flor; aquelles olhos azues, serenos e profundos como a immensidade, ou escuros e de pupillas brilhantes quaes pequeninas estrellas em céu de noite sem luar; aquella boquinha de rosa a desabrochar; aquel-

les cabellos sempre lindos, sejam da còr do oiro ou do ébano, esse todo de cherubim —, esse composto de lirio e roza, mimoso invólucro de uma alma de archanjo... é a alegria, é a graça do lar! Mas... quando essa tez rosada se arroxêa de cólera, quando pelos céus d'esses olhos tão puros se estende a nuvem da tempestade interior, e aquellas mãozinhas delicadas arrepélam os lindos cabellos de ébano ou de oiro, e os pés pequeninos bátem o sólo em uma dança infernal de *birra,* e a vóz que só devera ser um gorgeio de innocencia e amor solta-se como atordoador grasnido entremeado de palavras que nos fazem corar...

Oh, que desaparece toda a graça, todo o encanto da creança, e o cherubim se transforma em pequeno demonio detestavel!

Com pequenos taes, não se fale nem brinque, que nos envergonham, nos recebem com seus modos grosseiros, nos respondem descortezes, e véxam, e irritam seus paes diante dos amigos e visitas de respeito.

Mas... de onde provém tudo isto? Da educação tão somente.

O espirito da creança traz em si o germem do bem e do mal; cumpre ao guia, ao educador de sua infancia desenvolver-lhe as virtudes, prevenindo-o contra os vicios: ora, quem é esse educador, esse guia, esse protector desde o primeiro momento? A mãe — mentor natural conferido por Deus. Sempre ella em primeiro logar; a ella somente cumpre formar aquella alma confiada por Deus aos seus desvelos; velar por aquelle thesouro divino de que é depositaria, e que algum dia lhe será reclamado...

Que contas então dará ella — o anjo da guarda — de semelhante encargo?

Entretanto... quantas, ou por ignorancia ou por desleixo se eximem de um trabalho que devêra constituir a delicia, o cuidado unico de toda a mãe!

Lembro-me de ter, ha tempos, passado alguns dias com uma amiga mãe de muitos filhos, pequenos graciosos e intelligentes, aos quaes, entretanto, ella chamava — «sua desgraça».!

Porque?... Quem os tornára causa de pesares tanto? Um d'aquelles pequenos, de 3 annos de idade, era um horror de má educação; e minha amiga lastimava-se, e eu bem via que — ali — faltava qualquer *bôa cousa* que vinha muito de traz...

Mães, não entregueis vossos filhos innocentes a mãos mercenarias; a alma de vosso filho será formada na convivencia do creado; o espirito de vossa filha será imbuido dos erros, dos preconceitos da ignorancia de suas amas. De-

pois, as más companhias dão lhes exemplos detestaveis...

O espirito da creança é lucido e investigador; cumpre vigilancia accurada.

Mães, sabei incutir-lhes por vós muito respeito e amor; nunca o terror, nunca a indifferença.

Ensinai-lhes a orar, a amar os infelizes e subalternos; excitai-lhes a piedade para com seus semelhantes e para com os irracionaes, o respeito a velhice; nunca lhes incutais terror pelos mortos, ensinae-lhes antes a orar por elles, a respeital-os. Não os amedronteis, jamais, com estupidas chiméras; adverti-os sempre do perigo real. Emfim: ensinai-lhes a conhecer e amar o bom Deus.

DELMINDA SILVEIRA

Capital do Estado de Santa Catharina.

Voz de sereia

A *Candido de Carvalho*

No céo azul — do azul das aquarellas —
derrama a lua o seu alvor de freira,
Orla as montanhas rigidas e bellas,
tinge do mar a esbranquiçada esteira.

As ondas crespas sulca passageira
embarcação de retesadas velas.
Feminea voz, com graça feiticeira,
solta ao vento do mar canções singellas.

Trovas simples de amor, onde palpita
a alma de uma saudade soluçante,
que labios vos esfolham pelos ares?

Labios finos em face mais bonita,
talvez de uma sereia fascinante,
lendaria dona destes verdes mares...

ALBERTO SOUZA.

S. Paulo, 1893.

Carta do Rio

Pariz e S. Paulo foram os pontos donde emanaram todas as noticias de sensação durante a semana.

Zola e Dreyfus, a exposição de uvas e as maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva encheram os 7 dias da semana que hoje expira.

Realmente nada mais era preciso para occupar a attenção dos cariócas. O estranho caso do capitão Dreyfus já havia causado doloroso espanto a todos nós, mas a condemnação do grande romancista, cujo unico crime foi o de ter tido a coragem de defender publicamente o infeliz prisioneiro, veio abalar ainda mais o nosso coração já tão rudemente ferido por esse caso tão extranho quanto emocionante.

Nos obscuros tempos medievaes, creio, não seriam mais barbaros os homens do que os que hontem,

em pleno Pariz, — o fóco da civilisação — condemnaram ao degredo e ao exilio o genial escriptor que honrou o seculo que o vio nascer!

As uvas de S. Paulo, que bellas! que ricas e que deliciosas! Excederam muito a minha espectativa. Nunca vi e nem pensei que houvesse uvas assim tão ricas e formosas!

Ao descer as escadas do salão nobre da Prefeitura, onde está a exposição de uvas, ouvi a seguinte exclamação de uma senhora que, deslumbrada com a riqueza da terra paulista, dizia: Que bellas uvas! parecem da Europa!

E' verdade, pensei eu, as apparencias illudem, as uvas parece que são da Europa, assim como a condemnação de Zola parece um facto que se tenha dado no centro da Africa ou nos sertões de Goyaz!

As maravilhosas curas do engenheiro Eduardo Silva enchem de admiração a todos! Outro dia ouvi um medico dizer, espirituosamente, que se o engenheiro continuasse a curar que elle iria fazer estradas de ferro.

E' o caso: ninguem é propheta em... sua profissão!

Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi captiva e que ficou liberta no dia 13 de Maio. «Nesse dia, disse-me ella, eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mez em mez. A creança que eu creava, eu a amava tanto que as vezes — que loucura! quando a beijava e affagava sentia que beijava o meu filho e que differença — meu filho negro como carvão, e a creança alva como jasmim, mais o coração não quer saber dessas cousas!

No dia 13 de Maio, quando chegou a noticia de que a Princeza tinha forrado todos os captivos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! poderia viver com o meu filhinho! triste! — porque me lembrava que minha mãe morreu captiva e era tão velha! sempre trabalhou e não poude gosar desse favor da Princeza. Depois, continuou a lavadeira, quando acabou a festa da rua e os fogos e a musica, o meu patrão — porque é preciso que explique — eu era captiva mas meu senhor me alugou para ama de leite dessa creança, de que eu falo, por 120$000 por mez — o meu patrão chegou ao pé de mim e me disse que d'aquelle dia em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho.

Meu ordenado seria d'ahi por diante de 40$000 por mez porque

o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico.»

Eu fiquei pasma com essa historia revoltante e perguntei-lhe: porque você não se despediu? era já livre e não deveria se sujeitar a ganhar menos. — «Ah! sinhazinha! me disse a lavadeira com os olhos rasos d'agua, eu já tinha dado meu leite 5 mezes á creança e já a amava tanto que não tive coragem para reagir. O patrão poderia despedir-me, elle era homem zangado.

— E seu filho? perguntei.

— Meu filho, respondeu soluçando, morreu nesse dia 13 de Maio, mas eu só soube muitos dias depois!»

A lavadeira despediu-se e partiu.

Eu fiquei a pensar na alma angelica dessa creatura e na abnegação de seu proceder tão nobre.

Todos conhecem casos hediondos e atrozes de barbaridades commettidas no tempo do captiveiro, por isso não é demais que eu conte esse da lavadeira e do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mez emquanto um outro homem — tambem rico — recebia o aluguel para consumil-o em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! Edificante, não acham?

Foi reeleita como presidente do *Orpheon Carlos Gomes* a notavel escriptora e primorosa poetisa Adelina Vieira! Não podia ser melhor a escolha. O Orpheon é presentemente todo o enlevo da nossa poetisa e é pena que para dedicar-se de corpo e alma ao *Orpheon*, se esqueça da litteratura em geral e da «Mensageira» em particular, a qual prometteu umas Palestras Femininas» e que pelos modos vão ficar para o dia de S. Nunca, de tarde.

Maria Clara da Cunha Santos.

Elle ou ella?

Da *Mensageira*, Revista
dada á luz na Paulicéa,
uma questão ponho á vista,
e não é theodicéa.

As eruditas senhôras
que illustram a *Mensageira*
certamente são credoras
de saudação lisonjeira.

Eu, portanto, mui sincero
as cumprimento e saudo;
no acolhimento, que espero,
estribo-me e não me illudo.

E conto que ellas me escutem
attentas, benevolentes;
pois casos que se discutem
não as topam indolentes.

Vou fallar das creaturas
que povoam este globo,
quer boas quer más figuras,
homem, mulher, loba ou lobo.

A preferencia dos sexos
é o ponto discutivel,
e eu, sem rodeios complexos,
direi qual o preferivel.

Que é mais garboso o cavallo
do que sua companheira
não é preciso proval-o,
nem ha 'hi quem o requeira.

A mais formosa vitella,
de mais luzidio couro,
de ser desenhada em tella
é menos digna que um touro.

Se em crista, em côres, em cauda
o gallo vence a gallinha,
para que melhor se applauda,
o parallelo se alinha.

Se o passarinho bem canta,
fica sabido que é macho,
nem mais questão se levanta,
pois motivos lhe não acho.

Se o perú todo enfunado
no brio se conceitua,
não tem credito abonado
a cabisbaixa perúa.

Vai sendo dito e redito,
e *a fama não corre, vôa*,
que um pavão é tão bonito,
quanto é feia uma pavôa.

Não ser o pato vaidoso,
comparado com a pata,
caso é assás duvidoso,
e que não se descmpata.

Incapaz de aleivozia,
se discorro desta sorte,
não é porque primazia
queira dar ao sexo forte.

Longe de mim tal intento,
nesta medalha ha reverso,
e demonstral-o é o que tento
neste meu prosaico verso.

O meu intuito é discreto,
não sei jogar por tabella,
e acceito como decreto
o parecer de uma bella.

Sem timidez nem fraqueza,
pois que nenhuma é medrosa,
cada uma com franqueza
exprima-se em verso ou prosa.

Declare a mais erudita,
assim em fórma de esboço,
se acha a moça mais bonita,
ou se é mais bonito o moço.

Com a candura de um anjo,
cujas vistas não são baças,
encare bem um marmanjo,
olhe bem para um barbaças.

E nesta questão pendente,
se ser franca bem o pode,
photographe um pretendente,
figurino de bigode.

Merece photographia,
e menção em trova ou copla!
A mão elle nunca enfia,
por ser maior que a manopla!

E quanto ao pé, não fallemos,
nem o castello se arrase!
Descende dos Polyphemos,
a julgar-se pela base!

Raciocinando com geito,
e dando o seu a seu dono,
veja se um outro sugeito
não escapou de ser mono.

Repare se o mais janota,
que é besouro quando canta,
não tem um nó que se nota,
e lhe faz grossa a garganta.

Diga tudo quanto saiba,
ajuste o direito ao facto,
e, ainda que bem não caiba,
a execução eu lhe acato.

Se as razões que ha pró e contra
com restricções eu applaudo,
a incerteza que se encontra
exige de mim um laudo.

Não dou muito apreço ás raças
em cujo instincto ha fereza,
para não fazer pirraças
ao primor da natureza.

E exponho, emfim, o meu voto,
que pouco influe no libello:
O sexo que é mais devoto
é sem duvida o mais bello.

Barbacena, 24 de Fever. de 1898.

P. Corrêa de Almeida.

Chronica omnimoda

No bojo insondavel do futuro, alguma coisa fermenta.

Que será?...

* * *

Quanto mais nos approximamos do fim do seculo, tanto mais parecem precipitar-se os acontecimentos.

Como o enfermo desenganado que deseja viver muito e... depressa; o seculo tambem quer liquidar os problemas todos que tem a resolver.

Vêde como turbilhonam os acontecimentos, sem que tenham ainda determinado a linha a seguir.

* * *

Como bons julgadores, começando por casa, veremos, que, acabamos de eleger um presidente da Republica, o qual, a exemplo dos legisladores athenienses, pretende estudar as instituições e os costumes dos povos estrangeiros; com o fim ao que parece. de adaptal-os á nossa vida politica!

Ainda bem não deixou elle a curul presidencial do Estado, e tractam já de lhe escolher o substituto...

Le roi est mort...

Findo o estado de sitio, aliás

anodyno, quasi um estado de sitio... honorario; surge a petição de *habeas-corpus,* que vai pelos modos originando uma crise governamental, a darmos credito ás intrigas de boateiros perversos com toda a certeza...

Marte, ao lado de Themis, prepara a escalada ao Olympo do... Catette; onde aliás, Jupiter, *prudentemente* está com as barbas de môlho...

O cambio vai descendo, descendo até dar comsigo em pantanas; ou em bancarrota, de conformidade com os desejos de muita gente cá do meu intimo conhecimento!...

Reina a inquietude e o panico em quasi todas as classes da sociedade, porque ninguem mais póde contar com o dia de amanhã!

* * *

Si, num relancear de olhos, examinamos o que vai pela America latina; poderemos resumir a situação dessas infelizes aggremiações humanas, em duas palavras; assassinato e dictadura!

Caminhando para o norte, daremos de encontro com a *Perola das Antilhas*, cuja resistencia heroica vai depauperando de mais a mais a Hespanha; pondo-a egualmente em risco de um rompimento formal, com a União Americana, cujo pavilhão estrellado está a pique de travar conhecimento com as garras do leão de Castella!

A velha Europa tem incubada a questão de Oriente e a qualquer hora, pode-se desencadear a tempestade nos mares da China; tempestade que ha de engulir os poderosos encouraçados; eterna ameaça contra povos fracos, ou imprevidentes!...

* * *

Como si não bastassem já as questões internacionaes, para lançar a inquietação no espirito dos povos e a perturbação em suas finanças; fermentam ainda as questões sociaes originadas pelo coripheu de crenças religiosas ou politicas!

Ahi está, por exemplo essa questão Zola-Dreyfus, a qual transpôz as fronteiras da França e repercutiu já mesmo em terras de Cabral!

A principio tudo se parecia reduzir a uma simples revisão de processo criminal, determinada por um erro judiciario...

Logo depois, degenerou em *semitismo*, para assumir agora, pelo que se vê, um caracter de internacionalismo, personnificado francamente no socialismo!

Assim é que vêmos nesta capital a convocação de reuniões com o fim de se formarem commissões para significar a sua adhesão in-

condiccional ao grande homem de lettras; cujo merito mais distincto consiste para elles em ter escripto *Germinal!!!*

Nos convites, que correm pela imprensa, francamente, sem rebuço, affirma-se o caracter socialista da manifestação, estigmatisando-se o que elles chamam o preconceito religioso e... não sei que mais!

* * *

Caminhamos, ou não para uma liquidação geral?!...

Quem mais póde contar com o dia de amanhã?!...

Não reina a perturbação em todos os espiritos e a inquietação em todas as consciencias?!...

Turbilhonam os acontecimentos como correntes que não encontram leito por onde correr?!...

Onde encontraremos salvação?!.

* * *

No bojo insondavel do futuro alguma coisa fermenta.

Que será?...

São Paulo, 10 Março — 1898.

J. Vieira de Almeida.

Meio Dia

(Fragmento de um poema)

Scintilla o sol do meio dia
Nas claras ondas do ribeiro,
Que marulhoso e sobranceiro
Desce da negra penedia.

No vasto seio da esplanada,
Os bois deitados pela sombra,
Ruminam sobre a verde alfombra
De varias flores marchetada.

Manchas do azul, manchas escuras,
Os corvos cruzam-se bem alto,
Emquanto vão de salto em salto
Micos do bosque em travessuras.

Monotonia perenal
Em toda a parte! Alli somente
Farfalha o vento brandamente
Nas folhas do cannavial...

De lá das bandas da cidade,
Deixando apenas que se veja
De longe as torres de uma igreja
Alvas da cor da castidade.

Por entre nuvens de poeira,
Transpondo as grimpas do barranco,
Montada n'um cavallo branco
Galopa esbelta cavalleira!

Leve chapeu de palha fina
Tem na cabeca altiva e nobre,
Gracioso veu a meio encobre
A sua face purpurina.

Talhe perfeito de cintura,
Garboso porte de princeza!
Mimo gentil da natureza,
Maravilhosa creatura!

Porém na bocca sem rival
Tão pequenina e tão vermelha,
Assoma um riso em que se espelha
Alguma cousa de fatal!..

Desenrolada a loira trança,
Que o vento agita a sibilar...
Que brilho estranho tem no olhar?!
Parece o Genio da vingança!

AUREA PIRES

Com ares de chronica

Quarta-feira de cinzas... Sahi do Templo com o espirito annuviado e o coração confrangido. *O memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris* e a cinza que vi na testa de donzellas formosas e de creanças rosadas me trouxeram á mente uma revoada de pensamentos tristes! — A morte! o esquecimento!

A idéa do anniquilamento completo, — esse lampejo de esperança unica para os apaixonados infelizes, — é o mais negro dos pensamentos para os que attingiram na terra a realisação dos seus sonhos e dos seus anhelos! Pensar em emigrarmos para o paiz do desconhecido, deixando com vida e mocidade o ente que amamos e os filhos que extremecemos, é ter um dos maiores supplicios e soffer uma das mais esmagadoras agonias!

Si nos vem ao pensamento o inverso da medalha, si nos lembramos que podemos ver amortalhado o anjo louro que papagueia e nos beija a todo instante ou o companheiro amigo que é o nosso apoio e a nossa confiança, então sentimos como que paralisado o coração no peito, tal é o horror que nos invade a alma!

Mas, a que proposito e com que direito venho communicar á leitora estes melancolicos pensares! Não sei por ventura de cór aquella phrase de Clotilde — *é indigno dos grandes corações espalhar a perturbação que soffrem* —?

Falemos, portanto, minhas amigas, de cousas alegres e boas. Nesta terra, onde os jasmineiros perfumam as nossas janellas e onde se ouve a toda hora o canto de aves encantadoras, parece que temos obrigação de ser joviaes e bem dispostas. Que fiquem os pezares para os habitantes de Londres, por exemplo, onde dizem que o céu é tão triste que nem parece céu...

Vejo, porém, que já não disponho de espaço para mudar de assumpto e vou por isso dar a poesia de costume. Para hoje são uns versos adoraveis na extensão da palavra: trata-se da bella poesia de Francisca Julia, intitulada *Inconsolaveis*. Todas as vezes que releio esses versos, penso num livro que ainda ha de vir e em que a

talentosa poetisa, deixando falar sinceramente o coração, nos dará uma obra monumental, talhada, em versos tersos e divinos! Vejam as leitoras si estes versos são de uma *impassivel:*

Inconsolaveis

Almas, porque choraes, si ninguem vos responde?
Almas, porque? Deixáe as lagrimas! empós
Do Ideal correi, correi a longes plagas, onde
Não exista ninguem que escarneça de vós.

Lançáe o vosso olhar a longinquas paragens,
Bem distantes daqui, cheias de ideaes risonhos,
Onde as aves do amor, sacudindo as plumagens,
Passem cantando ao longe a musica dos sonhos...

A longes plagas onde estas miserias todas
Não consigam deixar o minimo signal;
Paragens onde, em meio as delirantes bodas
Dos sonhos e do amor, exulte e cante o Ideal...

Mas não, almas! soltae a vossa queixa triste;
Contae ao mundo inteiro a vossa magua justa;
Essa terra de Ideal, ó almas, não existe;
Inventei-a sómente, e invental-a não custa.

Pobres almas, lançáe em torno a vossa vista:
Sempre haveis de encontrar essa miseria atroz.
Almas, chorae, que embora esse paiz exista,
Nelle ha de haver alguem que escarneça de vós.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Aposto em como todas as leitoras desejam conhecer pessoalmente a auctora de tão lindos versos, e as que não puderem ter essa ventura, consolem-se commigo que tambem não posso, infelizmente, me approximar de nenhuma das nossas bôas escriptoras, visto habitar num interior de Provincia. (Perdõem-me os republicanos, mas parece-me que esta palavra, de preferencia a Estado, nos traz a idéa da paz e quietação dos lugares afastados dos grandes centros).

Minas, Fevereiro de 1898.

MARIA EMILIA.

Por terras e mares

A Manoel Viotti

III

Velas abertas por sobre os mares,
Ha quantos longos, penosos mezes!
Quantos cançaços, quantos revezes,
Velas abertas por sobre os mares!

Mares de fogo, mares de gelo,
Mares desfeitos em serras de aguas...
O céu toldado sempre de maguas...
Mares de fogo, mares de gelo...

Somno cortado de pesadelos...
Terras fallazes, que o azul esfuma,
Logo tornadas em fragil bruma...
Somno cortado de pesadelos...

Quando alta noute, desparze a lua
Clarões de opala, no oceano algente,
Um vulto passa, de voz dolente...
Quando, alta noite, desparze a lua...

Todos em torno de mim se agrupam,
Mas eu, somente, beijo a figura
E ouço o phantasma da desventura...
Todos em torno de mim se agrupam...

Velas abertas por sobre os mares,
Ha quantos longos, penosos mezes!
Quantos cançaços, quantos revezes,
Velas abertas por sobre os mares!

CANDIDO DE CARVALHO

Os Filhos

A criança abrindo os olhos á luz é um ser incompleto que só pede o desenvolvimento.

Pouco a pouco o fragil recemnascido cresce, suas formas accentuam-se: tornam-se rechonchudas, e marcadas por mimosas covinhas: ao mesmo tempo seu olhar vago se esclarece e fixa-se nos objectos exteriores.

A intelligencia accorda, a criança reconhece aquelles que a rodeam,—ri, manifesta a alegria e a dôr, tem coleras e enfados, uma pequenina vontade pessoal, e já a diplomacia.

Delicioso momento para a mãi, esta apparição dos primeiros clarões do espirito: momento de devaneios, de chimeras, em que ella, recordando-se das ficções de sua infancia, de bom grado convidaria as fadas para madrinhas do pequeno cherubim, para lhe darem a força, a graça, a belleza, todos os dons, todas as felicidades.

Nós estamos em uma epocha prosaica que afugentou essas vaporosas filhas do sonho, e não podemos mais contar com os seus soccorros sobrenaturaes; felizmente passamos sem elles.

Se as mãis não podem dotar seus filhos e filhas com dons prodigiosos podem comtudo formar-lhes uma inteligencia sã em um corpo são.

Educar uma criança é cousa grave, e bem educar muito importante porque os primeiros habitos subsistem sempre.

Por mais que se faça a crian-

ça está no homem, bem que o homem não esteja na criança.

Dizem que ha na Africa tribus que ensinam as jovens casadas a educarem os filhos. — Nós outros, povos civilisados, julgamos que uma moça póde improvisar-se mãi de familia; por isso ellas vão as apalpadellas, e quantas experiencias caramente pagas!...

E' preciso usar moderadamente das caricias, porque a sensibilidade muito excitada torna as crianças inconstantes e susceptiveis.

Os affagos exagerados abalam os nervos.

Devemos comtudo affligir-nos com as suas dores e tomar parte nos seus pezares para que não endureçam os seus corações e possam comprehender os males alheios.

Os medicos censuram as caricias apaixonadas pela má influencia que exercem sobre o systema nervoso: porém a moral as reprova mais ainda como uma fonte de injustiças.

Com effeito ellas são prodigalisadas á graça da criança e mais tarde recusadas ao verdadeiro merecimento. Devem ter um caracter fortificante e animador: e se forem sempre um signal de approvação torna-se-hão poderoso fermento para a educação futura.

E' pela sympathia que devemos reinar sobre a criança, podemos subjugar absolutamente sua vontade pela nossa. Então para que recorrer a força e educa-la pelo susto como se domam os animaes?

No seculo dezoito o amor filial era feito de respeito e terror; nós estamos longe desse systema brutal.

A criança tem um coração, é preciso ensinar lhe a servir-se d'elle e mais tarde a fazer uso da rasão.

O melhor meio d'influir sobre o menino é ama-lo sinceramente. Seu coração acorda antes do seu espirito e o sentimento produz sempre o sentimento. A criança tem para o conhecer um tacto extraordinaro: a velhice, a fealdade não a assustam, afasta-se sómente das physionomias duras e frias.

E' preciso não desencaminhar, sem cauza grave as primeiras affeições pela mudança de ama ou de saia. Para a crianças sensiveis pode haver nisso um perigo sé rio: se ellas são voluveis e frias tornan-se ainda mais e o egoismo poderá nascer n'esse jovem coração que não se fixará em affecto algum.

Algumas vezes o ciume das mãis assusta-se com a affeição que o pequeno mostra ás suas rivaes subalternas.

E' um erro, as affeições transportão-se com mais facilidade do que se augmentam, e a mãi intelligente saberá reconquistar o joven coração que lhe pertence.

Não empregueis palavras rudes e ameaçadoras para desviar a creança das más acções, ellas choram

porque se perturbam; mas quando se acalmam esquecem o que se lhes disse e recomeçam.

Depois, a colera é contagiosa: ellas modelam-se por aquelles que as educam, zangam-se como elles, e voltam contra elles as palavras injuriosas que ouviram.

O escarneo offende e humilha ao menino por menor que seja; elle zanga-se primeiro, depois toma o exemplo.

Na Inglaterra é regra falar baixo ás crianças

Com effeito a calma inerior se produz sob a influencia da calma exterior, e as faculdades mais elevadas lá crescem ao abrigo do repouso.

Nunca o menino deve obter uma cousa porque lhe apraz, mas sim porque lhe é util.

Se não se lhe der aquillo que elle pede chorando, elle aprenderá a passar sem isso. — Se elle não associar á ideia das lagrimas e da colera a de obter mais cedo aquillo que deseja; elle pensará menos em chorar e enfadar-se.

Não consintais que a criança dê pancadas e diga injurias para se divertir.

E' preciso habituar cedo as creanças á docilidade.

A docilidade não é por si uma virtude, e a creança não está destinada a ceder sempre, e a todos, mas ella deve obdecer a alguma cousa e nunca tomar o seu capricho por lei.

Pequeno, o menino obedece a seus pais, depois cresce e obedece ao dever representado pelos pais que elle ama e respeita; mais tarde elle obedecerá ao dever independente de qualquer outra relação.

O objecto da obediencia muda, porém a virtude fica.

Emfim, não se deve tratar a criança como igual, raciocinando com ella, procurando obter a docilidade pela persuasão. Deixa-se-lhe assim o direito de não ser convencida e só se consegue formar caractéres litigiosos, caprichosos e intrataveis.

Tambem não esqueçais que os gracejos suppõem a igualdade.

Trad. CLARISSE.

Notas pequenas

Academica. No dia 9 do corrente teve logar, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a primeira matricula de uma senhora.

A nova academica, que no curso de preparatorios obteve distincção em todas as cadeiras, é a Exa. Snra. D. Maria Augusta Saraiva.

Testemunho feminino. Eis uma interessante noticia sobre o teste-

munho feminino, dada pela *Nação*, desta capital:

«Apenas a nova lei franceza autorisando o testemunho da mulher nos actos civeis e nos actos instrumentarios foi promulgada, em toda a França, as mulheres apressaram-se em usar immediatamente dos novos direitos que lhe haviam sido concedidos.

O primeiro acto inteiramente feminino teve logar na *mairie* do IX *arrondissement* de Paris, em 12 do mez passado: — uma mulher foi áquella repartição registrar o nascimento de um filho... do sexo feminino, sendo a sua declaração testemunhada por duas mulheres.

No Havre, as mulheres praticam o officio de testemunhagem em actos menos ordinarios. No «Hospicio Geral» procedeu-se ao casamento *in-extremis* de Mr. Vigeon. Uma das testemunhas d'esse curioso casamento foi uma irmã de caridade, soror Saint' Etienne. Não era uma couza nova para esta irmã, o casamento *in-extremis* e o testemunho feminino, porque a propria sorôr Etienne tinha assistido ao... seu proprio casamento. A nobre religiosa do Navre intervindo como testemunha no acto de casamento de Mlle. Vigeon, revelou o seu estado civil, conhecido apenas d'algumas pessoas intimas.

A irmã Saint-Etienne assignou-se assim: Mme. viuva Bianchot, filha de Marie Ernestine Mayard (em religião irmã Saint'-Etienne). Soror Etienne entrou na ordem depois do fallecimento de seu marido, o capitão de fragata Blanchet, morto, em Bourget, durante a guerra de 1870.

Eis, pois, as religiosas que se propõem a usar dos seus direitos. Breve se acabará por comprehender que todas as mulheres são feministas, unicamente... muitas não o sabem.»

Recebemos e agradecemos: — *Corymbo*, periodico que se publica no Rio Grande do Sul, e do qual são redactoras as conhecidas e apreciadas literatas Revocata de Mello e Julieta de Mello Monteiro. Os numeros que temos á vista são dignos de attenta leitura e trazem variada parte literaria. O *Corymbo*, que apparecia semanalmente, e que está no seu XV anno passou a publicar-se de quinzena em quinzena, tendo melhorado sensivelmente a sua parte material e supprimindo d'ora em diante a pagina de annuncios; — *A Palavra*, interessante e bem feita revista literaria, que se dedica á instrucção e recreio do sexo feminino, e que ha dez annos é publicada em Penedo, estado de Alagoas; — *O Echo*, de Macahé, — *O Progresso*, de Maroim, Sergipe; e a *Gazeta Portugueza*, que se publica nesta cidade

Feliz encontro

(A Maria Clara)

A historia pequenina, em versos, vou contar,
De alguem que amou na vida o mais que poude amar.

Era um ceguinho pobre, um filho da miseria,
De coração ardente e de bondade etherea!
Andava pelo bosque um dia passeando,
Tendo um fiel cãosinho os passos lhe guiando.
Em meio do caminho ouviu dolente voz,
E se espantou porque julgava estar á sós.
A voz era um gemido, ou queixa, ou quer que o valha!
Distingui-se sem ver a voz que o pranto orvalha!
E o pobre do ceguinho, em trevas, perguntou:
— «Quem é que aqui suspira e ha pouco soluçou?»
Responde-lhe uma voz tristonha, entrecortada:
— «Não no posso dizer! Si sou tão desgraçada...
Indaga a noite, a estrella, ou pergunta ao luar
Porque é que vive esta alma em continuo chorar...»
— «Ah! que escarneo, mulher, á minha face atiras!
Nunca vi noite, estrella, ou perola ou saphiras...
Sou cego e só conheço a luz do coração,
Que vive, por emquanto, isento de paixão.»
. . . . . .
Daquelle inesperado encontro que alli houve
Nasceu tamanho amor que inda hoje ha quem louve.

Agora quero em breve a historia rematar,
Contando porque a moça estava a soluçar:
Era uma bexigosa, horrenda o mais possivel!
Seu amor proprio tinha um padecer horrivel!
Nunca esperára achar na vida um puro amor,
E por isso chorava em tetrico amargor...
Mas o destino deu-lhe um cego por amante!
Elle era apaixonado, affavel e constante.
E na sua cegueira, amoroso e feliz,
Encontrou a mulher que em sonho sempre quiz!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

São Paulo | 31 de Março de 1898 | Anno I, N. 12

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado | **Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23 | Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Uma saudação, Analia Franco; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Educação literaria, Olympio Galvão; — Ao romper da lua, poesia, Delminda Silveira; — Carta do Rio, Maria Clara; — Santa, soneto, Bento Ernesto Junior; — Exul, soneto, Heraclito Viotti; — Selecção; — Triolet, Olga P.; — Notas pequenas; — Funerea, Perpetua do Valle.

Uma Saudação

Ao regressar d'uma das cidades do interior d'este Estado, casualmente deparou-se-me um numero da interessante revista *A Mensageira*, na qual a sua illustre redactora, inserindo algumas palavras assas lisongeiras em referencia á minha humilde individualidade, assevera ter eu abandonado a penna, por achar-me privada da vista.

Em rectificação á verdade cumpre-me declarar, que felizmente acho-me restabelecida, com quanto a minha vista esteja bastante diminuida do que foi.

Agradecendo ao empenho com que me procurou na obscuridade onde me exilei, não só pelo meu estado precario de saude, como pelas affanosas lides do magisterio, faltaria de certo a um dever sagrado, se voltando de novo á publicidade, não externasse aqui as minhas sinceras e enthusiasticas saudações á sympathica revista que com tanta proficiencia dirige, auxiliada por uma pleiade de brilhantes talentos.

No conflicto das difficuldades que embaraçam a nossa existencia nacional, no meio das tristezas e desalentos do nosso viver collectivo, no futuro do dia de amanhã tão incerto e desigual — faz-nos bem o vermos surgir sobre a tona d'essa corrente do indifferentismo que nos gela, alguns seres previlegiados, os quaes, collocados n'um ponto de vista superior, vêm mais longe, procuram levantar para si o espirito dos que os lêem e interessar nos problemas sociaes a intelligencia dos que os comprehendem. Tudo quanto exalça o coração e o espirito n'esta quadra

ingratissima ao idealismo intellectual da vida, deve ser bem vindo para todos. Assim, bem vinda seja *A Mensageira* pela missão sublime que lhe está assignada. Realmente, o pensamento de encetar uma publicação, afim de pugnar pelos direitos e deveres da mulher brazileira, para tornal-a mais valida e mais forte, podendo, como o homem, resistir altiva, corajosa a todas as luctas e amarguras da vida, é uma idéa grandiosa e de magno alcance. Emtanto, essa idéa que tem feito tantos adeptos entre os grandes apostolos do bem, entre nós ainda não envolve uma solução efficaz, pelas multiplas difficuldades que tem a vencer.

A mulher brazileira, com algumas excepções, acostumada a não amar a leitura por julgal-a um elemento de perversidade, em razão da má educação que nos deram, parece não sentir a necessidade de uma distracção superior.

A vaidade e o desejo ardente de brilhar pelas graças exteriores, constituem a estreita ambição e o pensamento de muitas, que acreditam ser esta civilisação a ultima conquista do progresso humano. As consequencias d'isto são o enfraquecimento sensivel das noções da responsabilidade e do dever, a tendencia decisiva para essa preguiça mental que nos quebranta e esterilisa. Conceber o bem não basta, é preciso fazel-o fructificar; eis a missão grandiosa da *Mensageira*, que deve ir pouco a pouco rasgando á mulher brazileira horizontes cada vez mais vastos, visto que o progresso reclama a educação universal e pede costumes novos.

Moralidade e crenças não se decretam pelas leis nem se impõem pela força, saem da educação, das convicções e dos costumes.

Ninguem ignora como, de momento a momento, vão cahindo umas apos outras, as palavras que tinham outr'ora prestigio seguro e significação consoladora na alma do povo.

A religião parece ir fugindo das consciencias para se circumscrever apenas ás exterioridades do culto, e por isso vae se augmentando n'uma progressão assustadora o numero dos que precisam do balsamo de resignação para não travarem o punhal de salteadores. «A humanidade, diz Guizot, em tempo nenhum fluctuou a tal ponto entre o ceo e o abysmo.»

Quando consideramos os effeitos funestos que vae produzindo a falta do desenvolvimento moral e religioso das nossas faculdades, sentimos que devemos empregar todo o amor do nosso coração, todos os esforços da nossa vontade, para combater tenazmente essa indifferença religiosa, esse desequilibrio

moral que parece ir rompendo a harmonia das sociedades, e que vae ferindo pela base os fundamentos de organisação humana.

E, na verdade, é sem duvida bem desgraçado aquelle que despresa as suas crenças impiedosamente, tendo tantas vezes se nutrido com o leite puro de sua fé. A nós cumpre reunirmos todas as nossas forças, para luctar contra esse materialismo esterilisador que nos vae avassallando, pela voz da imprensa, do magisterio, do livro, do folheto, da familia, das mães, da escola, d'aquelles de quem possa dimanar um ensino, ou um exemplo; e nunca será demais estimular os brios e o patriotismo das brazileiras, já pela palavra, já pelo exemplo, para que marchem na vanguarda do progresso á conquista das grandes qualidades que assignalam e esmaltam a parte mais nobre da historia e que dá á nossa especie a consciencia da sua grandeza.

Ao concluir, direi como um illustre escriptor contemporaneo: «Não ha vida feliz, individual ou collectiva, sem ideal: é n'este ether das almas, n'este divino ambiente que se formam e movem o amor, a fé, a abnegação, o enthusiasmo pelo bem, a dedicação tenaz, a lealdade completa, todos os grandes sentimentos que constituem a nobreza da nossa especie, e nunca foi possivel apertar e conter nas formulas estreitas do egoismo animal.... E a religião foi, e é, o supremo idealismo dos povos. Como prova do que se construe solidamente quando a religião serve de cimento, citarei apenas a fundação e a prosperidade dos Estados Unidos, impossiveis sem o respeito fervoroso dos puritanos; e a emancipação da Hollanda, que Marnix e Guilherme de Orange não teriam realisado sem a fé profunda dos «gueux.»

S. Paulo, 17 de Março de 1898.

Analia Franco.

Por terras e mares

A Manoel Viotti.

IV

. . . . . the breakers roar,
And shrieks the wild sea-mew.
Byron.

Terra maldicta em que me vejo,
Em que, sosinho, naufraguei;
Terra contraria ao meu desejo,
Terra fatal, que não sonhei;

Patria onde a sombra é uma chimera
E agua, ao sedento, uma illusão;
Que aves do mar sómente gera
Para povoar a solidão;

Penhascos nús, que as chuvas róem,
E fende o sol cada vez mais;
Plainos de areia que destroem,
Vociferando, os temporaes;

Costa deserta onde se adensa
A espessa bruma do alto mar,
Sem uma flor, um fructo — e immensa,
De ondas em torno a marulhar;

Terra que o oceano irado abate
E donde a vida anda a fugir;
Terra de luas côr de matte
Sinistramente a me sorrir;

Dizei si acaso um peito exhausto
De ambicionar e de soffrer,
Hade haurir já — hausto por hausto,
A taça de ouro do viver?

Estou sedento, estou faminto...
Andam visões ao longe e perto...
Grandes palacios vejo... E sinto
E sei que estou vivo e desperto.

Moças formosas eu abraço,
Rios descubro plenos de agua.
E quando extendo, anciado, o braço
— O rio é rocha, a moça é frágua...

Quem ha que o certo reconheça
Quando a dor viva e rude o alquebre?
(— Tenho a queimar minha cabeça
E o corpo imbelle ardendo em febre...)

Visões talvez sejam da morte,
Castellos de ouro de outro mundo.
. . . . . .
E' noute... Ha lua... E o vento forte
Embala a vaga ao mar sem fundo.

CANDIDO DE CARVALHO.

Educação Literaria

Olympio Galvão, um dos eleitos para o *Congresso Literario* de Pernambuco em 1892, realisou a 12 de Dezembro ultimo, no *Instituto Literario Olindense,* uma brilhante conferencia, da qual destacamos o seguinte trecho relativo á mulher brazileira, sentindo não dispormos de espaço para transcrever na integra a sua apreciadissima peça oratoria:

«Sou dos que pensam que a mulher não deve tão somente limitar-se a aprender a arte de ser boa mãe de familia, não querendo dizer comtudo, que se entregue a estudos profundissimos, assás penosos para tão gentis e frageis organismos.

Mas, quem de vós ousará negar que infelizmente é superficialissima a educação da mulher brazileira?

Rarissimo ouvireis dizer em se falando de uma brazileira instruida: Fala correctamente o portuguez e não lhes são desconhecidos os mysterios da linguistica e os factos principaes da historia patria.

Entretanto com a maravilhosa intuição que possue a mulher, está o seu espirito predisposto a receber todas as luzes que difundem sobre nós os diversos ramos dos conhecimentos humanos, apezar do que disse o sabio professor Lombroso

em suas ultimas investigações scientificas, negando á mulher o genio e até mesmo de alguma forma o talento.

O dominio mais lato e mais poderoso da mulher, é effectivamente o coração e ninguem mais do que ella sublimifica-se pelo amor; isto porem não quer dizer, que seja a mulher inapta para cultivar as artes, as sciencias, a philosophia etc.

Enxugar as lagrimas do afflicto, elevar os corações e retemperar os espiritos, é uma tão grandiosa missão como a de diffundir em larga escala as luzes que se adquiriram consultando os bons livros e ouvindo os sabios ensinamentos dos mestres.

E os mestres devem ser os medicos moraes de suas discipulas; e, se na escola fossem tomadas as mais rigorosas medidas prophylaticas afim de evitar-se o contagio das grandes doenças moraes, como quer o Barão de Feuchtersleben em a sua bella obra «Hygiene da Alma», a mulher completaria a sua educação, sã de corpo e sã de espirito.

A belleza, diz Paul Janet, acompanhada das graças do espirito e caracter, faz-se perdoar, respeitar e adorar; altiva, caprichosa e frivola, pode apenas atrelar ao seu carro algumas cabeças oucas e almas pequenas, mas terá contra si os homens de espirito, de gosto e de coração, isto é, os unicos que teem verdadeiro valor.

Em todos os paizes civilisados, devido a uma perfeita educação litteraria, as senhoras exercem uma notavel preponderancia na republica das lettras e não raro fundam importantes associaçes, redigem brilhantes jornaes e publicam livros magnificos de litteratura e sciencia.

Quem não conhece as escriptoras de Portugal, á frente das quaes, como estrella de primeira grandeza, fulge Guiomar Torrezão?

E o verdadeiro exercito de poetisas e romancistas francezas e as ardentes e inspiradas litteratas italianas? Ada Negri com toda a pujança de suas vinte primaveras, espalhando a mãos cheias o verso vibrante que fustiga como um látego e que aniquilla como um rochedo; Maria de Gardo, a deliciosa romancista que nos offerece de quando em vez pratos saborosissimos como a «Via Dolorosa» que se digere com prazer e que nos reconforta a alma por mais abatida que se encontre?

E porque razão mil vezes mais aguerrido e poderoso, não poderia ser o exercito de nossas escriptoras e poetisas, ante a incomparavel belleza de nosso céo e ante as riquezas descommunaes de nosso paiz?

De quem a culpa? Em primeiro

logar dos paes que, com honrosas e dignas excepções, não curam da educação das suas filhas, seguem a rotina de seus avós e hão de ser por conseguinte eternamente retrogrados; e em segundo logar, dos governos que só cogitam de politica, mas não da alta politica que felicita a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte, da politicagem que tisna consciencias e corrompe os mais puros caracteres.

Mau grado todas essas influencias mesologicas, nós nos desvanecemos de possuir em nosso caro Brazil, escriptoras distinctissimas que desfraldaram já no campo das idéas a bandeira do combate e hão de sahir victoriosas porque a causa que defendem é justa, é nobre, e concorre para o engrandecimento da patria.

Ahi temos Presciliana Duarte, congregando todas as escriptoras brazileiras e popularisando-as pela sua importante Revista — A Mensageira —; Revocata de Mello, a papiza das lettras que tem no Rio Grande do Sul seu throno de ouro e purpura e é acolytada pelas virtuosas sacerdotisas da Forma, Julieta Monteiro, Carolina Koseritz, Paula Ferreira, Andradina de Oliveira, Tercilia Nunes e outras muitas; Francisca Julia da Silva, poetisa que immortalisou-se publicando seu livro de versos — Marmores — que «não teem a banalidade vulgar do commum das poesias outr'ora escriptas por mulheres» e acerca de quem depois de affirmar João Ribeiro não encontrar nem no sul nem no norte, um poeta que se avantaje, ou eguale á celebrada poetisa, escreveu:

«Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e factura do verso; nenhum possue em tal gráo o talento de reproduzir as bellezas classicas com essa fria severidade de forma e de epithetos de que Heredia e Leconte deram o exemplo na litteratura franceza; nenhum jamais dentre os mysticos e nephelibatas de Lisboa ou do Rio de Janeiro se elevou a essa região serena do mysticismo que a poetisa «De joelhos» nos revela com tão extraordinaria emoção.»

Dignas substitutas de Francisca Julia, são as dulcissimas poetisas brazileiras, Julia Cortines, Zalina Rolim, Aurea Pires, e a meiga e melancolica Georgina Teixeira.

Como chronistas elegantes e criteriosas, dentre muitas outras, cito Maria Clara Santos, Ibrantina Cardona e Maria Emilia.

Dessas e de outras de egual tempera muito tem a esperar o Brazil.

Essas, certamente, não preferirão uma trivialissima *soirée* dan-

çante aos gosos suavissimos que somente o espirito proporciona e nem se aborrecerão solemnemente nas sessões scientificas ou litterarias, mal suffocando os bocejos que algumas vezes tornam-se verdadeiramente epidemicos n'uma assembléa selecta em que se discutam assumptos transcendentaes e tenha por ouvintes em sua maior parte philisteus, representantes da vulgaridade e da massa amórpha.

Falae-lhes em dança, em modas parisienses, em corridas hyppicas e mil outras futilidades, mas não lhes faleis de litteratura, de artes e sciencias que não vos escutarão.

Entretanto a dança é uma loucura que o seculo XIX aperfeiçoou e o seculo XX requintará de perfeição.

Ah, mas isso é que é a civilisação, isso é que é a etiqueta da alta sociedade! Trajar bem, arruinar a saude e perturbar a digestão com o uso immoderado do espartilho, fazer sobrepujar aos do espirito os dotes naturaes de que são tão prodigamente servidas as nossas gentilissimas patricias e ahi está concretisada a summa educação que, para as suas encantadoras filhas, sonham alguns paes brazileiros.»

Ao romper da lua

Como vens tão formosa, ó lua bella,
serena pela azul immensidade,
qual ave branca na lagôa mansa;
assim, acompanhada de uma estrella.
O' lua, me recordas a saudade
seguida da esperança.

Agora teu pallor não me entristece
como outras vezes que no céu te vi,
e dôr cruel não me deixou sorrir-te;
— como estás longe emtanto! ai, si podesse
a minh'alma voar té junto a ti,
como essa estrella n'amplidão seguir-te!...

Do céu sereno pelo azul infindo,
errante iria est'alma tão saudosa
olhando o mundo ao teu clarão, d'altura;
e, quem sabe?... n'algum recanto lindo,
como em Oasis fonte preciosa,
não acharia eu minha ventura!...

Ai! segue n'amplidão lua formosa,
minh'alma te acompanha n'um suspiro,
és sempre a mesma — aqui ou n'outro céu;
vamos pois: que esta luz magica, tua,
me mostre além o plácido retiro
onde minha ventura se escondeu!

DELMINDA SILVEIRA.

Carta do Rio

Ha dias recebi a visita de uma amiga que ha muito tempo não via.

Comprehende-se bem porque passamos tantos mezes sem nos encontrarmos: moramos em extremos oppostos, eu aqui á entrada da Tijuca, ella lá nos confins de Botafogo.

Depois das primeiras expressões de saudades e abraços, ella poz-se a falar em tudo e em todos que conhecemos. Dava-me noticias agradaveis umas e outras tristes, tudo de mistura, sem quasi descansar.

Incidentes engraçados vinham cortar o fio das longas divagações e ella sempre a falar contava-me que a nossa amiga A. estava em excellente villegiatura em Lambary, que D. Fulana mudára de casa por ter brigado com a vizinha, que o filho do Coronel C. foi reprovado em francez e mil cousas mais de que me não lembro agora. Depois, com voz muito triste e olhos rasos d'agua, disse-me: Sabes de uma desgraça? Nossa amiga Laura está pobre!! O Commendador está muito atrazado, deram balanço no negocio e elle ficou sem cousa alguma, a mudança lá na casa de familia foi horrivel, não imaginas! venderam os carros e cavallos, quadros e estatuas e o predio nobre vae ser entregue em pagamento de divida a um negociante de S. Paulo.

Olha, causa dó! Laura está inconsolavel e vexada! O Commendador vae ter um emprego muito secundario, que o seu amigo Dario arranjou na Alfandega e ella, a pobre Laura, quer ausentar-se desta cidade, onde viveu folgadamente e ostentou e deu festas e recepções e agora... coitada!»

— Mas, francamente, não acho motivo para ella estar assim tão desanimada e tu tão contristada!

Estão todos fortes, teem saúde, podem trabalhar. Precisamos ter coragem. A fortuna é um bem, não ha duvida, mas sem ella tambem se vive e póde-se mesmo ser feliz. Deus me livre de pensar assim como pensas! A respeito da fortuna eu tenho minhas ideias muito especiaes. Acho que o luxo é o maior factor da desgraça. Na mulher principalmente é que o luxo actua do modo mais desastroso! Nota bem que o que a nossa amiga sente e patenteia por esse pezar enorme é a falta do luxo que vae ter d'ora em diante.

Aquelle vexame nada mais é que o reflexo da vaidade, ella sente que vae terminar a febre dos theatros e dos bailes e das occasiões de brilhar ostentando custosas *toilettes*. Coitada! Eu sinto por sabel-a tão acabrunhada, mas não que o facto em si inspire dó.»

— Mas, minha amiga, continuou a visita — achas que um homem depois de ter sido, como o Commendador, chefe de uma casa bancaria, póde, sem quebra de dignidade, ser um empregado qualquer e andar ainda com a cara alegre?

— Perfeitamente, respondi. Vejo que pensamos, neste ponto, de modo muito diverso. E, para certificar-te do pouco valor que tem a

fortuna relativamente á felicidade conjugal, vou te contar um facto que eu sei contado por minha querida avó, que Deus haja no Ceo. Havia, em Nictherohy, uma moça muito rica e que dava á sua fortuna apreço demasiado. Para ella o dinheiro era tudo. Acostumada, desde creança, a ouvir falar com despreso da pobreza e endeosar o dinheiro, começou por dar toda importancia somente á gente rica. Lá um bello dia, porém, a moça sentiu no coração o tal tic-tac que toda a gente sente quando tem vinte annos e por uma fatalidade o rapaz era pobre. O coração dos moços é sempre bom e por isso, apezar da repugnancia que a pobreza lhe inspirava, venceu o coração, e o casamento effectuou-se

O rapaz era muito digno para poder ouvir insinuações de qualquer ordem. Limitava suas despezas ao que ganhava com a sua advocacia da roça. A moça, — que levara dote — não estava por isso — e dizia ao marido constantemente que queria vestidos de sedas e joias e que para isso tinha fortuna, gastava do que era seu.

Promptamente era servida. As exigencias repetiam-se todos os dias, a moça não pensava que a fortuna pudesse um dia se acabar e inventava gastos de toda ordem; um dia era uma viagem, outro dia uma festa, emfim, ella julgava que a vida era isso mesmo — folgar, rir e gastar dinheiro. O que, porém, ella não imaginava era o que o marido fazia: assentava todas as despezas extraordinarias da mulher — essas despezas que ella fazia exclusivamente com o dinheiro do dote — em um livro diario onde podia provar a verdade com os recibos e documentos. Um dia, minha amiga, o dote acabou. Bem sabes que, a gastar por essa fórma, não ha mãos a medir. A moça, como sempre, imperiosa, disse: quero um vestido de velludo, tire do meu dinheiro. O marido chamou-a docemente, fel-a sentar-se a seu lado e com todo o carinho obrigou-a a lêr aquelle livro.

A principio ella não quiz: que iria lucrar com isso?

Mas o marido disse-lhe energicamente que era preciso que ella soubesse que o dinheiro do dote estava esgotado — ella o dissipára exclusivamente em suas phantasiosas despezas e que d'aquella data em diante tinha que se sujeitar ás suas condições e receber o que elle lhe pudesse dar, exclusivamente.

Ella quiz chorar, pudera! a perspectiva da economia aterrorisava-a! Ahi então o marido, como homem ajuizado e verdadeiro amigo, fel-a calar-se e disse-lhe que novos horizontes de felicidade vinham illuminar o lar, a querida paz do lar

que até então só era perturbada pela ideia do luxo, que é a ostentação da vaidade e de mil outras paixões despresaveis.

Viveram d'ahi por diante muito felizes, — o marido livre d'aquelle vexame constante de ouvir falar em dote e em dinheiro humilhante, — ella mais feliz tambem, porque, livre de toda preoccupação do luxo, começou por dar ao dinheiro o valor que elle tem.

Eis ahi um dote que só serviu para a interrupção da felicidade na vida d'aquelle casal.

— Se todos os maridos fossem como esse advogado, exclamou sorrindo minha amiga..... mas a historia é que a arte da *chicana* só a possuem esses senhores que aprendem a discutir e convencer em cinco annos de estudo!!

Mais um melhoramento para o nosso formoso bairro: uma fabrica de gelo. Decididamente o Engenho Velho está na ponta. O Snr. Arthur Aguiar, proprietario da fabrica de gelo, tem concorrido muito para o aformoseamento das ruas deste arrabalde, edificando muitos predios bonitos e elegantes e agora de um modo muito poderoso, com a fundação da fabrica de gelo, que se serve da celebre Agua do Vintem para sua fabricação. A festa do dia da inauguração foi muito bonita e muito concorrida.

Diversos brindes foram feitos ao Snr. Aguiar, á imprensa, ao progresso e á França, porque é preciso que se saiba que foi um engenheiro francez o auctor da montagem das machinas. Aos convidados foi servido um profusso *lunch*. A Exm.ª esposa do Snr. Aguiar, D. Maria da Gloria, foi quem iniciou os trabalhos da machina fazendo com que o vapor entrasse na gaveta da distribuição. Ao progresso do Engenho Velho foi a saúde que bebi com mais prazer e mais enthusiasmo!

Noticía o *Jornal do Commercio* que na igreja parochial de Santa Maria, em Quebec, realisou-se ultimamente uma curiosa ceremonia.

Dous vizinhos de origem franceza tinham cada um oito filhos, quatro rapazes e quatro raparigas.

Ora, os filhos de Marin apaixonaram-se das filhas Reaume, ao mesmo tempo que as filhas deste dos filhos d'aquelle. Conclusão: no mesmo dia realisáram-se oito casamentos.

Eis ahi o que é ser-se pratico. As despezas de um casamento, por mais simples que sejam, alteram forçosamente o orçamento das pessoas que não são ricas.

Por isso os filhos do paiz mais pratico do mundo acabam de nos dar a proveitosa licção de casamento por atacado. Excellente moda para as familias pobres!

Maria Clara da Cunha Santos.

Santa

A Lindolpho Xavier

Si eu não lhe houvesse, tanta vez, a fina,
Nevada mão na minha mão tomado,
Inda hoje pensaria, deslumbrado,
Nella estar vendo uma visão divina.

Porque só nos missaes se descortina
Um perfil, como o seu, tão delicado:
E olhar tão doce assim só é achado
Boiando numa angelica retina.

Seu corpo, de açucena alva e mimosa,
E' um ninho formoso, onde esvoaça
Uma alma cem mil vezes mais formosa.

E quando ella entre as turbas apparece,
Cada olhar se deslumbra, a tanta graça,
E cada labio manda-lhe uma prece.

Minas Geraes.

Bento Ernesto Junior.

Selecção

Si Deus tencionasse fazer da mulher a senhora do homem, tel-a-ia tirado da cabeça deste, si sua escrava, tiral-a-ia de seus pés; mas, como destinou-a para companheira e igual do homem, tirou-a de suas costellas.

Santo Agostinho.

Ainda que as qualidades do homem pertençam mais á cabeça, e as da mulher ao coração, é indispensavel que o coração de ambos seja cultivado conjunctamente com a cabeça, porque um homem de mau coração é tão indigno da sociedade como uma mulher ininteligente. O cultivo de todas as partes da natureza moral e intellectual é indispensavel para formar o homem e a mulher de caracter salutar e bem equilibrado. Sem sympathia nem consideração pelos outros, o homem ficará sendo um pobre ente, acanhado, sordido e egoista; e sem intelligencia cultivada, a mulher mais formosa não passará de uma boneca bem enfeitada.

Ainda se pratica muito cultivar a fraqueza da mulher em vez da sua força, e dar-lhe attractivos em lugar de confiança propria. A sua sensibilidade desenvolve-se á custa da saude do corpo e do espirito: ella vive, move-se e depende toda da sympathia dos outros: veste-se com o fim de attrahir e é sobrecarregada de prendas que lhe possam dar a preferencia. Fraca, vacillante e dependente, é susceptivel de personificar o proverbio: «E' tão bôa que para nada presta.»

Por outra parte, a educação dos moços pecca pelo lado do egoismo. Ao passo que se ensina ao menino a confiar só nos seus proprios esforços para abrir carreira no mundo, acostuma-se a menina a contar unicamente com o auxilio alheio. Elle é educado com exclusiva referencia a si mesmo, e ella só com referencia a elle. Ensina-se um a confiar e depender sómente de si, e ella a desconfiar de si, a sacrificar-se em tudo e a ser dependente. E assim, a intelligencia de um é cultivada á custa das affeições, e as affeições da outra á custa da intelligencia.

Afim de que a pureza se mantenha elevada na sociedade, convem que a cultura de ambos os sexos esteja em harmonia e guarde a devida distancia. A condição pura da mulher deve ser acompanhada pela equivalente do homem, porquanto a mesma lei moral é applicavel a ambos. Seria abalar os alicerces da virtude sustentar a doutrina que o homem, pela differença de sexo, tem a liberdade de menosprezar a moralidade, e de fazer impunemente aquillo que a mulher não póde praticar sem deshonrar-se para sempre. Portanto, para sustentar a condição pura e virtuosa da sociedade, é de mister que o homem e a mulher sejam igualmente puros e virtuosos, e evitem todos os actos susceptiveis de offender o coração, o caracter e a consciencia, como veneno que, uma vez absorvido, nunca mais póde ser lançado completamente, e amargura mais ou menos toda felicidade posterior.

S. Smiles

(Do *Caracter*)

Lembro-me das palavras celebres de uma mulher — Olympia de Gurges — que em 93 foi levada ao cadafalso; em poucas palavras ella concretisou, e com muita razão, este brado da consciencia contra o despotismo dos homens, dizendo: «Si nós temos o direito de subir ao cadafalso, devemos ter tambem o direito de subir *á tribuna*.»

A humanidade vindoura póde rir-se de nossa inepcia e dizer: — como é que os homens despresaram essa grande força, que é a metade do genero humano, a mulher? Ella, tão cheia de vigor, enthusiasmo e devotamentos?

Dr. Costa Machado

Triolet

Estrellas que brilhaes do ceo na altura,
De longe contemplando a solidão do mar.
— Vêde que noite d'alma tão escura!
O deserto do mar é pallida figura
Da triste solidão que me amargura,
Assim privado de seu doce olhar...
Estrellas que brilhaes do céo na altura,
De longe contemplando a solidão do mar!

2—98. Olga P.

Exul

A uma indifferente

Adeus, minha senhora! Eu vou partir, sosinho,
Levando dentro d'alma um torvo desatino;
Sem rumo, sem alento, a mercê do Destino,
Qual se fosse um romeiro exul do patrio ninho.

Porque me appareceste em meio do caminho
De minha vida? Certo, eu não perdêra o tino,
Si teu pérfido olhar, si teu riso ferino,
Não tivessem mostrado uns longes de carinho.

O meu sonho de amor desvaneceu-se, em summa,
Como um sonho qualquer; e o coração reçuma
O veneno lethal da tua indifferença.

Adeus! Eu vou partir para um paiz de exilio,
Seguindo o funeral d'este primeiro idilio,
Levando apenas viva uma saudade immensa!...

Do *Val de Goivos*

Em Minas, 1898. HERACLITO VIOTTI.

Notas pequenas

Guiomar Torrezão — Desta eminente escriptora, cujo nome constitue um padrão de gloria para a contemporanea literatura portugueza, recebemos a seguinte carta, que publicamos com desvanecimento. O talento de Guiomar Torrezão é justamente apreciado pelas brazileiras, que, tendo a ventura de ler e falar a mesma lingua que a nossa gloriosa irmã de além-mar, estão de ha muito habituadas a ler os seus magnificos trabalhos literarios, que são em grande numero; pois ninguem ignora que Guiomar Torrezão, sobre ser um dos mais fulgurantes, é um dos mais fecundos talentos femininos que temos conhecido.

Eis a sua lisongeira missiva:

«Lisboa, 11 de fevereiro de 1898.

Minha senhora

Felicito-a pela sua *Mensageira*, porta-estandarte do movimento *feminista* no Brazil, que me traz em cada numero que leio, com progressivo e affectivo interesse, um grande e consolador jubilo.

E' digno da forte e opulenta raça, exuberante de seiva, dos Estados Unidos do Sul, a aspiração para uma nova era, susceptivel, creio eu, de imprimir á humanidade um novo e modelar feitio moral, mental e social, que vibra, como o cantico da aurora, preadivinhando o glorioso dia, nas columnas da *Mensageira*.

Saúdo-a pelo seu emprehendimento, que tão decisiva e benefica influencia deverá ter nos destinos da mulher brazileira e no vasto territorio da sua patria.

Agradeço-lhe a boa nova que me trouxe a gentil offerta da sua bem redigida e sympathica *Revista*, para a qual lhe enviarei breve, cumprindo o dever que é de todas nós, que fazemos uso de uma penna e prestamos culto á Arte, algumas palavras, menos summarias do que estas, rapidamente escriptas, que lhe levam apenas a expressão do meu reconhecimento, do meu apreço e um pedido, o de V. Excia. me obsequiar com o seu retrato, para ser gravado e publicado no proximo *Almanack das Senhoras*, exclusivamente dedicado a retratos de escriptoras de todas as nacionalidades.

Creia-me V. Excia.

Muito sua apr.

Guiomar Torrezão.»

Funerea

— «Curva-te, Musa, reza contricta,
Esparge flores por sobre a lousa
Em que *per semper* glorioso habita
Cruz e Souza.

Lyra do luto, traze uma rima
Presa a uma lagrima de respeito,
E embora a magua teu canto opprima,
Rende-lhe franco, singello preito.»

E a Lyra, em crepe, murmura a medo,
Trazendo um ramo de sempre — vivas:
«No seu eterno, triste degredo,
Mudas choramos, de dor captivas...»

Perpetua do Valle.

Maria Monteiro

E' com pezar que aqui registramos o passamento de Maria Monteiro, a talentosa cantora campineira, que ha perto de onze annos partira em demanda da Italia — a terra da promissão para os artistas sonhadores...

Maria Monteiro era sobrinha de Carlos Gomes e despertára em seus patricios um grande enthusiasmo pela sua decidida vocação artistica e pela sua attrahente formosura.

Partira para Milão aos 16 annos, (6 de Julho de 1897) a espensas de D. Pedro de Alcantara, que tempos antes ficára encantado ouvindo -- a cantar a habanera da

Carmen, como alumna do *Collegio Florence*.

Por occasião de sua partida para a Europa foi alvo de grandes manifestações de apreço por parte da mocidade brazileira.

Cursou o *Conservatorio de Milão*, tendo tirado o primeiro premio em quasi todos os exames e obtendo em 1890 o diploma de *Maestra* e de artista.

Estreou-se no palco, em Perugia, com o *Mephistopheles* e cantou ao lado de celebridades como Theodorine, alcançando sempre largos encomios da critica, na Italia, Austria e Hespanha, paizes que registraram os seus triumphos, interrompidos pela sua retirada da scena lyrica.

O correspondente do *Jornal do Commercio* na Italia, dá sobre a mallograda artista os seguintes pormenores:

«Antes de começar os detalhes, devo em homenagem á desventurada morta, dizer ao Brazil que uma de suas distinctas filhas falleceu em Genova aos 15 de fevereiro, depois de crueis soffrimentos. Era a senhora Maria Monteiro, a nossa tão conhecida *Zica Monteiro*.

Tão moça, tão bella e tão notavel já pela voz de mezzo-soprano contralto que possuia, como pela sua educação, a vida d'essa senhora era um continuo debater de angustias e de necessidades.

Vimol-a em Milão em uma casa, da qual ella occupava apenas dois quartinhos.

Em um dormia com sua veneranda mãe e irmã; ahi se fazia a cozinha, ella engommava; no outro, uma especie de sala, onde ella estudava e recebia as pessoas de amizade. A pobreza era grande, especialmente depois que o ex-imperador D. Pedro II deixou de concorrer para a sua completa educação artistica, após a revolução de 15 de Novembro.

Zica Monteiro, depois de muitos triumphos em diversas capitaes, apaixonou-se por um italiano, cuja occupação ignoramos. D'ahi os contratempos e trabalhos por que passou com sua bondosa e estimada mãe, faltando a compromissos das emprezas, sómente por imposições do noivo. Arredada já do theatro, abandonou-o para unir-se em matrimonio ao homem que a idolatrava como um *Othelo*.

Elle, de physionomia rude, não quiz e não queria relações com os brazileiros residentes em Genova. Sua mulher soffria com essa prohibição e assim passou durante quasi quatro annos, durante a cruel molestia, da qual morreu, sem ter tido junto ao seu leito de dôr um brazileiro desvelado que lhe mitigasse o soffrimento e lhe animasse o espirito com os sentimentos patrios, fallando-lhe a doce lingua,

proporcionando-lhe todos os carinhos de que são prodigos os brazileiros educados.

Morreu bella, dizem-nos. Aquelles olhos penetrantes, negros, aquelles bastos cabellos da côr de azeviche, aquella physionomia angelica, porém suggestiva, estavam demudados, é verdade; todavia, era ella, a morta, sempre bella.

O seu corpo seguio para Voghera, terra de seu marido.»

Sobre a campa da inditosa brazileira, desfolhamos um punhado de rosas.

A Mensageira

E' este o titulo d'uma nova revista litteraria que vê a luz da publicidade no Estado de S. Paulo, e redigida por distinctas senhoras que se abraçam á grande e bella republica das lettras.

E' com immensa satisfação que tomámos mão da penna para accusar o recebimento de tão importante revista, onde se vêm bellissimas producções firmadas por senhoras que comprehendem que a sua missão não deve limitar-se sómente ás preoccupações domesticas, e, sim, tambem procurar o desenvolvimento espiritual — base preponderante da felicidade completa dos póvos civilisados.

Oxalá tambem as nossas patricias imitassem-n'as, abrilhantando por esse modo as lettras rio-grandenses, que, infelizmente, não recebem o bafejo suavissimo de suas formosas patricias.

A' *Mensageira*, cumprimentamos effusivamente e que, qual doirado bergantim, navegue em aguas côr de rosa acompanhada das auras da felicidade.

(Da *Farpa*, de Porto Alegre).

— Recebemos o n. 9 da revista literaria *A Mensageira*, dedicada á mulher brazileira, publicada em São Paulo, sob a direcção de D. Presciliana Duarte de Almeida. Como os numeros anteriores, este traz artigos e poesias apreciaveis e que muito abonão o gosto litterario das suas autoras.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio).

A Mensageira. Recebemos o n. 9, de 15 do corrente mez, daquella brilhante revista litteraria, de que é directora a distincta poetisa — D. Presciliana Duarte de Almeida.

Destacamos das suas columnas o bello soneto, — Aves e Corações — com que brindamos as leitoras da *Cidade*.

(Da *Cidade de S João*).

São Paulo 15 de Abril de 1898 Anno I, N. 13

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Martyr de amor, conto, Maria Clara; — A Giacomo Leopardi, poesia, Julia Cortines; — Primicias, critica literaria, Arthur Andrade; — Amarguras, soneto, Georgina Teixeira; — Primavera no campo, Eurico de Goes; — De Tarde, poesia, Aurea Pires; — Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida; — Poesia, Olga P.; — Literatas suecas, Elmano do Val; — Poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

Martyr de amôr

(A' Aurea Pires)

Na maior intimidade, na mais santa affeição viviam os dois amigos.

Nenhum leve desgosto turvava aquellas existencias ditosas.

Uma tarde conversando intimamente, fallavam do passado com saudade e do futuro com esperança.

— Sabes Marciano, vou me casar, disse Lucio Ha muito tempo que amo Corina, ha muito tempo mesmo, porém ultimamente esse affecto tem tomado tamanho vulto que eu já não sinto alegria senão a seu lado, estou perdido de amores, não posso viver sem ella. Achas que faço bem? Tenho bom gosto?

Marciano era homem reservado, sincero e criterioso, incapaz de applaudir um máu passo.

— Não sei Lucio, não sei, em todo o caso sinto necessidade de ser franco, sou teu amigo, bem sabes. Não te cases com essa moça, attende ao meu conselho, ella é bôa... por emquanto, mas descende de máu ninho.

Olha a mãe della... que escandalosa! a avó, dizem, foi o diabo em seu tempo. A mulher, deve-se procurar pela raça. Corina ama-te, não duvido, ella é formosa, é meiga, mas escuta, Lucio, o exemplo da mãe é horrivel.

— Não ha receio, saberei com calma e calculo separal-as, aos poucos irei afastando-a da mãe. Has de ver, meu pessimista.

— Pessimista? E o sangue que ella herdou de sua mãe, — sangue máu — tu poderás vasar de suas veias? Não te illudas, procura esquecer essa paixão funesta: não és noivo ainda, será facil a retirada; não mais frequentes a casa del-

la, ha de custar a principio, mas depois darás graças a Deus e a mim que sou teu amigo sincero.

Levaram muito tempo a conversar os dois amigos, fumaram alguns charutos e no empenho de dissuadir Lucio, Marciano falou horas e horas.

Afinal Lucio disse estas palavras: Tens razão, não mais irei visital-a. A mãe, aquella ordinaria — é um exemplo funesto, sua conducta será o ferrete ignominioso que virá manchar e distruir o meu futuro! Decididamente... tens razão... tens razão.

A noite vinha vindo, estendendo seu manto lugubre, e os amigos, no terraço do jardim, continuavam a palestrar.

. . . . . .

Passados tres mezes, em um bello dia de Setembro, entra Lucio em casa do amigo.

Suas visitas eram ultimamente menos frequentes e mais rapidas. Sentou-se, calado e pensativo esteve algum tempo sem proferir palavra.

Parecia preoccupado de alguma cousa grave; folheava distrahidamente livros que estavam sobre a mesa; olhava o tecto, os canarios, gaiólas doiradas, e o galho de um jasmineiro que exuberante de vida entrava pela janella invadindo e perfumando a sala.

Via-se claramente que Lucio estava nervoso e aborrecido.

De repente, vencendo grande obstaculo, disse: Vim convidar-te para o meu casamento amanhã, caso-me com *ella* mesmo, que queres? Não pude vencer... sou um fraco... que hei de fazer? Creio que o amor — o grande amor que nos une — velará sobre nosso futuro. Espero que não faltes, bem sabes que és o meu melhor amigo. Ha tanto tempo que estava para fazer-te esta communicação e... não tinha coragem. Espero-te, não faltes. Adeus. E sahio apressadamente, receioso de poder observar no amigo alguma manifestação de desagrado.

Partio. Marciano acompanhou-o com os olhos rasos de lagrimas até que na curva do caminho sumiu-se o vulto do pobre vencido — martyr de seu grande affecto...

. . . . . .

Os primeiros tempos do casamento, foram de rosas.

A felicidade absorveu de todo Lucio. Ninguem o via, entregue ás intimas alegrias do lar, passava os dias, as semanas, os mezes.

Bem pouco duradoura foi, porém, sua ventura!

Estava escripto no livro do destino, irrevogavelmente, que elle pagaria com profundas dores os breves momentos de venturas!

Corina amava-o, é certo, mas — pobre inconsciente, herdeira de vicios maternos e do alcoolismo do

páe — ella não podia se dominar, não tinha forças para vencer os defeitos que o sangue lhe transmittira. O que a seduzia, o que a alucinava era o alcool com o seu funesto cortejo de doiradas phantasias.

Herdara de seu pae o alcoolismo. Embriagava-se constantemente. O vinho fazia-lhe quebrar todas as promessas e juramentos, ella sentia necessidade de beber muito, ficava como louca diante de qualquer bebida de espirito.

A principio o marido quiz convencel-a com maneiras brandas, lembrava-lhe sua perigosa posição, chamava-lhe a razão, implorava-lhe o seu grande amor, supplicava-lhe de joelhos que não bebesse mais. Debalde!

Era impossivel!

Usou de rigor, durante uma semana tratou-a com disfarçado pouco caso, e nada, nada absolutamente conseguiu.

Tendo concluido o seu quatrienio de Juiz Municipal em S. Paulo, obteve Lucio a nomeação de Juiz de Direito para uma cidade no interior de Minas.

No sertão parecia-lhe menos dolorosa a sua magua: lá ao menos seus companheiros de infancia não veriam suas lagrimas.

Cada vez mais carinhoso, mais terno vivia o desgraçado.

Lucio prohibiu que em sua casa entrasse alcool. Não comprava bebidas.

Mas a misera mulher não podia se dominar, usava de astuciosas mentiras, conseguindo por essa forma illudir a vigilancia das pessôas amigas.

Uma vez, usou ella de um meio original para obter um pouco de aguardente, do vendeiro da esquina.

Mandou buscar a cachaça em uma bacia de rosto, dizendo ser para curativo de olhos. O vendeiro não duvidou e infrigindo as ordens de Lucio satisfez a desgraçada mulher.

O portador, — um pequenito de seis annos — mal ia entrando em casa com a bacia com cachaça, quando a mulher arrebata de suas mãozinhas a vasilha e alli mesmo, de um só trago, absorve toda aquella bebida tão forte. Ebria d'ahi a pouco, já nem podia falar, articulava monosyllabos sem nexo, não tinha forças para se ter de pé, cambaleava.

Nesse dia, o marido presidia o jury. Investido de seu alto posto, lá estava na Camara, á cabeceira da mesa, julgando um processo de sensação.

Quando Lucio partiu para o jury eram dez horas da manhã, deixou em casa Corina em perfeito estado, entregue as lidas domesticas.

Sahio tranquillo, — não deixára em casa o inimigo de sua felicidade — o alcool.

Não suppunha o infeliz que sua mulher tivesse a astuciosa lembrança de illudir o vendeiro, fingindo-se doente dos olhos.

Animada corria a sessão do Jury. Era meio dia.

O sol resplandecia alegre entrando pelas janellas francamente abertas da vastissima sala. O advogado, rapaz intelligente e verboso, iem phrases arrebatadas procurav nnocentar o seu constituinte. Aa sua palavra brilhante encantava o audictorio.

De repente notou-se um certo movimento. Todas as pessoas que estavam sentadas em frente á porta, olhavam attentamente para um vulto exquisito que entrava.

Bastou um segundo para que todos comprehendessem. O juiz, alheio ao que se passava, tocava a campainha, impondo silencio.

Subito transpõe a sala do jury, completamente ebria, uma mulher, apenas vestida com camisa e saia, deixando inteiramente nú o seio, babando-se, a proferir palavras sem sentido, descalça, com os olhos injectados e lacrimosos, a face avermelhada, descabellada, batendo com os braços á direita e á esquerda. Essa mulher era Corina!

Todos os olhares voltaram-se immediatamente para Lucio.

Uma commoção fortissima abalou-o da cabeça aos pés. Traspassado de dor, roxo de vergonha e humilhação, o desgraçado sentindo um calafrio em todo o corpo, não vê mais nada nem mais nada escuta, só poude dizer: Minha mulher!! E rola, e tomba instantaneamente morto aos pés d'aquella mulher fatal!...

E a misera de tudo inconsciente, a dar com os braços á direita e á esquerda, olhava estupidamente para o cadaver d'aquelle homem, que perdera a vida por amal-a tanto.

Maria Clara da Cunha Santos.

Amarguras

(Traduzido)

Quem não provou o fél dum desengano
A vez primeira que sonhou amores?
Quem o prado que Abril enche de flores,
Não vê de neve cheio ao fim do anno?

Cada novo prazer nos deixa um damno;
Sempre a esperança nasce entre temores,
E semelhando um sol em seus fulgores
Cada nova illusão, é novo engano.

O mundo não nos dá nenhuma dita,
— Ai! de quem ao viver ditosa sorte
Chame, e, julgue o nascer sorte bemdita!

Vida! Perder-te eu sei ha quem se importe
Mas, quem viveu nas sombras não evita
Volver, tornar ás sombras com a morte!

Georgina Teixeira.

"Primicias"

Por mais tardias que cheguem, sempre chegam opportunas as palavras desapaixonadas e sinceras, mormente agora que, para a recepção de um livro, a nossa critica só põe em jogo dous fataes e systematicos processos — embiocar-se num estudado silencio de sphinge, ou dar livre curso á torrente de parcialissimos elogios.

De resto, como tudo evolúe na rotação do planeta, estou inclinado á crêr que essa nova hermeneutica da critica não passa, nem mais nem menos, do producto de uma evolução superior, e de tal maneira superior, que a bella divindade, tão meridional na sua fórma, tão latina na sua essencia, não despede mais aquelles fulgurantes relampagos de graça e de engenho, só sabe, quando surge, atirar pedras ou pallidas flores banaes...

Mas... deixemos em paz a critica e passemos ao nosso objectivo que é — dizer singellamente, sem rebuços, a impressão que nos ficou do formoso livro de Carvalho Aranha.

Começamos por assignalar que o distincto bardo sergipano não se filia a nenhuma escola: em materia de escolas é absolutamente cosmopolita, deixa-se levar em todas as correntes, inspira-se em todos os mananciaes de arte, aproveita o toque de todas as palhetas. E', no campo litterario, o que se diz que Seneca foi no campo social — um cidadão do mundo.

Essa subjectividade constitue um defeito para um moço de talento, maximé quando esse moço de talento propende irresistivelmente para a mais suave e elevada manifestação artistica — a poesia. Por pouco que revele, nunca deixa de revelar que a expontaneidade da inspiração, que a harmonia do sentimento, que o horisonte esthetico, em summa, que os mais bellos predicados de um poeta só se expandem, manietados, no circulo vicioso da emulação.

Acreditamos vivamente que a linha reveladora da alta estirpe de um poeta é o poder esse poeta affirmar definitivamente a sua individualidade litteraria, o cunho de seu temperamento artistico.

As *Primicias*, porém, nem vagamente patenteiam essa caracteristica, que deve ser accentuada num trabalho de conjuncto como é um livro. Ha, nesse vôo de estreia, magnificas rajadas de inspiração; vibrantes lampejos de fórma; cinzelados blocos artisticos, que se animam e palpitam ao calor de enseivadas imagens; não poucas vezes, aqui e alli, scintilla a rima opulenta e rara; mas, sobrelevando-se a tudo, impregnando todo o livro de Carvalho Aranha, resumbra vio-

lentamente a influencia de amplas e dominadoras leituras, determinando a falta de originalidade em muitas das producções do mavioso cantor das *Primicias*.

Seu éstro fecundo lucta, por vezes, para romper a malha dessa terrivel influencia. Mas não o consegue. Dahi decorre que, nas 155 paginas das *Primicias*, não se encontra um só trabalho que traduza um verdadeiro estado de alma, uma só estrophe onde o espirito do poeta se estampe, claro e macisso; dahi decorre tambem, como consequencia inevitavel, o longo abuso da descriptiva, que torna o livro monotono, ou, o que é ainda peior a falsa crise de jeremiadas pessimistas.

Devido a isso é que os formosos versos de Carvalho Aranha só nos deixam uma vaga e fugaz impressão, como a que nos produziriam pequeninas telas imcompletas, desbotados traços dispersos, emballadoras, mas fugitivas cadencias.

Ha um outro ponto que macula o bello marmore vibrante das «*Primicias*». E' a falta de cuidado no manejo da lingua, notadamente na hoje sediça collocação de pronomes, onde o esperançoso vate pecca incorrigivelmente.

Tudo isso nos vem fortalecer na convicção de que Carvalho Aranha, que é um bonito e futuroso talento, não soube ou não quiz recalcar a precoce ambição de glorias, nem comedir, com o estudo acurado e com o labor paciente, a visivel mas ainda incaracteristica fecundidade de que é dotado. Deixou-se empolgar pela fascinação da publicidade, e, ás pressas, sem esmero, sem amor, precipitadamente surgiu na arena, trazendo o pallido documento das *Primicias*.

Resultou que sua laurea de gloria se reduziu em — ter publicado um livro!

Apezar de tudo isso, somos dos primeiros a reconhecer que, ao lado de imperdoaveis defeitos, o livro de Carvalho Aranha encerra muitas bellezas e até mesmo um largo folego artistico patenteado em algumas concepções vigorosas e bem trabalhadas.

Tomado em conjuncto, o livro do jovem poeta nada assignala, ou melhor, assignala uma estreia infeliz; mas, tomado em muitas das suas multiplas faces, elle já conquistou ao seu auctor uma brilhante posição no grande nucleo litterario do Brasil.

E assim dou por terminada a tarefa com que immerecidamente me quinhoou a illustre directora d'*A Mensageira*.

S. Paulo, 6-4-98.

ARTHUR ANDRADE.

Primavera no campo

(Quadro)

A Araripe Junior.

I

Diluculo.

Na esmaecida barra côr de perola do nascente, como uma papoula magica, vinha desabrochando, rubida, a alvorada com a sua corolla sangrenta.

O dia, somnolentamente, descerrava as palpebras pesadas, e o sol — a sua febril pupilla de ouro — espontava além, aclarando os môrros ennegrecidos pelas ultimas queimadas.

A Natureza, qual uma naiade phantastica de madeixas louras, entrava, risonha, para o seu tepido banho matinal de luz, que o sol, do alto, jorrava em cascatas de topazios e diamantes pulverisados, — e, vocalizando arias triumphaes pelas sonoras gargantas do passaredo altivolo, esplendia, garrida e louçã, cheia de ideal poesia e de mil encantos cheia. .

Céos de turqueza, arvoredos de esmeralda, regatos de crystal, tudo, tudo, se revestia de deslumbramentos, como que para dar realce e pompa ao festim da primavera.

Por toda a parte eram perfumes de bogaris, acacias e baunilhaes sylvestres, e trillos, e cantos e murmurios, que sonorizavam o ar embalsamado e sadio das campinas frescas, — tão quietas e solitarias, tão poeticas e remansosas, que dir-se-iam envoltas numa paz suave de eucharistia, numa religiosidade sancta de evangelho...

Da tufada ramaria da floresta, onde se entrelaçavam mil lianas e trepadeiras, sahia um confuso e vago borborinho de estalejar de galhos, de ruflagens de azas e de chilidos de passaros.

Na trama emmaranhada dos maracujás floridos, insectos irrequietos zumbiam, sugando o dulçoroso nectar das caçoulas roridas das flores, cujo aroma subtil e puro a briza prodigamente espalhava pelos campos rejuvenecidos.

E, pelos moitaes em flor, que similhavam ilhas de verdura matizando o extensissimo tapete de relva da paizagem, devaneavam borboletas multicôres e colibris iriantes, amando-se bucolicamente, num idyllio ineffavel e casto, — immáculos beijos trocando sob o immenso pallio azulino do céo...

II

Meio-dia.

O sol, de um vívido esplendor de rebervéro, pendia das alturas como um chrysanthemo afogueado florindo, rútilo, numa estufa colossal de porcellana azul.

Espalhado pelas collinas verdejantes, revestidas de herva nova e tenra, o gado, vergastando as ancas luzidias com as longas caudas movediças, pascia, tranquillo, malhando o verde da pastagem, onde avultavam, aqui e alli, montes de cupins, parecendo, de longe, cabeças de rocha emergindo em meio á alfombra verde-gaia do capim viçoso.

Jequitibás esguios e frondosos erguiam-se na vasta planura da campina, esparramando no ar as espessas cópas verdes, como gigantescas umbrellas de folhagem, á sombra das quaes vaccas mansas iam descansar, deitadas, ruminando...

Longe, pela sinuosa estrada de barro vermelho, que em declive, descia ao longo da encósta, vinha vindo, môrro abaixo, um carro de bois carregado de tóros de arvores das derrubadas, num chiar dolente e nostalgico, lembrando o toque guerreiro de uma trompa selvagem... O carreiro — um verdadeiro typo de sertanejo rustico —, alto, musculoso, pelle tostada pelas soalheiras caniculares do verão, descalço, largo chapéo de palha á cabeça, empunhando a comprida aguilhada de peroba liza, facão prêso ao cinturão de couro cru, calças regaçadas até os joelhos, — de quando em quando gritava:

— Eia, *Barroso!* Fasta, *Malhado!*

E, soltando um «Hôôa» sonoro e cheio, pára á beira de um riacho que entre cascalhos chofra, debaixo duma sombria sapucaieira em flor, e, emquanto os bois bebem da agua da corrente e descansam, offegantes, babando, elle, encostando a aguilhada na anca dum dos bois do couce, aprompta um grosso cigarro de palha com fumo picado, que, distrahido vai pitando pelo caminho afóra, — o carro num chiar dolente e nostalgico, lembrando o toque guerreiro de uma trompa selvagem...

III

Entardecia.

O sol, amortalhado em nuvens ensanguentadas de púrpura, qual um pharaó defuncto baixando á sepultura, sepulchravase no feerico sarcophago do poente em brasa...

Nos mattagaes, os passaros silenciavam, adormecendo no macio frouxel dos ninhos.

Lá embaixo, por uma estreita picada que recortava, em meandros, a varzea estrellada de florinhas agrestes, trotava, vagarosamente, cadenciadamente, em direcção á villa, onde o sino da capellinha já badalava a ave-maria, uma tropa de mulas seguida por um carreiro, — fazendo echoar, pelas quebradas dos sêrros proximos, os sons alegres dos seus chocalhos tilintantes.

O crepusculo, nimbado de um doce mysticismo de melancholia biblica, cahia do alto, pouco a pouco, cinerescendo...

... E, sob o velario pallido do luar que raiava, a Primavera, levada, pelas auras fagueiras da solidão, no seu invisivel plaustro arrecamado de rosas e jasmins, fazia desatarem-se os calices das flores campezinas, — e, thuribulando aromas pelo espaço, partia, sorrindo, sertão em fóra...

S. Paulo — 1898.

EURICO DE GOES.

(Das *Lentejoulas*.)

De Tarde

Fragmento de um poema

Evapora-se a tarde!.. As azas da Poesia
Desdobram-se no espaço. Extranha melodia
Se escuta no vergel de flores marchetado.
Os camponezes vem de chapeu desabado
Regressando da roça. Uns trazem na cabeça,
Junto aos negros anneis da cabelleira espessa,
Longos feixes de lenha e os outros trazem cachos
De bananas n'um páo, e saltando os riachos
Cansados vêm chegando ás casas de capim.

Sob o caramanchão mimoso do jardim
Indiana e Juvenal sósinhos comtemplavam
A belleza da tarde, e meigos permutavam
Juramentos de amor! Oh! Quanta formosura
Nesse quadro divino! Além sobre a verdura
Da montanha elevada o sol se recolhia
Deixando atráz de si doce melancolia...
Uns longes de saudade indefinida e vaga
Que os nossos corações de sentimento alaga!
E esses noivos gentis na flor da mocidade
Tão cheios de belleza e de simplicidade,
Na linguagem do ceu fallando castamente
De seu primeiro amor tão puro e tão ardente.
Elle altivo de pé, com o brilho da ventura
No bello e negro olhar! Ella toda candura
Sorrindo enternecida! A aragem brandamente
Desmanchava-lhe a trança escura e reluzente
Sobre o vestido branco. A fina e alva mãozinha
Na mão de Juvenal tremia como a azinha

De um passaro captivo. E emquanto alli bem perto
Cantava a jurity no campo descoberto
Suas almas iguaes, radiosas, peregrinas
Entoavam tambem doces canções divinas!

Juvenal

Não posso donzella
Confesso, não minto,
Na lyra singella
Dizer-te o que sinto!

Indiana

Na lyra afinada,
Gentil trovador,
Tua alma inspirada
Me fala de amor!

Juvenal

Te falla e te jura
Que á tua innocencia
Eu devo a ventura
Da minha existencia.

— Se longe de ti
Me dessem grandezas,
Palacios, riquezas,
Como eu nunca vi;

Por Santa Maria,
Por todos os Santos,
Eu nada queria
Sem ver teus encantos.

As pompas, as festas
Me fazem soffrer.
Na paz das florestas
Desejo viver!

Indiana

Só vivo sorrindo
Depois que te amei!
O mundo tão lindo
Eu nunca sonhei!

Descubro mais graça
Na rosa da selva
Na aragem que passa
Brincando na relva.

Eu tudo contemplo
Com satisfação:
Quer seja no templo
Fazendo oração;

Quer seja no prado,
Nas tardes amenas,
Comtigo a meu lado
Colhendo açucenas!

Juvenal

Cantemos, formosa
Cercados de flores,
No céu cor de rosa
De nossos amores!

Indiana

Cantemos, cantemos
Que os anjos de Deus,
Aos sonhos que temos
Respondem nos ceus!

Juvenal

A noite chega, e eu vólto a meu pequeno abrigo
Adeus, Indiana, adeus, eu vou sonhar comtigo!

AUREA PIRES.

Chronica omnimoda

Viae Sion lugent... Não ha mais quem venha ás suas solemnidades!

Todas as suas portas foram destruidas, os seus sacerdotes estão gemendo, as suas virgens esqualidas e ella propria saturada de amargura!

* * *

Dentro de poucos dias devem se abrir as portas de Jerusalem, para receber em triumpho o Messias promettido.

As ruas estarão alcatifadas de palmas e ramos de oliveira, symbolos de gloria e de paz...

Os proprios martos dos pharisêus se estenderão sob as plantas do filho de David...

Tudo retumbara de hosannas!....

Mas a entrada triumphal de Jesus alem devia de ser immediatamente seguida das ignominias da rua da Amargura...

As agonias du cruz formariam a antithese das aclamações enthusiasticas do populacho...

* * *

Tambem entre nós encontra-se perfeito simile desta sangrenta, desta pavorosa tragedia...

Alguma cousa houve, no Brazil tambem prophetinada tambem ardentemente desejada...

Tambem teve a sua entrada triumphal no meio deaclamações e de gritos de alegria...

Entoavam-se hosannas em toda a parte por toda a parte se estendiam mantos á sua passagem...

Porém, essa phase foi de curta duração; em breve começou a trilhar a sua *Via Dolorosa*, de onde caminha para o Calvario e para o Sepulcro!...

* * *

Não lhe faltaram *Iscariotes* que a entregassem ás mãos dos principes dos Sacerdotes.

Arrastaram-n-a ao Pretorio do desprestigio universal, expondo-a, propositalmente, a todos os escarneos!

Invocaram, contra ella, o falso testemunho dos maus patriotas, preferindo-lhe até o Barrabás da Restauração...

Ataram-n-a á columna infamante da imprensa venal; cerraram-lhe á garganta a corda do estado de sitio, puzeram-lhe nas mãos a canna do jacobinismo demolidor; ás costas o manto do filhótismo; cingiram-lhe a cabeça com a corôa de espinhos dos fusilamentos e das deportações; alancearam-lhe o peito com o ferro envenenado das deposições; tocaram-lhe os labios com a

esponja da mentira, da qual distillava o fel dos boatos alarmantes!...

Atravessaram-lhe as mãos com os cravos dos impostos, envolvendo-a em seguida no amplo sudario da inepcia!...

Houve quem lhe quizesse quebrar os ossos com o martello da separação e do esphacelamento.

Só não houve Nicodemus e d'Arimathéa que lhe déssem honrada sepultura, ungindo-a com o balsamo precioso do amor de patria!

* * *

Por isso é que todos agora esperam que o epilogo desta pavorosa tragedia seja o Sepulchro da banca-rôta!...

Quem nos removerá a pedra do cambio, que pesa como o Himalaya sobre a bocca desse tumulo?..

Haverá tambem para ella o praso de tres dias; passados os quaes resuscitará?

Apparecerão as sanctas mulheres, a quem diga que as precederá em Galiléa?!...

Veremos ainda, no ar as linguas de fógo do Cenaculo, illuminando os espiritos de isto destas patriotas que nos apontem o caminho de uma nova terra de Promissão?!..

Depois das trévas do Sepulchro, virão os esplendores do Paraiso promettido, mesmo a Gestas?!..

* * *

Entretanto choram as ruas de Sião, porque não ha mais quem venha ás suas solemnidades...

Todas as suas portas foram destruidas, os seus sacerdotes estão gemendo, as suas virgens esqualidas e elle proprio saturado de amargura!

Viae Sion lugent...

S. Paulo, 27 de Março de 1898

J. Vieira de Almeida.

A Giacomo Leopardi

Leio-te: e a triste e mascula poesia
Que de teus labios flúe, dolente e forte,
Enche minha alma de melancolia.

Como tu, nada vejo além da morte
No tormentoso pelago da vida
Que a uma plaga serena nos transporte.

Volvo, comtigo, a vista entristecida
Ao silencioso pó da morta edade,
Que o mundo enchia de rumor e lida.

Punge-me a dôr, lacera-me a saudade,
Quando cantas a doce e breve hora
Das illusões da curta mocidade.

Soffres? Tambem minha alma soffre e chora:
Prelios inuteis, illusões desfeitas,
Toda a miseria do viver deplora.

Quanta amargura nesse olhar que deitas
A's glorias vãs ao amor, que agita e passa,
E ás almas, todas ao soffrer sujeitas!

Bebo tambem do tedio a amara taça,
E sinto, quando a tua angustia leio,
Que esse teu coração, que a dôr enlaça,

E' o coração que pulsa-me no seio.

Julia Cortines.

Literatas suécas

— Notas —

A Mensageira

Os suécos, em materia de historia, costumam dividir o tempo em periodos decennaes, e esse compúto se applica facilmente á literatura comtemporanea daquelle paiz.

Foi justamente de 1870 a 1880 que o naturalismo marcou a hora de emancipação para o pensamento suéco, tendo á frente o grande émulo de Zola, Augusto Strindberg, que teve a honra de representar n'um bello lapso de tempo a literatura de seu paiz.

Dez annos após — 1889-1890 surdiu uma vigorosa reacção contra o naturalismo, sustentada por Vernez Heidenstam e Oscar Levertin, este ultimo desertor do campo naturalista.

Nos ultimos tempos, finalmente, o movimento *idealista* tem feito um regresso offensivo contra o *cosmopolitismo invasor*.

«Sejamos unos, não busquemos sinão os nossos proprios modelos; somos assás ricos, com os nossos fundos», era o grito que lançava em Janeiro de 96 um dos apostolos da cruzada anti-naturalista, V. von Heidenstam.

Esse appello á independencia nacional em materia literaria parece que não foi obrigado: actualmente os esforços dos escriptores suécos tendem a desembaraçal-os de qualquer influencia extrangeira. Bellissimo exemplo que a nossa literatura indigena devia pautar para a sua norma. Só comprehendemos o «jacobinismo» em materia literaria: infelizmente, são raros os apostolos desse credo, nas letras patrias.

Voltemos porém ao assumpto das *Notas*.

Duas escriptoras de muito talento e cuja influencia não deixou de ser notada, duas mulheres. Anna-Carlota Edgrem, duqueza de Cajanello e Victoria Benedictsson, mereceriam por certo um estudo critico especial, si não tratassemos apenas de umas notas ligeiras sobre aquellas duas distinctas entidades, infelismente já desapparecidas do mundo literario suéco, a primeira morta em 1892, e a segunda, pondo termo a seus dias gloriosos em 1888: tendo, ambas, deixado, apesar de moças, uma digna bagagem literaria.

Lembremos ainda entre os grandes nomes da literatura «feminina» da Suecia, ao lado dos que vimos de citar, os de M.elle Selma Lagerlœf, nascida em 1859, e que se tornou celebre, da noite para o dia, com a publicação do seu livro *Saga de Gœsta*, em 1891. Era uma tentativa interessante em que a auctora, retomando o estylo pitto-

resco e energico dos velhos contos, apropriou-o harmonicamente com a expressão dos sentimentos modernos; a sua obra é de uma poesia palpitante, e o testemunho de uma riqueza prodigiosa de imaginação.

M.elle Lagerlœf publicou depois uma collecção de novellas em 1894 e, muito recentemente, um grande romance de literatura «futurista» — *os milagres do antichristo* (Natal de 1897).

M.me Alfhild Agrell, nascida em 1849, e que tem dado o melhor do seu talento para o desenvolvimento de bons dramas «femenistas», taes como — *salva* (1892), *condemnada* (1884) e num livro em que ella vasou a sua verve comica — *a viagem de L. Peterkvist a Stokolm* (1892) narra o atabalhoamento de uma velha dama da provincia lembrando-se já tarde de uma visita áquella grande capital. E vem a pelo dizer que si a Suécia conta mais de um humorista e mais de um satyrico, não possue comtudo os verdadeiros *auteurs gais* (este generos é sem contestação «eminentemente francez»).

Em compensação, os novellistas serios e originaes não faltam á Suecia, e alguns mesmos encantadores; a novella e o poema lyrico são os generos de predilecção do paiz e aquelle em que mais se sobresahem os seus auctores, não faltando, neste particular, o bello movimento «feminista.»

Para não citar outros, basta lembrar aqui, rapidamente, os nomes de M.me Gernandt Claine, autora de (*Miragens* — 1893; *Hella* e outras historias feministas — 1896).

M.me A. Wahlenberg *(Pequenas almas* — 1886; *Um grande homem*, romance, 1894; *Reis e princezas* — 1896, etc-).

M.elle Mathilda Roos, que fez nome com os seus romances A *travez as sombras, No paiz boreal,* etc.

M.me Mathilda Malling, que publicou em 1895 um grande romance da vida imperial de 1807 e, para chave de ouro, o bello nome de M.elle Ellen Key, notavel vulgarisadora, nobre obreira d'arte e do bem.

Por copia

Elmano do Val.

Immutabile semper!

Muda com o tempo a leda formosura,
Vão-se-lhe as graças no correr da idade;
A flor, a linda flor, viço e frescura
Perde n'um dia, e pompas da vaidade,
Dão passo ás vezes á mais vil desgraça...
O mundano prazer foge voando,
Dura veloz instante e logo passa,
Agras tristezas após si deixando...
— Só tu persistes sempre igual, constante,
Só tu não mudas, coração amante!

2—98. Olga P.

Poesia

Doirar a vida, ser grande e forte,
Cobrir de flores nossa morada,
Pensar sorrindo na propria morte,
É pôr um dique contra a lufada
Da nossa sorte!

Si o céu tem sombras e tem luares,
E' preferivel
Olhar e astro que encanta os mares,
E sempre, e sempre que for possivel,
Rindo, cantares...

— Felicidade, felicidade,
E's tão sómente
Sonho infinito da humanidade;
Gloria do crente,
Que te transforma numa verdade!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Notas pequenas

Carta do Rio — Deixamos de dar neste numero aquella interessante e apreciada correspondencia, e o fazemos com o maior contentamento... E' que se acha em S. Paulo a festejada escriptora e nossa incomparavel amiga Maria Clara da Cunha Santos, que veiu em companhia de seu digno esposo, o illustre engenheiro Dr. José Americo dos Santos, procuradôr da companhia *São Paulo Railway* no Rio de Janeiro.

Recebemos e agradecemos — as seguintes musicas editadas pela conhecida casa Filippone:

Mimosa e *Faceira* valsas, de Aurelio Cavalcanti; *Doutora,* valsa de Americo da Costa; e *Pas de quadre* schottisch por Alexandre Weissman.

Nomeação honrosa — O *Correio Paulistano* publicou ha dias a seguinte noticia: «Umdecreto do ministro das Bellas-Artes de França nomeou ultimamente a Sra. D. Magdalena Lemaire professora de curso de desenho graphico das plantas do museo de historia natural.

Essa nomeação foi festejada pelos feministas como uma nova conquista. Foi com effeito um acontecimento de alguma importancia, pois é a primeira vez que uma mulher é chamada a exercer funcções tão notoriamente officiaes, em um posto para o qual não faltaram candidatos masculinos.

A Mensageira

Publicações recebidas. — Recebemos: o n. 10 d'*A Mensageira,* a explendida revista litteraria da sra. d. Presciliana Duarte de Almeida. Como os demais, este numero vem *hors ligne,* repleto de verdadeiros primores. Assim traz uma *Carta do Rio* de Maria Clara, um soneto de Aurelio Neves,

intitulado *Celeste*, uma *Poesia* de Presciliana D. de Almeida, linda a valer, fechando com um trabalho poetico de Candido de Carvalho, que é um bom poeta, como se sabe.

Agradecemos o exemplar recebido e fazemos votos para que a *Mensageira* nunca mais deixe de nos visitar.

Está publicado o n. 8 da esplendida revista litteraria *A Mensageira*, dirigida pela distincta escriptora d. Presciliana Duarte de Almeida.

As nossas mais festejadas pennas femininas enfileiraram-se desta vez neste reducto delicado das lettras paulistas; é assim que *A Mensageira* dá-nos um bom trecho de d. Julia Lopes, poesias de Silvio de Almeida e Manoel Viotti, uma espirituosa *Chronica* de Maria Emilia, bons versos de Aurea Pires, etc.

Maria Clara, Eloy Alfaro, Delminda Silveira, Francisco Lins e Dolores Araujo, concluem o numero com bons trechos de prosa e versos.

E', como se vê, excellente este numero d'*A Mensageira*.

(Da *Nação*).

Veio ao nosso escriptorio o numero 9 da graciosa revista *A Mensageira*, jornal do bello sexo, que sob a direção da maviosa poetisa Presciliana Duarte publica-se em S. Paulo.

E' sempre motivo de festa para nós, a visita d'esta illustre collega, que, como tudo mais que sae de mãos de tão gracis escriptoras, é mimoso, attrahente e deleitante.

Hoje abrilhantamos nossas columnas com a transcripção de um magnifico soneto da intelligente redactora da apreciavel revista.

(Da *Gazeta de Leopoldina*).

A Mensageira, de S. Paulo, n. 9, do anno I, distribuida a 15 do corrente. E' mais uma joia litteraria o presente fasciculo da apreciada publicação dirigida pela distincta escriptora mineira d. Presciliana Duarte, como se póde apreciar pelo seu summario.

(Do *Minas-Geraes*, de Ouro Preto).

São Paulo | 30 de Abril de 1898 | Anno I, N. 14

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Sobre a educação em geral, Delminda Silveira; — Só, soneto, Manoel Viotti; — Amphitrite, soneto, Francisca Julia da Silva; — No meu Atelier, Julia Lopes de Almeida; — O Juca da Generosa, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — Lagrima tardia, Perpetua do Valle; — Hiemal, soneto, Aurea Pires; — A mulher, Francisco Barroso; — Carlota Corday, soneto, Maria Jucá; — Morta, soneto, Adelia Jucá; — Notas pequenas.

I

Observações

sobre a educação em geral

(Infancia)

Diz-se vulgarmente que — de 7 em 7 annos o individuo muda; — assim, depois dos 7 annos começa a segunda phase da infancia. E' então que a creança entra por assim dizer, em uma nova vida; sua intelligencia, como flôr que desabrocha, necessita que um doce raio de luz a vigore e embelleça, qual a restea de sol que faz expandir suave perfume á candida magnolia; torna-se necessario um cultor áquella tenra bonina.

Fala-se então em collegio, em professores... e, eis a avesinha novel tolhida, em grande parte, em sua descuidosa liberdade!

Mas... um pequeno collegio onde se ensina o *A, B, C*, o *b-a-bá*, o «Bemdicto»... que tanto basta a uma creança de 7 annos!...

Ah, por Deus! mães carinhosas, não mandeis vossos pequenos amores tão cedo ao collegio!

A menos que não sejais analphabetas, podereis, e deveis vós mesmas ser ainda, unicamente, o mentor de vossos filhos.

Quão suaves e graciosos não são todos os versos d'aquella singela e meiga poesia que se acha em um bom livro destinado a leitura da infancia, e cujo primeiro quarteto é o seguinte:

«Quando eu era pequenino
Que nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
Ao Deus do Céu adorar.»

E, sem duvida, quando aquelle pequenino já sabia bem falar e comprehender, sua bôa mãe não só

lhe ensinaria os deveres da Religião como ainda os da Sociedade.

Desde a primeira infancia a mãe deve habituar seus filhos á pratica da Civilidade, não esquecendo o asseio — um de seus principaes deveres, e tão util quanto agradavel. Depois, quando a creança já possa comprehender o que lêr, juntando ás suas mais amplas explicações, dar-lhe-ha um «Compendio» dos deveres sociaes.

Nada mais agradavel do que um trato ameno e cortez. pois a delicadeza comprehende todos os pontos da Civilidade.

É á mesa, dizem os ingleses, que se conhece a bôa educação.

Mas, não será antes no Templo?.. Ali se observam os deveres tanto religiosos como civis.

Si a mãe é verdadeiramente religiosa não esquecerá de instruir seus filhos nos pontos essenciaes de sua crença, e, como falo particularmente ás mães brasileiras, portanto á mulher catholica, dir-lhes-hei: ensinai a vossos filhos a religião de Christo, porém sem exageros, sem extravagancias de praticas absurdas ou fanaticas.

E' bello e edificante ver-se os meninos e meninas, chegados aos 12 annos, promptos á receberem o Sacramento Augusto da Communhão.

E' para elles um dia grandioso e solemne esse em que, vestidos de gala, mas sem ornatos nem joias, vão gravemente receber a bemçam de suas bôas mães, que os abraçam e beijam commovidas com a maior e mais profunda ternura.

As jovens virgens singelas, vestidas de branco, coroada de alvas rosas a fronte serena e pudica, que se esconde sob o candido véu da castidade, como outr'ora as neophitas do Christianismo: os jovens quasi adolescentes, que em breve encetarão os primeiros passos n'esse caminho da mocidade, tão plano e semeado de flores, mas tão cheio de encantadores desvios onde a Innocencia se perde, e sob tapizes de variegadas rosas se dissimulam abysmos profundos, nos quaes tantos se precipitam feridos dos mais acerbos espinhos...

Uns e outros conservarão para sempre a doce memoria desse tocante espectaculo, d'esse dia tão cheio de doçuras e santidade que lhes fará olhar com respeito e amor os actos sagrados de sua Religião.

Tenho notado, muitas vezes, entre familias da melhor sociedade, nas creanças, um habito que detesto: é o de tomarem parte na conversação geral. Ellas emittem opiniões, reprovam, contradizem, etc; é intoleravel! E quantos inconvenientes não podem resultar d'isso, pensai-o bem. Sobre ser uma falta de respeito aos paes, e

descortezia ás pessôas presentes, a creança, sempre inconsiderada, póde comprometter seus paes ou outras pessôas, envergonhal-as, intrigal-as, etc. etc.

Quanto é amavel e credora da mais doce sympathia a creança bem educada!

Deixai que vossos filhos sejam *vivos*, traquinas, ruidosos, é natural e proprio da infancia, porém, sabei reprimil-os, a tempo, pela obediencia; sustai-os com um só olhar.

Parece-vos isto mui difficil, ó paes carinhosos?

Entretanto, só de vós depende; vós sómente podereis alcançar que vossos pequenos em suas travessuras não se magôem, a si ou a seus companheiros, e se tornem insupportaveis, a todos, ou sejam causa de prejuizos a alguem.

Depois dos 7 annos, deveis exercitar vossos filhos em gymnastica: sabeis quanto a hygiene isso recommenda ás creanças.

Outros meios igualmente hygienicos e que tornarão vossos filhos robustos e sadios são os banhos frios e os passeios do campo.

Habituai-os desde a mais tenra idade aos banhos, começando-os pelo verão; levai-os á passeio nas horas apraziveis das serenas manhãs, e deixai-os correr livremente pelas planicies, colhendo flôres e borboletas a sombra das grandes arvores; vereis então n'aquellas mimosas faces o carmim das rosas da primavera, e os risos e os cantos brotarão de seus labios, como testemunho de um espirito vivace em um corpo pleno de vigor e vida.

Para o menino, como para a menina, a educação até os 10 annos é quasi a mesma.

Quando o filho passa aos estudos secundarios, a filha da classe elevada começa tambem seus estudos differentes; aquelle vai impreterivelmente ao collegio de maior nomeada, si não se lhe dão professores que venham á casa, o que é preferivel sempre que possam os paes contratal-os.

Si a um rapaz será isto mais conveniente, que se dirá a uma menina?

E' d'esta idade em diante que os paes devem ser mais escrupulosos na escolha de amigos ou companheiros de seus filhos.

A menina terá tambem um professor ou professora apta e bem escolhida, e, além dos estudos do menino, dar-se-lhe-ão licções de *prendas* ou trabalhos manuaes, e alguma pratica das occupações domesticas dirigidas por sua mãe.

Emquanto o menino de familia mais distincta ou abastada se prepara para o curso academico, o filho da classe média muitas vezes segue a vida do operario. Os paes do futuro artista lhe proporcionarão um mestre habil e honesto, e

sempre de accordo com a inclinação natural de seu filho, quanto a profissão a seguir, sem o que, nunca terão um Artista perfeito.

A menina d'esta sociedade será instruida por sua mãe nos affazeres domesticos, acompanhando-a, sempre docil e obediente. E a gloria do mais nobre orgulho, a satisfação mais pura e santa, serão a recompensa dos paes que, completa a educação da infancia, apresentem seus jovens filhos á Sociedade, que os receberá sempre com sympathia e applausos, pois levam comsigo o *talisman* que a todos encanta: — os attrativos de uma bôa educação.

Capital de Santa Catharina.

DELMINDA SILVEIRA.

Só

Dos meus sonhos na verde ramaria,
Só ficaram a morte e a solidão...
Luiz Murat.

Ao Bento Barreto

Compulso o livro da saudade — inserto
No capitulo exul da nostalgia —
Percorro folha a folha, esse deserto
Que na minha'alma abriste á luz do dia.

Das illusões, no doce oásis, certo
Já não ha, como outr'ora sempre havia,
A palmeira do amor, qual pallio aberto
Sob o páramo astral da fantasia.

Tudo palpita aqui n'uma saudade;
E, onde puzeste outr'ora um louro sonho,
Resôa o dobre de uma soledade...

Do amor em vão a lucida chimera
Derrama a luz neste estendal medonho
Onde, sómente, a grande magua impera!

MANOEL VIOTTI.

Amphitrite

Louco, ás doudas, roncando, em látegos, ufano,
O vento o seu furor colerico passeia...
Enruga e torce o manto á prateada areia
Da praia, zune no ar, encarapela o oceano.

A seus uivos, o mar, chora o seu pranto insano,
Grita, ulula, revolto, e o largo dorso arqueia;
Perdida ao longe, como um passaro que anceia,
Alva e esguia, uma nau avança a todo o panno.

Socega o vento; cala o oceano a sua magua;
Surge, esplendida e nua, envolta em aurea bruma,
Amphitrite, e, a sorrir, nadando á tona d'agua,

Lá vae... mostrando á luz suas formas redondas,
Sua clara nudez salpicada de espuma,
Deslizando no glauco amiculo das ondas...

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

No meu Atelier

(Paginas de uma carteira)

Eu andava doido á procura de um modelo para a minha estatua de concurso — Venus sahindo das aguas —. Errei tardes e noites por todos estes meandros do Rio de Janeiro, sem encontrar sombra de corpo, ao menos, que servisse. Um dia, o meu criado *Fréd*, sempre muito interessado pelos meus trabalhos, e de olho á espreita de provaveis triumphos, interrompeu-me o somno da manhã, sacudindo-me enthusiasmado:

— Senhor!... está aqui na sala um modelo!

— Mentes, Fréd!

— Juro!...

Todo elle reçumava alegria. Trouxe-me pressuroso o chambre, preparou-me a agua para os dentes, sempre a sorrir, muito vermelho, com o seu typo de allemão philtrado pelo Rio Grande do Sul.

Meia hora depois, eu esbarrava na sala com duas senhoras; uma velhota baixa, de queixo longo e bocca desdentada, e uma moça timida, encolhida dentro de um vestido de lã preta mal cosido, com um par de olhos tristes e avelludados. Meia duzia de palavras que adoçassem o epilogo do encontro, e logo depois pedi-lhe que se despisse.

Eu achava-a excellente para madona, com a sua epiderme de leite, os seus cabellos de oiro fosco, o o seu todo virginal e recolhido; mas, que diabo! a urgencia era de uma Venus! «Vamos, minha senhora! dispa-se; preciso vel-a núa, insisti.

As papoulas não são mais vermelhas do que a côr alastrada pelas faces da pobre moça. Houve um olhar entre as duas: uma dizia alvoroçada:

«Não posso!» a outra supplicava com vehemencia: «Deixa!»

Era a fome. A velha remoía a queixada, torcendo as mãos sobre o chaile russo; então a neta, atirando com desespero o seu chapeu de palha escuro para o chão, desabotoou-se rapidamente, e, num segundo, o seu corpo alvo e fino apparecia todo, desde os artelhos delicados, até ao pescoço alvo e roliço.

Olhei-a bem... demoradamente... ainda não era aquillo o que eu precisava!... era novo demais aquelle corpo franzino, muito fresco e virginal para a mãe do Amor! Eu queria contornos mais redondos, linhas mais fortes, sobretudo mais carne. Regeitei-a. Houve um silencio; o modelo suspendeu as roupas, calado, tremulo, pallido, e eu vi então que pelo seu rosto as lagrimas desciam quatro a quatro.

A velha chamou-me para um recanto, atraz do um cavallo de ges-

so, e ahi, disse-me soluçando que havia dois dias que não comiam nada, nem achavam trabalho . . . uma desgraça! Se a neta não fosse tão recatada já teria feito uma loucura . . . e a sua mão engelhada estendeu-se tremula, em concha, corando ella, por sua vez.

Uma ideia! gritei; quem vae servir-me de modelo é a senhora. Preciso de uma estatua para uma capella de caridade... falta-me exactamente a mendiga para completar o grupo... — *Fréd!* prepara almoço para tres!

A velha beijou-me a mão.

Mas era magnifica! Demos volta ao cavallo. A moça já lá estava a um canto, com o seu chapeusinho de palha enfeitado de velhas margaridas desbotadas sobre os cabellos divinos, e o seu vestido pobre acolchetado á pressa.

Fui a ella, dei-lhe o braço, e vi que desfallecia.

Era talvez a fraqueza juncta á commoção; estava gelada e com um tremor de passarinho doente Com um arranco deitei ao chão os meus bibelots, e, tirando o panno de velludo da mesa ao lado, envolvi nelle a minha virgem e reclamei do *Fréd* um calice de Porto.

D'ahi a uma hora devoravamos os tres o peru frio, o fiambre e os ovos trazidos de um hotel proximo. Mas nem o regalo do almoço fez sorrir a pequena, que se quedava absorta e com o olhar sombrio, onde errava um mysterio

Passaram-se dias e a bôa da minha velhota não comparecia ás sessões! Enfastiado, fui eu mesmo saber da causa. Achei-a a morrer de fome, desconsoladissima e atirada para um canto, ao lado de uma janella aberta. A outra sahira. A desgraçada explicou-me, humilhada:

— Senhor, eu não fui ao seu *atelier* porque ella não quiz... teve ciumes, ficou zangada! Antes o senhor não a tivesse regeitado... aquillo era um sacrificio enorme para ella!... é muito casta... mas... o peior estava passado... foi pena que o senhor a tivesse regeitado! Agora trata-me mal... tem ciumes. Lembra-se d'aquella vertigem? Ella tinha ouvido tudo, a sua proposta enfureceu-a... Agora trata-me mal... tem ciumes de mim!...

Por mais de dez vezes a velha repetiu aquella phrase amarga, com as faces cavadas e um sorriso doloroso. Dei-lhe uns magros tostões e... e aqui vou por estas ruas á procura de uma Venus... sem vaidade! E não a encontro! e não a encontro!

II

A Baroneza veiu pousar hoje ás duas horas, para o retrato.

Eu tinha-lhe aconselhado um corpinho amarello, trouxe um azul;

pedi-lhe que não alterasse o penteado: fez-se pentear por um cabelleireiro; colloquei-a de perfil, — pediu-me que a deixasse ficar de frente; lembrei um ramo das suas magnificas orchideas roixas para o peito, — reclamou de preferencia duas rosas brancas para os hombros... No fim teve esta phrase encantadora:

— Faça-me um quadro artistico, bem ao seu gosto!

E ainda da escada voltou-se para lembrar que não queria o fundo claro...

Prometti-lhe uma cortina vermelha, e ella sahiu radiante!

III

Comprei ha annos um bronze em um bazar italiano. E' um mendigo esfarrapado, ossudo, de largo chapeu e sandalias rotas. Em vão procurei o nome do artista nesta obra prima. O bronze foi evidentemente salvo de um incendio. A parte inferior do pedestal, corroida e inutilisada, mal sustenta a figura do velho pedinte. Eu scismo deante d'aquellas orbitas vazias, de cego, d'aquelle manto ondeante, d'aquelle gesto de incerteza e de medo, d'aquella expressão funda de duvida e dor, nas horas de trabalho e nas esperanças de gloria do seu creador. E tudo me parece fumo, poeira! De que nos servem as ambições e as glorias? A terra tem o mesmo peso para todos, os homens o mesmo esquecimento, e o fogo come, lambe e destróe o duro bronze como o fôfo arminho! O artista, afinal... só depende do acaso!

Todavia, os meus olhos afagam a estatueta, e por todo o meu ser um deleite se espalha, grande, puro, divino. A mim que me importa o nome, se a alma não vem nelle mas na obra d'arte?

IV

Nas horas de desalento o unico conforto em arte, que me anima a proseguir, não é olhar para os trabalhos dos outros, é olhar para os meus!

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

O Juca da Generosa

A Adolpho Malevolti

Era um typo original o Juca. Conheci-o em Pouso Alegre, ha annos. Forte, moreno, tostado pelo sol, a musculatura rija e bellas formas, o rosto intelligente e franco, a voz clara e cantante, cabellos negros revoltos, em ondas, era o Juca um destes typos que a gente vendo uma só vez não esquecerá jamais.

O Juca fez toda a Campanha do Paraguay, como soldado voluntario, e era um praser ouvil-o contar as proesas da guerra. Ignorante, nem ao menos sabia ler, mas era intelligentissimo. Tinha muito gosto pela poesia e improvisava versos com rara habilidade. A proposito de tudo lá vinha um verso, errado as vezes, mas sempre original e gracioso. Era um desiquilibrado adoravel. Na sua esphera humilde exerceu diversos empregos. Nunca vi uma creatura tão insconstante assim, trabalhava por dia capinando hortas, era campeiro, camarada, pescador, coveiro e vendedor ambulante. Todos em Pouso Alegre o estimavam. Embriagava-se as vezes, mas não havia bebedeira por mais forte que fosse que o fizesse perder o bom humor e genio brincalhão.

Um domingo, recordo-me bem, o Juca da Generosa foi ao Mercado e vio um menino vendendo uns passaros presos em um alçapão.

— Pequeno, diz o Juca, quanto queres por esses passaros?

— Por todos, pelos nove? 5 mil rs.

— Vê lá se m'os deixas por 4 e compro-os todos.

— Prompto, o negocio está feito.

E o Juca contente, com indizivel alegria, os foi soltando, um a um. Quando soltou o ultimo *anum,* disse triumphante: nove desgraçados de menos.

Admirada com o exquisito procedimento do Juca — que leva quasi toda a semana a trabalhar para ganhar 4$000 rs. — pensei que elle estivesse bebado. Mas não! fez muito de proposito e em seu perfeito juizo. Disse-me que já tinha almoçado naquelle dia, que não precisava de dinheiro toda aquella tarde e que mais si divertia restituindo a liberdade áquelles pobres passarinhos do que indo ao circo, de noite.

Depois, fitando-me seus grandes olhos negros, disse-me: quando eu estou bebado e desordeiro, que me prendem, minha pobre mãe fica quasi louca de dor, váe pedir por mim, e quando me soltam, que alegria! Eu pensei nisso, e quem sabe o que será feito da mãe daquelles passaros?

Generosa, a mãe do Juca, era uma pobre mulher, muito estimada e boa. O filho, com esse genio de bohemio, era toda a sua alegria e o seu tormento. Quantas vezes ella foi chorando lá em casa pedir a meu Páe que lhe valesse. E vel-a chorar, era certo, o incorrigivel Juca estava preso ou doente.

Uma vez, na festa de Santo Antonio, o sachristão não consentio que o Juca entrasse na Igreja, porque estava immundo, bebado, todo molhado e dizendo inconveniencias. O Juca insistiu, o sachristão empurrou-o. Resignado a

ouvir o sermão de fóra do templo, o Juca de improviso disse o seguinte:

Escutae, nossa Senhora.
Desse teu altar sagrado
Expulsaram para fora
O teu Juca desgraçado.

Mas isso se faz? Embora
Seja um bebado ou mendigo,
Quero beijar-vos senhora!
Quero em vão, pois não consigo!!

Uma occasião achei muita graça no Juca. Approximava-se a festa de S. Sebastião, em Janeiro, havia muita animação, a orchestra fazia seus ensaios em casa do professor José Cardoso, todas as noites. O Juca era infalivel nos ensaios da musica e fazia grande barulho applaudindo e pedindo *bis* a todas as peças. Eram taes os applausos que importunavam os musicos. As vezes não tinha terminado uma peça em uma firmata que a musica fizesse, começava o Juca a bater palmas e a applaudir de um modo entontecedor. Em vista da inconveniencia de tal espectador, resolveram não admittil-o mais nos ensaios. A' noite, quando os musicos estavam se reunindo e iam começar o estudo, o Snr. José Cardoso teve a lembrança de fechar a porta antes da entrada de tão importuno espectador. Não se atrapalhou o Juca e apezar de ficar muito desapontado e triste, immediatamente improvisou os seguintes versos:

O' senhor que está de dentro,
Tenha dó de quem'stá fóra,
Se é que está com seu amor ...
Diga já que eu vou-me embora.

Sempre o Juca fazia das suas. Gostava muito de obsequiar. Uma vez levou elle de presente á minha prima Ismenia uma bandeja de verduras lindissimas. Era um mimo! Alfaces viçosas, tomates, cebolas, pepinos, emfim, uma agradavel e formosa bandeja de legumes.

Minha prima, surprehendida, agradeceu muito o presente e pediu ao Juca que não se incommodasse mais.

D'ahi a 10 minutos, se tanto, quando minha prima havia entrado para o interior da casa, bate á porta novamente o Juca. — Que é? que queres? — Ah! *siá* Dona Ismenia, eu quero, mas... estou com vergonha, mas... a Sra. sabe.... as vezes acontece... eu... eu... — Que desejas? dize, dize. — Eu queria 2$000 rs. para pagar aquelle homem que ali está (e apontava para um sujeito parado á esquinha) que me vendeu essas verduras e quer ser pago. De modo que o tal presente foi pago á vista. Minha prima ficou com as verduras pelos 2$000 rs. e ainda teve que agradecer ao Juca a lembrança.

A ultima vez que o vi, foi na vespera de sua morte. Era um domingo alegre e festivo. Ao despedir-se de mim, tomou-me silenciosamente a mão e bejou-a. Estava de perfeita saude, forte e como sempre jocoso. Soube que no dia seguinte morrera afogado no rio Mandú, o formoso rio que banha Pouso Alegre.

As chuvas continuadas de muitos dias haviam promovido uma enchente completa nas margens do Mandú. Os barrancos altos do rio estavam submersos e de espaço a espaço via-se uma ilhota coberta de rica vegetação — era a copa de uma grande arvore. Eram 6 horas da tarde. O sol doirava o cume dos altos montes; bandos de pombas-rolas voavam alegremente. O pobre Juca estava bebado. Fez um discurso cheio de enthusiasmo, o alcool emprestara-lhe arrogancia e eloquencia extranhas e depois muito contente, disse: meus senhores, o Juca vae virar um peixe, vae para o fundo deste lindo rio e se não voltar... adeuzinho... até lá no céu.» Saltou e desappareceu. Como elle nadasse bem, não causou cuidados. Quando a demora do mergulhão prolongou-se por alguns minutos, alguns rapazes corajosos precipitaram-se nas aguas para salvar o querido desgraçado. Em vão! Baldado esforço! No dia seguinte foi encontrado enroscado nos galhos de uma arvore secular que a enchente cobrira quasi que completamente. Morto conservava ainda nas faces aquelle mesmo ar de compaixão e de bondade que sempre tivera. E finou-se obscuro qual tinha existido aquelle pobre desiquilibrado cuja vida foi uma comedia constante e cuja morte fez marejar de lagrimas os olhos de todos que o conheceram. Morreu como vivera — arrebatado pela poesia! E nas aguas formosas do poetico Mundú derramou a ultima lagrima — a que vem inevitavelmente no momento extremo — e o derradeiro suspiro de seu grande coração foi abafado pela corrente precipitada d'aquellas aguas christalinas.

Maria Clara da Cunha Santos.

Lagrima tardia

Que outro titulo poderiamos dar a estas linhas, cujo fim unico é desfolhar goivos e saudades sobre o tumulo de uma poetisa fallecida ha mais de tres annos?

A *Mensageira,* na faina de congregar as escriptoras nacionaes, tem tido grandes alegrias e surpresas, conhecendo literatas que em longinquos estados do Brazil arvoraram a sua tenda do trabalho, mas tambem tem encontrado revelações dolorosas e motivo de

lucto para as letras femininas. Assim é que, só agora, tivemos conhecimento da morte prematura de uma das mais inspiradas poetisas brasileiras, a gloriosa alagoana Maria Jucá, cujo talento brilhante admiravamos de ha muito.

O primeiro trabalho seu que se nos deparou, ha annos, foi a seguinte poesia, que guardamos religiosamente, por ter sido para nós a reveladora do novo astro que principiava a fulgir no nosso meio literario:

A Lagrima e o Sorriso

Essencia do pezar, chrystalisada,
Do coração a perola aljofrada
Cáe, orvalhando a flor do sentimento...
Repreza, é como a lava, as crenças mata,
Mas, solta, é como a lympha da cascata,
Vivifica e faz bem ao soffrimento!

De aves do céu aos mais ridentes hymnos,
Desabrocha nums labios purpurinos
Das veigas d'alma a candida papoula!
Como em nuvens de opala, rutilantes,
Vem derramar em jorros nos semblantes
Dos prazeres a fulgida caçoula.

Uma, a lagrima, nasce de um desgosto,
Vem tristemente desbotar ao rosto
As rosas da alegria tão virentes;
Outro, o sorriso, nasce, perfumoso,
Ou das scismas de um sonho venturoso,
Ou do jubilo de gosos innocentes.

Uma traduz a dor, outro a alegria;
Este é aurora — precedendo o dia,
Aquelle — a noite fria, erma de encantos...
Mas, que vezes não brota, dolorida,
Entre risos a lagrima sentida,
E o sorriso não brilha envolto em prantos!

Após esta, tivemos ensejo de apreciar muitas outras producções da intelligente senhora, entre as quaes uns bellos versos intitulados *Olhos verdes*, dos quaes, infelizmente, não possuimos copia. Encetada a publicação da *Mensageira*, o nome de Maria Jucá foi um dos primeiros lembrados entre os das nossas mais queridas escriptoras. Empregamos desde então todos os meios de obter a collaboração da illustre brazileira, até que afinal uma de suas irmãs, Adelia Jucá, em amavel e delicada missiva, nos poz a par da triste verdade... Devido ainda á gentileza desta senhora, pudemos obter as notas que se seguem, publicadas no *Almanach Popular Brazileiro*, de 1897: «Na cidade de Maceió, Alagoas, finou-se a 3 de Abril de 1895, ainda no verdor dos annos, a Exma. Sra. D. Maria Jucá, auctora da poesia da pag. 136, *Flores d'alma*.

Foi alumna distincta do Lyceu Alagoano, onde exhibiu brilhantes provas do seu talento, sobretudo em mathematicas. Deixou crescida copia de producções em prosa e verso, nitidas traducções, versos em francez, etc.

Casada havia dous annos, deixou na orphandade um casal de filhinhos.»

Depois de havermos registrado, com infinda magua, o desapparecimento de tão preciosa existen-

cia, só nos resta o supremo consolo de ler os seus versos encantadores, desfolhando milhares de flores sobre o seu tumulo querido...

Offerecemos hoje a nossas leitoras um soneto de Maria Jucá. Foi-nos enviado por sua terna irmã, Adelia Jucá, cuja vida literaria se inicia agora na *Mensageira*. Que as musas lhe sejam tão propicias quanto á sua desditosa irmã, e que o destino lhe seja mais risonho...

PERPETUA DO VALLE.

Hyemal

A Arthur Andrade

Approxima-se o inverno espalhando na serra
Nebulosas que vão sobre as azas do vento
Ondeando levemente... ondeando... no momento
Em que a luz da alvorada a escuridão desterra.

No immaculado azul do vasto firmamento
O sol mais scintillante a palpebra descerra...
Dardeja livremente os raios sobre a terra
E no occaso por fim se apaga lento e lento!...

E quando a noite chega e silenciosa invade
A extensão da planicie e a doce claridade
Da lua vem bater na face da lagoa,

Na casinha de palha a pobre lavadeira
Assentada no chão, bem perto da fogueira
Cantigas do seu tempo em voz queixosa entôa!...

AUREA PIRES.

A mulher

E' de grandioso alcance afim de obter-se a grandeza da patria e mesmo a felicidade do genero humano, trabalhar-se á favor da educação da mulher, assim como da sua emancipação, conferindo-se-lhe as mesmas prerogativas que ao homem são concedidas.

Esta ultima parte será, estamos certos, recebida de lança em riste

e a guerra se ateará crúa por alguns espiritos, mas não nos demoverão do nosso proposito.

Não é esta a vez primeira que, na imprensa, havemos alvejado muito perfunctoriamente este assumpto.

Os cerebros do mundo culto, ha muito, que se agitam collaborando para a resolução de tão alevantado problema.

Nossa voz, alem de humillima, é fraca e mal poderá ser percebida no pandemonium politico que, infelizmente, barafusta as grandes idéas do seculo n'este paiz.

Outros e não nós munidos das credenciaes com que o talento e illustração os felicitaram, melhor fariam o que só com desataviada linguagem podemos fazer.

Não valem desculpas sabemos, toda vez que nos afoutamos ao alto mar.

A convicção da causa e a sinceridade com que a esposamos nos animaram a tomar este rumo.

E si, por acaso, encrespar-se o salso elemento e os ventos forem contrarios, ficar-nos-ha a satisfacção do tentamen.

Si assim não fosse, então, ninguem mais se arrojaria a explorar o pólo norte.

Por emquanto as tentativas n'este sentido teem sido infructiferas.

Dia virá, que terão bom exito.

O que vimos de tratar ácima, dizemol-o á puridade, é um dos nossos mais queridos ideaes.

As nuvens que obscurecíam o horisonte do seculo XIII, ao ser organisado o terrivel tribunal da inquisição, eram mais espessas.

Os povos tinham-lhe excessiva má vontade e, não obstante, só seculos depois, em 1820 foi que veio a desapparecer inteiramente.

A inquisição, durante sua existencia teve a petulancia de, com a força, que dispunha, pretender jungir simultaneamente o pensamento ao potro, á polé e á fogueira.

Obrigou até Galileu a desdizer-se: que a terra não se movia!

— *E pur si muove.*

Na lucta em prol das grandes idéas os *vencidos*, de hoje, serão os vencedores de amanhã.

Ao romper da aurora precede sempre a noite.

Esta ainda vai em meio, porém de vez em quando prateados cravos rasgam-lhe o negro manto e brilham á despeito do temporál que ruge a semelhança de uma legião de demonios.

Poderá alongar-se, mas a aurora irradiará.

O homem ha, com seu proficuo trabalho, diminuido as distancias, já com o telegrapho, já com o telephone, enchendo de muita luz o mundo, cujo brilho ainda é empanado pela falta de instrucção na maioria dos povos.

O seu genio inventivo, n'estes ultimos tempos, tem, admiravelmente, commettido milagres.

Entendemos que qualificando, por esta forma, suas descobertas, não exaggeramos.

Tudo isto muito exprime, é verdade, mas o maior objectivo, para onde devem ser voltadas ás vistas, o qual muito concorrerá para a reforma dos çostumes e levantamento da moral, é, não cançaremos de repetir, para a educação e emancipação do sexo feminino.

Nos outros paizes, como dissemol-o, já se sente o afan em promover-se, á par de outras medidas de interesse geral, o profuso derramamento da instructiva e fecunda semente por todas as camadas sociaes.

Aqui, é do que menos se cuida.

O grito de ordem é: Salvemos a republica.

Elle echôa de sul a norte e o barco de cavernas abertas, quilha partida, singra mar encapellado.

Os timoneiros, atordoados com a desordenada grita dos tripolantes, ensurdecem e... o horisonte se veste de negro, o trovão ribomba...

N'este medonho e dissonante concerto, do que menos se occupam os animos é de dedicarem-se a illuminar os espiritos, procurando esparzir, a mãos largas, os conhecimentos, pois, só assim, elle e ella se salvarão.

Caberia, portanto, a semeadura tambem ao sexo femenino e, na colheita a mulher estaria apta para comprehender melhor o importante papel, que lhe toca na sociedade e, estando na razão directa do seu adiantamento, a teria como fortissimo elemento do progresso.

Assim preparada, a mulher, attingindo o fim para que lhe destinou a propria natureza, engrandecer-se-hia e engrandeceria a geração que lhe sahisse do materno seio.

Então, não haveria que receiar, como receiosos se sentem, por ahí afora, alguns pensadores, em se lhe outorgar os mesmos direitos que são cabidos ao homem.

A mulher é riquissimo thesouro e, á proporção que se lhe for irradiando o espirito com abundantes conhecimentos sua riqueza se tornará inexgotavel.

O preconceito, fantasma de formas grotescas, preparado pela imaginação dos timidos, tem procurado embaraçar seu desenvolvimento instructivo, todavia, sua acção se ha, ultimamente, nullificado.

Os poetas a teem endousado, coroando-lhe a fronte de ouro, perolas, brilhantes e exquisitas flores e, ao passar como rainha que é, perfumam-lhe a passagem com orientaes essencias, saudando-a com divinaes estrophes.

Ella ao tempo que sabe ser mãi

e esposa, faz-se heroina e escriptora, brotando de sua alma angelica os mais santos sentimentos de amor e piedade.

Instruida, que seja, a sociedade se transformará completamente.

A evolução, esta grande lei, que as forças humanas não podem esmagar na sua marcha, resolverá este importantissimo problema, como ha resolvido muitos outros.

Napoleão, ao tempo que não cria na notavel descoberta de Foulton, que mais tarde revolucionou o mundo, dizia: que da educação da mulher estava dependente o prospero futuro das nações.

Uns considerarão nossos argumentos frageis, quebradiços mesmo; outros tachar-nos-hão de utopistas e o riso escarninho borbuhará na face macilenta do restante...

Não importa! arrimar-nos-hemos em abalisadas opiniões que exprimem em seus conceitos, milhões de vezes mais do que si escrevessemos resmas de papel.

Ousamos dizel-o, perdõem-nos os escolhidos da sciencia e do talento, a nossos olhos não perderia de valor a causa de que nos occupamos si não tivessemos a certeza de que espiritos eminentemente cultos, hão d'ella tambem se occupado.

A penna desvia-se, de quando em vez, em digressões que parecerão a alguem, desnecessarias e a nosso ver julgamol-as precisas.

Damos estas linhas, apenas como um simile de prefacio, embora pallido, como descorada petala de rosa atirada de rojão pelo vento em ardentissimo areal.

No correr da ardua tarefa que, de boamente, encarregamos-nos n'estas columnas, repetiremos sempre:

— Os povos só attingirão sua maxima cultura, quando a mulher fôr emancipada.

FRANCISCO BARROSO.

Carlota Corday

(A' digna amiga E. Suzanna S. Costa)

> Le jeune homme qui rêve un grand coup, qu'il s'appelle Aliband ou Sand, de qui rêve-t-il maintenant! Qui voit-il dans ses rêves? est-ce le fantâme de Brutus? Non, la ravissante Charlotte, telle qu'elle fut dans la splendeur sinistre du manteau rouge...
>
> **Michelet**
> (Les Femmes de La Révolution)

Quando seu casto seio virginal,
— O seio heroico que o valor sagrara,
Em um momento atroz, se desnudara
Da plebe ao impudente olhar brutal,

Cobriu-se toda de um pallor mortal...
Ella, que nem de leve descorara,
Quando em Marat, no coração, vibrara
O golpe redemptor de seu punhal!

Depois, quando o carrasco desabrido
Alçou a mão sacrilega, horrorosa,
Para ultrajar o anjo adormecido,

Já morta! a face livida, mimosa,
Rehavendo o formoso colorido,
Illuminou-se do matiz da rosa!

Engenho Jequiá-28-9-89.

MARIA JUCÁ.

Morta!!!

A' saudosa memoria de minha querida irmã Maria Jucá de M. Lima, fallecida a 3 de Abril de 1895.

«J'entends encore ta voix,
Tu vis, oh! dans mon cœur
Je prie Dieu pour toi
Toujours, ma bonne sœur!»

Entre as luzes do triste lampadario,
Na camara ardente, em que o silencio habita,
De dor vergada, soluçante, afflicta,
Osculei-a no esquife solitario!

Inda a vejo, da côr de seu sudario,
Tão nivea qual um raio luarino!
Porque talhado fôra seu destino,
Ter de findar tão cedo seu fadario?!

Su'alma, que ascendeu á azulea esphera,
Deixára mergulhada em dura fragua
Quem lhe daria a vida si pudéra.

Que diga, quem sentiu tão grande magua,
Essa dor, que meu peito dilacéra,
Pois que tenho inda os olhos razos d'agua.

Maceió, 31-5-96.

ADELIA JUCÁ.

Notas pequenas

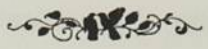
Doutora Anna Amalia de Carvalho Soares — Com profundo pesar, transcrevemos do *Paiz* a seguinte luctuosa noticia:

«Falleceu a 23 do corrente, na capital da Bahia, conforme telegramma nosso, a Doutora Anna Amalia de Carvalho Soares, esposa do Dr. Izaias P. Soares e irmã do nosso collega do *Diario Official* Manoel Augusto de Carvalho.

Formada aos 17 annos, tendo feito um curso brilhantissimo, D. Anna de Carvalho Soares, aos 19 annos, por concurso, já era professora cathedratica de physica e chimica, concorrendo com illustres medicos da Bahia.

D. Anna de Carvalho Soares deixa um vacuo no magisterio publico do Estado da Bahia, onde gozava de uma reputação não inferior aos seus talentos e á sua provada illustração.»

Carta do Rio — Ainda hoje não podemos dar aquella costumada secção. Maria Clara, porém, que partiu de volta para o Rio, a 25 do corrente, em companhia de seu illustre consorte, Dr. José Americo dos Santos, ex-redactor da *Revista de Engenharia*, nos promette reencetar as *Cartas* no proximo numero da *Mensageira*.



São Paulo | 15 de Maio de 1898 | Anno I, N. 15

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Anoitece, soneto, Adelina A. Lopes Vieira; — Com ares de Chronica, Maria Emilia; — In sylvis, soneto, Carvalho Aranha; — Flores sem fructo, conto, Ignez Sabino; — A' Paulicéa, Soares Junior; — Mme. de La Fayette, trad., Perpetua do Valle; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Selecção; — Pesadelo, poesia, Aurea Pires; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Depois de um passeio de vinte e tantos dias á formosa capital de S. Paulo, eis-me emfim aqui no Rio, a escrever a minha costumada carta.

Vinte e quatro dias que se passaram tão rapidos! tão felizes!

A S. Paulo eu levanto um hymno de agradecimento pelo generoso agasalho que nos deu, e espero que esta impressão deliciosa de gratidão que se aninhou em minh'alma, nunca mais me abandone! Não quero e não posso jamais me esquecer de S. Paulo.

A tantos obsequios recebidos e a tão captivantes provas de affeição que recebemos — meu marido e eu — seremos gratos eternamente. E haverá prova mais edificante de um affecto generoso do que a gratidão?

Bellissimos edificios possue São Paulo. Por toda a parte se veem construcções modernas e elegantes. Os estylos variados dos predios e a quantidade e riqueza dos jardins dão um aspecto encantador á cidade. Ha, especialmente, um quarteirão de palacetes nos Campos Elyseos que deslumbra a vista e encanta a alma!

Visitei a Avenida Paulista em uma manhã sombria! A paizagem, resentida com a falta do sol, não nos proporcionou todos os attractivos de sua belleza.

Admira principalmente a arte apurada dos bellos predios e a harmonia dos tons que se notam em toda a alameda. A caixa d'agua situada no alto do morro, é cheia,

de poesia e sente-se prazer em aspirar o perfume das flores ao som das aguas que se desdobram crystallinas no grande chafariz central. No interior da Avenida, ouvindo o canto mavioso dos passaros e aspirando o perfume delicioso das flores, a gente se esquece das agruras da vida!

Presciliana, minha querida e devotada amiga, minha adorada companheira de todos os tempos, chamou-me a attenção para o grande echo da caixa d'agua e dizendo uns versinhos que todos nós sabemos desde creança, esperou que o echo reproduzisse fielmente o que um poeta já disse ha tanto tempo:

«Nas horas tristes do cair da tarde,
Não te esqueças de mim que te amo tanto!»

O dia do passeio á Cantareira, foi um dia de sol, um bello dia! Parece-me ainda estar percorrendo o lindo jardim, delicioso de folhagens e de flores exquisitas e contemplar no reflexo das aguas a belleza das arvores. Era de um verde encantador a côr das aguas; ao longe, atravez das frondosas arvores antigas, uma nesga azul do céu entrava triumphante de luz a completar a harmonia do quadro. Era um domingo; muitas familias lá estavam com seus providos farneis para passar o dia todo, alegremente.

Respira-se um ambiente de saúde e de conforto n'aquelle logar, onde se encontram em deliciosa harmonia os primores do céu e as bellezas da terra!

O Ypiranga é um dos passeios obrigados a todos os excursionistas de S. Paulo. Ao pisar a grande e riquissima escada de marmore do monumento, senti um enthusiasmo intimo, um enthusiasmo repleto de patriotismo e orgulho por este Brazil, que estremeço.

E' que ali, naquelle logar sagrado, onde o grito de independencia ou morte foi dado como um protesto energico de nossa liberdade, até então oppressa, meu coração sentia uma onda de mel, uma onda de ternura inundal-o completamente.

Visitei o monumento como quem visita um templo: cheia de respeito e religião. O musêo é importante e variado. O edificio do monumento foi projectado pelo Engenheiro Thomaz Bezzi, que dirigio a sua construcção. De tudo o que lá vi do que mais gostei foi da secção de mineralogia. As pedras exquisitas e preciosas absorveram quasi que exclusivamente a minha attenção. A cadeira e a cama do Regente Feijó, a penultima camisa que vestio o General Carneiro, a cadeirinha da Marqueza de Santos

e muitas outras curiosidades formam uma secção interessante do musêo.

De noite em S. Paulo ha muito movimento e muita alegria. Tres vezes por semana ha musica no jardim do Palacio e é agradavel ver-se a animação d'aquella gente. Ha nesse jardim uma arvore esplendida — um carvalho magestoso. Fiquei pasma quando me disseram que aquelle colosso tem apenas 9 annos. Eu, a julgar pelas apparencias, calculava que o frondoso carvalho fosse do seculo passado!

S. Paulo deve muito ao illustre engenheiro D.r Ramos de Azevedo, considerado o constructor do São Paulo moderno. As mais bellas construcções da cidade são de planos seus.

A esse engenheiro devemos nós a obsequiosidade de nos haver mostrado alguns edificios e proporcionado o excellente passeio que fizemos a Juquery, para ver o monumental Hospicio de Alienados, que, sob sua administração, está sendo construido. E' um edificio esplendido, moderno, feito sob esclarecida e lucida direcção.

Falta-me tempo e espaço para descrever aqui tudo o que vi nesse agradavel passeio.

Bellissima vegetação circumda Juquery! No meio do matto avistamos algumas flores vermelhas, muito bonitas e exquisitas, de um formato bizarro e delicado. Admiradas — Presciliana e eu — nos mostramos encantadas pela flor tão rara! O D.r Ramos de Azevedo, com inexcedivel gentileza, fez parar o wagonzinho que nos conduzia e ordenou ao machinista que fosse colher as flores que tanto nos encantavam! D'ahi a pouco tinhamos nas mãos as cubiçadas flores!

Vi em São Paulo uma fructa exquisita que nunca vi em parte alguma; chama-se *kaki,* é de côr alaranjada viva, de sabor agradavel e um tanto semelhante ao abio.

Vou terminar esta longa narrativa... Antes, porém, quero enviar á minha boa amiga Zalina Rolim um abraço pela sua efficaz collaboração no formoso «Jardim da Infancia». Tambem que melhor jardineira poderiam aspirar as creanças do que a meiga e talentosa poetiza do «Coração»?

Tal qual o outro que foi a Roma e não vio o Papa, eu fui a S. Paulo e não vi o Eduardo Silva!

Um dia em Santos

Tambem fomos gozar das bellezas naturaes da viagem, na subida da serra do Cubatão. E' encantador o panorama e a viagem, toda cheia de surprezas, enleva-nos a alma prodigiosamente. Devido á gentileza e obsequiosidade do Snr. Speers, superintendente da *S. Paulo Railway,* tivemos excellentes e confortaveis logares para a pittoresca viagem

O panorama é o mais rico possivel! Verdes valles intercalados entre altissimas montanhas, formam um contraste imponente! Ha um despenhadeiro medonho no alto da serra; quando a locomotiva, cercada pela fumaça, chega ao ponto culminante da serra, a gente sente a pequenez das miserias da vida ante a perspectiva atroz do desconhecido!

Um nevoeiro intenso domina o horizonte. Tem-se a illusão de uma viagem aerea. Nos declives perigosos ha cabos de segurança para evitar accidentes. No alto da serra ha uma especie de cidade, onde vivem e trabalham mais de duas mil almas. Ahi o trem faz uma pequena parada. Pode-se então, a pouco e pouco, descortinar a bella perspectiva. Era um espectaculo imponente para nós, que nos surprehendiamos com as variegadas scenas de tão phantastico panorama.

Chegamos finalmente a Santos, onde meu primo Affonso Vieira da Cunha nos recebeu na estação, com a sua costumada lhaneza. Depois de excellente almoço, fomos visitar, de relance, a pittoresca cidade.

O tempo escasseava; era preciso saber aproveital-o avaramente. Acompanhados pela mais gentil das *cicerones* — minha prima Laia da Cunha — fomos visitar Miramar. Que encanto! Meu marido, que comsigo levava seu *pocket-kodak*, aproveitou a belleza da praia para tirar algumas vistas. Estavamos todos saudosos pelo mar! As ruas de Santos são amplas, limpas, alegres e ha muito movimento e vida. Tomamos o bond e fómos por ahi afóra, contentes, a conversar em tudo e em todos, com a soffreguidão de quem sabe que tem pouco tempo para dizer muitas cousas.

Excellente situação balnearia encontra-se em Miramar. Que bella praia! Quanta poesia e quanta saudade nos desperta o mar!

O sol do meio dia brilhava e os reflexos luminosos doiravam as aguas agitadas do oceano. Um velho e abandonado navio, encalhado a pequena distancia da praia, ali estava quebrado e desfeito como um protesto energico do prestigio antigo. As ondas vinham e voltavam e ao quebrarem-se, preguiçosas, de encontro ao casco abandonado e triste d'aquelle navio sem

dono, faziam pensar na constancia de certos corações sensiveis, que, mesmo abandonados e perdidos no mundo da ingratidão, conservam a mesma crença e o mesmo ardor dos primeiros tempos.

Em piedosa romaria fomos visitar o tumulo de José Bonifacio, que se acha em uma area da igreja do Carmo. A estatua do grande brazileiro jaz deitada sobre seus ossos, em um caixão de marmore, coberta por uma colcha de bronze. E' uma obra de arte muito bem acabada. José Bonifacio, o homem que reunio em si a triplice aureola da sciencia, da poesia e da politica, o homem cuja vida foi um exemplo de acrisolado patriotismo, repousa serenamente na sua mudez de estatua, na sombria area de uma igreja velha! Ao contemplar o grande vulto, senti no intimo da alma fortissima commoção!

E' que os grandes homens, os campeões do bem e da verdade, vivem em nossos corações eternamente, mesmo que a morte se apodere do seu corpo e que de suas feições de outr'ora só tenhamos uma ideia nas linhas artisticas de um marmore sem vida.

Maria Clara da Cunha Santos.

Anoitece...

(No album de Maria Clara da Cunha Santos)

Véu de tristeza a terra e os ceus invade;
de espaço a espaço, ave agourenta pia;
o orvalho chora, e, em lenta suavidade,
badala o sino ao longe — Ave Maria.

Ave Maria, essa hora em que á saudade
da luz, se junta o horror á treva fria,
tão cheia de mysterios e anciedade,
tão repassada de melancolia!

Cheguei tambem da vida a essa hora triste,
crepusculo, em que o sol já não existe,
em que a luz da illusão desapparece.

Horas ardentes em que o sol fulgura!
horas de amor! de gloria! de ventura!
Dia! porque me foges?! Anoitece...

Adelina Amelia Lopes Vieira.

Com ares de chronica

Completam-se hoje dez annos que a rosea luz de uma nova aurora se derramou sobre o solo abençoado da Patria! Foi a 13 de Maio de 1888 que se extinguiu no horizonte a ultima nuvem do despotismo — da deshumana escravidão! Dessa epocha para cá, todas as mães brazileiras teem os mesmos direitos sobre seus filhos. Até então...

Mas, que digo eu? — ainda hoje quantas mulheres desventuradas procuram debalde seus filhos? De muitas sabemos que fixaram

pela ultima vez o olhar nos fructos de suas entranhas, ao vêl-os sahirem *vendidos* para longes terras! A nós, já se nos afigura ser mentira essa triste realidade, que pésa como um castigo sobre o nosso passado!

Desde os mais tenros dias de minha infancia, revoltei-me contra a escravidão dos negros e contra o captiveiro da mulher! Nunca pude reconhecer o privilegio do *branco* nem o privilegio do *homem!* Nós todos, que pensamos e sentimos, que soffremos e amamos, que trabalhamos e luctamos pelo desenvolvimento da humanidade, cada qual á medida de suas forças, temos direito a essa divina graça — a liberdade! Ella é essencial a toda *alma*, como o ar a todo *ser*.

A victoria do abolicionismo, no Brazil, teve á sua frente o coração generoso, a grande magnanimidade de uma mulher — a Princeza Izabel. Só os espiritos pirrhonicos poderão negar-lhe a parte que lhe coube na companha da regeneração social. A ella coube assignar a lei de 28 de Setembro de 1871, que emancipava o berço dos captivos; a ella ainda coube a gloria de apressar e ultimar a grande reforma! Ouçamos a voz de Maria de Andrade, a notavel professora brazileira, na sua *Historia do Brazil:* «O barão de Cotegipe não concordando com a regente sobre a emancipação immediata, pediu sua demissão e foi substituido pelo ministerio João Alfredo (10 de Março de 1888), que se pôz á frente dos abolicionistas e conseguiu que fosse realisada esta reforma, sendo a lei da liberdade dos escravos sanccionada a 13 de Maio, no meio das mais enthusiasticas demonstrações de jubilo de povo, que alcatifou de flores as ruas por onde tinha de passar o carro da piedosa princeza, a cujos esforços, não ha negar, se deve aquelle grande acontecimento tão cedo e tão pacificamente alcancado.»

Commemorando a gloriosa data, voltamos o nosso pensamento aos grandes mortos que tomaram a dianteira na lucta pela liberdade dos captivos, e cobrimos de bençãos os nomes do marquez de S. Vicente, do Visconde do Rio Branco, de Luiz Gama, de Joaquim Serra, de Luiza Regadas, do inolvidavel Castro Alves e de Ferreira de Menezes!

E, como fecho a esta chronica, só nos occorre o seguinte soneto, da lavra de um grande orador abolicionista:

A Liberdade!

És, ou não és, serás: morta sorriste;
Vives no labio ingrato que te nega;
Presa — dás luz a humanidade cega;
Solta — teu seio ás seduções resiste!

Nunca envelheces, moça — alegre ou triste;
Teu hombro o globo colossal carrega;
Teu sangue é chuva preciosa — rega
O pó das gerações que nunca viste.

Mudas de aspecto e forma! — se vencida,
Faz-se derrota o symbolo da victoria;
De toda vida se compõe tua vida:

A Arte, a Sciencia, a Poesia, a Historia,
São teu cortejo triumphal! unidas
Levas do horto a humanidade á Gloria!

José Bonifacio.

Bemdigo mais uma vez o dia 13 de Maio, desejando que todas as mães brazileiras saibam incutir em seus filhos o verdadeiro amor da liberdade e as noções sublimes de uma nobre fraternidade.

Maria Emilia.

13 de Maio de 1898.

In sylvis

Quero cingir-te a fronte sonhadora
Das rosas mais gentis da Primavera:
A aurora rubra os arvoredos doura
E a alma do bosque, minha flor, te espera.

Deslaça a morna cabelleira loura;
Vamos, olhando as frondes cheias de hera,
Buscar num sonho a paz consoladora
A' magoa atroz que as almas nos lacera.

A floresta conserva aquelle antigo
Aspecto; e o mattagal é como abrigo
Extranho, pleno de um rumor selvagem.

Envolve o ambiente indefinido encanto
E o sol te espia, meu amor, emquanto
Tomba, e atravessa os crivos da folhagem.

(Inédito do *Cinerario*).

Carvalho Aranha.

Flores sem fructo

A' minha dilecta amiga Isabel Miranda

Debruçada na varanda de marmore que deitava para o mar cujas marêtas balouçavam-se brandamente como se movidas por ventarola de ignota fada, Alice Maia, filha do respeitavel capitalista, o commendador Maia, deliciosa loura de dezoito annos, reclinava o queixo na mão relanceando o olhar sobre as aguas banhadas por um feixe de luz violacea nessa tarde de Agosto, emquanto de enorme jardim com taboleiros a ingleza, as flores derramavam na athmosphéra delicadissimo perfume, a se contrapor com o agreste cheiro de maresia, sobretudo nas marés mortas. Cansada de ver a deliciosa marinha que tantas vezes observava, ao virar o rosto altivo e a cabeça penteiada á moderna, a sua bocca fresca comquanto um pouco sarcastica pelos frizos dos lábios, a fronte regular e olhos azues soberanamente bellos, dir-se-ia uma dessas castellãs dos tempos mediévos pela attitude fidalga do seu todo, ao sentir o peito arfar pelo trovador que ao clarão da lua viesse na barca cantar as trovas de amor, acompanhando no seu bandolim a orchestra timida das aguas. Educada á moderna e filha unica, um tanto caprichosa, punha em debandada os pretendentes, ouvin-

do-lhes as declarações, immovel como uma estatua antiga.

Todavia, era trabalhadora sabia occupar o seu tempo, e cuidava das flores que por suas mãos regava com substancias chimicas, sonhando um dia fazer uma pequena exposição, para estimulo. Vamos encontral-a neste mister, em quanto aguardava as suas ordens um rapaz muito novo que a olhava atravéz do respeito, com um quinhão de terna timidez.

— Já reparaste como eu faço este trabalho? perguntou sem o olhar

A fictar a vista algures, elle não respondeu.

— Estarás surdo com o clima do Brazil? Como que accordando de um sonho, gaguejou cousa muito diversa: ella impacientou-se.

— Andas no reino da lua?

— Perdão, minha senhora: se V. Exci.ª quizesse repetir o que disse...

— Para outra vez, abre mais os ouvidos, vê se esqueces ainda as minhas ordens. Corando até a raiz dos cabellos, o moço jardineiro resmungou affirmativamente, emquanto ella adiantava-se para receber um cavalheiro que lhe offereceu lindissimas orchidéas.

— E' justamente o que me falta aqui.

— O seu jardineiro pode bem arranjar diversos specimens, se não, h'os offerecerei eu, excellentissima.

— Vem cá, Jeronomymo, disse ella com um leve acceno de mão. Elle approximou-se.

— É a isto que se chamam orchidéas, flores, que nascem nos mattos e que eu aprecio immenso, compra-me algumas.

— Farei o possivel para não esquecer, senhora.

— Este rapaz é ainda novo aqui; permitta que insista em serem enviadas por mim, retorquio a vizita.

O camponio franzio as sobrancellhas ao passo que um relampago de antipathia passava-lhe nas pupillas muito negras.

— Deixe estar V.ª S.ª, que eu me incumbo disto, disse seccamente.

— Como quizeres, respondeu seguindo Alice, que retirou-se com o seu ar de princeza. O que se passava no peito do pobre rapaz e porque esta especie de despeito?

Pouco depois de sua chegada, ao vir substituir o pae, vestido de calças estreitas, jaléco de panno já surrado, chapéu de masso e trouxa ao hombro, notou que a filha do seu patrão era bonita devéras e tanto, que comparando-a, com as cachópas lá da terra, a moça brazileira em tudo differente, fazia-o ficar atarantado, irresoluto, ao offerecer-lhe uma flor especial, um ramilhete feito com arte, ao passo que ella mal o olhava, sen-

tindo elle tal pequenez d'alma, tanta humildade, tal receio, que o requinte brutal das violentas paixões inspiradas pelos aldeiães, desapparecia para tornal-o pusilanime, emquanto uma mésse de venturas intimas, tolhi-a-lhe a fala!... Ao sentil-o junto de si, vergavam-lhe os joelhos desejando adoral-a como uma santa, estremecendo ao ouvir a sua voz...

Que phenomeno era este? O desgraçado, com os seus vinte e dous annos, a despeito da sua baixa condicção, estava amoroso, apaixanado; os sentimentos aos poucos se lhe desabrochavam sem dar por isso como que a semelhança d'um sonho, esse mesmo sonho fazia-lhe bem, alimentava-se delle. constituindo-se um escravo do coração e uma victima da vontade da gentil senhora.

Um dia, na copa, ouviu uma rapariga dizer que a filha do patrão ia cazar com aquelle doutor que vinha diariamente vizital-o. Desde esse momento, sentiu-se triste; ao ver ambos de braço dado seguir para a varanda que deitava para o mar, o coração lhe doia como se picado fosse por todos os espinhos das rozeiras do jardim, sangrando outro sentimento que até então deconhecia — o ciume, que desde logo fêl-o lembrar-se da vingança.

Assim, daria desafogo ao máu estar que sentia n'alma, assim pagaria aquelle desprezo supremo que Alice lhe votava. Na sua loucura de homem inculto, como fazel-o? Matar o seu rival?... Não, nunca!... Sincidar-se?... jamais!... Então passou-lhe pela idéa ver soffrer a ambos, posto que sem graves consequencias para ella... Todavia, aquelle olhar de soberana se marejaria de pranto, emquanto elle soffreria a dôr physica, como por uma casualidade. — Soltaria os ções.

O *Leão* desconhecia até a gente da casa, a *Panthera* tambem. Imaginando o plano, escolheu occasião azada para as vesperas do cazamento, quando tudo estivesse prompto. Assim, demoraria a ventura do noivo e a della, que era uma imagem, como elle vira na egrejinha dos arredores de Leiria... Era tão bella!

— — — — — — — — — — —

Na vespera das nupcias, o céu ameaçava tempestade, eram onze horas da noite. Elle a passeiar por entre os arbustos, na salinha de espera via o vulto dos dous que no dia immediato não se separariam mais. Depois o noivo desceu ... era a occasião opportuna ... o coração batia desesperadamente; com a respiração affegante, sem remorsos, o olhar brilhou na escuridão da noite. Resoluto, quasi sem pizar na areia, havendo ti-

rado os sapatos de solla grossa, approximou-se dos animaes que lhe affagaram o rosto com o seu halito quente.

Elle passou-lhes a mão no pello hispido, animou-lhes as mandibulas dizendo em voz rouca, voz de commando, voz de demonio, sahida da garganta de um homem cioso, de um homem fera. «Isca Leão!... isca Pantéra!... morde!... morde... isca!... O imperativo da phraze soou aos ouvidos dos cães, que se encaminharam para o ponto designado com as fauces escancaradas.

—«Até amanhã, disse o noivo, com uma ternura muito doce, estreitando-lhe as mãos assetinadas.

— Até amanhã, respondeu Alice, inclinando a cabeça sobre o hombro, cheia de confiança e paixão. Apenas o rapaz chegou ao ultimo degráu, os dous animaes saltaram-lhe ao pescoço procurando mordel-o, emquanto elle com as mãos buscava desvial-os, os gritos da jovem fizeram acudir a familia que boquiaberta, de prompto gritou pelo jardineiro, sorpreza pelo que via.»

— Jeronymo!... Jeronymo!... exclamou o commendador. Onde diabo estará elle? E as féras sem soltar a preza, cravam nas carnes do moço as garras agudas, sedentas da preza, emquanto Alice desmaiava e elle debatia-se.

— Jeronymo!... Jeronymo!... O diabo!... vociferava o dono da caza, ao passo que a victima já quasi estrangulada e ferida, sentiu uma balla passar-lhe pelos ouvidos. Duas detonações mais despertaram o silencio das trevas, matando os cães, ao passo que uma gargalhada medonha, gargalhada de excarneo, dessas que estremecem os nervos e torna livido quem ouve, echoou pelos ares!...

— Jeronymo!... Jeronymo!... A correr como um foragido, o jardineiro sumia-se, saboreando a sua torpe vingança.

IGNEZ SABINO.

A' Paulicéa

Eu me sinto tão bem, quando em teu seio
De quando em vez vou procurar repouso,
Que experimento a sensação, o enleio
De um carinho materno, delicioso.

Nem um pezar, nem minimo receio
Encontro em teu regaço bonançoso.
Nesse elevado, edificante meio
Cheio de vida, alegre e futuroso.

Não quizera deixar-te, esta minh'alma:
Recrimina-me sempre e perde a calma,
Quando venho, outras plagas demandando.

E quando venho e o ferreo trem sibila,
A minh'alma, de impavida e tranquilla,
Conturba-se, magoada, soluçando...

Batataes, 23—IV—98.

SOARES JUNIOR.

M.me de La Fayette*)

(P. Jacquinet)

Foi a uma mulher que coube a a honra de reformar, ou superiormente transformar o romance, que, apenas creado em França, perdia-se em invenções chimericas e em refinados galanteios nas mãos dos successores de *D'Urfé*. A melhor obra de M.me de La Fayette, a *Princeza de Clèves*, fez mais contra a voga do *Grand Cyrus* e da *Clélie*, que as mais justas criticas de Boileau. Esta curta, attrahente e arrazoada ficção, pelos estudos aprofundados do coração, sem subtilezas, por uma generosidade de sentimento sem louvor insipido, por um interesse sustentado sem abuso de complicações, por uma linguagem tão pura e viva quanto delicada, abriu os olhos de todos sobre o convencional, o falso, o alambicado, a interminavel diffusão das obras de La Calprenède e de M.dle de Scudéry. Este brilhante melhoramento de um genero secundario, si o quizerem, porém, susceptivel, tambem, de bellas verdades e confinando, por mais de um lado o dominio do moralista e do poeta dramatico, não é um dos menos felizes progressos nem uma das novidades menos fecundas que tenham de assignalar a historia do espirito e do gosto francez no seculo dezesete.

Uma excellente cultura preparára M.me de La Fayette para este raro exito. Seu pae, homem muito instruido, dizem, e de merito, (Aymar de La Vergne, marechal de campo e governador do Havre), tivera o maior cuidado em sua educação. Teve ella por mestres, primeiro Ménage e o Père Rapin, mais tarde, por guia e conselheiro de estudos, o douto Huet. Suas leituras extrangeiras não se limilimitavam ao hespanhol e ao italiano: alliava e preferia aos auctores afamados destes dois paizes,

(*) Maria Magdalena Pioche de la Vergne, condessa de La Fayette, nascida em Paris. 1634—1693, teve por mestres Ménage e Rapin, foi um dos ornamentos do palacio de Rambouillet, e desposou em 1655, o conde de La Fayette. Ficando muito cedo viuva com dois filhos, ella abriu sua casa aos homens de letras, e fez amisade com os personagens mais illustres do seu tempo, com Condé e principalmente com La Rochefoucauld e Mme. de Sevigné. Esteve doente a ultima parte de sua vida, mas sempre de um espirito agradavel e serio. Como escriptora, distinguiu-se immensamente; fez uma revolução no romance, substituiu as aventuras chimericas, os sentimentos requintados de Mlle. de Scudery, pela verdade das paixões e pela linguagem do coração.

A *Princeza de Montpensier* appareceu em 1660; *Zayde*, 1670, excitou geral admiração; a *Princeza de Clèves*, 1678, consumou sua reputação. Os outros trabalhos seus foram publicados depois de sua morte: *Historia de Henriquetta da Inglaierra, Memorias da Côrte de França*, durante os annos de 1688 e 1689. Suas *Obras Completas* foram dadas a lume em 1812 e 1814, 5 vol. Ha *Cartas* suas na collecção de Mme. de Sévigné; a *Correspondencia* de Mme. de La Fayette está ainda inedita (Grégoire.)

modelos mais seguros, os latinos, que se acostumára a ler familiarmente na sua lingua. Introduzida no palacio de Rambouillet aos quinze annos, mas, com o espirito bastante esclarecido já e solido, tomou parte nos engenhosos divertimentos do famoso cenaculo, impunemente, ou antes com vantagem, sabendo apanhar o fino, o delicado, e deixar o requintado e o pretencioso. Chamada alguns annos após seu casamento com o conde de La Fayette (1661) á côrte do Palais-Royal por uma princeza que sabia distinguir todos os meritos, tornou-se a confidente e a amiga de *Madama;* ella poude nessa nova côrte juvenil, polida, galante, onde ficou como espectadora desapaixonada e curiosa, estudar de modo seguro e vivo o jogo das paixões e exercitar-se facilmente em ler nos mais secretos dedalos dos corações.

Sua vida, muito simples, não póde ser bem conhecida sinão por uma leitura seguida das cartas de sua melhor amiga, M.me de Sevigné, á M.me de Grignan. Seu nome apparece incessantemente nessa correspondencia com interessantes minuciosidades sobre seus gostos, habitos, amizades, e desgraçadamente tambem sobre sua saude, que desde cedo foi para ella uma fonte de provações. Sua saude, de mais a mais alterada após a morte de *Madama,* já não lhe permittiu, a partir de 1672, sinão raras apparições na côrte e nas rodas principaes da cidade: porém a sociedade onde ella não mais apparecia, ou, pelo menos, a elite dessa roda não deixou de procural-a em seu retiro, attrahida e sempre chamada pelas graças de seu espirito, solidez de seu raciocinio e bondade de seu coração. Entre os seus amigos mais caros, os de intimidade, La Rochefoucauld envelhecido, magoado pelas decepções de sua vida, soffrendo gotta, não era o menos assiduo. O auctor das *Maximas* vinha buscar o esquecimento do passado, o encanto do presente na conversação daquella que elle appellidára, com uma palavra achada por elle, uma pessoa *vraie* (*) e deixando-se pouco a pouco levar por essa doce influencia a uma philosophia menos amarga, á mais benevolencia e equidade para com a natureza humana. Em compensação, elle abrilhantava e aperfeiçoava com seus conselhos de escriptor severo o gosto, já tão puro e delicado de sua amiga (**)

(*) La Rochefoucauld passa por ter sido quem primeiro empregou a palavra *vrai.*

(**) Mme. de La Fayette mesma dizia de La Rochefoucauld: «Elle me deu espirito, mas eu reformei seu coração.» O coração do homem, e não a alma do livro, não o espirito das *Maximas*, que, publicadas desde 1665, não podiam se resentir desta sorte de conversão moral de seu auctor.

e não lhe era inutil para dar com lazer ás pinturas moraes da *Princeza de Clèves* o cunho da perfeição. Esta obra, escripta e conhecida da sociedade intima da auctora desde 1673, não veiu á luz da publicidade sinão em 1678.

O exito da *Princeza de Clèves* terminou o que o da *Zayde*, publicada em 1668 sob o nome de Segrais, (*) tinha começado. Hoje, o primeiro romance de M.me de La Fayette, apezar de suas incontestaveis bellezas, é mais citado do que lido.

E' que com as «paixões finamente tratadas» e muitas scenas verdadeiras e tocantes, elle offerece ainda, sobretudo na segunda parte, uma riqueza de aventuras espantosas, uma prodigalidade de rasgos magnanimos e de proezas heroicas que cançam a admiração e arrefecem o interesse. A auctora, naquella data, não estava completamente emancipada dos habitos do romance antigo, e submettia-se ainda, por certos lados, ao imperio de um gosto que uma nova e mais perfeita creação de seu genio ia desacreditar irrevogavelmente.

(*) M.me de La Fayette, por modestia, quiz a principio esconder-se sob este pseudonymo. O poeta Segrais, um de seus intimos, trabalhára sem duvida na *Zayde*, mas muito pouco, sua parte de collaboração se limitava, como elle mesmo confessou, em alguns retoques sobre a acção do romance.

Ha ainda de M.me de La Fayette duas pequenas novellas, *Madame de Montpensier* e a *Condessa de Tende*, e uma *Historia de Henriquetta da Inglaterra*, da amavel Madama, agradabillissimamente contada, e terminada por uma narração da terrivel noite de 29 de Junho de 1670 não menos commovente na sua simplicidade do que a funebre scena tão patheticamente descripta por Bossuet.

PERPETUA DO VALLE.

Por terras e mares

A Manoel Viotti.

V

A noute cahe gelida e feia.
A rocha clama. A bruma aterra.
O vendaval revolve a areia.
O oceano roja-se na terra.

Vestido de uma luz intensa,
Como de um sol a despontar,
Numa das mãos sustendo, pensa,
Lyra dourada — a caminhar,

A caminhar para meu lado
Um velho vem, de grave rosto,
(A barba longa, o olhar maguado,
Como um vislumbre de sol posto...)

Diz-me: «A licção foi-te severa,
«Emtanto não perecerás.
«Toma esta lyra, tange-a — e espera:
«Do Amor, soffrendo, viverás...

«Das bellas ilhas que sonhaste,
«Boiando pelo azul da vaga,
«O premio resta que alcançaste:
«Morta a ambição em longe plaga.

«Quando da Amada te partiste
«Fiz-me sereia — e, por signal,
«Que te fallei e não me ouviste,
«Quando predisse o grande Mal.

«Sem riso agora, sem fortuna,
«Procura a Amante bem querida,
«Ou nova Imagem, que reuna,
«Num sonho azul, raios de vida...

«Como a licção te foi severa!
«Emtanto não perecerás.
«Toma esta lyra, tange-a — e espera
«Do amor, chorando, viverás

«A's vibrações da lyra de ouro,
«A rocha dura fontes forma;
«A areia gera um campo louro,
«E a morte em magua se transforma.

«Vês esta estrada? Eis o caminho
«Que tens, afflicto, a percorrer.
«Volta em procura de teu ninho,
«Vibrando a lyra do soffrer...

CANDIDO DE CARVALHO.

Selecção

Quaesquer que sejam os costumes e as leis de um paiz, as mulheres são que decidem de uns e de outras. Livres, ou escravas, reinam, porque o seu poder se basea nas nossas paixões: esta influencia, porém, é mais ou menos salutar, segundo o gráu de estima que se lhes concede; ou sejam nossos idolos, ou nossas companheiras, meretrizes, escravas, ou bestas de carga, a reacção é completa; fazem de nós o que nós fazemos dellas. Parece que a natureza prende a nossa intelligencia á sua dignidade, como nós prendemos a nossa felicidade á sua virtude; por consequencia, é uma lei de reciprocidade de eterna justiça, que o homem não possa humilhar a mulher sem cahir na degradação, nem exaltal-a sem se tornar melhor.

AIMÉ MARTIN.

(Educação das Mães de Familia)

Pesadelo

Fragmento de um poema

Sombra que te approximas de meus lares,
Porque vens o teu manto de pezares
Arrastando a gemer?
Porque vens augmentar minha agonia,
Pois não basta esta dor que noite e dia
Lacera o meu viver?!

Chegando vens!... Na mão tremula, agora,
Tentas prender a minha mão que outr'ora
Tremeu junto de ti.
Recuo espavorida!... E ouço um lamento
Que foge de teu labio: «Oh que tormento!...
Assim nunca soffri!»

E baqueas por terra esmorecido
De joelhos chorando arrependido
De tua ingratidão.
Como deve soffrer, desesperada,
Tu'alma que eu julgáva immaculada
Numa doce illusão!

Testemunho calada o teu desgosto,
Vendo o pranto correr sobre esse rosto
Que outr'ora tanto amei!
— E nem de leve a commoção me abala!
No peito frio o coração se cala...
Se ainda vive nem sei!

Oh! Não deixes que a magua te consuma
Já não me inspira compaixão nenhuma
Teu pranto perennal!
Nem me condemnes! E' a maior loucura!
Eu tenho a minha consciencia pura!
Eu nunca te fiz mal!

AUREA PIRES.

Notas pequenas

Eliza Lemonier. — E' este o nome de uma senhora que merece muita admiração e respeito. Eliza Lemonier conhecendo a miseria das classes pobres, em Paris, e impressionada com a falta de preparo das mulheres que trabalhavam nas officinas, cogitou de um meio para sanar esse mal e conseguiu fundar a *Sociedade de protecção materna*, que foi depois transformada em *Escolas Profissionaes*, por Mme. Desfaure. Dessas escolas sahem annualmente educadas e aptas para ganhar a vida — tres mil mulheres.

Livros. — Nada menos de tres livros, — e livros de senhoras! — nos foram enviados nestes ultimos dias: *Preludiando*, livro de contos de Andradina de Oliveira, offerecido ás escriptoras brazileiras; *Luctas do Coração*, ultimo romance de Ignez Sabino e *Phantasias*, versos e contos de Candida Fortes.

Agradecemos ás suas gentis auctoras a remessa desses livros, sobre os quaes publicaremos artigos especiaes.

O Album das Meninas. — Com este titulo começou a publicar-se nesta cidade uma revista literaria e educativa, dirigida pela intelligente e criteriosa escriptora Analia Franco, que exerce ha longos annos, com proficiencia e dedicação, o cargo de professora publica, neste Estado. A nova revista tem como ideal dirigir a educação da mocidade, no sentido de propagar a religião e a fé, como verão as leitoras pelo seguinte trecho do seu artigo-programma: «A idéa luminosa e fecunda ensinada por Christo, váe se extinguindo lentamente nas nossas educações, dando em resultado um esmorecimento sensivel dos bons principios, e a decadencia dos costumes.

Todos os que pensam sobre o estado geral da nossa epocha, são unanimes em confirmar um perigo immenso de descrença e materialismo vulgares, que invadem hoje

os espiritos, e seguem na direcção das opiniões. No meio desta quasi geral debandada das consciencias, pensei um pouco na indifferenca e desiquilibrio moral da educação dos nossos dias, e sobre alguns meios de a prevenir e remediar.

Nesse intuito ouso erguer a minha voz desautorisada e humilde, a vós, ó mães e educadores da mocidade, para que formemos uma santa cruzada contra a descrença, o indifferentismo e o materialismo que como na Grecia antiga, nos preparam um abysmo para o futuro, se é que o presente não nos deixa já entrever.»

Recebemos e agradecemos: — *O Escrinio,* hebdomadario literario que, sob a direcção da talentosa prosadora Andradina de Oliveira, se publica na cidade de Bagé, E. do R. G. do Sul. Os numeros que nos foram enviados estão repletos de artigos vigorosos e interessantes;

A Familia, revista dedicada á defeza da emancipação feminina, da qual é redactora a intrepida jornalista Josephina Alvares de Azevedo. O numero que temos á vista é o primeiro de sua nova phaze e traz na primeira pagina o retrato de George Sand;

Perdido de amor, valsa por A. Weissmann, editada por Julia Filippone, e os *Estatutos do Conservatorio Livre de Musica,* do Rio de Janeiro.

A Mensageira

A *Mensageira,* anno I, n.º 11. Recebemos hontem esta encantadora revista que se publica em S. Paulo sob a direcção da Exma. Sra. D. Presciliana Duarte de Almeida. O padre Corrêa de Almeida figura neste numero com uns versos adoraveis, de perfeição e espirito.

Francisca Julia publica uns bellissimos alexandrinos, e Presciliana Duarte uma poesia vigorosa, original e commovente.

(Do *Debate,* da Capital Federal.)

A Mensageira — Appareceu o n. 11 desta elegante revista litteraria publicada sob a direcção de D. Presciliana Duarte.

Como sempre, está *A Mensageira* attrahente para a leitura.

O chronista da «Omnimoda» faz scintillar o *humour* da sua penna correctissima.

(Do *Diario Popular,* de S. Paulo.)

Recebemos:

A Mensageira. — N. 14 de 30 de Abril ultimo. O presente está interessante pelo grande numero de trabalhos em prosa e verso, firmados por conhecidas e laureadas pennas.

Julia Lopes, a primorosa escriptora, insere uma bella pagina — *No meu atelier.*

(Da *Gazeta de Petropolis.*)

São Paulo — 30 de Maio de 1898 — Anno I, N. 16

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Esta revista garante a sua publicação durante um anno.
Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Os Poentes, critica literaria, Silvio de Almeida; — Fóra da Barra, soneto, Luiz Guimarães; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Na Praia, poesia, Aurea Pires; — Vasco da Gama, Ignez Sabino; — Ao meu coração, soneto, Soares Junior; — Selecção; — Felice Cavallotti, Revocata de Mello; — Notas pequenas; — A voz do louco, poesia, Presciliana Duarte de Almeida.

Com ares de chronica

Quando na minha ultima chronica falava dos grandes homens que se dedicaram á remissão dos captivos, no Brazil, bem longe estava de suppôr que André Rebouças, o luctador audaz e destemido, que, levado pelo mais nobre dos corações, tanto trabalhou pela causa da raça africana, pertenceria dentro de poucos dias á confraria dos nossos mortos gloriosos. Foi em Funchal, na Madeira, que se finou o nosso eminente compatriota, engenheiro que tinha reputação universal e talento fulgurante, que abrilhantou a imprensa do Rio de Janeiro, no *Globo,* na *Gazeta da Tarde,* na *Cidade do Rio* e no *Paiz.*

«André Rebouças era a resignação servida pelo mais santo desprendimento; um anjo em peregrinação atravez da maldade humana para attenual-a, para aparar-lhe os golpes trahiçoeiros.

A sua vaidade era o bem alheio, o seu orgulho concorrer para a felicidade do seu proximo.

Na propaganda abolicionista, elle era o centro de que se irradiava o calor do apostolado sacrosanto.» Eis como se exprime a *Gazeta da Tarde* sobre o homem illustre que o Brazil vem de perder. Era um exilado voluntario que, após a revolução de 15 de Novembro, seguira a familia imperial, escravisado por uma gratidão illimitada á princeza, que concluira a obra da abolição, para a qual elle tanto concorreu.

Como verdadeiro espirito de eleição, preoccupou — se tambem com o problema da educação feminina. São delle estas palavras de incita-

mento á elevação da mulher: «Educae, instrui e elevae a mulher!

Formae Cornelias, mães de Gracchos; formae Beecher-Stowes, libertadora e mestra de seis milhões de africanos; e tereis assegurado o mais grandioso futuro á democracia brazileira. Oh! sim, mil vezes sim! Eleváe a mulher!»

A nossa veneração e o nosso respeito á sua memoria imperecivel.

Busquemos como chave de ouro a estas rudes linhas o bello soneto que se segue:

Visita á casa paterna

«Como uma ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e procelloso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
(O fantasma, talvez, do amor materno)
Tomou-me as mãos, olhou-me grave e terno,
E passo a passo caminhou commigo.

Era esta a sala... oh! se me lembro, e quanto!...
Da lampada nocturna á claridade,
Minhas irmans e minha mãe... — O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem ha-de?
— Uma illusão chorava em cada canto!
Gemia em cada canto uma saudade!»

LUIZ GUIMARÃES.

O grande poeta que firmou essa pagina admiravel está tambem divinisado pela morte! A mãe-patria soluça agoniada...

MARIA EMILIA.

Os Poentes

Eugenio Leonel, o auctor deste livro de versos, tem a infelicidade de ser meu adversario politico; mas, para lhe compensar o erro, bastam os seus predicados de fino cultor das letras. Embora em graus differentes, pertencemos ambos á mesma confraria espiritual — de trovadores perdidos no meio da aridez positiva do seculo...

Não sei si o poeta já é muito velho, ou ainda *um pouco* jovem; pois nelle contrastam os prateados fios da melena hybernal com a ingenua expressão de uma physionomia de primavera. Para mim, Eugenio Leonel deve de ser moço; pelo menos em seu coração, que se revela nos carmes.

Por não estar alistado «no auspicioso batalhão dos *novos*», entendo, mau grado ao Sr. *Anastacio Paz*, do *Correio Paulistano*, que nada perde o cantor. Antes ser antigo, mesmo como o pobre e lamuriento Casimiro de Abreu, do que moderno como essa creançada que vive por ahi a nos zangarrear as suas parvoíces, metrificadas ou não.

O auctor dos *Poentes*, «cujo espirito empallidece ao advento de uma noite que não está longe, tem um horizonte visual que se abre no sorriso dos filhos e se fecha na concha da misericordia divina».

Estas palavras do prefacio elevam o espirito do leitor até ás duas sublimes idéas da familia e da religião; e, assim, desde logo se percebe que é alli a entrada de um jardim, onde trescalam docemente as mais puras flores do coração do homem.

Eugenio Leonel, como o cysne, parece cantar ao pôr do sol da vida, em que volve sua alma ás illusões de outrora; mas, como o astro-rei, elle tambem derrama em torno de si um *crepusculo doirado;* e, si morresse, morreria envolto em chammas...

A parte que do livro menos satisfaz é a denominada — Pantheon; mas sou o primeiro a louvar a isenção de espirito com que decanta os seus antagonistas politicos, como os seus correligionarios. Basta ver o modo por que se refere a Pinheiro Machado, nestes versos pujantes:

Combatente minaz de bronzea cóta,
Avezado ás rudezas da batalha,
Mudas em forte e rigida muralha
Teu peito varonil de patriota.

Da poesia dedicada a José Lino Fleming, mallogrado mineiro que, a expensas de Pedro II, fôra estudar musica na Italia, copio os seguintes commovedores tercettos:

Mas, ai de ti! no turgido oceano
Boia teu estro peregrino e ufano,
Que a brancura dos floculos jaspeia;
E, na concha marinha recolhido,
Sôa o teu canto em tremulo gemido,
Como a vaga rolando sobre a areia...

A Eugenio Leonel tem-se criticado por varios motivos:

1.º, *porque o seu livro é o livro de um velho.* No emtanto, não desconheceu a mesma critica que elle revela uma *intuição superior da nossa arte moderna.*

2.º, *porque nem sempre tem as côres nacionaes* (do fumo e do café); e chega ao atrevimento de falar, aqui no Brazil, de *trigo*, de *arado*, de *axinhagas* e *sinceraes*... Parece-me isto uma censura descabida, que com o mesmo direito se podéra fazer a Luiz Murat, e a outros grandes poetas. Quem privará um pintor brazileiro de representar na tela, como Raymundo Corrêa já representou no quadrinho de um soneto, a nevada região dos polos, ou qualquer canto de uma paizagem européa?

A verdadeira arte não póde deixar de ser cosmopolita; mas, si alguem quizer sempre em nossos livros as côres nacionaes, é só mandar pintar a todos de... verde e de amarello...

3.º, *porque o poeta tem a mania dos passaros; das lyras, dos alaúdes e de outros instrumentos de musica...*

Mas, quem desconhece as idiosyncrasias espirituaes de todos os escriptores? O rabiscador destas

linhas bem podia entrar na classificação de Binet como um *typo essencialmente visual,* pois vive sempre na deliciosa embriaguez da luz e das côres...

Para terminar:

Um livro como os *Poentes* não é dos que se publicam sempre. Tenha os defeitos que tiver, verdade é que em S. Paulo, pelo menos, poucos serão capazes de chegar á maestria de Eugenio Leonel na sabia contextura dos versos.

Depois disto, só um aperto de mão.

SILVIO DE ALMEIDA.

Fóra da Barra

Já vamos longe... Os morros bemfazejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além!... Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh! gosos!
Adeus, oh! velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol poente,
Váe se apagando ao longe tristemente
Do Corcovado a magestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh! terra de meus páes! oh! minha terra!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Carta do Rio

Expira Maio, o formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas côr de saphira! O cheiro suave das flores do jardim entra pela janella aberta de meu gabinete, onde penetra um raio de sol fortissimo, cheio de belleza e de poesia. Maio é o mez querido das almas contemplativas! A natureza tem encantos particulares para estas dias que não participam ainda da aridez do inverno e que deixam distantes os dias entontecedores de verão desta formosa capital. Os passaros guardam para este mez os seus mais suaves e melodiosos cantos e as flores toda a pujança e esplendor de sua graça. E como se tudo isso não bastasse para sua primazia, Maio, o mez de Nossa Senhora, encerra em si a mais gloriosa data da historia do Brazil — o dia 13 — o grande dia da redempção dos captivos. No meio das festas e das apotheoses, da alegria e dos folguedos desse dia 13 de Maio, meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto sympathico e bondoso da princeza Izabel vem, docemente, receber os applausos de meu enthusiasmo sincero.

Vejo-a, como uma caricia materna, por entre os azulados veos da phantasia, na apotheose enthu-

siastica e sublime que o povo lhe fez, ha 10 annos passados, quando ella assignou a aurea lei que redimia uma raça, por tantos annos, egoisticamente usurpada pela outra!

José do Patrocinio, o valente defensor da emancipação dos escravos, o bravo campeão que tão brilhantemente soube pugnar pelos fracos nessa lucta tremenda, foi o iniciador das festas commemorativas da grande data. Ainda bem! em nossa patria não passa despercebido o glorioso 13 de Maio!

Por associação de ideias, ao relembrar a campanha da abolição, vem-me á lembrança o nome sympathico do eminente engenheiro André Rebouças, fallecido ha dias na Madeira. Como é sabido, elle foi um grande abolicionista, e teve como companheiro, nessa campanha, meu marido, seu intimo e dedicado amigo.

Seu nome, a historia de seu passado brilhante e glorioso, suas obras scientificas, seus trabalhos technicos, seu illibado caracter e grande coração não podem ser tratados no estreito espaço desta Carta. Elle foi sempre um trabalhador e um justo. Morreu pobre e em paiz longinquo, longe dos seus. A classe de engenharia brazileira perde com a morte de André Rebouças um de seus mais illustre representantes.

A formosa Tijuca vae ser devassada pela civilisação! A electricidade vae ter ingresso n'aquellas mattas seculares, é o que noticiam as folhas desta capital. D'aqui a alguns annos, quando a Tijuca estiver cortada de bonds e avenidas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciaes e miasmas e desinfecções e hyppodromos e clubs, os passaros que agora cantam e alegram aquelles sitios fugirão em demanda de outros logares, onde possam viver em liberdade; as arvores frondosas terão caido por terra, derribadas para dar passagem aos vehiculos e espaço para modernas construcções; as flores exquisitas e raras d'aquelle logar, não se aclimando com as mãos de jardineiros mercantís, terão emmurchecido para sempre e a luz e o ar purissimo e o cheiro agreste e saudavel d'aquella luxuriante vegetação, estarão corrompidos pelo progresso! Pobre Tijuca. Maldicta civilisação!

Disse-me hontem um de meus primos que perdeu alguns numeros da «Mensageira» em empres-

timos continuos que faz da revista a amigos que a apreciam muito. E terminou por me dizer que o n.º 12 havia sido emprestado a cinco ou seis amigos, que esse n.º estava em Nictheroy actualmente, depois de haver estado uns dias em Cascadura. Ouvi e... não fiquei alegre, como era de esperar. Ninguem deve emprestar a «Mensageira». Esse pedido eu o faço a todos os assignantes. Quem quizer lêl-a que a assigne ou compre avulsa, custa tão pouco..., é só dar um pulo á rua do Ouvidor, 93, na conhecida casa de Julia Filippone. Se todos fizerem como meu primo...-adeus «Mensageira», sua historia, no futuro será está: morreu, mataram — na os seus amigos; cuidando que lhe faziam *reclame,* davam — na a lèr de graça a pessôas que bem podiam ter tomado uma assignatura.

Adeus Maio, formoso mez de Maria, mez das rosas e das borboletas de azas côr de saphira!

MARIA CLARA DE CUNHA SANTOS.

Na Praia

A' minha irmã Olivia Pires

Aqui na solidão da praia enluarada,
Onde o mar vem soltar a sua voz maguada,
E' que eu posso tambem soltar meu triste canto
E expandir esta dor que me tortura tanto!
Tu não zombas de mim, formoso e vasto oceano,
Tu não tens a ironia atroz do labio humano,
Que zomba da tristeza alheia e alegremente
Sorri quando mais soffre, e mostra-se contente!
A humanidade é assim! Por isso eu te procuro
Nest'hora de silencio em que no manto escuro
A noite envolve tudo.
— Eu venho, oceano amigo,
Eu venho de bem longe aqui chorar comtigo!
A minha historia é triste, hei de comtart'a um dia.
Tão grande como tu, é a melancolia
Que eu sinto dentro d'alma e que ninguem comprehende
E é por isso que a sombra em meu olhar se estende!

Outr'ora no meu lar, no seio carinhoso
De minha pobre Mãe, meu rosto lacrimoso

Enxuguei muita vez. Agora é bem diverso
Meu sombrio viver! Perdida no Universo,
Minh'alma geme afflicta em busca do Ideal
Que um dia lhe sorriu num rosto divinal
— Meteóro falaz, que no horizonte meu
Surgiu... brilhou formoso... e desappareceu!...

Escuta a triste voz de um peito desgraçado
Pelo embate cruel do mundo espedaçado!
Já não tenho esperança, eu já não tenho crença;
Que vale a vida assim? Oh que saudade immensa
Eu tenho do passado! Adeus, sonhos formosos,
Que na infancia sonhei, em dias venturosos!...
Eu já tenho de tudo um tedio indescriptivel,
Tenho horror a este mundo! Até parece incrivel
Que na flor da existencia haja quem viva assim!
Ai! Eu nunca encontrei um ente igual a mim!

Se ao menos, minha irmã, viesses neste instante
Sentar-te junto a mim, beijando o meu semblante;
Se neste desespero em que me vejo agora
Eu te visse chegar, formosa como a aurora,
Trazendo á flor do labio o riso da bondade
E no olhar seintillando a doce claridade
Da affeição fraternal, talvez que meu tormento
Se acalmasse e eu sorrisse embora um só momento!

Se viesses, meu anjo!... E porque não, se eu te amo
E tu me tens amor? Virás porque te chamo!...
Virás porquo tu'alma é boa e delicada,
Não quererá que eu morra assim desesperada!

O' velho e triste mar, que tambem choras tanto,
Não contes a ninguem a historia de meu pranto!
Chorei perto de ti! Tu foste testemunha
Do desespero atroz que a vida me acabrunha,
Mas não quero que o mundo infame, incomprehensivei
Desconfie siquer do meu tormento horrivel!

Guarda bem no teu seio este segredo antigo...
— Segredo que me mata e ha de morrer commigo!

AUREA PIRES.

Ilha das Cobras, 1897.

Vasco da Gama

(De um excerpto para a Revista do Instituto)

. . . . . .

Ha datas tão celebres nos annaes da humanidade, que seria até um crime não commemoral-as, uma omissão ingrata e indisculpavel mesmo não dar a sagração d'alma a quem por seu intermedio prova na presente epoca, que nós vivemos da memoria do passado, mostrando aos seculos futuros, a galhardia dos nossos actos.

Nas sympathias possiveis da grande atracção do pensamento, os feitos que lustram o nome heroico de que nos vamos rapidamente occupar, faz que a estas horas, sobre as prateiadas aguas do Tejo, affluam centenares de navios embandeirados, dando realce expontaneo como convivas no grande banquete nacional, com que os povos que fallam o mavioso idioma de Camões, regosijam-se, festejando a Vasco da Gama.

Que orgulho justissimo, não vibra no coração dos portuguezes commemorando as suas nobres tradicções, hoje que como então, a flamula das caravellas e das náus, postrava amesquinhados os ignáros povos, ante o arrôjo das suas expedicções.

Talvez que ambição fôra tal alvitre, se bem que o palco vastissimo dos mares abrisse concurrencia para ampliar-se a historia, cabendo á Portugal as mais raras gemmas importadas das descobertas, assim como as valiosissimas perolas e rubins com que ornavam o sceptro dos reis.

Presentemente, pelo apuro da civilisação, pela amplitude do direito, a humanidade em sua marcha evolutiva curva-se ante o genio dos navegadores audazes que semelhante ao grande heróe, tomou para campo das conquistas, a vastidão intermina das aguas!...

Posto que a India não fosse desconhecida, por já ter Marco Pólo, o maior explorador da idade média, atravessado a Azia, a Persia e a China, tendo no regresso sem o saber, sulcado o mar das Indias, comtudo, não logrou descobril-o.

Apezar disso, com a bussola da certeza, era mais que provavel existir caminho maritimo que lhes facultasse a derrota, por serem quasi sempre as grandes descobertas devidas ao accaso.

Qual um formoso sonho, destes sonhos em que a alma humana alimenta um ideal sublime, em que o infinito do pensamento se associa aos dictames da realidade, já D. João 2.º e o infante D. Henrique, anteviam que Portugal conquistaria mais um padrão glorioso para a sua patriotica bandeira.

Ainda continuava porém cerrada a purpurea cortina que lhes

abriria a desejada passagem maritima dessas terras do Oriente, facto que não só interessava o commercio portuguez, como outro sim beneficiava fidalgamente as demais nações, guiando-as na senda do progresso.

Enveredemo-nos ligeiramente pelos dominios da historia e da geographia.

Reinava D. Manuel; corria o anno de 1497. O que parecia uma chiméra, desta vez realisava-se, posto que anteriormente a fróta de Bartholomeu Dias tentasse debalde arriscadissima viagem.

Assim pois, metteu mãos á obra este monarcha, cujo reinado tão glorioso foi, não só pela descoberta da India, como pelo fulgor que deu ás lettras patrias, mandando juntar n'um só codigo as leis promulgadas pelos seus antecessores, a que chamou: — Codigo Manuelino.

Elle, o justo, o sobrio, o magnanimo, á cuja amizade se alliaram varios monarchas da Europa, juntou o pensamento á acção.

Depois de promptas as náus, construidas em condicções de arrostarem perigosa viagem, deu o commando dellas a Vasco da Gama, fidalgo da sua casa e em quem depositava plena confiança.

Marcado que foi o dia da partida, a 18 de Julho, sahiram os navegadores processionalmente acompanhados de parentes, amigos e sacerdotes, assim como de muito povo da ermida de Sta. Maria de Belem, para os navios ancorados em frente á praia do Restello.

Fiado na sua boa estrella, Vasco da Gama entrou na náu S. Gabriel de 120 toneladas, tendo como piloto a Pero de Alemquer e como escrivão, Diogo Dias.

A náu S. Raphael tinha a seu bordo Paulo da Gama, irmão de Vasco, sendo piloto João Coimbra e escrivão João de Sá.

Na caravella Berris ia em igual cargo Nicoláu Coelho, e o piloto Pedro Escobar e escrivão Alvaro Braga.

O quarto navio só levava mantimentos.

A tripulação de todos elles mal chegava a 170 homens, dos quaes nem a metade voltou aos patrios lares...

Com o coração aberto ás grandes esperanças, eil-os a sulcar por *mares nunca d'antes navegados,* como disse Camões mais tarde, se bem que 15 dias depois estivessem na altura das Canarias, sendo os navios separados por densa cerração, mas juntos em Cabo Verde, na altura da ilha do Sal.

A 27 ancoravam em S. Thiago, partindo para léste a 3 de Agosto.

A 8 de Novembro lançaram ferro n'uma bahia a que deram o nome de Sta. Helena, onde demora-

ram-se concertando os navios e cathechisando os naturaes.

A 16, seguiram para o Cabo da Boa Esperança, sendo muito festejada a bordo essa passagem, por irem além do que foi Bartholomeu Dias.

O ousado marinheiro, satisfeitissimo, entrou a 25 na Angra de S. Braz, destruindo o quarto navio e distribuindo os viveres pelos outros.

Partiram d'alli a 8 de Dezembro, e a 12 foram sorprehendidos por enorme tormenta. A 25 deste mez deixaram pela pôpa a costa a que denominaram *Natal* (na Cafraria).

A 10 de Fevereiro de 1498, avistaram o *rio de cobre,* onde fizeram aguada e tractaram com os naturaes, amigavelmente.

A 14 do mesmo mez, viram uma terra que chamaram *Bons Signaes* (Quilimane), onde desembarcando, collocaram o padrão de S. Raphael. Ahi traficaram com os negros, desenvolvendo-se então o escorbuto a bordo, deseminando varios embarcadiços. Entrando no canal de Moçambique a 2 de Março, vieram ao seu encontro muitos Zambucos tripolados por arabes, que se mostraram contentes com os seus hospedes.

Posto que entre todos reinasse a melhor harmonia, Vasco da Gama desconfiado, depois de trocar com elles varios animos, a 27 zarpou para Quilôa e Mambaça, onde chegou a 7 de Abril. — Sahindo d'ahi a 12, seguiram para Melinde, em cujo porto lançou ferro n'um domingo de Paschoa (15), tendo tido nesse lugar franca hospedagem.

O illustre portuguez tomou um piloto que se prestou a leval-o á India e fez rumo para Calecut, que vio a 20 e fundeou a 21.

A hozanna da victoria cantou com a symphonia da verdade a estabilidade da feito!...

Aureolava-lhe a fronte a corôa da gloria!...

. . . . . .

Eil-os emfim chegados ao termo da penosa viagem, vencendo intemeratos as grandes barreiras do oceano, com ondas semelhantes a montanhas que procuravam engulir os navios, como se entre ellas estivesse o pavoroso gigante Adamastor, desejoso de os levar como preza para as mysteriosas cavernas de onde jamais poderiam ver a luz da vida!...

A' orgulhosa Luzitania, cabia em pleno seculo XV, o goso de escrever nas folhas do seu futuro a certeza de que o facho do christianismo brilharia nas barbaras civilisações do Oriente!

Em troca, a poezia dos palmares, o encanto do oásis, o aroma das caçoilas, na vasta escala do sentimento, faria com que os poetas

cantassem esta epopéa com toda a grandeza magistralmente bella do poema de um Camões, immortalisando a Vasco da Gama, ao seu paiz e a si proprio!...

. . . . . .

Com o coração explodindo de enthusiasmo, com os seus homens saltou em terra onde o Samorim alegremente os recebeu, se bem que depois as intrigas dos mercadores arabes arrefecessem o enthusiasmo, dando-se em seguida hostilidades mais ou menos perigosas.

Vendo seu irmão Paulo enfermo fêl-o passar para a sua naú, deixando a delle.

Em Cabo Verde entretanto, juntaram-se ainda os navios, fundeando o arrojado nauta na ilha de S. Thiago, ao passo que Nicoláu Coelho seguia por sua ordem para a patria, a 10 de Julho de 1499.

Aborrecido com a molestia do irmão, entregou o seu navio a João de Sá e alugando uma caravella, eil-o voltando para o seu paiz, onde tinha pressa de chegar. Estava porém escripto, que uma sombra negra pezaria na sua trajectoria luminosa, pois que falleceu em Angra o seu Paulo querido, o amigo de todos os tempos...

A 29 de Agosto, o grande homem seguiu para Portugal, onde fundeou a 9 de Setembro, em frente á mesma praia do Restello.

O rei recebeu-o com as maximas considerações e assistencia de toda a côrte, dando-lhe o monarcha o titulo de conde da Vidigueira.

A posse deste titulo que lhe garantia honras, não lhe deu mais fidalguia: elle ennobreceu-se com a gloria dos seus feitos, que a mais das vezes faz victimas e produz martyres!...

Agora trasladaram os seus restos para riquissimo tumulo, no Pantheon de Belem, junto ás cinzas de Camões, e, se a este grande poeta já se erigiu uma estatua, justo é que a Vasco da Gama por subscripção popular, se erga uma igualmente.

Glorificando-o, Portugal não faz mais do que glorificar-se, e subir!... subir!...

Concluindo, direi:

Para que os povos se mantenham na altura de uma raça, é mister sem duvida provar a aristocracia das suas acções.

IGNES SABINO.

(Do Instituto Archeologico e Geografico Pernambucano.)

Maio 20, de 98.

Selecção

A mulher precisa de ser moralmente mais forte do que o homem, para conseguir levar a cabo a ta-

refa relativamente superior que a natureza e a sociedade lhe impõem.

No dia em que se assentar este ponto como verdade incontestavel, o mundo terá dado um dos seus passos mais gigantescos no caminho da felicidade.

Educar a mulher, eis o grande problema que resta ainda a resolver.

Educar a mulher, é arrancal-a na infancia ao seu berço fôfo e tepido de beijos, e leval-a por caminhos d'uma magestade austera que ella nunca trilhou.

E' preparal-a para a grande lucta moral que é a Vida, com os cuidados com que Sparta, a guerreira cidade antiga, preparava os seus filhos para as luctas do corpo, para as victorias da destreza physica.

E' associal-a pela comprehensão pela sympathia a todos os trabalhos e investigações do homem moderno; é dar-lhe ao lado d'este um lugar honroso e definido, não igual, pois que são diversas as attribuições de ambos, mas equivalente em direitos e em deveres.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

(Mulheres e Creanças.)

Ao meu coração

(A Manuel Viotti)

Cançado coração, heroe de outr'ora,
Quando Amor palpitar te fez um dia,
Dize: és capaz de amar, ainda agora,
Cheio de ardor, de vida e de poesia?

Cançado coração, minh'alma chora
Essa vida feliz que ella vivia
E que voava pelo tempo á fora,
— Raio de luz de estrella fugidia.

Alguem te chama ao campo da batalha:
«Amar», é o santo e senha. Eia, trabalha:
A conquista do Amor é uma ventura!

Meu jovem coração, já reformado,
Sacode esse torpor, velho soldado,
Veste de novo a bellica armadura!

Soares Junior.

19-5-98.

Felice Cavallotti

Primeiro, pela voz prompta e aspera do telegrapho, depois pelo echo retumbante e emocionador da imprensa do mundo civilisado, a triste nova da immensa perda soffrida pela Italia com a morte de Felice Cavallotti, passou rapida de um polo a outro, indo cair como avalanche, de dôr, sobre o coração não só de todo o italiano patriota, mas ainda de todos os espiritos cultos e veneradores da Arte.

Hoje pois, a noticia da eterna desapparição de Cavallotti, da are-

na dos vivos, não constitúe uma novidade, antes é um acontecimento já commentado e indiscutivelmente sentido.

Agora a idéa que a poetica e amorosa alma italiana, agita em toda a parte onde emplanta um testemunho de sua existencia, uma manifestação do labor de seu engenhoso espirito, é a de perpetuar a memoria do notavel paladino da penna e da palavra, do jornalista emerito que bateu-se sempre com altivez fidalga no accendrado terreno de suas nobres convicções, deixando illésa sua honra de cidadão e de escriptor publico. Trata-se de prestar indelevel homenagem a Cavallotti, o litterato de pulso, o poeta cuja lyra possuia toda a grandesa do céo italiano, de harmonia com as notas de uma cavatina *dolce* que sôa de mansinho nos corações sem macula. Vê-se nas cerradas fileiras socialistas as armas em funeral, e o seu glorioso estandarte a encerrar tantas promessas de futuros triumphos, envolto em crepe, depois de haver por algumas horas como guarda fiel, coberto o envolucro que encerra os preciosos despojos do grande socialista.

É nesta solemne e patriotica faina em honra de um vulto que a posteridade abrigará em seu templo, porém que aos homens do presente cabe tambem sagrar um preito immorredouro, vimos ha dias — em uma correspondencia de Pariz, devida a authorisada e festejada penna de Xavier de Carvalho, — que o illustre director da *Revue du Brézil*, Alexandre d'Atri, acha-se empenhado em tão dignificadora tarefa, e acaba, em Pariz, a frente de mil e tantos italianos, de abrir uma subscripção em favor do glorioso monumento que vai perpetuar a lembrança de Cavallotti em sua adoravel patria.

No sentido de auxilial-o em tão grandiosa missão, d'Atri dirigio uma circular cheia de patriotismo, de sentimento, de vibrações doces, á mulher brasileira, pedindo tambem seu obulo para a realisação do monumento de Cavallotti, desse nobre espirito que não se deve jamais apagar de nossa lembrança, cabendo-nos para com elle o imperioso dever de gratidão, dever vinculado aos corações sinceros e muito mais ainda ao coração da mulher, que é um cofre onde as perolas de toda a virtude que nobilita a creatura, devem existir. E' pois, forçoso, queridas patricias, termos em mente, que foi a verberante e adamantina penna de Cavallotti, que defendeu-nos cheia de carinho, de dedicação e apreço, quando ha poucos annos, Ferrucio Macola, aquelle mesmo que acaba de ser quasi que o assassino de Cavallotti, na obra *Europa alla*

conquista d'ell' America Latina, insultou-nos nos mais intimos affectos do lar, em nossa educação de familia, emfim n'aquillo que mais zelamos em nossa vida domestica. E' muito justo, é sublime para nós, concorrer de alguma fórma, para a glorificação de nosso generoso defensor. Dignas compatriotas, as subscripções para esse fim, acham-se abertas em quasi que todos os mais importantes orgãos de imprensa na capital Federal e em S. Paulo.

REVOCATA H. DE MELLO.

Notas pequenas

Luiz Guimarães. Além do Atlantico, em meio ás ruidosas festas do centenario da India, acaba de expirar, em Lisbôa, o poeta maviosissimo, o primoroso e delicado burilador dos *Sonetos e Rimas.* Nenhum poeta soube elevar mais alto do que elle o amor de filho, o amor de esposo, o amor de pae; e os seus versos poderiam formar uma bella collecção intitulada — biblia da familia! Tendo perdido a esposa em Lisbôa, não mais quiz se ausentar da terra que guardára em seu seio a sua adorada morta, e lá permaneceu até que no dia 20 do corrente, deixando a vida, foi se unir de novo á decantada companheira.

Luiz Guimarães foi o fundador da escola parnasiana no Brazil e deixou dois livros ineditos: um poema sobre a morte de um filho, Gabriel, e a *Lyra Final.*

Os seus versos são dos mais lidos e dos mais adorados na terra de Santa Cruz, e o seu nome tem um verdadeiro culto no coração das brazileiras, — para muitas era o primeiro poeta contemporaneo, e entre essas figuram algumas cultoras das letras, como Maria Clara da Cunha Santos, Julieta de Mello Monteiro e Aurea Pires.

Luiz Guimarães morreu longe de nós, porém morreu na Patria de nossa Patria, bella classificação dada por Arthur Azevedo a Portugal, e lá nessas plagas longinquas, bem perto de si, tinha, como que a synthetisar a alma da poesia brazileira, Raymundo Corrêa, o glorioso poeta que é, para nós, o primeiro da geração actual. Seja pois o cantor das *Pombas* e do *Temor* o encarregado de derramar uma chuva de lagrimas e flores sobre o tumulo de Luiz Guimarães, em nome da Arte e do Brazil.

A Mensageira, no Chile — De uma carta escripta de Santiago, capital da sympathica republica chilena, em data de 20 de Abril ultimo, ao nosso collaborador dr. Nelson de Senna, pelo illustre literato sr. Clemente Barahona Vega, extrahimos os seguintes trechos:

«Tuve el gusto de recibir su carinósa carta i conjuntamente el *Almanaque* (de Passos), el número de *La Mensajera* (de S. Paulo) i folletos. Su articulo sobre la *Intelectualidad femenina brasilera* inserto en esa simpática i elegante revista, lo he traducido para la única revista literaria femenina de mi patria, *La Mujer de Curicó*. Se publicará a fines de este mez. Cuidaré de remitirle ejemplares, habiendo tambien encargado ya a la Directora Sta. Leonor Urzúa Cruzat (quien en breve escribirá a Ud.) que envie ejemplar a *La Mensajera* i la *Familia* (de Rio).»

Pharmaceutica. — Tomou, ha dias, o gráu de pharmaceutica na *Faculdade de Medicina* do Rio de Janeiro, a exma. sra. d. Julieta de Miranda Rodrigues, nossa distincta patricia, natural do Estado de Alagôas.

Rua do Ouvidor. Ha muito que a imprensa do Rio de Janeiro se resentia da falta de um periodico leve, alegre e bem feito, que cuidando de arte e de recreiação sómente, nos fizesse esquecer por alguns momentos a tabella cambial e o preço do *beef*. Esse periodico temol-o na *Rua do Ouvidor*, interessante revista que apparece semanalmente e que se propõe publicar os retratos das notabilidades do nosso mundo artistico e scientifico. O n.º 1 traz o retrato do Dr. Hilario de Gouvêa, medico de grande nomeada e emerito educador; o n.º 2 honra a sua primeira pagina com o retrato do Dr. Martinho Garcez, jornalista de pulso e actual presidente do Estado de Sergipe.

A voz do louco

Era um poeta appellidado — o louco,
Do qual zombava a turba indifferente.
Enlouquecera o triste pouco a pouco,
E vivia a cantar constantemente:

«No sepulcro de minhas illusões,
No cemiterio immenso da memoria,
Existem luminosas inscripções
De um casto amor sobre a pequena historia.

A paizagem é funebre e sombria,
Desenhada na tela de minh'alma
Pela mão musculosa, enorme e fria.
Do tempo — esse pintor de eterna calma!

Vêde esta tumba angelica e sem luz
O cadaver que encerra embalsamado:
Aos pés de branca e pequenina cruz,
O meu primeiro amor inconfessado!

Agora a catacumba é côr de rosa,
E pallida a visão que alli descança,
Chama-se Gloria — a bella mentirosa,
Que apenas me sorriu numa esperança!

Ha cyprestes, chorões, ha muita flor
Regada, no silencio, por meu pranto!
Pois minha inspiração é sempre a dor;
O suspiro, a harmonia de meu canto.

E vós, felizes, que viveis cantando,
Sem saber quanto custa um desengano,
Não vos fieis na sorte assim brincando:
A dor persegue todo o ser humano.»

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.
1890.

A Mensageira

Recebemos hoje o 14.º numero da *Mensageira,* bella revista litteraria dedicada á mulher brazileira, que se publica em S. Paulo, sob a intelligente direcção da conhecida poetisa Presciliana Duarte de Almeida.

Insere artigos de Delminda Silveira, Julia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Perpetua do Valle, e harmoniosos versos de Francisca Julia da Silva, Aurea Pires, Adelia Jucá, e um soneto de Maria Jucá que, por ser bellissimo, reproduzimos.

(Da *Cidade do Rio.*)

«*A Mensageira.* Temos sobre a mesa, sahido hoje, o numero 15 desta interessante revista litteraria, publicada nesta capital sob a intelligente direcção de d. Presciliana Duarte.

Destacam-se naquelle numero *A carta do Rio*, de d. Maria Clara; uma noticia sobre M.me Laffayette, de Perpetua do Valle e uma bella poesia de Candido de Carvalho.

(Do *Diario Popular.)*

A Mensageira. Recebemos esta interessante revista que sáe á luz em S. Paulo, dirigida por D. Presciliana Duarte, cujo nome, sobejamente conhecido no mundo litterario, honra o sexo a que pertence.

Não realçariamos mais o merito deste bello jornal se fizessemos outra cousa do que mencionar ser elle escripto por senhoras brasileiras illustres e intelligentes, que se esforçam nessa campanha humanitaria de elevar a mulher á altura a que ella deve attingir por direito de conquista.

Nossas felicitações á *Mensageira.*

(Da *Rua do Ouvidor*).

São Paulo 15 de Junho de 1898 Anno I, N. 17

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara; — Por terras e mares, poesia, Candido de Carvalho; — Borboletas, conto, Zalina Rolim; — Caminho do Sertão, soneto, Auta de Souza; — O romance de uma onça, André Rebouças; — A Luiz Guimarães, soneto, Aurea Pires; — Na Selva, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — De um livro de viagens, Nelson de Senna; — Mãe, Delminda Silveira; — Notas pequenas.

Carta do Rio

Chego tarde para falar das explendidas festas do centenario da India; da estrondosa apotheose á memoria de Vasco da Gama; da grande perda que soffreu a Inglaterra com a morte do eminente estadista Gladstone; da irreparavel perda que tivemos com o fallecimento do mais inspirado dos poetas contemporaneos — Luiz Guimarães Junior.

Estes factos foram todos largamente commentados pela imprensa, durante a quinzena finda.

Tudo, porém, quanto tenho lido sobre Luiz Guimarães ainda está, em minha humilde opinião, abaixo de seu merito. Que elle foi um poeta inspirado e correcto e mimoso — é o que leio em quasi todas as folhas desta capital. E isto basta para qualificar o poeta suavissimo, cujos sonetos são paginas divinas arrancadas ao livro do coração?

Quem, como elle, cantou com tanta graça e tanto amor as scenas da vida intima? Quem alevantou tão alto o sentimento da justiça, da verdade e do bem?

E' grande a lista dos trabalhos que deixou o mavioso poeta, mas dentre todos avulta como estrella de primeira grandeza os «Sonetos e Rimas».

Com este livro de versos dá-se uma cousa singular: tanto consola e confórta ás almas contemplativas e tristes como agrada e delicia os corações alegres e bem dispostos. E' o mais popular dos poetas modernos, affirmo sem medo de errar.

Haverá alguem que, sabendo lêr, não conheça aquelle magistral soneto que começa assim: *O coração que bate neste peito?*

Eu dou valor á poesia muito mais pela ideia do que pela forma. Sacrificar uma expressão verdadeira e que photographe bem os sentimentos da alma por uma palavra bonita, por uma rima difficil e rara, é cousa que eu não comprehendo. Luiz Guimarães foi sempre um escriptor correcto e impeccavel, mas nunca em seus versos alguem notou que a ideia fosse sacrificada pelos effeitos da fórma. Bem sei que os modernissimos poetas me hão de acusar, mas... paciencia.

Tenho ao menos a virtude, hoje tão rara, de dizer o que sinto e o que penso. Conheço muita gente que acompanha a onda, isto é, as opiniões alheias, com as quaes intimamente não concorda, sómente para ser moderno, para fazer *bonito*. Que ignominia! não ter coragem para sustentar as suas opiniões!!

Luiz Guimarães dorme hoje o derradeiro somno junto á sua querida companheira, cuja morte prematura tanto lhe abalára a alma apaixonada.

Camillo Castello Branco referindo-se aos «Sonetos e Rimas» disse esta phrase: E' o livro mais bello que se tem escripto em portuguez, desde que leio versos».

Abençoada seja a memoria do suavissimo poeta que tantas emoções de jubilo, de ternura, de compaixão e de consolo soube inspirar!

Um passeio á Tijuca é um dos mais delicados prazeres que se póde proporcionar á alma! Lá fui um dia destes, para aproveitar o formoso domingo de sol, tão claro e tão alegre!

Arvores gigantes, cipós entrelaçados, rumorejar da cascatinha em alvas pedras e despenhadeiros, cantos maviosos de passaros, perfume inebriante da saudavel vegetação, lindas flores de manacá desde o branco ao roxo escuro e por sobre todas estas bellezas o ceo azul sereno a perder-se no horizonte, onde se confundia com o verde-negro dos longinquos montes!

Encontramos no passeio com alguns caçadores que voltavam, acompanhados por cães de caça e sobraçando grande quantidade de passaros mortos. Um dos caçadores trazia á tiracollo, uma enfiada de sabiás, unidos uns aos outros, por uma cordinha. Tive pena, confesso. Os pobres cantores, que tanto alegram as nossas florestas, bem podiam ser poupados!

Que linda parasita avistei no tronco de uma arvore colossal! Era de uma côr muito viva, amarella, e de formato miudo e original.

Chama-se *Chuva de ouro*.

Trouxe-a para meu jardimzito

bem como alguns crotons exquisitos que me prenderam a attenção.

E espero que dentro em pouco, eu seja largamente compensada do trabalho de trazel-os de tão longe, quando, bonitos e viçosos, elles enfeitarem os canteiros de meu jardim, para regalo de meus olhos e cubiça dos transeuntes!

Neste mundo tudo tem serventia e todos têm seu dia!

Quando morei no sertão, assisti a uma scena muito engraçada, que se passou na lôja de um amigo de nossa familia. O negociante, á moda da roça, tinha de tudo em sua casa commercial, desde a sêda á carne secca, desde as panellas ás rendas. Um sujeito lá entrou para comprar preparos para o enterro de um parente querido. Depois de uns tantos metros de setim e de galões, de fitas e de flores de panno, deparou com uns sapatos de borracha, que estavam ao fundo de uma prateleira e foi logo pedindo os taes sapatos com esta exclamação: Excellentes para defunto! O que mais não inventarão? é verdade!!» O negociante comprehendeu de prompto a ignorancia do freguez, mas como tinha interesse em ver-se livre d'aquelle *alcaide* — concordou sobre a vantagem de tão util melhoramento. Conclusão: a moda pegou e emquanto, na cidade, houve taes alcaides, todos que partiram para a viagem eterna, foram de sapatos de borracha!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Por terras e mares

VI

Ao Manoel Viotti

Eu ando em torno do teu palacio
Vibrando o plectro, tecendo endeixas,
Pleno de maguas, cheio de queixas,
— Eu ando em torno do teu palacio.

Vi-te ha dez annos, formosa dama,
Faces de jambo, labios de cravo,
As mãos pedindo beijos de escravo...
Vi-te ha dez annos, formosa dama.

Teu vulto, á sombra de teu pomar,
Lembrava o talhe de uma palmeira.
Colhia flores de laranjeira
Teu vulto, á sombra de teu pomar.

Não tinha a lyra de trovador
Quando, cahidas tuas madeixas,
Disseste um dia — porque me deixas?
Não tinha a lyra de trovador.

Andei planicies, vinguei penhascos
Em terra isempta de teu carinho,
E venho em busca do teu arminho...
Andei planicies, vinguei penhascos.

Na patria excelsa dos desgraçados
Deram-me a lyra de trovador.
Antes morresse de mágua e dôr,
Na patria excelsa dos desgraçados.

Eu ando em torno de teu palacio
Vibrando o plectro, tecendo endeixas;
Pleno de maguas, cheio de queixas,
Eu ando em torno de teu palacio.

CANDIDO DE CARVALHO.

Borboletas

(Dos «Contos do Jardim da Infancia»)

Era uma vez uma creancinha muito pequenina, tão pequenina que lhe servia de commodo berço uma delicadissima folha de roseira.

Fui descobril-a, casualmente, no tal bercinho fragil que o vento balançava, a um canto do meu jardinete, por um formoso dia de sol.

Voces hão de estar admiradas de uma creancinha desse tamanho, não é? mas, logo que lhe conheçam a familia acharão muito natural o seu aspecto.

Ainda na vespera, a sua mamãe, que era muito minha conhecida, andava de visita ás minhas flores, e Sinhô, o pequenino lá de casa, queria a todo o custo aprisional-a encantado com o brilho das suas azas coloridas.

Não adevinharam já o nome da tal senhora? Aposto que sim. — D. Borboleta! um nome bem bonito, e bem merecido, não é?

Mas, voltemos á historia.

As taes senhoras borboletas não são lá muito ajuisadas; abandonam os seus ovitos ao acaso, em qualquer planta e lá se vão, daqui para ali, muito contentes da sua vida.

O que vale aos pobresinhos abandonados é que as plantas são caridosas e não lhes negam abrigo.

Ali, no verde regaço das folhas têm elles agasalho e socego para se desenvolverem até o momento de apparecerem á luz.

Pois bem, foi de um destes ovitos abandonados que nasceu a tal creancinha de quem vou falando. E que exquisita, meu Deus! — Uma cousinha molle que se arrastava sem mostrar as patinhas sob o pequenino corpo alongado e fino, pontilhado de manchinhas de côres.

Não tinha um nome bonito como sua mãe; chamava-se — Lagarta.

A primeira cousa em que cuidou a lagartinha foi em procurar alimento, e não quiz ir para longe; a folhinha que lhe dera agasalho era tão macia e tenra! Experimentou roer-lhe as beiras... Oh cousa saborosa! E, fura daqui, recorta dacolá, foi logo um banquete.

Da primeira folha passou á segunda, num desespero de voracidade.

E crescia, e crescia...

As rosas não estavam contentes.

Uma tarde, de minha janella bem vi a *Van-Hut* que se debruçava para a *M.me Berard* a segredar-lhe qualquer cousa; queixas, com certeza.

Foi então que as creanças, Sinhô e Bebê, deram com ella, já crescidinha e forte, a se arrastar pelas folhas.

Bebê não se poude furtar a um arripio de susto e recuou:

— Ai! ai! que bicho feio!

E, quasi arrastando Sinhô que, mais curioso, tinha vontade de examinal-a de perto, lá se foi atraz das borboletas que esvoaçavam daqui para acolá com a sua finissima tromba, a sugar o nectar das flôres.

A lagartinha ficou muito triste de saber que era feia e pensou, com inveja:

— Ah, si eu fosse borboleta!...

Afinal, um dia, cessou de roer as folhas e encostando-se a uma dellas deixou-se ficar immovel e quieta como quem dorme. Sua pelle foi se tornando rija e dura como se estivesse morta, mas, passado tempo, de repente abriu-se e, cahindo, deixou descoberto um rolosinho informe que nada mais tinha de lagarta gulosa.

E as rosas cada vez mais admiradas! Só o pinheirinho do centro do canteiro não mostrava surpresa.

Bem sabia elle o fim de tudo aquillo...

Da lagartinha, nem noticias. Ali, na roseira todos a julgaram morta e ninguem mais se importou com o tal estojosinho cinzento que o vento balançava.

Dias passados, appareceu no terraço da casa visinha um canario muito madrugador. Cantava que era um gosto!

Pois sabem o que aconteceu? O canto do canario foi despertar a lagartinha, dentro de sua exquisita camisola.

Que saudade da luz, do ar, do ceo, das flores, de tudo!

Não poude resistir; rasgou um pedacito de tecido que a envolvia e espiou para fora... como estava bonito!

Quiz mover-se, como antigamente e sentiu-se leve, muito leve. Tinha alguma cousa, nas costas, que a suspendia como se fosse uma penna. Ah, se fossem azas!

Desprendeu-se, anciosa, do estojo em que dormira. Pertinho estava uma gotta de orvalho; que bello espelho! Mirou-se... ah, como estava transformada! Tinha medo de sonhar, não acreditava no que via. Seria possivel tal mudança?

Mirou-se de novo... Sim, era verdade, tinha azas; um lindo par de azas furta-côres de azul, dourado e purpura! Mal se lhe via o corpinho molle como o das borboletas sob o deslumbramento das azas. E os olhos salientes! E as antennas fragilimas! Tal qual uma verdadeira borboleta.

Que felicidade!

Agitou as azas, vigorosamente, ainda com medo de sonhar e partiu num vôo de ensaio, revoluteando airosa, cheia de si, por entre as flores — as rosas, os cravos, os jasmins côr de leite...

Sinhô e Bebê andavam, de novo,

brincando pelo jardim e bateram palmas ao vêl-a:

— Que linda borboleta!

Ella sorriu para si mesma, muito feliz, recordando o tempo em que aquellas mesmas creanças a tinham chamado de «bicho feio».

E lá se foi, no seu giro, jardim a fóra, acariciando as rosas que a tinham acolhido no seu tempo de creança.

ZALINA ROLIM.

Caminho do Sertão

Tão longe a casa! Nem siquer alcanço
Vel-a atravez da matta. Nos caminhos
A sombra desce... E sem achar descanço
Vamos nós dois, meu pobre irmão, sósinhos.

E' noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos...
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrellas. Todo o céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que ensina a Crença ao desespero e á dôr...

Ao longe a lua vem doirando a treva;
Thurib'lo immenso, para Deus eleva
O incenso agreste da Jurema em flor.

AUTA DE SOUZA.

O Romance de Uma Onça

Era horrivelmente bella a *Douradinha*, a rainha das onças da Serra do Tinguá.

Quando a conhecemos, tinha já chegado á estação dos amores; no emtanto conservava-se casta e pura como a orgulhosa Diana. Não julgava digno de si nenhum dos *jovens* que a requestavam; nenhum, na verdade, tinha, como o seu, um pello tão dourado e tão graciosamente mesclado de grandes malhas pretas; nenhum possuia cauda tão basta, tão buliçosa, sempre a descrever caprichosas espiraes no ar; nenhum tinha olhos tão brilhantes, tão grandes, tão fascinadores, a magnetisar suas victimas, que pareciam morrer contentes, mesmo dilaceradas por duas enormes e alvissimas presas.

Tinha um coração poetico esta formosa onça: como todas as virgens era cheia de caprichos. Não bebia agua sinão na linda cascatinha da Limeira; não devorava sinão paccas, muito novinhas, de pello castanho com reflexos d'ouro, entremeiados de malhas lineares brancas; uma vez por outra almoçava um travesso coelho; em seus dias de festa ceiava uma agil cutia.

Aprazia-se em dormir á sésta em uma cumiada de 500 metros de altura, que separa o valle da Limeira do de S. Pedro; quando

acordava, espreguiçando-se voluptuosamente, lançava um olhar para o explendido panorama circular que tinha diante de si.

Percorria-o com os olhos sempre da esquerda para direita; a começar pelos agudos picos da Serra dos Orgams, apreciando todas as montanhas de Nictheroy até chegar ao Ponctal de Sancta Cruz; namorava longamente o Pão de Assucar; não podia comprehender essa falha azul da entrada da barra; fizera uma vez rapida viagem de phantasia ao Parahyba; suppunha ser um enorme rio; commettia o mesmo erro que os descobridores portuguezes.

Depois de muito scismar sobre a colossal atalaia, deixada pelo Creador para assignalar sua obra-prima no littoral oceanico, a poetica *Douradinha* continuava a percorrer com os olhos o magnifico panorama do seu *Belvedere;* via o Corcovado, as serras da Tijuca e do Matheus, as montanhas de Maxambomba, as serras do Madureira e do Marapicú.

Ahi parava de novo e entregava-se a profundas meditações. Estendia-se grande, immensa, deante della a planicie de Sancta Cruz, depois, nas manhans claras, divisava um espelho azul, donde subiam nuvens brancas e tenues veus de gaze. A explicação do rio não satisfazia á orgulhosa *Douradinha*, a infeliz ignorava o Oceano, a sublime imagem do infinito nas incomparaveis paisagens do Supremo Pintor.

Passava horas a procurar a decifração deste enigma immenso; afinal irritada por esse impossivel, a caprichosa rainha lançava um olhar de despreso para as Serras de Itaguahy, da Cacaria e do Pirahy, indo repousar os olhos no grande massiço da Bocaina. Recordava, então, sua viagem, de prazer ao Parahyba, sua ascenção aos pincaros do Itatiaya, os opiparos festins, que ahi fizera, de tenros novilhos, e dava um suspiro, que era realmente um feroz rugido. Nesse momento a bellissima *Douradinha* era terrivel de ver; o pello eriçado, a cauda hirta, os grandes olhos injectados de sangue, narinas arregaçadas, os rubros labios abertos deixando ver as delacerantes presas, o ambiente electrisado com um odor de sangue e de carnificina. Oh! Era então medonha essa rainha-virgem...

Este accesso de ferocidade durava pouco; a scismadora *Douradinha* applacava-se logo, terminando sua excursão occular na Serra de S.ta Anna, limite occidental do esplendido panorama do seu *Belvedere*, e tambem seu passeio predilecto.

A *Douradinha* era feliz? Não; é impossivel ser feliz quando, se

tem coração de onça. E' preciso, é necessario, é indispensavel ser bom para ser feliz.

Nem Fredegona, nem Brunehaut; nem Catharina de Medicis, nem Maria Tudor; nem uma dessas rainhas, que mereceram de seus subditos o appellido de *Hyena*, nem uma conheceu a felicidade.

Ha no drama *Medéa*, do bello poeta Legouvé, uma demonstração practica dessa these de moral.

Quando a feroz heroina implora de *Creusa* que restitua os filhinhos, enumera todos os dotes da gentil princeza e termina dizendo: — *Creusa! Tu até és innocente!*

Sabia, por experiencia propria, a terrivel *Medéa* o que era o remorso do crime, e que a innocencia era o primeiro elemento de felicidade.

Mas é necessario fazer justiça á rainha das florestas do Tinguá; não devemos comparal-a nem a *Medéa*, nem a *Fredegona*, nem a outras rainhas de tão nefanda memoria. A *Douradinha* jamais teve prazer em matar; jamais allegou o elastico pretexto de *razão de Estado* para cevar seus instinctos sanguinarios; jamais trucidou seus proprios netos como *Fredegona;* nem instigon carnificina como a de São Bartholomeu, nem mesmo, como a rainha virgem da Inglaterra, mandou decapitar os amantes, em um momento de ciosa raiva.

Biographos conscienciosos, devemos até dizer que, um dia, em sua excursão ao Itatiaya, a *Douradinha* tinha já entre os dentes um lindo cordeirinho, e largou-o ao ouvir o grito flangente da misera mãe, que esquecera o medo na immensidade da atroz dor de ver devorar o filhinho.

. . . . . .

A *Douradinha* jamais collocou-se ao alcance das espingardas dos caçadores; em parte por prudencia, mas principalmente por faceirice.

Lembrava-se que seu tio fôra ferido na perna, e que ficára supinamente ridiculo e ainda mais quando lembrava-se de fazer-lhe a côrte.

Logo que ouvia tiros, corria para os mais altos pincaros do Tinguá, e assistia de mirante ao espectaculo da caçada.

Debalde cubiçavam-lhe a doirada pelle os mais bravos caçadores; chegaram a formar partidas de proposito para matal-a, e a perder trez e cinco dias no matto a fatigar inutilmente os cães. Por fim, mortos de fome e de cansaço, retiravam-se dizendo como a raposa da fabula — *Estão verdes,* ou o que valia o mesmo: «Deixemos viver a *Douradinha*, não faz mal a ninguem, é a rainha das florestas do Tinguá».

Lembrava-se saudosamente a formosa *Douradinha* da triste sorte

de seu velho pai; tinha sempre diante dos olhos o misero quadro de sua morte. varado por innumeros projectis de tres bacamartes.

Vinham descendo tranquillamente a Serra de S.ta Anna, olhando para o bellissimo ceo estrellado; o velho, que tinha louco orgulho da belleza da filha, olhára para *Sirius* e disséra á *Douradinha:* — «E' a unica estrella que tem o brilho de teus olhos».

Uma onda de orgulho inundou o coração da formosa onça; mentalmente complêtou o elogio do velho pai dizendo: — «Tenho dois olhos; o céo só tem um com o brilho dos meus».

Não se admirem os leitores de possuirmos notas sobre as phrases mais intimas da *Douradinha.* Nós outros sabemos cousas que todos ignoram; vemos cousas invisiveis; ouvimos palavras que jamais foram dictas, nem mesmo balbuciadas.

Charles Darwin, o Newton do mundo organisado, ainda não poude achar a evolução da palavra desde o protoplasma animal até os zoophitos; desde os zoophitos até os malacozoarios; desde os malacozoarios até os entomozoarios, e desde os entomozoarios até os osteozoarios, onde está o vaidoso animal chamado homem; no emtanto, ha muito tempo que nós sabemos porque o coral edifica palacios para as ondinas; a razão de servir o polvo de carrasco aos hypocritas como clubin; as phrases amorosas que dizem as abelhas quando beijam os nectarios das flores das larangeiras; e os lindos romances que se passam entre os sabiás, balançando voluptuosamente nos leques das palmeiras.

Era indispensavel tal explicação para poderem os leitores bem comprehender esta fidedigna biographia da orgulhosa *Douradinha.*

Vinha ella saboreando a doce ambrosia da vaidade, quando o velho pai divisou na planicie um braseiro. D'ahi a pouco, seu pratico olhar tinha reconhecido um pouso de Mineiros, em viagem para o Rio de Janeiro.

Principiou a caminhar cautelosamente; quando chegou á planicie, em logar de avançar em linha recta sobre o pouso, começou a descrever circumferencias, ou melhor, enorme espiral em torno do braseiro. Ainda estava na primeira volta da espiral, quando os échos repetiram esses latidos especiaes dos cães, amedrontados pela aproximação das onças.

O velho pai disse á *Douradinha* que parasse, e continuou elle só na medonha evolução contra o pouso dos Mineiros. Acordados pelos latidos dos cães, que principiaram a chorar, occultando-se e envolvendo-se-lhes pelas pernas, ourinando como creanças poltronas; pelo zur-

rar das bestas, que, amedrontadas, queriam disparar, ou ficavam hirtas como si atacadas de catalepsia; os Mineiros tomaram seus bacamartes de boca de sino e esperaram o atrevido assaltante.

Um diligente *piau,* travesso caboclinho, que lhes servia de pagem, apanhou algumas folhas seccas de palmeira iri, machucou-as em forma de bola e veiu collocar-se ao lado de seu amo, velho caçador de onças nos sertões de Goyaz.

A um signal dado, o piau projectou sobre o braseiro uma das bolas de palha de iri; fez-se um clarão brilhante, como se houvessem accendido uma dessas tigellinhas, que servem para os signaes maritimos á noite; o velho pai da *Douradinha* estacou surpreso; trez atroadores tiros de bacamarte resoaram por todos os échos do longo valle do rio S. Pedro; ao mesmo tempo ouviu-se um grito horrivel, simultaneamente cruciante e plangente, ultimo gemido de um assassinado, supremo adeus de um pai á sua filha idolatrada.

. . . . . .

Falta-nos a coragem para narrar a morte atroz que teve a magestosa rainha das florestas do Tinguá.

Somos obrigados a crer na metempsichose para explicar a justiça de um tal fim.

Por fatalidade faltam-nos os livros do sublime Pytagoras; do mestre dos mestres; do archetypo dos philosophos; do primeiro a comprehender o Cosmos, o Universo harmoniosamente ordenado; do primeiro a proclamar que a unidade é o bem moral; que a diversidade é o mal, e que a justiça é a igualdade!

Ah! Quanto perdeu a humanidade, perdendo os manuscriptos do primeiro philanthropo da antiguidade!

Com certeza nessa singular onça expiava seus crimes alguma rainha; alguma dessas mulheres fatalmente bellas, seduzindo com o duplo prestigio da corôa e da formosura, matando com os olhos antes de assassinar com o punhal ou de mandar decapitar com o cutello!

Esta é a unica explicação plausivel da tragica morte da formosa *Douradinha.*

Foi em um plenilunio de Novembro.

Era primavera nas florestas do Tinguá.

O *belvedere* da *Douradinha* estava tapeçado de mimosas flores de irideas azues, surgindo a custo de longas folhas verdes e brilhantes, como se fossem fitas de setim. Sua cascatinha de Limeira estava toda ornada de rubras flores de bromeliaceas e de vistosas corollas de nulastomaceas. Sobre o verde claro da planicie brilhavam alguns ipês, sem uma só folha, mas co-

bertos de aureas flores; enormes ramalhetes de ouro, esquecidos pelas sylphides depois do grande baile do luar.

A *Douradinha* acordou mal; com febre.

Aspirou, a longos tragos, o ar embalsamado pelas numerosas flores da montanha, e sentiu-se peior.

Olhou para o sublime panorama, que se estendia a seus pés, e sua infinita belleza irritou-a.

Ergueu-se de um salto de seu molle leito, acolchoado com folhas da bella palmeira oricana, e dirigiu-se para a cascatinha suppondo ter sêde. Ahi não bebeu; sorveu a agua mordendo-a com frenesi. Ah! pobresinha! Sêde de amor não se sacia com agua. Atirou-se dentro do lagosinho que precede á primeira quéda e mergulhou trez vezes! Debalde! Fogo de amor não se apaga com agua!

Sahiu ainda mais febril do banho; pousou um momonto sobre a negra rocha; o sol nascente envolveu-lhe o corpo em aureo manto, e deu bello reflexo de prata á esplendida cascata: assim a formosa onça parecia uma esphynge de ouro sobre um throno de crystal.

Foi essa a apotheose da *Douradinha.*

Vagou todo o dia sem comer, arquejando, com os membros lassos, tropeçando a cada momento, ardendo em febre, com os olhos injectados de sangue, mal podendo ver a alguns passos de distancia. Atravessou o rio de S. Pedro no Callado, onde suas crystallinas agnas cavaram um tunnel, pelo qual elle passa mysteriosamente em silencio.

A noite encontrou-a muito alêm da Serra de S.ta Anna. Morta de cansaço principiou a voltar para procurar repouso no seu leito, juncto a cascatinha de Limeira.

Vinha então a lua nascendo por traz das gigantescas montanhas, que limitam a bacia oriental do rio de S. Pedro; o espectaculo era tão maravilhosamente bello, que fez parar a *Douradinha* para contemplal-o.

Dir-se-hia que sobre a linha das cumiadas tinha um artista gigantesco estendido soberba renda verde sobre alvissimo setim; o ceu perdera a cor azul escura e empallidecera como em um extasi de amor; aqui e alli algumas nuvens recebiam directamente a luz da lua, e simulavam estatuas e vasos colossaes de prata de baixela celeste; o melancholico astro da noite apresentava-se em seu maximo explendor, sobre a copa de um magestoso ipê, como sobre um throno de velludo verde.

Corria brisa ligeira e suave, que mal podia agitar os leques destas lindas palmeirinhas, tão praticamente bem classificadas no genero *Euterpe;* parecia que só tinha por fim distribuir, por todos os seres

vivos, desde as mais tenras plantinhas em flor, até os mais ferozes animaes, os efluvios de volupia, que a lua estava derramando tão profusamente.

— Qual foi o estulto astrologo que consagrou a lua á casta Diana?!

— Que grosseiro erro!

A lua é Venus-Aphrodite; é a excitante de todos os amores; é a confidente de todos os amantes; assiste, voluptuosamente reclinada em coxins de setim branco, a scenas, que envergonhariam ao fulgurante Apollo.

Si a *Douradinha* escrevesse diario, como as heroinas de Octave Feuillet, teria deixado testemunho irrefutavel do mal que nessa noite lhe fez a lubrica lua.

Ah! coitadinha! Esse maravilhoso espectaculo causou-lhe uma dôr funda! Deu um suspiro; um verdadeiro suspiro de amor! Nenhum de seus adoradores o poude escutar; vagavam muito longe, pelas margens do Parahyba, no goso de amores mais faceis.

Baixou tristemente os olhos... Viu então, na branca fita de prata, que as aguas do rio de S. Pedro desenhavam sobre o verde-negro prado alguma cousa de estranho.

As aguas, de vez em quando, repuchavam em perolas; outras vezes turbilhonavam como agitadas por vigorosos nadadores. Approximou-se e reconheceu duas antas, que celebravam suas nupcias banhando-se nessas purissimas aguas, ora prateadas pela lua.

A felicidade desses dois entes deu-lhe raiva; precipitou-se, de um só bóte, sobre o amante, que disparou vertiginosamente, galgando aos saltos as montanhas da margem esquerda de S. Pedro; a *Douradinha*, agarrada á sua victima pela quintupla tenaz dos dentes e das unhas, repetiu a fatal carreira de *Mazeppa,* aggravada pelos espinhos das arvores da floresta! Por fim a anta enveredou por espessa matta de gigantescos taquarussús; por pouco um dos agudos rebentos da colossal graminea penetra nos formosos olhos da *Douradinha.* A faceira onça abandonou a presa saltando sobre o galho de um gigantesco tapinhoam.

Estava morta de fome e de cansaço.

Começava a descançar quando percebeu um som surdo e longinquo; sentiu a terra tremer e vibrar o grosso tronco de tapinhoam; dahi a pouco ouviu estalar as folhas dos taquarussús; um cheiro acre e nauseabundo irritou-lhe as narinas; reconheceu a approximação de uma vara de porcos-queixadas.

Elles chegaram e rodeiaram o tronco de tapinhoam, negros, sujos, feios, medonhos; eram em numero de cem. A *Douradinha* compre-

hendeu logo que, fraca e extenuada, ia travar supremo combate com seus mais ferozes inimigos. Olhou em torno de si; ao lado de tapinhoam erguia-se um magestoso cedro; seus ramos entrecruzavam-se em fraternal abraço; innumeros cipós, indo e vindo de um para outro, pareciam formar solidos laços dessa fraternidade florestal.

Tentou saltar do tapinhoam para o cedro; pela primeira vez faltaram-lhe os musculos. A misera ficou suspensa, enlaçada por um cipó de bigonea, carregado de aureas flores.

Os hediondos porcos-queixadas approximaram-se; a *Douradinha* sentiu-se perdida; faceira, até nesse momento supremo, tomou na boca um ramo de flores, como outr'ora as proprias victimas se adornavam para os cruentos sacrificios.

A cada movimento da *Douradinha* o cipó escorregava, augmentando a catenaria, e approximando a misera de seus algozes.

Ouviu-se então um grunhido horrivel, sahido de cem bocas, sedentas de sangue e de vingança...

Espadana rubro sangue; os queixadas precipitam-se uns sobre os outros entremordendo-se no cego furor de acabar com a sua presa; cahem alguns, victimas de sua propria voracidade; era pequena a presa para a immensa gula desses atrozes carrascos.

Alguns minutos depois estava tudo terminado; a vara de queixadas pôz-se a caminho para beber agua no rio S. Pedro; iam graves, serenos, ensanguentados, hediondos, como inquisidores dopois de um *auto de fé*.

Sobre o chão ficaram apenas alguns pellos amarellos e pretos; a poncta da basta cauda; e uma bola ensanguentada, donde surgiram duas alvissimas presas; entre ellas restavam trez lindas flores de bignonea rajadas de sangue vivo...

Era o craneo da rainha das florestas do Tinguá!

ANDRÉ REBOUÇAS.

(Do Novo Mundo.)

A Luiz Guimarães

Já não vives! Calou-se a voz da lyra
Tão bella e pura como a divindade!
Genio, que foi?... — Como um pharol que expira,
Não brilhas mais! Tristissima verdade!

Tu'alma pelos ceus cor de saphyra
Voa n'aza de luz da Liberdade;
Porém minh'alma que a sorrir te ouvira
Fica na treva cheia de saudade!

Na flor, no bosque, no raiar d'aurora,
Fluctua a sombra da melancolia,
Como uma nuvem lugubre e funesta!

O sol se apaga ... a natureza chora
Triste e sentida, como a viste um dia
Chorando pela *Virgem da Floresta!*

AUREA PIRES.

5—6—1898.

Na selva

A' Georgina Teixeira

Estou sentada á sombra da floresta,
Vendo a verdura e vendo o firmamento!
Sinto o favonio me osculando a testa,
Sinto minh'alma recobrando alento!

Aqui, no seio agreste da natura,
Canto, suspiro, choro em liberdade!
Pronuncio o teu nome com doçura,
Como que alliviando esta saudade...

As borboletas brancas que me cercam
Não sabem rir do meu sonhar profundo.
— Doiradas crenças, oh! que não vos percam
Nem vos matem as turbações do mundo!

Vinde commigo, ó almas lacrimosas
Dos poetas, dos bons, dos sonhadores,
Vinde cantar nas veigas silenciosas
A musica ideal de vossas dores!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

De um livro de viagens

(Excerptos)

XX

Eil-a, afinal, essa Villa Rica gloriosa e triste, filha dos bandeirantes e bem amada dos poetas da Inconfidencia! lá, ao nascente, vomita o fumo da nevoa empennachada em rolos escuros, o cabeço negro do Itacolumy: és a balisa gigante destas cercanias, ó Itamonte de Claudio, como o magestoso Itambé foi sempre o farol do sertanista, lá para as bandas do diamantino solo, que o Jequitinhonha poetisa com as aguas encantadas e ricas... Serpejando a encosta do *Morro da Forca*, duramente chagado pelos golpes do alvião da industria e pela força roedora das chuvas, vejo o *Funil*, ribeirão em cujas margens primeiro pisou Miguel Garcia de Sabará, ha dous seculos; ali, nas aguas que tantos mysterios de outras eras nos poderiam contar, se reflectem hoje os edificios pesados da estação do caminho de ferro e de hora para hora sobre a corrente placida do ribeirão passa veloz a sombra enor-

me do comboio em marcha. Vejo bem teus bairros e sitios agrestes, tuas penedias e templos brancos, teus palacios coloniaes e soturnas ruas de povoação antiga: á esquerda, abaixo do *Alto da Cruz* e da egreja de Santa Ephigenia — a Santa querida de teu povo — está a pequena capella do arrabalde do *Padre Faria*, em que João de Faria Fialho, sacerdote paulista, no lazer das explorações do ouro, vinha celebrar deante do povo crente e forte das bandeiras.

Salve! gloriosa terra de Ouro Preto, heroina da liberdade patria...

NELSON DE SENNA (PELAYO SERRANO).

Mãe

(*Homenagem á memoria de minha querida e boa mãe.*)

Canto primeiro que modúla o infante,
nota sublime de bendita esp'rança,
suspiro meigo de pombinha mansa,
lago sereno a retratar o ceu:

—mãe! — quando a tarde desdobrando o véu
vae sobre a terra derramando encantos,
na doce hora dos enlevos santos
quando entre aromas a florinha cresce,

lá do Infinito brandamente desce
grata saudade ao coração magoado,
e a tua imagem vem do ceu doirado
si já na terra não existes meiga!

Tu és o lyrio que perfuma a veiga,
a luz mimosa do sorrir d'aurora;
ó doce imagem que o universo adora,
balsamo santo ás amarguras d'alma.

Tu és a c'rôa de virginea palma,
tu és o aroma que embalsama o altar,
o riso meigo que nos prende ao lar,
celeste bençam que o praser derrama!

Tu és o estro que a minh'alma inflamma
quando a tu'alma em cada flôr diviza,
quando te escuto no gemer da brisa
e o olhar te vejo no fulgir da estrella.

Oh, desce, desce carinhosa, bella,
vem da saudade acalentar-me os ais;
quero beijar-te em cada flôr singela
já que na terra não existes mais!

DELMINDA SILVEIRA.

Capital de S.ta Catharina.

Notas pequenas

Rua do Ouvidor. — Continúa a apparecer com regularidade, este interessante semanario, que vai fazendo jús á sympathia do publico em geral. O n.º 5 abre com o retrato do grande pianista e applaudido compositor Arthur Napoleão; o n.º 4 estampa o retrato do conhecido jornalista D.r José Carlos Rodrigues e o n.º 3 vem ornado com o retrato da talentosa escriptora Maria Clara da Cunha Santos.

A *Mensageira*, que tem tido em Maria Clara a sua maior auxiliar, já pela sua original e bella colla-

boração, feita com a mais captivante assiduidade, já pelos grandes esforços que emprega constantemente para angariar-lhe novos assignantes, pede permissão á *Rua do Ouvidor* para transcrever os conceitos com que acompanhou o retrato da distincta brazileira e o faz com o mais vivo contentamento. Eil-os:

D. Maria Clara da Cunha Santos.

E' com o maior desvanecimento que honramos esta pagina com o retrato da Exma. Sra. D Maria Clara da Cunha Santos.

Esposa dedicada do illustre engenheiro e benemerito batalhador abolicionista, D.r José Americo dos Santos, é filha do conceituado magistrado que, actualmente em Alfenas, Estado de Minas Geraes, occupa, com muito criterio, o logar de juiz de direito, tendo sido auditor de guerra do 3.º corpo do exercito durante a gloriosa campanha do Paraguay.

D. Maria Clara, senão bastassem os sentimentos de virtude que muito a recommendam, seria apreciada ainda pela sua intelligencia esclarecida e pelo cultivo de seu espirito.

O livro de versos que publicou, de collaboração com D. Presciliana Duarte, nome assáz conhecido no mundo das lettras, e que teve por titulo — *Pyrilampos e Rumorejos*, prefaciado por Adelina Vieira, mereceu da imprensa os mais justos applausos, e do publico a mais sincera acceitação, pois que se acha esgotada a sua primeira edição.

Tem sido collaboradora de diversos jornaes d'esta capital, d'entre os quaes podemos destacar a *Gazeta de Noticias*, *O Paiz*, *Semana*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brazil*, *A Familia*, etc.

Actualmente é collaboradora da *Mensageira*, excellente revista litteraria, que se publica em S. Paulo, sob a direcção de D. Presciliana Duarte de Almeida, onde escreve «Cartas do Rio», e tambem collabora n'esta modesta folha, que se honra em publicar hoje um bello soneto e um magnifico conto da lavra da distincta senhora, verdadeiros mimos artisticos, que offerecemos aos nossos leitores e leitoras.

D. Maria Clara se dedica tambem á musica e á pintura, apaixonadamente.

Tem uma bella voz, bem afinada e melodiosa, e é violinista que sabe manejar o arco com elegancia e firmeza.

Já concorreu com tres quadros á exposição de pintura, na Escola Nacional de Bellas Artes, d'esta capital, merecendo os seus trabalhos elogios de pessoas competentes e de toda a nossa imprensa.

São Paulo | 30 de Junho de 1898 | Anno I, N. 18

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — O ultimo discurso, Julia Lopes de Almeida; — Contos e Phantasias, critica literaria, Alberto Souza; — Velando, soneto, Georgina Teixeira; — Carta do Rio, Maria Clara; — Natal, soneto, Auta de Souza; — Saudade antiga, Amadeu de Queiroz; — Selecção; — Notas pequenas; — A mulher no Celeste Imperio.

O ultimo Discurso

Dr. Paula Guedes, muito velhinho, sumido entre os almofadões do seu grande leito de peroba, com os pés aquecidos por uma botija de agua quente, a camisola de flanella bem abotoada no pescoço delgado e rugoso como um galhinho secco; as mãos mirradas sobre a colcha de lã, a fronte já tocada de uns tons da amarellidão cadaverica, os labios murchos sob o musgo branco do bigode queimado, as palpebras descahidas, mal ouviu a neta dizer-lhe que havia alli um officio dirigido a elle, sentiu logo um calorsinho entrar-lhe na alma fria.

— Ainda não o tinham esquecido! ... E, com um fio de voz fragilissimo, reclamou logo:

— Os meus oculos!

Postos os oculos, exclamou radiante:

— E' do Instituto! E apalpava o papel grosso, onde o distico d'aquella corporação apparecia em lettrinhas negras.

A neta, em pé ao lado da cama, observava-lhe com espanto a mudança da physionomia. As palpebras, até então fechadas numa somnolencia que parecia o ensaio para o grande somno, levantavam-se agora, deixando que das pupillas ha pouco amortecidas, sahissem novos lampejos, como mosquinhas de ouro bailando tontas no ar.

— Hum ... hum! é do Instituto ... ainda não me esqueceram ... hum ... sempre faço alguma falta ... hum!

E todo o corpo do doente se movia sob a grande colcha felpuda, onde não faria menos volume o esqueleto de um menino de dez annos.

A neta offereceu-se para a leitura.

— Não! depois! espera ... corre a cortina ... a luz é má.

— Assim?

— Assim.

A leitura começada foi logo interrompida.

— Hum! hum! abre a janella!

— Vovô, vamos ter chuva; ha tanta humidade que nem parece uma manhã de verão.

— Não faz mal; abre a janella.

— Mas ... vovô!

O dr. Paula Guedes, que tomara na vespera os sacramentos, como bom catholico-apostolico-romano, todo purificado pela absolvição, rompendo a inercia dos seus oitenta e tres annos e d'aquella doença que o fazia tiritar de frio em pleno Fevereiro, gritou em um falsete irado:

— Abre a janella!

A janella abriu-se. Gottas d'agua cahiam da ramaria perto; para alem nada se via: tudo era branco.

— Aqui na Tijuca estes nevoeiros de verão prognosticam dias formosos, disse o doutor com um sorriso, desdobrando o officio. Era um convite. Pediam-lhe que fosse elle o orador na grande solemnidade que o Instituto realisaria d'ahi a um mez em homenagem ao tricentenario de Anchieta.

Então é que o enxame de mosquinhas de ouro torvelinhou doidejante. Meu Deus! o Instituto, o centro das grandes capacidades do paiz, dos nomes mais respeitados e queridos do imperio e da republica, aquelle ninho de intelligencias perfeitamente dirigidas, de ministros, conselheiros, marechaes, historiadores, e grandes homens de lettras, precisava delle, do apoio da sua voz, do fulgor da sua illustração? Que honra, que doce consolo aquelle que lhe ia bater á porta nas ultimas horas da sua vida, exactamente quando elle curtia a amargura de pensar que tinham ha muito posto sobre o seu nome uma pedra ainda mais pesada do que a outra que botariam em breve sobre o seu corpo!

Confuso, alvoroçado, releu o officio, passou-o á neta, ouviu-o lêr de novo; mandou chamar a familia inteira, communicou-lhe o successo, com ar rejuvenescido, contente.

Elle faria por acceder ao convite!

Oppuzeram-se todos. Seria a sua ruina; que dormisse descançado, sem atormentar a imaginação.

Que se lembrasse dos conselhos do medico ... e que mais isto e que mais aquillo...

Fallassem pr'alli! Elle já nada ouvia. Escorregou nos seus travesseiros, fincou o olhar na cupula do cortinado, e, nem mais palavra.

Fecharam a janella, aconchegaram-lhe ao corpo mirrado as dobras da colcha, cerraram o corti-

nado e — Chut — sahiram em bicos de pés.

No seu grande leito, o Dr. Paula Guedes, muito branquinho e engelhado, de mãos postas, tal e qual como na vespera, quando a Visita de Deus entrara no seu quarto, via desfilar, o cortejo extraordinario de grandes vultos da historia. Galeras a todo o panno singravam as ondas aniladas com rumo ás terras formosas em que soavam a lingua dos Tupys e a lingua dos Guaranys.

E o espirito do velho D.r Guedes, lá se remontou a 1553, sorrindo ao vulto pallido e severo do moço jesuita Anchieta, acompanhando-o pelas selvas e as montanhas incultas, vendo-o escrever os seus versículos sacros e arrebanhar creanças para as procissões.

Começou então a pensar na construcção do seu discurso. Dividil-o-ia em grandes periodos, com toda a sua minucia e caturrice academica; deveria ser uma peça substanciosa, por vezes anecdotica, mas sempre elevada. O seu maior empenho era o de fazer este discurso mais brilhante que todos os outros que tinha deixado atraz de si, espalhados pelas revistas, pelas salas e pelos archivos. A palavra entontecia-o, arrastava-lhe o pensamento no seu velludo macio, onde as ideias brilhavam com um fulgor de raio.

O orador começava a achar intoleravel a demora no leito!

Veiu-lhe a saudade das suas estantes, do conforto da sua bibliotheca, da commodidade da larga secretaria, tão affeita ao peso do seu braço amigo.

Já não sentia frio, já não lhe doiam os membros lassos, quasi inertes; aquelle convite do Instituto fôra a providencia; trouxera-lhe um pouco de mocidade; era uma resurreição!

Oh! o Instituto não se esquecêra... estava tranquillo: deixava um nome, faria falta!

Trouxeram-lhe leite; bebeu-o de um trago e reclamou papel e lapis.

Houve rumor em casa. Consultaram-se uns aos outros. Dariam o lapis? Dariam o papel? Uns diziam que sim, outros que não; e entretanto elle, murcho e debil no meio dos seus almofadões, coordenava as suas memorias historicas, organisando uma obra digna do assumpto, com um pouco de phantasia que lhe adoçasse a sobriedade dos dizeres classicos, em portuguez bem litterario e castiço, como se presava de o escrever.

Trouxeram-lhe afinal o papel e o lapis, e a pouco e pouco foi-se o leito juncando de livros, archivos, glossarios, volumes de historia.

O D.r Paula Guedes já não carecia da botija de agua a ferver, para os pés; um calor confortativo,

de vida, alastrava-se por todo elle, em uma febre doce, que punha cada vez mais acceso o enxame de mosquinhas de ouro dos seus olhos encovados. — Cada louco tem a sua mania; resmungava a familia descontente, com medo d'aquelle trabalho penoso para um corpo sem sangue, prestes a cahir! Entretanto o discurso ia indo, caudaloso, nos moldes velhos a que o orador se acostumara e que considerava, como bom rhetorico, os unicos capazes de bem levantar as almas.

E o milagre fez-se. O velhinho parecia ter adiado a morte e levantou-se oito dias antes da grande solemnidade, com o seu discurso architectado, e as mãos cheias de notas que elle coordenou na grande secretaria da sua bibliotheca.

Tudo concluido, recommendou ás filhas que lhe preparassem o terno da casaca, e as luvas, e a gravata branca, mais as suas commendas, que elle, grande respeitador das velhas instituições, usava sempre nas funcções solemnes. Na doce febre do seu espirito todo voltado para o ideal e para a historia, o velho D.r Guedes rejuvenescia, como se mão mysteriosa o ajudasse, invisivelmente, a caminhar na vida.

Dias antes da solemnidade quiz ensaiar-se e experimentar o seu fato, ha tanto tempo guardado no fundo escuro do armario. E preparou-se; o corpo nadava-lhe dentro do panno preto; e dentro do collarinho engommado o seu pescocinho fino mal parecia dever sustentar-lhe a cabeça branca, recheada de ideias e de imagens gordas.

Abriu-se o salão da frente, accenderam todas as arandelas, e os filhos e netos sentaram-se disseminados, como se com a dispersão parecesse augmentado o auditorio.

D.r Guedes entrou, com passo firme á força de energia, sorriu, fez a mesura do estylo: — «Minhas senhoras! — meus senhores!» e, folheando os seus manuscriptos, começou a fallar em voz fraca, espalmando no ar a mão direita emquanto a esquerda carregava as vinte e seis tiras de papel almaço.

O seu primeiro discurso não o commovera tanto. E' que elle agora julgava-se esquecido, perdido da memoria dos seus contemporaneos e d'aquellas gerações que tinham succedido á sua, com menos brio e peiores armas. Agora estava contente, o Instituto lembrara-se, e o Instituto valia tudo!

Com as condecorações reluzindo-lhe no peito magro e fundo, o D.r Guedes procurava dar gravidade ao gesto e sonoridade á voz; mas os oculos descahiam-lhe, a vista faltava-lhe, e a palavra perdia-se em um som rouco e debil. Elle mal percebia tudo isso, approximava-se da luz, sustinha com os dedos tremulos o aro de ouro dos

oculos... E as filhas choravam, constrangidas, muito caladas, engulindo as lagrimas.

Quasi no fim, em um dos seus melhores periodos, em que ideias e palavras desabavam com um fragor de catadupa, ao esboçar um gesto, o D.r Paula Guedes estacou, abriu os dedos e deixou voar para o chão as tiras do seu discurso. Acudiram todos; receberam-no nos braços, deitaram-no no seu grande leito de peroba, e, quando olharam de perto para o seu rostinho lividó, viram que das suas pupilas fundas, a ultima mosquinha de oiro tinha partido, como a ultima abelha do seio de uma flor murcha.

Então, a mais calma das filhas reuniu as tiras esparsas do ultimo discurso do pae, dobrou-as e metteu-as carinhosamente no bolso da casaca, tal qual como se elle, em vez de ter de ir para o cemiterio, tivesse de ir para o Instituto!

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Contos e phantasias

Um dos mais profundos pensadores do seculo XVII, o egregio fundador da philosophia objectiva, o eminente Descartes dizia judiciosamente, em seu *Discours sur la méthode,* que «nós somos propensos a nos enganar a nosso respeito, e que as opiniões de nossos amigos devem-nos ser suspeitas quando nos são favoraveis».

A essa consideração, a que chamei judiciosa, poder-se-ia oppôr, não obstante, uma objecção ponderosa, embora modesta. E' que si nossos talentos e nossas virtudes não forem um dia gabados e enaltecidos pela voz sympathica dos nossos proprios amigos, com certeza que jámais o serão pelo rancor e despeito dos adversarios, ou pela indifferença daquelles que nos são alheios.

A suspeição da amizade é mais nobre do que a suspeição da antipathia, porque aquella proclama lealmente as boas qualidades que um homem nunca deixa de possuir, ao passo que esta apenas assoalha com perfidia os deffeitos, amortecendo, escurecendo as virtudes.

E' porisso que não sinto constrangimento algum em confiar a estas paginas publicas, o conjuncto de minhas duradoiras impressões a respeito da personalidade interessante e do primeiro livro de José Vicente Sobrinho.

A este joven escriptor me prendem laços antigos de sympathia pessoal reciproca, e affectuosas recordações de uma camaradagem literaria que se iniciava justamente no momento em que elle, sugestionado por minhas insistentes ani-

mações, entrava no bulicio da publicidade, emquanto que eu, gravemente imbuido do sentimento da decadencia universal, buscava, nos grotões desertos e selvagens da philosophia regeneradora, um refugio moral contra os assaltos da anarchia contemporanea. Ahi fiz longa penitencia em muitos annos de expiação magistral, ahi derramei prantos amargos sobre as desgraças humanas, ahi paguei sobejamente todas as culpas de meu hediondo passado.

Como, porém, nesses grotões abafadiços e profundos, o ar nunca se renova e a escuridão não se dilúe, notei, certo dia, que a saudade accordava-me nalma penitente rebates alvoroçados, anceios impetuosos, desejos irrequietos, uma nostalgia vehemente pelos horisontes dilatados que eu já vira, pela briza errante, pelos campos livres, pelas aves sôltas, pelos aromas esparsos...

E por manhã suave e luminosa, que o passarêdo jovial me annunciava nos seus papeios crystalinos, eu me despojei freneticamente de todas as insignias; despedacei o burel andrajoso; intrometti o encebado breviario pelo reconcavo mais obscuro do grotão; repassei olhares de piedade sobre os palidos eremitas que ainda por ali ficavam, a persignar-se mysteriosamente no alto da cabeça, balbuciando fórmulas complicadas, — e transpuz affoito o limiar sombrio, depois de haver quebrado á passagem algumas sebes espinhosas que difficultavam a retirada.

Uma das surpresas mais deleitosas que me aguardaram no meu regresso á eterna patria do ideal e da poesia, — foi, sem duvida alguma, o bello volume com que José Vicente acabava de apparecer. Poeta emerito, e poeta parnasiano de tempera inflexivel, elle não sacrifica os esplendidos effeitos de sua prosa phantasista ás necessidades fundamentaes da concepção, ás exigencias positivas da realidade. A' semelhança do paciente artista chinez que repinta, na transparencia leitosa das porcelanas antigas, delicadas miniaturas cheias de coloridos imprevistos, José Vicente deixa que seu estylo passeie triumphalmente em liberdade franca, irradiando e faiscando, ora sobre as paizagens exoticas, os ondulantes arrosaes do imperio do sol; ora sobre as varzeas nataes esmaltadas pela florescencia das primaveras paulistas. A phantasia do poeta não conhece barreiras; transpõe mares, galga montanhas, adapta-se a todos os meios e diffunde-se por todas as civilisações. Tanto conversa com os rudes pescadores das nossas costas maritimas, como se familiarisa com a patuléia algazarrenta dos bairros operarios de

Pekim; tanto acaricia o rosado queixosinho de uma patricia esbelta, como repuxa comicamente o delgado rabicho de um mandarim opiado...

O que ella quer é um pretexto para viajar espiritualmente, um leve thema que lhe permitta digressões e devaneios, que obrigue o estylo a desenhar *silhouettes*, a burilar arabescos, a sarapintar chinezerias, a tecer e entretecer lavôres.

Com tal expontaneidade e brilho de linguagem era para desejar que José Vicente fôsse menos parnasiano, menos exclusivista da fórma, e se compenetrasse melhor do papel fundamental do sentimento e das idéias em toda e qualquer obra d'arte. Si em vez de se desterrar, como os fundadores da escola parnasiana franceza, para os confins do Oriente maravilhoso, á cata de assumptos bizarros e de originalidades extravagantes, descrevendo, atravez de imperfeitas narrativas alheias, mundos e costumes que nunca viu, o artista applicasse o talento viril na observação cuidadosa dos typos e da civilisação da nossa terra, com certeza que o seu formoso livro de estréia teria sido uma obra mais completa e valiosa sob todos os pontos de vista.

E' porisso que eu prefiro saudar principalmente o naturalista que compoz os contos que constituem a primeira parte do volume — esboços promissores de quadros futuros artisticamente acabados — considerando em plano secundario o pomposo estylista das *Cartas a minha irmã*, onde a sua phantasia, sedenta de ideal, esvoejou sem norte pelo azul polido do céo japonez, ou desgarou, como junco tremente, sobre a onda amarella do mar da China.

O talento não consiste apenas na expressão elegante e facil, pois que isso dependeria sómente de praticar a lingua com perseverança, surprehendendo-a nos seus effeitos imponentes de luz, de som e de perfumes. O verdadeiro talento é aquelle que effectivamente observa, comtempla, medita, abstráe, assimila, — e por fim exprime, com expontaneidade, fulgôr e eloquencia, os resultados dessa elaboração inicial indispensavel.

A expressão magnifica é uma face brilhante do talento, é um subsidio, um elemento seguro para o exito, mas não é o talento completo, tomado no seu conjuncto indivisivel, apreciado na sua grandiosa unidade.

Quem estréia como José Vicente estreiou, está no dever de contribuir com livros successivos para o enriquecimento do patrimonio das letras nacionaes, cultivando com especialidade o conto e o romance, generos literarios estes que lhe permittirão cantar, atravez da cadencia do seu estylo, os episo-

dios tocantes da nossa vida de povo que já tem tradições, lingua propria, feições caracteristicas, emfim todas as modalidades peculiares a uma raça homogenea que se desenvolve.

A *Mensageira* agradece, por meu humilde intermedio, a José Vicente Sobrinho a gentil offerta que lhe fez de um exemplar dos *Contos e phantasias*.

ALBERTO SOUZA.

Velando

Abro as janellas alta noite; fóra,
Oiço o rumor do vento que murmura
Entre as folhas das arvores, escura,
Inescrutavel noite que apavora!

Nem outro som se escuta, aterradora
Paira a mudez em tudo o mais, na altura
Nenhuma estrella timida fulgura...
— E o meu olhar ousado se demora

O negro céo infindo interrogando;
E o vento vai crescendo, despencando
Folhas e troncos, galhos na passagem,

E quanto mais augmenta a ventania
E cresse a escuridão, profunda e fria,
Mais eu me sinto cheia de coragem!

GEORGINA TEIXEIRA.

Carta do Rio

Tiveram um brilho excepcional as festas commemorativas da gloriosa data — 11 de Junho, que lembra a victoria do Riachuelo e o denodo e a coragem dos brazileiros quando, ha 32 annos, souberam, desaffrontando nossa patria, alevantar bem alto nossos creditos de nobreza e de heroismo e anniquilar nossos inimigos — os paraguayos — fazendo-os perder sua esquadra e suas esperanças! Devemos todos estar alegres com esse festejo patriota. A marinha de outr'óra foi saudada pela marinha de hoje, tal qual um filho estremecido saúda seu velho páe no dia de seu natalicio. O enthusiasmo febril do povo, a alegria communicativa e sã dos officiaes superiores, as sacadas repletas de formosas damas que jogavam flores aos victoriosos marinheiros e o bello dia de sol primaveril concorreram para que as festas em honra da mais gloriosa batalha naval da America do Sul tivessem um explendor digno de applausos!

Eram cinco horas da tarde. Voltavamos de Icarahy, onde haviamos passado muitas horas alegres a contemplar a belleza d'aquella formosa praia. A barca deslisava suavemente. O mar estava

calmo e limpido. Nem um lufar de ventos. O sol doirava os altos montes e fugia para o occaso, lentamente ... E além, no horisonte, uma sombra azulada apparecia, de leve, derramando por sobre as aguas tão calmas, deliciosa poesia.

Ao contemplar este quadro suggestivo, deixando-me prender pelos encantos da natureza, bem longe estava de suppor que d'ahi a algumas horas esse mesmo mar, iracundo e furioso, engoliria duas vidas preciosas, arrebatando brutalmente, duas jovens, cheias de sorrisos, cheias de esperança! Foi em Copacabana que se deu o tragico drama. A amizade unira as duas amigas que nem a morte poude apartar. Contentes, com as almas despreoccupadas, no verdor de seus 16 e 17 annos, as duas amigas, confiando no trahiçoeiro mar, deixaram-se levar pelas ondas perfidas!

A lucta foi horrivel, como é facil de imaginar. Um cavalheiro, n'um impeto de generosidade, atira-se ao mar, no intento de salvar as jovens que luctam contra o furor das ondas! Consegue apenas salvar uma e a conduz para terra; ella, porém, n'um lance de altruismo, num rasgo de abnegação e coragem precipita-se novamente ao mar a ver se salva a amiga que, sósinha, luctava e quasi succumbia. Esforço inutil, baldado sacrificio! Dahi a pouco, já sem vida, os dois corpos foram transportados para terra. Amigas na vida e companheiras na morte!

Dois brazileiros distinctos vieram, esta semana, em demanda da patria querida. Um veio morto, para nesta terra, que tanto amou, dormir o derradeiro somno. André Rebouças não podia repousar em solo extranho! Os brazileiros reclamaram os restos mortaes do sincero abolicionista, que tanto elevou sua patria.

Ultima homenagem ao grande homem que tinha o coração de ouro e a alma de criança!

Clotilde Maragliano, a brazileira illustre cujo talento tem sido applaudido nas cultas capitaes da Europa, veio tambem nos encantar, com os primores de sua voz e receber os applausos a que têm direitos os seus dotes artisticos e real merecimento.

Muito interessante está a exposição de pintura de Aurelio de Figueiredo. Não cabe, no estreito espaço desta *Carta* a detalhada noticia que eu devia dar de seus quadros tão perfeitos, tão verdadeiros, tão sinceros! Visitando a exposição, tive ensejo de notar minha grande predilecção pela pay-

sagem mineira, a qual meus olhos tão acostumados estão a apreciar! Os trnbalhos que mais me agradavam e dos quaes eu logo procurava, no catalogo, a explicação, eram de Minas!

O quadrinho n.º 31 — Poço das Aguas Virtuosas (Lambary) foi o que mais me impressionou dentre tantos outros dessa rica exposição. Parabens ao grande artista, que é tambem eximio litterato, tendo já obtido o primeiro premio em um concurso de litteratura, na Gazeta de Noticias, se não me falha a memoria.

Li, no «Jornal do Commercio» uma noticia muito interessante. Imaginem ... até as vaccas já usam oculos.

E' o que póde verificar-se nos steppes da Russia.

Os steppes ficam cobertos de neve durante mais de seis mezes no anno.

As vaccas alimentam-se de pequenas moitas de capim que transparecem atravez da neve, e os raios do sol sobre a neve tornam-se tão brilhantes que produzem a cegueira. Para obviar a esta calamidade, um homem de bom coração lembrou-se de proteger os olhos desses animaes da mesma fórma que se protegem os dos homens e poz-se a fabricar oculos de vidros enfumaçados que podem ser trazidos com toda a segurança pelo gado. Estes eculos produziram resultado satisfactorio e são actualmente usados por mais de 40.000 cabeças de gado, que desde então não são mais victimas da cegueira da neve, que tanto os fazia soffrer.

E' o que ha de mais *fim de seculo*, não acham?

Maria Clara da Cunha Santos.

Natal

E' meia noite... O sino alviçareiro
Lá da Igrejinha branca pendurado,
Como n'um sonho mystico e fagueiro,
Vem relembrar o tempo do passado.

O' velho sino, ó bronze abençoado,
Na alegria e na magua companheiro,
Tu me recordas o sorrir primeiro
Do menino Jesús Immaculado.

E emquanto escuto a tua voz dolente
Meu ser, que geme dolorosamente
Da desventura aos gelidos açoites

Bebe em teus sons tanta alegria, tanta!
Sino, que lembras uma noite santa,
Noite bemdicta em meio ás outras noites!

Auta de Souza.

Saudade antiga

(A' Abelhinha)

> .... Na região do Passado, quando sôa a hora da Saudade, nas sombras do primeiro crepusculo de Abril...

Dizem que o crepusculo é a hora das reminiscencias, é a hora em que o pensamento vai levado em azas mysteriosas, caminhando celere, atè se perder n'um tempo longinquo, na região humana da Saudade, onde repousa occulta a infinita tristeza do passado...

E' ao cahir da tarde que te escrevo, é nessa hora em que a melancolia nos prende, em que uma impressão indifinivel nos domina...

Escrevo-te ao cahir da tarde, na hora em que o sol desapparece ao longe, magestoso na sua agonia, indifferente ás sombras que irrompem do Levante... escrevo-te contemplando este crepusculo de abril sob a impressão de um crepusculo mais triste que esse que me envolve-o occaso das illusões...

Escrevo-te quando o meu pensamento, abrindo o livro da vida, relê as suas paginas voltadas para sempre e se detém, depois de haver sonhado ante o estenso capitulo das maguas — nos ingenuos periodos da simplicidade de outr'ora...

Outr'ora é a nossa infancia, é o tempo da nossa alegria, da ampla serenidade da nossa inconsciencia... Outr'ora, é o que passou, é o que não volta mais!...

Relembrar a infancia, é axpirar de novo a flor emmurchiada das mortas alegrias; — é atear a labareda ás cinzas de um fogo extincto, é contemplar, ondulante, nesse clarão de fogo-fatuo, o phantasma immorredoiro da felicidade!...

Relembrar a infancia é sentir-se bom, ingenuo e desprotegido; é tremer ainda ante a visão dos mil espectros que nos povoam a insomnia, depois de historias maravilhosas de genios encantados...

. . . . . .

Lembraste (ha quantos annos já!) quando ficavamos unidos um ao outro, attentos, ouvindo a tetrica historia dos phantasmas?... Lembras-te?

E o Polvo do medo nos empolgava com os seus braços invisiveis... Tremulos e indecizos desviavamos a vista do quarto escuro que nos ficava em frente, o quarto onde vagarosamente se moviam as imagens do nosso pavor!...

Lembras-te como não ousavamos levantar os olhos para a janella aberta que dava para o jardim?...

Todavia, na limpida solidão do ceu, corria a noite de uma frescura de petalo, de uma doçura de sonho. As estrellinhas tremeluziam silenciosas, emquanto a lua tranquilla, ia derramando a sua luz

sem vida e sem calor, na tristeza indolente d'aquella noite antiga!...

Lembras-te?

Deitavamo-nos pensando no carvoeiro que andava por noites ermas, perdido nas invias penedias de serras bravas, procurando o filhinho desapparecido, que os phantasmas da noite haviam para sempre roubado... Pensando nos pobres orphãosinhos, que, como a ovelhinha tresmalhada, balliam as dores do seu abandono esquecidas por mãos implacaveis no recondito sonoro e desesperante das mattas...

Oh, como passavam por nós, risonhas e bemquistas, as almas bemfazejas, as almas de ternura e de bondade, extendendo as mãos carinhosas ao desamparado, ao morto de abandono!...

E, essas visões, pairavam, passavam, ondulando vagas, envoltas na penumbra do somno...

Lembras-te de uns grandes olhos gelados e inmutaveis que nos contemplavam do fundo da treva?

Lembras-te ainda, como viamos, realidade tangivel, a Bella Adormecida, recostada, serena, loira e rosada por entre as rosas de seu leito?...

E o bello principe que andava percorrendo assombrado aquelle palacio adormecido, mergulhado no amplo silencio de um somno de cem annos?... Como fluctuava a sua loira cabelleira, como a luz lhe batia em cheio no rosto, como era bello!

Lembras-te?

E o somno chegava, desappareciam os phantasmas, desappareciam os olhs immoveis e gelados que nos contemplavam... Os principes, as fadas, n'um bando encantador, fugiam ao longe, formas indecizas, envoltas em nevoeiro...

E o somno descia, extendendo sobre nós as amplas azas da paz...

. . . . . .

Hoje, estás velha!...

Dentro em pouco, seguida pelo cortejo da felicidade que tu bem mereces, has de rememorar as historias que ouvimos n'essas noites de outr'ora, para contal-as aos teus filhinhos, que, como nós tremerão de pavor e desejarão tambem a posse da maravilhosa lampada de Aladino...

. . . . . .

Estás velha...

O tempo passou, e é por isso que eu te escrevo ao cahir da tarde, na hora saudosa do crepusculo, relembrando a nossa infancia que se occulta, indefinida, vaga como um esboço, na penumbra do passado, nessa região longuinqua da saudade.

AMADEU DE QUEIROZ.

Selecção

... contra o *feminismo*, no que elle tem de odioso e cynico, a favor do *feminismo* no que elle tem de justo e de sympathico.

Questão complexa, a tal questão do *feminismo*, que é necessario subdividir e esclarecer.

Ha quem peça simplesmente para a mulher algumas alterações na lei, que lhe permittão uma acção mais livre na esphera economica em que hoje se debatem os principaes interesses do mundo. E quem poderá negar que esta reclamação é absolutamente justa, racional, e ha de a breve trecho ser cumprida em todas as legislações da Europa civilisada?

Ha ainda quem reclame para a mulher o direito de exercer, certas profissões que lhe garantão os meios de ganhar a propria subsistencia, se não tem nem pai, nem marido, nem irmão, e tambem este ponto, comquanto intrincado e difficil, me parece digno de attender-se.

Visto que ninguem prohibe á mulher que seja *operaria* em uma fabrica, que acarrete á cabeça pesos horriveis como as nossas camponezas do Douro e do Minho, que trabalham no campo como um verdadeiro animal de carga, que lave casas, e engomme e cumpra emfim todos os misteres os mais fatigantes e os mais arduos, tambem me parece demasiado interesse, com seus visos de egoismo este que leva alguns homens a proclamar a mulher incapaz de exercer missões mais elevadas, embora difficeis, sob pretexto de que a fatalidade physica que a Natureza lhe impoz a inhibe de qualquer trabalho regular e methodico que exija esforço, actividade e energia.

Quantas pobres mulheres gravidas não temos nós visto avergadas ao peso de uma enorme trouxa de ronpa atravessando as ruas desta Capital, que tão civilisada quer ser? Nunca vimos nenhum philantropo, em nome da raça futura, oppôr-se a esse excesso de trabalho que esmaga cruelmente o sexo feminino.

Quantas pobres costureiras levão os dolorosos, os tragicos nove mezes em que uma mulher passa os maximos tormentos para gerar um ser vivo, quantas pobres costureiras os levão a velar todas as noites, a trabalhar todos os dias, para que nos bailes não faltem atavios luxuosos ás que os podem comprar!

E comtudo a esse jugo oppressor do trabalho ninguem se opõe sob nenhum pretexto humanitario ou moral!

Então, para que invocar as fatalidades do sexo, para que a mulher não seja advogada ou medica, esculptora ou commerciante!

Não é realmente esse o obstaculo que antevimos para que tal tendencia do sexo feminino se desenvolva e propague.

Achamos bem justo, pelo contrario, a ancia que a mulher tem de preparar-se para um trabalho que a emancipe da miseria, e lhe dê a independencia material tão preciosa e tão moralisadora.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.
(Do *Jornal do Commercio.*)

Notas pequenas

Borboletas. — No interessante e poetico conto que com este titulo publicamos no ultimo numero da *Mensageira* e que é da penna adamantina de Zalina Rolim, houve um erro typographico que rectificamos agora, pedindo a nossos leitores que no lugar onde está *um par de azas* leiam *dois pares de azas*, como escreveu a auctora.

A poetisa talvez tenha se incommodado receiando que as borboletas se agastassem e não mais lhe déssem formosas inspirações...

O facto é que o acaso caprichoso, ao mesmo tempo que punha tal erro no trabalho de nossa gentil collaboradora, collocava uma vinheta logo abaixo delle, representando o alado insecto com as suas quatro azas espalmadas... Foi um protesto solemne contra o erro commettido. Ainda bem!

Bellas-Artes. — Duas senhoras brazileiras concorreram este anno á exposição de pintura no «Salon de Paris». São ellas a Condessa do Alto Mearim e sua irmã a Viscondessa de Sistello. Ambas apresentaram trabalhos de subido valor, muitos quadros de genero e alguns de natureza morta.

Nova collaboradora. — Trazida pela sympathica apresentação de Georgina Teixeira, iniciou sua collaboração na *Mensageira*, Auta de Souza, poetisa do Rio Grande do Norte, «que principia revelando talento», no dizer de sua graciosa apresentante. Não é inteiramente desconhecida aquella poetisa: ha tempos *O Paiz* publicou um soneto de sua lavra e pela leitura do *Caminho do Sertão*, terão visto as leitoras que temos motivo de justa alegria com a acquisição dos trabalhos da nova paladina literaria.

Externato Paulistano. — Chamamos a attenção das familias paulistanas para o annuncio daquelle importante estabelecimento de instrucção secundaria, dirigido por habeis e illustrados lentes do Gymnasio de S. Paulo, que alliam á longa pratica de ensino, verdadeiro amor á profissão que abraçam.

A mulher no Celeste Imperio

A posição da mulher, no Celeste Imperio, é um baldão para o bello sexo. Ella é um movel que anda, uma coisa que se move.

Hoje que a questão da mulher se está discutindo, nniversalmente, com um interesse e enthusiasmo que chamam a attenção, convém averiguar e estudar o papel que representa a mulher na China, seu valor e sua influencia.

A primeira desgraça que póde sobrevir a uma familia é ter filhos do sexo feminino.

Uma mãe que só dá ao mundo filhas, dentro em breve se verá reduzida á miseria ou, pelo menos, em circumstancias difficeis economicamente; porque a mulher, desde que nasce, demanda mais attenções que o homem e uma educação mais custosa.

Entre os pobres, uma menina, desde o seu nascimento, está exposta a perigos e padecimentos que outra de classe mais elevada nunca chega a conhecer. Isto, sem considerar as calamidades que affligem tanto os ricos como os pobres.

Na China, não tem a mulher o menor valor aos olhos de um chim; são tão depreciadas e tão mal queridas, que a propria alimentação é limitada, quando não se lh'a nega.

É pois a mulher chineza o ser mais inieliz que existe sobre a terra, e nada tem que esperar do futuro, salvo rarissimas excepções. A sorte da mulher chineza é tão miseravel que os escrupulos dos paes de familia facilmente se rendem, e chegam ao infanticidio que é geralmente praticado e tolerado.

Este crime toma horrorosas proporções, especialmonte quando o paiz atravessa alguma crise ou apparece a fome.

Quando nm chefe de familia tem filhas, diz: — «vou casar minhas filhas com os espiritos da agua» e torce-lhes o pescoço.

Isso faz o pae quando as filhas não têm completado dez annos de edade, mas, se passaram dos doze, por uma miseravel somma as vende a outra familia, como escravas.

Assim, pois, a mulher chineza não é mais que um artigo de commercio. E' costume, por exemplo, o marido vender a mulher, ou alugal-a a outro homem por certo numero de annos; no primeiro caso, como concubina e, no segundo, como serventes ou antes escrava. A isto a pobre victima tem de sujeitar-se ainda mesmo a contragosto.

O concubinato por esta fórma é prohibido por si, mas ainda assim é muito frequente; pois geralmente o homem firma um contracto por um periodo de tres annos, cedendo ao comprador todos os direitos maritaes.

Em varias partes do impero chinez, como Pitsú, Koeit-Chemon, Chang-Chau e Tientisim, chamam a essas pobres mulheres «escravas do mercado» quando as expõem á venda.

Os paes de familia que desejam vender suas filhas dirigem-se para Chan-Chan, porque alli se obtem maior preço. Assim, collocam as filhas que desejam vender em um ponto mais concorrido e vistoso de qualquer praça ou rua, e os irmãos, tios e mais parentes, exaltam-lhes as prendas, offerecem-nas em pregão barulhento, chamando a attenção dos transeuntes.

O preço da escrava regula de dois a tres «tiáus» (equivalente a 6$840 da nossa moeda) por cada anno de edade que tenha. Em Pekim, uma menina de 12 a 15 annos vale de 24 a 40 dollars; e, se ella é bonita, encontra quem dê 60 a 80 dollars.

Estes negocios tambem se fazem por meio de agentes, que são conhecidos commercialmente por «corretores de mulheres». Estes sujeitos exportam a mercadoria que passa pelas alfandegas de Cantão por meio de documentos ou especie de facturas em que constam o peso, a côr, a edade e estatura, se é bonita ou feia etc.

Quando uma mulher se casa, póde dizer que tirou avultado premio na loteria. Se se casa com um nobre e, no fim de certo tempo, não tem um filho pelo menos, não tem direito a perder o titulo de seu marido.

A maternidade, neste caso, salva de uma ignominia a mulher, e quasi que a faz feliz.

O Imperador actual era muito joven quando subio ao throno e, uma vez que chegou á edade de casar-se, os altos dignitarios apresentaram á Imperatriz viuva uma lista das donzellas casadeiras, as quaes por sua edade e posição social podiam aspirar a ter um posto no «harem».

A Imperatriz viuva eliminou um grande numero de canditatas e fez levar as outras para Pekim, onde as examinou couidadosamente varias vezes; interrogou-as e escolheu as que mais lhe agradaram, fazendo-as depois residir em palacio para instruil-as nos ritos e linguagens da Côrte.

Ao cabo de alguns mezes, um decreto imperial annunciou que haviam sido escolhidas uma imperatriz e duaz pricezas para esposas do joven Imperador Kanng-Sú.

Estes titulos, em rigor, as mulheres não os herdam senão depois de terem um ou mais filhos; antes denominam-se «concubinas imperiaes».

Assim é que a actual Imperatriz viuva, depois de ser uma simples concubina imperial, assegurou o seu alto posto de Imperatriz da China.

(Da *Gazeta de Petropolis*).

São Paulo 15 de Julho de 1898 Anno I, N. 19

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira; — Castello derrocado, poesia. A. Tolentino de Almeida; — Golpe certeiro, conto, Maria Clara; — Duvidas, poesia, Scipião Jucá; — Impressões de leitura, Perpetua do Valle; — D. Lavinia, soneto, Elmano do Val; — As borboletas, conto, Candida Fortes; — Naufraga, soneto, Carvalho Aranha; — Carta do Rio, Maria Clara; — Angustia, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Notas pequenas.

II

Observações

sobre a educação em geral

(Mocidade)

Quadra gentil — quinze annos! E' a primavera com suas flôres, a aurora com seus arrebóes.

O céo não tem sombras, a terra é toda verdores; — rizos e illuzões, sonhos e esperanças! Mas... quantas vezes os arrebóes da manhã se desfazem em orvalho copioso, e sob a verdura da planicie crescem agudos espinhos que as mais lindas flôres não são izentas de occultar sob seus virentes festões; e ai do imprudente que tentado pela belleza d'ellas as vá colher!...

A mocidade na adolescencia é a primavera com suas flôres e promessas, a aurora com seus arrebóes e illuzões.

* * *

Tenho ouvido a certos homens, uns, paes de de familia, outros noivos apenas, estas phrazes que me fazem pensar: «minha esposa, minhas filhas jamais frequentarão bailes»...

E eu fico-me a scismar: «que occulto perigo haverá para uma senhora, ou mocinha em meio de uma sociedade decente e bem escolhida»?...

Esse receio será pela parte das damas ou dos cavalheiros?

A senhora, a menina convenientemente educada não poderá conter com a dignidade de suas maneiras, um exterior serio e composto, qualquer leviandade, ou mesmo, — liberdade não permittida a algum jovem libertino, si acaso na bôa

sociedade o encontrar? A menos que não seja ebrio ou louco, que homem haverá que não contenha o decóro de uma educação perfeita unido ao pudor de uma mulher?

A bôa educação, a seria delicadeza impõem sempre o respeito, mórmente quando essa cortezia vem da parte de uma senhora.

Quanto aos ébrios e loucos, creio ser-lhes-ha interceptada a entrada em um salão; os jovens corrompidos, esses, ainda que no mundo ostentem todo o seu cynismo, nunca se atreverão a patenteal-o ante a circumspecção de uma mulher honesta e bem educada.

E' certo que uma mocinha não póde ter a experiencia de senhora, porém o instincto da bôa educação lhe fará antever o perigo que bem saberá evitar.

Oh, — educae a mulher — e todo esse perígo de salão, como muitos outros ainda, desapparecerá.

Ha certas mães de familia que têm grande pressa em vêr suas filhas moças feitas, e a menina aos 14 e 15 annos já veste e se trata como as de 20. Oh, — o ultimo vestido curto, esse derradeiro vestigio da idade mais feliz — a infancia, e que devera ser tão apreciado pelas bôas mães, desce, desce rapida e impiedozamente; e a proporção que o vestido da filha cresce, no cerebro da mãe *solicita* começam tambem a crescer certas apprehensões vagas a principio, certo cogitar incessante que pouco a pouco com o correr dos annos vae tomando o o vulto de — *ideia fixa* que se alevanta como phantasma atormentador... «cazar a filha!» Mas... como se tem preparado essa filha para o facto mais importante da vida de uma mulher? — esse acto do qual depende a felicidade ou desventura de uma existencia inteira?...

A campo todos os meios de seducção, toda a apparencia agradavel, todo a attractivo material; tudo superficial e illusorio; nada de serio e profundo!

Fitas, rendas, sedas em profusão; joias e adornos mil... umas frivolidades, mas que denotam certo gôsto pelo luxo, o que, a meu vêr, mórmente nesta epoca, afasta antes do que attrahe todo o pretendente sensato ...

Na *soirée,* no theatro, no passeio, é a menina a — figura de *vitrine;* os frivolos a admiram, a invejam; os sensatos censuram-na e a depreciam. Uma simplicidade elegante, — eis o segredo do bôm gôsto. Mas nem mesmo em casa a simplicidade no trajar é adoptada: a mesma profusão de fitas, rendas, sedas, e joias para a menina; na sala principal, um piano, a janella ... eis tudo!

E ... que de sacrificios, às vezes, quanto desperdicio para se alcan-

çar isto tudo satisfactoriamente! Muitas vezes (justiça seja feita aos homens) o bom pae desgosta-se, adverte, censura ... mas, -- a *ideia fixa* lá germina assustadora, e o marido condescendente e confiante deixa a liberdade á esposa presada na realisação da grande obra -- a felicidade da filha. Ah, quantas vezes, desditoso Adão, esse doce pômo não te ficou suffocando! ...

Oh, quantas, quantas vezes o Paraiso não se jóga por um capricho extravagante! ...

Mas ... porque ha-de, á luz da rasão offuscar o prisma de seductoras miragens enganosas? ...

A cultura intellectual amplificando os horisontes da intelligencia, dará á mulher a luz sufficiente para poder bem discernir, e ella saberá então aproveitar os conselhos divinos que d'essa luz irradiam quaes reverbéros serenos de um centro luminoso; assim, pelos procellosos mares da existencia, com mais acerto guiará como náu impavida e segura ao porto desejado, o destino d'aquelles que Deus lhe confiou, e assim tambem a tranquillidade de espirito tarnará serenas e risonhas as horas porvindoiras de bem preciosas existencias.

(Continúa)

DELMINDA SILVEIRA.

Castello derrocado

Lembrar-me agera do meu passado,
Quanto me punge, quanto me doe!
Ja fui ditoso, ja fui amado,
E o meu castello todo enfeitado,
Vento raivoso ja m'o destróe.

Como a procella que turva o lago,
Sereno e quieto, ja me turvou
A alma, que em fundas revoltas trago,
O desengano que todo o affago,
Que todo o affago me arrebatou.

Eu via out'rora com ledos olhos
O ceo, a terra, meu casto amor,
Na minha estrada não via abrolhos;
O meu futuro não tinha antolhos,
Brilhava claro, com resplendor.

Ah! Sonhos lindos da minha infancia,
Porque tão cedo de mim fugistes?
Ai! pobres flores que é da fragancia
Que, avido, out'rora sorri com ancia
Quando os meus dias não eram tristes?

Certo que, aos silvos do vento-norte,
Murchas tombastes no duro chão;
Assim por mim um vento mais forte
Passou — sanhudo — deixando a morte,
Deixando a morte no coração.

Sobre os escombros de meu castello
Canta a saudade tristonha e só.
Hoje, em ruinas... Como foi bello!
Vinho doirado de um puro anhelo,
Palacio immenso, desfeito em pó!

A. TOLENTINO DE ALMEIDA.

Da «*Carmina*»

Golpe certeiro

(A' Lydia da Cunha)

Conheci-o na flor da edade, bello, feliz e apreciado de todos. Estava em ferias, havia concluido, com brilhantismo, o seu 3.º anno de direito em S. Paulo e tinha vindo ao Rio gosar das ternuras e desvelados carinhos de sua familia.

Conheci-o em uma *soirée* que seus Paes deram por occasião do natal em seu sumptuoso palacete na Praia do Russell.

Que maneiras attenciosas e captivantes tinha o futuro bacharel Victor Silva! Era um moço excellente, verboso, engraçado, insinuante e meigo.

Vinha rompendo o dia quando a *soirée* terminou e os convidados, encantados, despediam-se dos donos da casa e de seu primogenito filho, o Victor, que era o enlevo e o orgulho d'aquella casa.

Passaram-se muitos mezes, nunca mais nos encontramos. Uma vez estavamos em casa de um medico, amigo velho da famila. Subito batem á porta apressadamente e chamam com insistencia o medico. Não se fez esperar o bom clinico. Não eram, porém, os seus serviços proficionaes que procuravam, e sim a presença de um homem de honra e de caracter illibado que desejavam em tão penosa situação.

A mais complicada, a mais mysteriosa, a mais estranha scena que poderia prever, encontra o medico.

A policia tendo tido denuncia secreta, penetrou inesperadamente em um sobradinho velho e feio, escuro e cheio de corredores infectos e sem ar. Ahi encontrou os mais celebres e conhecidos gatunos do Rio de Janeiro.

Dormiam em uma saleta tres ou quatro viciosos, homens de baixa esphera e indignos sob todos os pontos de vista, e no meio dessa degradante sociedade estava tambem o Snr. Victor Silva, o talentoso rapaz que conhecemos cheio de vida e de attractivos em casa de seus Paes, na *soirée* do natal.

O medico fôra chamado por um amigo commum, a ver se com sua influencia e amizade livrava da vergoha horrivel a que seria submettido o filho de seu melhor amigo.

— Aqui neste meio, o que fazias Victor? perguntou-lhe indignado o medico. O rapaz não poude responder, a exaltação doentia de seu corpo, o desiquilibrio e a mobilidade de seu caracter impediram-no de falar. Lagrimas invadiam-lhe os olhos e elle soluçou desesperadamente.

Alguem explicou então que aquelle moço pernoitava sempre com seus amigos, ali no sobradinho e que em suas arriscadas aventuras

a horas mortas era certo vel-o ao lado de seus companheiros.

Eram gatunos de profissão os habitantes d'aquella casa e nos reconditos de seus miseraveis cubiculos guardavam elles o fructo de suas ladroeiras.

E aquelle rapaz tão rico e de familia tão digna alli! Era um comparça d'aquelles miseros viciosos. E ali passava noites e noites! E sua pobre mãe naturalmente o suppunha em bôas rodas, de moços, finos, seus collegas, seus amigos.

Tudo se afigurou sombrio e perdido irremediavelmente a Victor! Então chorando lagrimas copiosas elle supplicou ao velho amigo de seu Pae que o salvasse d'aquelle vexame, jurando emmendar-se para a vida inteira.

Neste mundo em que tudo é transitorio e fugitivo, a existencia do caracter sem macula fica sempre immortal e é por isso que o velho medico que conhecia bem a tempera rigida e honesta do caracter de seu amigo, via claramente a desgraça de sua vida pelo procedimento do filho.

«A alma humana é nojenta, o universo é vil, pensava o medico, e d'ahi a pouco como para compensar tanta miseria elle pensava: na alma de todo o homem ha sempre luz e ha carinhos e em todo o canto do universo, mesmo sobre um monturo, nasce um lyro.

Dois dias depois, com a maior naturalidade possivel, Victor despedia-se de sua familia e seguia para S. Paulo afim de concluir sua carreira.

Lagrimas de saudades inundaram os olhos de sua mãe!

Ninguem, alêm do medico e das pessôas presentes, soube deste facto e fez-se em torno a este acontecimento lugubre um silencio de morte. Para a familia, para os amigos, para a sociedade Victor continuava a ser o prototypo da honra.

No meio de grande alvoroço e contentamento a familia de Victor recebeu a noticia de seu proximo casamento. A noiva, affirmava elle, era um mimo, meiga, docil, carinhosa, intelligente, emfim o ideal das mulheres. Casados, vieram morar no Rio. A vida parecia-lhes um mar de rosas, nenhum leve pezar, nem a minima sombra de um desgosto pairava n'aquelle abençoado lar!

Houve uma festa sumptuosa em um palacete de Santa Thereza.

Festejavam suas bodas de prata os Viscondes de Assumpção e para maior alegria baptisavam nesse dia o primeiro neto.

Que confusão nessa noite de festa! Quanta gente! que alegria! que deslumbramento.

O nosso velho amigo, o medico da familia, lá estava tambem.

Num rapido golpe de vista poude o medico reconhecer o filho de seu bom amigo, o bacharel Victor Silva; mas no meio d'aquella multidão perdeu-o de vista. No correr da noite, no meio de agradavel palestra o medico foi pelo dono da casa apresentado ao bacharel. — E' o D.r Victor Silva, disse o Visconde. — Já nos conhecemos muito, muitissimo, responde o medico pressuroso, lançando um olhar expressivo ao rapaz, que se limitou a curvar a cabeça e pronunciar uma phrase vulgar.

Bastou essa simples apresentação para Victor ficar abatido e triste o resto da noite. A lembrança de seu passado negro, a certeza de que uma testemunha ocular alli estava, fel-o desanimar. Na primeira opportunidade retirou-se da festa, levando o coração dilacerado de dor.

Era notavel a agitação de Victor, a mulher amedrontada com aquella mudança brusca interrogava-o afflicta. Elle mal respondia o que lhe perguntavam, parecia preso á uma ideia fixa.

Nesse estado esteve quasi dois dias.

A' tarde, foi dar o costumado passeio ao jardim, foi só, e em baixo do caramanchão de madresilvas, no meio de avencas viçosas e de lindas malvas crespas, alli sobre o banco tosco de madeira suicidou-se fazendo voar os miolos com um tiro de revolver.

Não deixou a minima referencia sobre o acto de desespero que ia praticar. Seus negocios corriam bem, sua vida era invejada e todos o consideravam um homem feliz. Nem o grande amor da esposa, nem o feiticeiro sorriso do primeiro filhinho tiveram forças para reter a mão que levou á cabeça a arma assassina. Fatalidade! Loucura!

O medico ao ter noticia do triste fim do rapaz sentiu uma especie de remorso e disse comsigo mesmo: aquelle encontro em casa do Visconde,... eu fiz mal... eu accentuei aquella phrase — se o conheço — e o pobre rapaz adivinhou tudo, tudo.

Sinto o remorso remoer-me a consciencia, eu fiz mal, eu fiz mal.

Esta historia me foi contada pelo proprio medico e parece-me vel-o ainda, sorvendo uma pitada de rapé a repitir pausadamente, com triste accento de voz e olhos rasos de lagrimas — eu fiz mal, eu fiz mal!

Maria Clara da Cunha Santos.

Duvidas

(A. D. Perpetua do Valle, signal de veneração)

«Meu Deus, senhor meu Deus, o que ha no mundo
Que não seja soffrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E soffre até morrer!»

Gonçalves Dias.

Não sei si é vantajoso o ter nascido,
Crescer aos doces beijos maternaes,
Ou si melhor nos fôra ter morrido,
Em soluços deixando os nossos paes!

Talvez seja melhor, de mais vantagem,
Ver a luz e, nas faxas perfumosas,
Sentir da morte a tetrica bafagem,
Deixando a vida como deixam rosas.

Na vida, que aliás é transitoria,
Mil soffrimentos para um riso temos;
E' fallaz o prazer, coisa illusoria,
Real, sómente a dor, é quanto vemos.

Quem seguro dizer póde um momento:
— Eu sou feliz, serei sempre ditoso?
Si pode um braço occulto e violento
Arrancar-lhe o prazer, matar-lhe o goso?!...

Ventura! phrase vã, palavraôca,
Filha da embriaguez do coração!
Articulado som que sai da bocca
Sem ter as annuencias da Razão!

Demais: vimos á luz entre os gemidos
Do ser materno e os sustos abafados!
Um poema? Sim, o epilogo — vagidos,
Syntheticos da dor, accentuados!

Porque se chora então? Medo da luz?
O corpo nú resente-se do ar?
Mas dizem que chorou sempre Jesús,
Que poucas vezes teve um riso a dar!

Não sei, meu Deus; desculpa a quem tactêa
Nos trevosos caminhos da incerteza,
E cuja mente, em duvidas, vaguêa
Sobre o mysterio — as leis da natureza!...

Maceió — 1898.

SCIPIÃO JUCÁ.

Impressões de leitura

Phantasias

Candida Fortes, 1897.

Sem a pretensão estulta de exercer a difficil tarefa de criticar, encarando a critica como uma arte especial, que demanda cultura variada e conhecimentos profundos, é-nos todavia permittida uma certa expansibilidade literaria, que, si não se propõe julgar o merito de qualquer obra, ousa entretanto manifestar as suas impressões com singeleza e despreoccupação, tal como espontaneamente o fazemos em nossas palestras quotidianas. E quem nas suas conversações intimas não terá inconscientemente exercido alguma vez as funcções de critico? E' que não podemos deixar de nos impressionar com esta ou aquella pagina literaria, com esta ou aquella obra de arte. Pela mesma razão, gostamos de conhecer as apreciações feitas a nossos trabalhos, partam ellas de quem partir.

Um applauso nos lisonjeia sem-

pre, mesmo quando não vem revestido de nenhuma auctoridade! Que o digam todos os que têm exposto ao publico os fructos de seus lazeres ... E isto prova em nosso favor: não desdenhamos o juizo de nossos semelhantes e reconhecemos que, seja qual for o grau de ignorancia a que se prenda uma creatura, ella tem indiscutivelmente a faculdade de admirar o que é digno de admiração, de alegrar-se ou entristecer-se deante de uma tela, de decorar quasi que instinctivamente versos que exprimem grandes sentimentos humanos, e de externar de mil maneiras diversas a ideia recebida por este ou por aquelle objecto! Confesso que uma das vezes que me senti mais intimamente satisfeita em minha vida foi ao saber que numa aldeia de Minas puzeram em musica algumas quadrinhas de minha lavra e que essa *modinha* era cantada ao som do violão por uma formosa morena, de voz inculta e rude, como a minha lyra! Sim, havia uma pequena população que se habituára a ouvir em noites de luar, pela voz melodiosa de uma sertaneja, versinhos pobres e simples que eu escrevera ao acaso...

Como fiquei contente com isso! Ignorassem mesmo que os versos eram meus e ainda assim eu ficaria com o coração inundado de alegria profunda: é tão doce achar alguem que se compenetre do que sentimos! é tão consoladora a ideia de que exprimimos de modo mais ou menos satisfactorio um sentimento commum a duas almas! E é por isso, é por saber que a opinião dos incompetentes actua tambem no animo dos que trabalham, que me avento as vezes a expôr em letra de forma as minhas impressões literarias. Demais, entendo que silenciar em torno de trabalhos de certa ordem é quasi que um crime. Eu desejára que todos os jornaes que dispõem de capitaes tivessem bons criticos e que não deixassem passar despercebidas as tentativas artisticas que fossem surgindo em nosso meio. *A Mensageira,* porém, não tem os necessarios recursos para manter collaboradores de profissão, e como não quer ser cumplice da indifferença geral, prefere os meus desauctorados conceitos a um silencio esterilisador, toda a vez que não póde obter o juizo de alguem que tenha a necessaria competencia para julgar de trabalhos literarios. E é por essa razão que venho falar de uma obra atirada por mão feminina á apreciação publica.

Candida Fortes acaba de publicar no Rio Grande do Sul um delicado livro, onde a poesia e a prosa apparecem manejadas com inspiração e carinho.

A primeira parte do livro inti-

tula-se *Reverberos* e é escripta em versos melodiosos e simples, feitos com espontaneidade e candura, resentindo-se um pouco do sabor da poesia antiga. Que a poetisa tem um optimo ouvido, não ha a menor duvida: versos feitos com completo abandono, sem nenhuma preoccupação de forma, sem nenhum requinte do moderno poetar, e que são na sua quasi totalidade de uma harmonia deliciosa. Abramos o livro ao acaso:

A' surdina

Em noites de verão serenas, melancolicas,
Esplendidas de luz, eu gosto de scismar,
quer siga a phantasia as distracções bucolicas
ou vá na irradiação do céo se aprofundar.

E' tudo seductor! Um doce encanto vago
nos leva ao ideal, ás raias do impossivel!
Espalha-se na sombra um mysterioso afago
de amor, de adoração estatica, indizivel!

Do céo azul, sereno, a lua, olhando a terra,
parece embevecida a marcha demorar,
como se este planeta, em seducções que encerra,
das noites a rainha ousasse captivar!

Os lagos são de prata; as praias arenosas
contêm scintillações de finas pedraria!
As mattas em silencio erguidas, magestosas,
são sombras no painel, contrastes de poesia.

Na varzea que se estende ao longe, solitaria,
detem-se o viajante e curva-se o poeta...
Não sei que apparição divina, extraordinaria,
a alma deslumbrando, os passos intercepta!

Tranquilla magestade em toda a natureza!
parece que se escuta em tudo a voz de Deus!
A vasta creação sorrindo de surpreza,
repete cada nota a interrogar os céos...

E mar e lua e bosque e praias e vallado
têm vida, têm vontade — extranha sensação!
Conselho mysterioso á noite convocado
e transmittido ao céo na voz da viração.

Por isso de verão em noites melancolicas,
esplendidas de luz, eu gosto de scismar,
quer siga a phantasia as distracções bucolicas
ou vá na irradiação do céo se aprofundar.

Logo em seguida a estes alexandrinos vêm as subsequentes redondilhas que parecem uma dessas cantigas que não têm auctor conhecido, ou antes que nascem do sentimento collectivo de um povo, tal é a sua naturalidade e semelhança com as canções populares:

Se o dia nos ares fala
E os astros no seu fulgor;
A rosa no odor que exhala,
Os campos no seu verdor;

Tambem meus versos te falam
De luto, tristeza e dor,
Bem como em teu rir se embalam
Prazeres, ventura, amor.

Os riachos na corrente;
O mar na viva ardentia;
As praias, que ficam rente,
Na areia branca e macia;

A brisa em doce frescura;
A nuvem no seu girar;
As aves fendendo a altura,
Os peixes fendendo o mar;

Se as feras, do seu rugido,
Sabem idylios compôr;
Do raio o tronco fendido,
Se queixa, fala em rigor;

Se no triste olhar do enfermo
Canta a vida uma elegia;
E se o silencio d'um ermo
Nos fala em Deus e poesia;

Tambem meus versos te falam
De lutos, maguas e dôr,
Bem como em teu rir se embalam
Prazeres, ventura, amor.

E é assim todo este livro melancolico e doce, feito com simplicidade e trescalando um perfume agreste e entremeiado de tradições romanticas, que vão de todo desapparecendo.

Na segunda parte do livro, formada de contos em prosa, a escriptora conserva o mesmo diapasão e nenhuma pagina encontramos alli que não seja saturada desse ar puro e saudavel que é o mais em harmonia com a organisação feminina. Nenhuma palavra *crúa*, nenhuma scena desbragada se nos depara nesse livrinho que por isso mesmo talvez desagrade a muita gente ... De nossa parte receba a auctora sinceros profalças por haver tomado vereda tão limpida e sã no inicio de sua carreira literaria, pois, não vemos nunca sem magua um talento de mulher empregado em descrever scenas pouco edificantes ou sentimentos dissolutos.

Candida Fortes é um bonito talento e temos convicção de que, si masnusear os auctores modernos e proseguir no trabalho, conquistará um lugar de honra entre o das principaes escriptoras brazileiras.

PERPETUA DO VALLE.

Dona Lavinia

A toi, toujours a toi.
V. Hugo.

No seu porte de moça delicada
Palpita um que de mystico e divino,
Da brancura suave e nacarada
Da epiderme de heráldico velino.

Quando vou vêl-a, alegre e alvoroçada,
Toda de preto, num costume fino,
Tem um ar de Madona amargurada,
E a sua voz — é um trémulo violino...

Os seus contornos leves, ondulados,
No tecido das sedas destacados,
Exultam o mysticismo e a singeleza.

Se a desvendasse o genio de Murillo,
Pol-a-ia guardando o peristylo
De um templo de candura e de pureza.

ELMANO DO VAL.

S. Paulo-8-7-98.

As Borboletas

I

Grande dia era para Bertha aquelle em que, tendo concluido o seu enxoval de noiva, autorisára Volmar a pedil-a formalmente á sua avó; aquella bôa e santa avó que com tanto amor a creára e que era o seu unico amparo no mundo.

Tamanha felicidade lhe transbordava do coração, que sentiu-se opprimida entre as quatro paredes do seu pequeno quarto, e desceu ao jardim para respirar mais livremente.

A tarde, uma formosa tarde de novembro, vermelha e tepida, debruçando-se pelos altos muros do parque, vinha, atravez da ramagem das casuarinas, esteirar de oiro a vegetação dos canteiros e tingir de purpura a agua immovel dos tanques.

A passarada alegre, de uma ruidosa expansão communicativa, esvoaçava, enchendo os ares de trillos e gorgeios.

Bertha, palpitante, extasiada na contemplação da natureza, absorvida no goso daquella grandiosa festa, que tão bem correspondia á que lhe ia n'alma, reclinára-se na borda de um tanque, sem dar pela presença da avó, que a seguira, observando-a.

A senhora Mendes, assentando-se por fim no banco de um caramanchão, chamou pela neta.

A moça voltou-se, como despertada de um sonho; mas logo, adivinhando porque a procurava a avó, correu para ella, tremula e anhelante.

Ella, com perscrutadora interrogação no olhar, fel-a assentar-se junto a si, e apresentando-lhe uma carta aberta, a carta em que Volmar pedia-lhe a mão de Bertha, perguntou-lhe:

— Conheces este moço?

— Sim, minha avó, murmurou a joven, confusa, enrubescendo. Conheço-o desde algum tempo...

— Sabes de quem é filho, qual sua posição na sociedade?

— Seu pae é o general Martins, que fel-o cursar a academia de medicina, onde acaba de se formar.

— E autorizaste-o a dirigir-se a mim?

— E' certo. Acha vovó que fiz mal?

A senhora Mendes ia responder, quando uma enorme borboleta escura, notavel representante das sphinges brasileiras, descrevendo uma rapida espiral do alto do caramanchão, abateu-se de azas abertas sobre o papel, que, desprendendo-se, foi rolar ao chão.

Bertha, voltada a si do susto produzido pelo incidente, deu com

a avó em pé, hirta, pallida, fitando-a, como animada de subita resolução.

— Bertha, minha filha, esse homem não póde ser teu marido! A bruxa veiu prevenir-nos de que trar-te-á desgraça este casamento. Trata, pois, de esquecel-o. Vou devolver a carta.

A probre moça, que bem conhecia a avó, limitou-se a curvar a cabeça, desfazendo-se em pranto.

II

Todos os empenhos foram baldados para resolver a senhora Mendes a consentir no casamento da neta.

Entretanto, ella ama extremosamente a sua querida Bertha e, por isso mesmo, a boa senhora, mergulhada em fetichismo, passa horas e horas encerrada no seu oratorio, a espera de que o Todo Poderoso se digne esclarecel-a ou desmentir com algum milagre o aviso lugubre da bruxa.

III

São onze horas da noite.

Tudo parece repousar em casa e é profundo o silencio.

Fóra, o mesmo grande mysterio, mergulhado no seio enorme da escuridão.

Ajoelhada no chão do oratorio; o olhar beatificamente levantado para o crucifixo, que se eleva no altar entre duas estearinas, a senhora Mendes reza baixo, passando as contas do seu rosario.

De quando em quando, uma bafagem morna e perfumada, levanta suavemente as cortinas de ganga das janellas de grades, e vem agitar a chamma das velas e franja prateada das tapeçarias.

IV

No seu pequenino quarto de dormir, Bertha, opprimida entre aquellas quatro paredes, que não podiam outr'ora conter sua immensa felicidade, e menos agora sua enorme dôr, chora os seus sonhos desfeitos, as suas mortas esperanças.

V

A senhora Mendes, dando fim ás orações, levanta-se persignando-se devotamente, e vai apagar as velas ... Mas — oh! surpresa! — duas lindas borboletas brancas, com reflexos de oiro, agitam as finas azas sobre as flores do altar.

— Meu Deus! exclama a boa senhora, caindo novamente de joelhos, pasma e reconhecida — attendestes por fim á vossa humilde serva: são vossas enviadas estas formosas borboletas brancas!

VI

Esplendida festa, em casa da senhora Mendes.

Bertha, divinamente bella no seu

traje de noivado, acaba de chegar do templo pelo braço do esposo.

Ambos, radiantes de ventura, se dirigem ao aposento da avó de Bertha, que a espera com o abraço convencional e symbolico.

Ao transporem o limiar da porta, Volmar detem-se, fita com amor a esposa e murmura-lhe sorrindo:

— Graças ao meu milagre de borboletas ...

— Oh! cala-te! — fez a joven com gesto adoravel, pondo-lhe sobre os labios a mãosinha espalmada — se a vóvó soubesse!!...

CANDIDA FORTES.

(Das *Phantasias*)

Naufraga

A Mario Pahim

Venho da terra do *Alem-Noite*, aquella
Plaga phenomenal do eterno olvido,
Cujo luar o pensamento estrélla
De quem chorar, de quem tiver soffrido.

Batel ao mar. Indomita a procella
Uiva a gemer; o céo indefinido
Ao meu olhar medroso se revela
Medonho, e a vaga num cruel gemido

Arqueia o dorso; mas arqueia e passa;
Vôam gaivotas, celeres, em bando;
Flocos subtis de frigida fumaça

Cobrem, de todo, o espaço illimitado.
E, de pé, no convéz, hirta, chorando
Minha alma inovoca os deuses do passado.

(Cinerario)

CARVALHO ARANHA.

Carta do Rio

A proposito dos chapéus das senhoras no theatro lyrico tem-se gasto muita tinta e muito papel. Tem havido brigas, discursos e questões, mas o certo é que nenhuma senhora mais se apresenta lá com os taes chapeos, cuja unica serventia era impedir a vista dos espectadores. Ainda bem! As chapeleiras deram o cavaco com a nova moda, em compensação os cabelleireiros estão radiantes de alegria. Pudéra! O chapéu, de algum modo encobria o penteado deselegante, mas agora muda de figura... ficam á amostra muitas calvas!

Ouví censurar a «Mensageira» por haver transcripto um trabalho litterario.

E a propria pessôa que censurava esse facto, falava com enthusiasmo do trabalho transcripto, que até então não conhecia. Não acho razão nessa censura. Se a «Mensageira» não tivesse tido a franqueza de declarar a procedencia do trabalho transcripto, passaria despercebido talvez, como a muita gente passou, certamente, o que vou referir.

O «Novo Mundo» publicou em Maio de 1879, o bellissimo conto «Sonho de um sabiá» original de Sylvio Dinarte, transparente pseu-

donymo do illustre Visconde de Taunay. Pois bem, a «Semana» de memoria gloriosa, revista litteraria por excellencia, publicou a 8 de Junho de 1895, por conseguinte 18 annos depois, o mesmo conto sem alteração de uma virgula, apenas em vez do pseudonymo o proprio nome do auctor. Não declarou a procedencia do conto... de modo que todos ou quasi todos o leram e o apreciaram devéras. Isso de memoria bôa... não é para todos. A mim, graças a Deus, difficilmente me enganarão em questões de arte. Ha pouco tempo encontrei no mesmo «Novo Mundo», a copia de um quadro de genero, original de um pintor illustre, que figurou no «Salon de Pariz», ha muitos annos.

Sabem o que aconteceu? Um dos nossos pintores copiou fielmente a principal figura do quadro e o impingiu como feito do natural, de um modelo vivo. A gente vendo essas cousas entristece. A Arte deve ser tratada com mais respeito.

Os grandes acontecimentos da quinzena são: a proxima exposição retrospectiva, organisada pelo Centro Artistico; a fundação de creches e Jardins da Infancia, generosa ideia que tem a sympathia de todas as brazileiras, e a inauguração da monumental igreja da Candelaria.

Este templo, que é considerado o primeiro da America, foi iniciado ha cento e tantos annos. E' riquissimo e imponente. A musica que cantaram no dia da festa inaugural, e que é bellisima, é original do maestro Padre José Mauricio e tem tambem maís de cem annos de edade. Tudo n'aquelle templo magestoso obedece e respeita a tradição.

Contam que uns naufragos, prestes a succumbir, invocaram a protecção de Nossa Senhora da Candelaria e prometteram construir uma capella á virgem se Ella os valesse nessa dolorosa situação.

E a promessa foi cumprida. A imagem de Nossa Senhora é ainda a mesma. Ella que ouvio e piedosa attendeu aos naufragos do seculo passado, tem protegido tantas outras gerações, que em seu seio encontram sempre o sublime consolo da fé, a alegria da esperança e o beneficio da caridade.

Neste fim de seculo, as noivas estão muito ariscas. Uma dellas, outro dia, desmanchou o casamento por uma futilidade apparente mas que é falta muito grave para quem só encara a vida pelo seu lado pratico. Eis o caso: A noiva guardava em casa de seu *futuro,* os

doces que ia fazendo para o dia do casamento. A casa do noivo era mais commoda, prestava-se melhor para guardar o *stock* dos doces.

Um dia a noiva desconfiou... ali faltava grande quantidade de doces.

Tirou a limpo a questão: quem os comia era o noivo. Ahi então ella raciocinando disse: quem não tem capacidade para guardar algumas bandejas de doces, muito menos terá para guiar o futuro da mulher e proteger e amparar a familia.

E por causa de ter comido os doces do casamento, o noivo foi despedido!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Angustia

(A' Amelia Cardoso Americano)

Com tristeza enorme, lancinante e funda,
A tu' alma em trevas, desolada vejo:
Uma filha morta! Ah! lagrima fecunda,
A que te ficou do derradeiro beijo...

O pallor da morte, a magua da agonia,
E essa despedida sem remedio, eterna,
Te deixaram n'alma a dor que mais crucia,
— Viuvez do riso, agrilhoação materna!

Onde quer que vás ou que teus olhos pairem,
Acharás vestigios de teu anjo morto!
E sómente quando as maguas te desvairem
E' que has de encontrar numa illusão conforto!

E eu que, commovida, vejo o teu martyrio,
Sem saber, ao menos, consolar-te a custo,
O meu coração, num vago de delirio,
Por meus filhos sinto estremecer de susto!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

S. Paulo, 17 de Fevereiro de 1897.

Notas pequenas

Pharmaceutica. — São do *Paiz* as seguintes linhas: «Ha na Policlinica de Nitheroy uma pharmacia e esse estabelecimento é habil e caprichosamente dirigido por dona Maria Luiza Torrezão Sue Surville, diplomada em pharmacia pela nossa Faculdade, desde 1887.

Folgamos de registrar esse facto que muito honra as senhoras brazileiras, e especialmente quem, *sans bruit et sens éclat,* ha 8 annos se exercita em tão elevada funcção.»

A Nação. — Com este titulo appareceu no Rio de Janeiro mais um campeão dos interesses do povo, cuja divisa é: *clama, ne cesses,* de propriedade do Dr. Augusto de Almeida & Comp.

Do seu vigoroso artigo de apresentação, trasladamos estas linhas que dão uma ideia bastante accentuada dos seus designios:

«As difficuldades nos arrastam para frente, os perigos têm fascinações encantadoras, e na marcha progressiva da sociedade o que nos prende e nos attrahe não é o goso de um momento, mas a lucta sempre crescente da perfeição social.

Que todos fallem e gritem; que todos clamem pela verdade, pelo direito, pelas garantias da liberdade, pelo cumprimento da lei, que é a ordem e a defesa dos fracos; que todos clamem, mesmo até o

desespero, pela consagração da justiça, que é o anjo tutelar dos desvalidos, da innocencia, do pudor e da honra, e tenhamos fé que tudo se aplainará ao impeto heroico da propaganda do bem, que afinal ha de penetrar como um raio de luz por todas as camadas sociaes, indifferentes ou embrutecidas.

Não temos, portanto, programma definido; fallamos por todos os que soffrem, pelos pequenos, pelos fracos, pelos pobres, que formam o nosso partido e a guarda de honra do nosso jornal.

Saibam todos, o nosso programma são as dores e as lagrimas do povo, das quaes faremos o poema de nosso amor pela dedicação sem limites de nossos esforços. Onde estiver a oppressão ou a desgraça, estaremos ao seu lado, ou para remediar os seus males ou para gemer com ellas.»

Arthur Lobo. — Foi unanimemente absolvido pelo jury de Uberaba, a 26 do pp. o maravilhoso poeta mineiro Arthur Lobo, para o qual estavam voltadas as sympathias de todos que têm enthusiasmo pelos verdadeiros artistas e de todos que conhecem a triste contingencia da humanidade ao choque de emoções invenciveis... Arthur Lobo teve de arcar na vida com um desses momentos difficeis, de dura fatalidade, e isto era mais uma razão para que se interessassem por elle todos os seus patricios e admiradores.

A Mensageira saúda o cantor dos *Evangelhos* e das *Kermesses* fazendo votos para que a vida se lhe deslise dora avante cheia de suavidade e de ventura, entre o riso cristallino de seus filhinhos e a voz animadóra de sua esposa.

Revista Americana. — Do Rio de Janeiro chega-nos esta encantadora publicação mensal, de 26 paginas, nitidamente impressas, precedidas de um retrato do primoroso prosador-poeta Coelho Netto.

Na parte literaria figuram, além daquelle notavel publicista, Sylvio Romero, Olavo Bilac, Lauro Sodré, Reis Carvalho, Oliveira de Menezes, E. Goeldi, G. Paranhos, Luiz Barreiros, J. Oititica, A. Bahia e H. Mattos. Parabens á *Revista Americana*, da qual o alto empenho é estabelecer reciprocos conhecimentos e estima literaria entre todos os obreiros do pensamento que têm a gloria de pertencer ás luminosas plagas do Novo Mundo.

São Paulo 31 de Julho de 1898 Anno I, N. 20

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado | **Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23 | Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Com ares de chronica, Maria Emilia; — Por montes e valles, Ignez Sabino; — Parenthesis, soneto, Presciliana Duarte de Almeida; — Paginas americanas, Pelayo Serrano; — Chromo, soneto, Adelia Jucá; — Selecção; — Notas do interior, Dolores Alcantara de Araújo; — Notas pequenas.

Carta do Rio

A exposição retrospectiva organisada pelo Centro Artistico teve um exito brilhante.

Não imaginava eu que nesta terra houvesse tantos primores de arte. Em uma rapida visita apenas não é possivel que eu tenha visto tudo que lá existe de bello e original. Com mais vagar voltarei ao assumpto, que bem merece toda a attenção.

A sympathica ideia da fundação de Creches e Jardins da Infancia, nesta capital, tem sido acolhida em geral com muito enthusiasmo e amor. Julia Lopes de Almeida, a brilhante escriptora que tão conhecida e estimada é, está trabalhando com afan para tornar em realidade o seu sonho de tantos annos.

Com effeito, é uma necessidade e um dever que todos temos de cooperar com o contingente de nossas forças para a realisação dessa obra grandiosa, cujos benefícos resultados não se farão esperar.

A Creche é feita para descanço dos pobres e tranquilidade dos ricos. Uma mulher pobre que precisa ganhar o pão de cada dia no trabalho penoso de creada de servir, encontrará na Créche, conforto para o filhinho que ahi será bem tratado e alimentado convenientemente. A' noite, ao voltar do trabalho, receberá seu filhinho amado.

Ao contrario é impossivel se conciliarem as cousas. Trabalhar com o filho ao colo é um supplicio para a creança e para a mãe. Será um fardo pesado para os braços, embora não seja para o coração.

E a mulher rica que pode pagar creadas exige, e com razão, que o serviço seja bem feito.

Assim pois, a generosa ideia da fundação das Creches, nesta cidade,

é de grande beneficio para as familias ricas ou pobres.

Não se contando absolutamente com o auxilio official para a realisação deste sonho — sonho? não, ideia muito pratica, devemos nós mulheres, as mais interessadas em bem organisar nosso *ménage,* trabalhar com coragem para esse fim.

Já resoaram a meus ouvidos planos muito felizes. Sei que se organisará um leilão de prendas — de trabalhos de nossas gentis patricias — e como não desejo que alguem alegue falta de tempo para execução de um trabalho bonito e delicado, aviso desde já as cariocas, ou melhor ainda, as brazileiras em geral. Irei, nestas «Cartas» contando tudo o que souber acerca desta ideia que hoje me preoccupa inteiramente o cerebro e o coração.

Passar de um bom conselho a um conselho bom é cousa facil. Pedindo pelas Creches é aconselhar o bem e ensinar a prudencia na vida conjugal é tambem um excellente conselho. Eis o caso: Morava no sertão de Minas um casal feliz. O marido amava a mulher como geralmente as mulheres amam os maridos — com extremos.

Nunca tinham brigado e o que um queria, queria o outro. Lá uma bella tarde estavam ambos sentados na varandinha da frente, gosando da frescura deliciosa d'aquelle logar quando ouviram muito ao longe o pio estridulo de uma ave do matto.

— Que bello canto tem o jacú, disse o marido, escuta, elle está cantando.

— Não é jacú, é jacutinga, affirma a mulher.

— Estás enganada, é jacú.

— Não é, eu sei, é jacutinga.

— Não teimes commigo.

— Teimoso és tu, grandississimo malcreado.

E a discussão foi augmentando, augmentando... já nenhum dos contendores ouvia o que o outro dizia, cada qual queria mostrar maior conhecimento de adjectivos insultuosos.

E para encurtar razões, o marido como mais forte, venceu a discussão quebrando nas costas da cara metade uma bengala de junco.

A pobre mulher voltou para casa dos paes — refugio de quem naufraga no casamento. Não poude mais tolerar aquelle barbaro que se esquecera de seu amor, da deferencia que devia á mulher, de tudo, tudo, para espancal-a assim!

Passaram-se muitos mezes. O marido já muito arrependido procurou reconciliar-se com a mulher. Lagrimas, rogos, perdões, promessas, tudo elle invocou em seu auxilio e o certo é que ella perdoou a offensa e... reconciliaram-se.

(Conselho: não se mettam em

brigas de marido com mulher, tenham em vista a reconciliação deste casal). Mas, como ia dizendo, voltaram para a casa abandonada pela futil discussão do pio de uma ave do matto. E a alegria, a paz e a felicidade voltaram tambem áquelle lar. Muito bem, estava tudo como dantes. Lá um bello dia, entre beijos e caricias, a mulher docemente suspirando, disse: faz hoje um anno, lembras-te? que brigamos por causa do jacú e da jacutinga, tu teimavas que era jacú.

— E era 'mesmo, tu não tinhas razão.

— Era jacutinga.

— Não era.

— Era.

— Não era.

Em resumo, repitiu-se a scena do anno passado, mais forte ainda, porque em vez da bengala de junco, quebraram ambos toda a louça da casa no bombardeio que improvisaram de repente.

E dessa vez então não foi possivel mais a reconciliação. Os insultos reciprocos tinham sido de tal ordem que derribaram para sempre a felicidade conjugal d'aquelles dois teimosos!

Maria Clara da Cunha Santos.

Com ares de chronica

Commemoramos a queda da Bastilha, a folhinha nos apresenta o 14 de Julho, a data inicial da liberdade dos povos.

Este dia que, com o correr dos annos, se tornou, por assim dizer, de festa universal, nos relembra que a Ravolução Franceza, ao mesmo tempo que rasgava novos horizontes para o espirito do povo, fazia-o conhecer a força desse nobre ente que constitúe a sua metade e que participa de todos os seus martyrios. M^me^. Roland, que no dizer de Lamartine foi a alma da Revolução, M^me^. Roland não póde ser esquecida por mulher nenhuma neste dia de tamanha grandeza historica! E o seu vulto aureolado nos apparece em mente, ora dirigindo os altos planos dos mais eminentes personagens da epocha, ora subindo ao cadafalso e deixando cahir dos labios aquella phrase tão cheia de ironia e de verdade: «Liberdade! liberdade! quantos crimes em teu nome se commettem!»

Então levadas por um sentimento de enthusiasmo e de piedade, de pasmo e de veneração, buscamos as suas *Memorias* e ficamos embaladas por aquella linguagem singella e grandiosa, vestindo pensamentos nobres e ternas recordações da infancia! M.^me^ Roland é um symbolo! Si nenhuma outra

mulher eminente houvesse existido sobre a terra, esta só bastaria para synthetisar a profundsza e a força moral do seu sexo! Mas, o mesmo cadafalso de onde rolou a sua cabeça gloriosa, nos recorda que aquelle grande movimento politico da França tinha no seu seio convulsionado caracteres como o de Carlota Corday, além de mulhres de espirito tão elevado como Mme. Necker!

A Revoluçã Franceza!...

Quem não terá chorado lendo as cartas da meiga Lucilla a Camillo Desmoulins? Quem não terá sentido extranha sensação de horror ao pensar na princeza de Lamballe, immolada no altar da amisade incomparavel que votava a Maria Antonieta?

Qum não extremecerá ao pensar que a cabeça da desvelada amiga, depois de decepada ainda foi afincada numa lança e coduzida á frente de Maria Antonieta para mais lhe espesinhar o coração já martyrisado com a retirada brutal do seu louro e tenro Delphim?

E pensar que essa enorme tragedia da Revolução Franceza não fez germinar no seio da humanidade todas as sementes do bem!

E pensar que ainda depois della ha quem sustente com intransigencia ferrenha a bastilha dos preconceitos; ha quem interponha, entre a dignadade da mulher e as suas prerogativas, barreiras crivadas de espinhos; ha quem negue a seus semelhantes o direito da opinião e a opinião de direito!

Essas muralhas negras, porém, não entibiam os defensores da Justiça, como a guilhotina não amedrontava os heróes da Gironda. Abençoado desprendimento dos que sabem sentir a força de uma convicção! Bemdita verdade, que não te deixas obumbrar pelos sophismas dos que te querem opprimir!

Os luctadores convictos têm no no emtanto, compensação a tudo que soffrem; para que o seu coração irradie de jubilo e mais accentúe a sua fé, basta ás vezes uma unica phrase de um homem superior, como aquella de André Rebouças, no seu livro *Orphelinato Gonçalves de Araújo,* ao terminar a transcripção de um trecho de Sophie Raffalovich: «Todas essas reflexões levam a um problema novo para as raças neo-latinas: — *Abolição da escravidão da Mulher.*»

Para pôr termo a esta chronica, queremos uns versos que nos lembrem que é no regaço da mulher que se acalentam as cabeças imberbes dos homens do futuro. Seja uma poesia de Silvio de Almeida, que me veiu ha tempos numa folha paulista e que fôra classificada por Guiomar Torrezão, em chronica de

Lisbôa, como «uma suave elegia, penetrada da incoercivel sensibilidade tão pessoal e subjectiva como só a póde experimentar e reduzir á forma graphica o poeta, o eleito da inspiração, o verdadeiro artista namorado do ideal que o seduz.»

Porque sou triste?

Porque sou triste, si alegrar me cabe
A minha Mãe, já velha e alquebrantada,
Que tem vivido, como só Deus sabe,
De continua tristeza amargurada?

Não terá jus ao meu amor ardente
Quem tendo sido, como foi, tão pobre,
Me ensinou a presar unicamente
O grande, o bello, o verdadeiro, o nobre?

E não merece as minhas poesias
Quem me contava o nome das estrellas,
Dizendo: «Silvio, vê as Tres Marias,
E estas... e aquellas... Que bonito é vel-as!»

Pois minha mãe, que me trazia ao peito,
E me embalava, quando mais menino,
Não tem agora, por egual, direito
De querer que eu lhe abrande o seu destino?

Tudo lhe devo, desde a luz da vida
Até a mesma luz que me allumia,
Pois, só por minha doce Mãe querida,
Não vejo a noite quando brilha o dia!

Porque sou triste, pois? Quem lhe consola
A noite da velhice, que já desce?
Quem me dera um sorriso por esmola,
Com que sorrir á minha mãe podesse!

SILVIO DE ALMEIDA.

Flores ao poeta e descanço ás leitoras.

MARIA EMILIA

Por montes e valles

A Aurea Pires

Eu não sei porque, todas as vezes que saio da Capital e internome pelo interior, no que a outrem parece velho e sem encantos, os meus olhos de observadora encontram sempre uma novidade, maxime, tendo o espirito em ferias e em festas o coração.

A celeridade de trem não distrahe o meu pensamento, nem me perturba a idéa. Então noto que havendo no Brazil climas differentes, com tudo não temos meio dia com fructos de outomno, nem norte em gelos perpetuos.

O nosso solo é rico e fecundo, por isso que se torna a saberba miragem do trabalhador europeu, que abondonando os patrios lares, vem colonisar esses enorme desertos de verdura, edificando a modesta cazinha perto da fonte que lhe mata a sede, encontrando na agricultura a riqueza, já no apice dos montes onde se aclimata o milho e o café; já na fertil campina, aonde pastam aminaes da raça vacum e cavallar. E' bello ver-se quarenta, cincoenta ou mais homens infileirados, movendo as enxadas a cavar a terra, preparando o terreno, contentes, felizes, emquanto pelo atalho vem a mulher e os filhos com a cesta da refei-

ção que apenas consta de carne de porco e polenta; elles, com o descuido proprio da idade, ellas com trajos exquisitos, resguardam a cabeça do sol já por um lenço atado sobre os cabellos, cobrindo as orelhas, já por um chapéu desabado de palha grosseira. No campo, eu accordo com os passarinhos, por isso desejando observar tudo, punha-me a caminho, correspondendo ao «Bom dia», dado dispretensiosamente, emquanto o sol feria o espaço com os seus raios embellesando os corregos e o murmurio d'agua nascente a repercutir n'alma o enlevo causado por essas manhãs tão lindas. Ora seguia a estrada geral, ora internannando-me por um desvio, vi uma vez um quadro digno do melhor dos nossos pintores. N'uma roça bem cultivada, de milho e de feijão, por onde serpenteava um riacho, na porteira, trepara-se linda criança de seis annos, com saia azul, camizinha branca de mangas compridas, collete escarlate e cabellos louros, em longas madeixas, cahidos sobre as costas, que gentilmente atirou-me um beijo, em quanto um rapazinho de quatro annos e uma menina de tres desfolhavam no chapéu, assentados na areia, uma porção de flores silvestres. Naturalmente parei a sorrir, seguindo depois de corresponder com igual gentileza, o caminho bordejado de barrancos, quando um delicioso fectu chamou-me a attenção.

Arrancal-o foi obra de um segundo. Observando-o, dissertei rapidamente sobre a geographia botanica, a divizão das familias nessa especie que constitúe a Flora de qualquer paiz, incluindo as plantas *socias, as cosmopolitas*, as *desagregadas*, lembrando-me de Duhamel que escreveu 6 volumes sobre a *physiologia das arvores e dos vegetaes*, de Linné, o primeiro que estudou o reino vegetal, depois, dos Jessieus tio e sobrinho, de Caudolle, de Cesalpim que antes de Jessieu fez o primeiro ensaio sobre o assumpto, em 1583, com o seu: «Libre XVI de plantis», além de J. Rai, o inglez Morisou, o allemão Knaüt, o hollandez Hermann em 1690, e mais os francezes Ravisius e Tournefort, em 1640.

E, no grande grupo da divizão dos vegetaes, os *Adocotylidoneos*, os *Monocotylidonios* e os *Pocotylidonios,* com as familias, os generos e especies, variam os individuos de raças, do mesmo modo porque se nota essa differença no reino animal, constituindo variedades superiores e inferiores. Julgo que o estudo da botanica deveria ser um encanto para o meu sexo, não só como passatempo, como tambem por necessidade até mesmo pecuniaria. Mas, custa, sei

bem, á mulher entre nós, com a educação falsa que recebe, gostar de instruir-se e saber o que chamam superfluo, quando não, se vissim o Champignon que se uza em varias iguarias, o Milho, a Cevada, a Canna de assucar, (granineas) das quaes se conta mais de mil especies, entrando nellas a grama sobre a qual se estende a roupa para corar, alem da que sustenta os animaes, se analysassem umas algas, (da familia das cryptogamas) quer as do mar, quer as dos rios, verificariam nas primeiras, umas *Monocotylidonias* e nas segundas um *Adocotylidonio* por não daremflor.

Nas Bananeiras, nas Orchideas, nos Aspargos, nos Jasmins, nos Cravos, nas Campanulas, no ananaz, nas Begonias e nas Palmeiras, analysariam um *Monocotylidonio*, ao passo que enfeitando os jarros do toucador e os jarrões da sala de vizitas, teriam a certeza de serem *Dacotylidonios*. Se notarem que as grandes arvores da matta ou os arbustos do jardim têm verdes os troncos e as folhas, é necessario que não ignorem o nome da substancia verde que as anima, (chlorophilla) lhes é dada pelo ar e pelo sol, que por exemplo, no Lyrio fornece a sua brancura immaculada, mas que nas folhas, formando a cor verde, essa materia contida no interior das cellulas, vêse atravéz da membrana da folha, descoberta oriunda dos chymicos e botanicos francezes Coventu e Pellitier, em 1818. Depois os olhos se deleitariam a observar as immensas variedades de Palmeiras, as rainhas dos bosques, como as chamou Linneu; se folheassem Richard ou Duchartres, á pagina 807, já conhecendo nellas um *Monocotyledonio*, saberiam tambem que Martius, as estudou particularmente, dando á America 273 qualidades e 300 distribuidas pelo resto do globo, dividindo-as em 5 grupos, a saber: 1.ª Aracinéas, 2.º Caloméas; — 3.º Borassinéas; — 4.ª Coryphinéas; 5.ª Oscaqueiros, — que dão fructos.

De algumas palmeiras se estrae feculas como o sagú, alem de cêra, como a carnaúba, oleo e bebidas agradaveis como a Jussara no Maranhão, Assahy, no Pará, etc. etc.

As suas lindissimas palmas servem para cobrir ou construir mesmo os «Mocambos» da gente pobre do Norte, quer á beira dos rios, quer á margem do oceano. Existem outrosim Palmeiras historicas, haja prova as que se distribúem no Domingo de Ramos em lembrança da entrada de Jesus em Jeruzalem (veja-se Caminhoá). Ora, como o vegetal pela transformação do terreno, do clima e pela fraqueza do germen soffre a lei fatal do transformismo, oriundas

dos clima tropicaes, umas crescem a 600 metro de altura, outras descem a proporção de um ou dous metros, como as *Phoenix*, pertencentes a classe das «Caules»,*) por isso que *sem tronco,* os talos surgem elegantemente da terra, nascendo das raizes adventicias que se intranham nella de tal sorte, como se fossem espetados os talos artisticamente, segundo affirma Duchartres e confirma Martius, que admirou uma tão linda, em Madagascar, a ponto de impressional-o muito e della tirar o desenho. As nossas *Indayás,* são disso, prova.

. . . . . .

E' ainda a manhã, nem uma nuvem fofa esmalta a athmosphéra.

O sol esbrazea aquellas longiquas paragens, dando á natureza um encanto indifinivel a tudo que eu admirava, ora colhendo uma flor, ora respondendo a uma pergunta. Seguia pela estrada, quando vejo por um atalho varias pessoas derigirem-se para uma capellinha que fica sobre pequeno outeiro e cujo sino repicava alegremente. Com as pessoas queridas que me accompanhavam, dirigi-me tambem para lá. O rustico templo já com alguns devotos, não tinha galas, notando-se uma pobreza enorme em tudo.

A minha entrada alli produziu curiosidade, por não ser eu do logar; mas aos poucos, como meu irmão é d'aquella gente bem conhecido, ao sahir, correspondí a saudação de algumas pessoas, na maior parte fazendeiros e negociantes, que a convite do dono d'aquella caza de oração, com a sua presença davam prova de cortezia, que não de crença ou fervor religioso ao acto, talvez.

No campo, em plena natureza, como é suave e poetica a oração, nesse mysterio indifinivel que faz o ser humano compenetrar-se da sua fraqueza, da sua pequenez, para elevar o espirito ante o sublime Artifice, creador de táes bellezas!!

A mim, não passa desappercebida uma flor delicada dos môrros ou da campina. Eu notava que o Idikium Corronarium formava extensissimo jardim nas varzeas e á beira dos corregos, quando do barranco, proximo, cahiu-me aos pés enorme torrão de terra humida, por haver chovido na vespera. Apanhei-o e mostrando-o, puz-me a phylosophar sobre o assumpto.

A terra, esta mistura de argilla e de areia que tinha na mão, esse globo que gira no espaço e que eu amassava entre os dedos, se fosse uma esculptora, aproveital-a-ia em deliciosos bustos, figuras, flores, ramos, ornatos o utensilios. Todavia, quanta legua devoluta,

*) As *Acaules* são plantas que não têm talo ou o têm muito pequeno, como o telho, o Jacintho, e outras.

quando o lavrador aproveitando-a, nella teria a sua melhor amiga?...

Um dia, (não para os meus), esses ermos serão cidades, com fabricas, templos e escolas. Nas fazendas, a enxada e a charrúa, darão o proveito desejado; os juros do suor humano, mitigarão o trabalho da honradez. Se o sol festeja-a com os seus raios; se a chuva brinda-a com a sua réga; se a lua brinca no cabeço dos seus montes; se a neve alveja os altos pincaros; se as estrellas allumiam-a negura; se entre nós a poezia sertaneja infunde n'alma o painel da verdade sob uma forma tão amêna, para que o brazileiro deixa o estrangeiro uzurpal-a, para que consente-a á mêrce de outrem, sobretudo o liberto, que tão depressa esqueceu esse penhor do seu trabalho, quando benificiara o paiz por seu intermedio?

Não serão por isso uns grandes ingratos?!...

. . . . . .

Nella temos um jardim perpetuo; das suas entranhas surge o marmore, o ferro, a prata, o ouro, o alluminium, as pedras preciozas; das suas veias jorra a cachoeira, que forma os grandes rios, os seus affluentes, os ribeirões, os riachos, os filetes argenteos com fontes crystalinas, cercadas de trepadeiras, arvores seculares, troncos cahidos ao accazo, n'um dos quaes já muito fatigada, fui sentar-me, bebendo agua fresquissima na folha concava de um vegetal que floria alli perto. Corriam as horas desapercebidamente. O sol fustigava-me o rosto, por isso puz-me a caminho, notando que os nomes dados aos logares, são improprios, mas naturalmente lembrados pelos antigos tropeiros, quando o apito do trem não despertava essas solidões ainda.

As crianças correndo na frente, eis que uma dellas lembrou-se de assanhar enorme caza de marinbondos.

Fugimos delles apressadamente e chegando á caza, tomei estas notas, respirando ainda com prazer o perfume das flores incultas que me trazia a matta, de envolta com o ozône purissimo dos ares campestres.

Capital—6.—Março—1898.

IGNEZ SABINO.

Parenthesis

Porque tão longa e desastrada ausencia
Entre dois seres que a amisade encanta,
Amisade que todo o mal quebranta
E que tem da constancia a presciencia?

Do destino porque tanta inclemencia?
Amargura porque na vida tanta?
Aos que se nuntrem de affeição tão santa
Deveria sorrir sempre a existencia.

E o nosso coração assim fazia,
Em linguagem amarga e verberada,
A queixa dessa ausencia agra e sombria!

Hoje sorriem nossas almas juntas...
Mas amanhã, de novo separadas,
Hão de fazer ao céu iguaes perguntas.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Paginas americanas

(Fragmento)

...Vêr Lima, a formosa e aristocratica, que bello seria!

Encher o espirito alli com as recordações pavorosas do grande terremoto de 1817, após o qual mais garrida se levantou a capital do Bimac, reconstruindo com os milhões do guano seus magnificos palacios da era colonial e faustosa dos vice-reis... Ir á cidade principal orgulho do paiz de Andrés Bello e de Pierola — e alli vêr, admirar as adoraveis filhas do paiz dos Incas, em terras brasileiras afamadas pela sua captivante belleza e pela muita e proverbial doçura de seus mil encantos! E' usual dizer-se que nem as minhas delicadas compatriotas catharinenses — as filhas de Desterro e Laguna, gentilissimas patricias de Annita, a lendaria esposa daquelle bravo José Garibaldi — as quaes passam ao lado das cariocas, como o typo genuino de brasileiras formosas; que nem estas pódem ultrapassar, competir, sim, na graça das maneiras finas, no porte garboso e na suavidade enleiante dos traços do perfil seductor, ás amoraveis habitantes de Lima.

Que o decidam Virgilio Varzea, o evocador das bellezas de Santa Catharina, e Olavo Bilac, esse gorgeiante poeta carioca, acerrimo na defensa sem restricções das formosuras femininas do Rio de Janeiro.

Sobre o logar de honra occupado pelas peruanas, na galeria de bellezas sul-americanas, attestam-n'o dous factos: nas legações extrangeira sem Lima é ephemero o celibato para os jovens addidos e secretarios solteiros, quasi sempre regressam ao seu paiz casadinhos esses diplomatas, de tal modo os enfeitiçam de amor os olhos das meigas limenses; o segundo facto, veja-se no velho e intenso odio politico, que separa chilenos e peruanos, como inimigos altivos e irreconciliaveis, mas odio incapaz de impedir que os guapos rapazes araucanios se entonteçam de amores pelas filhas da terra gloriosa de Atahualpa, herdeiras das qualidades atavicas d'aquelle nobre sangue quichúa e tambem das blandicias e ternuras de coração, sempre irresistiveis em qualquer dama, cujos labios trinem o apaixonado

idioma de Espronceda e Campoamor! Ah! esse coração da mulher castelhana tem mysterios e filtros de enleio, que decifral-os nem mesmo o doce Loti, ou o grande bohemio genial, que se chamou lord Byron, o puderam fazer! Nos tropicos, ou no polo, contemple-se a hespanhola nas ruas de Manilla ou de Havana, trate-se da portenha ou da oriental ou da madrilena, a gentil rainha do *salero* e do adufe, a soberana do galanteio e desse cavalheiresco amor, que sempre respira ciumes tragicos ou dedicações heroicas, ella, a mulher hespanhola, é uma só, em Sevilha como em Montevidéo, no Chile ou em Bogotá... Reatando o já dito — os chilenos têm plenissima razão para esquecer as velhas rusgas patrioticas, quando, ao pisarem o caes do porto de Callau ou Arequipa (a Sagunto peruana), seus olhos ferem os primeiros golpes com as valentes dominadoras de corações, as faceiras e adoraveis compatricias do lendario Huascar... O nosso Varnhagen, Vianna de Lima e outros mais diplomatas do Brasil alli deixaram presos os corações.

. . . . . .

E nesse scismar espiritual, ideando viagens e perspectivas luminosas e doces para o coração, ia eu, lentamente, baixando de mais um sonho irrealisado ás cogitações reaes do presente. A toada cansativa da classe de geographia era o que me esperava, naquella polychronica enscenação cosmopolita de mappas e quadros, da minha sala de aula. Povos e terras, cidades e mares, alli estavam agrupados na reducção infinitesimal do globo figurado: ser-me-ia dado vêl-os, um dia longinquo do porvir?

. . . . . .

1893 - Julho.

PELAYO SERRANO.

Chromo

Dormia, em sua fronte descorada
Desenhava-se um sonho venturoso,
Das madeixas o anel mais gracioso
Cahia na almofada rendilhada.

Pendente da mãosinha perfumada,
Sobre o collo, de alvura alabastrina,
Se entrevia nas rendas da cortina,
A medalha da Virgem Immaculada.

Pela janella o sol que penetrava,
Indiscreto, em manhã de primavera,
De luz n'um banho a alcova mergulhava,

Mostrando sobre a meza de páo-roza,
A cartinha de amor que recebera
Aquella que dormia descuidosa!

ADELIA JUCÁ CASADO LIMA.

Selecção

Na velha historia do passado são as mulheres que conduzem no regaço a maior porção de louros triumphaes que lhes outorgou a imparcial justiça dos homens.

E' da mulher que deve partir toda a força, toda a grandeza, toda a elevação progressista de um povo.

Guiai a mulher, educai-a, abri-lhe os largos thesouros da instrucção, explicai-lhe os infinitos mysterios da intelligencia, e ella povoará a terra de heróes; entregai-lhe uma luz e ella illuminará um seculo.

Luiz Guimarães Junior.

A nossa caridade official dá pão e vestuario ás creanças, mas que faz em favor das mulheres?

Dando-lhes uma educação que não está em harmonia com os seus meios futuros, condemna-as á miseria, á desgraça, quantas vezes, á ociosidade e á ignominia?

A educação deve fazer-se pratica e positiva, deve tornar-se um preventivo efficaz contra os maus conselhos da pobreza ou da preguiça.

Os que pensarem n'isto farão um bem á familia e á sociedade.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

(Mulheres e Creanças.)

Notas do interior

Peço venia á illustre redactora da «Mensageira» para dar ás gentis leitoras de sua attrahente revista, uma idéa ligeira da elegante Juiz de Fóra, onde actualmente estou, chegada do poetico Caxambú, de que me recordo com saudades.

Bem dizia o immortal Chateaubriand: — Não ha prazer que a dôr não siga bem de perto.

Dura verdade, a d'esta rapida phrase, que encerra um ensinamento tão grande!!

E para mais precisamente comprehendermos a pujança d'aquelle sublime conceito, basta estudarmos os factos da vida humana no seu intimo sentir, para nos convencermos de que o riso é sempre ephemero, ao passo que a dôr é despota constante no seu imperio de ruinas.

E' assim que após as alegrias de uma encantadora viagem, succedem as saudades com o seu cortejo de lagrimas.

Bemdita, pois, a ausencia que empresta um colorido magico ás cousas do passado!!

Não sei se devido a essa lembrança grata, que nos deixam os dias que não voltam, é que tenho sentido tão vivas saudades de Caxambú, apezar de minha nova residencia aqui, que, com justiça se diga, é um pequeno paraiso.

Abandonando o confronto entre estas duas joias mineiras, pela difficuldade na concessão da primasia, e mesmo porque me fallece a coragem para recordar um tempo já extinto e bem vivido, passarei a falar apenas das minhas impressões em relação a Juiz de Fora, que no dizer exaggerado de alguem, é o cantinho mais seductor do nosso rico Brazil.

Aqui cheguei trazida pela locomotiva, que rasgando brutalmente o espaço conservava-se indifferente para com as incomparaveis bellezas do solo e surda aos rogos ternos das testemunhas do seu indifferentismo que eram, sem duvida, os rochedos denegridos, as mattas virentes, as flores sylvestres e os rios espumantes.

Na contemplação de taes primores meus olhos madidos ainda do pranto da saudade se extasiaram ao mesmo tempo pelas sublimes revelações de faceirice dos desconhecidos sitios, transmittindo assim ao meu coração uma emoção nova e extranha nos intimos annaes de minha vida, onde a dôr nunca se havia enlaçado com as vibrações de um regosijo forte. Pela primeira vez, pois, senti este mixto de terrores e phantasias, sorrisos e prantos, e que tão pouco se prestam a uma definição exacta.

. . . . . .

Logo ao chegar a Juiz de Fóra, observei com satisfação toda relativa o respeito aos mortos, comprovado pela elegancia dos monumentos funebres que escapavam esguios e esbranquiçados d'entre as muralhas frias de um cemiterio, — templo onde fenece toda vaidade e triumpha sempre o pavoroso nada! Sorprehendeu-me, em seguida a grande extensão das ruas, impeccaveis em sua maioria pelo alinhamento recto, apreciaveis pela largura ampla, imponentes pelas construcções ideaes que as ladeiam e, sobretudo, deliciosas á noite quando os postes de luz electrica symetricamente alinhados, produzem effeito original e bello.

Em verdade, é, deveras aprazivel este local!!

E como não ser assim, se a sociedade é finamente culta, graciosamente hospitaleira e immensamente sensivel, como attestam dous luxuosos edificios de caridade publica, como sejam, a Santa Casa de Misericordia e o Asylo João Emilio, nos quaes se destribuem promiscuamente affecto, consolo e ensino?!

E' uma terra essencialmente de

moças, e de moças não só lindissimas, como regularmente instruidas e talentosas.

Não é de todo o espirito de sympathia que me força a expressar por esta forma em relação ao elemento feminil d'este logar, mas, sim o culto á verdade e o intuito de evidenciar que a educação da mulher brazileira marcha desassombrada para a proxima conquista intellectual, cujo exito benefico de ha tanto ideamos.

Ainda ha bem poucos dias, tive em mãos um primoroso documento das graças do espirito de uma jovem residente aqui, que em harmonia sublime enlaçou nas paginas de um album intimo as revelações de sua natureza finamente privilegiada, quer para as blandicias incomparaveis da musica, quer para os lampejos da poesia amena e discreta e quer para os traços artisticos do desenho elegante.

Salvas e applausos nossos merece essa gentil representante da illustre familia do immortal José de Alencar. Salve!!

Aqui, como geralmente em todos os logares, o baile é o preferido dos folguedos.

Eu assisti apenas a uma *soirèe*, onde damas e cavalheiros dançaram com elegancia extrema.

Em compensação esqueceram-se do piano, do canto, do recitativo e do jogo, emfim da arte, que tanto enche e embelleza os salões aristocraticos.

A mim, isenta das fortes e ruidosas alegrias que os bailes puramente dançantes dispertam geralmente no coração de quem é jovem, quedei-me a contemplar toda aquella galhardia graciosa, até que me coube a honra de ter como par um antigo e respeitavel titular (reliquia, quiçá, do systhema decaido) que, de forma alguma, podia resignar-se com a confusão que nascia das almas moças, educadas em plena quadra de revoluções e enthusiasticamente republicanas.

Passei bem rapidos momentos ouvindo as ironias do meu cavalheiro e observando as oscillações d'aquella onda de bonança.

Esquecia-me de salientar o que havia de mais artistico no logar: — Era o grncioso jardim municipal, onde o sussurrar das palmeiras verdes se confundiam com os sons de uma agradavel orchestra, com as scintillações de uma illuminação medrosa e, ás vezes com os suspiros longos e indefinidos de uma celestial estudiantina.

Convergiam para este delicioso jardim de scismas, onde a imaginação cantava e ria a contento em noites crystalisadas pelo luar, creaturas de almas mysticas e pensativas.

Infelizmente tão ephemera como a passagem dos bandoleiros pyri-

lampos, foi a vida d'aquelle recreio cheio de romantismo e poesia!!

Não posso mesmo furtar-me ao impulso de censurar violentamente o abandono do pittoresco jardim municipal, por parte das almas puras e idealistas.

Como pontos de diversões, temos ainda — Prado, Theatro e Velodromo.

Juiz de Fóra, é uma cidade muito commercial, como claramente demostram as diversas fabricas, companhias e importantes estabelecimentos entre os quaes o Banco de Credito Real de Minas, que tem aqui a sua séde.

Além do importante edificio da Alfandega (ainda em construcção), de dois Conventos, da Hospedaria de Immigrantes, da Mecanica Mineira, do Forum, da Inspectoria de Hygiene, etc., é digno de nota o bello predio da Cadeia, angustioso retiro de tantas almas transviadas pela alucinação do crime.

Tenho apreciado a singeleza dos templos, em harmonia com a simplicidade religiosa.

O clero, que é bastante numeroso e illustre, conta em seu seio o notavel pregador Julio Maria, que tenta dar á Igreja Catholica uma feição mais liberal, garantindo, assim, a sua estabilidade atravez das evoluções dos seculos.

Cuida-se com carinho da instrucção, pois, ha muitos collegios, diversos externatos e a promissora Academia de Commercio. Existe tambem uma completa Escola Normal, que trabalhando com proficiencia e zeloso extremo, habilita e garante á mulher a necessaria independencia.

Tenho notado e com bastante alegria, que as lettras são aqui cultivadas com entussiasmo, pois, além da tradição honrosa de uma imprensa passada, conta actualmente o logar um importante diario o — «Jornal do Commercio».

Ha muitos homens notaveis pelo elevado cabedal scientifico, diversos artistas e festejados oradores, que fazem a gente desconfiar de algum roubo no archivo de Deus, onde são guardadas com infindo amor, as perolas da rethorica que a poesia levemente ruborisa.

Existe ainda um numero relativamente consideravel de litteratos, dos quaes não falarei em particular, porque as leitoras melhor do que eu os devem conhecer e apreciar.

Funciona aqui o Instituto Juridico Mineiro, que tantos serviços póde prestar á causa commum do Direito.

Margeia a localidade o formoso Paraybuna, cujo percurso tem infindas bellezas.

O municipio conta 90.000 almas.

A zona é cafeeira. Os trabalhos

do fôro são avultadissimos, existindo duas varas de Direito.

Resente-se o logar da falta de um Mercado, que tanto favorece a commodidade publica. Em contrapeso tem um completo serviço telephonico.

São faceis os meios de transporte, devido a companhia de bondes e abundancia de carros de aluguel.

Ha extracção diaria de duas loterias. Embelleza muito a localidade a somma avultada de fazendas proximas. Como cidade moderna que é, segue, no dizer de um homem de espirito, o systema Kneipp e por isso anda descalça. Creio, porém, que seriam melhor avisados os gentis habitantes d'esta bella terra se cuidassem seriamente em fazer um calçamento solido e util e se déssem um carater mais risonho á cidade, promovendo reuniões recreativas e festas litterarias, em vez de se preocuparem tanto com os barbaros exercícios cynegeticos, cujo fim é perseguir e mattar os sublimes e inoffensivos cantores, que habitam as regiões superiores, onde a inveja, o odio e a vingança não encontram adeptos e nem throno. Fieis ou não, foram estas as minhas impressões e — quem dá o que póde não faz mais do que aquillo que deve.

Dolores Alcantara Vilhena de Araujo.

12 de Maio de 1898.

Notas pequenas

Recebemos e agradecemos: — *Correio de Minas,* folha diaria, fundada em Juiz de Fóra — a florescente cidade mineira, e de cuja redacção faz parte o estimado chronista Heitor Guimarães; *Revista Moderna,* periodico literario publicado no Rio de Janeiro e redigido por Eugenio de Barros, S. de Castro e mais alguns talentosos moços; *Oito de Setembro,* revista catholica, Rio Grande do Norte; *Cidade de Itajubá; A Ordem,* de S. José do Paraizo e *Verdade e Luz,* desta capital.

Versos. — Mimoseou-nos com um exemplar dos seus formosos *Versos* o conhecido e apreciado poeta mineiro Francisco Lins. Agradecemos a offerta do seu livro, sobre o qual se encarregou gentilmente de fazer a critica na *Mensageira* o nosso talentoso e distinctissimo collaborador D.r Manoel Viotti.

A Mensageira

A Mensageira. — Appareceu o n. 17 da *Mensageira,* a *chic* revista litteraria que com todo brilho intellectual a sra. d. Presciliana Duarte de Almeida redige nesta capital.

Entre os bons artigos e poesias que contém sobresahe o conto *Borboletas* da poetisa d. Zalina Rolim.

(Do *Diario Popular*)

São Paulo 15 de Agosto de 1898 Anno I, N. 21

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Do Livro da Saudade, soneto, Zalina Rolim; — Adeus, soneto, Aurea Pires; — Divagações, C. de Carvalho; — No Album, soneto, Carlos Góes; — Versos de F. Lins, critica literaria, Elmano do Val; — O Orpham, soneto, Francisco Lins; — O Armador, conto, Andradina de Oliveira; — Sonhos, Pelayo Serrano. — Notas pequenas.

Carta do Rio

«Vale o esforço ou vale a victoria?» Eis o problema. Esta pergunta intrincada fazia, ha dias, no Jornal do Commercio, em um vibrante artigo, a distincta escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho. Vale a immolação dos que deram a um ideal sonhado toda sua alma, ou vale a felicidade dos que attingiram o seu fim e colheram na apotheose final, a palma appetecida? O mundo, accrescenta a illustre escriptora, só vê os que venceram.» Triste verdade essa! Os factos da vida pratica, demonstram bem que o povo só leva em conta os feitos dos vencedores. E é por isso que eu fico pensativa a scismar quando vejo desses factos tão communs e com os quaes meu espirito e coração rebeldes á rotina que domina o mundo, não se acostumam, e a que não se submettem.

Outro dia, na Exposição de Arte retrospectiva, brilhantemente organisada pelo Centro Artistico, contemplava, absorta, um quadro lindissimo.

Era o interior de uma sala de luxo, repleta de formosos objectos de arte. Extraordinaria composição em que se encontravam em harmonioso conjuncto, a riqueza do colorido, a luz vibrante e forte de um dia primaveril, o rigor technico dos detalhes e sobretudo a elegancia e naturalidade das figuras. Ao fundo do quadro havia uma janella ampla, francamente aberta e ao longe, muito ao longe viam-se, desenhados com a rigorosa precisão da perspectiva, arvores e arbustos que projectavam no chão deliciosa sombra. Ao contemplar o formoso quadro, esqueci-me de consultar ao catalogo o nome do auctor.

Apreciava-o incondicionalmente, como se aprecia o que é bello, o que é digno, o que é elevado. De

repente resoaram a meus ouvidos palavras asperas de censura ao quadro. Alguem dizia, bem alto, que nenhum valor encontrava na tela que me enfeitiçava cada vez mais.

D'ahi a pouco, o mesmo critico, reconheceu o festejado nome do auctor do quadro e diz entre assustado e arrependido: Ah! é de Berne-Bellecour, não tinha reparado, é esse um pintor emerito, seus quadros têm grande cotação, etc.

Volto á Exposição, dias depois, e que havia de encontrar? O mesmo critico, embevecido, absorto quasi, a contemplar a tela que dias antes tanto o erritára. E mais surprehendida fiquei quando o vi, em phrases repletas de enthusiasmo, chamar a attenção de um amigo e descrever um por um os detalhes completos do quadro que realmente só o encantou depois de reconhecida a assignatura do pintor.

Ha muito tempo que me preoccupa o coração a dolorosa verdade que o Padre Antonio Vieira, ha tantos annos disse, nesta phrase suggestiva: Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.

Entrou para o prelo o formoso livro de estréa, «Flocos de Neve», da talentosa e inspirada poetisa Aurea Pires. A poetisa é muito jovem mas já tem um nome vantajosamente conhecido em nosso meio litterario. Apezar da fraternal amizade que me prende á meiga e intelligente poetisa não sou suspeita garantindo desde já o exito de seu livro Lendo as poesias de Aurea, a gente, involuntariamente, se lembra de Luiz Guimarães Junior.

São fluentes e naturaes os versos, inspirados quasi todos nas bellezas da natureza, nos sentimentos generosos e sobretudo no amor sincero e nobre que tanto eleva e arrebata as creaturas! Ninguem encontra uma palavra *forçada* nos versos desta poetisa. A rima é facil sem ser banal; a cadencia é doce e a factura natural.

Comparando os versos de Aurea Pires aos de Luiz Guimarães Junior, eu faço o maior elogio possivel á poetisa; pois tanto ella como eu prestamos ao poeta, recentemente morto, o maior preito e a maior homenagem e admiração!

Não sei porque, entendem as nossas patricias, que quem escreve para a imprensa deve ter muita pratica da vida e conhecer perfeitamente os factos e as pessôas. E assim devia ser, na verdade.

Recebo sempre cartas gentilissimas que me solicitam conselhos sobre varios pontos. A ultima que recebi era de uma noiva.

Notaram já como as noivas gostam de escrever e receber cartas?

Perguntava-me a gentil missivis-

ta se a mulher educada deve ou não abrir as cartas do marido e vice-versa. E' um ponto este de importancia summa. Parece uma questão ridicula e comesinha; mas não é. Entendo que entre marido e mulher não deve absolutamente haver segredos, mas entendo tambem que qualquer dos dois póde ser o depositario do segredo de um terceiro e nesse caso não pode e nem deve, em absoluto, confial-o a quem quer que seja.

E' mais prudente, pois, que cada um respeite o outro e não abra cartas que não são suas. E' muito problematica a ventura que nos póde trazer uma carta a outrem dirigida e é muito mais provavel que ella nos traga um desapontamento ou uma decepção.

Tambem é um máo habito o costume de lêr cartas que se encontram abertas sobre os moveis de uma casa. Ha muita gente cobarde, que sendo incapaz de frente a frente dizer o que sente, se prevalece desse meio commodo e cynico para dizer o que quer. Em resumo, a verdadeira norma a seguir é esta: ninguem deve abrir ou lêr cartas que não lhe são dirigidas. Deste modo evitam-se muitos aborrecimentos futuros.

Contou-me, ha dias, um pintor illustre que seu irmão — tambem tambem pintor emerito e de grande nomeada — tivera a encommenda do retrato á oleo de um menino, mas do modo mais exquisito que se pode imaginar. O menino tinha fallecido ha seis annos já, e o pae queria que o pintor, auxiliado por uma photographia velha, fizesse o retrato do menino, como elle deveria ser, se fosse vivo, isto é, se tivesse treze annos.

— Mas, seu filho, por esta photographia mostra ser um menino de sete annos, pouco mais ou menos, disse o pintor.

— Justamente, replica o pae. Elle tinha sete annos quando morreu. Mas o senhor como bom pintor, com o auxilio desta photographia e com um pouco de bôa vontade e de imaginação póde, perfeitamente, pintar o retrato como eu quero, isto é, de um rapazinho de treze annos, muito parecido commigo, com a differença apenas que tinha os olhos azues.

Haverá cousa mais estupida do que isto? Não creio.

Decididamente, para se ser pintor, nesta terra, é preciso possuir, alêm de todos os conhecimentos technicos indispensaveis á grande arte, a sublime virtude da paciencia.

Maria Clara da Cunha Santos.

(Do „Livro de Saudade")

Tão azul, tão sereno e tão profundo!
Como é formoso o céo de minha terra!
Doce praia do sonho que hoje encerra
O que eu tinha mais caro neste mundo.

Tão azul, tão sereno ... elle desterra
De minha alma a tristeza em que me afundo.
E' lá que a gente, quando os olhos cerra,
Gosa a vista do Bem calmo e fecundo.

Ao céo meus olhos vão pedir conforto,
De saudade anhelantes, em procura
Da sombra ideal do meu querido morto...

E o bem, que, só de contemplal-o, em sinto,
Me diz que além da terra ainda perdura
O que do mundo é para sempre extincto.

ZALINA. ROLIM.

Adeus!

A' Selika Dardeau

Eu vou partir, minha gentil Selika,
Eu vou partir! Mas deixa-me affagar-te
Ainda uma vez a cabelleira rica
E deslumbrante como as obras de Arte!

Por noss'alma igualmente se reparte
Todo o fél de uma dor que não se explica:
Tanto soluça o coração que parte,
Como o formoso coração que fica!

Tornarei a transpor matas espessas,
Verdes collinas, gratas, sertanejas,
Até chegar a casa de meus Pais!

Dá-me o ultimo abraço! E ai! Não me esqueças!
— Pode bem ser que nunca mais me vejas!..
— Pode bem ser que eu não te veja mais!..

AUREA PIRES.

Rio, 11—12—1897.

Divagações

Já lá vae uma boa dezena de annos quando eu, com o corpo enfraquecido de febre e a alma emocionada pelo ruir das minhas primeiras idéas religiosas — busquei abrigo consolador em retiro coberto de arvoredos umbrosos.

Rutilavam as ultimas auroras de abril e eu, de um chaletzinho claro, guarnecido de lamberquins côr de neve, gosava effluvios dé manhãs perfumadas.

Diante de mim — a praia se desenrolava extensa, de uma brancura sem brilho, onde o Oceano atirava compassadamente as suas vagas eternas, marulhando o longo marulho suggestivo.

A um dos lados rasgava-se o campo de camarás bafejados de vento, oscillando no ar o perfume das grandes flores roxas, e, na orla do campo, um pequeno lago azul retractava sombras de ramos e faiscava as plumagens alvas dos marrequinhos de casa.

Por outro lado e atraz — erguiam-se altas collinas, cheias de arvores. Affectavam a fórma de semi-circulo — um espigão entrando o mar, sobre rochedos a pique.

Sentia-me bem. Era a natureza

que devia tonificar os meus pulmões sem alento e verter em meu espirito o balsamo de suaves contemplações.

Todas as manhãs — via o sol oriente alevantar as brumas algidas para o ceu desolado. Todas as tardes saudava o morrer do sol, á beira da agua.

Levava frequentemente os meus livros para junto das rochas marinhas e, emquanto no alto grasnavam gaivotas em revoada, eu folheava os meus auctores queridos: eram poetas quasi sempre e os seus versos ainda me emballam n'alma trechos de saudades velhas.

Demorava-me ás vezes; muitos dias até a essa hora calma em que a lua prateia os cerros e quando, como descreve Longfellow:

Inverted in the tide,
Stand the gray rocks, and trembling shadows throne;
And the fair trees look over, side by side,
And see themselves belone.

Trazia então para meu quarto de enfermo impressões duradouras e tentava as primeiras rimas vacillantes...

Que doces recordações! Como relembro esses dias vestidos de sol e essas noutes bordadas de lua! Como transcorreram celeres as ondas largas, quebradas em ardentias!

Tudo isto me accode á mente agora, numa evocação — e vibram-me n'alma ainda, com o mesmo vigor antigo, similhante ao mar que marulha, as esthrophes immorredouras dos meus poetas amados...

C. DE CARVALHO.

No album

da senhorita Joanna Reys

Vamos! Dá-me teu braço eburneo e velutineo
Que o bergantim do Sonho apparelhado e presto
Ao largo anceia. Crespo, o panno alvo e setineo
Colhe á brisa que offega um beijo casto e honesto!

Sôlta a amarra, deslisa. Ao turgido dominio
Jaças de luz accende o mar fulvo e immodesto!
— E eu que ao paramo asul abalanço-me e apresto
Deixo que alento ao barco a brisa alma propine-o!

Velas á popa. Empunho agora os remos de ouro...
Como o extranho fulgor de incognito thesouro
Acena-nos ao longe uma flamma erradia!

Acolhem-nos os sons de varios instrumentos...
E debaixo da unção dos musicos accentos
Vamos transpondo o solio á excelsa Phantasia!

CARLOS GOES.

„Versos"

de

Francisco Lins

A distincta senhora que habilmente dirige este quinzenario feminista acaba de honrar-me com uma delicada e espinhosa tarefa: falar em uma noticia breve sobre o volume de *Versos,* do poeta mineiro Francisco Lins, sahido ha pouco dos prélos dos editores Mattoso e Medeiros, de Juiz de Fóra.

Quanto á obra, materialmente considerada, foi mal amanhada, quer na feitura, quer na distribuição da materia que encerra, quer finalmente e principalmente na infeliz escolha do typo já usado: um livro como esse não recommenda absolutamente as artes gráphicas de Minas, onde, segundo resam as bem informadas chronicas do sr. Xavier da Veiga, a imprensa appareceu em datas immemoriaes, com o defunto padre Viegas de Menezes. Estando já velhita, devia de ter progredido um pouco.

Isto posto quanto á moldura da obra poetica do sr. Francisco Lins, passemos ao seu valor subjectivo, ao merito real, como obra d'arte, conscios agora de que no folgado espaço de uma década de annos (1887-1897), lembrada no frontespicio do livro, o autor nos patenteie as suas producções crytalizadas e purificadas com a poderosa acção do tempo, com o trabalho e o estudo, indispensaveis ao verdadeiro artista do Verso.

Seu livro divide-se em quatro partes: *Sonhos*, *No inverno, Intimos* e *Versos diversos.* Como veem, os titulos não primam pela escolha, são de uma simplicidade primitiva...

Da primeira parte, destacaremos apenas o soneto *O orpham* (sem que possamos atinar com o emprego daquelle artigo *O;* bastava o titulo *Orpham*).

O soneto *Perfil* tambem nos agradou; pelo que o transcrevemos aqui:

Os seus cabellos têm a côr escura
Que o furor nos relembra da procella,
E as suas vestes uma extrema alvura,
Alvura propria do semblante della.

E' com certeza a imagem da Candura,
Mansa, divina, humillima, singela.
Ao vel-a, ver supponho, nivea e pura,
De Lamartine a doce Graziella.

Por isso ás vezes, quando me approximo
De seu correcto corpo alvo e gracioso,
Que é mesmo um raro e delicado mimo,

Curvo-me todo, cheio de respeito...
E repleto de amor, de infindo goso,
Salta-me o coração dentro do peito!

Preferimos, em parte, as composições *No inverno,* onde ha bons versos, com excepção de umas comparações infelizes, de que muito abusa o poeta, e taes são:

Tenho frio, Tenho frio!
Isto é peior que a Allemanha!

Como se a Allemanha fosse o paiz do frio...

A 3.ª parte é muito fraca, a começar pelo soneto de abertura *Feliz!*, de uma composição infelicissima.

Ha nesse soneto versos assim:

Como *hydrophobo cão, horrenda ruja!*

... *Que fuja o sol,* o REI.

Além disto, o poeta vae *comendo a téla do espaço* e *a ventania do inverno*...

Ha porem, nesta parte, um bom soneto, *Ausencia amarga.*

Chegamos finalmente á 4.ª e ultima parte do livro (e notem que é um grosso volume de 225 paginas!)

Abre-a o soneto *A volta,* que principia assim:

Entro. Vou procural-a, ancioso e afflicto...
Percorro a casa. A camara modesta,
Onde eu a via, tremulo visito.
Chamo por ella. Não responde. **E esta?!**

E esta?! agitado exclamo,...

Não prosigamos, aquelles **E esta** valem uma redoma...

Na longa poesia *Versos á Morte,* o poeta emprega mal uns *porques* interrogativos, (defeito que notamos tambem nas quadras *Paz!*) *e come um corvo esfaimado* (sic) na 2.ª quadra.

Achamos porém, no meio desse joio, dois bonitos sonetos *Parabens* e *Fria, fria...*, embora este ultmio nos recordasse aquelle bellissimo soneto *Morta,* de A. Feijó:

Pallida e loira, muito loira e fria...

Damos aqui por terminada a nossa ardua tarefa, com a convicção intima de que o poeta mineiro não levará em conta a nossa ligeira noticia de seu livro; pois, para isso, fôra preciso que elle já não tivesse opinião firmada sobre o valor de sua obra poetica, a qual se lê á pag. 228 de seu volume.

Pedimos-lhe a devida vénia para transcrevêl-a aqui, com os nossos gryphos:

«Reimprimo agora esses trabalhos por mais de uma razão: em primeiro logar, pelo facto de estarem hoje quasi inteiramente esquecidos, quasi mortos, **não sendo, entretanto, inteiramente máos;**... se não todas as minhas composições poeticas, *pelo menos aquellas* **que têm algum valor.**

E eu me sirvo desta convicção do poeta para fecho desta noticia, agradecendo a F. Lins, em nome da directora da *Mensageira,* a attenciosa offerta de um exemplar de seus *Versos,* sentindo sinceramente que este juizo não lhe seja altamente favoravel, como esperavamos para um livro de um poeta como elle.

Mas...

ELMANO DO VAL.

S. Paulo, 27-7-98.

O Orpham

Aquelle pobrezinho que alli vae,
Todo de luto, pela estrada a fóra,
Como um pequeno passaro sem pae,
Sem ter, p'ra repousar, um ninho agora;

Aquelle pobrezinho, vêde-o, olhae!
Cheio de fome, amargurado, chora...
Oh! vós que tendes filhos, amparae
Esse orphamzinho a que uma dor devora!

Desde manhã, chorando, o vejo assim!
Mas ninguem o proteje, ao miserando,
Ao loiro e vagabundo cherubim!

A mãe hontem morreu! Triste e sózinho,
Poz-se a vagar então, sempre chorando,
Como um pequeno passaro sem ninho!

FRANCISCO LINS.

(Dos *Versos*).

O Armador

(A' Julia L. de Almeida e Adelina L. Vieira).

Pernas curtas, obeso, cabeça em adiantada calvice, olhos de raposa, nariz adunco, rir hyprocrita, o armador passeava pela sua loja, contemplando com enlevo os caixões mortuarios, as corôas funebres, os galões prateados, dourados, largos e estreitos.

N'aquelle passeio elle fazia o chylo: jantàra optimamente. Na vespera enterràra-se um forte capitalista. A familia fizera um enterro pomposo, digno do morto, como prova da muita gratidão, da muita amizade que tributava àquelle que consumira a existencia toda, em luctas, para legar-lhe um nome honrado e mais do que isto uma gorda foutuna.

Na sua loja promptificàra-se o caixão — uma obra de luxo e de preço. Havia auferido extraordinario ganho! Defuntos como aquelle nem sempre appareciam. Em geral eram pobres diabos que se iam d'esta para a melhor, deixando herdeiros ainda mais pobres do que elles!

E depois, caixões de dez, vinte, trinta mil réis... ao passo que o do capitalista quatrocentos mil réis! E que imponente eça armada! E que de corôas! O caixão ficàra inteiramente coberto. Só elle vendêra cincoenta: umas de amôres-perfeitos de velludo rôxo, outras de violetas de setim, outras de saudades com espigas douradas e todas com as mais expressivas dedicatorias, em lettras ímpressas em custosas fitas de gorgurão rôxo franjadas de ouro.

E continuava no seu passeio, saboreando um puro havana.

E de repente parou: ouvira um dobre. Um raio de alegria innundou aquelle rosto antipathico, de ave de rapina.

— Quem morreria? — e pressuroso tomou as folhas diarias. Com soffreguidão incrivel percor-

reu-as todas, de ponta a ponta: nada!

— Com certeza não passa de peste: cá não lhe está o nome... Mas quem sabe se não reparei bem. E dispunha-se a procurar de novo, quando alguem veiu interrompel-o.

Era um moço de trinta a trinta e cinco annos, porte distincto, physionomia sympathica, olhar doce, mas profundamente triste, pisado.

No semblante pallido e abatido via-se ainda vestigios de lagrimas recentes.

— Póde apromtar-me um caixão para uma criança de tres annos?

— Pois não.

— Pobre filhinha: exclamou o moço e o pranto embargou-lhe a voz.

Sentou-se prorompendo n'um soluço pungentissimo.

E o armador insensivel, não respeitando o desafogo d'aquella dôr tão sincera, foi inquerindo com a costumada amabilidade:

— Como quer o caixão? De setineta, de linho e seda, de setim, de gorgurão ou de velludo?

O pobre moço continuava a soluçar: alheio a tudo engolphára-se na sua dilacerante agonia...

E o armador que era da opinião de que — pela carruagem se vê quem vem dentro — começou a passar pelo freguez um demorado olhar de revista: a esplendida corrente do relogio, o rico annel de brilhante, cuja pedra era maior do que um grão de milho, fôram uma scentelha de puro contentamento para o funebre negociante.

E elle lá foi dizendo comsigo: — Não é mau negocio não! — E adoçando a voz:

— Meu amigo, console-se. E' o caminho de nós todos. E depois foi em tão boa edade... Felizes os que morrem na infancia! exclamou elle com um suspiro fingido.

E querendo rematar o negocio:

— E' preciso dizer-me como quer o caixão, para mandar preparal-o quanto antes, pois os dias são muito pequenos no inverno.

E pensando explorar com aquella dôr paterna:

— Era a unica filha?

— Sim! Unica filha! Uma galante menina, viva, intelligente, o idolo de toda a familia!...

E desatou novamente a soluçar.

O armador meditava:

Todos os filhos, quando morrem, são vivos, são intelligentes e o encanto do lar. Mas tambem ainda não vi defunto ruim. A morte tem isto de bom: empresta qualidades a quem em vida não passava de pobre diabo.

Ancioso por terminar aquella scena que, já não o impressionava, pela repetição quasi que diaria:

— Meu amigo, tenha coragem: seja homem! Agora o que lhe

resta fazer é tributar á mortinha os ultimos cuidados.

Dando com o *medio* uma pancadinha secca na cabeça, chata, egoista, *cacoete* que tinha como signal de grande impaciencia, rematou:

— E' justo fazer um enterro rico: é a ultima prova de affecto que o Sr. dá á sua galante filhinha

O pobre pae ergueu os olhos humidos de pranto e fitou-os no amador: este tinha a mesma physionomia, o rir hypocrita, o olhar egoista, frio, como os cadaveres que amortalhava.

— O Sr. tem familia? — perguntou-lhe o moço.

— Sim, Sr.

— Nunca perdeu filhos? — continuou amargamente.

— Só tenho uma filha, e esta graças a Deus, gosa a melhor saùde.

— A minha tambem gosava a melhor saúde, meu amigo! — repetiu ironicamente o desventurado pae.

O armador estremeceu como se fosse tocado por uma pilha de *Volta*.

— O Sr. não conhece a dor de perder um filho: póde considerar-se feliz!

E enxugando as lagrimas teimosas:

— Vamos tratar do enterro.

— A's suas ordens.

O armador, sentia-se, a seu pezar, contrafeito.

— Quero um caixão rico: está aqui a medida.

— De velludo ou de gorgurão?

Do melhor, do mais rico, do mais caro: não ólho preço. E quero que vá vestil-a; desejo eça armada; muitas corôas; muitos carros. O enterro é ás quatro, são nove: ha tempo.

E, deixando sobre o marmore do mostrador um cartão *porcellana*, retirou-se sem mesmo sequer olhar para o agoureiro negociante.

Ao tomar o cartão os labios do armador distenderam-se n'um riso de intima satisfação, pondo á mostra duas filas de dentes, ponteagudos, enormes: a firma era a de um representante de bonita fortuna.

Mas estava mesmo em maré de felicidade!

Na vepera, um capitalista; hoje, a filha de um ricaço e... amanhã?

N'este momento passava arrastando-se o commendador Araujo, octogenario, baixote, de uma gordura disforme, com as longas barbas patriarchaes, por sobre o abdomen monstruoso, descommunal.

Ah! quem me déra que, amanhã, espichasses o mulambo, velho besta! Não sei que faz ainda por cá esta pipa de carne...

E alegre, cantarolando, com voz fanhosa, um pedaço da *Gran-Via*, lá se foi dar as providencias para o enterro da filha do negociante Junqueira.

* * *

A's duas horas da tarde o caixão estava prompto: magnifico caixão de velludo branco, com rosas douradas, galões largos, ricos; alças esplendidas; todo forrado de gorgurão azul claro; travesseirinho de paina de setim floreado da mesma côr. Um dinheirão!

O armador lá estava, em casa do negociante Junqueira, mettido n'uma sobrecasaca preta que lhe dava semelhanças com um enorme morcego, e affectando um ar compungido, de gato pingado.

A casa estava cheia.

O Sr. Junqueira tinha um crescido numero de amigos — amigos que lhe faziam sempre amavel companhia ao almoço ou ao jantar.

E depois era cavalheiro distinctissimo e... rico.

A esposa uma adoravel moça da primeira sociedade. E debatia-se, a pobre! nos braços das amigas, em horriveis ataques hystericos. Fricções de pura *Colonia,* agua de *Fleurs de l'orange,* de *Milicias, vinagre, ether sulphurico,* sinapismos e... nada!

Os seus gritos dilacerantes cortavam o coração das sinceras amigas que, affiictas, choravam, testemunhando assim o profundo pezar que experimentavam pelo tremendo, dolorosissimo golpe que a feria tão duramente!

E o desventurado pae, junto à filha amortalhada, soluçava desesperadamente, surdo ás consolações banaes dos amigos.

Separar-se-ia sómente da sua filhinha, quando o coveiro lançasse-lhe a ultima pà de terra, dizia o infeliz na convulsão dos soluços.

E cobria de beijos o rostinho gelado da mimosa criança que parecia dormir sorrindo: tal era a gentileza daquellas feiçõesinhas, que dir-se-ia mentira! que a morte as tivesse roçado o seu labio visguente e immundo...

Pela casa do negociante Junqueira ia uma azafama indescriptivel. O salão regorgitava de senhoras e cavalheiros. Pelo chão, esparsos retalhos de setim, de fitas, de rendas, lantejoulas, galões, flôres, cartas de alfinetes, papeis de agulhas, carreteis de linha, thesouras... um horror! Enorme profusão de grinaldas naturaes de cravos brancos, de rosas brancas, de saudades brancas, escondiam o divan e as poltronas de velludo verde-mar. Um mundo de corôas artificiaes, esplendidas! com largas e compridas fitas claras sobre uma grande meza trazida de proposito para a sala.

A' frente do palacete, sumptuosissimo, de moderna architectura, com ricas escadas de marmore, estendia-se uma longa fila de carros

antecedendo a carruagem funerea, riquissima, imponente.

N'aquelle lufa-lufa, só uma unica pessôa conservava sangue frio: era o armador!

E sentia-se tão bem! Se era d'aquilio que elle vivia! Especie de antropophago, exultava com a vista de um cadaver!

E não se fartava de elogiar a criancinha, cuja belleza fizera realçar com aquella mortalha, feita com todo o capricho, com toda a perfeição.

E assim se ia inculcando Como quem dissesse: — Olhem, quando precisarem de uma mortalha bem feita, bonita, elegante, lembrem-se de mim: o meu trabalho como estão vendo não deixa nada a desejar.

Chegou o momento doloroso, supremo: a hora de sahir o enterro,

Não ha pennas que possam traduzir o desespero de uma mãe, abraçando um filho pela ultima vez...

Todas as pessoas presentes achavam-se fortemente emocionadas, ante aquella scena velha sim, mas, sempre pungentissimma amarga, terrivel...

Só o armador conservava-se impassivel, intimamente satisfeito: pois se ganhára um conto de réis.

* * *

Ao voltar do enterro o nojento negociante estranhou a casa erma, silenciosa.

Procurou a esposa e foi encontral-a afflicta, debruçada sobre o leito da filhinha — um mimo feito de neve, olhos côr do céu, cabellos côr do sol.

Aquelle coração empedernido que, até então, só a sêde do ganho fizera palpitar, sobresaltou-se de uma fórma incrivel.

A imagem da creancinha que amortalhára, veiu-lhe á mente, naquelle instante, com as palavras do amargurado pae, quando tratava do enterro da extremecida filha «A minha tambem gosava a melhor saude...»

Tremendo todo, poz a mão chata, grosseira, sobre a fronte da linda criança, que se agitava desesperadamente, soltando gritos agudos: queimava!

Mandou immediatamente vir um medico.

D'ahi a minutos, entrava um clinico de fama que examinou detidamenfe a creancinha, declarando achar-se ella com uma *meningite* de caracter fatal.

O armador, louco de desespero, arrancava os poucos cabellos que lhe restavam.

Amava estremecidamente a filhinha!

Ella era uma criança interessantissima!

Que immenso prazer experimentava, quando a via brincar, na sua loja, n'uma tagarelice sem fim, com os retalhos de velludo e pedaços de galões dos caixões que fazia!

Ainda na vespera, ella vendo o caixãosinho que elle preparára para a filha do negociante Junqueira, exclamára, batendo as palminhas: «Que bonitinho, papae! Quando eu morrer tu me fazes um assim?...»

E passava as suas mãosinhas, muito pequeninas, pela tampa do rico caixão de velludo branco.

O armador rira-se contrafeito da lembrança da pequenita, mas era amicissimo da Sra. Morte, tranquilisou-se, pensando que ella não lhe havia de bater, tão cedo, á porta.

E no emtanto a sua idolatrada filha agonisava...

Quatro medicos cercavam o leito do pobre anjo que, com as facesinhas rubras de febre e o olhar azul faiscante, a loira cabelleira innundada de suor, estendia os bracinhos ao pae, bradando-lhe em delirio intenso:

— Papae, eu quero um caixãosinho, como aquelle que tu fizestes hontem!

Só então é que o armador comprehendeu o desespero do negociante Junqueira e pensou enlouquecer de dôr...

Acercou-se do leito, ajoelho-se debulhado em lagrimas.

A esposa não tivera animo de ver morrer a mimosa filha: fugira allucinada.

O armador tomou a mãosinha branca, já inteiriçada e humida do suor da morte, que a criancinha abandonou-lhe e cobriu-a de beijos e lagrimas. E o loiro anginho olhando-o, com o seu olhar amoroso, já vitreo e muito triste, murmuro-lhe n'um longo e doloroso arquejar: — Pa... pae... si... nho me... faz... um... cai... xão... si... nho...

Expirára.

O armador ergueu-se calmo, desta calma terrivel que é a mais eloquente manifestação das grandes dôres:

— Farei, filha, o teu caixão, mais será o ultimo!

. . . . . .

D'ahi a tres dias o armador vendi a sua loja.

ANDRADINA DE OLIVEIRA.

(Do *Preludiando*).

Sonhos...

Si me perguntarem, de chofre, que juizo faço de um homem dado a explicações de sonhos e visões e que se mostre crente fervoroso e consciente da existencia de um poder occulto, que preside ás lu-

ctas do espirito, emquanto a materia dorme e descança — não hesitarei um instante em classifical-o no numero dos equilibrados, dos que pensam, sentem e agem, sob a influencia harmonica de funcções organicas e psychicas, perfeitas e normaes. — Porque, irão me objectar, assevero de modo cathegorico, consoante meu sentir, aliás susceptivel de engano — esse equilibrio cerebral, essa normalidade funccional de ideias, em pessôa que encontre nos sonhos perspectivas animadas de factos da vida real, que raciocine sobre as allucinações e visagens do espirito adormecido, procure coordenal-as e dellas extrahir explicações, ás vezes cabalisticas, sortilegios bastantes vezes aberrantes e disparatados?

Tendencias mentaes, caprichos de opinião, direi eu, talvez, querendo justificar a pouca base, o fragil apoio, em que se firme essa minha crendice, toda intima e particular, nos jogos macabros da imaginação, quando agitada, tumultuariamente, pelos sonhos, vertigens e pesadellos...

Porém, não, affirmo-te, leitor compassivo, que em mim como em todos nós ha um que de inexplicavel ainda — esse terror todo intimo do coração e do espirito pelo encontro sempre complicado, cabalistico e pronunciadamente ironico, das imagens, dos factos e das coisas, no scenario fantastico dos sonhos...

Sinão, coordena tuas ideias, refresca tua memoria e extende, como os fios de um longo rosario de recordações quasi mortas, toda essa meio apagada serie de impressões espirituaes, que te hajam ficado de todos os teus sonhos mais vehementes, mais agitados e fortes. Solidões que relembram desertos infernaes, abysmos como o mundo real não os pinta, lances imprevistos, situações tragicas, angustiosas ou prazenteiras, como eguaes é impossivel concebel-as, na vida terrena, crimes e catastrophes, scenas e espectaculos, cujo enredo e acção se apromptam e decidem, numa fulminancia de relampago; perigos e combates, provas de valor, signaes de tibieza, como nós proprios seriamos incapazes de demonstrar, na realidade e vice-versa; panoramas ridentes, perspectivas de paraisos, cuja imagem ou ideia jamais se nos fixa na retina: tudo isso nos mostram, nos fazem assistir e participar os sonhos... Deante disso teimas ainda em duvidar dos que os explicam?

Julho — 1898.

PELAYO SERRANO.

Selecção

Uma das cousas que a mulher quasi geralmente ignora é a hygiene pratica, que ella tanto precisava saber, tendo, como tem, a seu cargo a distribuição e direcção do alimento da familia.

Do alimento que se ministra á creança depende em grande parte não só a sua futura saude, mas, o que poucas mulheres sabem, — o seu caracter futuro!

Dae a uma creança alimentos irritantes, inflammaveis, apimentados; deixae-a usar sem discernimento de bebidas em que o alcool predomine, e tereis o temperamento adulterado, o caracter azedo, os habitos baixos, os gostos perversos, todas as aberrações de um organismo estragado.

Dae-lhe só carne, alimentae-a brutalmente de materias fortemente azotadas, e fareis d'ella, da meiga e fragil creatura, do pequeno anjo de cabellos loiros e olhos innocentes, um temperamento sanguinario, selvagem, amigo das luctas bravias, das distracções violentas, dos exercicios athleticos, que caracterisam as rigorosas raças do norte.

Exemplo: os inglezes, que só domam as revoltas brutaes do temperamento com a forte disciplina de uma educação que é o supremo milagre do espirito sobre a materia.

A alimentação fraca produz os organismos inertes, fleugmaticos, sem impulso, sem fibra, sem energia duravel.

Saber pois, conhecer os diversos attributos que caracterisam a alimentação do homem, saber combinal-os de modo que todos concorram para o seu bem-estar physico, e que nenhum produza as graves perturbações organicas de que podem ser origem, é a sciencia das mães, sciencia para cujo estudo devem tender todos os seus esforços.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Notas pequenas

Estalagmites. — E' este o titulo de um livrinho impresso com esmero e elegancia pela typographia Aldina, do Rio, e com o qual fez a sua estreia literaria o. Snr. Hermeto Lima.

São os seus primeiros versos, que revelam intelligencia e applicação da parte do auctor. Falta-lhes, emtanto, um pouco de espontaneidade, de sentimento, de *alma*, emfim. Como o autor, porém, annuncia mais dois livros de versos, cá os esperamos a ver si vêm mais *viridos* e mais sinceros, e agradecemos-lhe a remessa das *Estalagmites*.

Musicas. — A incançavel editora Julia Filippone acaba de publicar as seguintes peças: *Collar de Rosas*, valsa hespanhola, de Ernesto Bulhões, *Marilia*, valsa, e *Beijo Furtado*, schottisch, por Francisco Bastos.

Damas de caridade. — As senhoras residentes em Marianna, no Estado de Minas, estão formando uma associação de damas de caridade, com o fim de soccorrer as familias christãs pobres.

A Mensageira

A Mensageira. — Appareceu o n.º 16 desta revista litteraria, dirigida em S. Paulo pela poetisa e escriptora d. Presciliana Duarte de Almeida.

Como de costume insere bons trabalhos de poesia e prosa; entre estes ha um da escriptora rio-grandense d. Revocata de Mello, sobre o innolvidavel litterato e politico italiano Cavallotti, e uma critica do dr. Sylvio de Almeida aos *Poentes*.

Agradecidos.

(Do *Diario Popular.*)

A Mensageira, n. 17, revista litteraria dedicada á mulher brasileira, e de que é directora a exma. sra. d. Presciliana Duarte de Almeida.

O presente numero insere, na primeira pagina, uma *Carta do Rio*, firmada por d. Maria Vilhena dos Santos, e em seguida, um conto da exma. sra. d. Zalina Rolim, intitulado *Borboletas*, dos «Contos do Jardim da Infancia.»

Mais uma pagina encantadora — *O romance de uma onça*, firmado pelo glorioso dr. André Rebouças, um soneto *A Luiz Guimarães*, da graciosa poetisa mineira d. Aurea Pires, e outras producções em prosa e em verso.

(Do *Commercio de S. Paulo.*)

A Mensageira, n. 19, S. Paulo. — Orgão dedicado á mulher brasileira, dirigido pela distincta litterata d. Presciliana Duarte de Almeida, recebemol-o com a sympathia que nos inspiram sempre as boas obras fecundadas no cerebro feminino. E esta interessante revista, bem escripta e bem impressa, está no caso de receber muito lisongeira classificação.

(Da *Revista Popular* da Bahia.)

O n. 19 da *Mensageira*, revista litteraria dedicada á mulher brazileira, impressa em S. Paulo, de que é directora D. Presciliana Duarte de Almeida. Está este numero muito variado e bem escripto, sendo os artigos de real interesse.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio.)

São Paulo 30 de Agosto de 1898 Anno I, N. 22

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	**Preço da assignatura, 12$000 por anno** Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — Um caso verdadeiro, conto, Maria Clara; — Bemdicta causa, soneto, Carlos D. Fernandes; — Preludiando, critica literaria, Damasceno Vieira; — Quando partiste, soneto, Aurea Pires; — A ceguinha, conto, Francisca Clotilde; — Captivo, poesia, Antero Bloem; — Selecção; — Crepuscular, poesia, Presciliana Duarte de Almeida; — Lendo e commentando, Nelson de Senna; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Notas pequenas.

Um caso verdadeiro

(A' Ophelia da Cunha)

Foi um dia de desespero e magua para o Felix aquelle em que Maria, sua idolatrada filha, foi vendida para um negociante do Paraná.

Ha muitos annos já que este caso se passou. Havia ainda o barbaro captiveiro. Felix, o preto mais idoso da Fazenda, tinha muitos filhos robustos e intelligentes. Era viuvo e a mais velha de suas filhas, a Maria, teria seus desoito annos, quando sahiu em pagamento de divida.

Triste verdade esta! N'aquelle tempo, de cruel tormento, um homem pagava suas dividas, contrahidas as vezes no vicio e no jogo, dando em pagamento um outro homem, que a fatalidade fizera seu captivo.

Pois bem, foi nesse tempo de tormentosa lembrança que Felix abraçou pela derradeira vez a sua adorada filha.

A pobrezinha não queria acompanhar seu novo senhor. Deixava seu pae, o seu maior affecto. E chorava lagrimas copiosas. De repente o feitor inclemente resmungou uma ameaça. Felix extactico, quasi sem vida, olhos rasos de lagrimas, coração oppresso pela dor, parou a olhar o tortuoso caminho pelo qual deveria seguir a filha. Maria, n'um arranco de heroismo, partiu sem coragem para a despedída. Alguns passos adiante parou e voltando-se para o pobre páe, lançou-lhe o ultimo olhar onde se fundia toda a su'alma de martyr, toda a angustia de um coração dilacerado de dor!

Muda expressão de tão vivo sentimento. Os labios nada disseram, mas os olhos revelaram, n'um derradeiro lance, todo o drama cru-

ciante que lhe ia n'alma. Felix voltou a si do torpor de espirito em que jazia quando o feitor em rudes phrases o advertiu e chamou ao trabalho.

Maria partiu e de seus novos soffrimentos ninguem soube. Foi para longe, tão longe onde nunca mais chegariam noticias de seu pae e irmãos.

Uma escrava não poderia se dar ao luxo de ter coração. Demais, um coração que é vendido . . . é propriedade do comprador.

Felix não dormiu essa noite da cruel separação. A lembrança da filha não o deixou um momento.

Quasi de madrugada, cançado de tanto chorar, vencido pela dor, conciliou o somno. Breves minutos teve de repouso. O sino da fazenda soou lugubremente ao romper da aurora, era o signal do despertar para o serviço. O trabalho constante do dia alquebrou o corpo mas não teve forças para fatigar-lhe o espirito. Tetricos pensamentos povoavam-lhe o cerebro.

Tamanha dor, tamanho martyrio, tamanho soffrer, deviam petrificar o coração! Infelizmente não é assim! Muitos annos se passaram.

Felix, o pobre escravo, teve emfim a sua liberdade no grande dia 13 de Maio de 1888. Elle pensava que sendo livre poderia trabalhar para encontrar a filha que tão barbaramente lhe fôra arrancada dos braços. Quantas vezes o misero captivo puchando a enchada, sob o sol ardente do verão, não deixava o pensamento voar... voar... até junto de Maria. E ahi, perdido, feliz, poisar docemente, vendo-a atravéz a nuvem azul da phantasia! Quantas vezes, n'um assomo de intima revolta, o pobre páe não desejou a morte da querida filha.

Ah! pensava elle! se eu tivesse certeza que ella estava no céo! Será viva? Será morta? A duvida cruel, o temor, o receio vinham em lucta sem treguas, dolorosa e extenuante, abater ainda mais a alma já tão atormentada do pobre escravo! Depois de liberto, Felix não descançou. Sahiu á procura da filha por essas terras longinquas. Todo o dinheiro que obtinha gastava-o em annuncios pelos jornaes, pedindo por caridade que lhe dissessem onde estava a filha que ha tantos annos não via. Debalde! Ninguem respondia. Não desanimava o infeliz. E' que a convicção profunda que nasce no coração e que vive pelo amor não se dissipa assim!

As vezes nos enganamos com os proprios sentimentos affectivos!

Pensamos que morreu em nosso espirito uma ideia pela qual empenhariamos a propria vida, se preciso fosse. Puro engano! Lá vem um dia em que volta novamente a nosso espirito a ideia que sup-

punhamos morta, tal qual um rio que perdido, se internava na floresta e volta depois em limpidos mananciaes crystallinos, ou uma planta que parecia succumbida e renasce e medra e desabrocha opulenta de viço e de explendor! Depois do desanimo vem a esperança. O mundo é mesmo assim, depois do inverno vem a estação das flores!..

O serviço do pobre sexagenario era ultimamente o de estivador. A carregar e a descarregar os navios mercantes levava elle os dias para ganhar parco salario. E assim ia vivendo. Um dia, Felix recebeu de um companheiro de trabalho, convite para ir á sua casa. E foi. Era um domingo, formoso dia de sol. A casa pequena e pobre era muito acceiada e alegre.

Felix entrou para a sala da frente onde a conversar com seu companheiro passara algum tempo. O dono da casa — um negro moço e muito falante — disse á mulher que trouxesse café para seu collega de trabalho. D'ahi a pouco a mulher trouxe, em pequena bandeja, duas tigellinhas da preciosa bebida, que deitava fumaça e cheiro muito agradavel. Felix cumprimentou a rapariga e começou a tomar café conversando e ouvindo sempre o seu amavel amphitryão.

De repente a mulher, que impassivel parecia, deixa cahir das mãos a bandeja e n'um grito lancinante de dor e de alegria, allucinada, quasi morta pela commoção, derramando lagrimas copiosas, disse:

Meu páe, meu querido páe, Felix não é o teu nome? fala? eu sei que és o meu páe, fala, fala.

Absorto e quasi desfallecendo o pobre velho reconheceu a sua querida Maria, a filha que ha vinte e dois annos não via!

— Sim, minha filha! sou o teu páe... até que emfim Deus teve pena de nós. E cahem nos braços um do outro, commovidos, loucos de dor e de alegria, a chorar como creanças. Vinte e dois annos! disse Felix, vinte e dois annos que eu não me esqueço de ti um instante. Agora, minha filha, eu posso morrer socegado. Abraçados sempre, a falar do passado com a ancia e desespero de tudo querer dizer... eram interrompidos pela commoção e pelas lagrimas. O genro, satisfeito com a alegria communicativa deste encontro tocante, chorava tambem. A historia de Felix era a historia de Maria. Ambos gastavam, em inuteis annuncios, todas as suas economias, e ella a pobre filha tambem não desanimava nunca, sabia que havia ainda de encontrar seu páe porque o coração assim lh'o dizia.

Quanta promessa! quanta lagrima! quanta dor!

As perguntas succediam-se. Dos

conhecidos de outr'ora muitos tinham já morrido. Maria apresentou suas filhas que foram ternamente abençoadas pelo avô. Como premio a tamanho soffrimento a filha pediu ao páe que nunca mais a abandonasse, que juntos viveriam d'ahi por diante.

— Sonhava sempre comtigo, minha filha, e era isso o meu unico consolo, disse Felix; mas cousa singular! em sonhos eu te via sempre com aquelle olhar tão triste e tão maguado que pela derradeira vez eu vi, quando te arrastaram pela estrada n'aquelle dia cruel.

Teus olhos, minha filha, bem disseram, n'aquelle transporte de dor, tudo o que nós iamos soffrer. Oh! é bem certo que os olhos falam mais verdade do que a bocca!!

Maria Clara da Cunha Santos.

Bemdicta causa

Muito embora humilhado e apedrejado
Pela sanhuda colera do mundo,
Nesses proprios ultrages me fecundo
Porque mais alto paira o meu cuidado.

Eu, das estrellas immortaes oriundo,
Vejo tudo a meus pés amesquinhado,
Porque sinto o espirito voltado
Para outro ceu mais amplo e mais profundo.

Si passo alheio á toda humana zuada
E' que ando ouvindo a cythara encantada
Que o Sonho vem tanger aos meus ouvidos.

E tenho a nostalgia das espheras
Em que viveu minh'alma noutras eras,
E em que pairam meus olhos esquecidos.

Carlos D. Fernandes.

Preludiando

Contos de D. Andradina de Oliveira

O anno de 1897 foi de certo um dos que mais flagellaram a nossa patria. Atada como Christo a um poste de torturas, coberta de baldões, ludibriada em sua personalidade augusta, ella derramou precioso sangue, vendo cahir milhares de bravos nas emboscadas de Canudos e, como desfecho á formidavel tragedia, succumbir, á plena luz meridiana, na capital da Republica, o mais alto funccionario do exercito, immolado á sanha feroz dos jacobinos.

Dir-se-ia que enorme avalanche de crimes, a rolar por ingreme escarpa, calcando obstaculos em sua passagem tremenda, ia sepultar todo este paiz sob um acervo de escombros.

Gritos de sedição bramavam, desde as duas casas do Congresso á praça publica, e como si novo Attila quizesse apagar do sólo o minimo vestigio de civilisação, o fanatismo politico, bem peor — por

mais intolerante — do que o fanatismo religioso, tentou implantar ominoso predominio, hasteando ensanguentada bandeira sobre cadaveres de cidadãos emeritos.

* * *

Como compensação a atribulações de espirito, suave refrigerio ao coração maguado por tantos e tão repetidos attentados contra a estabilidade da Republica, recebemos do Sul, no decorrer de 1897, tres livros firmados por auctoras rio-grandenses, obras de arte e de sentimento, phantasias em prosa e verso, tão distantes de preoccupações politicas quanto se acham longe de nosso globo as constellações que scintillam no espaço intérmino.

E' nosso dever transmittir á litteratura do Norte a noticia d'esses trabalhos que revelam esforço e dedicação ao progresso das lettras e são producções tanto mais dignas de animações e de estimulos quanto se impõem a commentarios, por isso que representam lavores de mãos femininas, aspirações de almas que se engolfam no ideal, completamente alheias ao infrene tumultuar das paixões mundanas.

Os livros de que pretendemos nos occupar são *Preludiando,* de d. Andradina de Oliveira; *Phantasias,* de d. Candida Fortes, e *Alma e Coração,* de d. Julieta de Mello Monteiro.

* * *

Preludiando é um volume de contos, de 170 paginas, impresso na typographia *Trocadero,* na cidade do Rio Grande.

Antes de tratarmos da auctora sob o ponto de vista intellectual, apraz-nos apresentar aos leitores os seus traços physionomicos: basta-nos, para isso, transcrever o que a este respeito lê-se no *Corymbo* de 13 de Junho de 1897 *(Corymbo,* periodico litterario que se publica na cidade do Rio Grande, conta quinze annos de existencia e é de propriedade da escriptora d. Revocata Heloisa de Mello):

«Andradina de Oliveira não pertence ao numero das senhoras esguias e que parece fazerem parte da familia das palmeiras e dos geribás, não: ella possúe as fórmas arredondadas, tão cobiçadas na mulher. A tez de um moreno-jambo, é tocada pelo colorido que lembra os tons de uma natureza sadia. Bocca rasgada como em geral se nota nos homens de talento; fronte regular emmoldurada por frizada cabelleira; olhos expressivos, escuros, olhos de artista, cheios de scintillações de genio e de transportes de ternura e de piedade, velados pelo sombrio de uns

longos cilios. Completa a sympathica physionomia um par do sobrancelhas negras e espessas, o que de ordinario serve para imprimir aos semblantes um cunho de severidade muito impressionavel. Espirito moderno, superior, liberto de todas essas vaidades e pretenções que fazem o apanagio das educações caducas e defeituosas, e captiva com a lhaneza de um trato franco, sincero, onde sua alma acariciadora mostra-se tal qual é, completamente núa de atavios.»

D. Andradina começou a ser conhecida litterariamente em nosso estado natal desde que, obtido de modo brilhante o diploma de professora formada pela Escola Normal, dedicou-se a collaborar no *Jornal do Commercio* de Porto Alegre. Nessa gazeta, firmou nome de estudiosa cultora das lettras em uma serie de artigos de combate que produziu, intitulados *Defeza da Mulher,* em fins do anno de 1890.

Alguem lembrou-se de criticar a volubilidade das mulheres. D. Andradina sahiu a campo, terçando armas com o accusador, fazendo-o calar pela firmeza e logica de seus argumentos, e demonstrando ao mesmo tempo dispôr de serios estudos de gabinete que lhe garantiram completa victoria.

Um de seus artigos finalizava com os seguintes periodos cheios de verdade e de justiça:

«A mulher, em geral, quer como filha, quer como irmã, esposa e mãe, é sempre um ente bom, amante, terno, delicado.

«Filha, ella sabe amparar docemente os auctores de sua existencia, prodigalizando-lhes ternas caricias que suavizam-lhes as agruras e decepções da vida.

«Irmã, tem todos os ineffaveis segredos de ternura e de meiguice para o adorado companheiro de seus infantis brinquedos.

«Esposa, mantem-se firme, honesta, devotada ao amor dos filhos e do esposo, que muitas vezes abandona o lar para atirar-se á ebriez dos fementidos beijos, dos venaes e ephemeros gosos.

«Mãe, finalmente, a mulher é o élo divino que prende a humanidade a Deus.

«Que ha de mais tocante, de mais sublime, que este ente que adormece no regaço, á harmonia de beijos e caricias, a loira creança que amanhã, homem, embebe no fél da ingratidão a penna para muitas vezes macular-lhe o verdadeiro prestigo, esquecendo-se de que bebeu a vida em seu casto seio, que deu os primeiros passos seguro á sua abençoada mão e que aprendeu de seus purissimos labios a balbuciar a mais sublime pa-

lavra que podem pronunciar labios humanos — DEUS?»

A *Defeza da Mulher* collocou desde logo d. Andradina de Oliveira no numero das nossas escriptoras de mais talento.

Toda a sua aspiração era publicar livro em que mais amplamente revelasse as suas bellas faculdades: realizou os seus desejos reunindo vinte e quatro contos sob o modesto titulo *Preludiando*, como si ao acaso as suas mãos finas e leves percorressem teclado submisso ás suas phantasias luminosas.

Sympathisamos com o desassombro com que a distincta patricia refere-se ao seu livro na pequenina introducção:

«Não vae prefaciado, porque entendo que o prefacio nem sempre recommenda a obra, vindo até muitas vezes expol-a a severissima e desapiedada critica e collocar mal aquelle que talvez sómente por delicadeza a prefaciou.

«Por isso, o meu *Preludiando* vae correr mundo só: a pleiade de talentos feminis a que o dedico servir-lhe-á de poderosa égide.»

Todos os contos são offerecidos ás seguintes cultoras de lettras: Revocata de Mello, Julieta Monteiro, Ignez Sabino, Carolina von Koseritz, Ibrantina Cardona, Candida Abreu, Julia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Anna Aurora do Amaral Lisbôa, Zalina Rolim, Candida Fortes, Narciza Amalia, Francisca Julia da Silva, Analia Franco, Aurea Pires, Josephina A. de Azevedo, Delminda Silveira, Presciliana Duarte, Adelia J. de Castro Fonseca, Maria Ribeiro de Menezes, Lilia Araujo, Honorina Torres, Julieta Felizardo Leão, Francisca Clotilde, Luiza Amelia, Anna Nogueira e Elvira Gama.

Não precisa D. Andradina que tantos nomes lhe sirvam de égide: a acceitação que almeja para o seu primeiro livro está no merito da propria obra.

Os contos que constituem o *Preludiando* são producções que não só enchem de justo desvanecimento a quem as imaginou e escreveu, como honram as lettras patrias. Não é trabalho futil, só architectado por amor a vangloria litteraria; mas fructo das meditações e das vigilias de quem tem o culto do bello, a religião da Fórma, e dispõe de imaginação que lhe dá cunho de originalidade.

Sara intitula-se o primeiro conto, que teve a distincção de ser publicado na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro em sua edição de 3 de Março do anno passado. E' a historia de uma organisação excentrica, fóra do commum, que em plena mocidade e formosura, fanatizada pelo amor ás lettras, suicida-se, envenenando-se *para ir*

procurar no tumulo a felicidade que é uma illusão na vida.

Inverosimil o facto?

Não. Emilio Zola, em seu romance enorme, *L'Œuvre,* narra-nos, atravez de 490 paginas, um caso semelhante. Claudio, de tal fórma allucina-se pela pintura, que, á felicidade domestica, prefere enforcar-se deante de seu ultimo quadro.

Para que a attenção dos leitores se conserve presa sempre aos subtis caprichos do *Preludiando,* os contos ora são sentimentaes, ora humoristicos, a revelarem o genio ás vezes circumspecto, ás vezes risonho e despreoccupado da gentil auctora.

Com que chiste descreve D. Andradina uma moça de physico desagradavel!

«Iza, a florista, era feia a valer.

«Ella o sabia e d'isto tinha um pezar immenso. Que magoa quando punha-se ante o espelho oval de seu bello toucador de louro! Como a sua cabeça era grande e sem graça! O cabello vermelho; os olhos pequenos, de um verde apagado, no fundo das orbitas; a cutis grossa, cheia de pintas pardas; o nariz de papagaio; a bocca enorme; os beiços de côr de carne lavada e os dentes remendados a ouro!

«Um dia, em que encrespara a sua rala e ruiventa franja, lembrou-se de experimentar uma formosissima grinalda que fizéra para a linda filha de uma viscondessa. Que tremendo desconsolo! Dir-se-ia que uma chamma viva lambia furiosamente as virgineas flores! E o rosto empalledecido da desditosa Iza, onde se reflectia o mais fundo desanimo, era então feio de assustar!»

* * *

O sentimentalismo constitue o fundo moral do trabalho de d. Andradina de Oliveira e sob esta sympathica feição destacam-se os contos — *A Doida do Rialto, O Armador, Um Sonho, A Supplica, Historia de um escrinio* (em nosso entender o mais mimoso da collecção), *O Piano de Alice, E parece feliz! O Juramento, As minhas illusões.*

Serve de pequenino fecho de ouro ao avelludado escrinio de joias um conto de fadas, verdadeira poesia em prosa. E' este:

«Havia um principe tão lindo que todas as mulheres morriam por elle. Era poeta.

«Um dia perdeu-se á caça e adormeceu junto de uma rocha, á beira-mar.

«Ao despertar, tres fadas brancas como o luar contemplavam-n'o apaixonadamente.

— Amo-te! dizia uma, de olhos verdes como duas bagas do Adria-

tico, muito languida... muito languida.

— Adoro-te! acudia outra, de olhos azues como duas saphiras, muito terna... muito terna.

— Sou tua! exclamava a ultima, de olhos brilhantes como dois Syrius, muito ardente... muito ardente.

— Aquella que responder á minha pergunta terá o meu amor!

— Fala, principe dos principes!

— Fala, Adonis dos Adonis!

— Fala, poeta dos poetas!

— Que cousa ha mais sublime na terra?

— O amor! disse a primeira fada.

— A gloria! disse a segunda.

— A dor! disse a terceira.

«O principe estendeu a sua mão alva, macia, linda, em que brilhava um grande topazio, á terceira fada, a de olhos scintillantes como dois Syrius:

— Sou teu!...»

Cremos que o nosso Coelho Netto ou o proprio Catulle Mendès — sempre tão apaixonados por princezas ideaes e por fadas amorosas — não desdenharia considerar seu este delicado *bijou*.

Quem dispõe de talento e facilidade em transmittir ao papel, sob fórma correcta e brilhante, todos os sentimentos de regosijo ou de dor que lhe agitam o coração, e todas as aspirações de gloria que lhe preoccupam o espirito, não se deve satisfazer só com *preludios*: cumpre-lhe convergir todas as forças da intelligencia para produzir largas *symphonias*, senão *partituras* completas, que encham de orchestrantes harmonias o sagrado templo da Arte.

E' o que o *Preludiando* promette; é o que as lettras patrias têm o direito de exigir da auctora estreante.

DAMASCENO VIEIRA.

(*Da Bahia*).

Quando partiste

A meu irmão GUILHERME PIRES.

Inda me lembro quando tu partiste!
Era de tarde, e o sol desfallecia
Lá por detráz d'aquella serrania
Que eu contemplava taciturna e triste.

Foi aqui que de mim te despediste,
Junto a esta fonte que se confundia
Com a torrente de pranto qne eu vertia!
Por este lado foi que tu seguiste.

Eu me encostei n'aquelle tronco erguido,
E meu saudoso olhar te acompanhou
Até que, quando o vulto teu querido

N'uma curva da estrada se occultou,
Do meu peito, de magua compungido
Um profundo suspiro esvoaçou!

AUREA PIRES.

1891.

A ceguinha

Foi assim, como passo a contar, que a pobre ceguinha me contou a sua historia, numa bella tarde hibernal, quasi ao pôr do sol, no momento em que descansava da longa caminhada do dia, que levára quasi inteiro a esmolar.

— Eu era bem feliz, me disse ella, erguendo os olhos que eram azues e nem pareciam envoltos na espessa nevoa de uma cegueira incuravel, eu era bem feliz porque, apesar de pobre, tinha a affeição de meu noivo e a certeza de que elle faria tudo para se unir a mim eternamente.

Quantas vezes, ornando meus cabellos com flôres, descalça, ia ás carreiras esperal-o de volta da pescaria, porque elle adorava o mar e todos os dias affrontava num fragil barquinho a furia e inconstancia das ondas!

Quantas vezes, receando a borrasca, chorei ao longo das praias, gritando em delirio: Taciano! Oh! Taciano! emquanto o mar acompanhava o meu soluço com o seu arquejar rude que parecia ameigar-se de envôlta com a minha voz.

E eu tambem adorava o oceano, sobre cuja esteira meu noivo passava sempre, e cujas ondas lhe acalentavam o barquinho leve. E não invejava as ricas.

Quem é amada possue a maior das riquezas, e eu na minha quasi miseria julgava-me millionaria.

Mas um dia deixei do ser feliz.

O meu noivo foi seduzido pela ambição, teve sêde de ouro e embarcou ás occultas para longe, bem longe...

E eu cansei de chamal-o pelas praias desertas, cansei de chamal-o, e apenas o mar respondeu aos soluços do meu coração doido de saudades.

Chorei tanto, tanto, que perdi pouco a pouco a luz dos olhos, e um dia não pude mais ver o dorso azulado das aguas.

Mas continúo a ver o meu noivo com os olhos da alma, e não maldigo esta cegueira porque foi motivada pelo amor.

E assim terminou a ceguinha a historia da sua vida, emquanto a natureza sentia a doce influencia do crepusculo.

FRANCISCA CLOTILDE.

Ceará.

Captivo

Quizera dominar, em louco assomo,
Esses teus olhos, pelos quaes eu vivo....
E sou captivo de teus olhos, como
Entre captivos o maior captivo!

E uma tal timidez, um tal receio,
Dia a dia apparece na minh'alma,
Que quanto mais os quero, mais o enleio
Cresce, e o desejo, timido, se acalma!

No emtanto ao vel-os, tantas vezes, tantas
Que até por ellas conto meus desejos,
Esses teus olhos, com que mais me encantas
Tenho vontade de os cobrir de beijos....

E se queres que eu morra por teus olhos,
Morro por elles... (já por elles vivo!)
— Meus pharóes hão de ser entre os escolhos
E todo o nauta é dos pharóes captivo!...

ANTHERO BLOEM.

S. Paulo, 1898.

Selecção

Um dos problemas resolvidos pelos modernos, e que se não fossem esses benemeritos de que acima fallamos ficaria para sempre obscuro, é o problema da educação.

Segundo o ponto de vista da edade média, a mãe não devia attender senão á alma de seu filho.

Era preciso fazer d'elle um santo, e as mais das vezes só se fazia um bandido.

E' que o alvo a que se tendia era estupido e antinatural e os meios de que se usava eram inteiramente contraproducentes.

Hoje a mãe já não tem desculpa nem da sua ignorancia propria, nem da ignorancia da sua época.

Se não sabe é porque não quer saber.

O homem moderno tem applicado grande parcella da sua prodigiosa actividade em descobrir os meios mais efficazes de fazer as gerações que vão seguir-se-lhe melhores do que as gerações que o precederam.

Está pacificada a guerra que se havia travado entre a alma e o corpo.

Mais ainda; hoje comprehende-se perfeitamente que é da saude do corpo que depende a saude da alma, e que os maus são quasi sempre os enfermos ou os defeituosos.

O caminho das boas mães está naturalmente traçado.

Não poupar esforços para aperfeiçoar e robustecer o corpinho querido, dentro do qual está crescendo e desabrochando a flôr maravilhosa, a flôr delicadissima, que é a alma infantil.

Poucas pessoas comprehendem a fundo qual seja a responsabilidade de ser mãe.

Não a póde haver mais seria e mais tremenda.

Desde que a creança nasce até ao segundo periodo da sua vida, em que ella já começa a ser susceptivel de ensino, quantos cuidados multiplos, engenhosos, delicados e constantes!

Um movimento menos suave, um golpe de ar quando a creança está no banho, um abafo excessivo ou uma imprudente e rapida mudança de habitos, qualquer pequena cousa que á primeira vista

parece insignificante, póde ter um alcance enorme no futuro do querido entezinho.

Sabemos de uma creança que ficou cega, porque estabeleceram uma corrente de ar no quarto em que ella tomava um banho tepido.

Conhecemos uma pobre mulher, que tem padecido toda a vida cruelmente, que nunca pôde trabalhar, nem ser util a ninguem, porque a tornou rachitica uma quéda que a fizeram dar brincando com ella em pequena.

Ha muita gente que se diverte estupidamente atirando as creanças ao ar, fazendo-as dar voltas, abalando-lhes o pequeno cerebro.

Quem póde dizer os resultados fataes para o seu organismo que d'ahi resultam!

A creança é tudo que ha de mais fragil e de mais delicado.

Pensem bem todas as mães que um erro de hygiene póde ás vezes fazer de uma indole pacifica uma indole perversa.

A alma e o corpo, os dous irreconciliaveis inimigos de outro tempo, estão hoje para todos os olhos tão estreitamente unidos, tão profundamente identificados, que não ha abalo ou sensação que um experimente e de que o outro deixe de resentir-se logo.

Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Crepuscular

O sol se esconde! Mostra-se a lua!
As andorinhas ao longe vôam!
Toda a saudade mais se accentúa...
Os sons do sino vagos rebôam!

Hora de preces e de receio,
As avesinhas vão se aninhar.
Na natureza como que leio
Que devem todos no mundo amar!

Os operarios extenuados
Buscam a casa dos seus amores,
Vão ver os filhos dos seus cuidados,
— Pobres, mirradas, pallidas flôres!

A propria féra procura a toca,
A agua do rio beija o luar...
O condemnado Maria evoca
Por entre as grades, a suspirar.

Ness'hora augusta scisma o poeta,
Relendo, em mente, versos de outróra.
E ouvindo a lyra doce e secreta,
Chorando reza, rezando chora...

Presciliana Duarte de Almeida.

S. Paulo, 7 de Março de 1897.

Lendo e Commentando...

Henrique Coelho Netto, o sumptuoso prosador maranhense, no seu recente romance *O morto* — cujo enredo principal se resume na fuga para Minas de Josephino Soares, um dos muitos suppostos revoltosos que do Rio para cá emigraram, acossados pelas delações e suspeitas dos beleguins do terror de 1893,

e que, bem fresquinho na fazenda de *Tres Corregos,* perto de Carandahy, esteve durante o sitio, emquanto na Capital Federal o davam como um dos naufragos do *Uranus,* fuzilados em Sepetiba, e d'ahi o titulo do romance — Coelho Netto, dizia eu, pôe na bocca do personagem principal de sua nova obra literaria longos e varios conceitos bellos e honrosos, em referencia a Minas, o asylo da Liberdade para os foragidos de 1893-94. Aqui são os temores de um suspeito, que anceia por vêr o expresso transpôr a sagrada fronteira da terra fluminense com a de Minas:

«Entre Rios! Para que debulhar todo o rosario de estações que percorri, se as terras que eu ia atravessando já me não infundiam cuidados nem temores? Mal me sobrava tempo para lançar os olhos pelos campos fóra, pelas alturas alcantiladas, dando-lhes a alegria suprema da liberdade e elles, que vinham do pavor, regalavam-se, contentes, como dois passaros prisioneiros, que encontram a porta da gaiola aberta e abalam pelo espaço livre, espanejando-se á grande luz.

Não era muito que eu desabotoasse o peito anciado e opprimido e deixasse expandir-se largamente minha alma que ia engelhada, encolhida como uma criminosa, no canto mais excuso do meu coração. Essas terras eram castas, não havia por ellas sulcos de carretas nem armas reluziam sinistramente entre as hervas floridas, á luz fagueira e dourada do sol.» Agora um mimoso trecho decantando «a terra veneravel de Minas, terra de abundancia e de hospitalidade, fertil e amavel como o doce e generoso paiz enanita, onde não se fazia reparo nos respigadores, nem se negava um canto, junto ao lance, aos que chegavam regelados, famintos e tiritantes» e que se «estendia desdobrando-se em horisontes com um verdor de esperança e de primavera.»

Josephino Soares já não se arreceia daquelles rostos, ha pouco mal fitados, de *secretas* em disfarce de passageiros; «já as physionomicas eram outras — havia em todas a jocunda feição que a paz empresta, o receio não demudava o rosto abuçanado dos que mourejavam; o homem, de pé, no meio das terras, purpureo, reluzente de suor, apoiado á enxada, sorria, feliz e tranquillo, com o chapéo na mão como para saudar os que passavam pelos caminhos de sua lande nativa» (Minas).

Já no fim (pag. 268), despede-se de Minas, daquella pacifica mansão agreste de *Tres Corregos*, onde tão manso transcorreram seus ingenuos e bucolicos amores com Lavinia: «Terras amaveis e fas-

cinadoras, bem grato me seria poder decantar-vos a belleza e o viçor, se os dotes de meu espirito não fossem tão mesquinhos. Aguas rumorejantes, cerros de pendor verde e avelludado, mattas veneraveis, se eu vos não tivesse procurado com a alma tão lacerada de angustias, por certo que vos amaria com redobrado sentimento. Ainda assim não é sem pena que te deixo, exilio casto e recatado.»

* * *

Conto que bem me agradecerão os leitores patrios, por ter-lhes proporcionado tão primorosos trechos do novo livro do romancista perfeito, não ha muito sagrado assim com a joia limpida do *Inverno em Flor*.

Minas-Agosto 98.

Nelson de Senna.

Carta do Rio

As demonstrações de regosijo e sympathia que a população desta capital, representada por diversas classes sociaes, prestaram ao illustre Dr. Campos Salles, por occasião de seu regresso á patria, bem mostram o alto conceito em que é tido o presidente eleito dos E. U. do Brazil, que tanto honrou, no extrangeiro, o nosso amado paiz. Ao presidente eleito saúda o povo em delirio, cheio de enthusiasmo e esperança pela risonha perspectiva de seu governo criterioso. Eu o saúdo tambem, sem me esquecer entretanto do illustre Dr. Prudente de Moraes, que tanto tem se esforçado pela pacificação e progresso desta terra.

Com o desenvolvimento da instrucção ao povo, até a propria desgraça é attenuada de um modo consolador! E é por isso que hoje em dia, não é tão dolorosa, como dantes era, a desgraça de ser cego.

O benefico Instituto Benjamin Constant, desta cidade, tem prestado os mais relevantes serviços aos cegos, principalmente aos que não são ricos. Assistí a festa da distribuição de premios aos alumnos d'aquella casa de educação e fiquei satisfeita com o excellente resultado obtido pelo digno director Dr. Brazil Silvado.

A festa musical e litteraria foi esplendida. Fizeram-se applaudir distinctos litteratos e artistas de merito consagrado.

Os cegos, resignados quasi, com o seu viver — eterna noite que não tem aurora — mostraram-se merecedores dos mais calorosos elogios.

Soube que uma menima cega, que recebeu premio, era engeitada! Pobresinha!

Quanta dedicação, perseverança e esforço não foi preciso para aquella pobre alma não succumbir nos primeiros tempos de sua vida! Não ter pae! não ter mãe! não ter a luz dos olhos e ter coragem para luctar e ter merito para vencer é de um caracter privilegiado!

O Instituto váe iniciar uma serie de conferencias litterarias, proporcionando assim excellente e util distração aos cegos. Quanto vale o progresso! Na communhão da sociedade, é hoje recebido como um homem util aquelle que privado da vista, seria em outros tempos, um pesadelo para a familia e para a patria. Bemdicto progresso! abençoada civilisação! Parabens ao Dr. Brazil Silvado — a alma do instituto — e aos ceguinhos que apezar de muito beneficiados hoje pela instrucção — que espanca as trevas do espirito, são ainda dignos de toda nossa piedade, de todo nosso carinho.

O distincto pintor Sr. Adolpho Malevolti, faz actualmente bella exposição de pintura, em vasto salão de uma casa, á rua dos Arcos.

Ha ali vinte e seis telas completas, perfeitas, irreprehensivelmente desenhadas. Em todos os generos trabalha o illustre pintor que tanto honra e engrandece a sua arte. Os premios diversos que o Sr. Malevolti tem conquistado em varios paizes onde tem apresentado seus trabalhos, são prova eloquente de seu merito real. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, já recebeu o Snr. Malevolti uma medalha de ouro, em uma Exposição da Escola Nacional. Eu não posso falar do illustre mestre tudo o que devia sobre o seu merecimento, sou suspeita. Desde creança tenho me affeiçoado de tal forma a todos os meus professores, que no fim de algum tempo em cada um delles conto um amigo. Está explicada, pois, minha suspeição. Com o Sr. Malevolti tenho aprendido tudo o que sei em pintura — é verdade que muito pouco, mas a culpa, neste caso, não é do professor, garanto.

Ha quadros, nessa exposição, que impressionam poderosamente ao visitante. Não posso, pelo pequeno espaço desta carta, tratar minuciosamente de todos elles. Recommendo entretanto, as appetitosas «Uvas brancas» tão transparentes e verdadeiras; as «Carambolas maduras» de encantadora belleza; aquellas «Arvores antigas» tão nossas, tão brazileiras; o bello «Effeito de sol» e a «Praia da Saudade», quadro que deixa a alma do espectador repassada de doce melancolia. Um punhado de rosas sobre a veneranda cabeça do distincto filho de Florença que tanto engran-

dece a nossa patria, que elle considera sua pelo muito que a ama.

Cento e quarenta annos bem sommados tinham os dois, elle e ella, ou simplificando a operação, setenta annos cada um delles, o raptor e a raptada.

E' verdade! pelo menos foi o que publicaram os jornaes desta capital.

Aos setenta annos ainda póde uma mulher, naturalmente feiticeira, incendiar paixões e provocar desordens, e com egual edade, ainda existe nesta terra poderosa, homem de coração apaixonado e cheio de vigor para cavallarias tão altas!! E' o caso do sabio proverbio: não falta nunca para um pé inchado um chinello velho. Para uma Julieta de setenta annos ha sempre um Romeu da mesma edade!

Maria Clara da Cunha Santos.

Notas pequenas

Elizabeth Lynn Linton — A literatura ingleza vem de soffrer uma grande perda com a morte da notavel romancista Elizabeth Lynn Linton, cujos traços biographicos vimos algures resumidos nestas linhas:

«Elizabeth Lynn era a filha mais nova do rvd. James Lynn, vigario de Crosthwaite, e nasceu em 22 de fevereiro de 1822.

A mãe falleceu quando ella era ainda criança, e ella propria descreveu de modo inimitavel os seus primeiros annos no campo, apprendendo francez, allemão e italiano, e embebendo aquelle cultivo literario por que depois se tornou conhecida.

Miss Lynn foi para Londres em 1845 e os seus primeiros tentamens literarios foram guiados por Walter Savage Landor.

O seu primeiro romance foi *Azeth,* o *Egypcio;* seguindo-se-lhe — *Amymone* e *Realidades* — e trabalhando tambem no jornalismo.»

Mathematica — A faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, viu este anno sahir de seu recinto uma mulher formada, é ella a Exma. Sra. D. Domitila Miranda Carvalho.

O Paiz — Temos tido a satisfação de receber este importante diario da Capital Federal, com a maxima pontualidade.

Agradecemos-lhe, muitissimo penhoradas, a honrosa deferencia.

Carlos D. Fernandes — Inicia hoje a sua colloboração na *Mensageira* este illustre poeta, que tanto brilho tem dado á poesia symbolista no Brazil. E' o caso de dar parabens aos nossos leitores.

São Paulo — 15 de Setembro de 1898 — Anno I, N. 23

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua dos Estudantes N. 23	Numero avulso Rs. 1$000

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

Summario: — Maria Clara da Cunha Santos, Perpetua do Valle; — No Sertão, conto, Maria Clara da Cunha Santos; — Tela sombria, soneto, Julieta de Mello Monteiro; — Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Do «Estellario», poesia, Manoel Viotti; — Excerpto da «Professão de Fé», Archer de Lima; — As Bellas Artes, poesia, Maria Clara; — Notas pequenas.

Maria Clara da Cunha Santos

O retrato que ora publicamos podia bem vir desacompanhado destas linhas explicativas, tão conhecido é de nossos leitores o nome de Maria Clara da Cunha Santos.

Intelligencia vastissima, affeita a todo genero de trabalhos, possuidora de accentuada habilidade para as bellas artes, com uma facilidade enorme de percepção e com a maior somma de paciencia possivel, poderia, si o quizesse, ser uma grande cultora da *forma,* da *phrase castigada,* das estrophes trituradas e cantantes...

A expansibilidade e a singeleza são, porém, os attributos do seu espirito superior. Tudo o que escreve tem o encanto indefinivel de uma grande simplicidade! D'ahi a sympathia que lhe advem de todos que a leem! Os leitores da *Mensageira* terão certamente encontrado nas *Cartas do Rio* momentos de bom humor e ensejo de dar algumas risadas gostosas neste tempo de luctas e de pessimismo!

E é esta a nota caracteristica do seu temperamento excepcional. Quem quer se lhe approxime encontra consolo para todas as dores, animação e enthusiasmo para todas as ideias nobres, indulgencia para todas as faltas, e o coração mais rico de caridade que imaginar se póde!

Existissem pela terra alguns milhares de pessoas com a sua incomparavel alegria communicativa e a sua bondade inexcedivel e cremos que esses milhares de pessoas conseguiriam fazer diminuir de modo espantoso na humanidade o suicidio, o desespero e o tedio.

E ninguem veja neste modo de julgar a suspeição da amizade, suspeição que para nós, não existe até certo ponto.

Que a mãe seja suspeita para ajuizar do filho ou vice-versa, que o irmão seja suspeito para dizer do irmão, podemos convir, e, para externar essa suspeição natural, o povo tem na sua linguagem synthetica esta phrase: *a natureza grita!* A amizade, emtanto, só por si exprime a admiração, o preito á virtude e a inabalavel confiança! Tornamo-nos amigos de alguem, quando nesse alguem encontramos qualidades que nos captivam e nos encantam.

Dado, porém, que tal suspeição existisse, poderiamos repetir aqui as palavras de um de nossos talentosos collaboradores: «A suspeição da amizade é mais nobre do que a suspeição da antipathia.» A alguem que porventura desconhecesse completamente o merito literario deMaria Clara da Cunha Santos, deparar-se-ia propicia occasião de avalial-o pela leitura do seu bello conto *No Sertão*, com o qual brindamos nossos leitores.

A Maria Clara da Cunha Santos e a seu digno esposo, Dr. José Americo dos Santos, que é um dos mais brilhantes ornamentos da engenharia brazileira, a *Mensageira* rende as homenagens do mais alto apreço.

PERPETUA DO VALLE.

No Sertão

(*A' Adelaide Lopes Gonçalves*)

Depois de demorada e trabalhosa viagem, na qual levamos 12 dias andando a cavallo por longos e perigosos caminhos, chegamos á pittoresca cidade de Piumhy, no oeste de Minas. Esta cidade é ricamente dotada pela natureza. E' banhada pelo Rio Grande, o famoso rio que percorre grande zona mineira e vae recebendo o contingente de regatos e caudalosos affluentes até que triumphante, altivo e rico, desemboca no Rio da Prata.

O rio S. Francisco passa a duas leguas da cidade e depois crescendo, crescendo sempre, interna-se pelo Estado da Bahia.

Ha ahi um contraste notavel entre o Rio S. Francisco e o Rio Grande. Este, a 6 kilometros de Piumhy, é largo, amplo, as aguas azues são transparentes e correm leves e suaves.

De espaço a espaço vê-se uma ilhota cheia de rica vegetação. O verde da relva sobresáe triumphante e não raro apparecem flôres exquisitas, algumas amarellas e outras escarlates. E' um espelho esse rio, e as frondosas arvores que o margeiam, na maior parte pinheiro brazileiro ou araucaria — formam admiravel sombra convidativa á leitura ou á meditação.

O rio S. Francisco corre encachoeirado, em borbotões, e a agua é escura. Ha trechos estreitissimos nesse rio que é profundo e horrivelmente perigoso. O leito está quasi sempre vasio, tal é a sua profundidade e a agua negra que corre vertiginosa causa-nos terror. Entre dois barrancos o rio estreita-se por tal forma, que eu vi um homem atravessal-o de um pulo. Disseram-me que é o pedaço mais fundo e mais estreito do rio — é um abysmo insondavel!

Em suas margens não ha muitas arvores, mas em compensação abundam gabirobas, cajús miudos, uvaias e joázes.

Vê-se de Piumhy a serra da Canastra, que, apezar de estar distante 14 legoas, apparece a nossos olhos formosa e altiva dominando a grande cordilheira de serras e enormes morros que a cercam. O nome vem-lhe da grande semelhança que tem a sua configuração com uma canastra.

O sertão da Zagaia começa na raiz dessa serra e os corajosos e audazes que o têm atravessado, affirmam que é medonho. Durante 8 leguas não ha uma gotta d'agua, não ha um refugio, não ha um conforto. Niguem reside nesses logares e se a necessidade obriga alguma creatura a atravessar tão horrorosos caminhos, durante toda a viagem leva o coração tranzido de medo e de presentimentos. Alguns caminhantes têm sido assaltados ahi por bandidos. Até nesse retiro solitario da natureza onde não brotam flôres e nem corre a cristalina agua, escondem-se para premeditados crimes, homens sem escrupulos.

Piumhy está situada sobre uma grande collina. A terra é avermelhada e em muitos pontos roxa.

Dentro da cidade ha duas lagôas permanentes; não ha secca por mais prolongada que seja que lhes desmereça a belleza e quantidade das aguas. Ninguem na povoação explica a existencia das lagôas, acreditam entretanto que uma fonte inexgotavel lhes renova as aguas constantemente. São ricas de peixinhos e as vezes as aguas são salgadas. Diversos passaros voam sempre a roda das lagôas, sobresahindo pela quantidade, a pomba rola, o quéro-quéro e o anum.

A' tarde é agradavel ver-se a meninada pescando á beira das lagôas. Dizem que muitas pessôas destemidas têm pago com a vida a audacia de sondar essas lagôas que têm os fundos irregulares e perigosos.

E o povo todo da cidade sabe essas historias que de bocca em bocca correm gerações.

Não é possivel encontrar ar mais puro e mais secco, nem mais rica vegetação, nem mais bellos e variados panoramas!

«Ninguem encontra o sertão» — é esta uma phrase muito repetida por quem conhece o interior dos Estados. Realmente a gente viaja leguas e leguas por logares atrazados e sem conforto, sem civilisação alguma e quando imagina estar no centro do sertão, um dos habitantes do logar nos diz, naturalmente, convictamente, que o sertão é lá para as bandas da Pratinha. O mesmo acontece quando se chega á Pratinha, ouve-se di-

zer, em conversa, que o sertão é lá para as bandas da Lagôa Doirada. Emfim, se a gente sahisse com a lanterna de Diogenes accesa, a procurar o sertão, garanto, não o encontraria.

Ouvi em Piumhy, de um velho amigo de meu Pae, um caso que se passára no sertão e que reproduzo aqui tal qual m'o contou:

Ha muitos annos passados viajavam pelo sertão do Araxá dois moços do Rio de Janeiro, empregados no commercio. O mais novo dos companheiros era a primeira vez que passava por aquelles sitios, o outro já conhecia aquelle logar, onde dois annos antes passára uma semana de verdadeira felicidade, no meio de alegre rapaziada, assistindo as novenas e festa de S. Sebastião.

Chamava-se Agua Limpa esse pequeno logar, que tem hoje o nome de um eminente brasileiro.

Não havia hoteis em Agua Limpa, os viajantes ficavam em rancho aberto ou então tinham de pedir pousada aos habitantes do logar, que nunca a negavam, mas os *moços da Côrte* instalaram-se no rancho que ficava atraz da Igrejinha do Rozario. Em jacás de taquara, carregava os trens de cosinha e ancarote de vinho uma besta velha ruana, já cançada para pesadas cargas. Logo que chegaram ao rancho, o fiel camarada tratou dos animaes, deu-lhes milho, passou-lhes a raspadeira e levou-os ao pasto, depois voltou a tratar de botar feijão ao fogo. Em poucos minutos improvisou um fogão. Tres pedras grandes serviam de limite ao fogo que ardia no chão; o caldeirão atado ao cambito em forma de gancho era suspenso por um cabresto que ia ter ao caibro do tecto. O camarada era tambem o cosinheiro.

O companheiro mais velho gabava-se de conhecer todos os moradores d'aquelle logar e de ser por elles muito estimado. Convidou o amigo para ir á noite á casa de umas moças muito bonitas, dadas e alegres ouvir cantar modinhas e lundús e tocar violão. E ao dizer essas palavras, maliciosamente piscava os olhos ao companheiro como a se gabar da preferencia das roceirinhas.

— Pois não, responde Gonçalves a seu amigo Torres, nestas alturas, sem o menor divertimento, sem jornaes para se saber o que vae pelo mundo, não se póde rejeitar o convite de ir ouvir modinhas cantadas por moças bonitas.

— Bom, iremos logo mais á noite.

E foram. Seriam 8 horas da noite quando Torres vestido com a roupa mais nova e a mais vistosa das gravatas apressava o amigo, dizendo

que andasse, que já estava ficando tarde.

— Mas que luxo é esse, diz Gonçalves, estou muito desconfiado...

— Não, respondeu Torres, uma das raparigas de lá gosta muito de mim e pensa que eu sou solteiro. Com a ideia de arranjar marido... facilitam... tu me entendes... Vamos, vamos que são horas.

Partiram ambos conversando e depois de passarem em ruas esburacadas, sem lampeões, desertas, pararam junto a uma cerca de achas de madeira. Torres começou por dizer ao amigo que era preciso muito silencio e que pulasse a cerca para entrar pela porta da cosinha. Entraremos subtilmente, disse elle, eu sou muito conhecido, não faz mal e tu indo commigo nada te succederá.

— Mas que é isso? exclama Gonçalves espantado, pois foi para alguma arriscada aventura ou mysteriosa visita que me convidaste ou para ouvir musica em casa de pessôas conhecidas e amigas?

— Cala-te, fala baixinho, não me compromettas, as moças são muito dadas, mas o pae é terrivel, elle ignora tudo, cala-te e acompanha-me.

— Não, meu amigo, nunca tive geito para essas historias, entra tu que és conhecido da casa... e depois abre a porta e chega a candeia ao terreiro para eu entrar em casa. Deixemo-nos de massadas.

— Has de sempre mostrar que és um tolo, não troco os meus 40 annos pelas tuas 24 primaveras. Um homem não deve ser medroso, o pae das moças é caboclo de máos bofes, eu sei, e não gosta de pagodes em casa, mas isso é o mesmo. Fica pois aqui em baixo desta larangeira e quando eu chegar a candeia á porta é o signal, pódes entrar sem receio.

Torres la foi pisando de vagarinho nas folhas seccas que se quebravam com o seu peso e faziam um barulhinho monotono. Depois bateu á porta... que não se abriu, bateu segunde e terceira vez. Abriram-na, um braço de mulher suspendeu bem alto a candeia de azeite e o corpo de Torres desappareceu no interior d'aquella casa silenciosa e escura. Passaram-se muitos minutos, talvez mais de meia hora. Gonçalves afflicto esperava o signal convencionado para transpor o limiar d'aquelle paraiso terrestre, ninho das moças bellas, das cantoras de modinhas ao violão. Augmentava sua impaciencia a proporção da demora. Ja eram 10 horas e nada, absolutamente nada, demonstrava que dentro d'aquellas paredes houvesse o menor vislumbre de vida.

Aborrecido, zangado, e, para que negar? enciumado com a preferencia das moças ao amigo, Gonçalves resolveu ir para o rancho, dormir

socegado. Ainda não tinha se retirado quando viu a porta abrir-se lentamente. Pára, escuta, olha, espreita receioso e vê sahir á frente da porta um homem de certa idade, em mangas de camisa e calça de zuarte azul, descalço, com os cabellos revoltos e longas barbas que lhe cahiam desgraciosas sobre o peito . . .

Tomado de indizivel terror, Gonçalves quiz fugir, mas o cuidado no amigo, e a curiosidade reteveram-lhe os passos e elle para melhor observar o que se passava subiu lentamente na laranjeira copada.

Lá do alto poude observar o sinistro prestito. O homem das barbas compridas trazia suspenso o braço esquerdo que segurava a candeia de amarelada e triste luz, na mão direita trazia uma enchada.

Em seguida dois homens possantes, descalços e maltrapilhos traziam o cadaver de um homem bem vestido; o da frente segurava os pés e o outro, desageitado e aos trambolhões segurava a cabeça que pendia sobre o peito. Muitos cães acompanhavam o cortejo funebre e um delles esfregava o focinho nos rastros de sangue que as roupas do cadaver iam deixando pelo chão. Nenhuma palavra diziam, era um silencio de metter medo; pararam e collocaram o cadaver no chão e foi nessa hora que a primeira palavra foi proferida.—Aqui mesmo, disse o homem das barbas compridas, e com a enchada começou a fazer a cova, junto de uma bananeira.

Gonçalves do alto da laranjeira, reconheceu á luz baça da candeia o corpo do seu amigo, quiz gritar, não teve voz, quiz vingal-o, pedir soccorro, mas como? Quem poderia ajudal-o?

Lutar seria impossivel, um homem desarmado não póde com tres facinoras armados como estavam elles. Que fazer? Calado, tranzido de medo, sem poder fazer o menor ruido para não ser presentido, elle ali esteve alguns instantes que lhe valeram seculos de agonia. Immovel, estupefacto, allucinado, Gonçalves viu o enterro de seu querido companheiro.

Os cães aqui, ali, acolá, e um delles, medonho Terra Nova, insistia impertinente em baixo da laranjeira onde estava occulto o pobre rapaz. O sangue que tingira o nariz e focinho do cão tirara-lhe de algum modo o faro, mesmo assim o Terra Nova estava teimoso. Gonçalves teve um minuto de hesitação, resolvera quebrar aquelle silencio medonho e invocar um perdão, mas perdão de que? reflectiu. De um crime que não commettera? Seria uma humilhação. E depois era ser muito ingenuo para pensar que aquelles homens se o descobrissem, o deixariam vivo, elle . . . teste-

munha ocular daquelle crime hediondo. Reflectiu... concentrou-se ainda mais em si, pensou em sua mãe, tão distante, da qual elle era o unico arrimo, em suas pobres irmãs e... esperando a morte esteve alguns minutos.

Os cães finalmente abandonaram a laranjeira, Gonçalves respirou. D'ahi a pouco o homem das barbas compridas deu por completo o seu trabalho, subiu na cova que acabava de receber as ultimas camadas de terra e calcando os pés, disse trumphante: este não bole mais com moça alheia.

Depois esfregou as mãos, tintas ainda de sangue, nas folhas da bananeira, que guardava para todo o sempre o derradeiro somno de Torres. Um dos ajudantes, o que tinha carregado a cabeça do morto, tirou do bolso da calça um montão de palhas de milho, cortou algumas, alisou-as e collocando-as atraz da orelha, começou a picar fumo vagarosamente. A faca ennodoada de sangue serviu para picar miudinho o fumo, fez tres cigarros, dos quaes offereceu um a cada companheiro, e reservando para si o maior, accendeu-o á luz da candeia, a mesma que daria o signal da entrada a Gonçalves n'aquella casa e que servira de tocha funebre ao infeliz Torres.

Meia hora depois... no terreiro dessa casa não havia o minimo rumor ou vestigios do crime. Só então desceu da arvore, vagaroso e allucinado o pobre rapaz. Pulou a cerca e quando se viu na rua, correu, correu vertiginosamente e foi parar no rancho.

O camarada dormia socegado e tranquillo. Gonçalves accordou-o e ainda sob a dolorosa impressão do que vira contou-lhe tudo, tudo. Ambos amedrontados, horrorisados, resolveram partir de madrugada e guardar silencio sobre o crime.

O camarada disse então: aquelle homem, o pae das moças, tem muitas mortes, ellas mesmas, aquellas sirigaitas são as causadoras. Hoje de tarde, o dono do pasto contou-me muitas cousas medonhas d'aquelle homem e eu se soubesse onde os patrões iam, telos-hia avisado. Meu Deus! Meu Deus! permetti que amanheça depressa.

Quando rompeu o dia, os pobres que passaram a noite em verdadeira agonia, — já estavam longe d'aquelle logar.

Por muito tempo guardaram silencio, receiando a vingança d'aquelle homem de barbas compridas — o terror do sertão.

Aos patrões e á familia de Torres, disseram os companheiros que elle fôra assassindo porque heroicamente resistira a uns vis salteadores que o ameaçaram com este terrivel dilemma — A bolsa ou a vida.

Maria Clara da Cunha Santos.

Téla Sombria

Morros ao fundo, em frente um descampado
Largo, immenso, estendendo-se infinito!
A' esquerda o rio, triste, descorado,
Espelhando as montanhas de granito.

O céo trevoso, escuro, carregado
Mais qne o remorso n'alma do precito;
E alem, fugindo, um negro bando alado
Cortando os ares vae soltando um grito.

Nem uma choça, um lar, nem um tugurio,
Do mar á beira, onde o subtil murmúrio
Da mansa ondina, fosse um terno harpejo;

E onde um casal em plena juventude,
Sadio, forte, muito embora rude,
Soletrasse canções ao som de um beijo.

JULIETA DE M. MONTEIRO.

Rio Grande do Sul.

II

Observações
sobre a educação em geral

(Mocidade)

A' ti, jovem noiva cujo sorriso tão docemente revela as alegrias que te vão pela alma descuidosa; a ti que te vês rodeada de teus paes satisfeitos, de teus parentes que te lisonjeam, de tuas amigas que te admiram e invejam; a ti que és amada por teu noivo, que és joven e bella, que sonhas um porvir d'encantos e felicidade inquebrantavel; a ti que ignoras o que seja a vida porque d'ella nunca soffreste siquer uma amargura, á ti mais do que a pobre orfã, á moça desamparada cujas tristes circunstancias da vida obrigaram a aceitar um esposo sem em mais cogitar do que na grande necessidade de ter no mundo um protector legitimo, — a ti principalmente, eu falo: — consultaste mais do que a tudo, consultaste bem o teu coração?...

Ai, joven noiva, não te vás enganar...

Sonhaste, talvez, um ideal, e pensas têl-o achado tão cêdo...

Vejo-te risonha e doudejante entre as tuas companheiras; a cada instante levantas a recebêl-as, beijal-as, tão irrequieta como a borboleta entre as flores variegadas de um jardim...

Ai! joven noiva, quizéra mais vêr-te grave e seria.

E' de um encanto indefinivel a suave tristeza da virgem desposada.

Oh! que mundo de sentimentos ternos e delicados não revelam as lagrimas de uma noiva, a deslisarem silenciosas, trementes sob a candida alvura da gása que lhe véla o rubor!...

Sim; a noiva deve antes mostrar-se grave, sem deixar de ser attenciosa e prasenteira, do que leviana e exagerada nas expansões de sua intima alegria.

Este caminho que começa mar-

geado de flôres cujos perfumes vos embriagam e do qual não enxergais o fim, nem vos importa alcançal-o pois que lá distante se perde na verdura das mais risonhas esperanças que circundam no espaço a nesga azul de um sereno céu. deve entretanto esse caminho ter urzes e abrolhos!

As proprias rosas emmurchecem, e, fanadas as rosas, só restam os espinhos.

Sabeis o que seja um marido?

Nos primeiros tempos será o mesmo amante apaixonado, condescendente, o companheiro de todas as horas do dia e da noite...

Mas passa-se o primeiro anno; tendes um filhinho, talvez, e perdestes parte de vossos encantos: emmagrecestes, desmaiam-se as rosas de vossas faces e labios; já não é tão farta vossa linda cabelleira; porém, comtudo, ainda assim sois bella porque... não vos desleixais.

Sim; para que sejais sempre amadas, é preciso que vossos maridos vos encontrem sempre bem cuidadas, irreprehensiveis em vossas *toilettes* e penteado, sempre amaveis e delicadas como quando os captivastes.

Quantas jovens senhoras, depois de casadas mezes apenas, julgando terem alcançado quanto desejavam, e pensando não terem mais a quem prender com agrados, descuram de sua propria pessôa, e o moço marido ao chegar á casa, não encontra mais, nem siquer a sombra graciosa d'aquella que o prendêra com seus encantos!

Outros, (e mais infelizes estes) são recebidos com amuos de creança mal creada, ou repellidos por insultuoso ciume!

Oh! quantas e quantas vezes, entretanto — o misero voltava saudoso do lar, e quantas outras, aborrecido e incommodado de seus negocios!

A mulher bem educada é sempre amavel e graciosa; sempre correcta e sensata, sempre o bom anjo do lar.

Deveis saber que o mais bello dote de uma dona de casa é o espirito de ordem; n'isto se comprehende o asseio, a economia, a bôa direcção nos negocios domesticos.

Sêde economicas sem parecer mesquinhas. Se tiverdes em vossa casa uma *dispensa,* não entregueis as chaves d'ella á vossa criada, nem á cosinheira; antes ide vós mesmas tirar o necessario para as refeições diarias.

Ouvi a uma cosinheira que dizia de sua jovem ama: «minha expatrôa me entregava as chaves da *dispensa.*» A joven senhora por não querer parecer menos amavel que sua antecessôra, imitou-a; em pouco tempo reconheceu-se lezada em sua illimitada confiança.

Nunca exijais de vosso marido o que fôr alêm do necessario.

Quanto ao vosso vestuario e de vossos filhos, não despendais nunca alèm de vossas posses.

O bom gosto suppre sempre custosos enfeites, sêdas e velludos.

Lembrai-vos d'aquella esposa modelo de que fala Jesus Christo — a mulher forte: — «ella tecia e costurava para vestir-se a si, a seus filhos e domesticos, e por suas proprias mãos preparava seus alimentos.»

Quantas vezes a mãe de familia não se vê n'esta contingencia. .

Si fôrdes remediadas da fortuna, não esqueçais os necessitados, e costumai vossos filhinhos á pratica da caridade.

A mulher bem educada é sempre condescendente com seu esposo, e, embora muito joven, nunca deve ostentar caprichos de creança. Lembro-me de uma joven casada de poucos mezes, que em certa noite de baile, amuou-se, irritou-se ao ponto de chorar, porque o marido não queria consentir que levasse ella toilette branco.

Ao principio elle gracejava; depois tornou-se serio, dizendo que o traje de donzella não ficava bem á esposa; finalmente encolerisou-se deveras, e... adeus *soirèe* até quinze annos depois, que teve de apresentar na sociedade sua joven filha.

Quantas vezes por um capricho tôlo, uma futilidade qualquer, entra a desharmonia em o casal até então feliz!

Bem deveis saber que a bôa mãe de familia não deve esquecer seu filho para entregar-se aos divertimentos; nunca! porém, casos ha em que a esposa *deve* acompanhar seu marido á sociedade; então deixareis por algumas horas vosso filho entregue sómente á pessôa de vossa inteira confiança, e, condescendendo com vosso esposo, elle será suavemente obrigado a attender-vos, satisfazendo-vos ao mais leve signal de vossa vontade.

Enfim: a mulher bem educada, tudo previne, tudo póde, tudo alcança sem constrangimento.

«A mulher é que fáz o marido», diz bem antigo axiôma; assim, de alguma sorte, a mulher possúe em parte, — o segredo da sua felicidade.

Porêm esse *segredo* portentoso só o conhecerá aquella que possuir «*o talisman que a todos encanta: os attractivos de uma bôa educação*».

Fim.

Delminda Silveira.

Capital de Santa Catharina.

Carta do Rio

A Sociedade Commemorativa das Datas Nacionaes iniciou de modo brilhante seus festejos com o nosso glorioso 7 de Setembro. E' o caso de não saber a quem dirigir parabens, se á Sociedade Commemorativa, se aos brazileiros em geral.

O illustre presidente eleito de Minas, Dr. Silviano Brandão, tomou posse de seu alto cargo, no dia 7 do corrente, no meio de applausos e regosijo popular. No grande brazileiro que reune em si os mais nobres e elevados dotes de coração e espirito, veem os mineiros um amigo sincero e tolerante que saberá administrar brilhantemente a terra que lhe foi o berço. Novo embaraço para mim, que não sei a quem saudar, se ao illustre presidente pelo seu elevado cargo, se aos mineiros, pela excellente escolha que fizeram elegendo-o para dirigir os altos destinos da poderosa terra, glorificada pelo sangue de Tiradentes.

O Rio Grande do Sul, o meu querido Rio Grande, não quiz ficar atraz de S. Paulo, o adiantado Estado que tanto se tem distinguido no caminho dos artes e da sciencia. Não tinham ainda terminado os applausos delirantes em honra da talentosa artista Clotilde Maragliano, e outra artista, não menos digna, não menos talentosa, veiu nos encantar com sua voz educada e bella. Amalia Iracema, a riograndense do sul, é digna émula da cantôra paulista e ambas vieram despertar grande enthusiasmo no coração de seus compatriotas!

A quinta Exposição Nacional de Pintura, inaugurada a 1 de Setembro, nasta capital, está magnifica. Para que a Exposição fosse excellente, bastava o grande quadro de Almeida Junior, «Partida da Monção», que lá está, como um raio de sol, illuminando o salão. Ha quadros de principiantes collocados bem proximos á grande téla do pintor paulista. Mas, que mal ha nisso? pergunto eu. Cada um enterra seu pae como póde.

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Do "Estellario"

A' que me entende

Hontem foi vel-a e eis tudo quanto almeja:
«Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.»

Chegou, tomou-lhe a mão fria de anceio:
E um longo olhar prendeu-os num enleio.

Depois falaram de um amor secreto,
Entremeado de feliz projecto.

Fóra — nevava luar serenamente
No sereno da gándara dormente;

Dentro — dois corações na mesma chamma,
De amor que as almas lhes inflamma.

E ao *têtе-á-têtе*, na saleta esquise
Deixam que o tempo assim, breve, deslise,

Mas é chegada a hora derradeira,
Força é deixar a sua companheira;

Companheira de amor, feita ao combate
De duas almas que a paixão abate.

As *Boas noites*, rápido lhe acena
O seu cleito, e aquella mão pequena.

De sua amada encerra os mais rosados
Sonhos de amor dos corações amados.

Seus labios lembram bogarys e cravos,
Bello puniceo de morangos bravos,

Quando suspiram a pequenina phrase:
«Toda a nossa ventura agora faze.»

E como o invade uma ventura louca,
Ouvindo-a agora de sua róseа bocca.

E um seu olhar que, para merecel-o,
Daria em troca todo um setestrêllo.

Parte sonhando... e quando mais distante
Vae, illumina-lhe o semblante

A sua imagem pura e vaporosa,
Toda de preto, timida e amorosa.

E embora parta, o pensamento aberto,
Aninha a sua imagem calma, perto.

Da saudade e dos sonhos que elle encerra
Na que tem por Eleita aqui na terra.

E vive assim sonhando quanto almeja:
«Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.»

MANOEL VIOTTI.

1-8-98.

Escerpto da "Professão de Fé"

Volvamos a nossa attenção para um assumpto de primordial importancia, mas que ao espirito obsecado dos felizes, tem sido sempre considerado como um meio secundario, objecto unico de prazer e nada mais. Tratemos d'essa principal fracção da humanidade, a que se chama MULHER.

Lycinque, que julgou o sexo feminino como um ser inferior, teve de curvar-se ante a realidade dos factos, e reconhecer a mulher como digna de partilhar com o homem de todas as glorias e de todos os trabalhos.

E quem negará hoje tal direito á mulher? Quem poderá contestar a sua intelligencia, as suas aptidões?

O papel que a mulher representa na terra, é sublime. A doçura, o amor, a paciencia persistentes, tornam a mulher um poderoso auxiliar na conquista do progresso humano, e na sua propria emancipação.

Sendo a mulher unicamente o *meio* da propagação da especie, como muitos querem, como poderá ser boa essa especie se o *meio* é inferior, mesquinho! Como poderá colher-se bons fructos de uma arvore ruim?

A sua vida, um rosario de maguas, de vigilias, de dedicações, tem sido até hoje premiada com a maior ingratidão. O homem, o companheiro do seu labutar incessante, constitue-se o seu maior verdugo. Só lhe incumbe deveres, não lhe reconhece direitos. Nega-lhe a instrucção, tolhe-lhe as aptidões.

A liberdade da mulher trará grandes elementos de progresso; e tanto assim é, que já hoje as vemos cultivar as artes, as sciencias, o commercio, etc.; mas é necessario que o homem a eduque, que a respeite, não a limitando á ridicula condição de um instrumento passivo dos seus caprichos. E' dever do homem ter veneração por aquella que possue o titulo de mãe; a que lhe ensinou a dar os primeiros passos, a que, com infinita paciencia velou junto do seu berço, a que, enfim, é o seu unico amor sobre a terra. Devemos, pois, ajoelhar ante essa figura veneranda e sagrada que é: MULHER, ESPOSA E MÃE!

Madame Adam, a grande escriptora franceza, diz que a mulher é voluptuosa, mas que na sua voluptuosidade, sobresahe aquella dignidade vinda de seres superiores pela intelligencia.

A mulher tem a phrase bella e enthusiasta, e é inquebrantavel nas suas resoluções. Dizia um grande escriptor francez, que no dia em que uma mulher fallar n'um comicio, o povo a seguirá á revolta! — Porque não havemos, portanto, de dar á mulher o justo apoio, a defeza leal qué ella merece? Porque não defendemos até de espada em punho a sua liberdade e a sua honra?

Diz-se, a mulher é fraca, é viciosa. Se a mulher se perverte, é sempre o homem que a desmoralisa, é victima da credulidade. Emquanto á sua energia e coragem, citariamos um sem numero de casos, que bem o demonstram. Por exemplo: Joanna d'Arc, a rude camponia que tantos revezes inflingiu ás hordas inglezas, a quem as balas respeitaram, succumbindo alfim aos tiros traiçoeiros da intriga e da inveja!

Em Portugal, no cerco do Porto, qual foi o papel heroico, que a mulher representou? Quantas não arriscaram a propria vida para valer aos soldados da Patria, atravessando os campos da batalha no mais acceso da refrega para salvar seus maridos e seus filhos?!

Sempre e sempre deve ficar gravado no coração de todo o patriota um sentimento de veneração sincera e de respeito profundo pela mulher.

* * *

Na vida domestica são necessarias ainda mais a liberdade e a educação. A este respeito tenho á vista o livro da grande escriptora americana Beecher Stowe — *Fiancée du ministre* — que diz:

«Todas as tardes os membros da familia americana se reunem em volta do oratorio, ajoelham, e pedem a Deus pelos seus amigos e conhecidos. A *Sagrada Escriptura* é a sua leitura quotidiana, e nas margens d'este livro o pae escreve o nascimento dos filhos e os principaes acontecimentos domesticos; é a este documento que se vão buscar as provas authenticas do estado civil das familias.

«A mulher discute, sae de dia, de noite, vae a casa mesmo de qualquer homem, sem que tal facto seja criticado como deshonesto. E se acaso o marido, por um injustificado ciume, ousa desconfiar de sua mulher, é multado, quando essa desconfiança seja infundada.»

O sexo feminino na America é muito considerado. No seu bello livro *Os Estados Unidos*, diz M. de Tocqueville, quanto ali são respeitadas e amadas as mulheres.

Em Portugul succede o contrario. A indifferença e o desprezo ultrajantes que hoje se sente pela mulher, dão bem ideia da pouca consideração em que é tida. A questão dos direitos, as homenagens affectadas e sarcasticas de alguns, alliadas ao pouco escrupulo de outros na critica ácerca da mulher, dão a nota vibrante do egoismo d'essa parte da humanidade, que se diz sexo forte. Isto é um absurdo! Com que direito racional se impõe á mulher maior numero de encargos e se lhe nega a liberdade de acção, nos limites da ordem e do respeito pelo seu similhante?

ARCHER DE LIMA.

Lisbôa, 1895.

As bellas artes

Ao Dr. Valentim Magalhães

Formosissimas senhoras,
Amadas filhas dos Céus,
Sois quatro auroras raiando,
Ou quatro risos de Deus.

A's vezes penso — a Pintura
E' de todas a mais bella,
Pois que fala, sem ter vozes,
Segredos por sobre a tela!

Outras vezes digo — a Musica
Tem a sua primasia,
Quando revela os encantos
Da doce melancholia!

E da Esculptura, que digo?
Ao bronze anima e dá vida,
Transformando o ferro bruto
Em viva estatua querida!

Como a Poesia embelleza
As suas irmãs amadas!
Pintura, Esculptura e Musica
Andam com ella abraçadas!

Nenhuma excede em belleza
As outras irmãs formosas,
Si esta canta, aquella fala,
Est'outra desenha as rosas!

Mas, quem quizer separal-as
Mate primeiro a Poesia,
Que as outras irmãs coitadas,
Morrerão no mesmo dia!

MARIA CLARA.

(Dos Pyrilampos.)

Notas pequenas

Bellas artes. — Partiu para o Rio de Janeiro, a frequentar a *Escola Nacional de Bellas Artes*, a Exma. Sra. D. Nicolina Vaz de Assis, que ha tempos expoz nesta capital diversos trabalhos de esculptura, entre os quaes um busto do Exmo. Sr. Dr. Campos Salles.

A distincta paulista mereceu de Rodolpho Bernardelli honroso attestado relativo ao tempo em que foi sua discipula, no qual affirma o notavel esculptor brazileiro que D. Nicolina é uma *rara vocação artistica*.

A fim de que nossa compatriota pudesse continuar os seus estudos, foi-lhe concedida uma pensão pelo governo do Estado de S. Paulo.

Que os seus esforços sejam coroados do maior exito, para honra da Arte e da mulher brazileira.

Rainha almirante. — Segundo rezam diversos jornaes, a rainha da Grecia é a unica mulher do mundo que tem o titulo de almirante.

Occupa esse elevado posto na marinha russa e recebe regularmente seus vencimentos. Conferiu-lhe semelhante titulo o ultimo czar em attenção aos importantes serviços prestados por seu páe, que foi grande almirante da Russia.

Julieta de Mello Monteiro. — A laureada poetisa riograndense, Julieta de M. Monteiro, auctora das *Oscillantes* e da *Alma e Coração*, enviou-nos o bonito soneto que hoje publicamos, acompanhado de amavel cartinha, onde nos promette a continuação de seu concurso para a nossa modesta revista.

Esperamol-a de braços abertos.

São Paulo 30 de Setembro de 1898 Anno I, N. 24

A MENSAGEIRA

Revista literaria dedicada á mulher brazileira

Directora — **Presciliana Duarte de Almeida**

Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mez.

Pagamento adiantado	Preço da assignatura, 12$000 por anno Endereço: Rua de Sta. Iphigenia, N. 57.	Numero avulso Rs. 1$000

Summario: — A primeira avançada, Presciliana Duarte de Almeida; — Voluptas patiendi, soneto, Silvio de Almeida; — Marinha, Julia Lopes de Almeida; — Recordando, poesia, Julieta de M. Monteiro; — A influenca do lar, Maria Emilia; — Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos; — Uma recordação, Delminda Silveira; — Notas pequenas; — Indice.

A primeira avançada

Com este numero completa a *Mensageira* o seu primeiro anno. As difficuldades inicias estão portanto levadas de vencida.

Ao encetarmos esta publicação, referimo-nos com enthusiasmo ao progresso mental das brazileiras. Longe estavamos, porém, de reputal-o verdadeiramente. Escriptoras de grande merito, cujos nomes firmam obras dignas de attenção, eram-nos completamente desconhecidas, força é confessal-o! A realidade excedia, felizmente, á nossa espectativa. Alguns livros de senhoras foram publicados neste percurso de tempo, surgiram na imprensa alguns periodicos redigidos tambem por senhoras e esses trabalhos foram em geral bem acolhidos. Julia Lopes de Almeida, essa distinctissima brazileira, cujo talento brilhante e acrisoladas virtudes são motivo de orgulho para todas nós, e de quem não ha muito o notavel professor da universidade de Standford (California) dizia: «Ha poucos escriptores brazileiros que pintem tão facilmente e em estylo tão agradavel os costumes do paiz. E' ella uma artista de que qualquer literatura se poderia orgulhar»; Julia Lopes de Almeida iniciou na imprensa do Rio de Janeiro uma nobre campanha em favor da fundação de *Crèches* e *Jardins da Infancia*, emfim, tudo, tudo nos leva a crer que o Brazil será em breve tempo um dos mais adiantados paizes do Novo Mundo em relação ao desenvolvimento intellectual e moral de suas filhas. Luminosa esperança esta, porque sómente na terra em que a mulher comprehender seus multiplos deveres e onde o homem reconhecer o seu valor poderá haver

homogenea direcção no aperfeiçoamento das gerações vindouras; só com os esforços de todos indistinctamente poderá se augmentar o contingente do bem commum na sociedade.

Que esta pequena revista tenha proporcionado alguns momentos de recreio a nossas compatriotas, que tenha despertado sentimentos de justiça e de interesse sobre a educação e futuro de nossas filhas e estaremos sobejamente compensadas de todos os sacrificios.

Agradecemos a nossos distinctos collaboradores e a nossos bondosos assignantes o seu valioso auxilio, sem o qual nada teriamos feito, e continuamos no nosso humilde posto.

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Voluptas patiendi

Quem se esqueceu daquella a quem amou
E' porque não amou quanto podia:
O que no fundo dalma penetrou
Vai-se lembrando sempre, dia a dia.

Quem as ondas da vida navegou
Sinão cercado de melancholia?
Quem da terra da patria se afastou
Afastando de si a nostalgia?

Por um affecto, a dor mais truculenta
Que possamos sentir, si mais augmenta,
Augmenta tambem mais o nosso amor.

Ai! Rosas sem espinhos... são enganos,
E o coração, nos intimos arcanos,
Muita vez póde amar a propria dor!

18—9—98.

SILVIO DE ALMEIDA.

Marinha

Ceu azul, de um anil carregado. Em um recanto de praia, sobre as pedras negras de uma velha rocha onde as ostras se apegam e que as algas franjam de verde, o velho Tomazzo pesca á linha, com a camisa aberta no peito magro, cabelludo, onde o bentinho da Virgem e a medalha de Sta. Luzia se unem, pendentes de um cordãozinho preto.

Atraz delle, em pé, com os calções rasgados, a cesta e a navalha na mão, promptas para os peixes que hão de vir, o Guilherme espera os productos dos labores do avô.

Lá fóra, no mar alto, dois barcos de pesca vão cortando a monotonia das aguas com os pontos brancos das suas velas enfunadas.

As ondas vêm e vão, vagarosissimas, quebrando-se em degráus pequenos de crystal fino e estendendo-se depois pela areia branca n'um espreguiçamento deleitoso.

Mas eis que a linha do canniço tréme; houve um repellão no anzol, mas o Tomazzo não deu por isso: olhava para o largo, para aquellas duas azas de cysne desgarradas e luminosas.

Elle sentia a nostalgia do mar alto, d'aquellas suas viagens no porto de Napoles, tão azul, com outros pescadores da mesma edade, alegres, fortes, tagarellas no seu dialecto... o Gaetano, o Pietro...

Onde estariam elles, como estariam? a mulher do Gaetano era formosa, com uns olhos, *Dio benedetto!* de cavar corações!

E fôra por causa d'aquelles olhos que elle aos quarenta annos se expatriára, e viera para este grande Brasil... Fizera mal? fizera bem? E' uma linda patria esta, e tão grande, e tão luminosa, e tão acolhedora. Não se casara elle aqui? Não lhe nascêra aqui a filha Thereza? Não tinha elle aqui tres netos? Tudo isso era verdade; mas... depois de tantos dias passados, soes e luas tão fulgurantes, depois de tantos factos nascidos e extintos, depois de tanto esquecimento, de tantos trabalhos e de tantas luctas, com o coração mais duro que uma nóz, o corpo mais vergado que um canniço, a sua alma voava saudosa d'estes mares azues para o azul dos mares da patria, dos olhos da esposa fiel e trabalhadeira, para os pestanudos olhos da outra.

Que fim teriam levado? Ah! se elle pudesse ver tudo, voltar á terra da sua infancia...

Outro repellão no anzol: — Ella era linda, linda! Comtudo, não vale a pena um homem torcer a sua vida por causa de uma mulher. Para o pobre a fortuna é o trabalho e a terra em que nasceu. Que lindo sol! Que mar tão imponente que é este! Não ha no mundo coisa mais bonita!... O amor passa... esquece... é como o vinho; as bebedeiras não duram sempre! Lá isso, ha quem morra e mate por amor; e outros fogem, como eu fugi... tolice! passado o tempo, e quando o sangue é fraco e velho, só se sente desprezo por essa ninharia que a mocidade exaggera... Se eu tivesse matado o Gaetano para lhe ficar com a mu-

lher, como foi tambem minha ideia, teria ido cumprir sentença e seria talvez agora tempo de voltar para a Italia.

No presidio não se ama; eu não me teria casado... Como me receberia ella? chorando?

E o meu coração? iria contente?! Talvez que sim... já estou tão velho e ainda não me entendo.

Talvez que sim... porque eu voltaria para a liberdade, para a minha terra... para a minha amada...

Outro repellão no anzol.

— Ella, a mulher do Gaetano, deve estar velha... eu teria uma decepção... talvez chorasse!... Quem sabe se morreu?... Teria fugido com o Pietro? ella parecia fadada a enganar o marido... Pobre Gaetano! bom companheiro; se agora o visse... abraçava-o!...

A vida é assim mesmo, a gente mal conhece as coisas porque passa, e só depois de terem passado é que parece attentar nellas...

Afinal, onde se cria raizes é que se deve ficar... e que são os filhos? Raizes que nos' prendem á terra. O Brasil é a grande patria de meus netos, será aqui a minha cova... onde a minha velha, coitada, vá chorar... Afinal a mulher do Gaetano não valia um dedo desta, que é minha e por ser minha é que não penso nella! Será?... Homem ingrato, será?...

Uma gaivota passou rente; a agua crespa scintillou ao sol. Nas pedras pretas rumurejou uma onda leve, bordada de espuma baloiçando as algas de cabelleira côr de ferrugem. E o pequeno Guilherme, que descêra surrateiramente para a areia branca, entretinha-se, agachado entre as pedras, com as pernas na agua, em arrancar e comer ostras, que ia abrindo com a navalha do avô.

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Recordando...

Em noites estivaes, formosas, encantadas,
Quando passam no ar as auras, perfumadas
E o céo é todo anil, sereno, transparente
Como a face de um lago a murmurar dolente
Uma queixa de amor, um hymno de poesia,
Um merencorio adeus ao despedir do dia,
Apraz-me decerrar do coração as portas
E fazer reviver as illusões já mortas,

Repassando na mente uma por uma as crenças
Que perderam-se alem, entre as caligens densas
Das noites sem luar, das noite tenebrosas
Tristes como o gemer das ondas marulhosas...
Apraz-me recordar os já passados dias,
Quadra de risos bons, de santas alegrias,
Dos meus sonhos gentis, das minhas esperanças
Que depois, vi partir, bando de pombas mansas,
Travessas, ideaes, deixando os patrios lares
Onde ficaram sós meus intimos pesares!
E é tão grato lembrar que a f'licidede um dia
A fronte nos beijou n'uns éstos de magia,
Que embora venha a dôr, os multiplos tormentos
Nos seus braços fataes, nos apertarem lentos,
Guardamos sempre n'alma em amoroso encanto
Funda recordação do que enlevou-nos tanto!

Oh tempo seductor! oh tempo feiticeiro
Porque não voltas, tu com teu sorrir fagueiro
Meu pobre coração a engrinaldar de flores,
Ditoso a se embalar na rede dos amores?!
Que importa que o tufão passasse desabrido
Derrubando sem dó todo o rosal florido
Desse vasto jardim de nossos sonhos bellos,
Onde se erguem tambem phantasticos castellos?
Após a tempestade a paz procura a terra,
Mas ah, no peito meu constantemente erra
O phantasma da dôr, que chora soluçante
Um passado feliz, ditoso, fulgurante!

Por isso nunca mais cessou a tempestade
Que um dia derrubou-te, oh minha f'licidade!

Rio Grande do Sul. JULIETA DE M. MONTEIRO.

A influencia do lar

Na lucta pela vida, nesse attricto de difficuldades, de decepções e de tormentos, o lar domestico, o lar tranquillo, o lar medianamente feliz é o oasis onde o homen se abriga contra a indiferença, contra o vicio e contra o tedio. Comprehender a sua missão, respeitar o santuario da familia, proteger a mulher e ao mesmo tempo fortifical-a, preparando-a para que seja capaz de se manter com honra e

dignadade caso se veja sósinha neste mundo, eis o dever de todo o homem que foi bafejado pelo sopro da civilisação e que poude auferir o proveito das luctas em que se tem debatido a humanidade.

Para que, porém, o tecto que abriga uma familia seja digno de ser considerado como o templo da paz e do amor, quanto esforço não é preciso da parte de cada um dos conjuges! Muita gente diz: *o marido faz a mulher*, outros: *a mulher faz o marido*, e esquecem-se assim daquillo que se aprende num proverbio muito corriqueiro — «uma andorinha só não faz verão». O que é preciso é que haja bondade de parte a parte, benevolencia de lado a lado, bôa disposição de cada um para ver nos conselhos do outro o interesse do bem e do justo, o proveito moral de ambos, e o que é ainda mais serio, a felicidade dos filhos.

E' bem triste de ver a jactantancia com que certos homens se gabam de não consultar nunca suas mulheres acerca de seus negocios! E' verdade que existem, infelizmente, mulheres que cuidando só de fitas e futilidades não têm senso commum para *ajudar o marido a pensar,* ou a discreção precisa para guardar um segredo. Mas, são excepções; e, si o marido estivesse bem compenetrado da ligação estreita que deve existir no casal, cabisbaixo deploraria a sua *solidão moral* em vez de se gabar e dar máu exemplo aos inexperientes. E vem bem ao caso transcrever aqui algumas linhas com que Jules Simon descreve um lar modelo, num artigo publicado recentemente sobre a *Mulher de outr'ora:*

«Uma vez casada, a mulher exercia autoridade absoluta em sua casa. O marido não fazia senão consultal-a. Os filhos a consideravam como a lei vigente.

O lar domestico não se parecia, como hoje, a um hotel, onde pode entrar qualquer pessoa bem vestida e que tenha sido apresentada. Era uma especie de sanctuario

Além disso o interior duma casa não se assemelhava, como hoje, ao interior das outras casas. Existia originalidade. Uma mulher tinha o direito de dizer «minha sala». Ella a havia mobiliado segundo seu gosto e desejo.

As casas não eram tão grandes como agora; a creadagem menos numerosa; os gasto mais em relação com as entradas.

Uma obra d'arte transmittida pelo pae ao filho, era exposta na sala em vez de todos esses objectos tão caros como vulgares, que hoje se compram nas lojas e bazares.

A dona da casa sabia contar. Examinava todas as contas e sem ser avara, economisava. Tinha creados antigos, os quaes tratava

amistosamente porque via nelles outros tantos conselheiros respeitosos. Eram amigos da casa, amigos seguros do marido, da mulher, dos filhos.

Nessas casas convidava-se a jantar as relações, e a dona da casa sentia-se orgulhosa de poder dizer «fui eu quem fez este prato»; geralmente ella servia a sôpa. O esposo não desdenhava descer á adega para buscar certo vinho velho, de qne contava a historia.

Como todos os convidados pertenciam ao mesmo mundo, a conversação era geral e interessante. Então, sabia-se conversar com sinceridade, franqueza «laissez aller», porêm sempre com decencia.

Depois do jantar, a conversação seguia. Ainda não havia o costume dos homens retirarem-se a outro quarto para fumar e as mulheres reunirem-se em pequenos grupos para falarem de modas e outros assumptos que as afastavam dos homens.

Tods reunidos conversavam sobre o ultimo livro ou o ultimo quadro. Recitavam ou liam versos. Tambem cantavam, muitas vezes com acompanhamento de guitarra.

Assim acontecia quando eu era joven.

Então, num salão todos eram sinceros, e todos sabiam divertir-se francamente.»

Bello devia ter sido, na verdade, esse tempo de simplicidade e virtude. Que a mulher não seja, pois, essa *lei vigente* a que se refere Jules Simon, que não seja a *providencia moral* da moderna seita philosophica, mas que seja ao menos uma companheira a qual se prodigalise consideração, repeito e fraternidade. A oppressão produz a revolta, disse-o ha muito eminente escriptora. Emtanto é bem certo que a mulher, pela sua infinita magnanimidade e grande força affectiva, mesmo quando se revolta pela razão, cinge-se, amolga-se e tudo perdôa, levada pelo sentimento.

Maria Emilia.

"Carta do Rio"

Completa a "Mensageira" com o presente numero, seu primeiro anno de publicidade. E' motivo de jubilo para mim, esse facto. Se o grande interresse que tenho por esta revista, não me tornasse tão suspeita aos olhos dos leitores criteriosos, eu teceria hoje os mais calorosos elogios á directora desta folha, cujos primeiros passos ella tão brilhantemente tem guiado, por via de regra, os mais difficeis de guiar.

Um anno de existencia o que

é? — Nada; um rapido abrir e fechar de olhos; uma illusão que se esvae; um sonho que se dissipa: uma nuvem que passa. No emtanto, se a semente de um máo conselho ou de uma falsa educação, fica em uma alma infantil e brota e viça e cresce... quantos prejuizos e desgraças podem se desenvolver no curto espaço de um anno! Tudo é relativo, pois. Um anno pode ter a rapidez de um minuto ou a lentidão de um seculo. Depende do ensinamento que delle soubermos tirar.

Se a «Mensageira» tiver despertado, com suas ideias aqui externadas, uma vocação ao menos; se tiver alevantado em um coração descrente uma energia digna; se tiver consolado um triste e encorajado uma alma timida e medrosa, terá cumprido dignamento o seu dever. Mais vive quem faz bem do que quem muito vive.

A «Mensageira» tem em suas columnas, sempre francas aos escriptores de bôa vontade, embora principiantes, apresentado algumas escriptoras de talento e divulgado o merito de muitas outras que eram até então bem pouco conhecidas.

E não é que eu estou me esquecendo que sou suspeita e vou entrando em divagações que terminarão fatalmente em francos elogios a esta revista? Cala-te, coração!

Outro dia nos A pedidos do «Jornal do Commercio» deparei com algumas linhas interessantes que me fizeram rir gostosamente. Era uma felicitação banal, muito cheia de elogios. Mais ou menos dizia assim: A' minha querida e formosa e bôa e intelligente filha Fulana de Tal, saúdo pelo seu natalicio etc.» E a venturosa mãe, que quiz ver em lettra redonda os decantados dotes da ditosa filha, assignou seu nome por extenso!

Por associação de idéas, lembrei-me desse caso ao saudar hoje a «Mensageira» e tive a necessaria prudencia de calar-me a tempo. Ainda bem!

Crotalos é o titulo — que extravagante titulo! — de um livrinho de versos que o joven e talentoso poeta Carlos Góes acaba de publicar. Lê-se de uma só vez o gracioso livrinho que tem muitas poesias bonitas. Agradeço o exemplar que me foi offerecido pelo auctor. Sem querer fazer critica — genero esse de litteratura ao qual eu sou avessa por indole e por precaução — destacarei entretanto dois sonetos que impressionam agradavelmente ao leitor, *Magna Força* e *Clown*. E' uma bella promessa esse livro, e, o poeta que tem apenas 17 annos — tem diante de si um bonito futuro se continuar a estudar e não prestar ou-

vidos a elogios banaes. Aos 17 annos, como é grande a influencia da critica! eu que o diga! Uma palavra de louvor ou uma phrase de censura causa-nos tamanho abalo que ficamos por muito tempo dominadas por essa impressão tão forte!

E é por isso que eu aconselho ao joven poeta que não se sinta muito lisongeado se a critica lhe for favoravel e nem se mostre subjugado se ella for inclemente. Continue a estudar e muito e a ler os bons poetas. A enriquecer o seu espirito na solida comprehensão da verdadeira arte, lucrará muito mais do que a escutar criticas litterarias que muitas vezes não têm valor, que muitas vezes não são sinceras.

Pediram-me, ha dias, para escolher um nome bonito para um recemnascido. Antes que eu respondesse, uma seuhora presente, muito dada a litteratura franceza, lembrou o nome de Victor Hugo. E a pobre creança recebeu na pia baptismal a responsabilidade desse grande e glorioso nome. Horror! Pelo amor de Deus, mães de familia, livrae vossos amados filhinhos de tamanho desfructe. Victor Hugo de Souza! Floriano Peixoto de Azevedo! Que vem a ser isso? Que cousa ridicula!

Maria Clara da Cunha Santos.

Uma recordação

O pequenito Leoncio morrêra.

Dois annos apenas!...

Passados oito dias, fui visitar a desconsolada mãe.

Carmem vestia a côr das violetas, e como a flor mimosa, pendida a pallida fronte, chorava.

Palavras de consolação, de conforto, nada! Todo o remedio applicado áquella ferida recente, mais lhe avivava a grande dôr, mais e mais fazia sangrar o materno coração.

Levantei-me, e, passeando pela sala, procurava uma idéa qualquer com que a distrahisse.

Sobre uma das consólas de mármore havia grande quantidade de quinquilharias galantes; entre ellas sobresahia um pequeno coração de velludo escarlate artisticamente bordado á seda com uma corôasinha de amores e violetas corôando em mimoso relêvo d'oiro a doce palavra — «Amor».

Tomei o delicado trabalho e chegando-me á triste amiga, disse:

«Que gracioso coração!

Será a copia de teu tão formoso e sempre tão cheio de amôr, Carmem?

E fôste tu que lhe bordaste essa doce palavra?...

Carmem levantou para mim o terno olhar magoado, e uma explosão de lagrimas e soluços mais

forte do que d'antes rebentou-lhe d'alma angustiada.

Attonita, buscando acalmal-a, depuz-lhe no regaço o mimoso coração de velludo escarlate que ella n'um arrebatamento inexplicavel tomou cobrindo de fervorosos beijos.

«Sabes, disse-me 'alfim entre soluços e lagrimas, sabes com que fios d'ouro bordei essa doce palavra que me enche o coração?..

Elle tinha os cabellos lindos... macios... longos... loiros, muito loiros, cahindo em graciosos anneis de ouro; um só annel, um só, d'aquelle oiro precioso bastou-me para formar a doce palavra — Amor!

Os fios doirados d'aquelles cabellos loiros eram o resplendor do meu sol querido, e os lindos raios d'aquelle formoso esplendor vestiam de caricias o meu pobre coração gelado pelo frio de uma eterna viuvez; então, as saudades podiam aqui abrir mais formosas, mais vividas, como nos dias do meu passado feliz. Porêm agora...»

E chorava, chorava pendida a pallida fronte, qual violeta mimosa ao derramar na terra orvalhos que lhe vêm do Céu!

DELMINDA SILVEIRA.

Notas pequenas

Commune. A *Nação*, desta capital, publicou o que se segue sobre este livro:

«Louize Michel acaba de publicar um curioso volume sobre a Communa de Pariz.

A famosa e celebrada revolucionaria descreve os episodios mais curiosos desses dias tragicos que vão de 18 de março de 1871 ao fim do mesmo anno.

O livro merece ser lido, por causa da nota tão pessoal, tão original e tão typica do estylo de Luize Michel.

A «vierge rouge» como lhe chamam em Pariz, combateu nas barricadas com armas na mão, foi presa, esteve para ser fusilada e passou bastantes annos no degredo. E' entretanto ainda hoje, a mesma mulher prompta a todos os sacrificios.

Ha quem lhe chame uma allucinada, e Luiza Michel ri-se! Pois todas as idéas grandes não tiveram ao começo os seus allucinados? Para que um grande ideal vingue é necessario um baptismo de sangue.

O livro «Commune» tem sido muito discutido na imprensa parisiense.»

Heroinas. Em Nasso, pequena cidade da Suecia, o corpo de bombeiros é composto de mulheres.

Nessa localidade as obras do abastecimento d'agua consistem unicamente em quatro enormes tubos. Cento e cincoenta mulheres, que formam o corpo de bombeiros, têm a seu cargo a conservação e limpeza das canalisações. Essas mulheres gosam da fama de excellentes operarias, revelam muita pericia e grande calma nas occasiões de incendios, trabalhando sem confusão nem alarido.

Trabalhos de tal ordem são naturalmente destinados ao homem, mas o facto de haver mulheres que os exerçam com tamanha proficiencia é prova bastante evidente de que a mulher quando não tem o aconchego e a alegria do lar póde ser corajosa e forte para desempenhar mesmo as mais rudes tarefas.

Amor de mãe. Na *União Catholica* encontramos a narração deste commovente facto:

«Ha dias devia ser justiçado em Londres um tal William Namour, por ter matado a esposa lançando-a ao Tamisa.

Dez mil pessoas pediram o indulto do réo, e a propria mãi delle foi quem entregou o requerimento á rainha Victoria. Movida a soberana á compaixão resolveu indultar o delinquente.

Havia tres dias e tres noites que a pobre mãi, no meio das mais terriveis angustias, permanecia junto á porta da prisão.

Quando chegou a graça da rainha, concedeu-se-lhe o favor d'ella mesma a communicar ao filho.

O réo, ao ver a mãi agitada e tremula, julgou que ella vinha dizer-lhe o ultimo adeus, antes do momento fatal.

A pobre mãi movia os labios para fallar, mas não era possivel articular uma só palavra.

Depois de vacillar, cahiu por terra como que fulminada por um raio. — Matou-a alegria.

O carcereiro teve que communicar ao preso o seu indulto e ao mesmo tempo a morte da mãi.»

Indice. Para facilitar aos collecionadores o meio de manusear esta revista, publicamos hoje o indice das materias contidas no primeiro anno.

Novo endereço. Toda a correspondencia da *Mensageira* deverá ser dirigida de ora avante para a rua de S.ta Iphigenia, n.º 57.

INDICE

	Pag.
Duas palavras, Presciliana Duarte de Almeida.	1
Entre amigas, Julia Lopes de Almeida	3
Do "Livro da Saudade", soneto, Zalina Rolim	5
Uma carta, Maria Clara	5
Brilhantes brutos, conto, Maria Clara da Cunha Santos.	6
Recuerdos, soneto, Hippolyto da Silva	9
Cartão de parabens, Silvio de Almeida	10
O Deserto, soneto, Julia Cortines. .	11
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida	12
Contraste, soneto, Aurea Pires. . .	13
Selecção	14
D. Alzira, poesia, Presciniana Duarte de Almeida	15
Meu Filhinho, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	15
Notas pequenas	15
Falso encanto, Maria Emilia . . .	17
A Jornada, soneto, Adelina Lopes Vieira	18
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	18
O Mergulhador, poesia, Francisca Julia da Silva	21
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida	21
Soneto, Amelia de Oliveira	23
Traços ligeiros, Silvio de Almeida .	23
Ideal, poesia, Presciliana Duarte de Almeida.	25
Trindade, conto, Dolores Alcantara de Araújo	25
Blasphemo, soneto, Arthur Andrade .	28
Kief, soneto, Julio Cesar da Silva .	29
Selecção	29
A' Heloisa, poesia, Stella Lentz . .	30
Notas pequenas	30
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida	33
Gonçalves Dias, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	35
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	36
Horas de sonho, soneto, Georgina Teixeira	38
Carta á Presciliana Duarte de Almeida, Ibrantina Cardona . . .	38
De longe, poesia, Aurea Pires . . .	42
Carta com ares de chronica, Maria Emilia	43
Lenda, Maria Clara da Cunha Santos	44
Selecção	45
Notas pequenas	45
A nossa condicção, M. P. C. D. . .	49
Velha saudade, soneto, Georgina Teixeira.	51
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	51
Noite, soneto, Amelia de Oliveira. .	54
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida	54
Supplica, poesia, Arthur Andrade. .	56
O trabalho do verso, soneto, Manoel Viotti	57
Selecção	57
O ramo da esperança, poesia, Samuel Porto.	58

Pag.

Na Thebaida, Ignez Sabino 58
As cartas, poesia, Presciliana Duarte de Almeida 61
Dão licença? Georgina Santiago . . 61
Notas pequenas 63
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 65
Dezoito de Novembro, soneto, Aurea Pires 67
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 67
Patuit Dea..., soneto, Silvio de Almeida 70
O suffragio feminino em a Nova Zelandia 70
Onde?, soneto, Amadeu Amaral . . 72
Impressões de leitura, (Plectros de Ibrantina Cardona) Perpetua do Valle 72
No Chalet, poesia, Ibrantina Cardona 76
Literatas polacas, Elmano do Val. . 78
Nenia, poesia, Presciliana Duarte de Almeida 79
Selecção 80
Notas pequenas 80
A nossa condicção, M. P. C. D. . . 81
E' minha mãe, poesia, Adelina Lopes Vieira 82
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 82
Filha, Esposa, Mãe, poesia, Delminda Silveira 85
Viuva Simões, critica literaria, Leopoldo de Freitas 85
Primavera, poesia, Georgina Teixeira 87
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 88
Agradecimento, soneto, Padre Corrêa de Almeida 90
Walkirias, ballada, Samuel Porto . . 90
Soneto, Amelia de Oliveira 90
Traços ligeiros, Silvio de Almeida . 91
Selecção 92
Notas pequenas 93
O feminismo, Xavier de Carvalho . 97
O Sonho, soneto, Julia Cortines . . 101

Pag.

Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 101
Amphitrite, soneto, Alberto de Oliveira 103
Intellectualidade Feminina Brazileira, Pelayo Serrano 106
Almeida Junior, Perpetua do Valle . 107
Contraste, soneto, Francisco Lins . . 109
Cahir da noite, soneto, Saturnino de Oliveira 109
Com ares de chronica, Maria Emilia . 110
Selecção 111
A entrada do anno, poesia, Presciliana Duarte de Almeida 112
Notas pequenas 112
Uma santa, Julia Lopes de Almeida . 113
Em Ouro Preto, soneto, Aurea Pires 115
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 115
O meu ideal, soneto, Delminda Silveira 118
Pela mulher, mensagem de D. Eloy Alfaro 118
Madrigal, Silvio de Almeida . . . 120
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 120
Soror Thereza, soneto, Manoel Viotti 123
Com ares de chronica, Maria Emilia . 123
Pobre, soneto, Francisco Lins . . . 125
Horas vagas, Dolores Alcantara de Araújo 125
Notas pequenas 127
Ainda um assumpto feminino, Pelayo Serrano 129
Soneto, Zalina Rolim 132
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 132
A' Luz da Lua, soneto, Aurea Pires 135
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 135
Aves e corações, soneto, Presciliana Duarte de Almeida 137
Impressões de leitura, (*Livro das Crianças* de Zalina Rolim) Perpetua do Valle 137
Ventura, poesia, Georgina Teixeira . 139
Selecção 140

Pag.

Por terras, e mares, poemeto, Candido de Carvalho 140
A mulher é uma força viva na sociedade, M. Renotte , ... 141
Notas pequenas 143
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 145
Celeste, soneto, Aurelio Neves . . . 149
A emancipação feminil, V. M. de Barros 149
Vem, soneto, Aurea Pires 150
Literatas inglezas, Elmano do Val . 150
Os olhos, poesia, Leopoldo Motta. . 152
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 152
Poesia, Presciliana Duarte de Almeida 154
A Mensageira, Alberto Faria . . . 155
Por terras e mares, poemeto, Candido de Carvalho 158
Selecção 159
Notas pequenas 159
Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira 161
Voz de sereia, soneto, Alberto Souza 163
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 163
Elle ou ella?, Padre Corrêa de Almeida 165
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 167
Meio Dia, fragmento de um poema, Aurea Pires 169
Com ares de chronica, Maria Emilia. 171
Por terras e mares, poemeto, Candido de Carvalho 172
Os Filhos, Clarisse. 172
Notas pequenas 174
Feliz encontro, poesia, Presciliana Duarte de Almeida 176
Uma Saudação, Analia Franco. . . 177
Por terras e mares, poemeto, Candido de Carvalho 179
Educação Literaria, Olympio Galvão. 180
Ao romper da lua, poesia, Delminda Silveira 183

Pag.

Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 182
Santa, soneto, Bento Ernesto Junior. 187
Selecção 187
Triolet, Olga P.. 188
Exul, soneto, Heraclito Viotti . . . 189
Notas pequenas . , ... 189
Funerea, poesia, Perpetua do Valle . 190
Maria Monteiro 191
Martyr de amor, conto, Maria Clara da Cunha Santos 193
Amarguras, soneto, Georgina Teixeira 196
Primicias, critica literaria, Arthur Andrade. 197
Primavera no campo, Eurico de Góes 189
De Tarde, fragmento de um poema, Aurea Pires 201
Chronica omnimoda, J. Vieira de Almeida 203
A Giacomo Leopardi, poesia, Julia Cortines. 254
Literatas suécas, Elmano do Val . . 205
Immutabile semper, poesia, Olga P. . 206
Poesia, Presciliana Duarte de Almeida 207
Notas pequenas 207
Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira. 209
Só, soneto, Manoel Viotti 212
Amphitrite, soneto, Francisca Julia da Silva. 212
No meu Atelier, Julia Lopes de Almeida 213
O Juca da Generosa, conto, Maria Clara da Cunha Santos 215
Lagrima tardia, Perpetua do Valle . 218
Hyemal, soneto, Aurea Pires . . . 220
A mulher, Francisco Barroso . . . 220
Carlota Corday, soneto, Maria Jucá . 223
Morta!!!, soneto, Adelia Jucá . . . 224
Notas pequenas 224
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 228
Anoitece, soneto, Adelina Amelia Lopes Vieira 229
Com ares de chronica, Maria Emilia 229

	Pag.
In sylvis, soneto, Carvalho Aranha	231
Flores sem fructo, conto, Ignez Sabino	231
A' Paulicéa, soneto, Soares Junior	234
M.me de La Fayette, Perpetua do Valle.	235
Por terras e mares, poemeto, Candido de Carvalho	237
Selecção	238
Pesadelo, fragmento de um poema, Aurea Pires	238
Notas pequenas	239
Com ares de chronica, Maria Emilia	241
Os Poentes, critica literaria, Silvio de Almeida	242
Fóra da Barra, soneto, Luiz Guimarães Junior	244
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	244
Na Praia, poesia, Aurea Pires	246
Vasco da Gama, Ignez Sabino	248
Selecção	251
Ao meu coração, soneto, Soares Junior	252
Felice Cavallotti, Revocata H. de Mello	252
Notas pequenas	254
A voz do louco, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	255
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	258
Por terras e mares, poemeto, Candido de Carvalho	259
Borboletas, conto, Zalina Rolim	260
Caminho do Sertão, Auta de Souza	262
O Romance de uma Onça, André Rebouças	262
A Luiz Guimarães, soneto, Aurea Pires	269
Na Selva, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	270
De um livro de viagens, Nelson de Senna	271
Mãe, poesia, Delminda Silveira	271
Notas pequenas	271
O ultimo Discurso, conto, Julia Lopes de Almeida	274
Contos e Phantasias, critica literaria, Alberto Souza	277
Velando, soneto, Georgina Teixeira	280
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	280
Natal, soneto, Auta de Souza	282
Saudade antiga, Amadeu de Queiroz	283
Selecção	285
Notas pequenas	286
A mulher no Celeste Imperio	287
Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira	289
Castello derrocado, poesia, A. Tolentino de Almeida	291
Golpe certeiro, conto, Maria Clara da Cunha Santos	292
Duvidas, poesia, Scipião Jucá	295
Impressões de leitura, (Phantasias, Candida Fortes,	295
Dona Lavinia, soneto, Elmano do Val	298
As Borboletas, conto, Candida Fortes	299
Naufraga, soneto, Carvalho Aranha	301
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	301
Angustia, poesia, Presciliana Duarte de Almeida	303
Notas pequenas	303
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	305
Com ares de chronica, Maria Emilia	307
Por montes e valles, Ignez Sabino	309
Parenthesis, soneto, Presciliana Duarte de Almeida	313
Paginas americanas, Pelayo Serrano	314
Chromo, soneto, Adelia Jucá Casado Lima	315
Selecção	316
Notas do interior, Dolores Alcantara de Araujo	316
Notas pequenas	320
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos	321
Do Livro da Saudade, soneto, Zalina Rolim	324
Adeus! soneto, Aurea Pires	324

Pag.

Divagações, C. de Carvalho . . . 324
No album da senhorita Joanna Reys, soneto, Carlos Goes 325
Versos de Francisco Lins, critica literaria, Elmano do Val 328
O Orpham, soneto, Francisco Lins . 328
O Armador, conto, Andradina de Oliveira 328
Sonhos, Pelayo Serrano 333
Selecção 335
Notas pequenas 335
Um caso verdadeiro, conto, Maria Clara da Cunha Santos 337
Bemdicta causa, soneto, Carlos D. Fernandes 340
Preludiando, critica literaria, Damasceno Vieira 340
Quando partiste, soneto, Aurea Pires 345
A ceguinha, conto, Francisca Clotilde
Captivo, poesia, Antero Bloem . . . 346
Selecção 347
Crepuscular, poesia, Presciliana Duarte de Almeida 348
Lendo e commentando, Nelson de Senna 348
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 350
Notas pequenas 352
Maria Clara da Cunha Santos, Perpetua do Valle 353

P

No Sertão, conto, Maria Clara da Cunha Santos 3
Tela Sombria, soneto, Julieta de M. Monteiro 3
Observações sobre a educação em geral, Delminda Silveira 3
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 3
Do. «Estellario», poesia, Manoel Viotti 3
Escerpto da «Professão de Fé», Archer de Lima 3
As bellas artes, poesia, Maria Clara da Cunha Santos 3
Notas pequenas 3
A primeira avançada, Preciliana Duarte de Almeida. 3
Voluptas patiendi, Silvio de Almeida . 3
Marinha, Julia Lopes de Almeida . 3
Recordando, poesia, Julieta de M. Monteiro 37
A influencia do lar, Maria Emilia . 37
Carta do Rio, Maria Clara da Cunha Santos 37
Uma recordação, Delminda Silveira . 37
Notas pequenas 37
Indice 38

A Mensageira é representada:

Em **Paris** por M.me Blanche Xavier de Carvalho, 16, Boulevard de Clichy;

No **Rio de Janeiro** pela nossa collaboradora Maria Clara da Cunha Santos, rua Conde Bomfim, 12 A.

Encarregam-se da venda avulsa e das assignaturas:

Em **S. Paulo**, a Casa Garraux e a Livraria Brazil, rua Moreira Cesar 80;

No **Rio de Janeiro**, a casa de musicas de Julia Filippone, rua Moreira Cesar, 93.

034059

GOVERNO QUÉRCIA

ANTONIO CARLOS MESQUITA
SECRETÁRIO DE ESTADO DO GOVERNO

DEPUTADA BETE MENDES
SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA

INÊS ETIENE ROMEU : **Diretora do Arquivo do Estado**

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A.IMESP

DIRETORIA

ANTONIO ARNOSTI : **Diretor Superintendente**
CARLOS PERRONE : **Diretor Executivo de Artes Gráficas**
JOSÉ ENGELBERTO DE OLIVEIRA : **Diretor Executivo Financeiro Administrativo**
LUIZ CARLOS DOS SANTOS : **Diretor Executivo do Jornal**
MAURO DAHER : **Diretor Executivo Comercial**

Projeto Gráfico, Arte Final Composição, Fotolito, Impressão e Acabamento : IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

Publicações Culturais da Imprensa Oficial do Estado:

O Homem do Povo
São Paulo Gigante e Intimista
Imagens do Teatro Paulista
Brasil Olímpico
Tuca - 20 Anos
Imagens da Dança em São Paulo

Estas publicações estão a venda nos seguintes endereços:

SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Mooca, 1.921 - CEP 03103 - São Paulo
Telefone 291-3344 (PABX) - Telex (011) 34557

AGÊNCIAS
Capital - *Maria Antonia* - Rua Maria Antonia, 294 - Fone 256-7232
República - Estação República do Metrô - Loja 516 - Fone 257-5915
São Bento - Estação São Bento do Metrô - Loja 17 - Fone 229-6316
Postos de Venda no Interior - *Araçatuba* - Rua Almirante Barroso, 239
Fone (0186) 23-6882 - ramal 22
Guaratinguetá - Rua Frei Lucas, 80 - Fone (0125) 22-3024
Marília - Av. Rio Branco, 803 - Fone (0144) 33-5163
Presidente Prudente — Av. Manoel Goulart, 2.109 - Fone (0182) 22-1622
Ribeirão Preto - Av. Nove de Julho, 378 - Fone (016) 625-2345 - ramal 32
São José do Rio Preto - Rua General Glicério, 3.947
Fone (0172) 33-9277 - ramal 146

IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
SÃO PAULO – BRASIL
1987

IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
SÃO PAULO – BRASIL
1987